

ORGANIZADO POR

GEORGE R. R. MARTIN E GARDNER DOZOIS

COM AVENTURAS ESPACIAIS DE JAMES S. A. COREY / MICHAEL MOORCOCK
MIKE RESNICK / IAN McDONALD / S. M. STIRLING / MARY ROSENBLUM
E OUTROS GRANDES EXPLORADORES

AS CRÔNICAS DE

M A R T I Σ




ARQUEIRO



Este livro foi disponibilizado pela equipe do [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

AS CRÔNICAS DE
M A R T π Σ



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

ORGANIZADO POR

GEORGE R. R. MARTIN
E GARDNER DOZOIS

COM AVENTURAS ESPACIAIS DE JAMES S. A. COREY / MICHAEL MOORCOCK
MIKE RESNICK / IAN McDONALD / S. M. STIRLING / MARY ROSENBLUM
E OUTROS GRANDES EXPLORADORES

AS CRÔNICAS DE
M A R T I Σ



ARQUEIRO

Título original: *Old Mars*

Copyright © 2013 por George R. R. Martin e Gardner Dozois

Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com Bantam Books, um selo da Random House.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fábio Fernandes

preparo de originais: Luara França

revisão: Luis Américo Costa e Thiago Braz

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Rafael Nobre

imagem de capa: © Stocktrek Images/ Getty Images

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C957

Quinn, Julia

As crônicas de Marte [recurso eletrônico]/ organização de George R. R. Martin e Gardner Dozois; tradução de Fábio Fernandes. São Paulo: Arqueiro, 2018.

recurso digital

Tradução de: Old mars

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-804-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Martin, George R. R.
II. Dozois, Gardner.

17-46318

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia. Aquisição TC.

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PARA EDGAR RICE BURROUGHS,
LEIGH BRACKETT, CATHERINE MOORE,
RAY BRADBURY E ROGER ZELAZNY,
QUE INSPIRARAM ESTE LIVRO,
E ROBERT SILVERBERG,
QUE DEVERIA TER ESTADO NELE.

Introdução

A TRISTE MÚSICA DO PLANETA VERMELHO

GEORGE R. R. MARTIN

Era uma vez um planeta chamado Marte. Um mundo de areias vermelhas, canais e aventuras sem fim. Eu me lembro bem dele, já que fui para lá muitas vezes quando era criança.

Nascido e criado na cidade de Bayonne, em Nova Jersey, vim de um ambiente de trabalhadores, classe operária mesmo. Minha família nunca teve muito dinheiro. Morávamos num conjunto habitacional do governo, nunca tivemos carro e quase não saíamos de casa. Nosso endereço era a Rua 1, minha escola ficava na Rua 5, subindo direto pela Lord Avenue, e durante a maior parte da minha infância aqueles cinco quarteirões eram tudo que eu conhecia daquele mundo.

Mas, como eu tinha outros mundos, isso nunca me incomodou. Leitor voraz, primeiro de quadrinhos (a maioria era de super-heróis, mas também lia alguns títulos clássicos ilustrados e coisas da Disney), depois de livros de bolso baratos (ficção científica, terror e fantasia, com uma pitada de histórias de mistério, aventura e romances históricos), viajei para terras longínquas sem sair da minha poltrona favorita, virando páginas sem parar.

Voei por entre os arranha-céus de Metrópolis com o Superman, combati vilões em Gotham com o Batman, balancei entre as caixas-d'água de Manhattan com o Homem-Aranha. Naveguei pelos mares do Sul com Long John Silver e Robert Louis Stevenson, e nadei em suas profundezas com o Aquaman e o Príncipe Submarino, Namor. O Tio Patinhas me levou aos confins da África em busca das minas do rei Salomão, e H. Rider Haggard me fez voltar para lá. Brandi espadas e lutei contra os homens do Cardeal com os Três Mosqueteiros e Dumas pai, cantei as Colinas Verdes da Terra com o cantor cego Rhysling e Robert A. Heinlein, percorri todo o Planeta Gigante com Jack Vance, disparei ao longo das Cavernas de Aço com Isaac Asimov e me atrevi a encarar os terrores das Minas de Moria com J. R. R. Tolkien. Os livros se tornaram meu passaporte para Arrakis e Trantor, as Minas Tirith e Gormenghast, Oz e Shangri-Lá, todas as terras de mitos e fábulas...

... e também para os planetas, luas e asteroides do nosso sistema solar. O gelado Plutão (antes da confusão sobre ser ou não um planeta), a partir do qual o Sol era apenas uma estrela brilhante no céu. A lua Titã, com vista para Saturno e seus anéis. Mercúrio, uma face voltada eternamente na direção do Sol, onde só seria possível viver na “zona do crepúsculo”, no lugar entre dia e noite. O poderoso Júpiter, cuja temível gravidade tornava seus habitantes mais fortes do que cem homens. Vênus, oculto atrás de seu manto de nuvens, onde nativos com pés em forma de nadadeiras – venusianos ou venerianos, pode escolher o que achar melhor – caçavam dinossauros através de pântanos fétidos e borbulhantes.

E Marte.

Durante minha adolescência, acho que fui a Marte com mais frequência do que a Nova York, embora Manhattan ficasse apenas a 45 minutos e 15 centavos de distância de ônibus. No Natal costumávamos fazer um passeio até Nova York, víamos o show especial no Radio City Music Hall, comíamos na Times Square, na lanchonete Horn & Hardart, que era cheia de máquinas para vender comida. Isso era praticamente tudo que eu conhecia de Nova York (claro, eu conhecia o Empire State e a Estátua da Liberdade, mas jamais visitei nenhum dos dois até os anos 1970, muito depois de ter me mudado de Nova Jersey).

Mas Marte... Eu conhecia Marte de cor e salteado. Um planeta deserto, seco, frio e vermelho (claro), que testemunhara a criação e queda de mil civilizações. Os marcianos que sobreviveram estavam em extinção, eram velhos, sábios e misteriosos, às vezes maldosos, às vezes benevolentes, sempre imprevisíveis. Marte era uma terra de feras estranhas e selvagens (Thoats! Tharks! Ratos de areia!), ventos sussurrantes, montanhas gigantescas, vastos mares de areia vermelha cortados por canais secos e ruínas de cidades de porcelana onde mistério e aventura espreitavam a cada esquina.

Marte sempre exerceu certo fascínio em nós, terráqueos. Foi um dos *originais*, os cinco fabulosos planetas da Antiguidade (junto com Mercúrio, Vênus, Júpiter e Saturno), os “errantes” que se recusavam a marchar no compasso das estrelas e faziam o próprio caminho através dos céus. E Marte era *vermelho*: sua cor era visível até mesmo aos olhos nus dos antigos; a cor do sangue e do fogo. Não é de espantar que os romanos o tenham batizado com o nome de seu deus da guerra. As observações que Galileu fez de Marte através de seu telescópio, a revelação das calotas

polares por Cassini em 1666 e a descoberta, por Asaph Hall, das luas marcianas Fobos e Deimos em 1877 só serviram para tornar o planeta vermelho ainda mais atraente... Mas foram o astrônomo italiano Giovanni Schiaparelli e o anúncio de que ele avistara *canali* em Marte que resolveram a questão.

O nome que Schiaparelli deu às linhas escuras que viu na superfície marciana significa “canais”, mas foi traduzido para o inglês como “canals”. Em inglês a palavra *channels* significa canais que podem ser naturais, mas a palavra *canals* designa construções necessariamente artificiais. Então 1877 foi parte de uma era em que canais feitos pelo homem estavam no centro do imaginário popular. Por exemplo, o canal de Erie, que foi concluído em 1825, desempenhou um papel fundamental na expansão dos Estados Unidos para oeste. O canal de Suez foi aberto em 1869, ligando o Mediterrâneo ao oceano Índico. Os franceses começariam a trabalhar no canal do Panamá apenas alguns anos mais tarde, em 1881, e os americanos o completariam em 1914.

A construção de cada um desses canais fora uma tarefa de grande porte, uma maravilha da engenharia moderna, e se existiam canais em Marte... Bem, deveriam existir também construtores de canais. Deveriam existir *marcianos*.

Não era de espantar, portanto, que, alguns anos mais tarde Herbert George Wells se sentasse para escrever um “romance científico” de invasão alienígena chamado *A guerra dos mundos* e olhasse para o planeta vermelho em busca de seus invasores. “No entanto, através do abismo do espaço”, escreveu Wells, “mentes que em relação à nossa são como a nossa em relação às dos animais que perecem, intelectos vastos, frios e insensíveis, lançavam sobre este planeta olhares invejosos e, lenta e inexoravelmente, traçavam planos contra nós.”

As observações de Schiaparelli despertaram o interesse dos cientistas e dos romancistas. Em especial, chamaram a atenção do astrônomo americano Percival Lowell. O novo observatório dele em Flagstaff, Arizona, se orgulhava de ter telescópios maiores que os de Schiaparelli em Milão e lidava com menos poluição atmosférica. Lowell apontou esses telescópios para Marte... e viu não canais naturais, mas canais construídos artificialmente.

Marte se tornou a paixão de Lowell. Pelo resto de sua vida ele estudou o astro vermelho: ele encontrava mais coisas a cada vez que

olhava para o planeta e chegou a desenhar extensos, intrincados e detalhados mapas da superfície marciana, com canais simples e duplos e oásis. Publicou suas descobertas e teorias em três livros muito populares e influentes: *Mars* (1896), *Mars and Its Canals* (1906) e *Mars as the Abode of Life* (1908), divulgando a teoria de que os canais, compridos, retos e obviamente artificiais, haviam sido construídos por uma raça marciana para transportar água das calotas polares até os vastos desertos de seu árido planeta.

Outros astrônomos também voltaram seus telescópios para Marte. Alguns deles chegaram a ver os canais de Lowell, confirmando pelo menos em parte suas descobertas. Uns viram apenas os canais de Schiaparelli e os consideraram naturais. E outros não viram absolutamente nada e insistiram que todos esses canais eram ilusões de óptica. De modo geral, a comunidade astronômica permaneceu cética quanto a Lowell e suas observações... mas a ideia dos canais marcianos, e da civilização marciana que eles sugeriam, enraizou-se de vez no imaginário popular.

Em especial nas mentes dos contadores de histórias.

H. G. Wells dera marcianos ao mundo, mas ele próprio jamais nos levou a Marte. Essa tarefa ele deixou a um escritor muito menos conhecido, chamado Garrett P. Serviss, que publicou em 1898 uma espécie de sequência para *A guerra dos mundos*, um livro intitulado *Edison's Conquest of Mars*. Embora quase esquecido hoje (e com razão), o romance de Serviss foi muito lido e bastante influente em seu tempo, e o primeiro a carregar o leitor através do abismo do espaço até o planeta vermelho, com suas duas luas, desertos desolados e canais schiaparellianos. Mas foi um autor posterior que deu vida a essa paisagem, estabelecendo o modelo que inspiraria as futuras gerações de escritores de ficção científica e empolgaria e deleitaria milhares de leitores como eu.

“Normal Bean” foi o nome que ele deu a si mesmo ao enviar sua história aos editores da revista *The All-Story* em 1911. Alguém achou que era um erro de datilografia (não era) e, quando sua novela seriada “Under the Moons of Mars” começou a ser publicada em fevereiro de 1912, ela trazia o nome do autor como “Norman Bean”. O escritor por trás do pseudônimo era Edgar Rice Burroughs. Ao ser publicada em formato de livro, em 1917, o título escolhido foi *Uma princesa de Marte*. Sob esse nome, o livro permaneceria impresso por quase um século e geraria numerosas sequências, *spin-offs* e imitações.

Barsoom era o nome que os marcianos de Edgar Rice Burroughs – tanto os verdes quanto os vermelhos – davam ao seu moribundo planeta desértico. O autor pegou os conceitos de Lowell e os aproveitou, preenchendo o planeta vermelho com tharks, thoats e barcos voadores, com rifles de rádio, macacos brancos e usinas de atmosfera, com ousados espadachins e princesas que punham ovos e se vestiam apenas com joias. Embora nunca tivesse sido um grande escritor, Edgar Rice Burroughs era um magistral contador de histórias, e com John Carter e Dejah Thoris ele criou dois personagens que gerações de leitores viriam a admirar e amar. Contudo, a popularidade deles seria eclipsada pela de sua outra criação, um senhor da selva chamado Tarzan. Mais dez romances sobre Barsoom seriam escritos ao longo de cinquenta anos; alguns tinham John Carter como personagem principal, mas outros eram estrelados por personagens diferentes. Contudo, o mundo que Burroughs criou, sua ideia de Marte, com todas aquelas terras e povos, seria a verdadeira alma da série, do primeiro ao último livro escrito.

Barsoom era dele, e só dele. Mas os livros e teorias de Percival Lowell eram livres para todos, e Otis Adelbert Kline, Stanley G. Weinbaum, C. S. Lewis, Jack Williamson, Edmond Hamilton e miríades de outros escritores logo se juntaram ao grupo com as próprias versões de Marte e seus habitantes. Embora E. E. “Doc” Smith tivesse levado a ficção científica às estrelas com *The Skylark of Space* em 1928, apenas um punhado de seus colegas escribas o seguiu até lá. Dos anos 1920 aos 1960, a maioria dos autores de ficção científica preferiu permanecer mais perto de casa, em um sistema solar fervilhante de vida, onde cada planeta, lua e asteroide era mais exótico que o seguinte.

Quantas histórias se passaram em Marte durante o auge das revistas de ficção científica? Centenas, com certeza. Provavelmente milhares. Dezenas de milhares? Talvez. Mais histórias do que eu posso listar? Com certeza. A maioria delas não era memorável, mas cada uma, até mesmo a pior delas, ajudou a tornar o planeta vermelho um pouco mais familiar, um pouco mais real. O planeta Marte da minha infância não era a invenção de H. G. Wells ou Percival Lowell, ou sequer de Edgar Rice Burroughs, por mais importantes e influentes que eles tenham sido, mas um amálgama criado por muitos escritores diferentes, cada qual adicionando os próprios toques e características especiais ao longo dos anos para criar uma espécie de cenário único, um mundo que pertencia a todos e a ninguém.

Esse era meu planeta Marte. No fim das contas, não li os romances de Burroughs na infância (só fui encontrá-los bastante tempo depois, quando tinha uns 40 anos, três décadas tarde demais), mas eu conhecia e adorava as obras que o Barsoom de Burroughs havia inspirado. Minhas primeiras visitas a Marte foram feitas na companhia de Tom Corbett, Astro e Roger Manning, a tripulação da nave *Polaris*. Eles pertenciam à série clássica de livros juvenis de ficção científica – hoje em dia nós a chamaríamos de YA – derivada de *Space Cadet*, de Robert A. Heinlein, e também apareciam na série de televisão *Tom Corbett, Space Cadet*. O próprio Heinlein me levou a um Marte um tanto diferente em outro de seus livros juvenis publicado pela editora Scribner, *Red Planet*. Aprendi sobre os ferozes ratos de areia marcianos com Andre Norton e seu *doppelgänger* Andrew North. Nas cidades secas, enfrentei “Shamblau” com C. L. Moore e Northwest Smith. Depois vieram Leigh Brackett e Erik John Stark, outros dos grandes heróis da ficção científica. Mais tarde, um pouco mais velho, encontrei *As crônicas marcianas* e uma visão bem diferente do Velho Marte vinda da pena de Ray Bradbury, mais em tom de elegia do que de aventura, mas tão mágica e memorável quanto.

A poética e assombrosa “Uma rosa para Eclesiastes”, de Roger Zelazny, foi provavelmente a última grande história do Marte de Outrora. Publicada pela primeira vez na edição de novembro de 1963 de *The Magazine of Fantasy & Science Fiction*, a história de Zelazny se tornou um clássico instantâneo. (Zelazny também escreveu a última grande história do Velho Vênus, “The Doors of His Face, the Lamps of His Mouth”, ganhadora do prêmio Nebula.)

Quando descobri as obras de Bradbury e Zelazny, eu já escrevia minhas histórias. Meus primeiros esforços se concentraram em narrativas de super-heróis para os fanzines de quadrinhos dos anos 1960, mas em pouco tempo passei para histórias de aventura e feitiçaria, mistério e ficção científica, e comecei a sonhar em fazer carreira como escritor. Um dia, assim esperava, eu estaria escrevendo minhas histórias sobre Marte.

Isso nunca aconteceria, pois, no instante em que Zelazny estava rascunhando suas histórias do Velho Marte e do Velho Vênus, a corrida espacial começava a decolar. Eu via cada lançamento tripulado em uma velha televisão em preto e branco no nosso apartamento no conjunto habitacional, certo de que estava vendo o alvorecer de uma nova era, em

que todos os sonhos da ficção científica se tornariam verdade. Primeiro vieram *Sputnik*, *Vanguard*, *Explorer*. Depois *Mercury*, *Gemini*, *Apollo*.

Yuri Gagarin, Alan Shepard, John Glenn.

E a *Mariner*... ah, a *Mariner*...

Foi a *Mariner* que pôs fim aos dias de glória do Velho Marte... e ao seu planeta irmão, o Velho Vênus, molhado e aquoso, com suas cidades submersas, seus pântanos infinitos e venusianos com pés em forma de nadadeiras. A *Mariner 2* (lançada em agosto de 1962) foi a primeira sonda de sobrevoo planetário bem-sucedida, alcançando Vênus após três meses e meio de voo espacial. A *Mariner 4* (novembro de 1964) fez as mesmas honras por Marte. A *Mariner 5* (junho de 1967) foi outra sonda de Vênus. A *Mariner 6* (lançada em fevereiro de 1969) e a *Mariner 7* (março de 1969) foram uma equipe dupla marciana. A *Mariner 8* se perdeu, mas sua irmã *Mariner 9* (maio de 1971) entrou na órbita de Marte em novembro daquele mesmo ano, juntando-se a Fobos e Deimos para se tornar uma terceira lua marciana, o primeiro satélite artificial do planeta vermelho. A *Mariner 10*, a última da série, cruzou não apenas Vênus, mas também Mercúrio... demonstrando que na verdade o primeiro planeta do sistema solar não mantinha uma face sempre voltada na direção do Sol, como se acreditava até então.

E tudo isso teria sido tremendamente empolgante, só que...

O Marte que a Nasa descobriu não era o Marte de Percival Lowell e Edgar Rice Burroughs, de Leigh Brackett e C. L. Moore. As sondas *Mariner* não acharam vestígios de cidades vivas, mortas ou moribundas. Nenhum thark, nenhum thoat, nenhum marciano de qualquer cor ou matiz. A rede de canais artificiais de Lowell não foi encontrada, nem os “canais naturais” de Schiaparelli. O que havia no lugar deles: crateras. O verdadeiro planeta Marte se parecia muito mais com a Lua do que com Barsoom. E Vênus... por baixo daquelas nuvens, em vez de pântanos, dinossauros e venerianos com pés de nadadeiras, era um inferno tóxico, vulcânico, sulfúrico, quente demais para que os humanos ali pudessem sobreviver.

As descobertas das sondas *Mariner* empolgaram os cientistas do mundo todo, além de fornecer um retrato detalhado e preciso da natureza dos planetas interiores, mas, para os leitores e escritores de ficção científica como eu, a empolgação estava misturada com desilusão e

tristeza profunda. Aquele não era o Marte que nós queríamos. Aquele não era o Vênus dos nossos sonhos.

Eu nunca escrevi uma história sobre Marte. Tampouco escrevi histórias que se passavam em Vênus, Mercúrio ou qualquer um dos mundos do sistema solar “perdido” da minha juventude, os mundos que forneceram o cenário para tantas histórias maravilhosas durante os anos 1930, 1940 e 1950. Nisso eu não estava só. Depois das *Mariner*, nosso gênero se deslocou em grande estilo para as estrelas distantes, buscando cenários coloridos e exóticos e raças alienígenas que não podiam mais ser encontradas aqui perto de “casa”.

A ficção científica não abandonou Marte por completo. Uma ou outra história ou livro continuaram a ser escritos. Mas essas novas narrativas se passavam no “novo Marte”, o Marte verdadeiro, o Marte das *Mariner*... onde a falta de canais, cidades mortas, ratos de areia e marcianos era dolorosamente sentida. A premiada trilogia de Kim Stanley Robinson sobre a colonização e a terraformação do quarto planeta – *Red Mars*, *Green Mars* e *Blue Mars* – foi a mais memorável dessas obras... e um esforço muito valioso.

Mas, de modo geral, o número de histórias de ficção científica ambientadas em Marte e em seus planetas irmãos diminuiu muito após as *Mariner*, não sendo difícil entender o porquê. O planeta Marte da realidade simplesmente não era tão interessante quanto seu predecessor *pulp*. Sem ar, sem vida, morto, o planeta que as sondas *Mariner* nos mostraram não teria como suportar de modo plausível nem os romances de espadachins interplanetários de Burroughs, Brackett e Moore, nem as fábulas evocativas e poéticas de Bradbury e Zelazny. Depois das *Mariner*, quando falávamos na possibilidade de vida em Marte, estávamos falando em micróbios ou talvez líquens – embora talvez até mesmo falar de líquens fosse forçar a barra –, não de ratos da areia e thoats. E, embora a descoberta de vida em Marte sem dúvida não tenha deixado de ser eletrizante para biólogos e cientistas espaciais em todo o mundo, nunca houve um micróbio como Dejah Thoris.

E foi desse modo que os líquens triunfaram. Dejah Thoris e todos os seus compatriotas marcianos foram banidos para as trevas e para os catálogos de livros raros, nunca mais foram vistos... nem mesmo nos filmes. Quando Steven Spielberg filmou sua adaptação de *A guerra dos mundos* em 2004, os invasores não eram mais marcianos, como haviam

sido no romance de Wells, na transmissão de rádio de Orson Welles, nos quadrinhos da série *Classics Illustrated* e no filme de George Pal de 1953, mas alienígenas de origem indeterminada. Os invasores de Spielberg chegaram à Terra em relâmpagos (!) em vez de cilindros disparados através do espaço por seres insensíveis de inteligência vasta e fria. Eu não fui o único a sentir falta dos marcianos...

O que nos traz, finalmente, para *As crônicas de Marte*, a antologia que você tem nas mãos, uma coletânea de quinze histórias inéditas sobre o Velho Marte, o Marte perdido, o Marte dos canais, das cidades mortas e dos marcianos. Com poucas e notáveis exceções, os colaboradores desta obra iniciaram suas carreiras depois das *Mariner*. Assim como eu, eles cresceram lendo sobre o Velho Marte mas nunca tiveram a chance de escrever sobre ele. Aquele Marte era um mundo perdido, desaparecido para sempre.

Ou talvez não.

Claro, o Marte de Percival Lowell, Norman Bean, Leigh Brackett, C. L. Moore e Ray Bradbury não existe, mas por que isso deveria significar que não podemos escrever sobre ele? A ficção científica é, e sempre foi, parte de uma grande tradição narrativa na literatura, e narrativas literárias nunca tiveram nada a ver com realismo.

Os autores de *westerns* ainda escrevem histórias sobre um Velho Oeste que na verdade nunca existiu da maneira como é retratado (*westerns* realistas que se concentram em fazendeiros em vez de pistoleiros não se saem tão bem). Autores de mistério continuam a escrever histórias de detetives particulares solucionando assassinatos e capturando serial killers, ao passo que na vida real investigadores particulares passam a maior parte do tempo investigando falsificações de seguros e fotografando adúlteros em motéis vagabundos para ajudar advogados de divórcio. Autores de romances históricos produzem livros ambientados em reinos antigos que não existem mais, sobre os quais muitas vezes sabemos pouco, e escritores de fantasia publicam histórias passadas em terras que jamais existiram. E foi um luminar da ficção científica do calibre do próprio John W. Campbell Jr. que disse que, em última análise, a ficção científica é na verdade um subconjunto da fantasia.

Puristas, fãs da “ficção científica pura” e outras pessoas que se consideram donas da verdade podem argumentar aos berros que essas histórias não são *realmente* ficção científica.

Pouco importa. Podem chamá-las de “*space opera*” ou “*space fantasy*” ou “ficção científica retrô”, não importa o termo que usem. Eu as chamo de “histórias” e, como todas as histórias, elas têm raízes na imaginação. No fim das contas, acho que o “real” é menos importante que o “divertido”.

As *Mariner* não puderam encontrar o Velho Marte. Mas você pode.
É só virar a página.

–GEORGE R R MARTIN
Agosto de 2012

SANGUE MARCIANO

ALLEN M. STEELE

Allen Steele vendeu sua primeira história para a revista *Asimov's Science Fiction* em 1988 e, depois disso, continuou publicando diversos contos nela, além de escrever também para revistas como *Analog*, *The Magazine of Fantasy & Science Fiction* e *Science Fiction Age*. Em 1990, publicou seu primeiro romance, o sucesso de crítica *Orbital Decay*, que ganhou o prêmio Locus de Melhor Primeiro Romance. Em pouco tempo Steele estava sendo comparado ao Heinlein da Era de Ouro por ninguém menos que Gregory Benford. Entre seus outros livros estão os romances *Clarke County*, *Space*; *Lunar Descent*; *Labyrinth of Night*; *The Weight*; *The Tranquility Alternative*; *A King of Infinite Space*; *OceanSpace*; *ChronoSpace*; *Coyote*; *Coyote Rising*; *Coyote Frontier*; *Spindrift*; *Galaxy Blues*; *Coyote Horizon* e *Coyote Destiny*. Seus contos foram publicados em cinco coletâneas: *Rude Astronauts*, *All-American Alien Boy*, *Sex and Violence in Zero-G*, *American Beauty* e *The Last Science Fiction Writer*. Seus livros mais recentes são um romance na série Coyote, *Hex*, um romance jovem intitulado *Apollo's Outcasts*, além do hard sci-fi *Arkwright*. Ganhou o prêmio Robert A. Heinlein em 2013, bem como três prêmios Hugo: em 1996 por sua novela "The Death of Captain Future", em 1998 pela novela "Where Angels Fear to Tread" e mais recentemente, em 2011, pela noveleta "The Emperor of Mars". Nascido em Nashville, Tennessee, ele trabalhou para uma série de jornais e revistas, cobrindo as áreas de ciência e negócios; hoje é escritor em tempo integral e mora em Whately, Massachusetts, com a esposa, Linda.

Aqui ele nos leva a um Marte bem diferente do planeta de sua noveleta ganhadora do Hugo, o Velho Marte de sonhos antigos, e para bem longe no deserto marciano, em uma missão que poderia colocar duas raças, e dois mundos, em guerra.

O homem mais perigoso de Marte era Omar al-Baz e, na primeira vez que o vi, ele estava vomitando no porto espacial de Rio Zephyria.

Isso acontece com mais frequência do que você imagina. Muitas pessoas que vêm para cá pela primeira vez não percebem como o ar é rarefeito. O frio também as surpreende, mas me disseram que a pressão atmosférica é mais ou menos a mesma do Himalaia. Elas descem a rampa do ônibus espacial que as trouxe da Estação Deimos e, se a descida não as fizer vomitar, a falta de ar, as dores de cabeça e a náusea que sempre acompanham a altitude farão esse trabalho.

Eu não tinha certeza se o cavalheiro de meia-idade que se curvara para vomitar era o Dr. Al-Baz, mas suspeitei que fosse; eu não notara nenhum outro homem do Oriente Médio em seu voo. Mas não havia nada que eu pudesse fazer por ele. Esperei pacientemente do outro lado da tela metálica de segurança enquanto uma das comissárias de bordo descia a rampa para ajudá-lo. O Dr. Al-Baz a afastou com um gesto; não precisava de nenhuma ajuda, obrigado. Endireitou-se, sacou um lenço do bolso do sobretudo e limpou a boca, depois pegou a mala com rodinhas que deixara cair quando seu estômago se revoltou. Bom saber que ele não era totalmente indefeso.

O Dr. Al-Baz foi um dos últimos passageiros a passar pelo portão. Estacou do outro lado da cerca, olhou ao redor e avistou o cartaz de papelão que eu segurava. Um breve sorriso de alívio, então caminhou até mim.

– Olá, sou Omar al-Baz – disse ele, estendendo a mão. – Você deve ser o Sr. Ramsey.

– Isso mesmo, sou seu guia. Pode me chamar de Jim.

Eu não queria apertar a mão que acabara de limpar uma boca, uma boca que espalhara aquela nojeira por todo o chão limpo, então estendi a mão para segurar a bagagem dele.

– Eu mesmo posso carregar isto, obrigado – disse ele, sem me deixar pegar a mala que levava. – Mas, se puder me ajudar com o resto da bagagem, eu agradeço.

– Claro. Sem problemas.

Ele não havia me contratado para ser seu carregador e, se ele fosse como alguns de meus ex-clientes, turistas idiotas, eu o teria feito carregar as próprias coisas. Porém já começava a gostar do sujeito: 50 e poucos anos, magro, mas começando a ter uma barriguinha, cabelos pretos encaracolados ficando grisalhos nas têmporas. Ele usava óculos redondos e tinha um bigode grosso embaixo de um nariz aquilino, parecendo um Groucho Marx árabe. Omar al-Baz não podia ser nada além do que era, um professor egípcio-americano da Universidade do Arizona.

Conduzi o Dr. Al-Baz pelo terminal, desviando dos turistas e empresários que também desembarcavam do ônibus espacial das três da tarde.

– O senhor está sozinho ou veio com alguém?

– Infelizmente vim sozinho. A bolsa que a universidade disponibilizou só foi suficiente para comprar uma passagem, mesmo que eu tenha pedido para trazer um aluno como assistente. – Ele franziu a testa. – Isso pode atrasar meu trabalho, mas espero que meu plano seja simples o suficiente para se realizar sozinho.

Eu tinha apenas uma vaga ideia do motivo para ele ter me contratado como guia, mas nem dava para conversar em meio aos ruídos e à confusão do terminal. As malas e as mochilas dos passageiros começavam a descer pela esteira, porém o Dr. Al-Baz não se juntou à multidão que esperava para apanhar a bagagem. Em vez disso, foi direto à janela de carga da PanMars, onde apresentou um punhado de recibos ao atendente. Eu já lamentava ter oferecido ajuda para carregar as malas quando um carrinho foi empurrado por uma porta lateral. Meia dúzia de caixas de alumínio estava empilhada sobre ele; mesmo na gravidade marciana, elas eram grandes e precisavam ser carregadas uma por uma.

– O senhor deve estar de brincadeira comigo – murmurei.

– Desculpe, mas precisei trazer equipamento especializado para o meu trabalho. – Ele assinou um formulário e se virou mais uma vez para mim. – Agora... você tem como levar tudo isto para o meu hotel ou vou precisar chamar um táxi?

Olhei para a pilha de caixas e deduzi que poderia ajeitar todas na parte de trás do meu jipe. Levamos o carrinho até onde eu havia estacionado, ao lado da entrada da frente, e consegui colocar tudo amarrado com as cordas elásticas que trouxera. O Dr. Al-Baz sentou-se no banco do carona e colocou a mala que carregava no chão entre os pés.

– Primeiro passamos no hotel? – perguntei ao assumir o meu lugar atrás do volante.

– Isso, por favor... e depois não me importaria de tomar um drinque. – Ele percebeu o olhar questionador no meu rosto e me deu um sorriso de quem sabe das coisas. – Não, não sou seguidor devoto do Profeta.

– Fico feliz em saber. – Eu gostava mais dele a cada momento. Não confio em gente que não toma cerveja. Liguei o jipe e saí. – Então... o senhor disse no seu e-mail que gostaria de visitar um povoado aborígene. A ideia ainda está de pé?

– Está. – Ele hesitou. – Mas, agora que nos conhecemos, acho justo lhe contar que isso não é tudo que pretendo fazer. A viagem para cá envolve mais do que só conhecer os nativos.

– É mesmo? O que mais o senhor quer?

Ele olhou para mim por sobre seus óculos.

– O sangue de um marciano.

Quando eu era criança, um dos meus filmes favoritos era *Guerra dos mundos*, a versão de 1953; ele foi feito doze anos antes de as primeiras sondas chegarem a Marte. Mesmo naquela época, as pessoas já sabiam que o ambiente de Marte era semelhante ao da Terra: os espectroscópios revelaram a presença de uma atmosfera de oxigênio-nitrogênio e fortes telescópios tornaram visíveis os mares e os canais. Mas ninguém sabia ao certo se o planeta era habitado até *Ares I* pousar lá em 1977. Foi por isso que George Pal pôde ousar bastante quando ele e a equipe do seu filme tentaram imaginar como seria um marciano.

De qualquer maneira, tem uma cena no filme em que Gene Barry e Ann Robinson conseguem chegar a Los Angeles depois de escapar da casa de fazenda onde foram presos pelos invasores alienígenas. Barry se encontra com seus colegas cientistas na Pacific Tech e apresenta uma lente de câmera arruinada que conseguiu agarrar enquanto lutava contra os marcianos. A lente está embrulhada no lenço de Ann Robinson, que ficou

todo sujo de gosma quando Gene bateu num monstrinho verde com um cano quebrado.

“E isto”, diz ele melodramático, mostrando o lenço para os outros cientistas, “é o sangue de um marciano!”

Sempre adorei essa parte. Então, quando o Dr. Al-Baz disse quase a mesma coisa, fiquei me perguntando se ele estava sendo engraçadinho, usando uma frase de um filme clássico que a maioria dos colonos devia ter visto. Mas ele não piscou nem deu um sorrisinho irônico. Parecia estar falando sério.

Decidi deixá-lo esperando uma resposta até tomarmos aquele drinque juntos e segurei a língua enquanto o levava até Rio Zephyria. A reserva do professor era no John Carter Casino Resort, localizado perto da praia do Mare Cimmerium. Não era uma surpresa: aquele era o hotel mais famoso de Rio e a maioria dos turistas tenta reservar quartos ali. Edgar Rice Burroughs passava por um renascimento literário na época em que ele foi construído e alguém decidiu que *Uma princesa de Marte* e suas sequências seriam um excelente tema para um cassino. Desde então ele se tornou o lugar no qual a maioria das pessoas pensa quando sonha em fazer uma viagem de férias para Marte.

Bom para elas, mas eu tenho vontade de jogar uma pedra naquelas janelas pintadas de dourado toda vez que passo por lá. É um monumento de dez andares a cada coisa imbecil que os humanos fizeram desde que chegaram. E se eu, uma pessoa que nasceu e foi criada em Marte, me sinto assim, imagine o que os *shatan* pensam dele... quando chegam perto o bastante para vê-lo, claro.

Foi difícil avaliar a reação do Dr. Al-Baz ao estacionarmos na frente do saguão do hotel. Eu começava a entender que sua expressão normal era de estoicismo. Mas, enquanto o carregador tirava suas coisas do jipe e as colocava em um carrinho, o professor avistou a entrada do cassino. O porteiro tinha pele escura e um pouco mais de 2 metros de altura; ele usava o albornoz de um aborígene, com um sabre enfiado na bainha do cinturão.

O Dr. Al-Baz o encarou.

– Aquele não é um marciano, é?

– Não, a menos que ele costumasse jogar como centroavante dos Blue Devils. – O Dr. Al-Baz ergueu uma sobrancelha e eu sorri. – Aquele ali é Tito Jones, astro do time de basquete da Universidade Duke... ou pelo

menos era até chegar aqui. – Balancei a cabeça. – Pobre coitado... Ele não sabia por que o cassino tinha contratado um astro do basquete para ser recepcionista de celebridades até que deram essa roupa a ele.

O Dr. Al-Baz já havia perdido o interesse.

– Eu estava torcendo para que ele fosse um marciano – disse baixinho. – Teria tornado as coisas mais fáceis.

– Eles não estariam aqui nem mortos... nem em nenhum lugar perto das colônias, na verdade. – Virei-me para seguir o carregador pela porta giratória. – A propósito, nós não os chamamos de “marcianos”. O termo correto é “aborígenes”.

– Vou me lembrar disso. E como os mar... os aborígenes chamam a si mesmos?

– Eles chamam a si mesmos de *shatan*... que significa “pessoas” no idioma deles. – Antes que ele pudesse fazer a óbvia pergunta seguinte, acrescente: – A palavra deles para nós é *nashatan*, ou “não pessoas”, mas só usam essa palavra quando estão sendo educados. Eles nos chamam de muitas coisas, a maioria delas bem desagradável.

O professor assentiu e ficou quieto por algum tempo.

A Universidade do Arizona podia não ter cacife para pagar a passagem de um estudante da graduação, mas compensaram isso reservando uma suíte de dois quartos no hotel. Depois que o carregador esvaziou o carrinho e saiu, o Dr. Al-Baz explicou que pretendia transformar o cômodo principal, um grande salão com bar, em laboratório temporário. Mas não desfez as malas naquele instante; estava pronto para o drinque que eu prometera. Deixamos tudo no quarto e pegamos o elevador para voltar ao térreo.

O bar do hotel ficava no cassino, mas eu não queria beber em um lugar onde o bartender está fantasiado de senhor da guerra de Barsoom e as garçonetes estão embonecadas como princesas de Helium. O John Carter é o único lugar em Marte onde as pessoas se vestem assim; ninguém em sã consciência usaria essa quantidade mínima de roupas fora de casa, nem mesmo no meio do verão. Voltamos ao jipe e saí das redondezas do hotel, me dirigindo para a parte velha da cidade, um lugar que os turistas quase nunca visitam.

Existe um ótimo boteco a cerca de três quadras do meu apartamento. O lugar não estava lotado, pois ainda era fim de tarde. O bar estava quieto e escuro, perfeito para conversar. O dono me conhecia, então ele trouxe

uma jarra de cerveja assim que o professor e eu escolhemos uma mesa nos fundos.

– Vá devagar com isso aí – falei para o Dr. Al-Baz ao colocar a cerveja numa tulipa e a empurrar pela mesa na direção dele. – Até você se aclimatar, o impacto pode ser bem violento.

– Vou seguir seu conselho. – O professor tomou um gole para experimentar e sorriu. – Ótima. Melhor do que eu esperava, na verdade. É daqui?

– Hellas City Amber. Você acha que nós mandaríamos vir cerveja direto da Terra? – Como tínhamos assuntos mais importantes para discutir, falei de uma vez: – Que história é essa de querer sangue? Quando você entrou em contato comigo, só disse que precisava que eu o levasse a um povoado aborígine.

O Dr. Al-Baz ficou em silêncio por um instante. Brincou com a tulipa, girando-a entre os dedos.

– Tive medo de dizer toda a verdade – disse ele por fim – e você não concordar em me levar. E você foi muito bem recomendado. Pelo que entendi, não só é nativo como seus pais estavam entre os primeiros colonos.

– Fico surpreso que o senhor saiba disso. Deve ter conversado com um antigo cliente meu.

– Você se lembra de Ian Horner? Antropólogo da Universidade de Cambridge?

De fato eu me lembrava, embora não de modo agradável. O Dr. Horner me contratara para ser seu guia, mas, se você fosse acreditar em tudo que ele dizia, era capaz de achar que ele sabia mais sobre Marte do que eu.

Fiz um gesto afirmativo para o Dr. Al-Baz, guardando minha opinião para mim mesmo.

– Ele é meu amigo – continuou o professor –, ou pelo menos alguém com quem tive contato profissional.

– Então o senhor também é antropólogo.

– Não. – Ele bebeu mais um gole da cerveja. – Biólogo. Pesquisador... astrobiólogo, para ser exato. Estudo formas de vida extraterrestres. Até agora a maior parte da minha obra tem sido sobre Vênus. Esta é a primeira vez que venho a Marte. Claro, Vênus é diferente. Seu oceano global é bem interessante, mas...

– Professor, não quero ser grosseiro, mas o senhor pode chegar logo ao ponto e me dizer por que deseja o sangue de um... – Diabos, ele quase me fez dizer isso! – um aborígine?

Voltando a se recostar em sua cadeira, o Dr. Al-Baz juntou as mãos sobre o tampo da mesa.

– Sr. Ramsey...

– Jim.

– Jim, você conhece a hipótese de panspermia? A ideia de que a vida na Terra pode ter origem extraterrestre, de que pode ter vindo de algum lugar do espaço?

– Não, nunca ouvi falar nisso... mas acho que, quando você diz “algum lugar”, quer dizer aqui.

– Correto. Eu quero dizer Marte. – Ele pressionou o indicador sobre o tampo da mesa com firmeza. – Você nunca parou para pensar por que existe uma semelhança tão grande entre humanos e aborígenes marcianos? Por que as duas raças se parecem tanto, mesmo sendo de mundos separados por mais de 70 milhões de quilômetros?

– Evolução paralela.

– Claro, imagino que você tenha aprendido isso na escola. A explicação convencional é que, como ambos os planetas possuem condições ambientais semelhantes, a evolução foi mais ou menos a mesma nos dois mundos, as diferenças sendo que os marcianos... aborígenes, perdão... são mais altos devido à menor gravidade na superfície, possuem metabolismo mais intenso por causa da temperatura mais fria, têm uma pele bem mais escura por conta da camada de ozônio mais fina e assim por diante. Essa tem sido a teoria dominante porque é a única que parece abarcar todos os fatos.

– Exato, foi isso que aprendi.

– Bem, meu amigo, tudo que você aprendeu está errado. – Ele logo balançou a cabeça, como se estivesse envergonhado pelo seu surto momentâneo de arrogância. – Desculpe. Não quis parecer superior. Mas é que eu e vários colegas acreditamos que as semelhanças entre o *Homo sapiens* e o *Homo artesian* não podem ser atribuídas só à evolução. Acreditamos que existe um elo genético entre as duas raças, que a vida na Terra... a vida humana em particular... possa ter se originado em Marte.

O Dr. Al-Baz fez uma pausa, dando um momento para que suas palavras pudessem surtir mais efeito. E foi o que aconteceu. Eu já estava

começando a me perguntar se ele era maluco.

– Ok – respondi, tentando não sorrir –, vou morder a isca. O que leva o senhor a pensar assim?

– Primeiro, a composição geológica de vários meteoritos encontrados na Terra é idêntica àquela de amostras de rocha trazidas de Marte. E para isso existe a teoria de que, em algum ponto no passado distante, aconteceu uma explosão cataclísmica na superfície marciana... Talvez a erupção do Monte Daedalia ou de um dos outros vulcões na cordilheira Albus... Enfim, foi essa explosão que ejetou destroços para o espaço. Esses destroços viajaram como meteoros para a Terra, na infância de nosso planeta. Eles podem ter levado moléculas orgânicas que semearam a Terra com vida, do tipo que ainda não existia lá.

Ele fez uma pausa e prosseguiu:

– Segundo: quando o genoma humano foi sequenciado, uma das descobertas mais surpreendentes foi a existência de seções de DNA que não têm propósito aparente. Seria como uma máquina com peças a mais que não exercem nenhuma função. Não existe razão para elas estarem lá e, no entanto, estão. É possível que essas seções fantasmas sejam biomarcadores genéticos deixados para trás por material orgânico levado de Marte para a Terra.

– É por isso que deseja uma amostra de sangue? Para ver se existe um elo?

Ele assentiu.

– Trouxe um equipamento que me permitirá fazer o sequenciamento, pelo menos parcial, do código genético de uma amostra de sangue aborígene e compará-lo ao de um humano. Se o genoma nativo tiver seções arcaicas não funcionais comparáveis às encontradas no genoma humano, teremos uma comprovação da hipótese de que a vida na Terra se originou em Marte e de que as duas raças estão ligadas.

Fiquei em silêncio por alguns segundos. O Dr. Al-Baz não parecia mais tão louco quanto há dois minutos. Por mais estranho que parecesse, o que ele dizia fazia sentido. E, se a hipótese fosse verdadeira, as implicações seriam impressionantes: os *shatan* seriam primos próximos dos habitantes da Terra, e não apenas uma raça primitiva que encontramos por acaso ao chegar a Marte.

Eu não estava preparado para acreditar nisso. Havia conhecido muitos *shatan* para aceitar com facilidade a ideia de que eles tinham algo em

comum com meu povo. Ou pelo menos assim eu pensava...

– Ok, entendi o que o senhor está querendo. – Peguei meu copo e tomei um longo gole. – Mas vou avisar logo: conseguir essa amostra de sangue não vai ser fácil.

– Eu sei. Entendo que os aborígenes são um tanto reclusos...

– O senhor está suavizando muito a verdade. – Voltei a apoiar o corpo na mesa. – Eles nunca quiseram ter contato com a gente. A expedição de *Ares I* já estava aqui havia quase três semanas até alguém ver um deles, e mais um mês se passou antes de qualquer contato significativo. Levamos anos para aprender a língua deles e as coisas só pioraram quando começamos a estabelecer colônias. Quando chegávamos a um novo local, os *shatan* já haviam se mudado. Recolhiam tudo que possuíam, chegavam até a queimar suas aldeias para que não pudéssemos explorar suas habitações. Foi assim que eles se tornaram nômades. Não estabelecemos nenhum tipo de comércio... e pouca coisa em termos de trocas culturais.

– No que eles deixaram para trás, alguém conseguiu algum tipo de material orgânico? Uma amostra de cabelo, saliva, pele?

– Não. Eles nunca deixaram algum artefato desse tipo para trás. Relutam até em deixar que a gente toque neles. Aquela roupa que você viu Tito Jones usando, sabe? Não é de verdade. É só uma fantasia baseada em algumas fotos.

– Mas nós aprendemos o idioma deles.

– Só um pouco de um dos dialetos. Sabemos um *shatan* primário, na verdade. – Passei distraído o dedo pela borda da tulipa. – Se o senhor está contando comigo para ser seu intérprete... bem, não espere muito. Sei o suficiente para me virar, é só. Apenas sou capaz de evitar que eles joguem uma lança em nós.

O Dr. Al-Baz ergueu uma sobrancelha.

– Eles são perigosos?

Eu não queria contar algumas das piores histórias, já tinha espantado outros clientes assim, então tentei acalmá-lo:

– Não, desde que o senhor se comporte. Eles podem ser... bem, um pouco agressivos... se você cruzar o limite deles. Conheci alguns membros de tribos locais e eles me conhecem bem o bastante para me deixar visitar suas terras. Mas não sei bem quanto eles confiam em mim. – Hesitei. – O Dr. Horner não foi muito longe com eles. Tenho certeza de que ele contou ao senhor que eles não o deixaram entrar em sua aldeia.

– Contou, sim. Mas, para dizer a verdade, Ian sempre foi um pouco imbecil. Imagino que, contanto que me aproxime deles com humildade, eu possa ter mais sucesso que ele.

Gargalhei quando ele disse isso e o professor me retribuiu com um breve sorriso.

Ian Horner chegara a Marte com a atitude de um oficial do Exército britânico visitando a Índia colonial: um ar de condescendência e superioridade que os *shatan* entenderam de imediato. Como resultado, ele pouco aprendeu e saiu de lá se referindo aos “abos” como “desgraçados sem vergonha na cara”. Com certeza os aborígenes sentiram a mesma coisa a seu respeito... mas pelo menos o deixaram viver.

– Então, você vai me levar lá? A uma das aldeias, quero dizer?

– Foi para isso que o senhor me contratou, não foi? Então... sim, claro. – Voltei a pegar minha cerveja. – O vilarejo mais próximo fica cerca de 150 quilômetros a sudoeste daqui, num oásis do deserto perto do canal Laestrygon. Vamos levar uns dois dias para chegar lá. Espero que o senhor tenha trazido roupas quentes e botas de alpinismo.

– Eu trouxe uma parca e botas. Mas você tem seu jipe, não tem? Por que teremos que caminhar?

– Vamos dirigir só até chegarmos perto da aldeia. Depois teremos que sair e andar o resto do caminho. Os *shatan* não gostam de veículos motorizados. O deserto equatorial é muito rigoroso, então é melhor se preparar para ele.

O Dr. Al-Baz sorriu.

– Você acha que pareço alguém que nunca esteve em um deserto?

– Não... mas Marte não é a Terra.

Passei o dia seguinte me preparando para a viagem: peguei o equipamento de camping que estava no barracão que eu havia alugado no guarda-volumes, comprei comida e enchi garrafas de água, coloquei células de combustível novas no jipe e conferi a calibragem dos pneus. Certifiquei-me de que o Dr. Al-Baz tinha as roupas certas para vários dias em território selvagem e também passei para ele o endereço de um alfaiate local. Mas não precisava ter me preocupado, ele não era um daqueles turistas tolos o bastante para sair no deserto usando bermuda e sandálias.

Quando fui buscá-lo no hotel, vi que o professor transformara mesmo sua suíte num laboratório. Dois computadores modernos estavam montados em cima do bar, um microscópio e um rack com tubos de ensaio estavam em cima da mesinha de café e a TV estava virada de lado para abrir espaço para uma pequena centrífuga. Havia mais equipamentos sobre a escrivaninha birô e as mesinhas; eu não sabia para que servia nada daquilo, mas avistei um símbolo de radiação em um deles e um adesivo escrito CUIDADO – LASER em outro. O carpete estava coberto com lâminas de plástico e havia até um jaleco pendurado no armário. O Dr. Al-Baz não falou nada sobre isso; só pegou a mochila e a câmera, colocou um chapéu de abas largas e me seguiu porta afora, fazendo uma pausa para colocar o aviso de NÃO PERTURBE na maçaneta.

Turistas nos encararam quando ele jogou a mochila na traseira do meu jipe. As pessoas sempre se surpreendiam ao verem alguém visitando Marte para fazer alguma coisa além de beber e perder dinheiro nos cassinos. Dei partida no jipe, saímos a toda do John Carter e em quinze minutos estávamos fora da cidade, atravessando as fazendas irrigadas que cercavam Rio Zephyria. Os pinheiros escarlate enfileirados nas margens do Mare Cimmerium se tornavam mais escassos à medida que avançávamos pelas estradas de terra. Só veículos de fazendas e caminhões de transporte de madeira costumavam usar aquelas estradas, e até mesmo eles sumiram quando deixamos a colônia para trás e adentramos o deserto que não deixa rastros.

Já me disseram que o deserto marciano parece um bocado com o sudoeste dos Estados Unidos, só que tudo é vermelho. Eu nunca estive na Terra, então não sei se é verdade, mas, se alguém no Novo México avistar uma criatura de seis patas que parece uma vaca peluda ou uma ave de rapina que lembra um pterodátilo e emite um som de hiena, por favor, me procure. E fique longe daqueles poços que parecem bancos de areia de campos de golfe; existe algo dentro deles que comeria você vivo, um membro de cada vez.

À medida que avançávamos pelo deserto, desviando de pedregulhos e sacolejando ao passar sobre pedras menores, mais o Dr. Al-Baz se agarrava na barra do teto do jipe, fascinado pela vastidão selvagem que se abria diante de nós. Essa era uma das coisas que faziam meu trabalho valer a pena: ver lugares familiares pelos olhos de alguém que nunca esteve aqui antes. Apontei para uma lebre marciana que pulava para longe de nós e

parei por um segundo para deixar que ele tirasse fotos de um rebanho de *stakhas* que voava bem alto acima de nós, rodopiando e gritando para manifestar seu desagrado com nossa invasão.

Cerca de 70 quilômetros a sudeste de Rio, chegamos ao canal Laestrygon, que corria para o sul a partir do mar. Quando Percival Lowell avistou os primeiros canais marcianos com seu telescópio, pensou que fossem artificialmente escavados. Ele estava mais ou menos certo: os *shatan* haviam alterado a rota de rios já existentes, desviando-os para que seu leito desaguasse em um local mais apropriado. O fato de terem feito isso com maquinário rudimentar, quase completamente movido pela força de seus músculos, nunca deixava de surpreender. O povo da Terra tende a subestimar os *shatan*, mas eles são primitivos, não burros.

Seguimos o canal mantendo uma distância segura para não sermos avistados com facilidade do convés de um barco *shatan* que pudesse estar por ali. Eu não queria que nenhum aborígene nos visse antes de chegarmos à aldeia; eles poderiam transmitir a notícia da chegada de humanos e dar ao chefe a chance de mandar que seu povo recolhesse tudo e migrasse para outro lugar. Mas não vimos ninguém; o único sinal de habitação era uma estreita ponte suspensa de madeira que cruzava o canal como um arco enorme, e mesmo ela não parecia ser usada com frequência.

Ao final da tarde, entramos no território das colinas. Planaltos de topo achatado se erguiam ao nosso redor, com pináculos de pedra maciça despontando entre eles; os picos serrilhados das montanhas estavam logo além do horizonte. Dirigi até quase o pôr do sol, estacionei atrás de uma formação rochosa, uma chaminé de fada, e parei para a noite.

O Dr. Al-Baz armou a tenda enquanto eu apanhava lenha de arbustos mortos. Assim que consegui fazer uma fogueira, suspendi uma panela sobre as brasas e a enchi com uma lata de cozido. O professor comprara duas garrafas de vinho tinto antes de deixarmos a cidade; abrimos uma para o jantar e fomos bebendo devagar depois de comermos.

– Então, me conte uma coisa – disse o Dr. Al-Baz depois de termos limpado a panela, os pratos e as colheres. – Por que você se tornou guia?

– Em vez de conseguir trabalho como crupiê de vinte e um, você quer dizer? – Pousei os utensílios de cozinha num pedregulho. Uma brisa constante chegava do oeste; a areia que ela carregava iria limpá-los de vez. – Para dizer a verdade, nunca pensei sobre isso. Meus pais são colonos de

primeira geração, nasci e me criei aqui. Comecei a andar pelo deserto assim que tive idade suficiente para sair sozinho, então...

– É isso. – O professor se aproximou um pouco mais do fogo, estendendo as mãos para aquecê-las. Agora que o sol havia se posto, uma noite fria nos esperava; já podíamos ver nossa respiração à luz do fogo. – A maioria dos colonos que conheci parece satisfeita em ficar apenas na cidade. Quando disse a eles que estava planejando uma viagem ao deserto, todos olharam para mim como se eu fosse louco. Alguns até sugeriram que eu comprasse uma arma e fizesse um seguro de vida extra.

– Seja lá quem disse ao senhor para comprar uma arma, não sabe nada sobre os *shatan*. Eles nunca atacam sem serem provocados, e a maneira mais fácil de irritá-los é se aproximar de uma de suas aldeias com uma arma. – Dei palmadinhas na faca utilitária no meu cinturão. – Isto é o mais perto que chego de carregar uma arma quando existe qualquer possibilidade de encontrar aborígenes. Um dos motivos pelos quais tenho boas relações com eles... eu tenho boas maneiras.

– Acho que maioria das pessoas aqui nunca viu um aborígine.

– O senhor tem razão, não viram mesmo. Rio Zephyria é a maior colônia, e isso se deve ao turismo, mas os residentes permanentes também engrossam o número de habitantes. Eles preferem viver onde existem banheiros com descarga e TV a cabo. – Sentei-me do outro lado da fogueira. – Eu não penso assim. Só moro lá porque é onde encontro turistas. Se não fosse por isso, eu ficaria em algum lugar aqui fora e só iria à cidade quando precisasse comprar suprimentos.

– Entendo. – O Dr. Al-Baz pegou nossas canecas de estanho e serviu um pouco de vinho em cada uma. Ele me entregou uma delas e continuou: – Perdoe se eu estiver errado, mas não parece que você aprova muito a atitude de seus colegas colonos.

– Não aprovo. – Tomei um gole e pus a caneca ao meu lado; não queria ficar com a cabeça cheia de vinho na véspera de fazer um acordo com uma tribo *shatan*. – Meu pessoal veio para cá para explorar um novo mundo, mas todos que vieram *depois* daqueles colonos originais... bem, o senhor viu como é. Nós estamos construindo hotéis, cassinos e shoppings, e introduzindo espécies invasoras em nossas fazendas e jogando nosso esgoto nos canais, e, durante a conjunção, naves trazem mais pessoas que pensam que Marte é como Las Vegas, só que sem tantas putas... se bem que temos muitas delas aqui também.

Enquanto falava, levantei a cabeça para olhar o céu noturno. As maiores constelações brilhavam com força: Ursa Maior, Draco, Cygnus, com Deneb como a Estrela Polar. Não se pode ver a Via Láctea muito bem na cidade; é preciso sair para o deserto para ter uma vista decente do céu noturno marciano.

– Quem pode culpar os *shatan* por não quererem contato com a gente? Eles compreenderam tudo assim que nós aparecemos. – Lembrando um pensamento que tive na véspera, ri sozinho. – Os filmes antigos entenderam tudo ao contrário. Marte não invadiu a Terra... A Terra é que invadiu Marte.

– Eu não tinha percebido que você guardava tanto ressentimento.

Achei que tinha ferido os sentimentos do professor, e aquilo não era maneira de tratar um cliente.

– Não, não... não é o senhor – apressei-me em acrescentar. – Acho que ninguém pegaria o senhor numa mesa de pôquer.

Ele soltou uma gargalhada.

– Não, acho que a universidade não olharia com bons olhos se meu relatório de custos incluísse fichas de pôquer.

– Que bom. – Hesitei, mas continuei: – Só me faça um favor, sim? Se encontrar alguma coisa aqui que possa... não sei... tornar as coisas piores, o senhor poderia considerar a possibilidade de guardar isso para si mesmo? Os humanos já fizeram muitas coisas idiotas aqui. Não precisamos de mais.

– Vou tentar me lembrar disso – respondeu o Dr. Al-Baz.

No dia seguinte, encontramos os *shatan*. Ou melhor, eles nos encontraram.

Levantamos acampamento e continuamos a seguir o Laestrygon em seu caminho para o sul por entre as colinas do deserto. Passei a viagem inteira prestando bastante atenção na distância que havíamos percorrido e, quando estávamos a cerca de 50 quilômetros de onde eu me lembrava que ficavam os povoados aborígenes, comecei a dirigir mais próximo da margem do canal. Mandeí o Dr. Al-Baz ficar de olho em qualquer sinal de habitação (trilhas ou acampamentos abandonados, deixados para trás por grupos de caça), mas o que encontramos foi muito mais óbvio: outra ponte suspensa e, passando por baixo dela, um barco *shatan*.

O barco no canal era um catamarã estreito com cerca de 10 metros de comprimento, uma pequena cabine na popa e grandes velas brancas captando o vento do deserto. As figuras que se moviam no barco não nos notaram até que uma delas avistou o jipe. Ela soltou um grito cantado, *wallawallawalla!*, e as outras pararam e olharam na direção para a qual ela apontava. Então outro *shatan* em pé no alto da cabine gritou alguma coisa e todos correram em disparada para dentro, com seu capitão desaparecendo por um alçapão no teto. Em segundos o catamarã se tornou um navio fantasma.

– Uau. – O Dr. Al-Baz ficou ao mesmo tempo surpreso e decepcionado. – Eles realmente não querem nos ver, não é?

– Na verdade, não querem *ser vistos*. – Ele me olhou de esguelha, sem entender a diferença, então acrescentei: – Acreditam que, se não puderem ser vistos, desaparecem do mundo. Esperam que, para nós, tenham cessado de existir. – Dei de ombros. – Tem sua lógica, se parar para pensar.

Não havia por que tentar convencer a tripulação a sair de seu esconderijo, então deixamos o barco para trás e continuamos a seguir margeando o canal. Mas o catamarã mal havia sumido de vista quando ouvimos um rugido pouco atrás de nós, como uma trompa. O som ecoou pelas rochas mais próximas. Mais dois sopros prolongados... e silêncio.

– Se houver mais algum *shatan* por perto, ele vai ouvir isso e saber que estamos chegando. Eles vão repetir o mesmo sinal com suas trompas e assim por diante, até que ele chegue à aldeia.

– Então eles sabem que estamos aqui – disse o Dr. Al-Baz. – Será que vão se esconder como os outros?

– Talvez. – Dei de ombros. – Isso é com eles.

Por muito tempo, não avistamos nada nem ninguém. Estávamos a mais ou menos 8 quilômetros da aldeia quando demos com outra ponte. Dessa vez, vimos duas figuras paradas ao pé dela. Elas pareciam anormalmente altas até mesmo para os aborígenes, mas só quando chegamos perto entendemos o porquê: cada uma delas estava montada em um *hatta*, uma enorme criatura semelhante a um búfalo, mas com seis patas e um pescoço alongado, que os nativos domam como animal de carga. Porém não foram as montarias que chamaram minha atenção, mas as longas lanças que carregavam e os pesados trajes de pele de animal que vestiam.

– Ô-ou... – falei baixinho. – Isso não é bom.

– O que não é bom?

– Eu estava esperando que encontrássemos caçadores... mas esses sujeitos são guerreiros. Eles podem ser um pouco... hum, intensos. Mantenha as mãos à vista e nunca desvie o olhar deles.

Parei o jipe a cerca de 10 metros dos guerreiros. Descemos e caminhamos lentamente na direção deles, as mãos ao lado do corpo. Quando chegamos perto, os guerreiros desmontaram de seus animais, mas não se aproximaram demais, só aguardaram em silêncio.

Quando os donos do John Carter contrataram uma estrela do basquete para se fantasiar de *shatan*, pensavam em encontrar alguém que pudesse se passar por um aborígene marciano. Tito Jones foi o melhor que puderam conseguir, mas ele não era o tipo exato. Os *shatan* parados diante de nós eram mais altos, a pele escura como o céu à meia-noite, os cabelos longos e sedosos tinham cor de ferrugem e seus rostos tinham traços finos que lembravam alguém de ascendência norte-europeia. Eles usavam trajes empoeirados cor de marfim que os faziam parecer vagamente beduínos, as mãos que agarravam as lanças eram maiores que as de um humano, com dedos de unhas longas e tendões que chamavam atenção.

Olhos dourados atentos nos estudavam à medida que nos aproximávamos. Quando chegamos perto o bastante, ambos os guerreiros plantaram com firmeza as lanças no chão à nossa frente. Pedi que o Dr. Al-Baz parasse, mas não precisei lembrá-lo de que não desviasse o olhar deles. Ele olhava para os *shatan* com uma curiosidade impressionada; realmente era um cientista observando seu tema de estudo de perto pela primeira vez.

Levantei ambas as mãos, as palmas para cima, e disse:

– *Issah tas sobbata shatan. Seyta nashatan habbalah sa shatan heysa.* (Saudações, honoráveis guerreiros *shatan*. Por favor, permitam que nós, viajantes humanos, entremos em sua terra.)

O guerreiro à esquerda respondeu:

– *Katas nashatan Hamsey. Sakey shatan habbalah fah?* (Conhecemos você, humano Ramsey. Por que retornou à nossa terra?)

Não fiquei surpreso por terem me reconhecido. Poucos humanos falavam a língua deles (e não muito bem; eu provavelmente soava como uma criança para eles) ou conheciam o caminho para sua aldeia. Mesmo que eu não conhecesse aqueles guerreiros, não tinha dúvidas que eles

tinham ouvido falar de mim. E tentei não sorrir com a pronúncia errada de meu nome: os *shatan* têm dificuldade para emitir o som do “r”.

– Trouxe um convidado que deseja aprender mais sobre seu povo – respondi, ainda falando o dialeto local. Estendi a mão para o professor. – Permitam-me apresentar a vocês Omar al-Baz. Ele é um sábio em busca de conhecimento.

Evitei chamá-lo de “doutor”, já que essa palavra tem um significado específico na língua deles e se refere somente a alguém que pratica medicina.

– Humanos não querem saber nada sobre nós. Tudo que querem é pegar o que não pertence a eles e arruinar.

Balancei a cabeça; estranhamente, esse gesto específico significa a mesma coisa tanto para *shatan* quanto para *nashatan*.

– Isso não é verdade. Muitas pessoas do meu povo fazem isso, mas não todas. Em seu mundo, Al-Baz é um professor. O que ele aprender de vocês, ele dirá aos seus alunos, e assim aumentará o conhecimento que eles têm do seu povo.

– O que você está dizendo? – sussurrou o Dr. Al-Baz. – Estou reconhecendo meu nome, mas...

– Shh. Deixe-me terminar. – Continuei falando na língua nativa: – Querem por favor nos escotar à sua aldeia? Meu companheiro deseja implorar um favor ao seu chefe.

O outro guerreiro deu um passo à frente, caminhando na direção do professor até ficar bem diante dele. O *shatan* era enorme se comparado ao Dr. Al-Baz; tudo nele era ameaçador, mas o professor não se mexeu, não falou nada e continuou a fitar o *shatan* nos olhos. O silencioso guerreiro sustentou o olhar por um longo momento e depois se virou para mim.

– O que ele quer de nosso chefe? Fale e decidiremos se vamos permitir que vocês entrem em nossa aldeia.

Hesitei, mas voltei a balançar a cabeça.

– Não. A pergunta dele só pode ser feita ao chefe.

Estava me arriscando. Recusar a exigência de um guerreiro *shatan* que protege sua terra não era um bom jeito de fazer amigos. Mas acreditava que os guerreiros não me entenderiam se eu dissesse que o Dr. Al-Baz queria tirar um pouco do sangue deles; eles poderiam achar que suas intenções eram hostis. O melhor era fazer com que o professor

pedisse diretamente ao chefe para tirar uma amostra de sangue de um membro de seu povo.

O *shatan* olhou para nós por um momento sem dizer nada, depois se virou e caminhou alguns metros para conferenciar baixinho com o outro.

– O que está havendo? – perguntou o professor, mantendo a voz baixa. – O que você disse a eles?

Fiz um resumo da conversa, incluindo a atitude arriscada que tomara.

– Acho que a coisa pode se desenrolar de três formas diferentes. Primeiro, eles podem levar a questão até o chefe, o que significa que o senhor pode ter seu desejo atendido se souber jogar bem suas cartas. Segundo, eles podem nos mandar passear. Se isso acontecer, nós viramos as costas, vamos embora e acabou.

– Inaceitável. Eu vim de muito longe para ir embora de mãos abanando. Qual é a terceira opção?

– Eles nos empalam com suas lanças, esperam a gente morrer, cortam nossos corpos em pedacinhos e espalham nossos restos para que os animais os encontrem. – Deixei que ele processasse essa informação. – Exceto nossas cabeças. Alguém vai levá-las no meio da noite de volta à cidade, onde serão desovadas na porta da casa mais próxima.

– Por favor, me diga que você está brincando.

Não era brincadeira. Mas o professor já estava apavorado o suficiente e não precisava de nenhuma história antiga sobre exploradores que passaram do limite com os *shatan*, ou sobre algum idiota que foi burro o bastante para se aventurar em território aborígine sem alguém como eu para escoltá-lo. Eu não estava exagerando, e ele pareceu perceber. Concordou com a cabeça e desviou o olhar.

Os *shatan* terminaram a conversa entre eles. Sem olhar para nós, voltaram para seus *hattases* e montaram novamente. Por um momento achei que eles seguiriam a segunda opção, mas então apontaram suas montarias na nossa direção.

– *Hessah* (Venham) – disse um deles.

Parei de prender a respiração. Iríamos nos encontrar com o chefe da aldeia.

A aldeia tinha mudado desde minha última visita. Quando os *shatan* se tornaram nômades, os povoados se transformaram em cidades de tendas,

coisas simples de serem desmontadas, empacotadas e realocadas conforme a necessidade. Mas aquela tinha sido feita para durar. Parecia que os habitantes haviam decidido que ficariam no oásis por bastante tempo. Prédios baixos de adobe com tetos retos ocupavam o lugar de muitas tendas, e andaimes se apoiavam em uma muralha de pedra que estava sendo construída para cercar tudo. Se esse lugar tinha um nome, eu não sabia qual era.

Ao chegarmos à aldeia, o Dr. Al-Baz e eu estávamos cansados e com os pés machucados. Conforme o esperado, os guerreiros insistiram que deixássemos o jipe para trás, embora tivessem permitido que pegássemos nossas mochilas. Eles cavalgaram lentamente ao nosso lado por todo o caminho e relutavam em nos deixar descansar. Permaneceram em silêncio por quase todo o caminho, mas, quando avistamos o povoado, um deles ergueu uma concha encurvada que parecia um amonite gigante. O sopro longo e alto desse chifre foi respondido alguns segundos depois por um chamado semelhante da aldeia. O professor e eu trocamos um olhar desconfiado. Agora não dava mais para voltar, os habitantes sabiam que estávamos chegando.

Ao entrarmos por um portão semiconstruído e descermos por ruas de terra batida, a aldeia parecia vazia. Não havia ninguém à vista e as únicas coisas que se moviam eram *hattases* amarrados a postes. As tendas estavam fechadas e as estreitas janelas das casas de adobe também. Não, o lugar não estava deserto: as pessoas que viviam ali haviam se escondido. O silêncio era apavorante e ainda mais perturbador do que as lanças que os guerreiros apontavam para nossas costas.

O centro da aldeia era um pátio que cercava um poço artesiano, com um grande edifício de adobe dominando um lado da praça. O único *shatan* que havíamos visto desde a nossa chegada olhava para nós do alto da torre de madeira de um dos edifícios. Ele esperou até chegarmos perto do prédio, levantou seu instrumento e soprou. Os guerreiros pararam seus *hattases*, desmontaram e em silêncio fizeram gestos para que os acompanhássemos. Um deles empurrou para o lado o cobertor trançado que servia como porta do edifício e o outro nos levou para dentro.

O aposento estava na penumbra; só era iluminado por um raio de luz do sol que passava por um furo no teto. O ar espesso devido a um incenso almiscarado vagava em camadas nebulosas e fazia meus olhos lacrimejarem. Vários *shatan* vestidos em mantos estavam em pé ao redor

do salão, os rostos escondidos por capuzes que cobriam as cabeças; eu sabia que nenhum deles era mulher, pois as mulheres eram sempre mantidas longe dos visitantes. O único som era o pingar lento e constante de um relógio d'água, cada gota anunciando a passagem de mais dois segundos.

O chefe estava sentado no meio da sala. Mãos de longos dedos repousavam sobre os braços de seu trono de arenito e olhos dourados nos encaravam entre fios de cabelos embranquecidos pela idade. Ele não usava nada que indicasse sua posição de líder tribal a não ser um implacável ar de autoridade. Percebemos que era o chefe quando levantou ambas as mãos e as abaixou até que tivéssemos parado. Ele ficou em silêncio por um minuto inteiro.

Por fim, disse:

– *Essha shaka Hamsey?* (Por que você está aqui, Ramsey?)

Achei que não o conhecia, mas era óbvio que ele sabia quem eu era. Ótimo. Isso tornaria as coisas um pouco mais fáceis. Respondi no idioma nativo:

– Trago alguém que deseja aprender mais sobre seu povo. Ele é um sábio da Terra, um professor. Ele ensina a outros que também desejam se tornar sábios. Ele quer pedir um favor a você.

O chefe virou seu olhar de mim para o Dr. Al-Baz.

– O que você quer?

Olhei para o professor.

– Ok, agora é sua vez. Ele quer saber o que você quer. Vou traduzir. Mas tome cuidado... eles se ofendem com facilidade.

– É o que parece. – O Dr. Al-Baz estava nervoso, mas disfarçava bem. Lambeu os lábios, pensou por um momento e seguiu em frente: – Diga a ele... Diga a ele que eu gostaria de coletar uma pequena amostra de sangue de um membro de seu povo. Só algumas gotas já serviriam. Desejo ter isso porque quero saber... quero dizer, porque gostaria de descobrir... se o povo dele e o meu têm ancestrais em comum.

Esse parecia ser um jeito respeitoso de pedir o que ele queria, por isso me virei para o chefe e repeti o que o professor dissera. O único problema era que eu não conhecia a palavra aborígine para “sangue”. Ela nunca havia surgido em qualquer conversa anterior que eu tivera. Por isso precisei generalizar um pouco, chamando de “líquido que corre dentro de nossos corpos” enquanto fazia a mímica de uma veia percorrendo o

interior de meu braço direito e torcia para que ele entendesse o que eu queria dizer.

Ele entendeu. Olhou para mim friamente, sem acreditar, os olhos dourados faiscando, os lábios finos se contorcendo em um rosto que antes parecia estoico. Ao nosso redor, ouvi os demais *shatan* murmurando uns para os outros. Eu não sabia o que falavam, mas não parecia que estavam felizes.

Nós estávamos em apuros.

– Quem ousa dizer que *shatan* e *nashatan* têm os mesmos ancestrais? – disse o chefe, irritado, as mãos se fechando em punhos ao se inclinar para a frente em seu trono. – Quem ousa crer que seu povo e o meu são iguais de qualquer maneira que seja?

Traduzi o que ele dissera para o Dr. Al-Baz. O professor hesitou e depois olhou direto para o chefe.

– Diga a ele que ninguém acredita nessas coisas – começou, a voz calma e deliberada. – É apenas uma hipótese... uma suposição... que eu quero descobrir se é verdadeira ou falsa. Por isso preciso de uma amostra de sangue, para descobrir a verdade.

Respirei fundo, torci para conseguir sair dali com vida e traduzi a explicação do professor. O chefe continuou a nos encarar ameaçadoramente enquanto eu falava, mas pareceu se acalmar um pouco. Por longos segundos, ficou em silêncio. E então tomou uma decisão.

Enfiando a mão dentro de seu manto, retirou uma adaga de osso de uma bainha em seu cinturão. Meu coração bateu mais forte ao ver a luz cair sobre a lâmina branca e afiada. Quando ele se levantou e caminhou em nossa direção, achei que minha vida havia chegado ao fim. Mas ele parou na frente do Dr. Al-Baz e, ainda olhando direto em seus olhos, ergueu a mão esquerda, encostou a faca na palma e correu a lâmina por sua pele.

– Eis meu sangue – disse ele, estendendo sua mão.

Não precisei traduzir. O Dr. Al-Baz rapidamente colocou a mochila no chão e a abriu. Retirou uma seringa, pensou melhor e acabou puxando um tubo de ensaio plástico. O chefe fechou bem o punho e deixou o sangue escorrer por entre os dedos. O professor recolheu o máximo que pôde em seu tubo de ensaio. Depois da coleta, pegou um pequeno frasco, adicionou duas gotas de anticoagulante, tampou o tubo e acenou positivamente com a cabeça para o chefe.

– Diga a ele que eu agradeço muito a gentileza – disse o Dr. Al-Baz – e que voltarei para lhe dizer o que descobri.

– O diabo que vamos voltar!

– Diga a ele. – Seus olhos jamais deixaram os do chefe. – De um jeito ou de outro, ele merece saber a verdade.

Prometer ao chefe que pretendíamos voltar era a última coisa que eu queria fazer, mas o fiz mesmo assim. Ele demorou um pouco para responder e simplesmente deixou a mão cair, permitindo que seu sangue escorresse direto para o chão.

– Sim – disse ele por fim. – Voltem e me digam o que descobriram. Eu também desejo saber. – Então deu as costas para nós e voltou ao seu trono. – Agora vão embora.

– Ok – sussurrei, sentindo meu coração bater alucinado. – Você conseguiu o que queria. Agora vamos embora daqui antes que nos degolem.

Dois dias depois, eu estava sentado no bar do cassino do John Carter, bebendo tequila e jogando algumas partidas de videopôquer na máquina à minha frente. Descobrira que não me incomodava mais com aquele lugar, desde que eu ficasse de costas para tudo que acontecia ao meu redor. Além disso, eu podia beber de graça se colocasse uma moeda na máquina de vez em quando. Pelo menos era isso o que eu dizia a mim mesmo. A verdade era que havia certa sensação de segurança no ambiente brega do cassino. Aquele lugar era uma fantasia, claro, mas naquele momento eu preferia isso à realidade perturbadora que visitara dois dias antes.

Omar al-Baz estava no andar de cima, usando o equipamento que trouxera para analisar o sangue do chefe. Nós havíamos ido direto para o hotel assim que retornamos à cidade, mas, quando ficou claro que levaria um tempo para o professor fazer sua mágica, decidi descer e tomar um drinque. Talvez eu devesse ter voltado para casa, mas ainda estava acelerado por causa da longa viagem de volta, por isso dei ao Dr. Al-Baz o número do meu celular e pedi que me ligasse assim que descobrisse alguma coisa.

Fiquei surpreso comigo mesmo por ficar ali. Quando volto de uma viagem ao território selvagem, tudo que quero é tirar as roupas que usei por vários dias e tomar um belo gole de cerveja e um longo banho de

banheira. Em vez disso, ali estava eu, entornando um coquetel atrás de outro enquanto provava que não sabia absolutamente nada de pôquer. O bartender me estudava e as garçonetes tentavam ao máximo me evitar, mas eu não me importava com esse pessoal. Eles eram marcianos fajutos, inofensivos. Os que eu havia encontrado um pouco antes teriam me matado se eu olhasse torto para eles.

Durante todos esses anos em que saí para o território selvagem, aquela foi a primeira vez que fiquei realmente apavorado. Não pelo deserto, mas por seus habitantes. Nunca havia sido ameaçado por um *shatan*, nem mesmo de forma implícita, até o momento em que o chefe puxou uma faca e marcou a palma de sua mão com a lâmina. Claro, ele fizera aquilo para dar ao Dr. Al-Baz um pouco de seu sangue, mas havia outro sentido em suas ações.

Era um aviso... e os *shatan* não são levianos com seus avisos.

Era por isso que eu tentava ficar bêbado. O professor estava empolgado demais para pensar em qualquer coisa a não ser o sangue que acabara de coletar; durante todo o caminho de volta ele não conseguira falar sobre nada além daquilo. Mas eu sabia que havíamos passado por um grande perigo e que nossa morte teria sido terrível.

No entanto, o chefe não tinha sido obrigado a ceder seu sangue, ele até pediu que voltássemos assim que o professor soubesse a verdade. Aquilo me intrigou. Por que ele estaria interessado nos resultados se o simples pensamento de estar relacionado a um humano era tão aterrorizante?

Joguei fora mais uma moeda, apertei os botões e vi a máquina me dizer que havia perdido de novo. Olhei ao redor para tentar chamar uma garçonete e fazer com que ela me trouxesse outro drinque. Dejah, Thuvia, Xaxa qualquer que fosse o nome, aparentemente estava no seu intervalo, eu não conseguia encontrá-la em parte alguma. Ia tentar de novo minha sorte quando alguma coisa chamou minha atenção. A TV do bar mostrava o noticiário da noite e o homem da previsão do tempo estava parado em frente ao mapa. Eu não conseguia ouvir o que ele dizia, mas ele apontava para um sistema animado de nuvens a oeste de Rio Zephyria que se movia pelo deserto na direção do canal Laestrygon.

Parecia que uma tempestade de areia estava se formando em Mesogaea, na região de terra seca adjacente a Zephyria. Esse tipo de tempo não é incomum no verão; chamamos isso de *haboobs*, a palavra

árabe para tempestade de areia que de algum modo conseguiu chegar até Marte. Pelo aspecto da coisa, ela chegaria à vastidão selvagem de Zephyria no dia seguinte à tarde. Ainda bem que eu estava em segurança; a última coisa que alguém poderia querer era ser apanhado no deserto durante uma tempestade feia daquelas.

Uma garçonete passou, ajustando uma faixa da parte de cima do biquíni de sua fantasia. Levantei meu copo e o balancei para a frente e para trás em silêncio, e ela fingiu um sorriso ao acenar com a cabeça e seguir para o bar. Eu estava procurando outra moeda nos bolsos para que ela visse que eu ainda fingia ser um jogador quando meu celular tocou.

– Jim? Você ainda está aí?

– No bar, professor. Desça e venha tomar um drinque comigo.

– Não! Não tenho tempo para isso! Suba agora mesmo! Preciso ver você!

– O que está acontecendo?

– Venha cá rápido! Vai ser melhor se eu lhe mostrar.

O Dr. Al-Baz abriu a porta à primeira batida. Ao ver o copo de coquetel na minha mão, ele o tomou de mim e o esvaziou de um só gole.

– Meu Deus – disse ele, quase sem fôlego. – Como eu precisava disso!

– Quer que eu traga outro?

– Não... mas você pode me pagar uma bebida quando eu chegar a Estocolmo. – Não entendi o que ele quis dizer com isso, mas, antes que eu pudesse perguntar, ele me puxou para dentro do quarto. – Veja – continuou, apontando para um dos computadores montados no bar. – Isso é incrível!

Caminhei até lá e olhei para a tela. Nela eram exibidas fileiras de As, Cs, Gs e Ts, dispostos numa série aparentemente infinita de combinações, com manchas que pareciam um pouco com travessões correndo numa barra vertical que descia pelo lado direito da tela. Um aglomerado de cinco linhas de combinações e manchas estava realçado em amarelo.

– Ok, bem – falei. – Desculpe, professor, mas o senhor vai ter que...

– Você não faz ideia do que está olhando, faz? – perguntou ele, e eu balancei a cabeça. – Este é o genoma humano... o código genético presente em todos os seres humanos. E estas... – A mão dele tremia ao apontar para o aglomerado realçado. – São seções idênticas ao genoma parcialmente sequencializado do espécime aborígine.

– São idênticas?

– Exatamente. Não há erro... ou pelo menos nenhum que os computadores possam detectar. – O Dr. Al-Baz respirou fundo. – Está entendendo o que eu quero dizer? A hipótese está correta! A vida humana pode ter se originado em Marte!

Fiquei olhando para a tela. Até então eu não acreditava realmente em nada do que o Dr. Al-Baz falava; parecia muito improvável para ser verdade. Mas, agora que as provas apareciam à minha frente, percebi que estava olhando uma coisa que mudaria as bases da ciência. Não, não só a ciência... mudaria toda a história, forçando a humanidade a reconsiderar suas origens.

– Meu Deus – sussurrei. – Já contou para alguém? Na Terra, quero dizer.

– Não. Estou tentado a enviar uma mensagem, mas... não, preciso confirmar isso. – Ele caminhou até a janela. – Precisamos voltar – disse ele, mantendo a voz baixa porém firme ao olhar para as luzes da cidade e, além delas, para a vastidão escura do deserto. – Preciso de mais uma amostra de sangue, desta vez de um *shatan* diferente. Se a mesma sequência aparecer na segunda amostra, teremos certeza.

Um calafrio percorreu minhas costas.

– Não tenho certeza de que seja uma boa ideia. O chefe...

– O chefe nos disse que queria saber o que descobrimos. Vamos dizer a ele e explicar que precisamos de mais sangue... Só um pouquinho mais... De outro membro da tribo, para garantir que é verdade. – O Dr. Al-Baz se virou e olhou para mim. – É um pedido razoável, não é?

– Não acho que ele vá ficar muito feliz com isso, se você quer saber.

Ele ficou em silêncio por alguns momentos, pensando no que eu havia acabado de dizer.

– Bem... esse é um risco que nós vamos ter que assumir. Vou pagar a você novamente por outra viagem, se essa é sua preocupação... Na verdade, vou dobrar sua tarifa original. Mas preciso voltar o mais rápido possível. – Ele continuou a olhar pela janela. – Amanhã de manhã. Quero partir amanhã de manhã.

Minha cabeça estava começando a doer; parecia que lâminas cegas pressionavam minhas têmporas. Eu não devia ter bebido tanto. Devia ter recusado a oferta ali, naquele instante. Mas receber o dobro por mais uma viagem era uma ideia boa demais para não aceitar; eu precisava do

dinheiro, ele pagaria meu aluguel por dois meses. Além disso, eu estava bêbado demais para argumentar.

– Ok – respondi. – Partimos amanhã cedo.

Voltei para minha casa, tomei uma aspirina, tirei minhas roupas sujas, joguei uma água no corpo e caí na cama. Mas custei a dormir. Fiquei olhando para o teto enquanto pensamentos nada agradáveis rondavam minha mente.

O que o chefe faria quando Omar al-Baz dissesse que sangues *shatan* e *nashatan* eram muito parecidos e que nossas raças poderiam ter a mesma origem? Ele não ficaria satisfeito, isso era certo. Os aborígenes nunca quiseram manter relações com os invasores terráqueos; assim que nossas naves chegaram, eles recuaram para a vastidão selvagem. Foi por isso que eles se tornaram nômades...

Mas havia mudado, não é mesmo? O significado do que eu havia visto na aldeia subitamente ficou claro para mim. Aquela tribo não só construía casas permanentes, eles também estavam erguendo uma muralha. Isso queria dizer que planejavam permanecer no mesmo lugar por algum tempo e estavam tomando medidas de defesa. Eles cansaram de fugir de nós e agora se preparavam para lutar.

Até agora, os colonos humanos tinham ignorado os *shatan*, pensando neles como selvagens reclusos. Era melhor deixá-los em paz. Mas isso mudaria se os humanos passassem a acreditar que o *Homo sapiens* e o *Homo artesian* eram primos. De repente iríamos querer saber tudo sobre eles. Primeiro viriam mais biólogos como o Dr. Al-Baz, mais antropólogos como o Dr. Horner. Talvez não fosse tão ruim... Mas logo atrás deles viriam *todos os outros*. Historiadores, jornalistas, ônibus de excursão e safáris com câmeras, empreendedores na esperança de ganhar um trocado, missionários determinados a converter almas infiéis, magnatas do mercado imobiliário procurando terra de primeira na qual construir condomínios com uma bela visão daquelas peculiares aldeias aborígenes...

Os *shatan* não tolerariam algo assim. E o chefe sabia que isso era inevitável no momento em que o Dr. Al-Baz lhe contasse o que descobrira. Primeiro ele ordenaria que seus guerreiros matassem nós dois. E depois...

Imaginei os horrores que o futuro traria. Ondas e mais ondas de guerreiros *shatan* descendo sobre Rio Zephyria e as outras colônias,

determinados a expulsar os invasores de seu mundo de uma vez por todas. Ah, nós tínhamos armas superiores, isso é verdade... Mas eles ganhavam em número. Seria apenas questão de tempo antes que eles capturassem algumas de nossas armas e aprendessem a usá-las. Naves da Terra mandariam soldados para defender as colônias, mas a história não é gentil com possíveis conquistadores. Existiam duas possibilidades: ou eles nos mandavam embora, mesmo que devagar, ou cometeríamos genocídio, exterminando tribos inteiras e empurrando os poucos sobreviventes ainda mais para dentro do território selvagem.

De qualquer maneira, o resultado seria horrível. A guerra chegaria ao mundo batizado com o nome de um deus da guerra. Sangue vermelho cairia sobre areia vermelha, tanto de humanos quanto de marcianos.

Uma tempestade se aproximava. Mas lembrei de uma tempestade diferente e soube o que devia fazer.

Dois dias depois fui encontrado cambaleando para fora do deserto, todo coberto de areia vermelha, do cabelo até as botas. O único local que não estava vermelho eram as manchas pretas ao redor dos meus olhos, onde ficavam os óculos de proteção. Eu estava desidratado e exausto a ponto de delirar.

E estava só.

Ironicamente, as pessoas que me resgataram eram outro guia e a família de Minneapolis que ele havia levado para o deserto nos arredores de Rio Zephyria. Pouco me recordo do que aconteceu depois que desabei a seus pés e precisei ser carregado para o Land Rover do guia. Só lembro com clareza do gosto doce da água em minha boca rachada, de uma garota adolescente olhando para mim com olhos azuis angelicais ao colocar minha cabeça no seu colo e da volta longa e cheia de percalços até a cidade.

Eu ainda estava no leito de hospital quando a polícia veio me ver. A essa altura já me recuperara o bastante para lhes dar um relato claro e razoavelmente plausível do acontecido. Como qualquer boa mentira, aquela estava embasada na verdade: o violento *haboob* que baixou de repente sobre nós nas colinas no deserto. O impacto que senti quando, cegado pela areia trazida pelo vento, bati em uma pedra, o que fez o jipe capotar. Como o Dr. Al-Baz e eu escapamos dos destroços, apenas para nos

perdermos um do outro. Como eu consegui encontrar abrigo na lateral de um pináculo. E como o professor se perdeu na tempestade, para nunca mais ser visto.

Era tudo verdade, cada palavra. Eu só precisava deixar algumas coisas de fora, como o fato de ter deliberadamente dirigido para o deserto, mesmo sabendo que um *haboob* se aproximava, ou que, mesmo depois que vimos a neblina escarlate se erguer no horizonte a oeste, insisti em continuar em direção ao sul, enquanto dizia ao Dr. Al-Baz que conseguiríamos ultrapassar a tempestade. Os policiais nunca souberam que eu fora cuidadoso o suficiente para levar comigo um par de óculos e um lenço, e que me certificara de que o professor não tomasse as mesmas precauções. Tampouco souberam que eu mirei aquela pedra, muito embora pudesse ter desviado com facilidade.

Desabei ao falar sobre quando ouvi Omar al-Baz gritar meu nome, quando ele tentou desesperadamente me encontrar enquanto o ar era preenchido por areia vermelha que espetava a pele e a visibilidade se reduzia a poucos centímetros. Isso também era verdade.

O que eu não disse foi que o Dr. Al-Baz chegou a ficar a 3 metros de onde eu me abrigara, com meus olhos cobertos por óculos e um lenço enrolado na parte de baixo do meu rosto. E mesmo assim permaneci em silêncio ao ver sua forma indistinta passar por mim com passos arrastados, braços esticados cegamente à frente, sufocando devagar com a areia que enchia seu nariz e sua garganta.

Minhas lágrimas eram honestas. Eu gostava do professor. Mas o que ele sabia o tornava perigoso demais.

Minha história funcionou. Quando a equipe de busca saiu para o deserto, localizou meu jipe capotado. O corpo de Omar al-Baz foi encontrado a cerca de 15 metros, virado de rosto para baixo e coberto por vários centímetros de areia. Nossas pegadas foram apagadas pelo vento, claro, então não havia como dizer quanto o professor estivera perto de mim.

Isso acabou com qualquer dúvida dos policiais. A morte do Dr. Al-Baz foi acidental. Eu não tinha motivo para matá-lo, não existia nenhuma prova de crime. Se eu era culpado de alguma coisa, era apenas de comportamento irresponsável e tolo. Minha reputação profissional estava manchada, mas isso era tudo. A investigação foi oficialmente concluída no dia em que recebi alta do hospital. Nesse momento, percebi duas coisas:

eu me livraria da acusação de assassinato, mas meu crime estava longe de ser perfeito.

O Dr. Al-Baz não havia levado o sangue do chefe ao sair do hotel. Ele ainda estava no quarto, junto com todo o equipamento do professor. Isso incluía os computadores que ele usara para analisar a amostra; os resultados estavam salvos ali, e as notas que ele tomou, também. Na verdade, o professor só havia levado a chave do quarto... e eu não pensei em pegá-la quanto tive a chance.

Não pude voltar ao quarto do hotel; qualquer esforço para entrar teria despertado suspeitas. Só pude ficar olhando do saguão quando, dois dias depois, os carregadores tiraram de lá um carrinho com as caixas de equipamento que seguiriam para o espaçoporto e embarcariam no ônibus espacial que as levaria para um cruzador marciano estacionado na Estação Deimos. Em poucos meses o material do professor estaria de volta nas mãos de seus amigos da universidade. Eles abririam os arquivos digitais, inspecionariam o que seu colega falecido havia aprendido e examinariam a amostra de sangue que ele havia coletado. E então...

Bem. Daí teremos que pensar em alguma coisa, não?

Agora fico sentado sozinho no bar do meu bairro. Bebo e espero a tempestade chegar. E nunca mais irei para o deserto.

O PATINHO FEIO

MATTHEW HUGHES

Matthew Hughes nasceu em Liverpool, Inglaterra, mas passou a maior parte da vida adulta no Canadá. Antes de se dedicar exclusivamente à ficção, ele trabalhou como jornalista, redator de discursos para o Ministério da Justiça e do Meio Ambiente do Canadá, e redator de discursos políticos e corporativos em geral. Com forte e clara influência de Jack Vance, Hughes ficou conhecido pelas aventuras do mestre dos criminosos Luff Imbry, da Velha Terra. O personagem vive na era logo anterior à de *The Dying Earth*, em uma série de romances e novelas que inclui *Fools Errant*, *Fool Me Twice*, *Black Brillion*, *Majestrum*, *Hespira*, *The Spiral Labyrinth*, *Template*, *Quartet and Triptych*, *The Yellow Cabochon*, *The Other* e *The Commons*, e as coletâneas de contos *The Gist Hunter and Other Stories*, *9 Tales of Henghis Hapthorn* e *The Meaning of Luff and Other Stories*. Seus livros mais recentes são os romances de sua trilogia de fantasia urbana, *To Hell and Back: The Damned Busters*, *Costume Not Included* e *Hell to Pay*, além de *Of Whimsies & Noubles*. Ele também escreve livros policiais sob o nome Matt Hughes e romances baseados em filmes e jogos sob o nome Hugh Matthews.

A história a seguir se passa no outono e ele nos mostra que cada um vê o planeta Marte da forma que deseja ver... mas talvez acabe tendo o Marte que mereça.

Fred Mather levou quase uma hora para atravessar as colinas azuis que ficavam entre o acampamento da base e a cidade de ossos. No ponto mais alto da antiga estrada, cheia de curvas e coberta com pedras brancas esmigalhadas, o rarefeito ar marciano ficou ainda mais difícil de respirar. Ele precisou pausar longamente para respirar fundo e encher os pulmões, e pontos pretos dançavam nos limites de sua visão. Ainda assim ele se preocupava em guiar o jipe da New Ares Mining Corporation perto de um dos precipícios.

Ele podia ter chegado lá mais rápido e com mais segurança se ladeasse o leito seco do canal até onde este fazia uma curva para desembocar no mar com piso de vidro; depois disso ainda precisaria percorrer 30 quilômetros através da poeira que cobria o local. Só então chegaria ao cabo formado por penhascos que não sentiam uma onda marítima havia dez mil anos. As torres da cidade morta se erguiam como um enigma não resolvido, brancas contra o céu que escurecia.

Dos dois lados da estrada que contornava a cidade se enfileiravam estruturas baixas, sem janelas, mas com velhas portas em arco feitas de bronze. Ele se perguntava se seriam tumbas – ninguém sabia ainda o que os marcianos haviam feito com seus mortos – quando o rádio portátil no banco do carona apitou e a voz de Red Bowman soou:

– Base para Mather, câmbio.

Ele pegou o rádio, apertou o botão do microfone e respondeu:

– Mather, câmbio.

– Como estão as coisas? – perguntou o chefe da equipe. Mather achou ter ouvido uma nota de desconfiança na voz do homem.

– Estou entrando na cidade agora mesmo.

Houve um silêncio, então o chefe falou:

– Que diabos você estava fazendo? Você já devia estar aí há uma hora.

- Eu peguei a estrada da colina.
- Por quê, droga?
- Achei que podia ser mais rápido. Parecia mais curta no mapa.

Mather estava mentindo. Ele não usara a estrada do canal porque não queria encontrar outro veículo. Quis, ainda que por pouco tempo, ser capaz de fingir ser o único terráqueo em Marte em vez de apenas o único arqueólogo.

A estática do rádio gritou em seu ouvido:

– Temos um cronograma a cumprir, imbecil! Agora vá plantar esses transponders e volte para cá imediatamente.

Bowman não dissera “câmbio” e Mather estava se preparando para confirmar e desligar quando o chefe da equipe continuou:

– E volte pelo leito do mar. Se quebrar esse jipe, vai voltar para a Terra no próximo foguete, sem receber nenhum centavo!

– Entendido, câmbio final.

Mather guardou o rádio de volta no lugar e dirigiu até um portal feito de dois pilares de ossos esculpidos como espirais gêmeas. O caminho levava até uma pequena praça cercada por prédios brancos de dois andares, com paredes salpicadas por portas estreitas e fendas que faziam as vezes de janelas.

Os marcianos tinham sido criaturas graciosas, de ossatura delicada, pele marrom e olhos dourados, embora quase sempre usassem máscaras quando em público: prata ou azul para os homens, carmesim para as mulheres, dourada para as crianças. Na Terra, Mather tinha visto as imagens que as primeiras expedições gravaram a distância. Ainda não se sabia por que elas haviam fracassado. Não existiam imagens dos marcianos após o contato com os terráqueos, pois, entre o terceiro e o quarto pousos, doenças às quais eles não tinham resistência, vindas da Terra, mataram quase todos em poucas semanas. Eles ressecaram até a pele assumir a consistência de folhas, e os ossos, de gravetos; os pisos das casas de Marte estavam atulhados com esse material.

Mather teria adorado conhecer um marciano, embora soubesse que eles podiam ser estranhos. Entre os acadêmicos prevalecia a opinião de que eram telepatas, com cérebros que funcionavam como uma espécie de “senso comum”.

Ainda se ouviam histórias sobre marcianos sobreviventes, avistados a distância em lugares remotos, como as colinas azuis atrás dele. Foi

também por isso que Mather escolheu aquele caminho, só para fazer uma tentativa.

Sentado no jipe, ele olhou longa e lentamente para tudo que podia avistar da cidade. “Antes de mergulhar nos detalhes, consiga uma boa visão geral”, seu orientador de doutorado costumava dizer, “pois assim os detalhes formarão rapidamente um padrão e você vai poupar o trabalho de correr por um monte de becos sem saída.”

A praça só tinha um objeto digno de nota. No centro do espaço aberto que o cercava havia uma grande estrutura circular: quatro anéis concêntricos ascendentes feitos de material branco (provavelmente ossos). Não era sem motivo que a cidade morta era chamada de “cidade de ossos”.

Mather podia ver um cano de bronze se destacando do menor e mais alto círculo. Dele teria fluído água para alimentar o primeiro dos quatro círculos, escorrer pelas laterais e preencher os outros. Naturalmente, nem uma gota de líquido havia umedecido o objeto em milênios: acreditava-se que aquela parte de Marte fora abandonada havia dezenas de séculos, depois que os mares desapareceram e as chuvas suaves, que esculpiram gentilmente as colinas, cessaram de descer para a água verde.

Após terminar sua inspeção, Mather desceu do jipe, enganchou o rádio no seu cinto e se aproximou do primeiro prédio. A porta estava entreaberta, mas ele precisou empurrá-la até o final para conseguir se espremer pela entrada estreita. Descobriu que estava em um foyer circular, com paredes de ossos decoradas a partir de incisões cobertas com linhas de cobre que outrora deveriam ter sido reluzentes, mas agora eram de um verde embaçado.

Algumas das linhas eram curvas; outras, retas. Elas se encontravam em ângulos estranhos e de algum modo contribuía para atrair o olhar de Mather ao que pareciam ser formas tridimensionais. O silêncio na cidade morta ficara ainda mais profundo. Ele continuou olhando e, enquanto tentava entender as formas que emergiam da matriz, as linhas se moveram por conta própria. Mather começou a sentir uma vertigem cada vez maior. Num momento, ele estava olhando para uma distância infinita; no instante seguinte, estava para cair dentro dela.

Levou as mãos aos olhos e as deixou ali enquanto contava devagar até dez. Quando as retirou, olhava novamente para linhas de cobre azinhavradas incrustadas em ossos. Mas elas logo recomeçaram sua atração. Ele abaixou os olhos para o chão e viu um mosaico em espiral de

azulejos dourados e prateados, tapados e semiobscurcidos pelo pó que havia entrado aos poucos pela porta. Pelo menos aquilo não se moveu.

O rádio sibilou e apitou mais uma vez.

– Base para Mather – disse a voz de Bowman. – Não estamos recebendo nenhum sinal de transponder.

Ele saiu.

– Já estou na cidade, só estou procurando os melhores pontos – respondeu.

Os bancos de trás do jipe haviam sido retirados para dar lugar a uma grande caixa de madeira com tampa afixada por dobradiças de metal. Em seu interior, aninhados em palha, dezenas de pequenos objetos oblongos e pretos, cada um deles um transponder de rádio com uma antena de aço retrátil no topo e uma chave liga-desliga vermelha.

O trabalho de Mather era colocar os dispositivos numa espécie de grade. Ao posicionar cada um, ele deveria colocar a chave na posição *liga*. Os transponders transmitiriam sinais que delineariam a cidade antiga e enviariam as informações para o cérebro eletrônico de uma enorme máquina de rastreamento que naquele exato instante estava sendo lentamente transportada do acampamento-base até o leito seco do mar. Naquela noite um grande transportador com várias rodas a estaria esperando no leito e ela seria içada e depois colocada sobre ele. No dia seguinte ela percorreria lentamente o resto do caminho até a cidade dos ossos e seria descarregada na base de uma rampa que levava até a escadaria da qual acreditava-se que os antigos marcianos um dia haviam lançado seus barcos reluzentes.

O leviatã entraria desajeitado na cidade, lançaria suas garras hidráulicas e começaria a enfiar a cidade dos ossos, pedaço por pedaço, dentro de sua mandíbula mecânica. Ele iria esmigalhar a cidade, casa a casa, separando metal e pedra do material orgânico com o qual os marcianos haviam construído o lugar. A pedra sem valor seria cuspidada e o metal, compactado e excretado como fezes cúbicas.

O metal tinha valor, mas o que importava mesmo eram os ossos. Eles seriam pulverizados, ensacados e empilhados em um trailer que fora acoplado logo atrás do leviatã. Quando o trailer ficasse cheio, seria desacoplado e outro entraria em seu lugar. Em seguida o trailer carregado

seria preso a um trator e o veículo de oito rodas partiria pelo mar seco até encontrar a rede de estradas e canais marcianos. De lá iria até uma das recém-construídas cidades terráqueas. Elas eram cercadas por fazendas cujo solo ainda não havia chegado a seu pleno potencial, mesmo depois de ficar por milhares de anos em repouso.

Os ossos moídos das cidades marcianas fertilizariam as colheitas que alimentariam as dezenas de milhares de terráqueos que chegavam todos os meses pela frota de foguetes prateados que continuava a cruzar o abismo negro entre os mundos.

Mather chegara recentemente. Como arqueólogo, não conseguia financiamento para ir a Marte. O novo velho mundo precisava de pioneiros ousados, não de acadêmicos quatro-olhos, foi o que lhe disseram. Arqueólogos eram contrários à destruição das antigas cidades marcianas, por isso a empresa tomava cuidado para não deixar nenhum deles chegar perto delas.

Mather inventou um currículo que não seria aceito se a empresa fizesse uma rápida checagem de dados, mas a New Ares Mining Corporation tinha contratos lucrativos a cumprir e estava desesperada para encontrar homens que minerassem as cidades de ossos. Mather conseguiu vaga no foguete seguinte.

A viagem foi longa e ele teve pouco espaço no foguete. Os homens com os quais iria trabalhar logo deduziram que Fred Mather não viera, como eles, das minas de carvão do Kentucky nem dos poços de petróleo do oeste do Texas. Suas mãos eram muito macias e seu pescoço não era duro o bastante. O chefe da equipe, Red Bowman, veterano das jazidas de ouro do Alasca, o classificou como um rapaz da cidade num trabalho que não podia perder tempo com novatos.

Mather trabalhava rápido, cobrindo a cidade a pé e colocando os transponders em locais marcados no tosco mapa feito a partir de uma fotografia aérea tirada por um foguete da New Ares. Duas horas depois de começar, apertou o botão do último dispositivo e voltou até o jipe.

Levantou o capô, tirou a tampa do carburador e deixou cair uma pitada de terra marciana no seu cano. Em seguida falou com a base através do rádio dizendo que o veículo não estava funcionando direito e que ele

suspeitava de terra no carburador ou no tubo de combustível, por isso passaria a noite na cidade e consertaria a peça defeituosa pela manhã.

– Eu não quero arriscar virar o jipe voltando no escuro. Ouvi dizer que essas estradas podem congelar muito feio.

Bowman estava na pausa do jantar. O operador de rádio respondeu:

– Entendido. Falo com você amanhã. Base desliga.

À luz do sol que ia se pondo, Mather procurou embaixo do banco da frente do jipe a bolsa que continha seu bloco de notas e uma lanterna pesada.

– Ok – disse a si mesmo. – Vamos ver o que conseguimos fazer.

De nada adiantava dizer aos diretores e acionistas da New Ares Mining Corporation que as cidades de ossos de Marte não poderiam ser reduzidas a valores monetários. Os contadores e engenheiros da New Ares já haviam calculado: as cidades estavam livres para serem tomadas e só os lucros da mineração já começariam na casa das dezenas de milhões e subiriam rapidamente para as centenas. Era possível que, se mais cidades de ossos fossem encontradas, o lucro da New Ares chegasse a um bilhão.

– Imagine – dissera um dos colegas de trabalho de Mather durante a viagem, enquanto balançavam lado a lado em suas redes no convés de passageiros. – Um bilhão de dólares. Nós vamos ser parte disso.

– Pois é – respondera Mather. – Imagine só.

Grande parte das cidades marcianas fora construída de pedra e metal, vidro e cristal. Os marcianos projetaram as cidades para que a água corresse através de canais nos pisos – para esfriar os aposentos e, teorizou Mather, seus pés finos – e fizesse frutos crescerem de modo hidropônico nas paredes.

Mas, em algumas partes do planeta, existiu uma moda – talvez fosse uma exigência ritual – de construção com ossos. Arquitetos marcianos haviam projetado casas com paredes e pisos feitos com finas lâminas de osso. Provavelmente esse material proviesse da parte externa das ossadas de gigantescas criaturas marinhas. Às vezes, grandes costelas e fêmures eram usados como partes estruturais, raspados ou arredondados até alcançarem as dimensões necessárias, frequentemente esculpidos de forma ornamental em pilares ou dintéis. E uma quantidade ainda maior do

material havia sido esmagada até se tornar pó, depois agregada a limo queimado para criar um concreto durável para estradas e degraus de escadarias.

A construção com ossos gerava casas que ficavam cheias de uma luz difusa e aerada que não lançava sombras. O material era poroso e, assim, os apo sentos eram arejados, muito embora as janelas fossem estreitas e seladas com persianas de bronze. As paredes também isolavam o som; Mather imaginava que as conversas em salas marcianas deviam ser abafadas e até mesmo os gritos e a bagunça das crianças de olhos dourados deviam ser suavizados.

Ele escolheu casas aleatoriamente, atravessando corredores e espiando os cômodos. Tudo estava vazio, os habitantes haviam recolhido seus pertences com calma. Vez por outra, encontrou alguns itens abandonados: mais ossos, duas molduras de metal que resistiram melhor ao tempo do que as partes de madeira havia muito transformadas em pó.

No canto de um quarto num andar de cima, ele encontrou uma mesa feita de osso, sobre a qual repousava uma série de livros marcianos. Ele já ouvira falar desses objetos: folhas de prata fina com símbolos serpenteantes de tinta azul permanente. Ninguém sabia lê-los; embora se dissesse que alguém um dia havia conseguido e enlouquecera. As mortes subsequentes foram abafadas.

Mather folheou os livros mas não conseguiu tirar deles nada além do fato de que eram muito bonitos. Ficou olhando para uma página por quase um minuto, esperando para ver se seria atraído para dentro dos padrões sinuosos assim como acontecera com o desenho da parede, pronto para largar o livro se algo estranho acontecesse. Mas nada aconteceu. Por fim, colocou os artefatos em sua bolsa – uma violação consciente das regras de seu emprego – e saiu.

A cidade descia gradualmente por uma encosta até o lugar onde fora o mar. Bem na extremidade da rocha os marcianos haviam construído uma praça enorme, dessa vez sem fonte. O piso era feito com milhares de minúsculos azulejos, cujas cores brilhantes agora estavam pálidas, desbotadas pelo sol. As faixas de azulejo formavam ondas, navios e mares, azul contra bronze, e cercavam uma enorme criatura marinha com olhos imensos e cauda triangular.

Um lance amplo de degraus (feito de concreto de osso) levava do espaço aberto até o antigo porto, onde dois molhes curvos cercavam uma

bacia que se abria para o mar através de uma pequena brecha, apenas suficiente para dois dos veículos marcianos estreitos e polidos passarem simultaneamente.

Os edifícios que ficavam na beira do espaço aberto eram maiores que as casas nas quais ele havia entrado até então. As portas, amplas e feitas de metal entre pilares esculpidos em osso, eram cobertas por uma escrita sinuosa em baixo-relevo. Ao contrário das outras casas, essas estavam todas fechadas.

Era natural que a imaginação de um arqueólogo viajasse quando defrontada com o comportamento inexplicável de povos desaparecidos. Mather supunha que esses prédios maiores tivessem sido edifícios públicos. Será que os marcianos, no dia em que abandonaram seus lares, observaram algum ritual que decretava que suas portas deveriam permanecer abertas para sempre? Existia alguma exigência de fechar as entradas de edifícios públicos?

Ele não sabia e provavelmente jamais saberia, mas, quando voltasse à Terra, gostaria de especular sobre isso nas revistas acadêmicas; seria o único de sua área a ter feito o trabalho de campo. Foi nesse estado de ânimo, um frisson de expectativa, que Fred Mather segurou as maçanetas de um par de portas de bronze e as puxou.

As portas se abriram com facilidade e ele entrou em um espaço amplo e bem iluminado. Era um aposento de teto alto, com a cúpula feita de um osso mais fino, de modo que uma iluminação translúcida caía sobre os degraus que serviam de assentos e circulavam o ambiente, descendo a partir da porta. No meio do anfiteatro, elevando-se do chão, havia um grande cubo de pedra branca um pouco mais alto do que a fileira de assentos superior.

Mather desceu os degraus e pôde examinar a superfície do bloco, entalhada com um desenho complexo em cobre azinhavrado, da mesma forma que a parede na primeira casa em que havia entrado. A coisa atraiu seus olhos de forma tal que seus passos começaram a hesitar. No meio da descida, parou e se sentou. Dessa vez iria estudar o efeito. Afastou os olhos, pegou seu bloco de anotações, soltou a caneta que estava presa na espiral de arame e respirou fundo.

Então tornou a olhar para o cubo. Assim como antes, descobriu que, não importava em qual parte do desenho ele se concentrasse, seu olhar era atraído para o centro. Bruscamente, o padrão bidimensional ganhou

proximidade: em vez de olhar *para* alguma coisa, ele agora estava espiando *para dentro* dela.

Incapaz de desviar o olhar, colocou o braço sobre os olhos e tentou restringir sua visão enquanto fazia rápidas anotações sobre esse efeito. Depois de um tempo, levantou um pouco a cabeça para ver se conseguia esboçar o padrão de verde sobre branco, mas logo o efeito de atração voltou, ainda mais forte, e ele precisou bloquear a visão novamente para fazer mais anotações.

Dentro da bolsa, o rádio apitou. Ele não prestou atenção, continuou a escrever. A voz de Red Bowman veio, rouca e incongruente naquele espaço marciano:

– Base para Mather, câmbio.

O arqueólogo ignorou o chamado e continuou a fazer anotações. Tinha a sensação de que estava para descobrir algo novo e surpreendente, adquirir algum conhecimento transformador para o qual diria, no começo, “Que incrível!”, seguido quase imediatamente de “Mas é claro!”.

A voz de Bowman voltou a interrompê-lo. Mather enfiou a mão na bolsa para desligar o rádio, mas um lampejo momentâneo de astúcia deteve sua mão: se não respondesse, poderiam pensar que estava ferido; se achassem que estava ferido, poderiam vir em seu socorro; se viessem, o levariam embora de... de seja lá o que estivesse para preenchê-lo com...

– Base para Mather, você está bem?

Ele pressionou o botão do microfone.

– Mather para base. O que foi?

– Por que demorou tanto?

A mentira veio fácil:

– Eu estava limpando o carburador. Queria tirar a sujeira das mãos antes de pegar o rádio.

Silêncio. Ele podia imaginar o chefe da equipe digerindo a informação, filtrando-a através da indisfarçável desaprovação que tinha do novato, uma desaprovação impessoal que se estendia a todos os caras como ele, com suas mãozinhas suaves, suas palavras e frases compridas. Bowman provavelmente suspeitava que pessoas como ele guardavam em segredo livros que deviam ter sido queimados nas grandes fogueiras – o chefe tinha memórias de infância delas. Fora na mesma época em que o governo havia apagado as mentes de muitas pessoas.

Por fim, Bowman disse:

– Podemos ter problemas para fazer a colheitadeira descer a rampa do leito do mar amanhã. Ela é mais íngreme do que parecia. Então não vamos conseguir chegar na hora.

– Ok – disse Mather. – Tudo bem.

– Mas nós todos vamos ficar presos aqui com isso. Então, se não conseguir fazer o jipe funcionar, ninguém vai aí apanhar você.

– Ok.

– Nem levar comida ou água para você.

Mather deu de ombros.

– Tenho sanduíches e um galão de água. Eu me viro.

– Você é quem sabe – disse Bowman. – Eu não gostaria de passar muito tempo num desses lugares. As pessoas têm visto fantasmas.

– Fantasmas não me incomodam – disse Mather. – Câmbio e desligo.

Desligou o rádio e o colocou de volta na bolsa. Terminou metodicamente suas anotações. Durante todo esse tempo ele protegera os olhos do cubo com figuras. Então respirou fundo e disse:

– Ok, lá vamos nós.

Abaixou o braço. O padrão pareceu se estender em sua direção. Um pequeno suspiro involuntário escapou de sua garganta:

– Ah...

Era a noite do Toque do Mar. Ele havia convidado os vizinhos para jantar antes de descerem para a reunião no alto do porto. Sua esposa cozinhou carne e a serviu em pratos dourados, sentaram-se no pátio interno, em cadeiras de osso, e beberam o vinho frutado de suas árvores.

A conversa era calma e suave. Os dois casais eram amigos e vizinhos. Falaram de pessoas que conheciam; os maridos compararam suas expectativas para as caçadas da estação seguinte nas colinas; as esposas discutiram as peças que planejavam ver, em grande parte clássicas, embora estivessem ansiosas pelo novo trabalho de um dramaturgo do outro lado do mar que ganhara reputação ao estimular deliberadamente a plateia.

Quando a refeição acabou e o último brinde foi feito, desceram até o festival, passaram por ruas escuras iluminadas por tochas de cristal e cheias de gente de olhos dourados em roupas de festa. Ninguém usava máscara naquela noite; não era tempo de seriedade.

A praça à beira-mar estava lotada. Toda a cidade comparecera; os mais velhos recebiam lugares nos degraus dos prédios ao redor, os mais jovens montavam nos ombros dos pais, para que todos pudessem testemunhar o Toque. Uma trupe de músicos tocou o hino do festival e a multidão começou a balançar, cantarolando a antiga canção.

Quando as últimas notas morreram, todos se voltaram na direção do porto. Os barcos que normalmente ocupavam a maior parte da bacia circular haviam sido puxados para os lados, amarrados a anéis de bronze presos nas pedras dos molhes ou uns aos outros, de modo que um amplo canal se abrisse desde o pé da escada até a brecha no quebra-mar.

Um músico fez soar um tom plangente de sua harpa. A multidão avançou em um movimento único. Agora um som que era algo entre um suspiro e um gemido saía de cada garganta. Ele se misturou e se tornou uma única nota comum, se elevando não em volume, mas em intensidade. E encheu a praça como uma neblina invisível e foi descendo as escadas, atravessando o porto e seguindo pelo mar. O som carregou um único pensamento.

Minutos se acumularam, se tornaram quase uma hora, o som continuamente se derramando da multidão, o pensamento unificando todos. Então, logo além da entrada do porto, o mar de verão sem ondas ondulou duas vezes. Uma cauda triangular se levantou e bateu suavemente na superfície. Costas escuras e reluzentes apareceram e depois sumiram, apenas para surgirem mais uma vez no canal entre os barcos.

A canção monocórdia se intensificou. Olhos dourados brilharam à luz das tochas. A pressão criou uma onda que perpassou pela superfície da bacia e molhou os degraus inferiores. Quando a água desceu, o mar se abriu. Uma cabeça com boca larga rompeu a superfície, seus olhos do tamanho de pratos, embora não fossem dourados e lembrassem ônix com anéis de prata.

A cauda da fera marinha se debatia, fazendo com que a cabeça e as nadadeiras dianteiras saíssem da água e subissem os degraus do porto. A multidão cantava através de gemidos cada vez mais altos, o pensamento unificado ficando cada vez mais imperativo. A cauda afundou, arranhando o piso da bacia; o corpo sinuoso se curvava e se endireitava, e, enquanto a água corria de sua pele escura e estriada de volta para o mar, a criatura invocada se forçou a subir os degraus, até sua cabeça tocar os azulejos da praça.

Fez-se silêncio. As mulheres levaram as crianças para se juntarem aos velhos, enquanto os homens desciam os degraus para ficarem ao lado da fera marinha. O céu estava escuro e as estrelas pareciam fragmentos de ossos. O harpista fez soar outra corda. Em um movimento coordenado, os homens puxaram suas facas curvas e aguardaram a nota final.

Fred Mather acordou e se viu numa escuridão quase total, no topo das escadas acima do porto seco. As estrelas e as duas pequenas luas forneciam luz suficiente apenas para mostrar a cidade de ossos como uma pálida neblina vista dos cantos de seus olhos, mas olhando para a frente, ele não conseguia ver quase nada. O céu estava tão escuro quanto havia estado na visão, mas perto do horizonte ele podia ver a pequena esfera verde que era a Terra. Não sabia por quanto tempo ficara em pé no topo dos degraus, mas havia sido o bastante para o vento que vinha do leito do mar morto deixá-lo com frio. Estremecendo, esfregou a pele arrepiada dos antebraços nus.

Precisava fazer anotações. Foi tateando para voltar até o anfiteatro e o assento onde havia deixado a bolsa. O bloco de notas não estava lá, mas a lanterna, sim. Com seu feixe intenso de luz, ele achou o bloco espiral do lado de fora. Estava caído no chão azulejado da praça, cobrindo o olho do mosaico da criatura do mar. Foi até lá e o pegou, e encontrou a caneta a alguns metros.

Mas, ao se sentar num degrau para escrever à luz da lanterna, o ato de fazer as marcas de tinta no papel lhe pareceu levemente ridículo. As linhas azuis nem sempre se transformavam em palavras; elas viviam se transformando em meros rabiscos, como se sua habilidade de ler estivesse indo e vindo.

Sua mente continuava voltando ao festival: a morte da fera marinha, a solene retirada de sua carne e o acondicionamento dos pedaços pingando de sangue em retângulos de tecido que as mulheres levaram, as pessoas voltando para casa, deixando os ossos da criatura para serem processados por aqueles que haviam merecido aquela honra.

E mais uma coisa. Mather não entendia como, mas sabia que aquele Toque havia sido o último, que não havia mais feras para serem chamadas. Lutou para colocar esse conhecimento em palavras e depois transpor as

palavras em letras de tinta azul rabiscadas em papel. Mas a habilidade de escrever sumira dele.

Por fim, abandonou o esforço e voltou com a lanterna até o anfiteatro. Uma espécie de instinto lhe disse para se sentar em outra parte do grande salão e examinar outro lado do cubo. Ele encarou sua matriz de linhas escavadas e instantaneamente se sentiu caindo em...

Eram quatro, todos amigos de infância, agora chegados à maturidade. Haviam treinado duro, desafiando, incentivando, provocando um ao outro. Tinha funcionado: ganharam os jogos anuais e receberam a honra de ser o primeiro grupo de caça a ir até as colinas azuis acima da cidade de ossos.

Corriam um atrás do outro ao longo de uma trilha que haviam usado na infância, mas agora era para valer. Conheciam cada curva e dobra do terreno, as cordilheiras, os morros e vales, e também sabiam que existia um determinado lugar em que os pássaros se abrigavam durante o dia, emergindo ao crepúsculo para iluminar o céu noturno com seus riscos cintilantes e suas trilhas de fogo, faíscas caindo como neve vermelha.

Era uma entrada de caverna alta e estreita, onde o solo se abrira um milhão de anos antes. Mas o traçado do terreno era tal que a fenda ficava quase invisível a menos que se olhasse a partir de um ângulo muito preciso. Os quatro homens conheciam aquele ângulo, conheciam a câmara que se alargava atrás da fenda. Ali, os pássaros estariam dormindo, aninhados no chão como uma poça de brasas quase apagadas, farfalhando e respirando juntos.

Os quatro caçadores se esgueiraram até a boca da fenda, redes a postos. Ainda um atrás do outro, raspavam costas e peitos contra a pedra áspera – tinha sido mais fácil quando eram crianças – e entraram sorrateiros na caverna. Em silêncio, a respiração controlada, cercaram as presas adormecidas. Então, a um sinal do mais velho, lançaram as redes em uma sequência pré-combinada.

Os pássaros acordaram quando a primeira rede caiu e se levantaram com rapidez, como se fossem um só animal, levando a rede para o alto. Mas a segunda, com pesos nas pontas, caiu e o movimento dos pássaros foi reduzido. Vieram a terceira e a quarta redes. Eram muito pesadas e se sobrepunham, densas demais para serem atravessadas, e as criaturas caíram ao chão com um som de lamento. Empolgados, os caçadores

juntaram com cuidado as bordas das redes e fizeram um saco cuja boca amarraram rapidamente com cordas metálicas.

Os pássaros, pressionados até formarem uma esfera, farfalhavam uns sobre os outros, como um sol fervilhante dourado e vermelho. Os homens usaram suas armas para ampliar a fenda e gentilmente levaram os pássaros cativos para a luz do sol. As criaturas deixaram claro o seu desprazer, mas os caçadores cantaram o hino tradicional de consolo com suas promessas de respeito e bom tratamento.

Os pássaros se aquietaram, apaziguados pelas promessas ou pelo ritmo da canção. No ponto em que a estrada branca deixava as colinas e descia até a cidade, os homens se separaram para limpar suas roupas e tirar delas qualquer poeira ou detrito. Então colocaram os pássaros enredados sobre as cabeças, como um halo coletivo, e, andando a passo medido, fizeram seu retorno triunfante.

Antes de chegarem à metade do caminho, as pessoas já estavam saindo para saudar cantando a volta deles.

A canção ainda ecoava na mente de Mather quando ele voltou para o presente. Não ficou surpreso por se encontrar do lado de fora do portão na parte de terra da cidade. De algum lugar atrás da silhueta amarrotada das colinas, o sol encolhido tornava cinzento o céu marciano, fazendo com que a estrada de pedra brilhasse de forma fantasmagórica a seus pés.

Dessa vez ele sequer pensou em escrever. Virou-se e caminhou devagar – estava incrivelmente cansado – pela cidade morta, de volta à praça do porto. Embora não tivesse comido nem bebido havia algum tempo, passou pelos sanduíches e pela lata de água no jipe sem reparar neles.

– Ele está só desidratado – disse o sujeito que tinha treinamento em primeiros socorros. – Aqui o ar é tão seco que, se você esquecer de continuar bebendo, pode começar a ficar tonto muito rápido.

– Dê outra caneca para ele – disse Bowman – e depois o ponha na sombra.

Eles encontraram Mather caído de cara para baixo nos azulejos da praça do porto quando o caminhão que carregava a máquina mineradora chegou no fim da tarde do segundo dia. Agora, enquanto Bowman folheava

o bloco de notas que havia encontrado não muito longe do homem desmaiado, entendeu por que Mather não respondia suas chamadas de rádio desde a véspera.

A maior parte eram rabiscos ilegíveis, mas algumas palavras se destacavam – *comunitário, ritual, ligação* – o suficiente para confirmar a antiga suspeita do chefe da equipe de que Mather era mais um daqueles intelectuais cabeludos que vinham todos loucos por Marte e saíam dali pensando que haviam encontrado... O quê? Bowman não fazia ideia de que tipo de tolice enchia uma cabeça como a de Mather. E nem queria saber.

Ele foi até o topo dos degraus do porto e jogou o bloco de notas na frente de onde as lagartas dianteiras do leviatã mecânico já estavam. O exaustor da máquina arrotou fumaça preta quando o operador acelerou, ela começou a subir, os degraus de osso se quebrando e virando pó sob o metal. A lagarta da direita alcançou o bloco de Mather e o fez em pedaços.

Bowman ficou olhando para se certificar de que a máquina mineradora estava indo na direção para a qual havia sido projetada. Quando ela alcançou o topo e esmagou os tijolos, estilhaçando-os, ele ordenou ao operador que saísse e entrou no compartimento de controle. A tela da máquina se iluminou, verde sobre preto, mostrando uma grade baseada em pontos brilhantes: os transponders que Mather havia colocado, felizmente antes de ficar maluco no deserto, como Bowman ouvira um prospector australiano descrever.

Os sinais de rádio estavam em cem por cento. Bowman ajustou os controles, desceu da cabine e ficou olhando enquanto a grande máquina se orientava e partia para o trabalho. Ela começou com o prédio mais próximo dos degraus do porto, soltou suas pesadas debulhadoras de aço e pôs-se a demolir a muralha da frente expelindo um borrito de pó e fragmentos.

– Parece bom – disse o chefe da equipe, gritando para seus homens por cima do ruído da mineradora automática. – Vamos colocar o jipe lá embaixo. Quero voltar para a base antes de ficar muito escuro. Eu pago a primeira rodada de bebida.

Quando estavam todos prontos para partir, mandou um homem buscar Fred Mather. Mas ele havia sumido.

Os livros de páginas prateadas não eram de fato livros, Mather sabia agora. Os rabiscos hieroglíficos em relevo não foram feitos para os olhos e, sim, para os dedos marcianos. Você passava as pontas dos dedos sobre as formas sinuosas e o que saía não era texto, era música. As canções se formavam em sua cabeça e tocavam à medida que você acariciava as páginas: todos os tipos de canção, de melodias dançantes a baladas suaves, de hinos religiosos a marciais, mas cada uma dotada de uma doçura melancólica que ele começava a associar à personalidade marciana.

Em seus momentos de lucidez, ele contemplava o equilíbrio e o contraste inerentes ao encontro de marcianos e terráqueos: uma raça entrava em seu crepúsculo púrpura justo no momento em que a outra partia para ver o que o novo dia traria.

Por sobre a música, ele podia ouvir Bowman e alguns outros homens gritando seu nome. Ficou decepcionado. Pensou que, quando voltassem ao acampamento, o dariam como desaparecido e o esqueceriam. Pessoas saíam vagando por Marte e nunca mais eram vistas. E ele não tinha feito nenhum amigo entre os mineradores. Todos sabiam que ele era o patinho feio.

Mas, sentado na caverna dos pássaros, Mather pensou que eles poderiam voltar para ligar novamente a máquina. Na manhã seguinte à partida deles, ele subiu a bordo e acionou a grande chave principal que a parava. A máquina fez uma pausa na digestão de uma casa que ficava no meio do caminho entre o porto e o portão. O leviatã terrestre fizera um progresso substancial. Os terráqueos sabiam construir máquinas confiáveis.

Mas havia livros a serem coletados, e outros objetos que os marcianos tinham deixado para trás: máscaras, alguns brinquedos, itens de vestuário, uma caneca que poderia ter sido esculpida em alabastro. Ele queria trazer tudo isso para a caverna. Mas, quando recolheu tudo que pôde encontrar e voltou para ligar novamente a mineradora, descobriu que não sabia ajustar seus controles para seguir a grade dos transponders. Então a deixou com o motor em ponto morto, sabendo que Red Bowman voltaria no jipe para fazer com que funcionasse mais uma vez.

Ele torcera para que pensassem que a máquina houvesse tido um defeito, mas as vozes que gritavam do lado de fora da caverna lhe diziam que o chefe da equipe não era facilmente enganado. Mather foi se esgueirando até a boca estreita da caverna, que ele havia escondido ainda

mais quando arrastara arbustos espinhosos para dentro. Por entre os galhos finos, podia ver Bowman e os outros. Estavam parados sobre a linha de uma cordilheira, levando as mãos cheias de calos ao redor das bocas para gritar o nome dele. Eles tinham binóculos. E também tinham armas.

Os homens procuraram por ele o dia todo, mas Mather se lembrou das habilidades de caça marcianas que havia adquirido em suas visões (foi assim que ele começou a chamar os fenômenos) e não teve dificuldades para evitar a captura. À noite, a equipe de busca subiu no jipe e foi embora pelo mar vazio. Das colinas, ele observou a nuvenzinha de fumaça pendendo no ar quase imóvel, sem vento, as partículas se acomodando lentamente na gravidade do ar marciano.

Quando a escuridão total caiu, ele desceu de volta para a cidade. Havia descoberto que as linhas inseridas nas paredes das casas tinham uma função semelhante às aquelas gravadas nas laterais do cubo. Mas, enquanto as últimas eram visões de eventos públicos, as das casas eram de ocasiões privadas. Eram os álbuns de fotos de família dos marcianos.

No começo havia pensado que deveria desativar completamente a máquina, para salvar aqueles registros íntimos. Mas depois de examinar vários deles, percebeu que eram quase todos a mesma coisa: memórias de nascimentos, mortes e casamentos, cerimônias de batizado e outros ritos de passagem comuns. Todos tinham a mesma tristeza suave que permeava as reuniões comunitárias. Aqueles não eram registros tirados do resplandecer de uma comunidade, mas de seu fim. Eram memoriais, deixados pelos marcianos de outrora. Eles arrumaram suas posses e, deixando as portas de suas casas e as memórias abertas, partiram para sempre.

Red Bowman não estava feliz. Ele tinha um cronograma a cumprir. Ter a mineradora automática parada porque o maluco do Mather interferira em seus controles ameaçava as chances de ganhar o bônus substancial que lhe seria devido se entregasse caminhões de fertilizante de osso antes da data especificada. Então, quando o jipe estava longe o bastante, ele parou e desceu, mandou os outros homens para a base e caminhou de volta ao longo da vaga trilha que o veículo havia feito, andando com dificuldade pela poeira fina até a cidade de ossos.

A noite caiu antes que ele chegasse lá, mas podia ver as torres brancas reluzindo à sua frente, iluminadas de vez em quando por faíscas e clarões quando a incansável máquina encontrava metal nas paredes que esmagava. Mas, mesmo que fosse cego, Bowman poderia ter encontrado o caminho apenas seguindo o som do motor a diesel. Ou do fedor de seus exaustores.

Chegou aos degraus do porto e atravessou a praça. A imagem da fera marinha fora quase completamente destruída pelas lagartas da máquina. Os grunhidos mecânicos do monstro se desvaneceram quando, em seu curso programado, ela virou uma esquina distante, colocando paredes entre ela e o terráqueo. Bowman usou esse abafamento para apurar os ouvidos e buscar sons de Mather se movendo na cidade. Em poucos instantes, ouviu algo.

A princípio achou que fosse o vento soprando abaixo das vigas de um prédio, mas não havia vento. Os telhados marcianos eram achatados e tinham a mesma espessura que as paredes que os suportavam. Avançou na direção do som, que vinha do outro lado da praça, de um dos prédios mais altos que o monstro só alcançaria daí a dois dias.

O lugar tinha uma porta de bronze com a escrita fluida que Bowman não gostava de olhar; ela o fazia pensar em cobras, e cobras o lembravam do diabo. Ele às vezes se perguntava se Deus e Lúcifer tinham feito um pacto: Deus governaria a Terra e o diabo ficaria com Marte.

Espremeu-se para passar pela porta, uma lanterna pronta para uso na mão esquerda e uma pistola na direita. Não queria ter que atirar em Mather, mas todo mundo conhecia a história do homem em uma expedição anterior que tinha ficado louco e assassinara seus colegas de equipe. Ele achava que o sujeito podia ter sido um arqueólogo (com certeza era algum tipo de cientista) e havia ficado louco e homicida depois de ter tido contato demais com muita coisa maligna marciana.

O som retornou, uma nota constante, aguda e sem palavras. Bowman pensou que era algo parecido com o que um gato poderia cantar para um rato que tivesse apanhado. Ele também não gostava de gatos. Não era errado matar quando preciso, quando realmente era necessário, mas você devia fazer isso de modo limpo.

Podia ver com dificuldade a distribuição no interior do prédio: um espaço aberto, bancos ou degraus em círculos descendentes, uma grande forma branca no fundo. O som vinha do lado oposto, mais alto agora que

Bowman estava dentro do recinto, os uivos ecoando muito suavemente ao redor das paredes de osso. Os pelos do seu pescoço e dos antebraços se eriçaram. Deslizou o polegar sobre a trava de segurança da arma, certificando-se de que ela estava destravada.

Tangenciou o nível do anfiteatro. Contra a penumbra branca, viu uma forma escura, sentada a meio caminho dos degraus. Deixou a pistola pronta e ligou a lanterna.

Um marciano estava sentado no meio dos bancos do terraço, com um manto de tecido metálico que refletia a luz da lanterna, toda a cabeça coberta por uma máscara prateada, as feições do rosto esculpidas em ouro, as sobrancelhas finas elevadas e a boca franzida em uma expressão de surpresa permanente. Bowman não conseguia ver a cor dos olhos pelas fendas da máscara, mas o olhar da figura não estava voltado para ele. Permanecia fixo na lateral do cubo que estava lá embaixo à frente deles.

O terráqueo apontou o feixe da lanterna para o homem. Pôde ver as mãos, cinco dedos ao invés de seis. Por baixo do manto viu as pernas cobertas com o jeans que eles todos vestiam e as botas gastas que também eram da empresa New Ares.

– Mather! – gritou Bowman.

O homem em trajes marcianos não deu sinal de ter ouvido. O chefe da equipe se moveu no corredor, mantendo o feixe voltado para ele, com a pistola alinhada para cima ao lado da lanterna.

– Mather!

A cabeça mascarada não se virou, os braços não se moveram. Bowman parou ao lado dele e empurrou seu ombro com o cano da arma.

– Pare com isso!

Nenhuma reação. Bowman colocou a lanterna sobre um dos bancos a fim de examinar a figura parada. Enfiou os dedos sob a borda da máscara e a puxou para cima.

Os guerreiros marcianos marchavam para a batalha em companhias de 144 soldados reluzentes. Seis companhias compunham um batalhão com 864 pessoas. Eles carregavam escudos de bronze batido que combinavam com as armaduras polidas e armas capazes de cuspir feixes de insetos de metal que, ao encontrarem carne, rasgavam e se enterravam. Nos seus flancos e avançando à frente corriam aranhas elétricas que iam até a altura do

joelho, suas juntas emitindo cliques constantes que compunham um ruído permanente.

Seis batalhões saíram pelo portão de osso de Ipsli, quase todo o contingente masculino da cidade. Pegaram a estrada costeira na direção de Huq e, por volta do meio-dia, chegaram ao campo de destino, um lugar onde as colinas recuavam para ampliar a planície costeira. Entraram em formação, quatro batalhões de frente, dois de reserva, e se sentaram para esperar o inimigo chegar.

O exército huq chegou atrasado e foi alvo de zombaria por parte dos ipsli. Os soldados gritavam pelo terreno aberto: *Vocês têm alguma coisa melhor para fazer hoje? A cama estava muito confortável? Ou são suas esposas que são muito boas?*

Os huq responderam com as próprias provocações, lembrando de encontros anteriores que os ipsli tinham perdido. Então os arautos avançaram e se encontraram no espaço entre as duas hostes para decidir os rumos da batalha. Como de costume, primeiro seriam combates individuais, depois grupos menores. O primeiro batalhão de Ipsli estava ansioso por uma revanche contra seus equivalentes huq; sentiam que na luta do ano anterior o estado do terreno fora mais decisivo do que qualquer outra força, pois chovera na noite anterior.

Os jovens lutaram primeiro, com armas menos perigosas. Depois foi a vez dos guerreiros de postos médios, em duplas e quartetos. Ipsli estava indo bem, apenas duas mortes e um aleijamento, ao passo que vários huq tiveram de ser carregados para fora do campo. Entre as fileiras, o estado de ânimo pedia que o dia terminasse com uma grande batalha generalizada.

Enquanto as aranhas lutavam umas com as outras, veio o intervalo do almoço. Huq e ipsli apostavam uns contra os outros sobre os resultados e os arautos anotavam as apostas e pagavam os vencedores. E assim chegou a hora de os campeões individuais entrarem em campo.

Fred Mather estava na forma do campeão de Ipsli, vestindo a armadura de seu tataravô, com faixas iluminadas de bronze sobrepostas com electrum po lido. Quando, no fim da tarde, as trombetas deram o sinal, ele apanhou a lança comprida de cabo preto reforçado com fios amarrados. E abriu mão do escudo.

Ao avançar para a frente dos soldados ipsli, lança em cima do ombro, um grito subiu dos batalhões atrás dele. Seguiu na direção do centro do

campo, observando o campeão dos huq que vinha encontrá-lo. Ao contrário do ano anterior, seu oponente escolhera apenas uma espada elétrica comprida de duas mãos. Seria uma batalha memorável, pensou Mather. No ano seguinte, eles poderiam estar cantando canções sobre aquele dia.

Havia se acostumado ao estranhamento de ser duas pessoas em uma só mente. As visões marcianas eram como os documentários que ele assistia na televisão, em que atores assumiam os papéis de figuras históricas, só que ali o espectador tomava o lugar do autor. No começo ele havia se perguntado se a experiência era semelhante ao que os livros de ficção tinham feito aos leitores, antes de terem queimado todos os livros e apagado as mentes humanas.

Agora a parte guerreira de Mather andava calmamente pelo campo de batalha até onde os arautos aguardavam. Ele fincou o cabo da lança no chão e levantou um pouco o capacete, apoiando-o no topo da cabeça longa e estreita. O guerreiro que havia se aproximado para encará-lo enfiou a ponta de sua espada na terra e também levantou o capacete. Seus olhos dourados fitavam Mather sem demonstrar medo.

O primeiro arauto entoou a canção tradicional. Ao ouvir a última frase, Mather agarrou o cabo da lança, respirou fundo e abaixou seu capacete devagar. Assumiu a postura de ataque. O espadachim também cobriu o rosto e levantou sua espada.

Bowman tentou puxar a máscara do rosto do lunático, mas ela estava muito apertada para sair de uma vez. Os olhos de Mather estavam arregalados e opacos. Por um momento, pareceriam quase dourados, mas o chefe da equipe atribuiu isso a um reflexo das paredes de osso claro e às pupilas enormemente dilatadas.

Mather piscou uma vez e, passado um instante, mais duas vezes.

– Pare com isso! – gritou Bowman e voltou a cutucá-lo com o cano da pistola.

O arqueólogo se levantou do banco, voltando-se para o chefe da equipe em um movimento fluido. Com as costas da mão esquerda, afastou a pistola, enquanto a direita armava um soco na barriga de Bowman. Mas ele não conseguiu acertá-lo, e não só porque Bowman foi para trás.

Mather olhou intrigado para a mão direita. Pelo jeito que ela estava fechada, Bowman teve a impressão de que o louco segurava alguma coisa (será que os marcianos tinham facas invisíveis?). Mas, quando viu Mather piscar, Bowman percebeu que o maluco devia estar alucinando.

De algum modo, isso o fez ficar ainda mais zangado. Não era certo que a insanidade daquele moleque de faculdade estivesse ameaçando o bônus de Red Bowman e a vida que ele compraria para si ali em Marte: um lugar só seu, um negócio sólido para gerir. Estava disposto a trabalhar duro para obter o que queria, e nenhum viciado em livros com cara de sonhador iria roubar dele a tão merecida recompensa.

Bowman avançou e bateu na cabeça de Mather com a coronha da arma. Mas o aço não atingiu carne; em vez disso, acabou batendo na máscara marciana. O barulho do impacto foi alto, mas o capacete pareceu absorver todo o choque. Mather mal percebeu que tinha levado uma porrada.

E no entanto alguma coisa acontecera. O arqueólogo voltou a piscar, então pareceu que pela primeira vez ele realmente enxergava o chefe da equipe. Mather voltou a olhar para a mão direita, fechada sem nada dentro. Então balançou a cabeça como se estivesse voltando a si.

– Você vem comigo – disse Bowman.

Levantou a arma e, para que o louco não tivesse dúvida quanto às consequências da desobediência, puxou a trava.

Mather curvou os ombros, estendeu as duas mãos e arrancou a máscara prateada da cabeça. Abaixou-a e ficou olhando com tristeza para sua super fície polida, uma perpétua surpresa olhando de volta para ele. Bowman ordenou que ele continuasse andando, mas Mather jogou a máscara com força na cara do chefe da equipe.

Bowman caiu para trás, sangue jorrando do nariz. Perdeu o equilíbrio e caiu sobre o banco ao seu lado, batendo o braço que segurava a arma. A pistola caiu, ricocheteando no piso ao lado do seu pé, e ele ficou feliz por ela não ter disparado. Mas, quando conseguiu recuperar a arma e apontar a lanterna, só teve tempo de ver Mather desaparecendo pela porta que dava para a praça, o manto marciano ondulando como uma bandeira em seus ombros.

Bowman caçou o louco a noite toda, lanterna e arma a postos. Estava preparado para atirar assim que o visse, mas, quando a fina aurora marciana chegou, ainda estava sozinho.

O monstro mecânico seguia em frente, esmagando casa por casa, rua após rua, preenchendo seus reservatórios com o pó de feras marinhas mortas há milênios, excretando seus cubos de ouro e prata, cobre e bronze, ainda quentes da fornalha atômica. Bowman tinha medo que Mather voltasse de seu esconderijo nas colinas azuis e tentasse impedir o funcionamento da máquina. O chefe retirou homens de outros projetos, lhes deu armas e os colocou de guarda.

Os sentinelas relataram clarões ocasionais no alto das colinas azuis, algo parecido com a luz do sol refletindo em placas de metal, mas o louco não fez mais tentativas de interferir na destruição da cidade de ossos. Finalmente, chegou o dia em que colocaram novamente a mineradora automática no enorme caminhão de transporte e se prepararam para movê-lo pelo mar empoeirado de fundo de vidro até o depósito seguinte. A operação foi realizada sem nenhum incidente.

O bônus de Red Bowman estava salvo. Durante um tempo ele esteve com um homem a menos, mas conseguiu contratar um minerador com experiência em rochas resistentes (que viera a Marte com a intenção de enriquecer fazendo prospecção no terreno desértico, mas não encontrara nada).

O chefe da equipe viu levarem para longe o leviatã, seguido por uma onda flutuante de poeira pálida. Então ligou o jipe e dirigiu ao longo da cicatriz que restara no lugar onde um dia a cidade estivera. As casas desapareceram, bem como o pavimento das ruas onde elas haviam estado por milhares de anos. A mineradora raspava até a terra batida; em certos lugares era possível ver o leito de rocha marciana. Depois que descobrira a primeira urna enterrada sob um pátio, Bowman ligara para o técnico e reconfigurara os controles automáticos. A máquina continuou e encontrou dezenas de contêineres de ouro, prata e electrum, aumentando muito a porcentagem de metais preciosos da operação. A New Ares concedera a Bowman um bônus especial por demonstrar iniciativa.

Ele foi até o lugar em que estivera o portão, onde estacionara o jipe sobre a faixa de pedra branca esmagada. Dirigiu lentamente na direção das colinas e subiu a estrada. Durante todo o percurso, prestou atenção em busca de clarões de luz.

As colinas sempre metiam medo nele. Eram tão silenciosas quanto as cidades antigas, mas de algum modo o silêncio ali era diferente. As cidades não foram feitas por humanos, mas construídas por seres que,

apesar de todas as peculiaridades, compartilhavam algumas características com os terráqueos. Mas a terra, aquilo era genuinamente marciano. Ela nunca teve nenhuma conexão com a humanidade, nunca, desde antes da formação dos planetas. Os terráqueos poderiam chegar e construir coisas nela, mas jamais *pertenceriam a ela*. Aqueles que tentassem fazer parte dela, como Mather, sempre seriam levados à loucura.

Era assim que Bowman pensava e, antes de partir para o local da demolição seguinte, queria falar sobre isso com o único homem que poderia entender. Continuou dirigindo colinas acima, parando de vez em quando e virando a cabeça de um lado para outro, esperando ver uma centelha brilhante.

No final da tarde, percebeu um brilho pelo canto do olho e se virou na direção da encosta longa e cheia de pedregulhos de onde tinha vindo. Havia um agrupamento de rochas altas a meio caminho da colina. Elas podiam ter sido uma ocorrência natural ou ter sido colocadas ali por algum obscuro propósito marciano. Mas, quando apontou o binóculo para a formação, viu movimento entre duas pedras.

Bowman desceu do jipe e caminhou na direção do lugar, as mãos estendidas para mostrar que estavam vazias.

– Mather! – gritou. – Nós estamos indo embora! Ninguém vai vir atrás de você!

Uma voz veio das rochas, fina devido ao rarefeito ar marciano. O som que a voz produzia lembrava uma flauta, como se um instrumento musical estivesse falando:

– O que você quer?

– Eu só queria me despedir – respondeu Bowman. Agora ele estava mais perto, o bastante para ver por entre as fendas. Viu prata e vestígios de ouro. – Você sabe que essa máscara pertence à New Ares Mining.

– Não. Não sei.

– Não importa. A gente vai acabar pegando-a depois, acho. Depois que você morrer.

Não houve resposta.

– Você vai morrer. Sabe disso, não é? – disse Bowman, subindo com dificuldade a encosta. – Só não sei como você conseguiu sobreviver tanto tempo sem água. Você roubava escondido de noite?

– Não.

– Então como?

Mais uma vez não houve resposta. Bowman estava agora nas rochas. Podia vislumbrar Mather por entre as fendas. O homem estava usando o manto marciano e outra máscara, com uma expressão de divertimento sereno.

– Sai daí pra gente conversar – pediu Bowman.

– Sobre o quê?

O chefe da equipe deu de ombros.

– Sobre o que você vai fazer, como vai viver.

– Isso importa para você?

– Um pouco. Olha, no começo eu estava bravo por ter você na minha equipe, não achava que você fosse conseguir fazer o trabalho. Depois, fiquei com medo que você estragasse a operação e destruísse tudo.

Bowman esperou um momento para ver se o outro responderia e continuou:

– Mas, assim que abandonou a gente para seguir outro caminho, você não era mais problema meu. Agora que estamos indo embora, posso me dar ao luxo de perguntar o que você pensa que está fazendo aqui em cima.

Bowman esperou mais um pouco, dessa vez deixando o silêncio se estender. Não se sentia confortável com isso. Não era só um silêncio entre ele e Mather, era um silêncio entre ele e as colinas, entre ele e Marte.

Por fim, a voz que vinha de trás das rochas se pronunciou:

– Não estou querendo alcançar nada.

– Então o que está fazendo?

– Não há nada a fazer.

– Não entendo.

– Tudo *já foi* feito – disse Mather. – Essa é a questão. Marte é assim.

– Ainda não estou entendendo.

– Eu sei. – Então houve outro silêncio e, embora Bowman não tivesse ouvido passos, dessa vez a voz musical de Mather veio de bem longe: – Adeus.

Bowman contornou as rochas e depois escalou-as. Não havia sinal do outro homem. Gritou o nome dele duas vezes, mas só ouviu o silêncio eloquent e das colinas marcianas.

Voltou ao jipe, depois ao acampamento-base, e então para o trabalho seguinte. Anos depois, ele ainda falaria para as pessoas: “Só porque você faz uma pergunta, não quer dizer que exista uma resposta.”

Alguns anos mais tarde, um explorador apareceu com suas picaretas, pás e seu magnetômetro chocalhando a cada passo. Avistou o cubo de pedra branca que a máquina de demolição deixara ali, um objeto sem valor, e foi dar uma olhada. Ao lado, encontrou um cadáver mumificado vestido com roupas marcianas, sentado em uma cadeira esculpida em madeira marciana. Uma máscara de prata repousava no colo ressecado.

A princípio, o explorador pensou que havia descoberto um marciano de verdade, embora as pessoas tivessem dito que todos já haviam morrido. Foram os olhos que o enganaram: arregalados e ressecados, e voltados na direção do cubo, pareciam moedas douradas quando olhados a distância.

Mas a máscara era boa. O dia do explorador não havia sido em vão.

O ACIDENTE DO *MARS ADVENTURE*

DAVID D. LEVINE

David D. Levine é um leitor de ficção científica desde que se entende por gente. Durante sua crise de meia-idade ele tirou um ano de férias do emprego numa empresa de alta tecnologia para participar de um curso de escrita criativa. Parece ter dado certo. Publicou seu primeiro livro por uma grande editora em 2001, ganhou um prêmio para jovens escritores em 2002, foi indicado para o prêmio John W. Campbell em 2003 e 2004, ano em que também foi indicado para o prêmio Hugo, e em 2006 sua história “Tk’Tk’Tk” foi vencedora do prêmio Hugo. E sua coletânea de contos, *Space Magic*, ganhou o prêmio Endeavour em 2009.

Em janeiro de 2010 ele passou duas semanas em uma base que simulava Marte no deserto de Utah, e a partir dela Levine criou uma apresentação que ficou bastante famosa, além de publicar um livro com os diários dos tripulantes da base intitulado *The Mars Diaries*. Sua história “Citizen-Astronaut”, uma pequena novela de ficção científica parcialmente baseada em sua experiência em “Marte”, ganhou o segundo lugar no concurso Baen Memorial e foi publicada na revista *Analog*, tirando o segundo lugar na pesquisa entre seus leitores para o AnLab Readers’ Awards.

David mora em Portland, Oregon, com sua esposa, Kate Yule, com quem edita o fanzine *Bento*.

Aqui ele nos leva a um Marte que a Nasa provavelmente jamais imaginou...

William Kidd estava na completa escuridão, ajoelhado sobre o piso de pedra fria do “porão dos condenados” da prisão de Newgate. Pesados grilhões de ferro sacudiam-se frouxos nos pulsos e tornozelos, bem mais finos do que já tinham sido, a pele rasgada e cheia de feridas por conta do contato prolongado com o metal duro e frio. As correntes faziam barulho quando ele tentava mudar para uma posição um pouco menos desconfortável.

Tudo isso era familiar e podia ser ignorado. Mas a comoção no salão em frente a sua porta trancada era uma coisa nova, e uma distração terrível. Sem dúvida alguns prisioneiros comemoravam a morte iminente de seu mais famoso vizinho.

– Silêncio aí fora! – gritou ele, ou pelo menos tentou. – Deixem um condenado fazer as pazes com seu Senhor!

Não havia como ouvirem Kidd. Seu sotaque australiano, outrora poderoso o bastante para ser ouvido ao longo de 100 metros de mar aberto no meio de uma tempestade, agora se reduzia a pouco mais que um sussurro. No entanto, quase no mesmo instante o burburinho de vozes baixou e silenciou.

Um instante depois ele ouviu o barulho de chaves na fechadura.

Isso também foi inesperado. Por ordem da Junta do Almirantado e da Casa dos Comuns, quase ninguém entrava na cela de Kidd. Nunca tinha recebido uma visita no meio da noite. E na véspera de sua execução...

Kidd se ajeitou um pouco e conseguiu sentar, as correntes batendo enquanto ele se agachava devagar. Sentia-se cansado pelos meses de aprisionamento, e os anos de rejeição, decepção e derrota não o faziam uma pessoa otimista; não podia pensar em nenhuma razão para uma visita tão fora de hora a não ser que fossem péssimas notícias. Talvez a Casa tivesse decidido adiantar sua execução para a madrugada por alguma politicagem. Ou quem sabe tivessem decidido raspar o cabelo dele, ou

qualquer outro tipo de humilhação, antes de o levarem marchando para o cadafalso. Havia muito ele já desistira de tentar compreender as constantes mudanças frívolas nas vontades parlamentares.

Não importava quais fossem as notícias, a intenção de Kidd era ouvi-las com honra. Fazendo o máximo de esforço que conseguiu, lutou para se colocar de pé. Mas mal havia conseguido firmar um dos joelhos quando a porta se abriu com um estrondo.

A luz trêmula e fraca das tochas o cegou. Ele tentou, e não conseguiu, levantar o braço para proteger os olhos, pois nesse momento dois guardas fortes entraram e amarraram seus braços para trás. Novos grilhões o prenderam nos cotovelos e pulsos, apertados, duros e frios, e novas correntes desceram com estrépito até as argolas fixadas no piso de pedra. Os guardas forçaram Kidd a ficar de joelhos; em um instante ele já estava imobilizado, bem ali. Uma mão agarrou sua nuca, forçando-o a olhar para o chão. Será que ele seria decapitado ali mesmo na cela?

– Pri-prisioneiro contido, milorde.

A voz pertencia a um dos carcereiros mais duros e brutais da prisão. O que poderia reduzir aquele homem a uma condição servil a ponto de fazê-lo gaguejar?

– Saiam, quero ficar a sós com ele.

Uma voz fria e brusca, acostumada a ser obedecida de imediato. Tinha um sotaque que Kidd não conseguia localizar. Holandês?

– Milorde?

– Saiam. Agora.

O carcereiro engoliu em seco de modo audível.

– Sim, milorde – sussurrou.

A mão soltou a cabeça de Kidd e dois pares de pés saíram da cela se arrastando. Um instante depois a porta se fechou com um rangido, batendo sem fazer barulho, algo que Kidd não achava ser possível.

Uma única tocha permaneceu... e o som da respiração de um homem.

Kidd levantou a cabeça.

O estranho era alto, mais de 1,80 metro, e o manto negro que o cobria da cabeça aos pés não conseguia disfarçar sua postura arrogante. Ele segurava um lenço bordado contra o nariz. Sem dúvida encharcado de vinagre para combater o fedor da prisão.

– A que devo o privilégio, milorde? – perguntou Kidd com voz rouca, disfarçando o terror com uma cortesia irônica.

O homem levantou o capuz.

– Sem dúvida um investidor pode prestar uma visita ao seu cliente, não?

Por um instante, Kidd não conseguiu reconhecer o rosto, os orgulhosos olhos negros e o nariz grande e torto que mais parecia um bico. Então prendeu a respiração e baixou a cabeça. Embora nunca antes tivessem se encontrado pessoalmente, ele tinha visto aquele rosto em mil moedas.

– Vossa Majestade – sussurrou Kidd, embora uma raiva fria queimasse entre suas costelas.

Guilherme III, rei de Inglaterra e Irlanda, também Guilherme II da Escócia, voltou a colocar o pano encharcado de vinagre sob o nariz.

– Vou ficar pouco tempo – disse, a voz abafada. – Mesmo homens tão profundamente imbecis quanto meus adorados conselheiros não são confiáveis se me ausento por muito tempo. Então vou direto ao ponto. – Colocou o tecido de lado, os olhos pretos fixos nos de Kidd. – Estou aqui para lhe oferecer o perdão.

A princípio, Kidd não conseguiu formular nenhuma resposta. Com certeza aquilo era apenas um sonho, certo? Ou uma brincadeira cruel, feita apenas para aprofundar seu sofrimento. A esperança lutava contra a raiva e a descrença em seu peito.

– Vossa Majestade? – foi tudo que conseguiu dizer.

– Você me ouviu – retrucou o rei. – Vou poupar esse seu pescoço sujo de pirata, vou livrá-lo da força que meu Parlamento teceu a partir das bobagens que você falou.

Kidd olhou nos olhos do rei.

– Eu só disse a verdade.

– A verdade não é páreo para a política! E, se não fosse pela política, eu não estaria aqui, neste buraco fedorento, com você. – O rei suspirou. – Você cria problemas, Kidd. Sabemos que você não é pirata, mas meus conselheiros gostariam de vê-lo balançando na forca só pelo estrago que fez à reputação dos apoiadores deles. E, com suas bravatas impetuosas e sua maldita honestidade, fez tantos inimigos que eu jamais poderia defendê-lo em público sem perder todo o Partido Conservador. Mas, apesar de todas as suas falhas, apesar de todas as histórias que seus inimigos espalharam a seu respeito, você é um capitão bom demais para se desperdiçar no cadafalso. Então, mais uma vez, vim oferecer o perdão. –

Um sorriso estranho brincou em seus lábios. – Mas, se você aceitar esse perdão, será necessário que execute certa missão para mim. Quando ouvir qual é a missão, e as condições, pode ser que recuse esta oferta de clemência.

Kidd bufou por entre dentes trincados e disse:

– Que missão e condições poderiam fazer um homem escolher a força e não o perdão de um rei?

O sorriso aumentou, o que só fez Kidd ficar mais irritado.

– Quero que você planeje, equipe, tripule e parta com uma expedição ao planeta Marte.

A brincadeira grosseira do rei fez com que a raiva explodisse dentro de Kidd, mas ele se conteve; não permitiu sequer que o desprezo que sentia aparecesse em seu rosto.

Essa prudência era algo novo para Kidd. Até um ano antes, recém-detido por acusações falsas, teria gritado, cuspidido e lutado só de ouvir uma coisa parecida. Mas estava preso por esse capricho e aprendera a ter cautela.

Considerou com cuidado o que tinha ouvido: um rei que não era conhecido por ser leviano ou louco havia falado aquilo. Aquele era um novo século, um tempo de explorações, descobertas e coisas incríveis. Com o Novo Mundo agora quase tão bem mapeado quanto o Velho, homens partiam em busca de mundos ainda mais novos. Balões se alçavam de todas as capitais da Europa e, depois da bem-sucedida circum-navegação da Lua por Dampier, uma jornada para Marte, embora absurda, não era inteiramente inconcebível.

– Já ouvi a missão – disse Kidd, engolindo a raiva. – E as condições?

– *Primus* – disse o rei, levantando um dedo –, você não pode revelar os termos do perdão a nenhum homem, sob pena de morte. *Secundus*, você será colocado sob as ordens do fisiólogo John Sexton. Você obedecerá a ele, servirá fielmente ao doutor e não se afastará dele mais de 30 metros *em nenhum momento* até que a missão seja bem-sucedida, sob pena de morte. *Tertius*, você será responsável pela segurança de Sexton. Se algo acontecer a ele, você será morto. – Ele abaixou a mão com três dedos estendidos e cruzou os braços sobre o peito. – Por outro lado, se de algum modo você e Sexton conseguirem voltar a Londres incólumes, terá a gratidão do rei. Talvez até ganhe um baronato.

Kidd ponderou as palavras do rei com a maior seriedade. Ajoelhou-se com seus grilhões, na cela mais escura da pior prisão da Inglaterra, tendo que escolher entre uma tarefa impossível – uma expedição louca, da qual provavelmente nunca voltaria – e a morte certa ao amanhecer.

E começou a rir.

Risadas roucas e altas explodiram de uma garganta seca e arruinada por um ano de comida, água e ar da prisão. O rei deu um passo para trás, o tecido branco apertado contra o nariz, como se temesse que Kidd pudesse de algum modo quebrar seus grilhões e atacar sua pessoa real.

– Eu aceito seu perdão, Vossa Majestade – disse Kidd, quase sem fôlego depois do ataque de riso. – Nunca consegui recusar um desafio.

Kidd descia a Salisbury Court dirigindo-se para uma reunião com Yale, o vendedor que tinha contatado para comprar água, cordames e comida. Cinco semanas fora da prisão e ainda era espantoso andar desimpedido, se mover por mais de 3 metros sem encontrar uma parede, respirar um ar que não fosse maculado pelas exsudações de mil condenados.

Sexton, o fisiólogo, andava junto com ele. Um homem magro, de olhos claros e 28 anos (metade da idade de Kidd), não só era membro da Sociedade Real e palestrante do Gresham College como também havia inventado um novo método para projetar a superfície da Terra esférica em um mapa de papel plano e descoberto duas novas espécies de besouro. Aparentemente, suas teorias sobre construção de naves e viagens interplanetárias eram tidas em alta conta por seus pares.

E, apesar de todo esse cérebro, era sensato como um pombo.

Embora Kidd estivesse recuperando a força, ainda caminhava com uma bengala. Mas, apesar dessa desvantagem, seguia mais rápido do que Sexton, que fazia pausas periódicas para conversar com estranhos, olhar com curiosidade peças incomuns de trabalhos em cantaria e tomar notas em um pequeno caderno. O homem era como um passarinho: sempre voando de um lado para outro, sua atenção atraída por qualquer objeto brilhante, e sempre surpreso.

No começo Kidd pensara que os termos secretos do perdão do rei o obrigavam a permanecer perto de Sexton para impedir que ele, Kidd, fugisse. Agora acreditava que o verdadeiro motivo dessa exigência era

para evitar que Sexton fosse atropelado por um coche, caísse dentro de um canal ou simplesmente esquecesse de respirar.

– Por favor, Dr. Sexton! – gritou Kidd, olhando para trás. – Já estamos atrasados e o Sr. Yale é um homem ocupado.

– Só um momento, Sr. Kidd – respondeu Sexton, inclinando-se para inspecionar uma erva que crescia na rachadura entre duas pedras do pavimento do prédio pelo qual passavam.

– *Capitão* Kidd – resmungou Kidd baixinho.

Ele não se incomodava mais em corrigir Sexton, mas a omissão ainda o incomodava, especialmente porque Sexton insistia em ser chamado de doutor.

– É este o navio? – perguntou Edmonds, o velho companheiro de Kidd.

– É, sim – respondeu Kidd.

O velho e grisalho marinheiro ficou em silêncio por um longo tempo, avaliando com olhar experiente o pequeno navio que flutuava no Tâmesa. Edmonds respondera animado quando Kidd o procurou para ser seu intendente; eles haviam servido juntos no *Sainte Rose* e Kidd lhe confiaria a própria vida.

– Esse vai ser o navio mais estranho em que já me enfiei – disse Edmonds por fim.

Kidd concordou com um aceno de cabeça e confirmou.

– Você tem razão.

Era uma coisa minúscula, mal tinha 70 pés de proa a popa e levaria uma tripulação de apenas sessenta homens. Mas não só era pequena, parecia... *leve*. Fizeram o possível para reduzir seu peso: as anteparas eram telas tecidas de ratã em vez de painéis de madeira sólida, as amuradas esculpidas foram substituídas por cordas simples e lençóis de lona faziam as vezes de tampas de escotilha. E Kidd sabia de muitas outras mudanças invisíveis a olho nu, como as tábuas do convés aplainadas até metade de sua espessura normal.

– Mas *remos*? – perguntou Edmonds, incrédulo, apontando para a fileira de forquetas de cada lado. – Hoje em dia?

Kidd o olhou de alto a baixo.

– Eu não navegaria sem eles. Não se pode confiar no vento e nas ondas, mas sempre se pode contar com um homem em um remo para tirar

um navio de dificuldades. Os remos já salvaram minha pele mais de uma vez.

Não mencionou que os remos que seriam encaixados naquelas forquetas haviam sido feitos para empurrar ar, e não água. Sexton os projetara conforme os pedidos de Kidd, que só podia torcer para que funcionassem tão bem quanto Sexton prometera. E esse era só um dos mil casos de teorias não testadas que compunham aquela estranha e pequena nave.

Edmonds parou de inspecionar o navio e se virou para Kidd com um olhar questionador.

– O senhor acha mesmo que isso vai navegar?

Kidd assentiu.

– É estranho, concordo, mas existe um motivo para tudo isso... e, se você concordar em ir comigo, vai saber qual é.

– Tá bom, mas a gente *confia* nisso?

Kidd fez uma longa pausa, considerando.

Na verdade, não importava o que Kidd achava. Ele estava obrigado pelos termos do seu perdão a navegar com Sexton, não importavam as circunstâncias, e não podia dizer nada sobre isso. Mas, mesmo assim, sentia que devia ao seu velho parceiro uma resposta honesta.

Embora muitos dos desenhos de Sexton parecessem completamente absurdos no começo, o homem era muito inteligente e, até onde Kidd conseguia acompanhar sua lógica, ela parecia indiscutível. E o próprio Kidd supervisionara a construção e a estocagem dos suprimentos do navio, usando os melhor res homens e materiais que o dinheiro do rei podia comprar. Se pudesse reunir uma tripulação tão boa quanto Edmonds...

– Confio nisso o bastante para colocar minha vida aí dentro – respondeu Kidd. – E será uma viagem muito, muito longa.

Em milhas, pelo menos, pensou, embora Sexton achasse que levariam pelo menos dois meses. Não havia planos de pousar em Marte: a ideia era só inspecionar o local para uma expedição posterior.

Edmonds franziu os lábios por um longo tempo, depois, assentindo com firmeza, estendeu a mão.

– Se ele é bom o bastante para o capitão Kidd, é bom o bastante para mim.

Com um prazer genuíno, Kidd apertou a mão de Edmonds.

– Bem-vindo a bordo, Sr. Edmonds. Bem-vindo a bordo do *Mars Adventure*.

Kidd protegeu os olhos do sol nascente, tentando ignorar o burburinho da multidão no cais enquanto inspecionava o cordame bizarro do navio.

Ele avisara o rei que rumores começariam a se espalhar assim que a tripulação fosse contratada e, de fato, nas últimas semanas a pressão do público em busca de mais informações sobre o estranho navio, sua missão secreta e seu infame capitão se intensificou. Mas Kidd manteve seus homens em rédea curta e Sexton estava ocupado com seus desenhos e mapas, de modo que poucas notícias vazaram. Porém, quando principiaram a inflar os balões no dia anterior, as notícias viajaram rápido e o populacho começou a se juntar quase de imediato.

Em pouco tempo todos conheceriam o segredo do *Mars Adventure*.

Nove balões flutuavam e balançavam acima do pequeno navio, nove pequenos globos de fina seda da China cheios de ar aquecido por carvões, brilhando como enormes pérolas à luz do sol nascente. O navio já avançava impossivelmente alto na água e o impulso do Tâmisia em seu casco se juntava à ação da brisa em seus balões para movimentá-lo de um jeito perturbador, que causava enjoo, diferente de tudo que Kidd já havia experimentado. Sexton lhe assegurara que, uma vez no ar, o passeio seria tranquilo.

– Prendam bem aquele estai ali! – gritou Kidd, apontando para o objeto do qual falava.

O contramestre repetiu a ordem e dois homens subiram correndo pela grande rede que segurava os balões para consertar a falha que Kidd havia apontado. *Estais* era como Kidd e os homens chamavam as grandes cordas que prendiam os balões ao navio, embora não fossem estais de verdade; tanta coisa era nova naquele navio que eles foram obrigados a usar as palavras que já conheciam para se referir a coisas diferentes. Pelo menos era melhor do que os termos estranhos que o fisiólogo insistia em usar.

Sexton apareceu ao lado de Kidd.

– Já estamos quase prontos para partir? – perguntou, olhando para todos os lados. – Precisamos partir com o sol nascendo ou o impulso será insuficiente.

– Já estamos quase – respondeu Kidd, voltando sua atenção para o cais. – Só estamos esperando... Ah, lá está ele.

A multidão se abriu como o mar Vermelho diante de uma grande comitiva de cavalheiros com roupas coloridas e grandes perucas, no meio dos quais o rei andava a passos largos, como Moisés. À medida que a notícia se espalhava pela multidão, cabeças se abaixavam e formavam uma ondulação parecida com a de uma pedra caída num lago.

– Um bom dia para vocês, meus súditos! – exclamou o rei assim que o clamor de sua chegada diminuiu. – Eu lhes trago boas novas! Neste dia mui portentoso, uma nova era de exploração e descoberta amanhece para a Inglaterra! Hoje, meu filósofo, John Sexton, juntamente com uma corajosa tripulação escolhida com cuidado, parte em uma mui extraordinária viagem... um a expedição ao planeta Marte!

Pandemônio. Gritos, murmúrios atônitos e uivos jocosos saudaram o anúncio do rei. Algumas das reações mais incríveis vieram dos membros da tripulação. Quando Kidd revelou o destino do navio, muitos deles haviam respondido com piscadelas maliciosas e a suposição de que o *verdadeiro* propósito da viagem seria revelado mais tarde.

Kidd, irritado por ter sido considerado meramente parte da “tripulação de Sexton”, sussurrou algumas ordens ao seu contramestre.

– Sim, senhor – respondeu o contramestre, e correu para transmitir as instruções ao resto dos homens.

Kidd entendeu que o rei poderia querer distanciar a própria imagem da dele, um conhecido pirata, ainda que perdoado. Mas não gostou disso e não deixaria esse deslize passar impune.

Se o rei queria um dia com pompa, ele o teria.

No cais, o rei falava sem parar, enquanto Sexton espiava entre os dedos o sol que não parava de subir.

– Estamos perdendo muito tempo! – sussurrou Sexton.

– Paciência – respondeu Kidd.

Nesse momento, o contramestre retornou.

– Está tudo pronto – murmurou no ouvido de Kidd.

Kidd sorriu.

– Ao meu sinal.

– Este é um dia maravilhoso para a Inglaterra – declamou o rei – e para a gloriosa casa de Orange-Nassau...

Kidd já escutara o suficiente dos autoelogios do rei. Ele se virou e berrou:

– Içar âncora! Para fora com o lastro!

Num movimento coordenado, marinheiros nos quatro cantos do navio soltaram os cabos de atracação que mantinham o navio preso. Um instante depois ouviu-se um barulho no convés inferior: homens abriram as válvulas do lastro e, em vez das pedras comumente usadas, milhares de galões de água do Tâmis correram para se juntar novamente ao rio.

Com um grande solavanco que fez o estômago de Kidd se revirar, o *Mars Adventure* saltou para o céu.

A reação da massa fez com que a explosão anterior não passasse de um pálido sussurro. Altos brados de surpresa e deleite saltaram de mil gargantas; uma nuvem de chapéus se formou no ar; casacas e saias se agitavam como bandeirolas.

E, no meio do tumulto, o rosto do rei encarava Kidd com um misto de fúria e admiração.

Kidd ergueu seu chapéu em saudação.

– Vejo você em dois meses, Billy Boy – resmungou baixinho, um sorriso enorme colado na cara. – Seu canalha calculista.

Kidd estava em pé na corda que em qualquer navio comum seria o balaústre da popa, e seu estômago se revirava.

Todos os seus instintos de navegador marítimo lhe diziam que seu navio estava completamente tranquilo. Flutuando sob os balões, ele vagava junto com o vento, então nenhuma brisa refrescava o convés. Sexton, com seus instrumentos, garantia a Kidd que estavam fazendo um bom progresso, mas ainda assim o outro se preocupava.

A uma distância inimaginável, era possível ver todo o grande globo da Terra: uma reluzente bola de vidro, envolta em azul e branco, suspensa no céu. Ele podia abarcar a largura do mundo com as duas mãos estendidas, os dedos bem abertos, da ponta de um polegar à ponta do outro.

Estavam tão alto que a imagem passara de aterradora a interessante.

Sexton permanecia ao seu lado, olhando para cima com seu telescópio, e Kidd se aproximou dele.

– Dr. Sexton – disse, falando baixo para que nenhum dos tripulantes que estavam no tombadilho pudesse ouvir –, devo confessar que eu mesmo não estou confortável. Já naveguei por tempestades, combati piratas e enfrentei a morte pela força, mas esta é a primeira vez em toda a minha carreira que senti meu estômago tremer. Minha cabeça está leve e não sinto firmeza nos pés. O contramestre também me disse que sente o mesmo. Pode ser alguma doença da atmosfera superior?

Sexton fechou o telescópio.

– Não é nada, só a redução da atração gravitacional.

Com todo o seu aprendizado, Sexton às vezes começava a falar algaravias sem perceber.

– Qual é o tratamento? – perguntou Kidd. – Sangria? Um vomitório?

Sexton riu ao ouvir isso.

– Não tenha medo. Não é uma doença, é uma consequência natural de nossa distância da Terra. Esse fenômeno foi previsto por Newton e confirmado por Halley em sua primeira tentativa de chegar à Lua. À medida que nos afastamos da esfera-mãe, a atração da gravidade dela... em termos leigos, nosso peso, vai ficando cada vez menor. Já estamos pesando apenas três quartos do que pesariamos em casa.

Ele pulou na ponta dos pés e Kidd reparou que a peruca do homem começou a quicar suavemente no alto de sua cabeça. Kidd também estava pulando na ponta dos pés e ficou surpreso ao perceber que o menor esforço o impelia alguns centímetros no ar.

– Antes que o dia termine – continuou Sexton – estaremos fora do domínio da Terra e dentro da atmosfera interplanetária. Lá estaremos em um estado de queda livre e vamos sentir como se não pesássemos nada. Vai ser nesse momento que conseguiremos retirar os balões e continuar apenas com as velas.

Não importava quantas vezes Sexton houvesse explicado aquele fenômeno, Kidd nunca fora capaz de compreendê-lo. Mas agora, com seus 82 quilos fazendo tão pouca pressão contra seus pés, sentia que estava começando a entender. Mais uma vez deu um salto leve no ar e sentiu que flutuava por um momento antes que as botas tocassem o convés.

– Entendo.

Enquanto Kidd dava pulinhos, Sexton voltou a suas observações telescópicas.

– Claro que – disse Sexton, espiando para cima através do instrumento – primeiro precisamos atravessar a fronteira entre a atmosfera planetária, que gira juntamente com a Terra, e a atmosfera interplanetária, que orbita o Sol. – Fechou o telescópio. – Pode haver um pouco de turbulência.

– Você chama isso de “um pouco de turbulência”? – protestou Kidd no ouvido de Sexton.

Os dois homens se agarravam desesperadamente à trave que controlava o grande leme do navio. Ele exigia a força dos dois homens para manter o navio em curso pelo ar e também era somente se agarrando à trave que eles não seriam soprados para fora da amurada e desapareceriam de imediato no vazio. Dois membros da tripulação haviam se perdido antes que Kidd desse a ordem para que seus homens se amarrassem aos mastros.

O navio tombava bêbado ar afora, fustigado pelas chuvas torrenciais, jogado de um lado para outro por ventos caprichosos que sopravam com força de furacão não só do norte, sul, leste e oeste como também de cima e de baixo. Até mesmo Kidd, que já havia sobrevivido a uma tempestade no estreito de Bab-el-Mandeb sem sequer enjoar, mandou seu jantar para o outro lado da amurada.

– Eu não fazia ideia! – gritou Sexton em resposta. – Nem Halley nem Dampier jamais encontraram coisa parecida!

– Recolham as velas do joanete, seus malditos! – berrou Kidd para seus homens.

Mas nem toda a experiência de navegação de Kidd adiantava; não importava como ele dispusesse as velas, o navio apenas girava de um lado para outro, como um louco bêbado.

Em toda a sua vida, Kidd nunca se sentira tão desorientado. Nuvens de tempestade passavam por todos os lados; a bússola girava alucinada. Até mesmo as verdades básicas e eternas de “em cima” e “embaixo” haviam sido abandonadas.

– Como fugimos deste caos? – perguntou a Sexton.

– Espere encontrar um pouco de céu azul e navegue na direção dele!

Mas pilotar um navio com o leme aéreo de Sexton era mais fácil na teoria do que na prática e não era possível fazer nada além de girar como

louco. Provavelmente uma tempestade daquela quebraria os remos ao meio ou jogaria o remador para fora do navio.

Uma eternidade se passou, uma eternidade num inferno de marinheiros, de vento e de raios intermináveis e onipresentes, antes que um trecho de azul aparecesse a estibordo. Mas, embora Kidd e Sexton prendessem o leme com toda a força e os homens trabalhassem as velas com destreza e disposição, nada conseguiram a não ser mais uma cambalhota do navio.

– Maldito seja Deus por este tempo! – gritou Kidd.

– Não pronuncie o nome do Senhor em vão – retrucou Sexton. – Mas confie n’Ele e Ele proverá.

E então apontou.

Mais um trecho de azul limpo, menor que uma mão estendida, havia se aberto a estibordo. E, justo naquele momento, o vento por acaso estava soprando de bombordo, o que começou a impulsionar o navio naquela direção.

Kidd foi tomado por uma inspiração.

– Montem a vela principal! – berrou. – Preparem-se para uma pancada de bombordo!

O contramestre, que se amarrara ao mastro de mezena, encarou Kidd como se duvidasse da sanidade mental de seu capitão. No começo da tempestade, seguindo um antigo costume naval, eles haviam abaixado todas as velas e os balões, enfrentando a tempestade com os mastros nus ao invés de arriscar que as velas fossem rasgadas; desde então alçaram apenas o mínimo essencial de velas para controlar o navio. Mas agora Kidd ordenava que levantassem a maior vela e a virassem de modo que captasse o máximo de vento possível.

– Rápido! Agora! – gritou Kidd, reforçando sua ordem.

– Sim, senhor – respondeu o contramestre.

Ele e os homens do topo do mastro principal se desamarraram e começaram a subir com cuidado até o mastro principal, mantendo sempre uma das mãos agarrada no tecido. Só a diligência, habilidade e bravura de suas décadas de experiência tornaram possível a empreitada. Desenrolaram a vela e a recolocaram no lugar; o tecido correu de proa a popa para que o vento de bombordo pegasse o navio em cheio.

Assim que foi montada, a vela se abriu, inflando-se com as rajadas de ar. O som apavorante de lona rasgando podia ser ouvido mesmo por cima

do rugido do vento, mas o navio ondulou sob os pés de Kidd, se inclinando na direção do trecho de azul. Aquele tipo de manobra seria impossível no mar, mas com nada a não ser ar embaixo do casco, o jogo havia mudado por completo.

– Levantar todas as velas! – berrou Kidd. – Preparem-se para uma pancada de bombordo! Rápido! Agora!

Aquela estratégia só daria certo se conseguissem abrir todas as velas enquanto o vento continuasse favorável.

A tripulação se pôs a trabalhar com vontade, prendendo uma vela atrás de outra, todas castigadas pela chuva. A cada nova lona esticada, o navio corria mais veloz na direção do azul.

A força da ventania nas muitas velas também fez o navio adernar, inclinando-o com tanta força para estibordo que seu casco passou a apontar direto para o vento.

Kidd e Sexton se agarraram com força à trave, mas, embora o navio agora estivesse deitado inteiramente de lado, a atração da Terra estava tão fraca que nenhum homem caiu pela amurada.

O trecho azul, agora acima do mastro principal, ficava cada vez maior.

E então o navio o atravessou em disparada, mergulhando no céu azul e límpido. A tempestade ficou para trás, uma massa horrível de nuvens negras fustigadas por raios.

– Graças a Deus temos marinheiros competentes! – berrou Kidd.

Kidd, Sexton, Edmonds e o carpinteiro do navio flutuavam no ar, logo além do casco, a estibordo. Estavam presos pelo tornozelo por uma linha fina e era por isso que não saíam vagando. A tempestade estava três semanas atrás deles, mas já haviam passado ao largo de muitas outras iguais, grandes nós bagunçados de nuvens. Kidd e Sexton discutiam o tempo inteiro sobre a melhor forma de se preparar para a seguinte.

O carpinteiro marcara com giz um grande X no casco, entre as cracas secas e os furos de cupins-do-mar.

– Este aqui seria o ponto, capitão – disse ele. – Se o senhor não tiver certeza...

Kidd não tinha nem um pouco de certeza. Lançou um olhar ameaçador para Sexton.

– Isso é loucura. Cortar buracos no nosso casco?

Sexton retribuiu o olhar agressivo.

– É a única maneira.

Por três semanas a nave ficara sujeita aos caprichos da atmosfera interplanetária, jogada para um lado e para outro por qualquer brisa, e para todos os lados quando tentava voar. Embora tivessem amarrado tudo que puderam, os homens ainda flutuavam livremente no ar e as viradas e cambalhotas imprevisíveis do navio haviam resultado em muitos ferimentos e diversos homens quase perdidos. Kidd aprendera muito sobre como navegar nesse novo mundo, mas ainda assim o navio parecia combatê-lo a cada virada.

Sexton propusera um novo plano de velas realmente inovador. O mastro principal e o da mezena seriam retirados e remontados mais à frente no casco inferior, despontando para baixo e para fora de modo a formar um grande Y de comprimento igual ao mastro principal. Segundo a teoria de Sexton, colocar todas as velas à frente dessa maneira faria com que o navio apresentasse sua popa para o vento em vez de ficar constantemente girando; distribuir as velas da mesma maneira no plano vertical lhes daria controle sobre a direção do navio e sua orientação no ar. Mas nenhum navio na história jamais tivera mastros abaixo da linha d'água!

– Vamos ter que serrar os mastros da sobrequilha! – protestou Kidd. – Ela nunca mais ficará inteira!

Sexton fez um gesto com as mãos pedindo calma ao capitão.

– Prometo que o novo desenho vai equilibrar o navio – disse Sexton.

– Isso se você conseguir fixar bem os mastros em suas novas posições.

Kidd e seus homens teriam que pensar em um sistema inteiramente novo de cabeamento para apoiar os mastros. Mas não tinham muitas cordas extras e a coisa teria de funcionar com perfeição logo da primeira vez: se os cabos não conseguissem segurar as velas contra a pressão do vento, a nova posição dos mastros partiria o casco ao meio. Kidd balançou a cabeça.

– Não sei se dá para fazer isso. Me dê um tempo para pensar, raios! Ainda podemos aprender a navegar do jeito que está...

– Não. Já discutimos isso. – Sexton cruzou os braços e olhou para baixo para encarar Kidd, que flutuava alguns metros mais próximo do casco. – Precisamos assumir um controle melhor do navio, e rápido, ou a

gente vai se perder na próxima tempestade ou ficar rodopiando, ou então vamos ser partidos em pedacinhos.

Kidd lutou para relaxar o maxilar travado.

– Isso é uma ordem?

– Se é preciso que seja.

Os dois homens se encararam por um momento longo e tenso. Edmonds e o carpinteiro observaram, os olhos indo de um para outro.

Um dia, Kidd fora capitão de seu destino. Agora se encontrava subordinado a um moleque estudado, magro, que mal tinha barba, e estava furioso com esse rebaixamento.

Mas mesmo assim... as ideias de Sexton os levaram até ali. E, se conseguissem completar a missão, a lenda de Kidd, o viajante que foi a Marte, poderia apagar o erro de Kidd, o pirata.

Kidd se curvou e pegou a linha que prendia seu tornozelo, puxou-a e deu a volta em seu ombro, acabando com o espaço entre ele e o casco, seus pés descalços tocando mais uma vez as cracas ásperas.

– Dê aqui o machado – disse para o carpinteiro.

Recebeu o instrumento, ergueu-o e começou a golpear o ponto indicado.

Se alguém fosse assassinar o navio de Kidd, seria ele mesmo.

Marte tremeluzia no telescópio de Kidd, uma grande esfera baça cor de cobre. Onde a Terra reluzira como vidro, com o sol refletindo de suas nuvens, oceanos e lagos, Marte parecia não ter nenhum lustro, era uma madeira seca, sem polimento. Um mundo morto.

Fechando o telescópio, Kidd olhou para o planeta que se aproximava. O astro já estava grande demais para ser “coberto” com um polegar e aumentava visivelmente dia a dia.

Ele deveria estar empolgado.

O desastre chegara de modo imperceptível, por etapas. O *Mars Adventure* deixara Londres equipado com água e comida para três meses, um mês a mais que a viagem prevista pelas teorias de Sexton. A saída levava quase oito semanas, mais tempo do que o esperado, mas, assim que eles remontaram os mastros e descobriram como fazer o navio funcionar no ar, o novo, e bizarro, planejamento de velas de Sexton funcionou com perfeição. Na marca de seis semanas, todos os tripulantes haviam

concordado em aceitar rações reduzidas e seguir a toda para Marte, acreditando que a viagem de volta seria mais rápida.

Quando abriram o primeiro barril de água vazio, acharam que era apenas um acidente. Mas o segundo e o terceiro barril vazios alarmaram Kidd. Ele e o intendente foram até o porão de carga e abriram todos os barris. Quase um terço deles estava vazio. Mesmo com rações cortadas pela metade, certamente morreriam de sede muito antes de chegar a Londres.

– Maldito seja aquele Yale! – resmungou Kidd, agarrando o telescópio como se fosse o pescoço do vendedor.

Contudo, Kidd amaldiçoou mais a si mesmo. Anos caçando piratas e ainda assim traído e abandonado pelos próprios companheiros, já deveria saber que não poderia confiar em ninguém, só nele mesmo.

De repente, a mão de Sexton se fechou sobre o ombro de Kidd, despertando-o de seu devaneio.

– Não amaldiçoe o vendedor – disse o fisiólogo, subitamente animado demais. – Não é culpa dele.

– Como assim? – retrucou Kidd, lutando para recuperar a compostura.
– Ou ele me enganou, ou seja, enganou o rei, ou é um incompetente.

Sexton balançou a cabeça.

– Acho que entendi o que aconteceu. Aqueles barris estavam cheios quando os carregamos, mas foram construídos para climas terrestres. Você não reparou como a atmosfera ficou sem umidade?

– Reparei...

Kidd lambeu os lábios rachados com a língua seca como couro velho. O ar ficava cada vez mais seco e frio à medida que Marte se aproximava.

– O ar seco se aproveitou da madeira dos barris primeiro, depois sugou a água de dentro deles pelas fendas entre as tábuas. Em nossa próxima viagem podemos forrar os cascos com cera ou chumbo para impedir essa evaporação.

– Próxima viagem? – Kidd riu sem achar graça. – Não haverá próxima viagem para nós. – Voltou seu olhar para o ar vazio e sem nuvens e o planeta morto e seco abaixo. – O mar pode ser uma amante traiçoeira, mas pelo menos oferece uma ilha de vez em quando, com uma fonte ou lago de água doce. Não existem ilhas no ar.

– Ilhas talvez não. Mas existem... canais.

Kidd piscou várias vezes.

– Canais?

– Passe sua luneta para mim. – Sexton espiou Marte pelo telescópio de Kidd, entregou o aparelho de volta e apontou. – Ali, perto da borda do planeta.

Por um longo tempo, Kidd nada viu. Depois, ondulantes e borrados, alguns poucos finos fios prateados apareceram, brilhando à reduzida luz do sol.

Kidd abaixou o instrumento.

– São só miragens.

– Canais – insistiu Sexton. – E o que poderia haver neles a não ser água? Se o navio conseguir pousar e alçar voo dali, ainda poderemos sobreviver.

Mais uma vez Kidd lambeu os lábios secos, pensando. E então se virou para o contramestre.

– Mande chamar o carpinteiro. O navio vai precisar de algum tipo de pernas se formos pousar na areia.

Marte agora assomava sobre a proa, brilhando vermelho e imenso como a cúpula da basílica de São Pedro ao crepúsculo. A grande calota polar do norte brilhava branca e imaculada sobre o globo cor de sangue, mas Sexton rejeitara a ideia de Edmonds de pousar ali para derreter água da neve, temendo que o ar das regiões polares pudesse ser tão frio que o suprimento limitado de carvão não conseguisse produzir calor suficiente para reerguer o navio. Ao invés disso, dirigiram-se para uma área a cerca de 40 graus de longitude norte, para onde grandes canais convergiam. Sexton jurava que havia visto evidências de uma cidade naquele ponto; os olhos de Kidd, duas vezes mais velhos, não conseguiram confirmar isso. Mas, pelo menos, a presença de vários canais aumentava a chance de encontrar água.

Isto é, supondo que aqueles fios prateados fossem de fato canais e contivessem água líquida potável, e não alguma substância marciana desconhecida. E também supondo que eles conseguissem pousar e sobreviver.

Nem mesmo Sexton tinha ideia de que condições poderiam encontrar na superfície marciana que se aproximava rapidamente.

Quando o navio entrou na zona de turbulência, onde a atmosfera interplanetária encontrava a própria esfera de ar em rotação de Marte, os ventos mudaram violentamente. Mas dessa vez a tripulação de Kidd já tinha experiência em navegação aérea, o mastreamento do navio já se provara seguro e, ao contrário da Terra, não parecia haver nuvens de tempestade à espreita.

– O ar aqui é seco demais para tempestades – disse Sexton por entre lábios tão rachados quanto os dos outros. – Ou mesmo para nuvens.

Tudo que tinham de fazer agora era esperar um vento favorável, depois levantar velas para captá-lo. Quando o vento mudasse ou morresse, o que inevitavelmente aconteceria, eles recolheriam as velas e seguiriam na mesma direção até encontrar outro favorável. O trabalho era exaustivo para os homens, mas usando essa técnica eles avançavam em um ótimo ritmo. Sexton estimou que em mais alguns dias chegariam perto o suficiente de Marte para usar os balões.

Kidd espiou pelo telescópio, procurando os pequenos pedaços flutuante de matéria que ajudariam a prever um deslocamento do vento. Mas subitamente várias formas prateadas flutuantes apareceram em sua visão.

Sexton dera às criaturas um nome latino que Kidd nunca conseguia lembrar. Os homens os chamavam de peixes-voadores – embora só lembrassem vagamente a forma de peixes e o gosto não fosse nem um pouco parecido; além disso, eles não chegavam a voar, mas remavam pelo ar. Porém, ao longo das semanas seguintes, Kidd descobriu que um bando deles costumava cavalgar a crista de um vento forte... e era exatamente isso que ele estava esperando.

– Içar velas de sobrejoanete e joanete! – bradou Kidd.

A tripulação se levantou em um pulo, muitos deles literalmente saltando 5 ou 10 metros pelo ar até chegarem a seus postos. Haviam se tornado adeptos das manobras no ar: na ausência de peso, mãos e pés os impeliam rapidamente da corda até a verga, ou até a vela. Sexton insistia que o fenômeno deveria ser chamado de “queda livre”, embora não houvesse nenhuma queda. Kidd se preocupava com o que aconteceria aos homens quando voltassem à Terra, onde uma queda de uma altura daquelas poderia matá-los.

Ele se movimentou com cuidado, uma mão atrás da outra, se arrastando ao longo da malha de cordas de um lado do tombadilho até o

outro, espiando pelas laterais para o mastro principal e a mezena. Mas todos já sabiam o que fazer agora nos mastros, e em poucos minutos as velas foram içadas.

Um instante depois, uma rajada forte os atingiu. Todo o navio estremeceu com o impacto, vergas sacudiam e mastros rangiam, e alguns dos homens gritavam ao quicarem presos por seus cabos de segurança. Kidd e Edmonds se inclinaram contra a trave, pés escorregando no convés enquanto o ar combatia as tentativas de virar o navio para o vento. Mas o mastreamento aguentou, as velas tantas vezes consertadas permaneceram intactas e o navio disparou para a frente, o planeta crescendo velozmente diante deles.

Alguns minutos mais tarde, Kidd levou um susto com a aproximação de Sexton, que veio descendo seu cabo de segurança com uma expressão de pânico no rosto. Em algum ponto o homem havia perdido a peruca.

– Parem! Parem! – berrou Sexton mais alto que a rajada de vento. – Já estamos na atmosfera planetária! Fui um tolo por não perceber que a gravidade de Marte é menor que a da Terra. Sua atmosfera deve ser menos densa e, portanto, mais profunda!

– Não tenho tempo para filosofia natural, doutor! – gritou Kidd de volta.

– Você não entende, capitão! Estamos começando a cair!

O anúncio de Sexton fez Kidd perceber aquilo que seu corpo estava tentando lhe dizer já há algum tempo. O movimento rápido e cada vez maior do navio para a frente era na verdade a antiga sensação familiar de queda. E não só o navio estava descendo rápido na direção do planeta como o próprio peso de Kidd começava a retornar, arrastando-o ao longo da trave na direção da proa do navio.

– Inflar balões! – berrou. – Ligeiro agora! E se amarrem a tudo que puderem!

Imediatamente os marinheiros a meia-nau correram para os grandes baús no convés onde os balões estavam guardados. Haviam levado um dia inteiro para inflá-los lá na Terra; agora teriam de fazê-lo em bem menos tempo e em meio a uma tempestade.

Kidd voltou os olhos para as velas, sempre ajustando o ângulo para evitar que o vento em constante mudança partisse o navio em dois. Será que devia deixar que todas se rasgassem, perdendo todo o controle, para reduzir a velocidade?

Mas, antes que pudesse responder essa pergunta, sua atenção foi atraída de volta à meia-nau por um terrível grito de desespero. Era o oficial da meia-nau.

– Arruinado! – gritou ele, angustiado. – Tudo arruinado!

Em suas mãos estava um pedaço de seda preta apodrecida.

Kidd correu até lá, indo de um baú a outro para verificar os danos. Todos os balões estavam apodrecidos nos pontos que ficam em contato com a madeira dos baús. As partes no meio ainda estavam inteiras, mas, por conta da forma como os balões foram embrulhados, todos estavam cheios de furos. Dispunham de pouco tempo e não seria possível consertar nenhum balão para que pudesse reter alguma quantidade de ar.

Kidd olhou para o tecido apodrecido esticado entre seus punhos.

Fora ele quem, pessoalmente, embrulhara e guardara os balões. Sabia quão importantes eles seriam para a sobrevivência de todos na hora de retornar à Terra e tinha se certificado de que fossem dobrados e armazenados da forma correta.

O que não levava em conta era que eles já estavam molhados pelas primeiras chuvas da tempestade antes de serem esvaziados e guardados. A seda úmida, não importava quão cuidadosamente tivesse sido dobrada, estava fadada a mofar e se decompor.

O próprio Kidd havia condenado o *Mars Adventure*. Havia tratado a delicada seda como o tecido de vela comum e o material sensível fenecera e morrera sob seus cuidados.

Indefeso, elevou os olhos para Marte, a bola reluzente cor de sangue correndo inexoravelmente na direção deles – uma grande esfera de areia e rocha contra a qual o navio agora se despedaçaria.

Sexton apareceu a seu lado. Sem dizer uma palavra, Kidd lhe mostrou a seda podre.

– Estão todos assim? – perguntou o filósofo.

Kidd assentiu; não confiava na própria voz. Se não estivesse quase sem peso, poderia ter desabado em desespero no convés.

Sexton logo puxou seu telescópio, olhando por ele com tamanha concentração que parecia que pretendia abrir um buraco na tempestade só com a intensidade do olhar. Mas por fim fechou o instrumento e se virou desanimado para Kidd.

– Não podemos sair daqui navegando. Já estamos muito fundo na atmosfera planetária de Marte; sua atração granítica está nos segurando

com força. – Suspirou. – Se pudéssemos bater nossas nadadeiras e sair voando, como os coelipiscinos...

Kidd levou um instante para reconhecer a palavra como o nome que Sexton tinha dado aos peixes-voadores.

– Ou remar para fugirmos do problema.

Tantas vezes em sua carreira Kidd usara remos para tirar o navio de uma situação onde o vento e as ondas lhe haviam falhado.

Mas, embora o coração de Kidd estivesse pesado dentro do seu peito, os olhos de Sexton mostravam a luz da inspiração.

– Os remos! – exclamou o filósofo. – Os remos! Talvez eles possam ser de serventia...

– Nesta ventania? Iam quebrar como gravetos!

Sexton balançou a cabeça.

– Pense nas nadadeiras dos coelipiscinos.

Lutando para acompanhar o raciocínio de Sexton, Kidd tentou considerar as nadadeiras. Eram coisas grandes e largas, parecidas com películas, reforçadas com as costelas finas de um tecido espinhoso e duro.

Cada costela tinha quase a mesma espessura do ossinho da asa de um pombo, mas havia tantas delas que cada uma detinha apenas uma pequena proporção da tensão quando os peixes batiam as nadadeiras pelo ar.

Não. Eles não batiam as nadadeiras, não como pássaros. A ação era mais parecida com remar.

– Meu Deus do céu! – exclamou Kidd ao compreender.

– Mas precisamos reduzir nossa velocidade agora – disse Sexton – ou não teremos chance.

– Baixem todas as velas! – gritou Kidd. – E chamem o veleiro, o armador e o carpinteiro!

Depois que o carpinteiro, o veleiro e o armador terminaram o trabalho, mal havia espaço para se movimentar no convés.

As partes menos apodrecidas da seda dos balões haviam sido cortadas em tiras e amarradas entre um remo e outro; toda essa estrutura fora feita para formar uma grande asa aberta, parecida com a vela de um barco chinês, em cada um dos lados. Mas, naquele momento, a meia-nau do navio não parecia mais que uma grande massa esvoaçante de tecido branco rajado de preto. Volutas e ondulações de seda solta e podre bufavam

selvagemmente no vento marciano. Mesmo dois homens fortes juntos mal conseguiam segurar o remo com firmeza contra o empuxo.

As forquetas foram reforçadas com blocos, grandes nós de carvalho e cordames, e laços dos cabos mais fortes ligaram cada bloco ao seu parceiro na borda oposta. Correndo embaixo do casco, a rede de cabos aninhava o navio numa vasta cesta de cordas.

– Isto nunca vai funcionar – murmurou Sexton. – Fui um tolo só de sugerir.

Não era comum que Sexton perdesse a fé nas próprias ideias. Normalmente ele se agarrava a um conceito, não importava como parecesse inviável a Kidd, até que o indiscutível sucesso ou fracasso definisse a questão de uma vez. Mas agora, com as vidas de toda a tripulação dependendo da inspiração daquele maluco, o filósofo estava tremendo de pânico.

– Vai funcionar – disse Kidd, dando tapinhas nas costas de Sexton, embora ele mesmo estivesse longe de ter certeza disso. – Tem que funcionar.

À frente e abaixo, Marte agora estava tão grande que não era possível vê-lo como uma esfera. Em vez disso, parecia um horizonte, ainda que anormalmente curvo. A proximidade de Marte e a pressão de sua atmosfera sobre o casco do navio também davam a Kidd uma sensação de peso, uma pressão do convés contra as solas das botas que ele não sentia há quase dois meses. Sexton disse que a pressão nunca chegaria a mais de um terço do que era na Terra, o que era bom, porque, depois de tantos meses à deriva, os joelhos de Kidd estavam tão fracos e trêmulos quanto os de um cervo recém-nascido.

Ou talvez isso fosse apenas medo.

Kidd caminhou até a vante do tombadilho para falar com a tripulação, dando o melhor de si para colocar força e confiança em seu passo. Em um navio comum ele teria subido nas cordas da mezena, mas a do *Mars Adventure* estava presa ao seu casco de estibordo.

– Não vamos remar, rapazes! – gritou, em um volume mais alto que as rajadas de vento. – Não da maneira normal. Todos vocês sabem segurar o remo, certo?

Um coral de concordância confusa. Num navio daquele tamanho não era possível segurar o remo com o corpo e fazer com que ele parasse rapidamente.

– É isso que vamos fazer. Primeiro, apontar os remos para a popa, depois, à minha ordem, levar todos para a frente, de modo rápido e bem-feito. *Aí* vamos parar os remos, parar como se a vida dependesse disso, pois o navio inteiro vai ficar pendurado por eles! – Kidd olhou de relance para Sexton em busca de confirmação e recebeu um aceno de cabeça nervoso. – Então fiquem atentos às ordens para erguer ou baixar os remos. Mas só os desloquem um pouquinho! Como se estivessem ajustando uma vela.

Ele só podia ver os rostos de alguns dos homens, aparecendo e desaparecendo atrás da massa de seda podre ondulante. Eles pareciam nervosos e inseguros.

Mas aqueles rostos também mostravam esperança, e confiança... Esperança e confiança *nele*.

Kidd retesou o maxilar. Provaria ser digno daquela confiança ou morreria tentando.

– Apontar remos para a popa! – berrou. – Fixar remos nas forquetas!

Da forma mais disciplinada possível, os homens lutaram para obedecer a uma ordem que provavelmente nenhum capitão havia pronunciado antes, utilizando equipamento que nenhum navio jamais havia visto. A floresta de remos desceu para a popa, a seda podre remendada presa entre eles caindo com uma série de estalos secos que lembravam disparos de pequenas armas, enquanto os homens trabalhavam para amarrar cada remo firmemente em sua forqueta reforçada.

– Pronto, capitão – reportou o contramestre depois de um tempo longo demais.

Kidd respirou fundo. Aquele era o momento que provaria a ideia louca de Sexton ou então os condenaria a todos.

– Segurar! – gritou Kidd, o urro mais potente que já tinha dado na vida. – Ligeiro agora!

Os homens aplicaram toda a sua força, grunhindo de esforço ao trabalharem para levar os remos para a frente. Embora fizessem pressão apenas contra o ar, e não contra água, a força da grande velocidade do navio sobre a membrana sedosa esfarrapada que se esticava entre cada par de remos era enorme.

Eles eram bons homens, os melhores. Haviam sido bem alimentados, com as melhores rações que o dinheiro do rei podia comprar. Mas será que a força desses marinheiros seria suficiente?

O navio estremeceu e gemeu enquanto os remos e seu fardo de tecido esticado se abriam cada vez mais, as rajadas de ar quase fazendo a seda arrebrantar. Homens e vigas gemiam sob a tensão, e o próprio Kidd se sentiu pressionado para a frente quando a rajada de vento começou a diminuir a velocidade do navio em queda.

– Firme, rapazes! – berrou, segurando o chapéu com força.

Sacolejando, tremendo, lutando como um marlim apanhado num anzol, o *Mars Adventure* começou se transformar de um navio do ar em algo parecido com um gigantesco peixe-voador.

Aquela altura, a grande curva sangrenta do horizonte de Marte havia começado a se endireitar. Alguns fiapos de nuvens passavam em disparada por cada lado, e até mesmo acima deles. Agarrando-se à bitácula com seu telescópio, Sexton gritava instruções e fazia amplos gestos com a mão, que Kidd lutava para traduzir em ordens para seus homens.

– Levantar remos de bombordo! Estibordo, segurem firme!

O rugido do vento nos cordames era ensurdecedor.

Kidd nem sempre entendia o que Sexton estava pedindo. Suspeitava que o próprio também não. Com frequência os homens corrigiam demais ou interpretavam errado as ordens de Kidd, ordens que nunca haviam ouvido antes. O navio se sacudia violentamente sempre que um par de homens perdia o controle de seu remo, mesmo que só por um momento. E no entanto nenhum remo se quebrou e nenhum homem caiu por sobre a amurada; tampouco o navio tombou em um giro incontrolável. E, embora a seda danificada pela água continuasse a se rasgar, não se despedaçara... pelo menos ainda.

O navio foi se aproximando cada vez mais do solo, que agora passava correndo num borrão vermelho e ocre sob o casco. Estranhas formações minerais corriam de cada lado, fantásticas formas de pedra laranja que não se pareciam com nada que Kidd tivesse visto em suas viagens. Um canal amplo, cheio de água e reluzente, reto como uma viga e se estendendo de um horizonte a outro apareceu e ficou para trás num instante. Depois, uma surpreendente cidade apareceu. Torres altas, ruas largas e apenas um vislumbre do que poderiam ser os habitantes andando. Kidd ficou boquiaberto com a aparição, que desapareceu na popa.

– Capitão! – gritou Sexton.

Kidd se virou para encontrar uma enorme duna de areia vermelha assomando à frente, Sexton gesticulava loucamente com os braços.

– Remos de estibordo, descer cinco pontos! – berrou Kidd. – Bombordo, subir cinco!

Os homens grunhiram com o esforço enquanto lutavam para obedecer. Todo o navio rangeu e tremeu ao se inclinar pesadamente para estibordo. Kidd e Sexton puseram todo o seu peso na trave, fornecendo o pouco esforço que podiam colocar no leme.

Aos poucos, de má vontade, o curso do navio mudou.

Mas não o bastante. Eles não escapariam do impacto com a duna.

– Todos os remos de proa para cima! Todos os remos de popa para baixo! Segurem firme! E que Deus nos salve a todos!

Com um solavanco enorme, a proa se levantou no ar, o horizonte se inclinando loucamente enquanto a popa do navio pendia para o solo. Homens gritaram quando a súbita mudança de equilíbrio jogou os remos contra seus corpos; um deles se soltou e escorregou gritando pelo convés. De toda parte vinha o som de seda se rasgando e o barulho assustador de madeira se quebrando.

Kidd e Sexton correram desajeitados pelo convés inclinado até a bitácula e se seguraram com firmeza para evitar a morte.

E então, com um ruído aterrador de madeira rachando, como as próprias costelas de Deus, o navio caiu com toda a força no solo de Marte.

Kidd se ajoelhou na área fria, a cabeça abaixada em oração. Mas não estava rezando; simplesmente descansava os ossos. Ficou se perguntando se Deus ouvia as preces dos homens em Marte.

O navio jazia, em grande parte intacto, no seio da grande duna sobre a qual havia caído. Mas os dois mastros inferiores estavam despedaçados e o casco mostrava duas grandes rachaduras onde eles um dia estiveram. As pernas de pouso que o carpinteiro instalara também foram arrancadas, levando com elas diversas tábuas do casco. Carga e carvão jaziam espalhados por 1 quilô metro de areia. Em algum lugar também jaziam os corpos dos três homens que haviam sido atirados para fora do navio na queda. Mais dois haviam morrido em decorrência de ferimentos; esperava-se que a maioria dos demais se recuperasse. O próprio Kidd estava com o braço esquerdo numa tipoia e se considerava sortudo por não ter mais do que um ombro deslocado.

Durante o dia, o clima da superfície de Marte não era muito diferente do que eles haviam conhecido nos dias anteriores, enquanto estavam no ar vizinho ao planeta: frio e seco, com um vento fino que assobiava pela vastidão e chicoteava redemoinhos dançantes de pó. Mas quando, uma hora depois do acidente, o sol se pôs – a primeira escuridão que viam depois de dois meses navegando no ar sem sombras entre planetas –, o frio aumentou muito, penetrando até mesmo o casaco mais pesado de Kidd. A maioria dos homens não tinha sequer esse tipo de roupa para protegê-los. Nenhum deles havia dormido muito e o nascer do pequeno e fraco sol não havia feito muito mais do que tornar aquela situação lúgubre mais visível.

Um arrastar de botas na areia fez Kidd levantar a cabeça. Era Edmonds, o intendente, com o semblante exausto e preocupado.

– Terminamos o inventário, senhor.

Kidd simplesmente aguardou.

– Temos carne e ervilhas para dois meses a meias rações. Mas os barris de água... – Edmonds balançou a cabeça. – Metade deles se abriu na queda, senhor. Temos talvez duas semanas.

Kidd respirou fundo, sem saber o que dizer. Antes que pudesse formular uma resposta, ouviu um grito vindo de cima. Um dos homens estava no alto do navio, um pé na proa quebrada, balançando os braços e gritando palavras cujo sentido era levado para longe pelos ventos e se perdia no vasto ar rarefeito do deserto.

Kidd se levantou desajeitado e pôs a mão boa em concha atrás do ouvido.

– Como é? – gritou.

O homem fez um trompete com as mãos e berrou:

– *Marcianos!*

De algum modo, os nativos se pareciam com caranguejos. Tinham o tamanho de um homem, quatro membros que se estendiam no sentido do comprimento e caminhavam com as patas traseiras. Mas, embora tivessem dois braços e duas pernas, ainda eram estranhos, os membros se dobrando em todos os lugares errados e tanto eles quanto o próprio tronco cobertos por uma casca dura que tinha tons que variavam do branco, na barriga, até o mesmo vermelho ocre da areia, nas costas. Não havia cabeça visível, apenas um inchaço no alto do torso do qual despontavam dois caules

flexíveis com olhos negros, como uma lagosta, e uma boca vertical que se parecia com a ponta do alicate de um ferreiro. As mãos também se pareciam com as patas de um caranguejo e as pontas dos dedos se assemelhavam a garras malignas.

Aguardavam num grupo na areia. Havia mais de uma centena deles.

Kidd abaixou o telescópio e se virou para Sexton.

– Você acha que os selvagens falam inglês?

Sexton parecia péssimo: as roupas estavam em frangalhos, a peruca há muito desaparecera, as bochechas estavam enegrecidas por conta da barba por fazer.

– Improvável. Mas não são selvagens.

– Por que acha isso?

Sexton tornou a olhar pelo telescópio e Kidd fez o mesmo.

– As roupas. Repare nas cores e nos padrões, é tudo muito sofisticado. Parecem tapetes persas. Principalmente aquele no centro, o que está com chapéu. Ele parece ter joias nos ombros e nos pulsos.

Kidd se esforçou, mas não conseguia ver tantos detalhes quanto Sexton, que era mais jovem.

– Tudo que vejo são as espadas.

Cada nativo carregava uma espada fina e comprida, curva como um sabre persa, enfiada sem bainha no cinto; lâminas menores, também finas e curvas, estavam à mostra. Todas reluziam à luz fraca do sol.

Sexton riu debochado.

– Também estamos armados, certo? E não somos selvagens.

Kidd não tinha resposta para isso.

Kidd fez o melhor que pôde para manter a cabeça erguida ao descer desajeitado a encosta de areia fofa, mas, com o braço machucado e a bolsa cheia de materiais para negociação (moedas de ouro, contas de vidro, carne seca, um frasco de água e uma Bíblia) ele teve dificuldade para manter o equilíbrio. Os marcianos, reparou, tinham pés largos e flexíveis, adequados para caminhar na areia; a parte de baixo da roupa era larga como a dos hindus, presa no joelho, e deixava exposta a porção inferior da perna, uma carapaça vermelha.

Concentrar-se nesses detalhes ajudou Kidd a não cair na areia em posição fetal, aterrorizado.

Sexton foi na frente, estendendo as mãos abertas e vazias.

– Nós os saudamos em nome do rei Guilherme III de Inglaterra e Irlanda, II da Escócia.

O marciano com o chapéu avançou à frente dos outros. Tinha um odor estranho mas não desagradável, algo entre especiarias e cavalos, e o metal brilhante afixado em diversos pontos de sua carapaça parecia ouro de verdade. Emitindo cliques no que parecia ser o idioma local, apontou uma mão quitinosa para o céu, depois fez um gesto largo para baixo, abrangendo o *Mars Adventure*, os ingleses e também os marcianos. Então parou e ficou quieto, com as mãos cruzadas.

Sexton e Kidd trocaram olhares. Até mesmo o filósofo ficou visivelmente intrigado com essa exibição.

– Quem sabe deveríamos lhe mostrar a Bíblia? – sugeriu Kidd. – Ele acenou para o céu...

– Não tenho nenhuma ideia melhor – confessou Sexton. Kidd entregou-lhe o livro pesado, e o fisiólogo o abriu no Gênesis. – Este é o nosso livro mais sagrado – disse Sexton ao nativo, apresentando-o com reverência. – E esta é a história da criação do universo.

O marciano pegou o livro, examinando-o de todos os lados com comen tários em cliques para seus compatriotas. Passou as garras pelas colunas de texto, como se as lesse, bateu com delicadeza na capa e na lombada de couro. Levou o livro até perto do rosto, os olhos se juntando de maneira muito perturbadora.

Então, para horror de Kidd, ele lenta e deliberadamente arrancou uma página, dobrou-a e a enfiou entre suas terríveis mandíbulas.

Rígidos de mortificação, Kidd e Sexton não conseguiram fazer nada além de ficar ali parados, com os olhos arregalados, enquanto o marciano mastigava e engolia a página com aparente atitude de contemplação cuidadosa. Nenhum gourmand londrino em seu clube favorito jamais havia provado uma taça de vinho com tamanha atenção. Mesmo os olhos negros sem pálpebras pareciam perder o foco; o nativo parecia estar se concentrando no sabor do papel e da tinta.

Sexton quase vibrava de ódio.

– Essa é a palavra do Senhor! – vociferou.

Kidd também estava ofendido, mas não tanto quanto Sexton, e tinha consciência das dezenas de marcianos armados que se moveram para cercá-los de todos os lados.

– Calma, doutor – murmurou, pondo a mão no ombro de Sexton.

Com visível esforço, Sexton se acalmou. Mas Kidd precisou segurá-lo quando o marciano arrancou uma segunda e uma terceira páginas, rasgando cada uma em pedaços menores e compartilhando-as entre os marcianos próximos.

– Parece que eles acham a palavra de nosso Senhor um tanto... palatável – disse Kidd enquanto mantinha Sexton a distância com seu braço saudável sobre o peito estreito do homem.

Ele mesmo estava tão atordoado com o banquete blasfemo dos marcianos que se sentiu prestes a ter um surto de riso histérico.

Sexton respirou fundo, depois deu palmadinhas na mão de Kidd, que enfim o soltou.

– Perdoai-os, Senhor – disse Sexton, olhando para o céu –, pois não sabem o que fazem.

Enquanto os dois homens falavam, o chefe marciano entregou a Bíblia a um dos outros. Um terceiro nativo agora se aproximava trazendo uma garrafa de vidro achatada, que o líder pegou e apresentou a Sexton. Marcas em espiral, possivelmente um tipo de escrita, estavam gravadas na superfície da garrafa; o conteúdo era de um âmbar profundo.

Sexton e Kidd trocaram olhares intrigados. Foi Kidd que removeu a rolha, feita de uma espécie de resina flexível, e cheirou delicadamente o líquido no interior. Ergueu uma sobrancelha, não sabendo o que falar, antes de provar.

O sabor era incomum, com traços de gengibre e pinho, mas a sensação de queimação suave e rica enquanto o líquido descia pela garganta era tão familiar que lágrimas desciam de seus olhos.

– Não chega a ser um Ferintosh – disse a Sexton – mas, *que diabos*, é um excelente uísque!

Sexton piscou várias vezes, depois se virou e fez uma mesura para o marciano.

– Parece que temos uma base para comércio – disse.

Kidd aqueceu as mãos sobre a fogueira de um príncipe marciano, maravilhado pelo tanto que avançara desde a prisão de Newgate.

Apesar das dificuldades de comunicação, os marcianos ficaram ansiosos para trocar seus artigos por livros, cintos e qualquer outra coisa

feita de couro. As carnes marcianas eram palatáveis, embora apimentadas, e com um sabor parecido com carne de caça. Kidd e seus homens haviam recebido permissão para usar um pequeno prédio arredondado que parecia ter sido cavado em uma única peça de arenito. Sexton disse que na verdade a pedra poderia ser areia fundida com a própria saliva dos marcianos, mas Kidd tentou não pensar a respeito.

Quanto a Sexton, ele estava feliz como um marisco na maré alta. Ficou ocupado estudando a flora e a fauna marcianas, a linguagem, a astronomia – disse que havia descoberto que o planeta tinha duas pequenas luas. Parecia perfeitamente contente em permanecer ali pelo resto da vida.

Mas o estoque de itens de comércio do navio era limitado. Alguns dos homens obtiveram sucesso trocando trabalho e diversão (um deles chegou a tocar sua flauta medieval para os nativos) pela bebida marciana e outros produtos, mas isso não poderia continuar para sempre. Kidd achou que o marciano do chapéu já estava começando a lançar olhares estranhos para eles com seus olhos negros protuberantes.

Kidd se levantou do poço da fogueira e atravessou a sala lotada até onde Sexton estava sentado estudando um dos “livros” marcianos: uma longa bobina de aço fino gravada com uma escrita convoluta. O aço marciano existia em grande quantidade e era muito melhor que o inglês e facilmente equivalente ao melhor aço espanhol.

Sexton demorou algum tempo para reparar na presença de Kidd.

– Acho que isto pode ser um verbo – disse, segurando uma faixa de metal.

– Eu tenho uma pergunta para você. De filosofia natural.

– Sim?

– Venha para fora comigo.

Os dois vestiram mantos ricos e suaves, feitos com tecidos marcianos de cores vivas, pois o sol pequeno e fraco havia muito desaparecera do céu. A rua estava quieta e muito escura, pois os marcianos costumavam ficar em casa à noite, e um milhão de estrelas olhavam para baixo, sem piscar.

– Qual delas é a Terra? – perguntou Kidd, a respiração saindo em nuvens de sua boca.

Sexton olhou para cima por um momento, então apontou.

– Logo além do horizonte oriental, acredito. Ela deve aparecer daqui a uma hora.

– Sei... – Kidd olhou na direção indicada. – O que seria preciso para chegar até lá?

– Novos balões, é claro – respondeu Sexton sem hesitação. Ele já havia considerado a questão em detalhes, ainda que apenas como um exercício intelectual. – Mas existe muito deste fino tecido disponível. – Esfregou seu manto com dois dedos. – Comida e água podem ser obtidas com os nativos, e também carvão para aquecer o ar para a subida. O maior problema é substituir os mastros.

– Sim, os mastros.

Os marcianos não pareciam usar madeira para construção. Naquela cida de de pedra e aço, eles não haviam visto nenhum pedaço de madeira maior do que um graveto.

– E reparar todos os outros danos resultantes da queda. Mas os mastros são o principal. – Sexton deu um tapinha no ombro de Kidd. – Mas não é tão ruim aqui, é? Agora vamos entrar. Está frio.

– Já vou – respondeu Kidd.

Enquanto Sexton retornava aos seus livros, Kidd olhava para leste como se pudesse fazer com que a brilhante estrela azul da Terra subisse mais rápido pela força da sua vontade.

Kidd ficou mexendo na pilha de raízes nodosas perto do poço da fogueira, procurando as menos finas e fibrosas. As raízes brancas e cheias de anéis eram duras e insossas, mas os marcianos pouco ligavam para elas; 100 quilos delas podiam ser obtidos com apenas algumas horas de trabalho. Kidd suspeitava que as raízes eram comida para animais, mas preferia não investigar essa questão. Elas estavam mantendo a ele e seus homens vivos.

Os livros e o couro do navio haviam sido todos comidos semanas antes, pondo fim ao comércio de artigos de luxo como carne, rum e doces. Mas água e madeira tinham de ser carregadas (isso acontecia em Marte assim como em qualquer outro lugar) e os homens, com os músculos terrestres de bons marinheiros, podiam erguer e transportar mais coisas que qualquer marciano. Havia animais – que não se pareciam nem um pouco com ovelhas mas agiam de modo muito parecido – a conduzir e os canais exigiam manutenção constante. Todo esse trabalho os mantinha com fornecimento de comida de certo tipo, água e carvão. Mas não era vida para um marinheiro.

Selecionando diversas raízes da pilha, Kidd se preparou para torrá-las, mas, quando foi atizar o fogo, descobriu que a cesta de tecido que servia como depósito de carvão estava vazia. Kidd praguejou; por ruins que fossem quando torradas, as raízes nodosas cruas eram completamente intragáveis.

– Sexton! – gritou, jogando a cesta na direção do filósofo. – Traga um pouco de carvão da pilha.

Enquanto aguardava o carvão, Kidd dispôs as raízes no poço da fogueira, lamentando sua sina. Mas, quando colocou a última raiz, Sexton e o carvão ainda não haviam aparecido.

– Diabos, homem! – berrou olhando para trás. – Por que a demora?

Mas Sexton não respondeu e ele não conseguiu vê-lo.

Suspirando de exasperação pela facilidade do filósofo em se distrair, Kidd se levantou e foi até o aposento ao lado, onde encontrou Sexton em pé ao lado da pilha de carvão com a cesta quase cheia a seus pés e olhando com grande intensidade para um pedaço de carvão.

– Certamente – disse Kidd, áspero – você pode deixar seus estudos por cinco minutos pelo nosso jantar.

Em resposta, Sexton enfiou a coisa suja nas mãos de Kidd.

– O que você acha disso?

O fragmento preto não era carvão, mas madeira coberta de pó de carvão. Os marcianos usavam pequenos fragmentos de madeira como lenha; aquele pedaço era muito maior que os outros, quase do tamanho de um punho, mas, tirando isso, não era incomum.

– É madeira – respondeu Kidd, dando de ombros. – E daí?

– Os anéis, homem! Olhe os *anéis*!

Kidd revirou os olhos, olhou mais de perto... e seu coração se acelerou.

– Pela curvatura... isto deve ter vindo de uma árvore com tronco de pelo menos 1,5 metro de diâmetro.

– Exatamente! – Sexton apontou para diversos pedaços semelhantes na cesta de tecido. – E esses aqui são iguais. Mas não existe uma árvore à vista por aqui. – Apanhou um pedaço de madeira e o levantou entre os dois. – Precisamos descobrir a fonte disto!

Kidd se arrastou até o topo de uma duna, inspecionando o horizonte à frente com seu telescópio.

– Nada! – gritou para Sexton. – Nem uma maldita coisa.

Sem aguardar resposta, voltou descendo a duna, os pés enviando nuvens de areia fina e fria na direção de Sexton, que estava sentado massageando os próprios pés.

O rosto do filósofo era um misto de vergonha e exaustão.

– Eu teria *jurado* que aquele adjetivo que ele usou indicava uma distância entre 3 e 15 quilômetros. – Tomou um gole de sua bolsa de água. – Minha água já passou da metade. Talvez devêssemos voltar.

Kidd olhou para o caminho bem percorrido que seguiram pelas últimas quatro horas, depois para a frente, onde ele desaparecia em uma curva.

– Tem certeza de que ele indicou esse caminho? E que ele entendeu o que você estava procurando?

Sexton deu de ombros.

– É uma linguagem difícil pra diabo.

Kidd tomou um gole de água, protegendo os olhos do sol, e considerou a situação deles. Era quase meio-dia e tudo que haviam visto em quatro horas de caminhada era areia sem fim e formações minerais que em algum momento pareceram exóticas. Embora sua bolsa de água não estivesse tão vazia quanto a de Sexton, também estava tentado a abandonar aquela caçada. No entanto, era a única esperança que tinham.

Olhou para o deserto. Tão parecido com um oceano e, contudo, vermelho, seco e sem movimento. E, ao contrário do mar, com seu constante barulho de vento e ondas, opressivamente silencioso.

Não... não totalmente silencioso. Poderia ser que...

– Meus pés estão... – começou Sexton.

– Shhh! – sibilou Kidd e o interrompeu com um gesto.

Kidd apurou bem o ouvido. E escutou um som que não ouvia há muitos meses. Machados. Machados cortando madeira. Eles não haviam escutado antes por conta do barulho que os próprios pés faziam na areia.

Avançaram depressa, fizeram a curva e num instante se encontraram na margem de um desfiladeiro a talvez 60 metros. Por um tempo estiveram a apenas 100 metros dele e nem sequer suspeitaram de sua existência. Uma trilha arenosa, aparentemente escavada na parede do desfiladeiro pelos marcianos, partia da superfície do deserto. E no fundo...

– Meu Deus! – exclamou Kidd.

O fundo do desfiladeiro estava repleto de árvores. Árvores enormes, de 30 ou até mesmo 50 metros de altura, cada tronco claro como mel e se elevando reto e liso a partir do chão esponjoso até uma grande copa de folhagens logo abaixo da borda do desfiladeiro. Grupos de marcianos se moviam entre elas, minúsculos aos pés daqueles gigantes.

Enquanto observavam, uma das árvores caiu gentil e suavemente no solo do desfiladeiro. Os marcianos saltaram sobre o gigante caído e começaram a cortá-lo em pedacinhos com seus machados.

– O que, em nome de Deus, eles estão fazendo? – gritou Kidd.

– As condições de crescimento no fundo deste desfiladeiro devem ser quase únicas – devaneou Sexton. – Mas, como já vimos, existe muito carvão aqui. Talvez eles estejam tão acostumados a queimar carvão que pensam sempre em cortar sua madeira em pedaços pequenos.

Kidd balançou a cabeça.

– Estão presos ao hábito.

Enquanto Kidd olhava desfiladeiro abaixo, Sexton não parava de andar, animado.

– Preciso descobrir como essas árvores sobrevivem no meio de um deserto! – murmurou. – Este poderia ser o trabalho da minha vida!

Ante essa afirmação, Kidd arregalou os olhos e sua boca ficou ainda mais seca. Aquelas árvores eram a peça final do quebra-cabeça de como retornar à Terra, mas, se ele retornasse sem Sexton, enfrentaria a força.

Além do mais, percebeu, até que havia começado a gostar do pascalho.

– Mas, Sexton – disse Kidd, colocando um braço ao redor dos ombros do filósofo –, se você fizer destas árvores o trabalho de sua vida, quem irá nos ajudar a reconstruir o navio? Certamente existem melhorias a serem feitas no projeto.

– Claro... – disse Sexton, desviando o olhar das árvores ao parar para pensar na questão.

– E, assim que estivermos no ar, precisamos encontrar os novos ventos que nos levem para casa. Para isso podemos precisar de novas teorias sobre os movimentos do ar.

– Um problema difícil, de fato. – Sexton começou a bater nos bolsos em busca de seu caderno de notas.

– Considere também o problema de trazer as árvores inteiras para fora deste desfiladeiro, levar tudo até o navio e erguer novos mastros.

Sexton levantou a cabeça subitamente.

– Mastros?

– Mastros – repetiu Kidd.

– Mas isso é exatamente o que precisamos! – disse Sexton, e riu.

– Mastros!

– Mastros! – bradou Kidd, e também ele começou a rir.

Os dois homens se deram as mãos e começaram a dançar, rodopiando e pulando alto de alegria no rarefeito ar marciano.

O *Mars Adventure* flutuava a 15 metros acima da areia, tensionando seus cabos de atracação. Sobre ele assomavam oito vastos balões, cada um pouco maior do que antes: uma enorme e louca colcha de retalhos de cores vivas marcianas. Eles haviam recolhido quase todos os tecidos da cidade, adquiridos com muitas semanas de trabalho pesado, mas tanto marcianos quanto ingleses pareceram satisfeitos com a troca.

Os novos mastros eram impressionantes – retos e macios, e tão leves que haviam requerido apenas metade da tripulação para trazê-los do desfiladeiro e encaixá-los no lugar. E isso não se devia somente à leveza inerente à Marte... Aquelas árvores, produtos de um planeta pequeno, seco e alienígena, produziam uma madeira mais leve e forte que qualquer uma na Terra. Eles lotaram o porão de carga com o máximo de troncos que puderam enfiar lá dentro.

– Vamos construir uma frota de aeronaves – disse Sexton – e voltar para buscar mais! Vamos fazer fortuna com esses troncos!

– Não eu – respondeu Kidd.

Sexton piscou, atônito, e depois sorriu.

– Certamente ao famoso capitão Kidd não está faltando cobiça.

Kidd retribuiu o sorriso de Sexton.

– Não tema quanto a isso. Ao retornar, espero a gratidão do rei! E com isso pretendo me acomodar na Escócia, meu lar ancestral, com todo o Ferintosh que puder beber. – Encostou-se na amurada, olhando para baixo, para uma cidade cheia de marcianos, todos clicando de empolgação ao ver o grande navio voar. – Adeus, seus grandes caranguejos! – berrou Kidd e se voltou para o intendente. – Levantar âncora!

Os homens começaram a se mover e, um momento depois, com um grande salto, o *Mars Adventure* partiu rumo ao grande céu azul marciano.

ESPADAS DE ZAR-TU-KAN

S. M. STIRLING

Considerado por muitos o herdeiro natural do título de Rei da História Alternativa (que já pertenceu a Harry Turtledove), S. M. Stirling, o astro da ficção científica em rápida ascensão, é autor da série *Island in the Sea of Time*, que conta com os títulos *Island in the Sea of Time*, *Against the Tide of Years* e *On the Ocean of Eternity*, na qual Nantucket é lançada de volta ao ano 1250. Ele também escreveu a série best-seller *Change*: uma primeira trilogia (*Dies the Fire*, *The Protector's War* e *A Meeting at Corvallis*), seguida por *The Sunrise Lands*, *The Scourge of God*, *The Sword of the Lady*, *The High King of Montival*, *The Tears of the Sun*, *Lord of the Mountains*, *The Given Sacrifice* e *The Golden Princess*. Outra série de história alternativa, *The Lords of Creation*, é composta de dois volumes: *The Sky People* e *In the Courts of the Crimson Kings*, ambientados em um universo em que Marte e Vênus foram terraformados por aliens misteriosos no passado remoto. Mais recentemente, ele iniciou uma nova série, *Shadowspawn*, que consiste nos livros *A Taint of the Blood*, *The Council of Shadows* e *Shadows of Falling Night*. Ele também escreveu romances que não fazem parte dessas séries, como *Conquistador* e *The Peshawar Lancers*, e colaborou com Raymond F. Feist, Jerry Pournelle, Holly Lisle e o ator de *Star Trek* James Doohan, além de ter contribuído para as séries *Babylon 5*, *T2*, *Brainship*, *War World* e *Man-Kzin Wars*. Seus contos foram reunidos na coletânea *Ice, Iron and Gold*. Nascido na França e criado na Europa, África e Canadá, ele atualmente vive com a família em Santa Fé, Novo México.

Neste conto, Stirling mostra que, se alguma coisa importante é roubada de você, às vezes você precisa tomar medidas extremas para pegá-la de volta, não importa o perigo da jornada – ou quantos cadáveres vocês tenha de empilhar ao longo do caminho...

Encyclopaedia Britannica, 20^a edição
Editora da Universidade de Chicago, 1998

Marte – Parâmetros:

Ó_{RBITA}: 1.5237 UA
P_{ERÍODO ORBITAL} : 668,6 dias solares marcianos
R_{OTAÇÃO} : 24h34 min
M_{ASSA}: 0,1075 x Terra
D_{ENSIDADE MÉDIA}: 3,93g/cm³
G_{RAVIDADE DA SUPERFÍCIE} : 0,377 x Terra
D_{IÂMETRO}: 6.779km (no equador; 53,3% x Terra)
S_{UPERFÍCIE}: 75% terra, 25% água (incluindo gelo acumulado)

Composição atmosférica:

N_{ITROGÊNIO}: 76,51%
O_{XIGÊNIO}: 20,23%
D_{IÓXIDO DE CARBONO}: 0,11%
E_{LEMENTOS VESTIGIAIS}: argônio, neônio, criptônio
P_{RESSÃO ATMOSFÉRICA}: 10,7 lb/pol² médios ao nível do mar ao norte

Terceiro planeta do sistema solar a abrigar vida, Marte é menos parecido com a Terra do que Vênus...

Zar-tu-Kan: Avenida de Formalidades Enganosas

— Bem-vindo a *Zho'da* – disse Sally Yamashita.

– Mas eu já estou em Marte há um mês!

– A Base Kennedy fica em Marte, mas não fica de fato em *Zho'da* – respondeu ela.

A palavra em demótico significava algo como “o mundo real”.

Ela colocou a máscara no rosto com um gesto ensaiado enquanto se afastava da torre de pouso da aeronave enfrentando um ar tão seco e acre quanto o do deserto de Taklamakan e quase tão rarefeito quanto o do Tibete.

Um segundo depois, Tom Beckworth foi atrás. O quase tecido vivo se contorceu, se acomodou e transformou o rosto dela numa forma oval preta e lisa abaixo dos olhos castanhos amendoados. Não era preciso pensar no fato de que estava colando um parasita ameboide sintético sobre a boca e o nariz. O dele combinava muito mais com a sua pele negra.

Sally sempre gostava de voltar para Zar-tu-Kan, a principal cidade em Marte para exploradores e cientistas que faziam parte da Aliança Commonwealth-Estados Unidos. Ela era *alienígena de verdade*. Ao passo que a Base Kennedy era... uma espécie de aeroporto grande que havia de algum modo pousado na Antártida com todo mundo preso num hotel de segunda por causa do tempo ruim. Era provável que ela vivesse o resto da vida em Marte e, com antiagáticos baratos, isso poderia significar muito tempo.

Beckworth estava boquiaberto, mas se segurava; aquilo era para valer, não era um treinamento. Finas espirais em forma de tulipa assomavam a centenas de metros no ar, entre labirintos de acampamentos com poucos andares e paredes grossas, suas cores esmaecidas pelo tempo ainda se destacando contra um céu azul-claro com tons de rosa devido à poeira do Além Profundo. As torres variavam em sombras pontilhadas como a memória de arco-íris vistos em sonhos. Pontes cristalinas e

rendilhadas se juntavam a elas, e cúpulas transparentes reluziam abaixo de prédios familiares ou dos lares dos ricos e poderosos, repletos de um estonteante luxo florescente. As ruas estreitas lá embaixo serpenteavam por entre edifícios neutros de pedra dura, reluzente, com um tom entre o rosa e o vermelho, cujos entalhes ornamentais frequentemente se mostravam desgastados a ponto de não passarem dos traços mais finos...

Zar-tu-Kan era uma cidade-Estado independente e antiga quando os imperadores tollamune de Dvor-il-Adazar uniram Marte. Ela sobreviveu à Paz Eterna de um império planetário que durou trinta mil anos e agora era uma cidade-Estado novamente. As formas alongadas de seus cidadãos nativos se moviam lado a lado e as feras-da-seca e as aves-de-montaria executavam uma dança intrincada e quase silenciosa em que o som mais alto era o raspar do couro e dos cascos na pedra. Ocasionalmente uma voz, de vez em quando um tilintar musical, como se fossem sinos tendo uma discussão matemática.

– Marte não é mais velho do que a Terra. Apenas *parece* mais velho – disse Tom Beckworth enquanto caminhavam, retomando uma discussão que tinham mantido em vários momentos desde que partiram da Base Kennedy, sobre as margens geladas do oceano Ártico.

Transportar pessoas entre planetas era *caro*, mesmo naquele Ano da Graça de Nosso Senhor de 1998, e só os melhores conseguiam fazer a viagem. Infelizmente, às vezes pessoas inteligentes e cultas investiam muito de seu capital mental defendendo preconceitos ao invés de desafiá-los.

– A *civilização* marciana é muito mais velha do que a nossa – continuou Beckworth. – Mas deve haver coisas em comum. E, francamente, eles fizeram menos com seu tempo do que nós com o nosso.

Ela sorriu para si mesma. Eles não estavam em Vênus e não se podia brincar de Poderoso Sahib Branco com roupa de safári. Ele aprenderia. Ou não.

Sally parou, fez um gesto amplo com o braço e disse:

– É aqui. Lar, doce residência.

O edifício era um suave octógono de três andares, sem traços característicos do lado de fora a não ser por padrões em baixo-relevo que pareciam juncos com plumas. Tinha uma cúpula vítrea acima de sua seção central, no estilo do Consorte de Orquídeas do Período Imperial Tardio.

Insetos de manutenção do tamanho de gatos, mas com forma de besouros achatados, se arrastavam lentamente sobre a cúpula num loop eterno.

– Oláááásssssssenhooooraa – disse uma voz fina, rouca e sibilante num inglês com forte sotaque.

O homem levou um susto violento quando uma forma esquelética se desenroscou ao lado das portas. Os contornos se pareciam com os de um cachorro coberto de pelo vermelho empoeirado, um greyhound peludo à beira da inanição, com uma longa cauda como um chicote, dentes iguais aos de um tubarão, olhos verdes brilhantes sobre uma testa perturbadoramente alta e dedos dos pés compridos que serviriam para se pendurar.

– Oi, Satemcan – saudou Sally. – Algo a relatar?

– Ssssilêncio – disse o animal, voltando a falar em demótico; a saudação havia exaurido seu inglês. – Possssssivelmentesssssilêncioodemaiss.

Ele se curvou e cheirou os pés de Beckworth.

– Cheeeira essssstranho. Igual a você, mas... mais.

Sally estendeu a mão para dentro de uma das mangas soltas de seu manto e jogou um pacote de carne *rooz*. O não-exatamente-animal agarrou-o em pleno ar e engoliu carne e embalagem comestível ao mesmo tempo, lambendo os beijos de satisfação. Então ela tirou a luva da mão direita e a enfiou numa fenda ao lado da porta. Um toque leve, seco e áspero, e o portal de madeira tkem amaciada pelo tempo deslizou para o lado.

– Você vai precisar dar um gostinho para o sistema da casa – disse ela ao passarem para o vestibulo e enfiarem as máscaras de volta nos bolsos dos mantos. – Pronto.

Beckworth enfiou a mão na fenda meio sem jeito.

– Ela me *mordeu*!

– Precisa da amostra de DNA – explicou Sally.

A porta interna, com sua superfície lustrosa, deslizou para o lado para revelar uma passagem em arco na pedra porosa. A entrada dava para um pátio interno com cerca de 100 metros. O ar era maravilhosamente úmido, mais ou menos como Palm Springs ou Bakersfield, e tinha um cheiro suave de pedra, mato e coisas como manjerona, urze e outras plantas que não tinham nomes terráqueos. O pavimento era ornamental, um calcário duro, claro, rico em fósseis, trocado de séculos em séculos. Pouco dele

podia ser visto sob a vegetação que cobria os canteiros, subia pelos finos pilares ornamentados que sustentavam as varandas em arco que davam para o pátio e pendia em faixas coloridas das telas escavadas na pedra. Não era um sistema fechado como uma espaçonave, mas chegava perto.

– Estendo minhas saudações formais e impessoalmente educadas à linhagem e aos residentes – disse ela baixinho em demótico fluente. – Este é meu sócio profissional, denominado Thomas, Tom para os íntimos, designação de linhagem Beckworth. Ele vai residir comigo por algum tempo conforme permitido por meu contrato de aluguel.

Isso custou dez palavras e cerca de dois modificadores em marciano. Meia dúzia de pessoas levantou a cabeça de suas tarefas, dos livros estreitos que fi cavam pendurados no alto ou dos jogos de *atanj*. Inclinarum ligeiramente a cabeça e então a ignoraram, o que era de uma cortesia razoável; nenhuma delas estava usando mantos, mas vestindo quase nada, na verdade.

– Estamos no segundo andar – disse ela, guiando-o.

– Ninguém parece particularmente interessado em nós – disse Beckworth.

– Eles já viram terráqueos antes – explicou Sally, dando de ombros.

– Só existem duzentos de nós em Marte. Eu achava que atrairíamos mais atenção. Com certeza um marciano chamaria atenção em Oakland!

– Eles não são como a gente, Tom. Esta é a questão.

A porta da suíte de Sally abriu seu olho e a encarou; a pupila tinha a forma de um S inchando. Ela retribuiu o olhar, deixando que a porta escaneasse a ela e seu companheiro. A porta piscou em reconhecimento e ouviu-se um clique seco quando o músculo abriu a tranca de cerâmica.

Eles penduraram os cinturões das espadas e Tom olhou para as fotos na parede com interesse. Havia uma dos pais dela, uma do vinhedo que tinham em Napa, duas de seus irmãos, sobrinhas e sobrinhos e uma do gato que ela tivera na universidade.

O apartamento era grande, centenas de metros quadrados, um paraíso depois que você se acostumava a espaçonaves, habitats espaciais ou aquele habitat em Marte chamado Base Kennedy. A mobília era em sua maior parte embutida na substância das paredes e do chão, com cobertores nativos dobrados, sedosos ou peludos, alguns se mexendo um pouco ao sentirem o calor corporal dos terráqueos. Os 2 graus a mais tendiam a deixá-los confusos.

Caseiro, de uma maneira alienígena, friamente distante, pensou ela, e continuou em voz alta:

- Tem um nicho para cama ali, vamos colocar sua mochila.
- Onde fica o banheiro?
- Logo ali. Espere só até você conhecer o estilo Zar-tu-Kan de bidê – acrescentou ela, e sorriu quando ele fez uma careta.
- Quando vamos comer?
- Vou preparar um *stir-fry* para nós.
- Marcianos fazem *stir-fries*?
- Não, *eu* é que gosto de *stir-fries* ...
- Quer ajuda?
- Você não vai chegar perto dos meus utensílios de cozinha. Levei *anos* para conseguir que ficasse tudo certinho.

Enquanto acomodava sua modesta bagagem, Beckworth perguntou baixinho:

- Qual é a do canídeo?
- Satemcan? Ele... Ah, ele é um serviçal de muita ajuda. Ainda mais lá fora no campo. O alimento dele não custa muito.

Ele ergueu uma sobrancelha irônica e ela continuou, relutante, a voz baixa:

- E sim, foi meio que uma coisa de resgate. Ele tem... problemas. Teve sorte de não ser espetado e enfiado no digestor há muito tempo.
- É, estou vendo a velha veterana marciana impiedosa, de sangue frio, *que resgata cachorrinhos* – disse ele, abrindo um sorriso de orelha a orelha.

Sally levantou a mão fechada e ergueu o dedo do meio ao voltar ao nicho da cozinha.

- *Rooz*, os veganos podem comer! – gritou Sally enquanto começava a fatiar e mexer.

Beckworth se juntou à diversão ao colocar dois globos de essência, com fundo achatado, sobre a mesa e enfiar os canudos.

Os marcianos consideravam a ideia de *matar* um animal doméstico para obter carne algo muito ineficiente. O *rooz* vinha dos animais meio coisas, meio dinossauros e meio pássaros que eram modificados por tembst: abas de carne sem ossos cresciam no lugar onde as asas (ou membros anteriores) de seus ancestrais remotos haviam estado e tornavam a crescer depois de cortadas.

– E tem gosto de galinha – disse Beckworth.

Ela colocou o *stir-fry* de lado, em uma tigela com isolamento, e pôs massa dentro do wok, batendo bem e depois descascando sucessivamente meia dúzia de coisas fofas parecidas com pão, mas com forma de panqueca.

– Esse tipo parece mais com vitela e leva esse tempero que tem um pouco de sabor de limão e chili.

Satemcan gemeu, levantando as orelhas e apontando o focinho para a porta.

Ela se abriu sem a campainha. Uma granada de paralisia verde entrou rolando, mas Satemcan já estava se levantando; deu um salto desesperado e fez contato, batendo no objeto de cerâmica em forma de barril e fazendo com que voltasse através do portal aberto.

A granada saiu em um arco que iria – infelizmente – levá-la de volta bem sobre a balaustrada para dentro do pátio. Alguns gritos de *Medo!* e *Alarme!* vieram de baixo e foram interrompidos subitamente quando ela se estilhaçou na pedra; tudo que estava perto e tinha uma espinha dorsal ficou inconsciente assim que uma das nanopartículas tocou sua pele.

Três figuras mascaradas vestindo mantos e capuzes entraram pela porta logo depois do projétil, empunhando espadas e bulbosas pistolas de dardos com canos finos. Fizeram uma checagem rápida; Sally percebeu que estavam surpresos por encontrarem os terráqueos ainda vestidos do lado de dentro – o tecido servia como uma boa blindagem contra os dardos leves.

Sally girou e jogou a tigela de carne e vegetais fritando no óleo quente na cara do primeiro marciano que passara pela porta, que cambaleou para trás, tropeçando em seus companheiros, enquanto ela mergulhava para a frente em um salto de 3 metros, um braço na frente do rosto. Uma pistola de dardos sibilou, com um fedor de metano queimado com vestígios de enxofre, e alguma coisa atingiu dolorosamente seu cotovelo através do tecido.

Esse tipo de pistola ficaria desativado por vinte segundos para recarregar. Sally caiu rolando no chão e tirou sua espada do cinto pendurado ao lado da porta; não havia tempo para o Colt 45.

Tudo parecia um sonho, rápido mas leve e de algum modo *esticado* ; parte disso era adrenalina zumbindo no seu sangue, parte era a gravidade.

Sair pulando em Marte *era* algo que parecia um sonho, do mesmo jeito que a maneira mais suave como se atingia o chão.

Satemcan saiu pulando pela porta; ouviu-se uma série de sons abafados de batidas e grunhidos selvagens e uma voz marciana gritando, num tom sincero:

– Dor! Súbitaextremador! *Modo enfático!*

E Tom Beckworth desabou no chão como geleia, um ponto vermelho em sua garganta mostrando o lugar onde um dardo de cristal solúvel o havia atingido quando ele partira para cima dos agressores como um touro enfurecido. O terceiro marciano correu para cima de Sally brandindo a espada a fim de aplicar um *flèche* e ela não pensou em mais nada enquanto o aço pontudo se aproximava de seu olho esquerdo, rápido como um borrão e conduzido por um braço mais longo que o dela.

Sally posicionou-se em terça, um movimento de desespero, a lâmina dela indo rápida para o alto e para o lado, o pulso pronado, um impacto estremecedor em seus dedos. Um barulho suave de aço sobre aço e ela avançou deslizando os pés rapidamente, socando com a mão em guarda enquanto a figura alongada começava uma ágil recuperação recuando. Aquele era um truque agressivo de espadachim que desclassificaria você em qualquer salão na Terra, mas ela não estava na Terra e não havia nenhum segundo lugar a ser disputado ali.

O marciano emitiu um som sibilante quando os ossos e músculos mais fortes da terráquea rasgaram a bainha dos dedos enluvados, provavelmente quebrando alguma coisa no processo. Sally Yamashia teve apenas tempo suficiente para iniciar um corte selvagem do pulso na direção do pescoço do outro antes de sentir a leve pontada na sua nuca. Eram *três* invasores marcianos.

Ai, que mer...

Escuridão.

A inconsciência não durou muito e o dardo anestésico não deixou ressaca. Uma coisa áspera e molhada tocava sua bochecha. Ela piscou, abriu os olhos e viu o focinho ensanguentado de Satemcan.

– Ssssenhoraaa...

A mão-pata do canídeo deixou cair o aplicador; ele estivera no bolso do cinturão dela e havia administrado o antídoto. O sangue escorria das

feridas na garganta e no torso dele, diminuindo diante dos olhos dela. Sally retomou o controle sobre seu corpo e se virou para cima, tentando fechar as feridas com as mãos.

– Bom cachorro – disse ela. – *Canídeo ideal*.

Satemcan gemeu. Um rosto espiou pela entrada da porta, um da linhagem.

– Cuidados médicos, modo imperativo! – gritou Sally.

Isso trouxe alguém com uma plataforma em forma de concha correndo sobre muitos pequenos pés desagradavelmente humanos. A plataforma se abriu para exhibir um leito com apêndices serpenteantes em forma de vermes que se dividiam e subdividiam em filamentos rosados, finos demais para serem realmente visíveis, que reluziam e se trançavam. Sally grunhiu ao colocar Satemcan ali dentro e a tampa quitinosa se fechou com um som gosmento como se fossem dois bifés crus sendo colados um no outro. Depois de alguns instantes, uma voz saiu por trás de uma grade na concha, sem tensão através da consciência enquanto a máquina orgânica falava:

– Canídeo híbrido, formato padrão. Exsanguinação extensa, trauma de tecido moderado, dano pequeno aos nervos motores. Estabilizando... prognóstico excelente, mas exige proteínas e alimentos adicionais.

– Eu autorizo o gasto – retrucou Sally, se segurando para não desabar de alívio; Marte não tinha planos de saúde. – Cura acelerada máxima.

Por um momento ela tocou a concha da unidade de trauma.

Vamos lá, garoto, você consegue!

Ela se levantou; o manto havia descartado o sangue e coisas rastejantes estavam saindo de buraquinhos nas paredes para limpar tudo. Elas retornariam a seus locais e entregariam o que recolheram e a comida espalhada, para que os digestores da casa se alimentassem. A plataforma saiu trotando para se conectar nas ... espécies de... veias do edifício.

– Quanto você recebeu para deixá-los entrar? – perguntou Sally.

Zhay, o chefe da linhagem, tinha cabelos grisalhos e rugas, o que significava que provavelmente nascera quando Andrew Jackson era presidente dos Estados Unidos e o Japão era um reino de eremitas governado por sujeitos com corte de cabelo esquisito doidos por facas que passavam todo seu tempo vago oprimindo seus ancestrais camponeses.

– Mil unidades monetárias e, além disso, uma ameaça condicional de matar ou excruciar vários de nós se declinássemos – respondeu ele. – Os

perpetradores eram Coercivos de contrato independente, pessoas autoevidentemente dadas a perspectivas de curto prazo.

O que é um insulto devastador aqui.

Ele continuou:

– Entretanto, eu estimaria que eles foram muito bem pagos.

Sally se obrigou a contar até cinco antes de responder num tom tranquilo: pelos padrões locais, ela não tinha nenhum motivo para ficar zangada e precisava se conformar se quisesse ser levada a sério. Ninguém ali *esperaria* que os residentes arriscassem seus parentes ou as próprias vidas para proteger alguém como ela. E, se fossem entregá-la, por que não obter lucro com isso? Mil unidades monetárias eram muito dinheiro.

Alguém estava disposto a pagar caro por um terráqueo, ou por Tom especificamente. Ou talvez quisessem nós dois, mas estavam muito debilitados para levar ambos.

A linhagem do apartamento tinha deixado a plataforma médica em espera, o que na verdade era uma demonstração de boa vontade. Ela *realmente* não podia se dar ao luxo de descarregar a raiva neles.

– Mas seria *tão bom* ficar muito brava... – disse a si mesma, por entre dentes, em inglês.

– Leve isto para meu consulado e você receberá uma recompensa razoável – continuou, se dirigindo ao marciano, quando o latejar em suas têmporas diminuiu, digitando rapidamente em seu computador pessoal e carregando informações no pendrive.

Ela não conhecia Tom Beckworth há muito tempo para realmente se preocupar com ele.

Não tanto quanto me preocupo com Satemcan, se eu for bastante sincera, pensou.

Mas ele era um terráqueo, e estava em um lugar onde havia poucos como ele, e um compatriota americano ainda por cima, mais raro, e, o mais importante: cuidar dele enquanto ainda era um novato por ali era o *trabalho* dela.

– Por favor, note que, se houver qualquer repetição, meus associados no consulado irão invocar um conselho de arbitragem e propor uma multa pesada por violação implícita das provisões de proteção mútua do meu aluguel.

Zhay parecia que ia protestar: era um ponto discutível, já que aquela cláusula só se aplicava a crimes e furtos aleatórios de rua. Em vez disso,

simplesmente fez um gesto de que havia entendido e aceitou o pequeno retângulo plástico.

Ela não se deu ao trabalho de ameaçá-lo com a influência do consulado junto ao governo local. Robert Holmegard era um bom homem, mas ela já assimilara profundamente o que o cônsul da Aliança ainda tinha problemas em aceitar, lá no palácio: o governo não *importava* tanto ali quanto na Terra, onde variações da democracia social eram bem comuns fora do Bloco do Leste.

E sou muito mais bem informada sobre esse lado da vida marciana do que um diplomata. Muito, muito mais.

– Vou ficar fora por um período considerável – concluiu Sally. – Preciso encontrar um Coercivo para mim. Por favor, deixe a luz da varanda acesa; volto depois da meia-noite.

Não conseguiu rimar nas tonalidades monossilábicas do demótico, mas a testa franzida valeu a pena. Eles *realmente* não conheciam músicas de folk rock ali.

Um marciano saiu cambaleando do *Tempo Tingido de Azul Considerado como uma Série Regressiva*, a máscara de tecido inerte e barato pendurada, e ele sorria – um sorriso patético, pelos padrões locais. Cantarolou uma canção, e depois gritou:

– Eu... eu... *euforiaaaa!* Tem alguém aqui peeeeeerrrrrrto com intenção de um coito para reprodução?

Sally lhe aplicou uma chave de braço quando ele tropeçou na direção dela. O marciano de compleição leve soltou um *uff* e bateu na parede, ainda rindo.

– Três planetas habitados neste zoológico fodido de sistema solar e você não consegue se livrar de bêbados irritantes em nenhum deles.

Ele se escorou na parede e começou a escorregar, rindo, depois pôs-se a cantarolar a mesma canção, escarrapachado de pernas abertas. Vários adolescentes ficaram de olho nele, esperando para ver se era seguro roubar seus pertences, mas piscaram e recuaram um pouco quando ela olhou fuzilando para eles.

Era esse tipo de vizinhança. Ela foi entrando sem pedir licença. Teyudza-Zhalt quase sempre era encontrada ali, quando não estava trabalhando num contrato. Era uma espelunca ao lado do canal onde as

tripulações de barcos de longa distância e dos navios de terra que navegavam pelas planícies desérticas e os comerciantes de caravana descendo das terras altas costumavam ficar... e onde a plaquinha com os glifos que diziam *Praticante Profissional de Violência Coerciva* na mesa dela não estava nem um pouco deslocada.

O silêncio caiu quando Sally entrou pela porta. Cabeças se moveram para olhá-la de alto a baixo.

– Vas-Terráquea – murmurou alguém. Aquilo era um insulto, mas pelo menos um insulto sutil.

Houve um leve barulho metálico quando armas foram colocadas sobre as mesas ou tiradas das bainhas. A luz era de um esverdeado desagradável; alguém não estava alimentando bem os globos luminosos. Os murais nas paredes pareciam empoeirados e desvanecidos, destacando um grande salão circular no piso térreo de uma torre mais do que semiabandonada. O piso era feito de uma pedra que lembrava diamante, que estava gasta o suficiente para mostrar algumas valetas. As mesas eram circulares, os tampos feitos a partir dos troncos perfeitamente redondos de madeira tkem. Estavam cheias de marcas, e isso indicava um esforço considerável, já que era extremamente difícil machucar uma madeira que continha monofilamentos de sílica naturais.

O ar era seco e frio, claro, mas de algum modo tinha cheiro de fantasmas antigos, esperanças perdidas e toda a história labiríntica de *Zho'da*, o Mundo Real.

Teyud estava sentada com um pequeno braseiro para incenso vazio e limpo a seu lado, mas que deixava uma leve fragrância almiscarada no ar quando você chegava perto. Ela jogava *atanj*, mão esquerda contra direita, e de vez em quando tomava um gole de um globo de essência enquanto considerava os movimentos de suas peças ou jogava os dados.

Na mesa, ao lado do tabuleiro dobrável, havia uma tigela de molho doce e uma bandeja de flores carmesim rajadas de preto. Ela mastigou uma, engoliu, bebeu e inclinou a cabeça na direção de Sally.

– Eu expresso saudações amigáveis, Sally Yamashita – disse, usando um subtom semelhante a trompetes suaves. – Esta partida terminará em breve.

A Coerciva era um pouco mais alta que a média, cerca de 2,1 metros, mas a cor dos seus imensos olhos era distintamente estranha, um dourado-âmbar brilhante. Seu manto era de um cáqui avermelhado, cores que se

fundiam de modo excelente em quase qualquer lugar do planeta, mas o capuz estava jogado para trás para revelar cabelos presos numa fina rede metálica. Tanto os cabelos quanto o metal tinham um brilho de bronze polido. Ela era magra, mas não passava a impressão de ser frágil como um pássaro que era comum entre marcianos. A não ser que o tal pássaro fosse uma águia dourada, do tipo que os mongóis usavam para caçar lobos nos tempos de outrora.

Graça Pensativa era como os imperadores da Dinastia Carmesim chamavam a casta guerreira modificada por tempestade que havia feito a vontade real e mantido a paz. Eles eram raros agora que os tollamunes não controlavam nada a não ser a velha capital de Dvor-il-Adazar e suas cercanias, mas não era apenas a etiqueta marciana que assegurava um círculo de mesas vazias ao redor de Teyud.

Sally não interrompeu o jogo; eles levavam o *atanj* muito a sério ali. A Coerciva jogou os dados mais uma vez, moveu uma peça de Transporte para o quadrado do Déspota do lado esquerdo, assentiu muito levemente e começou a guardar o conjunto. Quando as peças estavam em seus lugares, fechou o tabuleiro e o enfiou no bolso na manga de seu manto.

– Eu professo saudações amigáveis em retribuição, Teyudza-Zhalt – disse Sally.

Ela pegou uma das flores e mergulhou no molho. Saudações amigáveis incluíam um convite para compartilhar. Era possível mastigar: a textura era levemente agradável, o sabor parecido com porco agri-doce e com cheiro de jasmim-manga. O estômago de Sally roncou.

Assassinato e morte súbita, mas ainda assim você fica com fome se não comer... e eu literalmente joguei o jantar fora.

– Discussão contratual? – continuou Sally se dirigindo à marciana.

– Você se envolveu recentemente num conflito letal ou quase letal – respondeu Teyud, pensativa. – Foi atingida por um dardo anestésico ali. – Bateu na própria nuca. – Você não está acompanhada pelo... canídeo não convencional. Solicito detalhes. Aí poderemos discutir termos contratuais de acordo com grau de incerteza, risco calculável e dificuldade.

Foi o que fizeram e, em uma concessão visível ao costume terrestre, a mercenária apertou a mão para selar o acordo; a mão dela era firme, seca e extremamente forte. Não era a primeira vez que trabalhava para Sally ou outros membros da missão da Aliança ali.

– Será uma tarefa interessante.

– Preciso pegar meu colega de volta – retorquiu Sally, amarga.

– Este é o ponto de interesse – disse Teyud, terminando seu globo de essência. – O fato de ele ser removido indica que letalidade imediata não era o objetivo dos agressores. Eles estavam, modo metafórico, operando como se tivessem a intenção de um roubo armado, muito embora não tivessem roubado mais nada. Desejavam roubar um Vas-Terráqueo. Claro que até mesmo o mais excêntrico colecionador não faria isso só para ter um nas mãos. Estou agradavelmente sem explicações para isso.

O relógio na parede começou a cantar no modo poético-estético, em um tom semelhante ao lamento de diamantes:

*Horas como areia
Nas margens de um oceano amargo
Fluem em ondas de tempo;
Doze horas se passaram
Desde a última vez em que o sol
Se ergueu em cega majestade;
Ele haverá de ceder sem pensar à noite
Em mais um...*

– Mordi ele, modo enfático! Mordi, mordi, *mordi* ele! – disse Satemcan, zangado. – Eu mordi o intruso no território do meu grupo de referência social!

– Mordeu, sim – confirmou Sally com paciência, dando palmadinhas na cabeça do canídeo.

– Eu irei, modo intencional futuro condicional, morder ele mais uma vez, modo enfático!

Em demótico, você *não podia* dizer que com certeza faria algo no futuro; as hipóteses construídas na estrutura de sua gramática proibiam a certeza sobre eventos incontrolláveis. Satemcan chegara o mais próximo que podia disso.

O canídeo não estava no seu melhor estado; as áreas ao redor de suas feridas estavam peladas e brilhando com a pseudopele que as cobria. Mas se movia sem dificuldade e o tembst médico usara colas orgânicas para juntar as coisas internamente. Elas seriam absorvidas à medida que a cura natural acelerada acontecesse.

E havia um olhar enlouquecido em seus olhos avermelhados. *Ele não está feliz*, pensou Sally, séria. *Bom, eu também não.*

– Canídeo – disse Teyud –, você consegue rastrear esses indivíduos?

– Ssssim – respondeu Satemcan, todo negócios por um momento.

Começou a se afastar do prédio, o focinho trabalhando enquanto sua língua vermelha escura saía para lambê-lo. Passado um instante, começou a rir, e isso era uma cena que valia a atenção:

– He-he-he-he! Aqui eles acionaram um aerossol anticheiro. Eu expresso desprezo! Profunda futilidade! Minhas excepcionais sensibilidade e habilidade praticada facilmente descobrem cheiros de sangue e feromônios de medo.

Seguiu trotando. Sem parecer tensa, Teyud mantinha os olhos para cima, em busca de movimento nos telhados baixos.

– Intrigante – disse ela baixinho. – Isto se parece mais com táticas de confronto de unidades pequenas do que com a maioria das comissões privadas.

Normalmente, marcianos não eram mais corajosos do que terráqueos; eram apenas mais diretos. Teyud era uma exceção. Elas já haviam trabalhado juntas e a coisa podia ficar tensa em alguns momentos. Mas agora Sally não estava se importando com isso.

– Eu expresso arrependimento pelo risco que você pode correr – disse Sally.

A Coerciva não olhou ao redor, mas havia um pouco de surpresa em sua voz:

– Eu escolhi me envolver – disse, e continuou, pensativa. – Vocês vas-terráqueos são a primeira coisa nova a chegar ao Mundo Real em muito tempo. Trabalhar com vocês é menos desmoralizante do que ficar sentada olhando o Além Profundo se espalhar sobre as cidades restantes e as últimas plantas atmosféricas murcharem.

– Muito tempo vai se passar antes que isso aconteça – disse Sally; isso não incomodava muito a maioria dos marcianos.

Ela estava checando o caminho de onde vieram; seria difícil detectar um rastro, mas não impossível.

– Não tanto tempo quanto se passou desde a data em que o Primeiro Imperador reinou – disse Teyud. – Ah, seu canídeo parou.

– Aqui – disse Satemcan, esquivando-se dos pés de pedestres irritados. – Múltiplos rastros, porém o mais fresco leva para dentro desta

estrutura.

– Ai, *merda* – acrescentou Sally quando o canídeo levantou a cabeça balançando a cauda à espera de elogios. – Ah... Bom trabalho, Satemcan.

Os glifos no edifício diziam:

Agência Cooperativa para Engrandecimento, Franquia de Zar-tu-Kan.

– O que vamos fazer? – perguntou Sally. E em inglês: – Aqui na Yakuza Central?

– Recomendo seguir a exortação na parede: *Pergunte no interior* – respondeu Teyud.

A sala de espera era um grande espaço em arco, com uma estante para rolos, equivalente a uma pilha de revistas, e um dispositivo para venda de essências. E havia cartazes de propaganda nas paredes:

“Você perdeu o desejo de autopreservação mas não tem a força para suicídio convencional? Então considere se viciar em tokmar, a forma mais subjetivamente agradável de lenta dissolução para indivíduos com mau funcionamento psicológico! Amostras iniciais disponíveis de graça!”

Ou:

“Poucas satisfações equivalem à tortura dolorosa daqueles que antagonizam ou sobrepujaram você. Desfrute desprezo e inveja! Nossos especialistas...”

– Não são as diferenças que realmente perturbam, são as malditas semelhanças – resmungou Sally, evitando as ilustrações. – Ou talvez sejam as duas coisas. Nós fazemos a mesma coisa, mas, porra, eles são tão diretos.

Satemcan estava com as orelhas abaixadas quando entraram; devia estar enfrentando uma quantidade enorme de cheiros desagradáveis, sutis demais para narinas humanas ou marcianas.

– Apreensão. – Ele gemeu. – *Medo*.

– Eles passaram por aqui?

– Por ali – disse ele, apontando com o focinho.

Por ali significava pela mesa da recepção, que tinha uma placa que ajudava bastante: “Quem passar por este ponto sem autorização será morto sem aviso.”

– Vocês querem? – perguntou o recepcionista.

Então olhou para Teyud e Sally pôde ver suas pupilas se expandirem. Ele tirou as mãos das mangas e as colocou cuidadosamente em cima da

mesa.

– A senhora quer, mui refinada de genoma? – repetiu, dessa vez usando o modo honorífico.

Três Coercivos usando mantos negros estavam parados atrás da placa de pedra lisa cinza e Sally pensou que provavelmente outros estavam escondidos. Aquela era *mesmo* uma central de bandidos. Dava certo consolo ver que os olhos deles se deslocavam entre ela e Teyud com certo nervosismo; ela estava ali há muito tempo e lia bem a linguagem corporal marciana. Isso lhe dava uma vantagem, já que os locais com os quais lidava não tinham quase nenhuma experiência com terráqueos.

É uma palhaçada dizer que eles não têm emoções, como dizem aqueles episódios da série Fronteiras distantes. Eles apenas são menos autorreflexivos sobre isso.

Sally respirou fundo; não estava inteiramente confiante de que sairia dali viva, mas as chances seriam muito piores sem Teyud.

– Minha residência foi atacada... – começou.

Quando terminou, o recepcionista piscou para ela e se curvou para sussurrar em uma grade. As orelhas de Teyud apontaram para a frente; as de Satemcan também. Um tentáculo se estendeu e o recepcionista o conectou no *próprio* ouvido. A conversa seguinte aconteceu sem som algum; ele assentiu diversas vezes, depois extraiu a coisa-interfone (ou possivelmente coisa de recuperação de dados) com um *plop* e disse:

– Três Coercivos independentes contratados por um terceiro para a operação que você mencionou, há quatro dias, através de nosso serviço de emprego, com a taxa usual. Eles também adquiriram informações táticas sobre seu cronograma habitual. No começo desta manhã voltaram para cá com um prisioneiro vas-terráqueo, que entregaram ao terceiro. Então adquiriram um pacote bem caro de tratamento médico para fraturas ósseas, queimaduras e mordidas de canídeos e partiram de Zar-tu-Kan na direção de Dvor-il-Adazar. Não venderemos a você as identidades deles, pois nossos contratos de afiliação o contêm uma cláusula de confidencialidade.

União Internacional de Bandidos, Sucursal 141, ela pensou com amargura. *Eles tiveram muito tempo para criar regras que cobrissem cada contingência.*

O recepcionista piscou; era claro que a expressão de Sally estava mostrando mais do que ela queria. A linguagem corporal humana da Terra

não era a mesma dos marcianos, mas não era muito diferente para coisas básicas como humor ou raiva. O problema era que cada espécie achava as *razões* para as emoções dos outros estranhamente opacas. Acrescenta-se o fato de que os marcianos tinham somente um idioma e um conjunto de normas sociais, por isso não estavam acostumados a lidar com diferentes reações e linhas cruzadas eram bem mais comuns.

Havia mais variação cultural em São Francisco do que em todo aquele planeta. Ela forçou os músculos do rosto a relaxarem um a um.

– A política de confidencialidade não é negociável, por diretriz permanente – disse o recepcionista com cautela. – Matar-me ou torturar-me, ou fazer isso a qualquer outro de nossos associados aqui, não irá alterar isso; a política foi definida em níveis mais altos, para os quais somos de pouca importância.

Sally preparou seu rosto e olhou de lado para Teyud. A Graça Pensativa fez um gesto mínimo com dois dedos da mão repousando sobre o cabo de sua espada: *Não force*.

– Estou mais interessada na pessoa que empregou os três... associados da sua cooperativa – respondeu Sally com determinação.

– Nós a informaremos da identidade do terceiro por uma taxa de 2.750 unidades monetárias, com financiamento disponível nos seguintes termos: uma taxa de juros de...

– Nenhuma cláusula de confidencialidade?

– Não, nenhuma foi comprada. Esse foi um imprudente excesso de economia que aumenta a probabilidade de resultados abaixo do ideal pela perspectiva do cliente! Repare que iremos incluir um acordo de confidencialidade para *você* por uma modesta taxa adicional de...

Dez minutos depois elas estavam de volta à rua e Sally olhava para o nome e o endereço escritos em algo parecido com uma tira de papel.

– O que fazemos agora?

Teyud sorriu.

– Quanto ao nosso curso de ação, primeiro fazemos um reconhecimento, depois atacamos.

Aqui estou eu, invadindo Harvard de propósito. Ou talvez Oxford.

Mesmo pelos padrões de Zar-tu-Kan, o Escolarium era *velho*. Velho o bastante para não ter sido construído originalmente sob uma cúpula ou

montado inteiro em um dos labirintos de padrões fractais que os marcianos haviam usado tanto durante a Dinastia Carmesim. Eles haviam melhorado durante a Era Imperial: agora o reduzido número de estudantes e funcionários andava por prédios que variavam de tamanho, desde um pequeno bloco de apartamentos até outros maiores que a Cúpula Solar de Houston ou a Grande Casa da Cultura do Povo de Beijing; os maiores eram em grande parte jardins agora e estavam todos interligados por túneis subterrâneos e passarelas translúcidas, escavados em padrões intrincados, como enormes flocos de neve.

Sally conteve o susto ao ver a si mesma num trecho reflexivo de uma das passarelas. Ela e Teyud usavam mantos de estudante – ligeiramente puídos e bem coloridos – e máscaras ao estilo do Escolarium. A dela era de uma larva-tecelã, um inseto usado para a produção têxtil, moldada no estágio de pupa: o estilo era de uma caloura e representava uma leve piada sem graça em termos locais. A de Teyud era uma brincadeira mais ousada, uma máscara dourada e delicada representando o rosto de uma adepta da espada da Graça Pensativa... coisa que ela de fato era. No Escolarium isso poderia designar alguém que estudava artes marciais ou história militar. O fato de que a maioria das pessoas usava máscaras e roupas que cobriam tudo, até a ponta dos dedos, tornava o ato de andar disfarçado à espreita *muito* mais fácil.

E Teyud tinha um senso de humor um tanto irônico. Quando Sally mencionou o fato, ela assentiu discretamente e comentou:

– Mais. Em suas origens, a Graça Pensativa era composta por Coercivos preocupados com a manutenção da regra e a deferência aos regulamentos... qual é aquela palavra terráquea...

– Polícia – respondeu Sally baixinho.

– Isso. E agora eu estou executando uma função semelhante, mas particularmente, para você.

Ela riu baixinho. Sally não teve vontade de rir; aquilo era um pouco pessoal demais.

– E, portanto, ainda sirvo a *Sh’uMaz*, modo metafórico, de certa forma – disse Teyud, e tocou o glifo *imperial* na testa de sua máscara que representava aquele conceito. – Muito embora eu não esteja a serviço dos Reis Sob a Montanha.

Sh’uMaz significava *Harmonia Sustentada*, o programa e o lema dos imperadores tollamune. A Paz Eterna da Dinastia Carmesim era uma

nostálgica memória em Marte, mas havia um tom disfarçado na voz de Teyud que queria dizer mais do que isso.

Uma seção da passarela se curvava para baixo em uma espiral semelhante a um saca-rolhas. Elas deslizaram por ela de uma maneira só possível porque a gravidade era um terço da terráquea, depois saíram caminhando sob uma cúpula. Os prédios ao redor da borda eram bastante variados, mas a maioria dos glifos de identificação trazia variações da espiral com gotas que significava *tembst*. Aquela era a faculdade de ciências, mais ou menos.

Caminhos de pedras coloridas e texturizadas serpenteavam pelo espaço aberto, intercalados com arbustos baixos e canteiros de flores. Pássaros coloridos voavam ou saltitavam ao redor. Um deles parou e planou diante do rosto de Sally.

– Comida? – perguntou, esperançoso.

– Sai fora – respondeu Sally, e ele saiu.

Os alunos estavam sentados ou esparramados ao longo dos caminhos, canteiros e bancos, discutindo, lendo ou ocasionalmente cantando. Tirando o eterno *atanj*, uns poucos brincavam com jogos que envolviam atirar coisas pequenas com montes de tentáculos que tentavam agarrar sua mão. Você ganhava agarrando a ponta de um tentáculo e girando a... coisa... para cima do jogador seguin te. Se errasse, ela voltava se arrastando àquele que seria o seguinte.

Ela não conseguia entender por que alguém ali iria abduzir um biólogo terráqueo em busca de seu conhecimento; marcianos eram melhores nisso e Tom viera para aquele planeta para aprender. Esse raciocínio apontava para uma explicação parecida com *Eu preciso de uma cobaia com um padrão genético específico*. O que significava que qualquer coisa podia estar acontecendo com ele.

Qualquer coisa mesmo.

– Informação – disse Teyud educadamente a um passante. – Sábio Instrutor Meltamsa-Forin?

O estudante usava uma máscara que imitava algo com um caroço alto de osso na testa.

– Ah, Meltam, o Defeituoso Neurológico.

Ou Meltam, o Excêntrico, ou Meltam, o Louco, ela traduziu mentalmente.

– Identidade, função?

O estudante apontou para um dos edifícios.

– Esteja preparada para ouvir argumentos exoticamente razoáveis a partir de premissas falsas.

– Especialidade?

– Agri-tembst, com um campo subsidiário mais recente em biótica do Mundo Molhado – disse o estudante, e continuou, de má vontade: – Neste último campo, ele tem dados consideráveis. Embora o assunto seja obscuro e de pouca utilidade imediata, tem algum interesse.

Depois de ter falado mal de um professor, ele simplesmente inclinou a cabeça e foi embora. Sob outras circunstâncias, Sally teria achado isso humilhante: o glifo no edifício que ele havia apontado podia ser mal traduzido como *Ciência Veterinária*. Naturalmente, também significava Defeitos de Engenharia e Seus Reparos.

– Tom foi sequestrado por *veterinários*?

O prédio propriamente dito era tão velho que tinha janelas altas em arco e fora preenchido com pedras porosas eras antes. A maioria dele ficava dentro da última cúpula, mas uma torre assomava bem no alto, um cilindro de pedra lisa que se abria no topo como uma gigantesca tulipa.

– Ah – disse Teyud. – Sim. Uma entrada direta tem possibilidades limitadas. Mas existem alternativas disponíveis.

– Que alternativas?

– Existem vantagens em se pertencer ao genoma da Graça Pensativa, que compensam o aumento de consumo calórico necessário. – Franziu a testa enquanto pensava e comeu outra flor. – Em seus termos... alguém me *deve* favores e tenho *muita sorte* com os Coercivos locais a serviço do Déspota.

– Eles vão intervir? – perguntou Sally, surpresa e satisfeita.

– Não diretamente. Mas... *por baixo dos panos*.

– Eu teria preferido uma inserção de alta altitude com paraquedas direcionais – disse Teyud algumas horas mais tarde. – Existe um risco pequeno porém calculável de que a aeronave seja avistada.

– Não – disse Sally; essa resposta era menos grosseira em demótico.

O dirigível não fazia quase nenhum barulho; os motores estavam como que ofegantes porque haviam levado a aeronave para uma posição contra o vento e agora vagavam com a brisa quieta e lenta na direção do

Escolarium. Zar-tu-Kan passava abaixo do compartimento transparente na barriga do dirigível, menos brilhante do que uma cidade terráquea vista do ar, misteriosa, com um brilho suave e pontos de luz. Estava frio, muito abaixo de zero, mas os mantos e as roupas forneciam um isolamento quase perfeito. Só a pele ao redor dos olhos estava exposta, e isso somente até...

Teyud estendeu uma caixa que havia desprendido de seu cinto. Sally fez uma pequena careta mas se inclinou para a frente. A tampa se abriu e tentáculos saíram para um exame, formando uma teia ao redor do rosto dela. A fera óptica saiu da caixa com um *plop* gosmento e se acomodou com firmeza; pesava apenas uns 2 quilos e parecia aquele tipo de geleca grudenta de criança. Tudo ficou escuro e Sally sentiu uma ligeira agulhada nas têmporas quando os finos tentáculos se conectaram às suas veias. Outra picada nos cantos dos olhos e uma sensação como borrões de estática e uma dor de cabeça muito breve quando filamentos ainda mais finos se integraram a seus nervos ópticos.

Então tudo ficou mais claro, como um dia nublado. Teyud brilhava muito de leve; o animal sentia calor ambiente e luz ampliada.

– Está funcionando – disse ela.

Se estivesse parecida com Teyud, agora passava a imagem de um monstro com olhos esbugalhados em alguma capa de revista antiga; o óptico que a Graça Pensativa usava transformava a parte superior de seu rosto em uma superfície protuberante e lisa como os olhos de um inseto... e essa era mais ou menos a intenção. Aquilo era tembst militar da Era Imperial e Teyud dissera que existia uma remota possibilidade de que fosse matar Sally quando tentasse usá-lo, apesar de ela ter fornecido uma amostra de sangue para autorização prévia.

Uma possibilidade muito pequena para levar a sério, foi o que ela dissera.

O interfone assobiou e disse:

– Aproximando-se do alvo. Preparar para descer. Eu expresso um desejo de que fatores aleatórios se desenvolvam em um padrão favorável.

Satemcan gemeu baixinho quando Teyud o pegou; ele se prendeu ao arnês dela com ambas as mãos-patas. Sally checkou seu equipamento: a espada estava presa às costas, naquela posição bacana que significava que você precisava tomar cuidado para *não* cortar a própria orelha na hora de sacá-la. Depois de discutir brevemente com Teyud, ela enfim carregava uma pistola de dardos nativa. Seu Colt tinha uma taxa de disparos muito

mais alta, já que não dependia de uma câmara geradora de metano. Por outro lado, atirar em alguém com uma bala terráquea não o fazia cair no mesmo instante e era muito mais barulhento.

Cabos se desenrolaram do teto do transporte de ataque. Sally prendeu um ao seu arnês e o agarrou com as mãos enluvadas.

Lá embaixo, a cúpula da faculdade de ciências brilhava como uma opala sob a lua. Fobos estava lá no alto, um terço do tamanho da Lua vista da Terra, e Deimos passava lentamente atrás. Os propulsores da aeronave vibraram ao corrigir o curso.

– Descendo... *agora!*

As portas transparentes se abriram embaixo delas e seu peso foi sustentado pelo arnês. O cabo desceu, enrolando-se no espaço, e ficou pendurado enquanto elas se aproximavam do topo abaulado da torre. Teyud não parava de mexer a cabeça, calculando.

– Agora – disse, e apertou o mecanismo de soltura.

Sally a seguiu de imediato e desceram rapidamente para a não escuridão. Ela *torcia* para que a sensação em seu estômago fosse só física; parecia um elevador em queda. O teto da torre era plano, ou melhor, quase. Água empoçada não era um grande problema ali e, a julgar pelas marcas, um dia aquele lugar abrigou poleiros Paiteng. Ela não tentou pensar na própria velocidade; a especialista era Teyud, então simplesmente a seguiu o mais perto que pôde. Houve uma súbita flexão do cabo; o conjunto de membros flexíveis equipados com ventosas na sua extremidade se conectara ao alvo. Sally prendeu as pernas e as estendeu quando o teto foi se aproximando, então apertou o botão para se soltar. Ela caiu e rolou da maneira que teria feito em uma queda de paraquedas; já saltara na Terra, claro, mas nunca ali.

Tunc.

– Uuuf!

E um latido abafado do canídeo.

Algumas partículas atingiram seus olhos e ela ficou sem ar. As botas e o enchimento a protegeram um pouco. Sally achou que um impacto como esse na Terra teria quebrado ossos; na verdade, teria quebrado ossos ali, da maioria dos marcianos-padrão. Teyud estava apoiada em um joelho, as bordas da lâmina de sua espada enegrecida brilhando numa das mãos e a pistola de dardos na outra.

Sally também sacou a sua; o peso do aço foi reconfortante. A pistola estava na mão esquerda e era muito mais leve, mas ela não tinha a vantagem da Graça Pensativa de ser ambidestra. Satemcan cambaleou por um momento, balançou a cabeça e caiu sentado nos calcanhares dela.

Havia dois pacotes de Semtex no seu cinto, parte do kit do seu *outro trabalho* segundo sua maneira de pensar. Com sorte...

Levantaram-se e foram caminhando sem fazer barulho até a porta, que abriu o olho devagar, um claro sinal de um sistema chegando ao fim da vida. Teyud se inclinou rapidamente para a frente e pressionou sua máscara óptica na abertura. As coisas fizeram barulhos horrorosos, gosmentos e molhados enquanto o comando óptico usava uma de suas funções para assumir a outra biomáquina, e a porta se abriu.

– Manutenção fraca de segurança – disse Teyud bem baixinho.

Uma escada em espiral levava para baixo, curvando-se ao redor de um poço com um elevador de carga, ou pelo menos um dia fora assim. Teyud desceu com um deslizar apressado que não era muito parecido com o jeito que os terráqueos se moviam, se parecendo mais com o padrão marciano. Sally desceu pulando três ou quatro degraus de cada vez, quase sem fazer barulho por conta das botas de solado almofadado, mas ainda assim era necessário cuidado. Havia alguns globos espalhados, mas estavam quase dormentes; os ópticos lhes davam uma espécie de visão crepuscular na qual as pegadas brilhavam levemente devido ao calor restante.

De vez em quando, passavam por portas que levavam a quartos que tinham a espessura da parede da torre. A maioria não estava ocupada. Alguns...

Pufft.

Teyud disparou antes que a porta se abrisse por completo. O estudante cambaleou para trás, um olhar de surpresa no rosto. Uma das mãos segurava uma coisa parecida com uma tortilha, ou uma panqueca, enrolada ao redor de um recheio, a outra carregava um livro com dobradiças. Teyud se moveu com rapidez, usando o braço da pistola para apoiar o rapaz antes que ele atingisse o chão, abaixando-o gentilmente e deixando o livro e aquela espécie de burrito em cima do seu peito.

Sally deu cobertura: enquanto ela trabalhava, ficou olhando a escadaria. Atirar em alguém ali não era a mesma coisa que em casa, não se você usasse dardos anestésicos; era mais parecido com paintball, em que o

único risco verdadeiro era bater a cabeça quando caísse no chão. Não era a *primeira vez* que ela jogava algo parecido com paintball, já o fizera com Teyud e suas amigas. Era um ótimo e divertido treinamento, embora nunca tivesse conseguido derrotar a Coerciva. Outros marcianos, sim, mas não a Graça Pensativa, embora em algumas ocasiões tivesse chegado quase lá.

Naturalmente, lá no planeta Realidade e longe do curso de obstáculos almofadados não era possível *saber* se alguém carregava algo letal até ser tarde demais. A inconsciência instantânea era a mesma, mas no segundo caso você sofria morte cerebral instantânea.

– Aqui – sussurrou Teyud num tom neutro e abafado.

Aqui era uma porta com um número generoso de pegadas levemente brilhantes. Sally deu palmadinhas na cabeça de Satemcan e ele farejou longa e cuidadosamente, depois assentiu.

– Messsmocheeeiroesssstranho – sussurrou.

Teyud passou pela rotina ocular mais uma vez. Depois levantou a cabeça e assentiu para Sally antes de empurrar a porta bem devagar.

Ela se abriu e a máscara óptica reduziu a luz mais brilhante. Uma voz se fez ouvir:

– ... muitos anos de queda nas taxas de contribuição das organizações e do Déspota. Isso é subideal a médio e longo prazos! O contato com o Mundo Molhado... – era um termo coloquial em demótico para a Terra – ... apresenta tanto riscos quanto oportunidades sem precedentes para maximizar a utilidade da faculdade de...

Sally Yamashita estava em alerta total e uma parte distante da mente dela começou a apresentar um grande incômodo.

Estou realmente ouvindo um veterinário acadêmico metido a vilão fazendo um monólogo sobre cortes na porra do seu orçamento?

O lugar era grande e contava com bancadas de laboratório espalhadas, e com o que Sally reconheceu como um tanque de isolamento, um cilindro de vidro. Tom Beckworth estava dentro dele, nu e com os olhos opacos, preso a uma estrutura com cordas vivas semelhantes a vermes. Um marciano mais velho, de cabelos brancos, andava de um lado para outro em modo de palestra, vestindo um jaleco escuro com dezenas de ganchos para prender instrumentos, a maior parte deles vivos.

Havia meia dúzia de marcianos mais jovens, provavelmente o equivalente a alunos da graduação. Ela parou e observou melhor o sétimo, um homem alto com rosto áspero e uniforme cinza. Ele tinha cabelos

louros arrepiados e cortados bem curto, mas as maçãs do rosto eram quase tão altas quanto as dela e os olhos, amendoados. Um dos alunos estava encaixando uma ampola de vidro na lateral da câmara de isolamento e se preparando para pressionar um êmbolo.

Teyud simplesmente caminhou na direção do grupo. Sally foi atrás, respirando fundo e devagar. Foi aí que...

O membro do Bloco do Leste se virou e arregalou os olhos. Uma mão voou muito rápido para a Tokarev na sua cintura. Sally pulou.

Pfutt!

O estudante caiu no chão antes que pudesse pressionar o êmbolo. A pistola de dardos de Teyud ficaria fora de ação por vinte segundos enquanto a câmara de metano recarregava.

O homem louro saltou para trás, mas a ponta da espada dela correu por sua mão e a pistola automática dele saiu voando.

Crac!

A espada de Teyud perfurou a órbita do olho de outra estudante, entrou e saiu de seu cérebro enquanto quem estava desarmado corria para pegar seus cinturões com as espadas. O professor ficou parado, olhando tudo com indignação.

Ting!

O homem do Bloco do Leste sacara sua espada, se colocando numa clássica postura de esgrima acadêmica europeia e bloqueando a *flèche* dela, e logo retribuindo com uma contraofensiva.

Cling-ting-crash!

Teyud estava se movimentando por entre a massa de alunos da graduação num borrão rodopiante, com arcos de sangue espirrando para todos os lados.

Pfutt!

Mais um desabou como geleia no chão. Um grito e um grunhido quando Satemcan pulou nas costas do aluno que estava se aproximando por trás de Sally.

Ting-crash-ting!

A ponta da espada de Sally deslizou na garganta do homem e produziu uma sensação ruim de coisas se esmigalhando, estalando e cedendo.

Ela congelou por um momento, vendo-o cair lentamente no chão e estrebuchar enquanto uma quantidade estonteante de sangue jorrava – um

ser humano continha muito sangue.

– Mat’... – disse ele. Também conseguiu dizer uma vez: *Mãe*.

– Você percorreu um longo caminho para morrer – murmurou Sally, subitamente consciente de uma ferida ao longo das costelas que nem havia notado até então. Engoliu em seco ao passar a mão nela; uma polegada ou duas mais para dentro...

O último dos estudantes correu para a porta. A pistola de dardos de Teyud entrou em ação.

Pfutt.

Alguma coisa se esmigalhou quando ele caiu de cara no chão.

Sally limpou a espada no braço de seu manto e a guardou, jogando para trás o capuz e mantendo a pistola apontada para o professor de cabelos brancos. Retirou a máscara óptica e se arrependeu quando a coisa saiu escorrendo pelo chão e fluíu para cima do manto de Teyud, abrindo um pote e se enfiando lá dentro. Não era a luz – ela estava adequada –, era o cheiro. Tanto marcianos quanto humanos tendiam a deixar tudo muito sujo e bagunçado quando morriam.

O manto que usava tomaria conta de sua ferida até que ela tivesse tempo para fazer algo mais duradouro. Estendeu a mão para a ampola conectada à lateral da câmara de isolamento.

– Cuidado! – disse Tom.

Ela levantou a cabeça; ele estava cinza, pela dor ou pelo choque, ou ambos, mas estava alerta.

– O Dr. Cagliostro ali queria testar isso em mim... e gostava de explicar cada etapa. É um vírus que torna você sugestível. O pessoal do Bloco do Leste... ou talvez só aquele cara ali... estava pagando a ele para desenvolver isso. Então eles me diriam para esquecer tudo e deixar você me resgatar... para que eu pudesse espalhar isso.

– Parece bem coisa deles mesmo – disse Sally com amargura. – Existe alguma proteção?

– Vacina – respondeu Beckworth.

Teyud voltou da porta olhando o veterinário de alto a baixo com a cabeça inclinada para o lado.

– Você é idoso e frágil. – Tentar resistir à tortura seria inútil.

Sally deu um sorriso fraco enquanto mexia nos controles da câmara de isolamento. Havia momentos em que *realmente* gostava do jeito como os marcianos pensavam.

Sally Yamashita bocejou enquanto terminava sua essência, um gosto parecido com framboesa e manga com leves notas de álcool. Os globos luminosos de seu apartamento foram baixados; Tom precisava de todo o sono que pudesse conseguir.

– Eu sou um canídeo *ideal* – disse Satemcan, sonolento, enroscando-se em seu tapete.

Ela voltou a bocejar.

– Isso mesmo. Você é o melhor cão de Marte.

BANCOS DE AREIA

MARY ROSENBLUM

Uma das mais populares e prolíficas autoras dos anos 1990, Mary Rosenblum publicou sua primeira história na revista *Asimov's Science Fiction* em 1990 e desde então se tornou uma de suas principais e mais frequentes colaboradoras, com mais de trinta histórias publicadas. Ela também publicou na *The Magazine of Fantasy & Science Fiction*, *The New Space Opera*, *The Dragon Book* e em muitas outras revistas e antologias. Sua série de histórias das Drylands, sobre um Sudoeste dos Estados Unidos tornado inabitável por prolongadas secas, provou ser uma das mais populares da *Asimov's* e hoje, infelizmente, parece mais real do que nunca. Sua novela "Gas Fish" ganhou a votação popular da revista em 1996. Ela também foi finalista do prêmio Nebula no mesmo ano.

Seu primeiro romance, *The Drylands*, foi publicado em 1993 e ganhou o prestigioso prêmio Compton Crook para Melhor Primeiro Romance do ano; foi seguido pouco depois pelo segundo, *Chimera*, e o terceiro, *The Stone Garden*. Sua primeira coletânea de contos, *Synthesis & Other Virtual Realities*, foi amplamente elogiada pelos críticos como uma das melhores de 1996. Ela também escreveu quatro livros de mistério sob o pseudônimo Mary Freeman. Entre seus livros mais recentes estão um grande romance de ficção científica, *Horizons*, e uma versão relançada e expandida do romance *Drylands*, além das pequenas novelas intituladas *Water Rites*. Formada pela Clarion West, Mary Rosenblum vive em Portland, Oregon.

A história a seguir é pungente e nela aprendemos que viver preso entre dois mundos pode ser difícil e doloroso – especialmente quando você é a única pessoa que pode ver um deles.

Maartin Xai pegou o macacão no gancho ao lado da porta, checkou a carga do respirador e desceu a rua até o dique público, o mais perto das cúpulas do jardim. Lá fora, os costumeiros ventos da tarde rodopiavam, provocando redemoinhos de poeira na vasta planície vermelho ocre limitada pelas torres que margeavam o canal. Meia dúzia de redemoinhos deslizavam pelo marrom-esverdeado sem vida dos campos de cianos, levantando finos rastros de poeira vermelha.

Era ali que papai estava, junto com os outros adultos, plantando mais campos de cianos, onde encontraram água suficiente, lá no fundo. Produzindo oxigênio.

Papai não podia ver a coisa do jeito que ela realmente era. Nenhum deles podia. Maartin foi andando na direção da cúpula do jardim até sair do alcance das câmeras do dique, sentindo o gosto de Marte na língua, mesmo com o ar do respirador enchendo seus pulmões. Os redemoinhos de poeira mudaram de curso, ziguezaguearam em sua direção e ele sorriu. Soreh, que gerenciava a sala de pesagem, reclamara na noite anterior, enquanto bebia uma cerveja com papai, que os redemoinhos de poeira não saíam de perto do assentamento, que eles estavam seguindo as pessoas. Papai tinha rido dela.

Soreh tinha razão, mas Maartin não lhe contou. Ela dissera a papai que ele devia ter sofrido algum dano cerebral na explosão.

Fora do alcance das câmeras, Maartin começou a se afastar das cúpulas baixas do jardim. Precisava parar e checkar as linhas no caminho de volta. Não agora. O mais forte par de redemoinhos convergiu quando ele alcançou a margem do campo de centáureas, e era como se a passagem deles raspasse de leve a atmosfera fina. Maartin parou e fíncou os pés no chão enquanto rodopiavam ao seu redor. Deixou que os olhos perdessem o foco.

Estava parado numa praça com mosaicos, os azulejos de cores vivas tremeluzindo, verde, rubi e azul-celeste. Estavam dispostos em arcos espiralados e se irradiavam a partir de um aglomerado de bacias de cristal. No centro de cada bacia, água saltava, produzindo um tilintar quando encontrava o vidro, transbordando e escorrendo pela praça em correntes serpenteantes. Os dois marcianos estavam parados à sua frente. Maartin sorriu para eles, pois os reconheceu. Ele os chamava de Rose e Shane porque gostava dos nomes. Não tinha certeza de que “nome” era uma coisa que entendiam. Eles não falavam usando palavras.

Altos e magros como as árvores de inverno que Maartin vira em vids vindos da Terra, fizeram piruetas, presenteando-o com seus sorrisos. Bem, pareciam sorrisos. Ele fez piruetas também, rindo sem usar a boca, e ainda assim eles ouviam. No começo os rostos deles lhe pareceram estranhos, com uma crista despontando no meio e descendo da testa até o queixo, de forma que seus olhos alongados e nebulosos eram recuados, um de cada lado da crista. As bocas eram perfeitamente redondas, a maior parte do tempo fechadas com lábios pálidos, embora de vez em quando se abrissem bem para mostrar escuridão – não havia nada parecido com dentes, pelo menos não que ele pudesse ver. Não fazia ideia do que comiam, nunca tinha visto um marciano se alimentar.

Eles ondularam os seis dedos de suas mãos compridas e ele os seguiu na direção do canal, ao longo de uma rua comprida, cheia de curvas e pavimentada com azulejos azul-celestes com bordas prateadas que faiscavam à luz do sol, provocando uma imagem fantasma sobreposta na rocha e na poeira vermelhas. Torres altas e retorcidas se erguiam de cada lado e os marcianos altos e esbeltos entravam e saíam delas, atravessando os espaços entre os edifícios em fitas estreitas e arqueadas de cristal, como os graciosos equilibristas da corda bamba que ele já havia visto em vids de circo dos velhos tempos. Só que nos vids você podia perceber que os equilibristas tinham medo de cair.

Ali ninguém tinha medo.

Mais cinco marcianos se juntaram a eles, ondulando as mãos enquanto passeavam pelo caminho azul-celeste e emitindo uma luminosidade fantasmagórica, seus mantos de comprimento médio balançando na brisa, um arco-íris de cores mutantes, como uma mancha de óleo no ar. Pequenos arbustos espinhosos cobertos com botões cor-de-rosa ladeavam o caminho, pouco visíveis ao sol do meio-dia, e as torres

estavam menos apinhadas. Maartin parou, fascinado, quando uma das plantas começou a balançar para a frente e para trás. Devagar ela começou a arrancar raízes pequenas e grossas do solo. As pequenas raízes, rosadas e carnudas, se flexionaram como dedos, se esticando e alongando, afastando-se do caminho para se enterrarem no solo vermelho. Lentamente as pequenas raízes se contraíram, puxando a planta para longe da fileira perfeita ao longo do caminho.

Um marciano correu, os dedos compridos de uma das mãos ondulando furiosamente. A outra mão segurava uma varinha preta fina. O marciano enfiou a ponta no chão onde a planta havia ancorado suas raízes pequenas, que saíram do solo rápidas como chicotes, se enroscando com força embaixo dos galhos cheios de espinhos. Ela sacudiu suas folhas verde-escuras com um farfalhar ameaçador e todos os espinhos se alinharam devagar, apontando para o marciano com a varinha. Ele balançou os dedos para a planta e tornou a enfiar a ponta da varinha no solo. Sem pressa, as pequenas raízes se estenderam do outro lado e a planta começou a se arrastar de volta para o caminho e o espaço que havia deixado entre suas vizinhas. Igualzinho à escola. Maartin escondeu um sorriso, porque mexer a boca fazia seus amigos marcianos rirem dele com os dedos. A planta pareceu derrotada, as folhas um pouco abaixadas, os espinhos não mais eretos.

Um dedo o tocou com urgência e ele levantou a cabeça. O grupo de marcianos havia parado e olhava para ele. Rose deu um passo à frente. Fora a urgência dela que ele sentira. *Ela*. Ele deu de ombros e correu para alcançá-los. Ela *parecia* ser mulher, ele não sabia ao certo o porquê, mas sentia isso. Ela era igualzinha a Shane e *ele* parecia ser homem.

O canal estava à frente. Torres se elevavam graciosamente ao longo de sua extensão ondulante. Barcas flutuavam na água, movendo-se com calma ao longo do canal. Quando ele saía de fininho ao crepúsculo, a água parecia quase sólida, mas, no brilho do sol, dava para ver o leito através das barcas e da água. Toldos coloridos flutuavam na brisa e à sombra deles os marcianos se reclinavam em almofadas, os dedos ondulando em conversas. Um trio estava em pé na proa de uma barca, soprando chifres polidos e retorcidos que se ramificavam em múltiplas bocas. Ele não conseguia ouvir nada, mas eles sopravam uma fumaça azul-clara e subitamente foi arrebatado por sentimentos suaves, mais ou menos do jeito como ele se sentia quando mamãe o colocava para dormir e dizia

boa-noite. Engoliu em seco e Rose se afastou para caminhar perto dele, flutuando sobre seus longos dedos dos pés como se quase não tivesse peso. Ela balançou os dedos na frente dele e abaixou a cabeça, a boca se abrindo por um breve momento.

Compartilhando sua tristeza. Maartin piscou espantado. Eles nunca haviam prestado tanta atenção assim a ele antes. Às vezes caminhavam com ele, mas não havia... comunicação. Ele os sentia um pouco, mas eles não o sentiam de volta.

Talvez isso estivesse mudando.

Fechou os olhos, se lembrando. Mamãe e suas mãos macias, seu toque no rosto dele, o jeito que ela ria quando papai a olhava. Uma lágrima escorreu pelo seu rosto e ele a enxugou, a poeira de Marte áspera na pele, os olhos nas torres espiraladas de cristal, a água reluzente do canal. *Mamãe* acreditaria nele. Que ele estava vendo... *aquilo*. Do jeito que realmente era.

Se ela estivesse ali.

Uma explosão estilhaçou o silêncio. Maartin se encolheu quando uma mão invisível o empurrou. O canal e as barcas desapareceram. Do outro lado, onde a Orla se erguia contra o céu verde-claro, uma rajada de poeira vermelha subiu como uma fonte, e uma elegante e estreita torre de rocha se dissolveu em uma cascata de fragmentos pulverizados. Mais nuvens de poeira sopraram, seguidas por batidas fracas. Redemoinhos de pó deslizavam ao seu redor, ziguezagueando em padrões zangados pelo chão, e ele piscou várias vezes, os olhos cheios de areia lacrimejando.

Mineiros. Ele engoliu em seco. Com dificuldade. Sentiu a saliva virar pedra ao afundar em sua barriga. Desviou o olhar e tentou ver mais uma vez as torres espiraladas, as barcas, através das correntes ondulantes de pó. Ele conseguia vê-las à esquerda, à direita, bem abaixo no canal. Havia marcianos em pé nas barcas, dedos tremulando e apontando.

À sua frente, apenas poeira, o leito do canal vazio e seco.

A pilha de entulho que havia sido a torre de rocha pareceu fumar com a poeira que saía dela. Máquinas se arrastavam pelas bordas, engolindo pedra vermelha quebrada e em seguida cuspidas caudas de rocha e de pó vermelhos. De ambos os lados, mais colunas de rocha se retorciam na direção dos céus formando a Orla, retorcidas como os chifres dos unicórnios que ele vira nos vids infantis a que costumava assistir. Esculpidos pelo vento, papai dizia, assim como todos eles. Os

redemoinhos de poeira vagavam pela planície na direção da nuvem de pó, pairando ao redor das máquinas. Uma das figuras agarrou seu respirador de rosto quando um redemoinho de poeira partiu para cima dela; uma das máquinas travou e parou. Outras figuras correram até ela.

Maartin virou para a esquerda, para a margem desabada do canal, onde era possível descer escorregando até o fundo. As laterais em grande parte ainda eram limpas e verticais. Só ali haviam desabado de modo a não formar uma queda direta até o chão. Ele deslizou, deixando uma grande trilha de poeira vermelha no vento constante, e forçou a vista, tentando ver água, barcas.

– Ei.

Ficou paralisado. Olhou para trás.

– Que diabos você está fazendo aí embaixo?

Uma figura baixa e atarracada, num macacão de cores metálicas, avançou para bloquear seu caminho. Maartin não o havia visto na sombra da manhã.

Um mineiro.

Ele olhou para olhos duros e cinzentos atrás de óculos de segurança, um rosto marcado pelas intempéries, com barba por fazer, suando por trás de uma máscara respiradora que cobria a boca inteira.

– Eu te fiz uma pergunta, garoto. – Uma mão enluvada se fechou com força ao redor do braço de Maartin. – Você podia estar debaixo daquela pedra quando ela caiu. Quer morrer?

Maartin balançou a cabeça, o estômago se irritou, o desconforto subiu até a garganta.

– Ei, a gente avisou vocês lá do assentamento para ficarem longe, vocês não ouviram? – Os olhos cinza se amenizaram um pouco. – A gente vai explodir outro afloramento. Se você ficar aqui embaixo, pode morrer.

Papai não dissera que os mineiros estavam chegando. Ele não diria. Lutou para encontrar palavras.

– Ei, tenho um irmão caçula mais ou menos da sua idade – disse o mineiro e soltou o braço dele. – Eu também não gostaria de vê-lo machucado.

– Vocês... mataram... mamãe.

Saiu de repente, tão claro e afiado quanto vidro quebrado. Ele encarou o rosto do homem, querendo machucá-lo, querendo...

– Ei, ei, calma lá! – O homem levantou as mãos, mantendo Maartin afastado e se desviando dos socos. – Esfrie a cabeça, garoto. A gente não mata ninguém.

Maartin agarrou a mangueira do respirador, lutando enquanto o homem o agarrava pelos braços. As palavras sumiram tão bruscamente quanto haviam chegado e sua língua deu um nó, ameaçando sufocá-lo.

Outra figura apareceu na curva do canal.

– Ei, Jorge... – O homem parou, plantando os punhos nos quadris estreitos, o rosto magro afiado como uma pedra da Orla à luz da manhã. – Céus, esses porcos não têm nenhum bom senso, não é? São piores que pedras. Não entendem que têm que ficar longe? Traz ele para cá. – Começou a dar as costas. – Vamos mandar ele de volta e processar por invasão. Talvez isso mantenha todo mundo longe.

– Ah, é um garoto, Ter.

– Que se dane, Jorge, você tem um coração muito mole. – O magricelo deu um passo à frente, tirando algemas plásticas do cinto. – Vem cá, garoto. Agora você está encrencado.

De repente, o ar começou a sibilar quando redemoinhos de poeira se movimentaram em círculos perto deles. O magricelo gritou quando uma pedra bateu na sua testa e Maartin vislumbrou o brilho do sangue. O outro homem, Jorge, se abaixou no momento em que uma rocha passou zunindo pela sua cabeça. Maartin se soltou e saiu correndo, passando pelo piso macio e liso do canal, abrindo distância e realmente correndo agora, as paredes passando em disparada, o grito do homem, Ter, distorcido pela distância. Os redemoinhos de poeira dançavam ao seu redor, a seu lado, atrás, de forma que ele corria coberto por poeira vermelha. O canal era um caminho aberto à sua frente. Não reduziu a velocidade para escalar por onde havia descido, apenas continuou a correr, mantendo um ritmo adequado para que seu respirador permanecesse funcionando.

A raiva tomou conta dele, uma raiva profunda e sombria, pesada como pedra, uma raiva do tamanho do planeta.

Olhou para trás e os redemoinhos de poeira se desviaram, de forma que ele conseguiu ver através da poeira fina. Eles não estavam perseguindo o garoto e também não conseguiriam pegá-lo se o fizessem. Ele conseguia correr mais rápido que qualquer um dos adultos do assentamento. “Adaptação”, pa pai dissera quando Maartin começou a ganhar corridas aos 10 anos. “O planeta está moldando você.”

Eles não iam pegá-lo. Seu respirador funcionava com dificuldade e ele reduziu o passo, meio que se forçando a andar na ponta dos dedos, deixando o corpo fazer o trabalho, do jeito que os marcianos se moviam, como se seus corpos pudessem meio que flutuar. Agora podia vê-los novamente, não eram mais redemoinhos de poeira, andando ao lado dele com o mesmo passo flutuante, porém com mais leveza do que ele conseguia. Rose andava a seu lado e a raiva zumbia no ar, fazendo seus dentes de trás doerem.

Ele nunca mais estaria ali. O canal. As barcas e as torres. Se voltasse por aquele caminho, só enxergaria rocha vermelha. Seu estômago se revirou e ele parou de repente. Houve outro desabamento 1 quilômetro adiante. Agora caminhava, arrastando os pés ao longo do piso liso do canal. As formas vagas das barcas flutuavam acima dele na superfície da água que costumava existir. O piso era como vidro, mas não tão escorregadio. Papai dissera que havia olhado para isso... ou algo bem parecido... na Terra, quando era garoto e queria vir para cá.

Há muito tempo.

Maartin parou. A Orla vinha diretamente até o canal, como se as torres de rocha espiraladas estivessem prontas para entrar na água que costumava fluir ali. Ele encontrou a pequena queda de rocha que permitia a escalada e subiu a face lisa de pedra até o sopé da Orla. Acima dele, duas torres espiraladas se retorciam na direção do céu como dançarinas, mãos erguidas e juntas. Um pequeno sussurro fez cócegas em sua mente.

Tristeza. Raiva. Maartin recostou-se na pedra. Talvez tudo estivesse morto para eles também: o canal, água, as barcas e os músicos. Uma tristeza lenta e profunda tomou conta de Maartin, a tristeza *deles*. Ele parou de focar o que estava à frente e encarou o canal do outro mundo. Ali, a água ainda faiscava e, do outro lado, caminhos de aranha de cristal reluzente faziam arcos e se retorciam, se cruzavam e desapareciam ao longe. As pessoas flutuavam ao longo das passarelas, ondulando dedos compridos umas para as outras. Ali, vinhas se contorciam ao redor das bases dos caminhos de aranha, espessas e com folhagem vermelha, roxa e laranja. Suas folhas tinham o formato um pouco parecido com o dos tomateiros do terreno de Kurt Vishnu, ainda que as folhas não fossem verdes. Outras plantas, que pareciam melões espinhentos, pontilhavam o chão. Essa espécie também se movia. Maartin ficou olhando enquanto uma

delas, bem alta, estendia seus ramos; as folhas, roxas como hematomas, estremeciam.

Um marciano subiu o canal em um dos arcos altos que o atravessavam, chegando bem perto de onde Maartin estava. *Ele*, Maartin pensou. O marciano saiu da passarela-teia depois do ponto onde ela atravessava a Orla e olhou para ele. Olhou *mesmo*.

Apenas Rose, e às vezes Shane, haviam olhado para Maartin até agora. Ele estremeceu, não conseguiu desviar o olhar, e aquela tristeza sombria o preencheu, raiada com veias furiosas de raiva. Era como se estivesse mergulhando em poeira vermelha, seca e sufocante. Perdeu o fôlego. Recuou num espasmo. Os dedos longos se curvaram, mas só um pouco.

Um sorriso?

Ele curvou os dedos, sentiu... uma coisa boa. Aprovação.

Outra explosão sacudiu o terreno.

A teia, a água e o marciano, tudo tremeluziu e...

... desapareceu.

Maartin desabou contra a torre de rocha, sentindo um buraco no estômago.

Ele podia ver a imensa pluma de fumaça, mas não conseguia distinguir qual torre espiralada eles tinham explodido dessa vez. Quantos mais haviam morrido? Levantou-se e começou a correr num trote, medindo a respiração. Estava na hora, precisava chegar em casa antes que papai voltasse com a equipe dos cianos e descobrisse que ele havia saído.

À sua esquerda, tudo que via era a poeira vermelha vazia e pedras espalhadas no fundo do canal. Reduziu o passo, agora caminhando, e as fileiras de estufas baixas e infladas surgiram. Não era bom aparecer ofegante. Não havia por que correr. O terreno deles ficava no fundo, mais perto do pátio. Entrou, selou a porta de entrada e abriu a porta interna. A rajada de ar quente e úmido aliviou seus lábios secos e ele tirou o respirador por um momento, para poder sentir o cheiro do ar rico com aroma de terra e de verde. Era uma pena que fosse preciso usar um respirador mesmo dentro de casa, mas o ar dos filtros do assentamento era muito forte em dióxido de carbono e muito baixo em oxigênio. Uma vez havia desmaiado e papai teve um troço. Maartin fechou a porta. Saul Ku estava trabalhando na sua terra, logo em frente à deles.

– Você se perdeu? – Os olhos escuros e estreitos dela aninhados nas rugas que provinham de muitos sorrisos, estavam fixos no rosto dele. – Vi você lá fora seguindo os redemoinhos de poeira. Parecia perdido. – Ela sacudiu um dedo enluvado de azul para ele. – Você não devia seguir os redemoinhos de poeira. Eles podem derrubá-lo, quebrar seu respirador. E aí, o que você faria?

– Eles... não iam. – A língua dele lutou, mas acabou deixando as palavras saírem. Um erro. Tarde demais para fazer com que voltassem. – Eu... Eu cuido...

Desistiu, sacou seu pad e digitou. “Fico olhando como o vento está soprando e me mantenho longe.” Sorriu, mas os olhos dela haviam se estreitado com *aquela* olhar. Ah, ok. “Suas beterrabas são maiores que as nossas.” Deu a ela um enorme sorriso. “Como você consegue?”

– Ah, é por conta daquela pedra esverdeada que você encontra às vezes. – Ela sacudiu o dedo para ele novamente; suas costas não estavam muito eretas, nem mesmo quando levantava, então precisava inclinar a cabeça para olhar para ele. – Acho que ela tem muito fósforo. E as beterrabas adoram. Só porque você me ajuda quando minhas costas doem. – Deu-lhe uma piscadela conspiratória. – Experimente, mas não conte a mais ninguém, muito menos a Sascha. Ele acha que é um excelente jardineiro. – Ela deu uma risada. – Você está sempre andando por aí, fique de olho nisso e traga algum de volta. Traga para mim também, já que fui eu que contei. – Lançou-lhe um olhar esperto. – Não vou contar ao seu pai que você saiu por aí. Suas pernas são mais jovens que as minhas. Soreh me contou que Rav, o cara do mercado da cidade, pede especificamente as *minhas* beterrabas. E paga mais por elas também. Agora também vai pagar mais pelas suas.

Soreh dizia muitas coisas. “Não conto pra ninguém. Quer ajuda?” Maartin não precisava que ela balançasse a cabeça para saber que não, sempre podia ver quando estava sentindo dor, como se houvesse uma miragem de calor no ar. Não estava lá naquele dia. Ele assentiu, acenou e passou por cima da fita plástica que marcava a divisa de cada terra.

– Pai... voltou...?

– Ah, eles já entraram. – Ela se agachou entre as fileiras de beterraba, desprendendo gentilmente o solo avermelhado entre cada coroa de folhas verde-escuras. – Acho que o trecho não era tão grande quanto Gus disse que era e fizeram a sementeira mais cedo. Ele passou para ver se você

estava aqui. – Ela manteve os olhos fixos no seu cultivador enquanto trabalhava o solo úmido. – Eu... disse que não sabia onde você estava. Mas você não devia sair vagando por aí assim. – Deu um breve olhar de esguelha. – Você pode se perder. Esses redemoinhos de poeira podem derrubar você.

Ele balançou a cabeça, se ajoelhou e começou a checar as linhas de irrigação, procurando algum sinal de trechos de terra encharcada – que poderia significar um vazamento de água preciosa – ou seca demais – que significaria uma linha entupida. Apressou-se. Quanto mais papai se preocupasse com ele, mais chances tinha de verificar o banco de dados da casa. Claro que ele conseguiu encontrar dois furos parcialmente entupidos. Era provável que papai fosse até a casa da Canny. Ela fazia cerveja a partir de todos os tipos de coisa, e papai ouviu Dan Zheng dizer que aquele último lote era muito bom. Papai não tinha muita dificuldade em aceitar que ele passasse menos tempo fazendo a lição de casa depois de duas cervejas.

O sol estava muito baixo quando Maartin saiu e não precisou se esforçar muito para ver a praça e as fontes. Quatro ou cinco músicos espalhavam névoa verde e cor-de-rosa pelos chifres retorcidos, logo ao lado da fonte. Um pouco do espinafre deles estava pronto para ser vendido e ele fez um desvio até a entrada do armazém do assentamento. A sala de pesagem estava fria, quase congelante. Colocou a cesta na balança, digitou o código do seu pai e o conteúdo. A balança emitiu um bip, carregando o peso do espinafre que contribuiria para seu total agrícola do mês. Esfregando as mãos geladas, ele foi para a porta.

Bem na hora que ela se abriu.

– Esta maldita poeira entra em tudo. Você tem que ficar trocando rolamentos aqui o tempo todo. – O prefeito, Al Siggrand, empurrou a porta com força até o fim. – Ei, seu pai está procurando por você! – Fingiu uma cara de mau para Maartin. – Você não estava vagando sozinho por aí de novo, estava? – Falou um pouco alto, como se Maartin não pudesse ouvir direito. – Você sabe que seu pai disse para você não fazer isso. Lembra?

Maartin assentiu, mas seus olhos foram parar no homem que estava logo atrás do baixo e atarracado prefeito, vestindo um traje completo de mineiro. O mineiro com o qual ele havia falado.

– Maartin, este aqui é o Jorge. – O prefeito apontou para o mineiro com o queixo. – Acho que esses caras estão cansados de comida

congelada. Estão dispostos a pagar um bom preço por algum material fresco, só para variar.

Ah, que maravilha, e agora Jorge ia contar ao prefeito que Maartin estivera no canal. Ele engoliu em seco.

– Ei, Maartin. – O mineiro estava sorrindo para ele. Seu rosto era comprido e cheio de sardas, o cabelo não era bem da cor da poeira marciana e cobria os pontos que a máscara respiradora deixava livres. – Prazer em conhecê-lo. Quer nos vender alguns dos seus produtos? O que seu pai e você cultivam?

Maartin passou apressado por eles e saiu para o beco do assentamento.

– Não ligue para ele. – A porta que se fechava não conseguiu bloquear as palavras do prefeito. – Ele não bate muito bem, sofreu um ferimento na cabeça num deslizamento de pedras há dois anos. Não consegue mais falar. Ele se perde e vive andando por aí. Nós todos meio que tomamos conta dele.

Com os punhos enterrados nos bolsos, Maartin partiu para a esquerda, na direção da casa deles. Podia sentir a velha cidade ao redor. Além da pele transparente da cúpula do assentamento, redemoinhos de poeira dançavam na luz que se desvanecia, tramando padrões complexos e zangados sobre o chão estéril para além das cúpulas do jardim. As torres espiraladas e os caminhos de aranha tremeluziam à luz sangrenta do sol que se punha.

Zangados?

Parou no cruzamento com o beco deles. Piscou várias vezes.

Sim. *Zangados*.

A porta deles deslizou e se abriu para quartos escuros. Papai devia estar com Canny. Maartin foi para lá, os pés criando uma névoa fina de pó que entrava em todos os lugares, não importava o que você fizesse. Canny tinha uma grande casa de dois quartos que ficava logo virando a esquina e a porta estava aberta, o que deixava o prefeito louco porque todos os quartos tinham uma concentração de oxigênio maior que a própria cúpula. Mas, quando se olhava o aglomerado de corpos dentro daquele espaço, se entendia o porquê de a porta estar aberta. Meia dúzia de pessoas estava em pé ao redor da entrada, canecas nas mãos.

– Ei, Maartin. – Celie, que fazia as canecas e uns pratos bem bacanas a partir da poeira marciana vermelha e os vendia para o comprador de

produtos da cidade, acenou para ele. – Dê um tempo pra seu pai terminar a cerveja, ok? – Ela piscou para ele, o rosto redondo emoldurado por cachos grisalhos.

– O... prefeito... vendendo... – Sua língua lutava com as palavras. “Para os mineiros”, digitou. Ele a encarou, aterrorizado por sentir algo quente espetando suas pálpebras.

– Querido, está tudo bem. Sério. – Ela pôs um braço ao redor dos seus ombros. – É bom que eles estejam comprando de nós. Eles não são as pessoas ruins que foram responsáveis pelo acidente. Gostam dos nossos legumes. E vão nos pagar muito bem.

Não foi um acidente e todo mundo sabia. E agora estavam matando a cidade. Ele piscou, lutando para segurar as lágrimas.

– Ei, Maart, onde você estava?

Papai o salvou, o rosto corado, abrindo caminho pela multidão.

– Diabo, garoto, fiquei preocupado. Aí a Seaul me passou uma mensagem de texto e disse que você estava limpando as linhas, que ela achava que você tinha trabalhado no terreno de outra pessoa lá fora e por isso não o tinha visto. Lá que você estava? – O rosto dele relaxou um pouco quando Maartin assentiu. Já tinha conseguido engolir as lágrimas.

– ... ajudando – Maartin gaguejou. E assentiu de novo.

– Ok, então da próxima vez você me manda uma mensagem pra eu saber onde está. – Papai colocou o braço ao redor dos seus ombros. – Não quero organizar um grupo de busca sem motivo, ouviu?

Maartin assentiu, e papai mexeu no cabelo dele. Ele cheirava um pouco a cianos e um pouco como água que estava secando. Maartin já os ajudara a semear algumas vezes, misturando os esporos das cianobactérias, montando as bombas e o sistema de microgotas que trazia a profunda umidade perfurada para cima e a borrifava no solo. Os cianos não precisavam de muita água. Foram modificados pela engenharia e simplesmente entravam em biossuspensão quando ficava seco demais para depois voltarem à vida com mais água. Às vezes papai se agachava em um terreno demarcado e retirava o respirador. Ele dissera que você podia sentir o cheiro do oxigênio e que antes de Maartin morrer seria capaz de andar sem um respirador. Maartin não conseguia cheirar nada a não ser as centáureas. Sempre andava sem respirador na cúpula.

Papai deu a Maartin uma caneca de suco e ele se recolheu ao seu lugar costumeiro: no canto, num balde de plástico que guardava as toalhas

do bar e outros objetos. Ninguém ligava muito para ele, era meio escuro e, sentado, ele ficava bem baixinho. As pessoas não olhavam muito para baixo quando bebiam a cerveja da Canny; olhavam umas para as outras ou ao redor do salão para outros rostos. Quatro ou cinco crianças estavam brincando de algum tipo de pique, correndo para dentro e para fora. Celie gritava com elas por causa disso. Ele as conhecia. As garotas eram legais, mas ele mantinha distância dos garotos. Principalmente de Ronan. Era o menor, mas compensava isso em maldade. Sempre que os adultos não estavam por perto, eles se comportavam muito mal, ilustrando bem o chamado “comportamento de manada”, Maartin tinha lido sobre isso em seus programas de escola. Ficou se perguntando se os marcianos se comportavam como os humanos. Jamais havia visto nenhum sinal de conflito nas ruas ou nos caminhos de aranha. Nenhum grito. Nenhum empurrão. Ou talvez não fossem todos assim tão diferentes, só usassem *outra* maneira de empurrar e xingar uns aos outros.

Vozes altas o arrancaram da sua distração. O bando de crianças estava de volta, parado perto da porta. Ao redor de cinco mineiros. Maartin se endireitou, recuando para a sombra embaixo do bar improvisado.

– Ei, pessoal, legal encontrar vocês, só queria parar e provar a cerveja local. – Jorge estava na frente, sorrindo tranquilo.

– Vocês não estão encontrando nenhum veio do seu minério viciante vindo em nossa direção, estão? – falou alto Celie.

Tudo ficou quieto *no mesmo instante*. Maartin observou as pessoas se movendo ou não. Um pequeno espaço se abriu ao redor dos mineiros e os cumprimentos dos que não se mexeram foram indiferentes.

O prefeito passou rápido pela porta e deu um tapa no ombro de um dos homens.

– Esta rodada é por minha conta! – Ele sorriu de orelha a orelha, mas estava olhando para ver quem se movia e quem ficava parado. – Vamos mostrar a estes rapazes trabalhadores a nossa hospitalidade. Encha os copos, Celie.

A tensão passou. Celie abriu a boca, mas as pessoas já estavam se acotovelando no balcão, as canecas na mão. E papai? Maartin não esperou para ver. Escorregou para a parede, distante da corrida para o bar, deslizando até a porta, e saiu.

– Ei, é o retardado!

Maartin se encolheu quando uma mão o agarrou pela parte de trás da camisa e puxou com força, forçando-o a virar a esquina e sair do campo de visão do bar da Canny.

– Eles mandaram um alerta em texto, retardado, e a gente precisou sair procurando por você. – O hálito de Ronan estava quente no seu ouvido, fedia a alho. – Aquele era meu tempo livre na gamenet e só tive mais cinco minutos depois que avisaram que a gente podia parar de procurar. – Torceu a camisa de Maartin, fazendo com que ele perdesse o fôlego. – Retardado, alguém tem que pagar pelo meu tempo de game!

Aquilo ia doer. Maartin fechou os olhos, mas podia sentir os outros dois garotos logo atrás de Ronan. Fome. Era como se ele estivesse com fome. Estremeceu.

– E aí? – A voz de Ronan era suave e ele torceu a camisa com mais força. – Como é que você acha que vai pagar, retardado?

Ele não conseguia respirar, e num minuto começaria a lutar, seu corpo não ia mais obedecer. Pontinhos vermelhos e verdes piscaram contra a escuridão de seus olhos fechados e seu peito estava quase explodindo.

Ronan gritou e o soltou. Maartin cambaleou ajoelhado, mal sentindo o impacto, sugando dolorosamente o ar, com tanta força que tremia e sentia tontura.

– Você gosta de ficar enchendo a paciência das pessoas?

Era uma voz arrastada e familiar.

Maartin lutou para tentar se levantar. Jorge estava segurando Ronan pela nuca a cerca de 30 centímetros do chão, do jeito que você segura um saco de fertilizante. Ronan estava com os olhos arregalados e a pele tinha ficado uns três tons mais pálida.

– Estou falando com *você*, garoto.

Jorge o sacudiu muito suavemente e Ronan soltou um grito agudo quando o homem o soltou de repente e o deixou cair de pé.

Ele disparou até a esquina.

– Eu vou contar pro prefeito! – gritou. – Você não pode fazer isso!

– Vai correndo contar pra ele. – Jorge sorriu. – E eu acabei de fazer. – Ficou olhando pra Maartin por um longo momento. – Você precisa aprender a fazer coisas desse tipo com as pessoas, garoto. – Estendeu a mão. – Vamos. Levanta.

Maartin respirou fundo.

– Bater...? – Dessa vez as palavras vieram.

– Sim. – As sobrancelhas de Jorge se levantaram e ele inclinou a cabeça, franzindo a testa. – Você não é retardado. Então por que as pessoas dizem isso de você?

Maartin deu de ombros e desviou o olhar.

– Quer dizer, sim, você age feito um idiota. Ninguém devia estar correndo sozinho por aí num planeta estranho. Você se machuca, pode demorar até que seu pessoal te alcance. Já vi mineiros morrerem a 3 quilômetros de uma escavação só porque saíram vagando e não contaram a ninguém. Este planeta traz mais azar do que um piquenique traz formigas.

Maartin franziu a testa. Balançou a cabeça.

– Não... sorte. Não... *sozinho*. – E fechou bem a boca. Aquelas palavras haviam saído sozinhas, ele não queria deixá-las escapar.

– É, ouvi dizer que você tem colegas invisíveis lá fora. Espero que eles te tragam pra casa quando você quebrar uma perna. – Mas os olhos dele haviam ficado bem estreitos e Maartin precisou desviar o olhar de novo. – O que você vê lá fora?

A voz dele soava estranha... Como se talvez não achasse que fosse só imaginação. Ou o ferimento na cabeça, como papai pensava. Maartin deu de ombros e ficou olhando para baixo, para os padrões que a poeira fazia na rua.

– Agora sei por que você nos odeia. A Celie lá dentro garantiu que eu ficasse sabendo. Aquela garota tem uma língua e tanto. Me desculpe, Maartin. Lamento que você tenha se machucado e que sua mãe tenha morrido. É, existem algumas empresas meio loucas, cara, e você não sabe o que isso faz com as pessoas, achando que colocaram as mãos em dinheiro suficiente para voltar para casa e viver como um príncipe. A maioria de nós... Nós nunca vamos voltar pra casa. – Sombras se moveram nos seus olhos escuros. – Custa uma fortuna pagar o transporte pra cá e você nunca consegue sua passagem de volta, é fácil demais gastar o que ganha em cerveja, bebida em geral, ou produtos químicos para você poder voltar para casa da maneira mais fácil. – Riu com amargura. – O único jeito de você ganhar mais do que sua passagem de volta é encontrar um banco de areia. Isso... Eu acho que foi isso que deixou aqueles caras loucos. Você já ouviu falar nisso. Pérolas por toda parte, toda a tripulação pode voltar pra casa em grande estilo, acordada, sem perigo de problemas com o crio do traslado. Comprar aquele palácio quando chegar lá. Poder cuidar bem da família.

Maartin levantou a cabeça. Parecia tão... triste.

– Por que... pessoas querem... pérolas? – As palavras agora saíam mais fácil, mais fácil até do que com papai. – Por que... tanto assim?

– Você nunca pegou numa? – Jorge riu e enfiou a mão no bolso. – Acho que elas fazem coisas diferentes com pessoas diferentes. Na maioria das vezes, elas fazem o sexo parecer incrível. – Deu uma piscadela. – Meio como se você estivesse dando e recebendo ao mesmo tempo. Isso vende muito lá em casa, pode acreditar. Aqui em cima, às vezes você pode ver coisas estranhas. – Ele estendeu a mão. – Pegue.

Maartin olhou para o pequeno objeto em forma de ovo na palma da mão de Jorge. Tinha a cor da poeira, mas veios de prata e ouro rodopiavam nela, e, diante de seu olhar, pequenas explosões de luz pareciam piscar, bem lá no fundo.

– Eu deveria entregá-la, acho, mas eu... eu vejo coisas. Coisas bonitas. Isso é mais barato que as drogas. – Jorge voltou a dar aquela risada amarga. – Meio que deixa você com os olhos pregados nela, não é? – Ele aproximou a mão. – Pode pegar. Veja o que ela faz por você.

Maartin estendeu a mão e, logo antes de tocá-la, o burburinho da cidade ao seu redor se intensificou, aumentando instantaneamente para um uivo, enquanto seus dedos roçavam o macio...

Deixou o fluxo da multidão transportá-lo ao longo do amplo bulevar, onde as conversas fluíam como as águas reluzentes do distante canal. Felizes, confortáveis, no lugar certo. Ao redor dele, esbeltos residentes da cidade flutuavam ao longo do caminho de aranha retorcido... o nome desse tipo de passarela piscava na mente dele. Todos estavam se dirigindo para o canal; de repente a sensação feliz e confortável se dissolveu, eclipsada por uma raiva vermelha e feia. *Raiva*. Olhou para a frente, onde as torres espiraladas se retorciavam na direção do céu e as pontes frágeis atravessavam o canal em grandes arcos. E fez uma careta ao ver o espaço vazio, seco e feio onde os mineiros trabalhavam. A raiva começou a crescer, crescer, crescer... lavando a planície, sufocando-o, transformando o céu e o ar na cor de poeira morta, borrando as lindas torres espiraladas, borrando... Ao redor dele pessoas estendiam mãos com dedos compridos, alcançavam a morte no ar, seguravam a morte como uma lança prateada que tremeluzia e se retorcia, zumbindo, zumbindo, zumbindo, morte...

Estava sem fôlego e tentou respirar, sufocando com a poeira da raiva, lutando...

– Maartin? Ele está acordando.

A voz de papai.

Braços o seguravam. Papai? Piscou várias vezes, as pálpebras grudentas, gosmentas, fez força para que se abrissem.

Estava na enfermaria. Tudo era branco e uma tela piscava números e gráficos ao lado da cama. Papai estava curvado sobre ele, o rosto bloqueando a tela e pessoas andando ao redor de sua cama, dedos vibrando em conversação.

– Você teve uma espécie de espasmo, filho. O Jorge aqui trouxe você. Ele disse que aconteceu quando você tocou numa pérola marciana.

Não era uma pérola, que nome bobo. Uma pérola era algo que vinha da concha de um molusco, uma criatura dos oceanos da Terra, que bobagem pensar que aquilo era de alguma espécie de criatura do mar. As pessoas em pé ao redor da cama balançavam os dedos, concordando, piscando, rindo para ele. Comparação boba, não muito inteligente, não digna de nossa atenção. *Eles simplesmente não sabem*. Os dedos de Maartin estremeceram sobre o lençol branco que o cobria e ele percebeu distraído os sons embaralhados que saíam de sua... de sua boca. Levou um momento para lembrar a palavra certa.

– Maartin? O que você está tentando dizer? Fique com a gente, filho.

Ele piscou várias vezes e as pessoas que estavam ali se apagaram um pouco. Agora Maartin conseguia ver através delas, ver o rosto de papai novamente, a gora mais preocupado, ver Jorge parado ao pé da cama.

– Maartin?

– Eu... ah... ok. Papai – formou as palavras com cuidado, cerrou os punhos enquanto os dedos tentavam se mover. Boca. Foco. – Des... maiei?

– Olá, Maartin, como está se sentindo?

Outro rosto entrou no seu campo de visão, colocando o papai de lado. O Dr. Abram, o técnico de saúde do assentamento. O Dr. Abram sorria daquele jeito que significava que havia algo errado.

– Então, o que aconteceu? O Sr. Moreno aqui diz que alguns dos garotos estavam pegando um pouco pesado. Você bateu a cabeça em alguma coisa?

Ele podia sentir a pressão da atenção deles, papai e Jorge. Seus dedos estremeçeram mais uma vez, tentando explicar. Cerrou os punhos com mais força, fez a cabeça balançar para a frente e para trás. Assentindo. Lembrou da palavra para o gesto. Voltou a assentir.

– Na... parede.

Estava cada vez mais fácil encontrar as palavras para a mentira no caos embaralhado de sua mente.

– Eu disse ao Al que os garotos estavam fazendo bullying com Maartin. Mas não, ele não vai fazer nada a não ser passar a mão na cabeça daqueles vagabundos. Quando foi que ele fez alguma coisa de bom? E essa agora...

A voz de papai ficou mais alta e ele encarava Abram.

– Calma, Paul. – Abram pôs o braço nos ombros de papai. – Segundo os scans, não há hemorragia nem pressão no cérebro ou áreas de ferimento. Aparentemente a pancada provocou um tipo de curto-circuito e deflagrou um bocado de atividade incomum no cérebro, só isso. Provavelmente a causa principal foi o primeiro acidente, o trauma cerebral original.

Falava de modo muito tranquilizador e papai desviou o olhar. Tentava não chorar.

Maartin olhou para Jorge. A testa dele estava enrugada. Sabia que o médico estava errado. Maartin esperou que dissesse alguma coisa, mas isso não aconteceu. Em vez disso, deu um sorriso torto para Maartin.

– Estou feliz que você esteja melhor, Maartin. Melhoras aí, hein?

Jorge levantou um dedo até a testa numa espécie de continência e deixou o quarto.

– Eu... eu estou feliz por ele ter vindo. – Papai olhou enquanto Jorge se afastava, o rosto rígido. Assentiu contrariado. – É bom saber que alguns deles são bons. – Voltou-se para Abram, mais uma vez com raiva no olhar. – Vou falar com o Al. Agora mesmo. Este é um caso para intervenção da comunidade.

– Você ouviu o que os garotos disseram. – Abram balançou a cabeça.

– Eles estão mentindo.

– Ele vai ficar bem, Paul. Garotos são resistentes. Agem como valentões de vez em quando. Mas isso deu um susto neles. Agora vão aprender.

– Maartin, volto daqui a pouco.

Papai estava falando com ele como o prefeito fazia: alto e devagar demais. Maartin engoliu a tristeza. Assentiu.

– Você vai ficar bem, garoto. Mas vamos manter você aqui mais um pouquinho. – Abram não olhava para Maartin, mas para a tela com todos os números e gráficos. Voltou a dar aquele sorriso grande demais, mas continuou não olhando para Maartin. – Você ficou inconsciente por quase três dias.

Três dias? Maartin assentiu, mas, como o médico não estava olhando para ele, não reparou. O garoto voltou a se recostar no travesseiro e deixou a multidão da praça voltar ao foco. Ela estava menor agora. As pessoas se afastavam, atravessando as paredes como se elas não estivessem ali, e ele podia ver os prédios, a estrada, os caminhos de aranha em arco acima da sua cabeça. A parede curva de um prédio atravessava o quarto, passando bem pela extremidade da cama. Viu Abram andar através dela, bem no meio de um trio de pessoas vibrando uma conversa animada e caminhando para dentro de uma ampla porta em arco. Maartin esticou uma perna, tentou sentir alguma coisa enquanto o pé empurrava a parede do edifício. Nada. Uma das pessoas mexeu os dedos em um sorriso e disse uma coisa que fez só um pouco de sentido. Sobre seu pé. E o edifício.

– O que você está vendo?

Ele se assustou e uma coisa vermelha começou a piscar na tela. Jorge avançou rápido e colocou a mão nela. O vermelho desapareceu e ele olhou furtivamente para a porta.

– Cara, eles regularam os alarmes para tocar bem alto. Acho que o médico tem medo de você ter um troço de novo. – Empoleirou-se desajeitado no pé da cama, sem perceber as duas pessoas que passaram apressadas através dele. – Então, o que você vê? – Seus olhos escuros estavam fixos no rosto de Maartin.

– Eu... A cidade. Caminhos de aranha. Gente.

Deixou seus dedos falarem também. Isso ajudava as palavras a virem. Jorge olhou fixo para eles.

– Com dedos compridos que eles balançam o tempo todo, certo? Cabelos prateados? Magricelos? Meio esquisitos.

– ... bonitos. Como... torres.

– É – suspirou Jorge. O som era cansado. Velho.

Maartin forçou bem a vista para olhar seu rosto, as sombras em seus olhos.

– Então não sou só eu. – Jorge esfregou o rosto com as duas mãos. – Não consegui entender como foi que comecei a ver essas coisas. O que são eles, Maartin? Você sabe?

– ... gente.

– Marcianos?

Maartin deu de ombros. Pergunta boba.

– Fantasmas?

Maartin franziu a testa. Balançou a cabeça devagar.

– Fantasmas... gente morta.

Jorge grunhiu e enterrou o rosto nas mãos.

– Andei perguntando por aí. Por muito tempo. É, os caras que usam as pérolas veem coisas, mas ninguém fica com uma pérola por muito tempo. Bom, eu fiquei. Mas queria descobrir o que estava vendo. Achei que fossem fantasmas. – Levantou a cabeça e fixou os olhos em Maartin. – Chequei algumas coisas. Encontrei notícias antigas sobre seu... sobre o acidente. Você e sua mãe foram apanhados no deslizamento de destroços da explosão de uma cúpula pequena.

Eles haviam visitado Teresa, amiga de mamãe. Ela se divertira muito e o ensinara a jogar pôquer. Maartin fechou os olhos quando de repente, mais uma vez, a cúpula acima deles cedeu e poeira e rochas vermelhas começaram a fluir como água. Gritos arrebetaram seus ouvidos, depois silêncio, escuridão, e...

... gente.

– Eu sinto muito.

Maartin abriu os olhos quando alguma coisa roçou seu rosto. Jorge estava enxugando suas lágrimas.

– Aquele foi o banco de areia mais rico já encontrado, com muitas pérolas. As pessoas... as pessoas ficam loucas. Então, o que são elas? – Agora Jorge sussurrava. – As pérolas. Você sabe?

Maartin pensou a respeito. Ele sabia. Não sabia direito era se tinha as palavras para dizer, mas trançou uma explicação vacilante no ar com os dedos, mordendo o lábio, esperando que as palavras de ar viessem. Não vieram.

– O que isso quer dizer? O que você está fazendo com os dedos?

Maartin balançou a cabeça.

– Eu... Eu acho que eles... tipo... – Respirou fundo. – Uma alma. Não.

– Balançou a cabeça. – ... projetor? De muito tempo atrás?

– Então eles são fantasmas.

Ele parecia tão aliviado... Maartin voltou a balançar a cabeça.

– ... não mortos. Vivos. – Lutou para encontrar palavras que explicassem, enquanto seus dedos tremiam. Levantou a cabeça e fitou os olhos escuros de Jorge. – Um jeito dif... diferente de ser. Eles vivem para sempre. Mas... quando... quando você tira... as pérolas... eles... morrem. Tudo. Cidade. Torres. Caminhos de aranha.

– Não. – Jorge se virou, seguindo para a porta. – Garoto, você está sonhando. É, eles não estão vivos, são apenas visões. Parecem reais, mas são só visões. Fantasmas. *Visões*.

– Não. – Maartin fechou os dedos em punhos. – ... vivos. Vocês matam eles.

Jorge foi embora.

Maartin ficou escutando seus passos até desaparecerem. Ao redor, a cidade zumbia com vida. As pessoas deslizavam pelos caminhos de aranha e um trio de músicos sacudia buquês de delicadas varinhas de prata. Desprendiam uma música tremeluzente de cristal que subia e descia, enchendo o ar com cortinas de luz cor-de-rosa e dourada. Uma cidade. Forçou a vista de tal modo que a cúpula sumiu e tudo que viu foram as ruas, as praças com formatos diferentes, pavimentadas ali com azulejos opalescentes, os arcos prateados dos caminhos de aranha acima, as passarelas delicadas que conectavam as altas torres espiraladas dos altos prédios.

Cheia de gente.

Cheia de vida.

Um banco de areia.

Papai o levou para casa no dia seguinte, tratando-o como se fosse feito de vidro delicado e pudesse quebrar. Ele tinha alugado um movedor, como se Maartin tivesse uma perna quebrada. Maartin se sentiu bobo, empoleirado no assento ao lado de papai enquanto passavam zumbindo por pessoas que andavam para seus jardins ou para fazer compras. Todos olharam para ele. Não precisou se virar, sentia os olhares como dedos espetando suas costas. Mas descobriu que podia deixar a cidade marciana entrar em foco e não precisava senti-los. Mas mesmo isso não era agradável. A sensação da cidade estava mudando e aquele zumbido de raiva atravessava tudo. Ao

sul, na direção do canal, o espaço vermelho vazio onde os caminhos de aranha terminavam e o canal se abria estéril e seco incomodava como um dente faltando. Quando voltaram a seus quartos, Maartin disse a papai que não estava se sentindo bem e papai lhe deu uma das pílulas que o Dr. Abram havia receitado. As pílulas o fizeram dormir e ele nem sonhou com a cidade. Papai ficou aliviado quando ele tomou a pílula. Agora podia devolver o movedor e não precisava se preocupar.

A cidade entrava no seu caminho. Ele precisava se concentrar para manter a cúpula em foco. Se esquecesse, se perdesse o foco, os prédios da cidade, as pessoas e os caminhos de aranha se embaralhavam e ele acabava parando quando não precisava ou colidindo com as pessoas. Ou com as paredes. Todo mundo era realmente legal com ele, todos ouviram falar do “ataque”. Até o levavam de volta para casa, mesmo se não fosse para lá que ele queria ir, dizendo coisas tranquilizadoras com vozes muito altas e palavras muito simples. As crianças se afastavam sempre que o viam.

Mas o zumbido de raiva estava desaparecendo. Papai o levou ao bar da Canny uma noite e ele ouviu pessoas falando que os mineiros haviam parado de explodir, que não estavam encontrando mais nenhuma pérola, que estavam fazendo umas escavações de teste, mas, se nada acontecia, seguiam em frente.

Ele não tinha visto Jorge desde que saíra da enfermaria.

Papai o levou de volta ao Dr. Abram e pediu ao médico para fazer outro scan cerebral.

– Sim, houve um aumento na atividade aleatória dos lobos temporais.
– Abram não se deu ao trabalho de abaixar a voz, muito embora a porta estivesse aberta entre seu escritório e a sala de exames onde Maartin estava sentado. – É um aumento significativo desde aquele scan que fiz depois do acidente inicial. – O doutor estendeu a mão sobre o teclado para colocá-la no braço de papai. – Fala, audição, processamento visual... tudo isso vem dessa área. Pense numa tempestade da Terra à moda antiga. O raio fazia as luzes piscarem, provocava estática no rádio, interferia com a velha TV a cabo. É isso que está acontecendo no cérebro de Maartin.

Agora ele parecia quase animado. Adorava dar palestras, Maartin pensou. Ele já tinha se conectado a algumas das videopalestras do Dr. Abram sobre questões de saúde e eram muito boas.

Mas aquela não.

A tristeza de papai escureceu a praça da cidade que se sobrepunha ao escritório. Uma das pessoas que passava piscou simpatia para Maartin e ele ondulou um leve agradecimento.

– Existe algum jeito de resolver o problema?

Abram balançou a cabeça. Era um gesto tão cru e, no entanto, a menor curva de seu terceiro dedo poderia ter transmitido muito mais. Maartin viu os ombros de papai caírem.

– As drogas reduzem a atividade, mas como elas o deixam sedado... – Abram deu de ombros. – E uma dose mais baixa não parece fazer bem algum.

Bom, também escurecia um pouco a cidade, mas era tudo.

– E as mãos dele... ficam se retorcendo e tendo espasmos o tempo todo.

– Não sei o que está provocando isso.

Abram franziu a testa.

Tempestades.

Maartin franziu a testa.

Papai estava se sentindo muito mal e o Dr. Abram estava batendo nas suas costas de novo. Um banco de areia, Jorge dissera. Muitas pérolas naquela avalanche de poeira e rocha, quando os mineiros explodiram a escarpa perto do assentamento de Teresa? E ele ficara enterrado nelas um dia inteiro. Pelo menos foi isso que papai disse. Havia levado esse tempo todo para alguém desenterrá-lo. Dormindo nas pérolas? Tocando as pérolas? Tempestade?

Duas pessoas carregando flores púrpura pararam ao atravessar a praça e piscaram em negativa para ele. Não era bem aquilo. A mais alta vibrou rapidamente os dedos, enfática. Ondulou um sorriso.

Nós consertamos você.

Agora você está inteiro. Você estava quebrado. Unidade imperfeita. Ondularam sorrisos, conforto e aprovação e seguiram andando pelo caminho, os pés em arco mal tocando os azulejos polidos.

Esperem!, ele acenou com ambas as mãos. Eles pararam, olharam para trás. *Consertem os mineiros! Consertem eles!* Seus dedos estalaram com urgência e ambos desaprovaram seu tom através de uma curva dos dedos, mas logo os suavizaram em um longo arco de compreensão. Ainda

unidade imperfeita. Vibraram um dar de ombros e prosseguiram. Maartin levou um susto quando as mãos de seu pai se fecharam sobre as dele.

– Calma, filho. – Seus olhos estavam cheios de dor. – Tente segurar uma na outra quando elas quiserem fazer isso.

Você não entende. Seus dedos se contorciam sob as mãos do pai.

– Eles... – Martin forçou a rajada crua de ar. – Não. – Seus dedos estremeeceram, sufocados pelas mãos do pai. – Ligam.

– Quem não liga? – O sorriso parecia artificial. – Os mineiros, Maartin? Eles não são os homens maus que... que machucaram você.

Eu quero que eles façam você inteiro também. Seus dedos lutaram. *Quero que você veja. Nós não estamos sozinhos aqui. Ela compartilha. Apenas não vemos.*

Começou a ir às cúpulas do jardim todos os dias, para tirar as ervas daninhas de todos os canteiros. Havia construído os canteiros sobre uma linda praça, um espaço gracioso com azulejos em forma de octógono, azul e verde-claro, que reluziam com uma poeira cristalina. Duas fontes tocavam música aquosa e névoas azuis e rosadas se espalhavam dos finos tubos negros que se elevavam da cascata de água. Às vezes uma pessoa parava para falar com ele. Ele sabia quem era por conta da sensação: Doce-suave-feliz ou Firme-pensativo. Um dia, Maartin havia formado o nome deles a partir de palavras, mas não conseguia se lembrar mais. E também havia Lúcido-afiado-alerta. Lúcido-afiado-alerta não falava muito. Pensava bastante nos mineiros, Maartin conseguia sentir. E às vezes *sentia* Maartin. Bem, *sentir* não era exatamente a palavra certa, porque eles não podiam tocar um no outro, do jeito que você toca uma planta, a terra ou uma pedra. Mas ele às vezes punha uma mão em Maartin e ela... afundava dentro dele.

Maartin não gostava muito da sensação. Não doía, mas parecia... errado. Como se alguma coisa tivesse se prendido na sua carne e não devesse estar ali. Quando os outros o “tocavam”, suas mãos roçavam na pele dele do jeito que qualquer mão humana faria, mas ele não sentia nada. Descobriu também que, quando tentava tocar nos outros, eles se afastavam se deixasse a mão deslizar para dentro deles. Então Maartin não fazia isso.

Somente Lúcido-afiado-alerta metia suas mãos em Maartin, mas o garoto nunca o via fazer isso em nenhum dos membros de seu povo.

Na maior parte do tempo, os residentes humanos deixavam Maartin sozinho, embora Seaul Ku, que também ficava ali tirando ervas daninhas, às vezes falasse com ele. Mas até mesmo ela fazia essa coisa de falar devagar e usar palavras de bebê. Então ele não se esforçava muito para responder e mantinha os dedos trabalhando no solo. Ela não estava lá na tarde em que Jorge apareceu nos jardins.

Ele parecia *velho*. Maartin se endireitou de joelhos, os dedos perguntando o que havia de errado, espalhando migalhas de solo sobre as coxas.

– O que são eles? – Jorge se agachou para encará-lo. – O que são as pessoas que você vê se elas não são fantasmas?

Os dedos de Maartin dançaram, explicando. Ele balançou a cabeça. Procurando palavras. Elas estavam ficando cada vez mais difíceis de encontrar.

– Elas... *são* ... as pérolas. – Inadequado. – Tipo... Tipo... – Pensou muito, vasculhando todas as coisas da Terra que havia aprendido. – Projeto? Armazenamento? Eles... vivem... para sempre. Até o Sol... comer o planeta.

Desistiu, abaixou os ombros, estalando os dedos e trançando sua frustração no ar entre os dois.

Jorge estava olhando fixo para eles.

– Viver para sempre? – Balançou a cabeça. – Eles não podem estar vivos. Como você falou, são imagens. Fantasmas. Não são reais. As pérolas são *rochas*. – Levantou a cabeça para fixar Maartin nos olhos.

Queria que Maartin dissesse que sim. Queria muito. Maartin balançou a cabeça. Jorge estudou a explicação enquanto os dedos do garoto ondulavam e trançavam o ar.

– Espectro. – Estava quase certo. – Energia? – Não exatamente. – Espectro diferente. Eles vivem.

Jorge fechou os olhos e, quando os abriu, a esperança havia desaparecido.

– Cory e Bantu estiveram fazendo escavações superficiais por aqui quando ninguém estava olhando. – Sua voz estava rouca. – Seu assentamento está em cima de um banco de areia.

Maartin não se deu ao trabalho de assentir. Lúcido-afiado-alerta andara até ficar atrás dele. Maartin percebeu que Lúcido-afiado-alerta sempre parecia estar por perto.

– Eu... – Jorge respirou fundo, com dificuldade. – Eu vou avisar o seu prefeito. Para que vocês possam ir embora. Para simplesmente esvaziar tudo aqui. O assentamento. Eu... Você não pode falar com eles. É tudo sobre... voltar para casa. Como eu te contei.

Eles iriam destruir o assentamento, da maneira como haviam destruído o outro. Pior, porque o banco de areia estava embaixo deles, não nas rochas acima. Fechou os olhos, imaginando o prefeito, imaginando seu pai, quando os grandes mastigadores de terra rolassem sobre os jardins.

– O prefeito... vai chamar o Conselho Planetário. – Maartin lutou para encontrar as palavras, forçou-as a sair. – Eles vão ajudar.

– Não vão, não. – Jorge balançou a cabeça e desviou o olhar. – Nós temos armas melhores e eles sabem. Vamos pagar as pessoas que precisam ser pagas. Você pode fazer isso quando tem um banco de areia cheio de pérolas. Todo mundo quer elas, Maartin. – A voz dele era dura. – Todo mundo. É melhor pedir aos seus amigos marcianos que defendam você se quiser ficar aqui. – A gargalhada dele saiu tão amarga quanto a tristeza nos seus olhos. – Ninguém mais vai fazer isso. Vamos. – Agarrou Maartin pelo braço. – Preciso voltar antes que suspeitem que vim aqui avisar você ou sou um homem morto.

– Você vai matar... – Os dedos de Maartin se contorceram em ultraje. – Você vai matar a cidade.

– O assentamento, você diz? Não se vocês não resistirem.

Agora Jorge arrastava Maartin ao longo do caminho, na direção da comporta de saída.

Ele não estava se referindo ao assentamento. Lúcido-afiado-alerta ia deslizando atrás.

Raiva.

E então ele foi embora, saltando pelos azulejos. Todos na praça pararam e se viraram em sua direção. A água das fontes caiu formando pilhas baixas e borbulhantes, e as névoas que saíam dos canos passaram a ter um tom feio, verde-amarronzado. Um suor frio brotou na pele de Maartin e ele pensou que fosse desmaiar enquanto Jorge o puxava para fora e fechava a porta.

Encontraram o prefeito no bar da Canny. Maartin não percebera como era tarde: o sol afundava nas colinas rochosas além da cidade e do canal. A maioria das pessoas estava lá. Papai estava encostado no balcão do bar e parecia tão velho quanto Jorge. Maartin não notara isso antes. Seu cabelo estava bem mais grisalho agora. Uma multidão de pessoas das pérolas começou a se movimentar através do ambiente, se dirigindo para o canal, passando por entre os colonos, atravessando as paredes, quase correndo. Maartin nunca tinha visto um deles correr. Ficou espiando, o zumbido de raiva se intensificando cada vez mais, fazendo seus ossos doerem.

– Que diabos você está dizendo?

O urro zangado do prefeito chamou a atenção de Maartin de volta ao aposento. Jorge se afastou dele, enquanto os colonos se reuniram para encará-lo, os olhos duros, as bocas cerradas. As outras pessoas passavam numa corrente através deles, cada vez em número maior. Maartin se dobrou com a dor lancinante da raiva. Jorge recuou um passo.

– Não há nada que vocês possam fazer. – Abriu os braços. – Se derem um tiro neles, eles vão arrasas este assentamento. Peguem suas coisas e saiam agora, e vamos tentar não danificar muita coisa.

– Façam isso e o Conselho Planetário vai emitir sentenças de morte num segundo. – O prefeito deu um passo à frente, o orgulho estampado na cara. – Vocês todos vão morrer.

– Você acha?

Jorge parou de recuar, os olhos tão tristes quanto haviam estado na cúpula do jardim. Ele se virou e falou para Maartin, só para ele:

– Eu menti para você. Eu estava lá, fiz parte da equipe que derrubou as rochas sobre um assentamento perto de First Down. Eu... sabia o que eles iam fazer. Apenas desisti e me afastei. Mas não avisei os colonos. Eu... Me desculpe. Me desculpe, Maartin.

Os olhos dele estavam negros como a noite. Mas ele voltou a encarar o prefeito, sua voz rouca e alta no súbito silêncio:

– Cada um daqueles homens obteve uma sentença de morte. Cada um deles voltou para casa. *Ricos*. Você consegue dinheiro de verdade com as pérolas, e aí a sentença de morte vai se arrastando. Até a próxima nave partir. Entendeu?

– Paul, pegue os rifles. Temos doze no cofre do meu escritório. – O prefeito bloqueou a passagem de Jorge quando ele tentou ir na direção da porta. – Peguem ele.

Jorge deu um pulo e caiu, com meia dúzia de colonos nas suas costas. Alguém abriu espaço pela multidão trazendo algemas retiradas da pequena cela atrás do escritório do prefeito. Prenderam as mãos de Jorge para trás e os pés juntos.

– Vocês não vão conseguir impedir! – gritou Jorge, a boca ensanguentada. – Vocês não precisam morrer! É só ir embora! Eles vão pagar pelos danos depois, se vocês não reclamarem ao Conselho.

– Quinze anos. – O prefeito estava em cima dele, os punhos cerrados. – Estamos cultivando aqueles canteiros de cianos há quinze anos! E vocês simplesmente vão arrancar tudo? E depois voltar para casa? Nós *não podemos* voltar para casa, e queremos respirar. – Chutou Jorge nas costelas, agarrou um rifle de projéteis de alguém atrás dele e berrou: – Eles vão pagar por isso! Vamos nos espalhar, arrumar pontos de cobertura e derrubar um bocado deles assim que aparecerem ao nosso alcance.

– Façam isso e eles vão matar cada um de vocês, até o último! – gritou Jorge, ainda no chão. – Não vai sobrar nada aqui.

Ninguém deu ouvidos.

– Venha, Maartin. – Papai o agarrou pelo braço. – Não posso deixar você aqui. Sabe Deus o que farão quando começarem a atirar. Fique por perto!

Papai arrastou Maartin junto com os colonos que se espremiavam pela porta pegando seus respiradores.

Papai estava apavorado. Todo o seu corpo tremia.

Espere, espere, espere, não vá, não vá por aí! Os dedos de Maartin estalavam com urgência, mas papai não olhou, não reparou.

– Não! – Finalmente forçou a palavra a sair. – Espere!

– Não podemos esperar, filho. Será tarde demais.

Papai não estava falando devagar, não estava prestando atenção ao arrastar Maartin.

Ninguém iria prestar atenção. O zumbido de raiva espremia seu cérebro, seus órgãos. A praça ondulava tanto sob seus pés que ele tropeçou e papai soltou seu braço. Ele gritou, tentando virar as costas, mas a massa de colonos o arrebatou. Os outros passaram por ele, ignorando-o. As torres espiraladas balançavam com a raiva e os caminhos de aranha estremeciam; nuvens de fagulhas prateadas brotavam das colunas na fonte agora seca, sibilando e rachando com um som feio.

Papai, o prefeito, Celie e todos os outros estavam bem à frente dele agora. Cortou para a direita, seguindo o atalho para o canal. Esse era o caminho pelo qual eles viriam. Podia chegar lá primeiro. Sentiu como se os dentes estivessem se soltando das gengivas e os cerrou com força, inclinando-se contra o zumbido de raiva, indo em sua direção.

As pessoas das pérolas estavam paradas, formando uma linha curva e graciosa, eles e elas, enfrentando o ronco dos comedores de terra que se aproximavam. As máquinas seguiam lentamente sobre suas lagartas pesadas, vomitando nuvens de poeira vermelha, mandíbulas abertas como bocas com presas afiadas, prontas para sugar terra e rocha vermelha, peneirar as pérolas, a cidade. Elas passaram roncando através das torres, do jardim com caminhos e arbustos esculpidos, cercado por trepadeiras com flores púrpura e prateadas.

As lagartas não afetaram as plantas nem os caminhos. Ainda não.

Não até que começassem a escavar as pérolas.

Eles não conseguiam ver as pessoas. Nem papai. Nem o prefeito.

A raiva se formava como nuvens leitosas sobre as pessoas das pérolas, engrossando diante de seus olhos, um tecido pálido que flutuava acima delas, uma cor doentia. Elas levantaram as mãos, todas juntas, trançando os dedos, moldando, costurando a energia escaldante da raiva naquele tecido que se adensava. Algumas estavam se virando para encarar papai e o prefeito. Celie estava marchando ao lado de papai e atrás dela Seaul Ku ofegava para manter o ritmo. Ela carregava um dos rifles. Uma pequena parte do cérebro de Maartin rep aro u nisso e ficou surpresa.

Ele saltou na frente das pessoas, mãos levantadas, gritando para elas, dedos abertos, mãos acenando. *Eles não. Eles não são maus. Vocês não entendem. Nós não somos iguais.*

No começo, pensou que nenhum deles olharia, mas eles olharam. O trançar e fiar diminuiu e os dedos começaram a ondular com vigor.

Defeituosos. Unidades defeituosas.

Não maus, nenhum dano, nós também vivemos aqui. Eles não. Maartin estendeu bem seus dedos para apontar para os mineiros e viu uma leve ondulação de choque em reação à sua terrível rudeza. Mas a maioria dos dedos estalou e piscou em discussão, rápido demais para que ele acompanhasse, piscando e retorcendo.

Lúcido-afiado-alerta desceu as mãos num gesto de corte e encarou os mineiros. Maartin girou para encarar os colonos.

– Para trás! – As palavras de ar vieram para ele, seus dedos rígidos e abertos preparados, silenciosos, à sua frente. – Para trás. As pessoas das pérolas vão destruir os mineiros.

No começo, pensou que iriam ignorá-lo, embora visse os olhos de papai se arregalarem. Então eles pararam, murmurando, e o medo fez o murmúrio ficar mais agudo, fez com que levantassem as mãos, apontando de forma rude.

Ele se virou.

Com um só movimento, as pessoas puxaram o tecido trançado a partir do zumbido de raiva do ar e...

... o atiraram.

De leve.

Ele pairou até as máquinas que se aproximavam e se lançou sobre os mineiros que caminhavam resolutos com armas automáticas nas mãos. Acomodou-se suavemente, gentilmente, sobre eles.

Os mineiros começaram a gritar, arqueando as costas, respiradores arrancados de seus rostos, enquanto entravam em convulsão, membros batendo em espasmos, como nas fotos de peixes que Maartin havia visto em vids, atirados da margem de um rio para morrer. O véu doentio se dissipou, deixando corpos se contorcendo. As máquinas continuaram avançando devagar. Um dos grandes mastigadores de terra passou por cima de um corpo, reduzindo o torso de um homem a pó.

– Puta merda! – A voz rouca do prefeito se fez ouvir acima do ronco da máquina. – Que diabos aconteceu?

– Façam as máquinas pararem.

Papai correu para a frente, agarrou uma alça e subiu para o assento do principal mastigador de terra. Pelejou por um momento ou dois e fez a máquina parar, as lagartas freando. Papai saltou quando outra máquina bateu atrás dela, fazendo com que a primeira tombasse de lado.

O prefeito pulou em cima dessa segunda e agora todos corriam na direção das máquinas, na direção dos mineiros caídos ou de volta para o assentamento. Em poucos instantes, todas as máquinas estavam paradas. Nenhum dos mineiros se movia. Os colonos estavam se levantando, balançando as cabeças, os olhos apavorados, os rostos pálidos.

– Meu Deus, tempestade...

– Redemoinhos de poeira...

– Que furacões horríveis...

– Pareciam pequenos tornados, como se estivessem... atacando...
Todos os colonos encaravam Maartin.

As pessoas das pérolas se afastavam, voltando para a praça ou subindo nos caminhos de aranha. Algumas passeavam no jardim e um homem tocava um trio de tubos púrpura retorcidos que jogava névoa lavanda com traços de prata no ar.

– O que você fez, filho? – perguntou papai baixinho.

Eles haviam se reunido e formado um semicírculo entre Maartin e o assentamento. Estavam morrendo de medo dele. Olhando ao redor. Procurando mais redemoinhos de poeira? Maartin os encarou, as palavras de ar brincando de esconde-esconde, seus dedos trançando uma explicação, se contorcendo.

– Ele vê os marcianos. Eles *vivem* aqui. Bem onde fica seu assentamento. – falou Jorge, ofegante, os pulsos muito vermelhos por causa das algemas apertadas. – Eu só consigo vê-los de vez em quando, se seguro uma pérola. Acho que eles... eles mataram a equipe. – Engoliu em seco. – Eu... Você disse a eles para não nos matarem, Maartin?

O garoto piscou confirmando. Desistiu das palavras de ar.

– Acho que ele quer dizer “sim”. – Jorge ficou afastado junto com a multidão, não chegou perto dele. – Eu... eu consegui ter alguns vislumbres.

Todo mundo queria saber sobre os marcianos. Fizeram perguntas para Maartin por algum tempo, mas desistiram porque somente seus dedos explicavam. Começaram a perguntar para Jorge. Ele entendia as coisas errado, mas Maartin não se deu ao trabalho de tentar corrigir. Papai colocou um braço ao redor dos seus ombros e o levou para longe, de volta para seus quartos. Papai também fez perguntas, mas Maartin manteve as mãos fechadas; depois de um tempo, papai parou de perguntar.

Eles relataram o incidente ao Conselho Planetário e algumas pessoas apareceram. Elas ouviram, balançaram a cabeça com a explicação que falava em marcianos ocultos e armas de longo alcance e, por um tempo, todos tiveram medo, olhando para as colinas enquanto caminhavam através dos músicos que passeavam na praça ou das curvas mais baixas dos caminhos de aranha.

Eles tinham medo *dele* também, mas na verdade isso havia até melhorado com relação ao que era antes, já que não o levavam mais para casa quando a praça e as paredes ficavam todas embaralhadas e ele caminhava direto para dentro de uma coisa.

E, depois de algum tempo, pararam de procurar por marcianos que não podiam ver... e pararam de ter medo dele. As máquinas abandonadas foram carregadas para longe e os colonos reclamavam no bar da Canny que o assentamento devia ter pedido uma indenização. E voltaram a plantar novos canteiros de centáureas, e papai voltou a falar sobre sentir o cheiro do oxigênio.

Na maioria das vezes, Maartin tirava as ervas do jardim porque gostava do cheiro e da textura do solo, e Seaul Ku havia decidido que ele ainda era o mesmo velho Maartin, e ele também gostava disso. E, quando se cansava, passeava na praça com Doce-suave-feliz ou Firme-pensativo. Lúcido-afiado-alerta não o seguia mais; ele não o vira desde o ataque aos mineiros.

Um dia, Jorge chegou ao jardim. Estava trabalhando com papai no plantio do novo canteiro e havia alugado um quarto a algumas portas de distância do bar da Canny. Agachou-se na frente de Maartin.

– Estou indo embora. Consegui direitos de acionista em um novo assentamento a um dia de viagem ao sul da cidade. – Seus olhos escuros fitaram os de Maartin. – Não posso mais minerar. – Mexeu no bolso e retirou sua pérola. – Preciso colocar isto de volta. Onde coloco?

Maartin a tirou da palma da mão de Jorge antes que ele pudesse puxá-la. Doce-suave-feliz estava atravessando a praça e Maartin a chamou com um piscar dos dedos, oferecendo-lhe a pérola. Ela a tocou, fez com que desaparecesse de volta para seu lugar e sorriu quando ambos sentiram a pequena ondulação de seu retorno.

– O que você acabou de fazer? – Jorge estava encarando a palma vazia da mão. Levantou a cabeça e disse baixinho: – Espero que você esteja feliz. Espero que eles sejam seus amigos.

Pena, pensou Maartin. Será que ele era digno de pena? Pensou a respeito. O que era digno de pena havia sumido, decidiu. Seus dedos ondularam quando ele contou a Jorge sobre como, mesmo agora, todas as suas ações, cada movimento de cada molécula de sua carne estava alimentando... uma pérola. Ele passearia naquela praça, compartilharia a música da névoa, vagaria pelas cidades e pelos caminhos de aranha para sempre, assim que ela acabasse.

Não. Nada de pena.

– Nós. Iremos. Proteger. – Ele conseguiu encontrar essas três palavras.

Viu o medo voltar aos olhos de Jorge.

– A história se espalhou entre os mineiros – ele expeliu as palavras de ar em um arquejo. – Mas histórias são ignoradas... quando existe dinheiro.

Maartin deu de ombros. Lúcido-afiado-alerta aprendera o que ele precisava saber. Sobre unidades imperfeitas.

Jorge se dirigiu para a comporta levando seu medo com ele.

Não importava. A transferência estava completa.

Maartin se levantou, se espreguiçou e saiu andando pela cúpula, atravessando a praça, saboreando a rajada de névoa da fonte, se dirigindo para o caminho de aranha, onde Suave-doce-feliz o saudou com um piscar de dedos.

Não mais imperfeito.

Atrás dele, muito suavemente, ouviu o som duro das palavras de ar.

NAS TUMBAS DOS REIS MARCIANOS

MIKE RESNICK

Os livros de ficção científica escritos por Mike Resnick são best-sellers, e ele escreve muitos. Entre os mais famosos estão *Kirinyaga*, *Santiago*, *The Dark Lady*, *Stalking the Unicorn*, *Birthright: The Book of Man*, *Paradise*, *Ivory*, *Soothsayer*, *Oracle*, *Lucifer Jones*, *Purgatory*, *Inferno*, *A Miracle of Rare Design*, *The Widowmaker*, *The Soul Eater*, *A Hunger in the Soul*, *The Return of Santiago*, *Starship: Mercenary*, *Starship: Rebel* e *Stalking the Vampire*.

Entre suas coletâneas de contos estão *Will the Last Person to Leave the Planet Please Shut Off the Sun?*, *An Alien Land*, *A Safari of the Mind*, *Hunting the Snark and Other Stories* e *The Other Teddy Roosevelts*. Como editor, ele produziu *Inside the Funhouse: 17 SF stories about SF*, *Whatdunnits*, *More Whatdunnits*, *Shaggy B.E.M. Stories*, *New Voices in Science Fiction*, *This Is My Funniest*, além de uma longa série de antologias coeditadas com Martin H. Greenberg – *Alternate Presidents*, *Alternate Kennedys*, *Alternate Warriors*, *Aladdin: Master of the Lamp*, *Dinosaur Fantastic*, *By Any Other Fame*, *Alternate Outlaws* e *Sherlock Holmes in Orbit*, entre outras –, assim como duas antologias coeditadas com Gardner Dozois e *Stars: Stories Based on the Songs of Janis Ian*, editada com Janis Ian. Ganhou o prêmio Hugo em 1989 por *Kirinyaga*. Ganhou outro prêmio Hugo em 1991 por outra história da série *Kirinyaga*, “The Manamouki”, e mais um Hugo e um Nebula em 1995 pela novela “Seven Views of Olduvai Gorge”. Também fez uma série de coletâneas – *The Incarceration of Captain Nebula and Other Lost Futures*, *Win Some, Lose Some: The Complete Hugo-Nominated Short Fiction of Mike Resnick* e *Masters of the Galaxy* – e seu último livro é *The Doctor and the Dinosaurs*. Ele vive com sua esposa, Carol, em Cincinnati, Ohio.

Na aventura alucinante a seguir, ele nos leva às vastidões mais remotas de Marte, na busca pela Tumba dos Reis Marcianos, perdida há eras, e conta uma história de ganância, traição e desejo de riqueza, e de como às vezes pode ser melhor não encontrar aquilo que você procura.

O Razzo the Slug's estava lotado.

Não havia motivo para isso. Vinte e três biroskas cercavam Marsport, cada uma com a própria política de privacidade, mas, por alguma razão, era o Razzo que estava sempre lotado.

O próprio Razzo, dono do lugar, não era grande coisa. Foi Cemetery Smith quem primeiro comentou que ele parecia uma lesma e o apelido pegou. Ninguém sabia de onde ele tinha vindo, embora fosse claro pelo seu sotaque e por alguns de seus maneirismos que não vinha de nenhum planeta próximo. Não que alguém se importasse, contanto que ele não batizasse o uísque, tivesse um suprimento infinito de dançarinas vindas de meia dúzia de mundos e luas, e nunca repetisse nada do que ouvia.

O balcão era comprido e feito de algum metal alienígena reluzente, do tipo que sentia o tamanho das diferentes raças que se encostavam nele e a partir disso se elevava ou abaixava. Na parede atrás do balcão havia uma imensa representação holográfica do mundo natal de Razzo (seja lá qual fosse). Nor malmente isso fazia com que os clientes ficassem felizes por nunca terem posto os pés lá. Havia dois bartenders robóticos, mas Razzo também passava a maior parte do tempo atrás do balcão. Todos achavam que ele ficava lá para garantir que os robôs não enchessem demais os copos.

Naquele momento, Razzo estava recepcionando quinze marcianos, uma dezena de venusianos, dois mineiros de Titã, mais dois de Ganimedes e um punhado de terráqueos. O único que chamava atenção era o Escorpião, e isso era por conta do animal a seu lado.

O verdadeiro nome do Escorpião, que quase ninguém sabia ou usava, era Marcus Aurelius Scorpio. Ele era alto (entre 1,80 e 1,90m), magro e forte. Tinha um espesso topete de cabelos castanhos que começavam a ficar levemente grisalhos, uma semana de barba por fazer e olhos azuis, tão claros que pareciam sem cor se vistos de determinados ângulos.

Suas roupas tinham tons de marrom e bege, e ele não tentava disfarçar o queimador que carregava num pequeno coldre no quadril. A maioria das pessoas que o olhasse não diria que carregava também uma arma menor enfiada atrás do cinto, além de uma faca de aspecto perigoso numa das botas.

Na verdade não havia nada de especial nele; o que realmente chamava atenção era a criatura deitada no chão a seus pés. A princípio, parecia um cachorro, mas não havia cachorros em Marte, muito menos um que tivesse quase o tamanho de um leão. O animal possuía quatro narinas (duas na frente mais uma em cada bochecha), olhos que pareciam brilhar, muito embora fossem totalmente protegidos das luzes fracas, e uma cauda que terminava numa ponta tão afiada que poderia muito bem ser usada como arma. O corpo era coberto por um pelo encaracolado azul fosco e, quando bocejava, exibia uma fileira dupla de presas negras como carvão.

Todos os frequentadores mantinham grande distância da mesa e da criatura. O diminuto garçom mercuriano, que estava acostumado com o bicho, não lhe deu bola ao levar uma bebida para Scorpio e continuou fazendo a ronda das mesas.

Scorpio acendeu um charuto produzido ali, soltou uma baforada e se recostou para assistir a uma mulher marciana rodopiando numa dança lenta que parecia desajeitada a seus olhos, mas que certamente estava deixando os clientes marcianos malucos. A música não era atonal, mas era tão estranha que ele tinha certeza que não conseguiria cantarolá-la mesmo que a ouvisse todos os dias sem parar durante uma semana.

Scorpio provou sua bebida, tentando não fazer careta enquanto ela descia queimando sua garganta, e continuou a fumar o charuto. Depois de um minuto, tirou algo do bolso e jogou para a criatura azul, que a apanhou, mastigou fazendo sons altos de coisa quebrando e finalmente engoliu.

A dança da garota marciana acabou, os marcianos na plateia aplaudiram e soltaram aqueles estranhos uivos próprios de sua espécie, e então uma garota de Io subiu ao palco carregando a completa indiferença de todos.

A garota marciana estava se dirigindo a um camarim atrás do bar, mas parou na mesa de Scorpio e disse:

- Você aqui de novo, Escorpião...
- Gosto de visitar meu dinheiro – respondeu ele.
- Gostou da minha dança?

- Nunca vi coisa parecida.
- Talvez eu devesse dançar de novo, só para você.
- Estou sempre aberto a novas experiências.

Mas que bobagem, disse uma voz dentro da cabeça de Scorpio.
Mande-a embora.

Scorpio olhou para a criatura azul. *Eu interfiro na sua vida sexual?*, pensou.

Maldição, Scorpio! Por que está perdendo tempo? Ela é uma marciana, pelo amor de Podak. Não daria certo, nem que vocês tentassem.

Scorpio deu um sorriso muito cínico.

O amor sempre encontra um jeito.

- Você está falando com seu cachorro de novo – disse a garota.
- Ele não é um cachorro, e você não me ouviu dizer uma só palavra.
- Você está mentindo para mim. Você mente para mim o tempo todo.
- É claro que sim. Estamos no Razzo! Deve ser até ilegal dizer a verdade aqui.

Ela proferiu uma obscenidade marciana.

– Terráqueo! – acrescentou com desprezo, se afastando.

Feliz?, perguntou Scorpio.

Empolgadíssimo, foi a resposta. *A propósito, tem alguém procurando você.*

A garota saiu e pegou uma arma?

A criatura resfolegou. Perto da porta. O marciano com a sacola.

Scorpio olhou para o outro lado do bar, para o marciano que acabara de entrar. Era baixo, curvado (o que era raro devido à gravidade menor), mostrava sinais de idade e carregava uma sacola de tecido sobre o que equivalia ao seu ombro.

Tem certeza de que ele veio me procurar?, pensou Scorpio.

É claro que tenho certeza, veio a resposta. *Nem todo mundo tem que falar para se comunicar, você sabe. Alguns de nós evoluíram eras atrás.*

Então por que você estava vivendo em um pântano quando nos conhecemos?, perguntou Scorpio com aquele seu sorriso único, não exatamente desprovido de humor.

Por que você está em um bar com criminosos e gente desqualificada de todo o sistema solar? Eu fui até o pântano porque era onde estava a comida, e você vai aonde o dinheiro está para poder comprar a comida, um passo extra do qual minha raça não necessita.

Scorpio olhou para a criatura. *Então por que você anda com um ser primitivo como eu?*

Você é o ser mais mortífero que eu já encontrei, foi a resposta. *Sempre é possível ter comida fresca quando estou com você.*

Scorpio viu o marciano se aproximar. *Ok, você é o telepata. O que ele quer?*

Ele veio de muito longe. Vou deixar que diga.

Por quê? Vou mandá-lo embora.

Acho que não, respondeu a criatura.

O marciano chegou até a mesa e ficou parado, olhando desconfortável para Scorpio.

– Você é o Escorpião? – perguntou, hesitante.

Scorpio assentiu e se lembrou que a maioria dos marcianos não sabia que aquele gesto era uma afirmativa.

– Sim, algumas pessoas me chamam assim.

– Será que eu... Será que eu posso me sentar? – perguntou o marciano, indicando uma cadeira vazia em frente a Scorpio.

– Fique à vontade.

O marciano deu um passo na direção da cadeira e percebeu que teria de passar muito perto da criatura azul. Ficou paralisado e olhou para ela, com medo de se mover.

– Está tudo bem – disse Scorpio ao perceber que o marciano poderia ficar parado ali sem se mover a noite toda. – O nome dele é Merlin. É meu bicho de estimação.

Seu bicho de estimação?

Por que dizer o que você é de verdade? É vantajoso para nós que eles pensem que você é um animal burro.

Vou acabar arrancando a sua perna.

– Nunca vi nada igual a ele – disse o marciano, tímido.

– Pouca gente viu – retorquiu Scorpio, enquanto o marciano cuidadosamente dava a volta ao redor de Merlin e se sentava. – O que posso fazer por você?

– Me disseram que você é o mais adequado para o trabalho que estou me preparando para fazer.

Quem será que ele quer ver morto?, indagou Merlin.

Você podia me dizer agora.

Eu? Eu sou só um animal burro.

– Que tipo de trabalho você tem em mente? – perguntou Scorpio.

– Talvez eu devesse me apresentar primeiro.

Scorpio deu de ombros.

– O que for melhor para você.

– Meu nome é Quedipai e passei mais de um século como professor de história antiga na Universidade de Baratora, que vocês conhecem como Nova Bruxelas.

– Ok, então você ensinou história e não é mais criança. O que isso tem a ver comigo?

Quedipai se inclinou e baixou a voz:

– Creio que descobri a localização da antiga Tumba dos Reis Marcianos.

Scorpio resfolegou em sinal de desprezo.

– Claro que descobriu.

– Mas descobri *mesmo*!

– No meu mundo, são as Minas do Rei Salomão. Em Vênus, o Templo do Anjo Esquecido. Em Mercúrio, o Palácio do Lado Escuro. E, em Marte, a Tumba dos Reis Marcianos.

– Já sofri dois atentados à minha vida. Preciso de proteção. Mais do que isso. Sou um acadêmico. Preciso de alguém que esteja ciente de todos os riscos que vou encontrar na parte mais selvagem do fundo do mar morto ocidental e que possa evitar ou neutralizar a maior parte disso.

– Tomara que tenha sorte.

– Você não vai me acompanhar?

– Não estou interessado.

– Você ainda não ouviu minha oferta.

– Já estive no fundo do mar ocidental. Ele se chama Balthial e, seja lá quem lhe disse que era perigoso, menosprezou a situação. Estou feliz bem aqui.

– Você pelo menos me deixa dizer quanto posso pagar?

– Me pague mais um uísque e pode falar quanto quiser.

– De que tipo? – perguntou o marciano, se levantando.

Scorpio ergueu seu copo vazio e o estudou.

– Estou cansado deste troço. Vou tomar um copo daquele suco da alegria azul que eles fazem em Luna City.

O marciano foi até o bar e voltou com um copo, que colocou com cuidado sobre a mesa, na frente de Scorpio, depois se sentou.

– Está fumegando.

– É velho o bastante – comentou Scorpio, erguendo o copo e tomando um gole.

– Você não é minha última opção, Escorpião. Mas de tudo que fui capaz de descobrir, e sou um pesquisador *muito* rigoroso, você é a *melhor*.

Scorpio o encarou com paciência e muito pouco interesse. Por fim, respirou fundo, inclinou-se para a frente e disse tão baixinho que ninguém mais conseguiu ouvir:

– Quatrocentos mil *tjoubi*, e a caçada não deverá passar de cinquenta dias.

Rápido, pensou Scorpio. *Quanto vale isso em dinheiro de verdade?*

Um quarto de milhão de créditos, respondeu Merlin.

Você consegue ler a mente dele. Ele está dizendo a verdade? E tem mesmo o dinheiro?

Sim e sim.

Scorpio olhou para o marciano.

– Qual é seu nome mesmo?

– Quedipai.

– Cadê Papai – disse Scorpio.

– *Quedipai* – repetiu o marciano.

– Certo – disse Scorpio assentindo. – Cadê Papai, temos um acordo. Metade agora, metade no final e nós somos seus pelos próximos cinquenta dias.

Quedipai puxou um maço de dinheiro. Scorpio o pegou e enfiou num bolso.

Não quer contar?

E exibir uma quantia tão alta no Razzo? Não seja bobo. Contamos depois. Se estiver faltando, não iremos a parte alguma até ele completar a quantia.

– Você falou em “nós”? – perguntou o marciano, curioso.

– Merlin e eu. Como eu disse, ele é meu bicho de estimação.

Quedipai encarou a criatura.

Você não acreditaria no que ele está pensando agora.

– Confie em mim – disse Scorpio. – Se dermos de cara com algum problema, você vai gostar de tê-lo por perto.

– Vou aceitar sua palavra – disse o marciano. Tirou a sacola do ombro e a colocou sobre a mesa. – É seguro mostrar isto a você agora?

– Se eu não puder proteger você em um bar, com certeza não vou conseguir proteger você assim que deixarmos este arremedo de civilização.

Quedipai enfiou a mão dentro da sacola e tirou um mapa muito antigo, que abriu em cima da mesa.

– Ok – disse Scorpio. – É Balthial.

– Está vendo esta marquinha aqui? – perguntou o marciano apontando um dedo de articulação tripla para ela.

– Parece um grão de poeira.

– Tem uns 5 quilômetros de extensão.

– Ok – disse Scorpio, sem ficar impressionado. – Tenho que procurar um grão de poeira de 5 quilômetros no fundo do mar.

– Não sei como falar na sua língua – disse Quedipai. – Mas seria algo como Cratera dos Sonhos.

Scorpio franziu a testa.

– Já ouvi falar, há muito tempo.

– Uns dizem que foi criada por um asteroide. Outros acham que é resultado de uma guerra antiga, quando tínhamos armas horríveis que nem lembramos mais. Algumas pessoas ainda dizem que ela se formou com o desabamento de uma cidade subterrânea.

– E você, o que acha? – perguntou Scorpio, encarando não o mapa, mas o marciano.

– Eu acho que foi provocada pelo punho de Deus.

– Por que acha isso?

– Minha raça não é a primeira a habitar este mundo. Antes de nós existiu uma raça que caminhava por Marte como os gigantes que eram. Um homem alto como você não chegaria nem à cintura do menor deles. Nada podia ficar no seu caminho, mas em pouco tempo se tornaram arrogantes por conta de todos os seus feitos. Decidiram que eles mesmos deviam ser deuses, então o verdadeiro Deus desceu Seu punho e esmagou o reino deles com um único golpe.

– Vocês aprenderam isso na aula de história ou na igreja? – perguntou Scorpio sardonicamente.

– Você não acredita em mim, é claro – disse o marciano.

– Por quatrocentos mil *tjoubi*, vou acreditar em você por cinquenta dias e noites, a começar de... – Scorpio checkou seu relógio – quatro minutos atrás.

– Não culpo você por suas dúvidas. Até a semana passada eu também pensava assim.

Se ele me disser que teve uma visão, estou fora, com dinheiro ou sem. Apenas escute, recomendou Merlin.

– Temos muitas religiões em Marte – começou Quedipai. – A maioria delas deriva de incidentes históricos, mas algumas são baseadas em obras de grandes filósofos. E existe uma religião que sobreviveu mais tempo do que qualquer outra, a pronúncia seria *Blaxorak*, não existe tradução ou aproximação para isso em terráqueo. Seus templos foram todos demolidos, seus monumentos, destruídos e transformados em entulho, e acredita-se que somente o sagrado Livro de Blaxorak sobreviveu. Estudei escritos antigos, raros e obscuros, e encontrei pistas suficientes para me convencer de que as respostas podem ser encontradas na Cratera dos Sonhos.

Scorpio franziu a testa.

– *Que respostas?*

– As pistas que reuni me levam a crer que a Tumba dos Reis Marcianos realmente existe dentro ou abaixo da cratera e uma das tumbas douradas guarda a única cópia remanescente do sagrado Livro de Blaxorak, que foi enterrado com o maior dos reis. Ainda que a existência do livro seja um mito e não encontremos nada além de uma série de tumbas vazias, mesmo assim será a mais importante descoberta histórica do milênio.

– Tumbas *douradas*, você disse? – perguntou Scorpio.

– Incrustadas com joias – respondeu Quedipai.

Ele está dizendo a verdade?

Ele acredita que sim, respondeu Merlin.

E ele é mesmo um acadêmico especializado nesse negócio?

É.

– Onde você está hospedado? – perguntou Scorpio.

– No hotel aqui em frente.

– O Tocha Caída?

– Isso.

– Sugiro que você vá para lá agora mesmo e durma um pouco. Planejo começar a expedição amanhã ao raiar do dia.

– Mas eu preciso mostrar e contar mais coisas para você – protestou o marciano.

– Você faz isso no caminho. De repente fiquei ansioso para por o pé na estrada.

– Mas eu mal mencionei...

– Suas descrições incrivelmente evocativas trouxeram o passado de volta à vida e me fizeram querer ver tudo com meus próprios olhos – disse Scorpio, já se levantando. – Vamos, Merlin.

– Onde nos encontramos?

– Eu busco você no saguão do seu hotel ao amanhecer – disse Scorpio. Deu alguns passos na direção da porta, depois se virou. – Pague a minha conta do bar antes de ir embora, Cadê Papai.

Scorpio havia contado o dinheiro – estava correto – e levou Quedipai até a pista de decolagem de manhã.

– Tenho as coordenadas bem aqui – anunciou o marciano, indicando a sacola no seu ombro.

– Guarde-as aí mesmo – replicou Scorpio, descendo de um triciclo de ferro, remanescente de uma guerra recente.

– Mas certamente você não estudou o mapa por tempo bastante para saber a localização exata! – protestou Quedipai.

– Isso mesmo.

– Então...?

– Você me contou que já tentaram te matar duas vezes – disse Scorpio, acendendo um charuto. – Estava tentando me impressionar ou estava dizendo a verdade?

– Eu não falo mentiras – respondeu o marciano com toda a dignidade que conseguiu reunir.

– Então isso quer dizer que, além de você, existe outra pessoa que acredita que você tem a localização da Tumba dos Reis Marcianos, e não é preciso ser muito inteligente para rastrear um voador planetário assim que ele está no ar. Vamos pousar a cerca de 320 quilômetros da borda da cratera e passar um dia lá antes de seguirmos, só para despistar qualquer pessoa que esteja nos vigiando. Vou ter muito tempo para estudar o mapa.

Quedipai arregalou os olhos escuros.

– Eu não tinha pensado nisso.

– Não precisa – respondeu Scorpio. – É para isso que você está me pagando.

– Escolhi a pessoa certa para o trabalho.
– Vamos torcer que sim. Partimos assim que Merlin chegar.
– Ele está sumido?
– Ele odeia andar nestes carros terrestres. Vai estar aqui em uns dois minutos.

– Qual é o nosso voador?
– Aquele – respondeu Scorpio, apontando para o voador mais antigo e quebrado da região.

O marciano deu o equivalente de sua raça a um franzir de testa.

– Dá a impressão de que só a poeira e a ferrugem estão segurando tudo junto.

– Se quiser pagar um novo para nós, fique à vontade.

De repente, Merlin apareceu trotando.

Você vai ficar feliz de saber que a dançarina marciana não ficou chorando a noite toda.

Vamos, parta meu coração, retrucou Scorpio sem dizer uma palavra. *Suba no voador e lembre-se de que você é um bicho de estimação. Não fique mexendo nos controles.*

– Como ele sabia que você estava vindo para cá? – perguntou Quedipai.

– Eu sempre venho para cá – respondeu Scorpio.

Hah!

Ele vai engolir essa, pensou Scorpio, confiante. *Por que eu mentiria pra ele?*

Espere até ele conhecer você melhor.

Eu não vou mentir pra alguém que está me pagando 250 mil créditos para montar guarda enquanto ele gasta dois meses procurando algo que nunca existiu. Bem, não a menos que eu precise, de qualquer maneira. Este serviço vai ser mole que nem pudim.

Eu não como pudim.

– Vamos subir? – disse Scorpio a Quedipai.

O marciano subiu as escadas até a porta e rapidamente se amarrou à poltrona em forma de casulo. Scorpio foi logo atrás e não se deu ao trabalho de ver se Merlin subira. O animal entrou por último e se recusou, como sempre, a ser amarrado ou preso a qualquer coisa, e num instante eles voavam na direção da cratera, que ficava a mais de 1.100 quilômetros.

– Não seria melhor irmos para oeste e depois voltar, caso alguém esteja vigiando a gente? – perguntou o marciano.

Scorpio balançou a cabeça.

– Você viajou 480 quilômetros de Nova Bruxelas para cá. Por que iria voltar pra lá tão rápido? Eu sempre desejo que meus inimigos sejam burros, mas por enquanto vamos supor que não sejam.

– Confio na sua experiência.

– Ok. Vou colocar este negócio no piloto automático e manter uma altitude de 9 mil pés, daí você me mostra o mapa de novo.

Pouco depois, Quedipai tirou o mapa da sacola e o abriu.

– Aqui fica a Cratera dos Sonhos – disse, apontando para a área. – Não existe cidade nenhuma aqui, nenhum posto avançado, nada.

– Parece que existe uma cidade 8 quilômetros ao norte – disse Scorpio.

– Uma ruína deserta.

– Vamos torcer para que seja isso mesmo. Existe alguma fonte de água abaixo do solo?

– Na cratera?

– Em qualquer lugar na área.

– Acredito que não.

– Então, se alguém *estiver* esperando na cidade, provavelmente vai concluir que você está indo para a Cratera dos Sonhos e não vão precisar esperar para sempre até que *alguém* apareça.

– Ela está deserta – disse Quedipai, convicto.

– Se não estiver, vamos descobrir num instante – declarou Scorpio, amargo. – Ok, a cratera tem o quê, 5 quilômetros de diâmetro?

– Ela tem 13 *bors* – replicou o marciano.

Merlin?

Mais ou menos 4,5 quilômetros.

– Ela parece plana. Se essa tumba existe, com certeza não tem 13 *bors* de extensão, então onde você vai começar a escavar?

– Ainda não posso lhe dizer.

– Se você não confia em mim, é melhor acabar com o acordo agora – disse Scorpio.

O marciano balançou a cabeça.

– Você entendeu errado. Não posso dizer porque ainda não sei.

– E *quando* vai saber?

– Alguns dos escritos antigos que descobri falavam em certos marcos do terreno.

– Cadê Papai, isso vai ser um choque para você, mas marcos de terrenos mudam ao longo de vinte ou trinta mil anos.

– Esses não – retrucou Quedipai, confiante.

Ele sabe do que está falando?, Scorpio perguntou a Merlin.

Provavelmente.

Como assim, provavelmente? Ou ele sabe, ou ele não sabe.

Provavelmente esses marcos ainda existam.

É melhor você ter razão. Não me agrada passar as próximas sete semanas cavando buracos na maldita cratera.

– Fale mais sobre essa cidade deserta – disse Scorpio.

– O nome antigo dela era Melafona, mas já teve cinco outros desde então. Foi a primeira cidade de todas as civilizações marcianas, exceto a atual.

– Ótimo.

– Ótimo? – repetiu Quedipai.

Scorpio assentiu.

– Isso quer dizer que deve haver água ali, a menos que esse seja o motivo pelo qual ninguém mais mora lá. Se houver água e ela estiver deserta, faremos nosso quartel-general lá.

– Mas fica a mais de 20 *bors* de onde eu acho que a tumba está!

Scorpio olhou para o marciano e suspirou.

– Tentaram te matar duas vezes. A menos que você estivesse mexendo com as moças marcianas erradas, podemos supor que esses ataques foram para impedir você ou qualquer outra pessoa de encontrar a tumba, ou porque os agressores sabem que você tem a localização e querem chegar lá primeiro. De qualquer maneira, você acha que é uma boa ideia acamparmos no chão liso da Cratera dos Sonhos, totalmente desprotegidos?

– Entendi – disse Quedipai. – Vamos fazer o que você sugere, claro.

– Provavelmente não teremos de caminhar até o sítio todos os dias. O voador é pequeno demais para carregar qualquer transporte terrestre no porão de carga, mas, como a cidade foi usada no passado, acho que encontraremos algumas peças de carroças e arneses. Merlin gosta de se sentir útil; tenho certeza de que vai gostar de nos puxar.

Acho que já demorei demais para matar e comer você.

Ótimo. Você e Cadê Papai podem dormir no meio da cratera. Eu virei da cidade todas as manhãs para visitar seus restos mortais.

– Faremos o que você achar melhor – concordou Quedipai.

Quando chegaram às margens do antigo mar de Balthial, que se situavam no meio do caminho, Scorpio decidiu pousar o voador ao lado das ruínas de uma aldeia deserta.

– Por que pousamos? – perguntou o marciano. – Ainda estamos a centenas de quilômetros de distância.

– Eu disse a você que passaríamos um dia aqui caso alguém estivesse nos rastreando – disse Scorpio. – Vamos esticar as pernas, relaxar e comer alguma coisa.

Pode não ser tão fácil assim, avisou Merlin.

Por que não?

Há uma família de carnívoros vivendo na aldeia.

Grandes?

Não sei dizer. Mas estão famintos.

Scorpio desceu do voador, depois ajudou Quedipai a sair. Merlin desceu por conta própria, com um salto leve.

Eles são inteligentes o bastante para você ler seus pensamentos?

Eles não são sencientes, Scorpio. A única coisa que consigo ler é fome. Já se passaram alguns dias desde que eles a mataram pela última vez.

Quantos estão lá?

Cinco. Talvez seis.

Você não sabe dizer?

Pode haver um que esteja mais faminto e fraco demais para transmitir.

Scorpio deu a volta até o porão de carga, abriu-o e tirou um rifle sônico. Checou para ter certeza de que estava totalmente carregado e depois o levou até o marciano.

– Sabe usar um destes? – perguntou.

– Não – respondeu Quedipai.

– Já viu alguém usá-lo em algum vídeo de entretenimento?

– Sim.

– Mesma coisa. Este é o mecanismo de disparo. Basta apontar e apertar este botão.

– Quem você está esperando?

– É mais um bando de *quês* do que um *quem* – respondeu Scorpio. – Tome cuidado para não atingir Merlin.

– Por que eu atiraria em Merlin? – perguntou Quedipai.

– Ele será nossa primeira linha de defesa. Se formos atacados, vai combater o que estiver nos atacando antes mesmo que você levante o rifle para apontar e mirar.

Daqui a pouco. Eles sabem que estamos aqui.

– Vou pegar outra arma no porão de carga – disse Scorpio. – Fique na ponta dos cascos.

Quedipai pareceu intrigado.

– Eu *não tenho* cascos – replicou.

Diabos! Eles são grandes!

Antes que sequer pudesse abrir o porão, o terráqueo se virou e viu cinco criaturas parecidas com ursos, peludas, meio cinzentas, armadas com caninos perigosos e garras longas e curvas em cada uma das seis patas, saindo sorrateiras da aldeia e se espalhando como se para cortar todas as rotas de fuga.

Quedipai tremia como uma folha, então Scorpio foi até ele e pegou o rifle sônico, que o marciano entregou com prazer.

Qual é o líder? perguntou a Merlin.

Segunda a partir da esquerda.

Ele é o menor do bando.

É ela, os duxbollahs marcianos vivem em matriarcados.

Scorpio apontou o rifle para a fêmea e pressionou o mecanismo de disparo, lançando quase uma parede de som. Ela gritou de dor e surpresa ao ser lançada a 3 metros de distância pelo rarefeito ar marciano. Os outros *duxbollahs* olharam ao redor, nervosos, tentando localizar o inimigo que havia feito sua líder sair voando, sem associar isso a Scorpio e sua arma.

Não tem por que deixar que eles se organizem. Me deseje sorte.

Assim que Merlin pensou nisso, lançou-se para cima da fêmea ainda grogue, rasgando-a com garras e presas. Ela tentou reagir, mas era claro que o venusiano estava acabando com ela. Por fim, soltando um grito agudo, ela botou a cauda entre as pernas e saiu correndo de volta para as ruínas. Os quatro machos hesitaram por um momento. Então Merlin atacou o maior deles. Ele logo seguiu a fêmea e os outros três também correram de volta para as ruínas em um amplo semicírculo que os levou

para tão longe de Merlin quanto possível enquanto buscavam segurança. O venusiano correu atrás deles sem muita pressa, só para garantir que não mudassem de ideia, depois se virou e retornou à nave.

– Entendeu agora por que ele veio? – perguntou Scorpio com um sorriso.

– Ele é incrível – disse Quedipai. – Eu não achava que houvesse qualquer animal que pudesse assustar cinco *duxbollahs* ao mesmo tempo.

Eu ouvi direito? Ele acabou de me chamar de animal?

Pelo que está pagando, ele pode chamar você de coisa muito pior. Apenas fique de olho aberto caso essas coisas retornem. Elas não vão ficar menos famintas nas próximas duas horas.

– Vamos ficar alertas para visitantes famintos – disse Scorpio a Quedipai. – E, enquanto isso, me conte um pouco mais do que acha que vai encontrar.

– Como já falei, a Tumba dos Reis Marcianos. E espero que, dentro da tumba, o Livro de Blaxorak.

– Houve muitos reis marcianos ao longo das eras. Por que esses são tão difíceis de encontrar? O planeta não é muito grande e não há tantos lugares para se esconder uma tumba por mais de vinte mil anos.

– Elas estão mais do que bem escondidas – respondeu Quedipai. – Se minha pesquisa e nossas lendas estiverem corretas, elas estão *protegidas*.

– Protegidas... Por quem ou pelo quê?

– Elas são as tumbas da Dinastia Krang. Os krang eram uma raça especial. Alguns dizem que não eram sequer nativos do planeta, mas um punhado deles veio para cá e conquistou o mundo inteiro em menos de um ano. Não construíram cidades e não deixaram edifícios, o que sugere que eram... *visitantes*.

– Até onde posso dizer, vocês sempre foram uma cultura bélica, até que suas guerras finalmente quase destruíram todo o maldito planeta. Que espécie de raça poderia conquistar vocês em menos de um ano?

– Não sei – admitiu Quedipai. – Dizem que eles eram imensos, mas isso pode ser relativo. Imensos comparados a quê? Suponho que, se tinham a tecnologia para vir para cá de outro mundo, sem dúvida possuíam armas mais avançadas que as nossas. Alguns relatos e lendas dizem que o Livro de Blaxorak lhes dava poderes tão próximos do sobrenatural que o tamanho não fazia diferença.

– Mas você não sabe ao certo se eles vieram *mesmo* de outro mundo.

– É verdade. Nem sei por que eles todos morreram, desapareceram ou partiram passado um curto período de tempo. Essas são algumas das respostas que espero descobrir quando encontrarmos a tumba.

– Se encontrarmos a tumba.

– Se encontrarmos a tumba. Mas eu realmente acho que encontraremos. Passei a maior parte da minha vida adulta estudando os krang.

– Posso fazer uma pergunta?

– Claro.

– Por quê? Se existiram mesmo, viveram há dezenas de milhares de anos. Estiveram aqui apenas por tempo suficiente para conquistar o planeta e depois partiram ou morreram. Até onde posso dizer, não deixaram nada para trás, nenhum artefato, nenhum monumento, nada a não ser alguns mitos e lendas. Por que passar toda a sua vida tentando aprender sobre eles?

– Não somos todos criaturas de ação como você e seu amigo.

– Meu amigo? – repetiu Scorpio.

– Merlin. Agora está claro que você tem uma conexão psíquica ou telepática com ele.

Ora, bom para você, Quedipai!, pensou o venusiano.

– De qualquer maneira, aprendi o que pude a seu respeito antes de me aproximar de vocês, Escorpião – continuou Quedipai. – Você esteve em todos os planetas próximos, assim como em Tritão, Titã, Ganimedes, Io e Europa. Claramente tem um desejo de ver o que está além do próximo planeta. Eu também estou interessado no próximo mundo. Só que meus mundos são definidos de forma diferente dos seus.

– Quando você fala assim, faz sentido – disse Scorpio.

Quedipai se virou para Merlin.

– E peço desculpas por pensar que você era só um animal.

Merlin o encarou e permaneceu imóvel.

Vamos lá, pensou Scorpio. Ele está pedindo desculpas. Lamba a mão dele ou alguma coisa assim.

Isso é nojento. Talvez eu apenas arranque seis ou sete dedos dele. De qualquer maneira, marcianos têm dedos demais.

– Ele aprecia suas desculpas e as aceita – disse Scorpio em voz alta.

– Que bom, eu detestaria que ele ficasse irritado comigo.

O que ficar irritado tem a ver com isso? Eu enfrento cinco duxbollahs por dia pela minha metade do que ele está nos pagando.

Eu não fazia ideia de que você dava valor a dinheiro, foi o pensamento sardônico de Scorpio. Achei que você era de uma espécie superior.

Somos. Mas precisamos de dinheiro quando lidamos com espécies inferiores, como terráqueos.

– Os krang deixaram algum registro escrito? – perguntou Scorpio.

– Eles mesmos? Não. Porém algumas das raças que eles conquistaram deixaram. Mas a pergunta permanece: em quantos desses registros podemos confiar?

– Por que não em todos, se foram escritos pelos contemporâneos dos krang?

Quedipai se deu ao luxo de um sorriso muito cheio de dentes, um dos poucos sorrisos marcianos que Scorpio já vira.

– Diga-me, Escorpião, você é cristão?

– Não muito – respondeu Scorpio dando de ombros.

– Jesus disse *mesmo* as coisas que são creditadas a ele? Afinal, elas foram relatadas por seus discípulos, mas isso foi feito com precisão?

Outro dar de ombros.

– Quem diabos sabe?

E outro sorriso de Quedipai.

– Agora você sabe o problema que temos com os krang. Os escritos são factuais ou mitos? De primeira mão ou de ouvir dizer?

– Ok, já entendi – respondeu Scorpio. – Assunto encerrado.

– Até entrarmos na tumba.

– Não vamos nos preocupar com isso até encontrá-la.

Esperaram ao lado do voador até o crepúsculo; não queriam andar para muito longe dele enquanto os *duxbollahs* ainda estivessem por perto. Então Scorpio anunciou que estavam prontos para partir e em pouco tempo o voador estava seguindo novamente na direção da cratera.

– Você é um homem muito rigoroso – disse Quedipai enquanto Scorpio continuava checando para se certificar de que não havia nenhuma outra aeronave no ar perto deles.

– Os cemitérios estão cheios de homens que não foram rigorosos – retrucou o terráqueo.

Merlin, cheque um mapa aí atrás e veja se essa cidade para onde estamos indo tem uma pista de pouso.

Este é um voador sofisticado, respondeu Merlin. Você não precisa de uma.

Eu sei. Mas, se existir uma pista de pouso, faz sentido que também exista um hangar. Por que deixar o voador onde todos podem vê-lo?

Vou procurar. Me pergunto se eles sequer tinham voadores na época.

E um instante depois veio a resposta:

Nada feito.

Tudo bem. Valeu a tentativa.

– Essa cidade para onde estamos indo tem nome? – perguntou Scorpio.

– Já teve vários. Nos dias dos governantes krang, era Melafona. Depois, durante a Sexta Dinastia Pleistar, ela se tornou Bechitil. Seu último nome, antes de ser saqueada pouco mais de cinco séculos atrás, era Rastipotal. – Quedipai suspirou. – E hoje não tem nome. Mesmo quando aparece em mapas, é designada apenas como a ruína abandonada de uma cidade deserta.

– Dada a área que cobre, parece que pode ter tido meio milhão de habitantes, talvez mais – disse Scorpio.

– Já teve um dia – confirmou o marciano.

– Por que ficou vazia pelos últimos séculos? A população se cansou de ser saqueada?

– Você sabe muito pouco de história marciana, Escorpião – disse Quedipai.

– Eu faltei a essa aula.

Você faltou à escola inteira.

– A guerra de cinco séculos atrás é conhecida informalmente como Guerra dos Germes – explicou Quedipai. – Ela foi combatida não com armas e explosivos, nem com raios de calor e armas sônicas, mas com vírus que erradicaram populações inteiras. Aqueles que não morreram sofreram mutações genéticas. Produziram uma geração de monstros disformes e houve um expurgo planetário deles. – Seu rosto ficou tenso. – É a era da qual quase todos os marcianos menos se orgulham.

– Dá para ver o motivo – disse Scorpio. – Bom, isso explica por que a cidade está vazia... se estiver.

– Não há jeito de descobrir a não ser pousando e explorando.

– Merlin nós dirá. Seria bom se houvesse alguma coisa vivendo ali... um marciano, um *duxbollah*, *alguma coisa*.

Quedipai franziu a testa, intrigado.

– Por quê?

– Eu gostaria de alguma prova física de que o vírus que erradicou a cidade desapareceu, ou está morto, ou tão fraco que não pode fazer mal ao que quer que esteja vivendo aqui.

– A cidade está segura – disse o marciano. – Seus tesouros de arte se encontram no museu associado à minha universidade. Alguém foi capaz de vir procurá-los e de levá-los para lá sem dano.

– Até onde você sabe, eles podem ter sido removidos *antes* da liberação do vírus, ou possivelmente foram coletados por... bem, marcianos... com trajes protetores.

– Então talvez devêssemos ficar na cratera, como eu disse.

– Vamos decidir quando chegar a hora – respondeu Scorpio.

Em pouco tempo estavam passando num rasante sobre a cidade, à procura de um ponto de pouso, e Scorpio encontrou um bem no centro do local. Pousou o voador suavemente, desligou as luzes e o motor e ficou sentado em silêncio por alguns instantes. Por fim se virou para Merlin.

E aí?

Eu não acho, começou o venusiano. Então ficou subitamente tenso. *Espere! Estamos com sorte!*

O que foi?

Merlin franziu a testa enquanto se concentrava. *Três ladrões, fugindo da lei.*

Marcianos?

Dois de Titã e um da Terra.

Há quanto tempo eles estão se escondendo aqui?

Seis dias.

E ainda estão saudáveis? Ok, podemos deixar o voador.

– Parece um pouco com Pompeia, ou com aquela cidade deserta no lado escuro de Mercúrio – comentou Scorpio, observando os arredores.

– Se você diz – respondeu Quedipai. – Eu nunca saí do planeta.

– É um sistema solar interessante. Você devia tentar ver um pouco dele.

– Cada um tem suas paixões. A minha é...

– Eu sei – interrompeu Scorpio – Merlin, a que distância eles estão?

– Eles? – repetiu o marciano, desconfortável.

– Três fora da lei, se escondendo das autoridades – respondeu Scorpio.

– É seguro?

– Eles estão aqui há tempo suficiente para provar que a cidade está livre de qualquer vírus. Se nós estamos livres *deles* é outra questão.

– Talvez devêssemos ficar na nave – sugeriu Quedipai, pouco à vontade.

– Eles sabem onde *nós* estamos. Eu gostaria de saber onde *eles* estão também. – Voltou-se para o venusiano. – E aí, Merlin?

Estou tentando localizá-los. Com os titanianos é mais difícil do que com a maioria das raças.

– Já fiquei sentado aqui muito tempo – disse Scorpio, abrindo a porta e saltando para o chão.

Ajudou Quedipai a descer e depois ficou de lado enquanto Merlin saltava e pousava com suavidade.

Adoro esta gravidade, pensou o venusiano.

– Alto lá! – gritou uma voz humana.

– Alto lá? – repetiu Scorpio, dando um meio sorriso. – As pessoas ainda dizem “alto lá”?

– Quem são vocês e o que fazem aqui? – continuou a voz.

– Apenas alguns viajantes procurando um lugar para descansar – respondeu Scorpio, ainda incapaz de ver o homem que estava falando.

– Vocês são bem-vindos para ficarem aqui o tempo que quiserem – disse a voz.

– Obrigado.

– Por 10 mil créditos a noite – acrescentou a voz.

– Isso inclui água corrente e uma cozinha? – perguntou Scorpio, retirando seu queimador.

A voz deu uma risada e continuou:

– Gostei de você, amigo terráqueo! Seria uma pena matá-lo por uma coisa tão trivial quanto alguns milhares de créditos. Coloque o queimador de lado, saque seu dinheiro e todos poderemos ser amigos.

– Todos? – perguntou Scorpio.

– Esqueci de mencionar que vocês estão cercados?

– Por dois macacos pelados de Titã e um terráqueo que não tem coragem de mostrar a cara? – respondeu Scorpio. – Eu acho que vou

desmaiar de medo.

Cadê os outros dois?

Um está 20 graus à esquerda de onde você está olhando; o outro, 30 graus à direita.

Não entendo de graus. Me dê um ponto de referência.

Um está na frente da porta do prédio de cristal à esquerda e, se você acompanhar a asa direita do voador direto 70 metros, vai encontrar o outro.

É melhor você estar certo, pensou Scorpio, apontando o rifle para o prédio de cristal, pressionando o mecanismo de disparo e movendo o cano para que ele cobrisse toda a frente do prédio.

Ouviram-se um grito inumano. Scorpio se ajoelhou, disparou para onde a asa direita do voador estava apontando e foi recompensado com um gemido de agonia um instante depois.

– Vou matar vocês por isso! – berrou uma voz humana.

Fique ao meu lado! Rápido!

Scorpio agarrou Quedipai e puxou-o para o chão onde Merlin estava agachado. O ponto onde estavam há segundos explodiu logo depois.

– Bela tentativa! – exclamou Scorpio. – Mas agora você está em desvantagem de três a um. Talvez queira admitir que estamos quites. É só colocar 10 mil créditos no chão e pode sair são e salvo.

O outro respondeu com um xingamento e mais uma explosão, que destruiu o trem de pouso do voador.

– É melhor fazermos alguma coisa rápido – disse Scorpio baixinho. – Se ele atingir a nave, estamos a centenas de quilômetros de qualquer transporte.

– *Ele* deve ter transporte – sugeriu Quedipai. – Não poderia ter caminhado até aqui se está tentando fugir da lei. E os nativos de Titã são maiores que os terráqueos, então claramente seu transporte pode acomodar nós três.

– Cadê Papai, você está ficando melhor nisso a cada momento. Ok, Merlin, não nos preocuparemos com a nave. Vamos só nos concentrar em acabar com ele.

Mas o venusiano não estava mais lá.

– Aqui! – disse Scorpio com urgência, entregando sua arma para Quedipai. – Comece atirando sem parar e aponte a cerca de 1 metro acima do chão. – O terráqueo pegou o rifle sônico e começou a fazer o mesmo.

– Suponho que exista alguma razão para isso – disse Quedipai.

– Merlin sumiu – disse Scorpio. – Isso quer dizer que ele foi atrás do homem, e não queremos atingi-lo por acidente. Queremos apenas que o sujeito se concentre em nós.

– Merlin será capaz de encontrá-lo?

Scorpio assentiu enquanto continuava a disparar.

– A visão dele não é tão boa e seu senso de olfato não é melhor do que o meu, mas de algum modo ele consegue focar nos pensamentos. Qualquer político ia querer matá-lo assim que o visse.

A outra extremidade do voador sofreu um impacto direto e desabou.

– Diabos! – resmungou Scorpio. – Ele está chegando perto.

Distraia ele.

É melhor mesmo ele ter vindo em um voador, pensou Scorpio. Em voz alta falou:

– Quedipai, vire o queimador para o voador!

– Como assim? – perguntou o marciano, confuso.

– Faça isso logo! – gritou Scorpio ao apontar a arma sônica para o veículo e explodir todas as janelas.

Quedipai o imitou e um segundo depois o interior do voador estava em chamas.

E, quase no mesmo instante, eles ouviram um único grito pavoroso a cerca de 100 metros na escuridão.

– Ok, pode parar agora – disse Scorpio.

– Estávamos criando uma distração, não é? – perguntou Quedipai.

– Bem, pelo menos, uma confusão – respondeu Scorpio.

Logo depois, Merlin chegou trotando até a nave.

Você está bem?

Um pouco machucado, mas isso só vai fazer o jantar ficar melhor.

Jantar?

Não pergunte.

E as armas deles?

Velhas e não muito eficientes. As nossas são melhores.

Acredito que você tenha destruído elas...

É claro.

– Bem – disse Scorpio –, não há sentido em ficar dentro ou perto do que restou da nave. Vamos ver o que a cidade tem a oferecer em termos de alojamento.

Os três partiram para explorar as ruínas. O primeiro trabalho era encontrar o voador dos bandidos, e isso eles conseguiram em dez minutos. O esconderijo deles ficava apenas a 50 metros dali. Saíram correndo assim que perceberam que Scorpio se preparava para pousar e deixaram seus aposentos, o piso térreo de um antigo prédio, iluminados, o que o fez se destacar na escuridão. Havia um carro terrestre em mau estado estacionado ali perto e Scorpio foi checá-lo para se certificar de que funcionava, depois levou seus companheiros para dentro do prédio. Havia sacos de dormir no chão e o terráqueo trouxera rações condensadas para vários dias. Quedipai assegurou a seus companheiros que ele e Merlin podiam comer algumas das comidas dos titanianos sem problemas.

– Então podemos montar acampamento aqui mesmo – anunciou Scorpio. Examinou o chão e as paredes, descobriu uma tábua do piso solta e olhou embaixo dela. – Suponho que mais ninguém vai aparecer, mas mesmo assim aconselho você a deixar tudo que não quiser carregar e não queira ver roubado aqui embaixo.

Quedipai foi até um saco de dormir, ajustou-o para que cobrisse o chão e a seção inferior de uma parede, de forma a que pudesse ficar sentado e recostado nele, e desajeitadamente se abaixou até o chão. Scorpio se deitou em um saco de dormir semelhante na outra ponta do aposento.

Merlin caminhou até a porta. *Volto mais tarde.*

Você vai mesmo comer um terráqueo?

O venusiano franziu o nariz. *Você já tentou limpar uma dessas coisas? Eu vou jantar um titaniano cru.*

Então Merlin sumiu, os outros dois adormeceram e quando acordaram era de manhã. Merlin estava dormindo perto da porta.

– Vamos fazer um jejum antes de começar? – sugeriu Scorpio.

– Estou muito empolgado para conseguir comer! – respondeu Quedipai. – Estou finalmente aqui!

– Você vai ficar muito menos empolgado e um pouco mais faminto depois de passarmos pelo chão da cratera – disse Scorpio.

– Vou levar comida comigo.

E você?

Estou morrendo. Meus olhos foram maiores que a barriga.

Dado o tamanho dessa parte inchada do seu corpo, seus olhos devem ser maiores que bolas de basquete.

Seja lá o que forem essas coisas.

Merlin se levantou com esforço. Scorpio olhou para ele e sorriu.

Você comeu os dois? Seus pais nunca lhe ensinaram moderação?

Vá em frente, pode zombar de mim. Vou lembrar disso da próxima vez que alguém estiver tentando matar você.

– Vamos começar? – perguntou Quedipai enquanto seguia até a porta.

– Se pudermos – concordou Scorpio, ainda sorrindo debochado para seu parceiro.

Os três saíram, caminharam até o carro terrestre e entraram nele.

Seguiram o traçado da rua, que fez uma curva e voltou para o mesmo lugar, tomaram outra rota que terminou em um prédio sem entrada visível e, depois de mais dois falsos começos, finalmente encontraram um caminho até a periferia da cidade. A todo instante Scorpio derretia beiradas de edifícios com o queimador para que pudessem encontrar o caminho de volta no final do dia. Teria que voltar antes de ficar escuro para poder ver as marcas que fazia.

Depois de quinze minutos, deixaram a antiga cidade de Melafona – ela tinha muitos nomes, mas Scorpio gostava do mais velho – e deram os primeiros passos na areia avermelhada e batida que cobria o solo da cratera.

Um cometa, você acha?, sugeriu Merlin.

Muito grande e muito rápido; não há muito dano aqui. Talvez um asteroide ou, mais provável, parte de um. Naquela época Marte tinha um pouco mais de atmosfera; ele teria queimado boa parte dela antes do impacto.

– Então – disse Scorpio em voz alta –, onde estão aqueles marcos?

– Você está olhando para um deles – respondeu Quedipai, indicando um pico vermelho serrilhado na outra extremidade da cratera.

– Esse negócio estava aqui eras antes dos seus krang.

– É claro. Não estaria nos escritos antigos se não fosse antigo também.

– Entendi o recado. – Scorpio olhou ao redor. – E o que mais?

– Perdão?

– Que outros marcos estamos procurando?

– Devemos encontrar um deles na extremidade norte da cratera.

Scorpio sacou seu dispositivo de posicionamento e se virou para a esquerda enquanto dizia:

– Ok, estamos a cerca de 1 quilômetro de distância.

Pararam depois de dez minutos e Quedipai começou a caminhar ao redor da área, examinando o terreno à sua frente. Finalmente todo o seu corpo ficou tenso.

– Eu acho... Sim! Sim, é isso!

– O que está vendo? – perguntou Scorpio.

– Meu segundo marco – disse Quedipai, apontando para um ponto logo à frente deles. – Preste atenção e vai ver também!

– Filho da puta! O pior é que estou vendo *mesmo*.

Aproximaram-se de uma pedra achatada e perfeitamente circular com cerca de 3 metros de diâmetro. Estava em sua maior parte coberta pela areia marciana, mas, assim que Scorpio percebeu o que era, pareceu saltar diante de seus olhos.

– Eu tinha razão – disse Quedipai com óbvia satisfação. – Eu tinha razão.

– Ok, e agora? – perguntou Scorpio.

– Nós prosseguimos 83 passos a oeste a partir da parte mais ocidental da circunferência.

Scorpio começou a contar os passos.

– Não – disse Quedipai.

– Qual é o problema?

– Isso foi medido por um marciano. Meus passos são menores que os seus.

– Tudo bem – disse Scorpio, movendo-se para o lado enquanto Quedipai começava a caminhar os 83 passos.

Scorpio e Merlin se juntaram a ele e olharam ao redor.

– Não estou vendo nenhuma tumba – disse o terráqueo.

– Não vai ver – respondeu Quedipai. – Elas estão enterradas sob a superfície da cratera.

Scorpio o encarou.

– Você está vendo alguma entrada?

– Ainda não.

– Ainda não? – repetiu Scorpio, franzindo a testa.

– Isso mesmo – disse Quedipai. Retirou alguns alimentos de sua sacola. – Bem que agora eu poderia me alimentar, já que não podemos sair daqui.

– Antes de você comer alguma coisa, acho que merecemos uma explicação.

– Quando o sol estiver a 10 graus depois de seu ápice, tudo será revelado – disse o marciano, acrescentando depois, baixinho: – Eu espero.

– E isso é tudo que você pretende nos contar? – disse Scorpio.

– Eu posso estar errado.

– Estamos sendo pagos esteja você certo ou errado, então não faz muita diferença pra nós.

– Faz toda a diferença para mim – respondeu Quedipai.

Scorpio decidiu que fazer mais perguntas seria inútil e se sentou com as pernas cruzadas no chão da cratera.

Eu preciso vê-lo comer?, reclamou Merlin.

Não, você pode se arrastar e morrer em esplêndido isolamento se preferir.

Odeio você.

Não fui eu que comi dois cidadãos inteiros de Titã.

Se eu ainda estiver vivo, me acorde ao meio-dia. Merlin fechou os olhos.

Scorpio desejou ter trazido um livro, embora não soubesse o porquê, já que não lia um havia anos. Por fim, contentou-se em ficar olhando para o pico e se lembrar com carinho de uma série aparentemente interminável de mulheres, umas humanas, outras não. Tinha certeza que, em um momento ou outro, amara cada uma delas, mas nunca o suficiente para se casar ou ficar em um só lugar.

De tempos em tempos olhava para o céu e, quando o sol ficou diretamente sobre suas cabeças, se levantou.

– Já pode confiar em mim? – perguntou.

– Em breve – sussurrou o marciano.

Merlin já estava de pé também e sua barriga inchada havia voltado ao tamanho normal. Scorpio mais uma vez ficou maravilhado com a quantidade que o venusiano podia comer e a rapidez com que conseguia digerir.

Os três ficaram ali parados, esperando, vinte, trinta, quarenta minutos, e então...

– Agora! – gritou Quedipai, apontando.

Subitamente uma sombra apareceu, estendendo-se dos pés dele até uma fenda que estivera invisível na parede da cratera.

– É *ali* que a entrada estará!

Ele sabia mesmo, pensou Merlin. *Quem teria imaginado?*

Aproximaram-se da cratera e, ao fazê-lo, o sol reluziu em alguma coisa que obviamente não fazia parte da parede da cratera.

– Parece metal – disse Scorpio.

– O alto de um corrimão – confirmou o marciano.

Scorpio se aproximou e viu que estava olhando para baixo, para uma longa escadaria em espiral. Não era possível ver o final.

– Encontrei! – exclamou Quedipai, mais para si mesmo do que para os companheiros. – Eles me desprezaram, riram e não acreditaram, mas eu encontrei!

– O que você encontrou foi a entrada para *alguma coisa* – disse Scorpio, iluminando as escadas. – Vamos descobrir o que é.

– Eu vou na frente – anunciou o marciano, começando a descer as escadas.

Alguma coisa viva lá embaixo?

Nada senciente. Acho que sinto alguns animais, mas não sei dizer de que espécie.

Com esta luz fraca, é melhor que sejam fofinhos.

Scorpio começou a andar logo atrás de Quedipai. Desceram cerca de 20 metros, mas, para sua surpresa, não estavam imersos na escuridão total. As paredes pareciam brilhar com alguma propriedade luminosa. A luz não era forte, mas conseguiam ver o caminho, e Scorpio desligou a lanterna.

De repente, Scorpio estendeu as mãos e agarrou Quedipai pelos ombros, puxando-o para trás até o marciano cair sentado, todo desajeitado, nos degraus da escada.

– Por que fez isso? – perguntou ele, zangado. – Eu disse que iria na frente.

– É – disse Scorpio –, mas achei que você gostaria que sua cabeça e seu corpo fossem juntos.

– Do que você está falando?

Scorpio apontou para uma fina fibra de metal quase invisível e afiada como uma faca esticada transversalmente ao longo da escadaria.

– Se você seguisse naquela direção a uma velocidade normal descendo a escada, seria decapitado.

– Peço desculpas por meu rompante – disse Quedipai. Olhou fixo para a fibra. – Como sabia que isso estava aí?

Scorpio apontou para um corpo marciano sem cabeça na base da escadaria, finalmente visível.

– Você não foi o primeiro a entrar neste lugar.

Merlin passou por eles, desceu a escada e examinou o corpo.

Está mumificado. Talvez esteja aqui há séculos, possivelmente milênios.

Quando chegaram ao final da escada e deram a volta no corpo, Scorpio se voltou para Quedipai.

– Provavelmente aquela não é a única armadilha aqui embaixo. É melhor me deixar ir na frente. Merlin vai ficar protegendo a retaguarda.

– Dou o meu consentimento – respondeu o marciano.

Scorpio empunhou o queimador e começou a caminhar ao longo do corredor. Ele dava muitas voltas, mas nunca se ramificava, então Scorpio não teve dúvidas sobre o caminho. Estava começando a relaxar, pensando que a fibra de metal poderia ter sido o único risco, quando recebeu um ríspido aviso em seu cérebro.

Pare!

Estancou e não se moveu nem mesmo quando Quedipai trombou nele.

– O que foi? – perguntou Scorpio em voz alta.

Uma coisa que nunca encontrei. Mas está se aproximando.

Pela frente?

Mais ou menos.

Que diabos isso quer dizer?

Por cima! Está bem em cima da sua cabeça!

Scorpio olhou para cima. Não havia nada a não ser o teto, composto da mesma pedra levemente fosforescente das paredes.

Você está errado. Não tem nada ali.

Aí vem!

De repente uma cabeça feia com olhos vermelhos brilhantes e imensas presas afiadas como navalhas perfurou o teto bem acima de Scorpio. Ele empurrou Quedipai para trás, se jogou contra uma parede e disparou o queimador contra a cabeça que descia. A coisa emitia um som que ficava entre o rugir e o sibilar. O queimador havia estourado um de seus olhos e derretido uma das presas, mas, enquanto Scorpio recuava, disparando sua arma, ela continuava vindo em sua direção, seu corpo ocupando 2, 3, 4, 5 metros.

Scorpio apontou a arma na direção da coisa. Ela tentou abocanhar-lhe o braço no momento em que ele apertou o mecanismo de disparo, queimando o cérebro da fera e abrindo um buraco em sua cabeça.

Ela ficou pendurada imóvel no teto, quase tocando o chão, enquanto o trio a encarava.

– Que diabos é *isso*? – perguntou Scorpio.

– Nem eu consigo pronunciar o nome dos antigos para isso – respondeu Quedipai. – Não é bem uma cobra, já que tem pequenos membros e garras que ainda estão lá em cima, sobre o teto, mas suponho que a definição mais aproximada seja uma cobra-das-cavernas, uma *coisa* parecida com uma cobra que vive dentro das paredes das cavernas.

Isto aqui não é uma caverna.

É a mesma coisa, respondeu Scorpio. *Além do mais, que diferença faz? Quer chamar isso de serpente-das-tumbas, fique à vontade.*

Você tem a sensação de que esses reis não querem ser perturbados?

Scorpio recomeçou a andar e depois de mais 100 metros o corredor ficou maior e as paredes começaram a brilhar um pouco mais. Finalmente chegaram a um entroncamento e Scorpio parou, se perguntando para qual direção seguir.

– Isto aqui está fácil demais – disse por fim.

– Fácil? – repetiu Quedipai, surpreso.

Scorpio assentiu.

– Era só ficar alerta e você não teria problemas na escada. Eu não precisava atirar na coisa-cobra; podia só ter corrido. Ela não é tão rápida quanto eu. Seja lá quem projetou isto tinha que saber que a maior parte dos intrusos chegaria até este ponto.

Tornou a olhar para os dois corredores sem conseguir se decidir. Por fim, retraiu seus passos até onde a criatura morta ainda estava pendendo do teto. Enfiando a mão dentro da bota, retirou uma faca de aspecto tenebroso e rapidamente cortou a cabeça da coisa.

– O que você vai fazer com isso? – perguntou Quedipai, olhando a cabeça cortada e mutilada com fascínio e terror.

– Você vai ver – disse Scorpio.

Ele levou a cabeça de volta até o entroncamento, deu dois passos no corredor esquerdo e depois rolou a cabeça no chão como se fosse uma bola de boliche do inferno.

Quando ela havia rolado cerca de 10 metros, ouviram um *clic!* e o chão se abriu. A cabeça mergulhou num poço enorme, aparentemente sem fundo.

Você viu o tamanho da entrada do alçapão?

Vi. Deixe que eu vou primeiro, enquanto ela ainda está fresca na minha memória.

Fique à vontade.

Merlin começou a trotar corredor abaixo. Pouco antes de chegar a 10 metros, estendeu uma das patas dianteiras e tocou suavemente o piso.

Nada aconteceu.

Avançou mais uma pata e repetiu o processo. Dessa vez o chão se abriu da mesma forma que fizera para a cabeça da cobra.

Merlin saltou sobre o poço com facilidade.

Não tem mais que 1,20 metro de largura, transmitiu de volta. É fundo como o inferno e as paredes são absolutamente lisas, então não tropece.

Scorpio se virou para Quedipai.

– Você consegue saltar?

– Não sei – respondeu o marciano, inseguro.

– Como é que você pode não saber? Ou consegue, ou não consegue.

– Eu consigo, mas sou muito velho. Não sei se consigo pular tão longe.

– Tudo bem. Vamos fazer da maneira difícil.

– Da maneira difícil? – repetiu Quedipai.

Scorpio tomou o marciano nos braços, desceu o corredor depressa e cuidou de começar o salto alguns centímetros antes da abertura do poço; com isso, a tampa permaneceu fechada até ele pousar do outro lado. O chão se abriu, mas seu impulso o levou para a frente. Solto Quedipai e ambos rolaram corredor abaixo.

– Isso foi assustador! – exclamou o marciano, gemendo.

– Esses caras sabiam fazer as coisas. É incrível que ainda funcione depois de todos esses anos.

Caminharam com cuidado, procurando novas armadilhas, por mais 100 metros. Então o corredor fez uma curva para a esquerda e terminou em uma enorme porta dourada com uma série de hieróglifos esculpidos.

Quedipai caminhou até o primeiro conjunto de hieróglifos e os estudou com atenção. Por fim, recuou.

– E aí? – perguntou Scorpio.

– Esta é a Tumba dos Reis Menores – respondeu o marciano.
– Reis *Menores*?
– Os krang tinham sete reis. Seis deles estão enterrados nesta tumba.
– Suponho que o sétimo seja o mais importante e esteja no final do outro corredor.

– É provável que sim.
– Mas isso não está dito expressamente na porta?
– Não.
– Bem, vamos nos preocupar com isso depois que examinarmos esta tumba.

Quedipai estava prestes abrir a porta quando Scorpio agarrou sua mão.

– *Não!* – bradou o terráqueo.
– Qual é o problema?
– Vamos supor que os caras que projetaram este lugar fossem competentes – respondeu Scorpio.

O terráqueo puxou a faca da bota e atirou-a contra a porta, que logo começou a faiscar e estalar.

– Eletrificada? – perguntou o marciano.
Scorpio fez que sim.
– É. Estou surpreso que ainda tenha energia depois desse tempo todo.
– O que faremos?
– Ela é bastante perigosa, mas já encontrei algo parecido antes. Merlin e eu vivemos esbarrando neste tipo de coisa. – Scorpio tirou um pequeno e complexo dispositivo de um de seus muitos bolsos e o ergueu. – Um nulificador. Esta maquininha aqui pode anular qualquer carga.

Apertou um botão, o dispositivo começou a zumbir e então o colocou na porta. O som e as faíscas não se repetiram.

– Ok, vamos ver o que está aí dentro – disse, empurrando o portal, que girou lentamente para dentro, rangendo por conta do próprio peso.

A câmara era espaçosa. Não só isso: era luxuosa também. As paredes eram douradas e tinham 6 metros de altura, acabando em um teto abobadado. Havia uma série de armários ornamentados e, espalhados de modo equidistante ao redor da câmara, seis mausoléus verticais exoticamente esculpidos, cada um deles parecendo um templo em miniatura.

Scorpio entrou no primeiro e não viu nada a não ser uma pilha de cinzas.

Só estou encontrando cinzas, transmitiu Merlin.

Eu também, respondeu Scorpio.

Ele saiu e viu Quedipai emergindo de outro mausoléu.

– Que diabos terá acontecido aqui? – perguntou o terráqueo.

Merlin abriu um armário com sua cauda pontuda.

Vazio.

Quedipai caminhou até uma série de hieróglifos esculpidos na parede.

– Está vendo isto? – perguntou, apontando para uma inscrição bem no rodapé dos hieróglifos.

– Estou.

– Ela foi acrescentada ao original há cerca de cinco mil anos, se identifiquei as dinastias corretamente. Foi escrita por um ladrão de túmulos que conseguiu chegar à tumba, apenas para descobrir que ela já havia sido roubada milênios antes. Ele roubou os poucos artefatos restantes e deixou esta mensagem para qualquer um que o seguisse.

– O que diz a mensagem?

– Que ele procurou o Livro de Blaxorak mas não conseguiu encontrá-lo. Ou está na outra tumba, ou nunca existiu.

– Já que ele chegou até aqui, por que não foi até a outra tumba e conferiu por si mesmo? – perguntou Scorpio.

– Ele tinha três companheiros. Cúmplices, acho que poderíamos chamá-los assim. Todos morreram tentando entrar na tumba de Xabo e ele decidiu partir enquanto ainda vivia.

– Xabo?

– Ele foi o maior dos reis krang. Diziam que era capaz de feitos muito parecidos com magia. – O marciano olhou ao redor da tumba. – Estou quase feliz porque os companheiros do ladrão foram mortos. Espero que a tumba de Xabo esteja intacta.

– Vamos descobrir – disse Scorpio.

Retraçaram seus passos e o terráqueo mais uma vez saltou pelo poço carregando Quedipai. Quando chegaram ao entroncamento, seguiram para o outro lado, descendo mais um corredor fosforescente.

Alguma coisa viva adiante?

Até agora não.

O corredor fez várias curvas, mas foi com um susto que viram dois corpos caídos no chão a cerca de 10 metros. Pararam e olharam a cena: os corpos pareciam antigos.

– Estão vendo alguma coisa estranha? – perguntou Scorpio.

Seus dois companheiros responderam negativamente.

– Alguma marca nos corpos?

Não, mas ambos estão de bruços.

Scorpio estudou a cena com seus olhos experientes.

– Não há manchas de sangue no chão nem nas paredes, então o que quer que os tenha matado não perfurou a pele. – Fez uma pausa, franzindo a testa. – Cadê Papai, aquele hieróglifo não disse que o autor perdeu *três* cúmplices?

– Isso mesmo – respondeu o marciano.

– Então um deles passou. – Scorpio fez uma pausa enquanto olhava para os corpos. – Jamais saberemos como ele conseguiu até descobrirmos o que matou estes dois. – Olhou com mais atenção para o corpo mais distante. – Ele tinha uma arma na mão, então acho que seja lá o que o matou não era nada de carne e osso que ele pudesse destruir.

Scorpio coçou a cabeça, franzindo a testa.

– Nada vivo. E não podia ser algo que eletrificasse o corredor. Não há marcas de queimadura e um deles sobreviveu nas duas direções.

– Nas duas direções? – repetiu Quedipai. – Não entendo.

– Ainda não chegamos a um terceiro corpo, então ele obviamente passou... E aquele que escreveu a mensagem pode ter ficado deste lado da carnificina ou encontrado um jeito de voltar sem se ferir.

Ainda nada vivo na área, informou Merlin.

– Bem, uma vez que eliminamos todas as coisas que não os mataram, nos restaram apenas duas possibilidades: som ou gás. E não acredito que tenha sido som. Estas paredes transformariam o corredor numa câmara de eco. Qualquer ruído forte o bastante para matar estes dois teria matado os outros. Tem que ser gás.

– Então por que apenas dois? – perguntou Quedipai.

– Correntes de ar. Ou, mais provavelmente, falta de correntes de ar. A menos que você estivesse parado bem no lugar onde o gás foi liberado, ele não alcançaria você.

– Não estou vendo nenhuma passagem de ventilação nas paredes nem no teto.

– Não precisava ser aqui – respondeu Scorpio.

– Mas você acabou de dizer que eles tinham que estar parados exatamente onde o gás foi liberado.

– E tinham. Mas não precisavam morrer no mesmo instante. Eles cheiram, gritam “Corre!”, dão dois, três ou dez passos antes de caírem e morrerem.

– Então como vamos saber onde o gás foi liberado?

– Vamos checar passagens ocultas desde o lugar onde estamos até os corpos.

Procuraram por dez minutos e não encontraram nada; não havia passagens de ar.

– Você deve estar errado – disse Quedipai por fim.

– Acontece – admitiu Scorpio com um dar de ombros derrotado. – Vamos em frente.

Haviam avançado até pouco mais de 1,5 metro quando Scorpio gritou “Pare” e ambos os companheiros ficaram paralisados.

– O que foi? – perguntou o marciano.

– Eu sou um idiota – respondeu Scorpio.

Isso eu já sabia.

– Ponha-se no lugar deles – continuou o terráqueo. – Você sabe que foi atacado, envenenado. Você não sabe o que está adiante, mas sabe que estava seguro até ter recebido o gás. – Scorpio sorriu triunfante. – Eles não estavam correndo *na direção* da tumba de Xabo. Estavam correndo de volta para o caminho pelo qual vieram.

Scorpio passou por cima dos corpos, estudando o teto, deu mais cinco passos, depois parou.

– Recuem – disse, sacando o queimador e mirando em uma pequena abertura de ventilação quase invisível.

Derreteu e selou a fresta antes que qualquer gás restante pudesse ser liberado. Aguardaram alguns minutos, só para ter certeza de que nenhum veneno tinha escapado, e começaram a caminhar na direção da tumba novamente.

Por fim, chegaram até uma porta enorme, irmã daquela que levava até a Tumba dos Reis Menores.

– Então, onde está o terceiro corpo? – perguntou Scorpio, olhando ao redor.

– Eu não vejo nada – respondeu Quedipai.

– Ou o escritor não sabe contar, ou o amigo dele chegou até a tumba de Xabo.

– Se isso é verdade, dois deles conseguiram, ou o escritor não saberia que seu cúmplice havia morrido.

Ainda nenhum sinal de vida?

Nenhum.

Scorpio sacou mais uma vez o aparelho que cancelava correntes elétricas.

– Suponho que esta porta esteja eletrificada como a outra. Afinal, se você tocar uma delas e ficar sabendo do segredo, não vai estar vivo para tocar a outra.

Ele ativou e colocou o aparelho sobre a porta, depois a abriu.

– Mas que diabos é isto? – resmungou.

Dentro da tumba, seis guerreiros mumificados montavam guarda ao redor de um mausoléu. Ele era maior e mais impressionante do que os da outra tumba, feito de ouro puro, com 12 metros de altura. Um trono, também de ouro, estava bem à sua frente.

Scorpio deu um passo adiante e estudou os guerreiros. Tinham cerca de 3 metros de altura e suas feições eram visivelmente diferentes das de Quedipai ou de qualquer outro marciano que ele já conheceria. Cada um deles fora colocado em posição de sentido e segurava uma lança de aspecto ameaçador.

– Quantos Xabos existiam? – perguntou Scorpio, franzindo a testa.

– Nenhum destes é Xabo – respondeu Quedipai. – Eles *guardam* Xabo.

– Parecia que estes camaradas estavam no auge da vida. Você está dizendo que eles mataram e preservaram seis guerreiros só para colocá-los aqui e assustar qualquer ladrão de tumbas supersticioso?

– Ele merecia mais, mas os krang não eram uma raça numerosa. Como já disse, eles podem até ser de outro planeta.

Havia quatro pequenas antessalas ligadas à câmara principal, todas cobertas de armários delicadamente esculpidos. Scorpio foi até um desses armários ornamentados e o abriu. Estava vazio.

– Talvez eles devessem ter empalhado e armado doze guerreiros – disse quando Merlin abriu a porta do mausoléu.

Scorpio, problemas!

Qual é o problema?

Venha ver você mesmo.

Scorpio foi e se deparou com dois corpos estirados no chão do mausoléu.

Dê uma olhada. Ele é membro da raça de Quedipai. Foi empalado cerca de quinze vezes por lanças. E o outro está vestido com roupas de uma era diferente, mas também morreu com golpes de lança.

Scorpio ficou ali parado, as mãos nos quadris, inspecionando a carnificina com a testa franzida. Cada um portava uma sacola e, quando Scorpio os examinou, descobriu que estavam cheias com o que parecia objetos de arte.

Suponho que um deles seja o terceiro membro da gangue.

É quase certo.

– Que diabos você acha que aconteceu? – perguntou ele em voz alta.

Você não quer saber minha resposta, Merlin pensou nervoso. Mas acho que devíamos ir embora, e quanto mais cedo melhor.

– Era a guarda pessoal de Xabo – anunciou Quedipai sem hesitação. – A guarda está aqui por apenas duas razões: salvaguardar o livro sagrado e proteger Xabo. Não suas posses, não seus bens funerais, nada a não ser o livro e o próprio Xabo.

– Eu quero dar uma olhada melhor nisto – disse Scorpio, entrando no mausoléu

– Ele está *aqui*! – Quedipai soltou um grito empolgado. – Está mesmo aqui!

Correu até uma plataforma incrustada com joias que continha um pergaminho antigo.

– Foi isso que você veio encontrar? – perguntou Scorpio.

O marciano ergueu o rolo gentilmente.

– É o livro sagrado de Blaxorak!

De repente ouviram um passo pesado atrás deles. Scorpio foi até a porta do mausoléu e viu os seis guerreiros lentamente ganharem vida.

Merlin, venha já para cá, rápido!

Scorpio sacou seu queimador e o disparou num único movimento. Um buraco negro fumegante apareceu no peito do guerreiro mais próximo, mas não fez com que o soldado parasse.

Não podemos matá-los, Scorpio. Eles já estão mortos!

Não podemos matar, mas com certeza podemos transformá-los em cinzas!

Scorpio saiu da câmara, sacou o queimador menor do esconderijo atrás do cinto e começou a disparar ambas as armas, mantendo os dedos nos gatilhos.

Os guerreiros se moviam devagar, como se estivessem usando músculos que não se moviam há milênios, o que era de fato o caso. Scorpio se abaixava e desviava das tentativas desajeitadas deles de empalá-lo, mantendo os queimadores apontados nos dois mais próximos até que eles finalmente explodiram em chamas; depois os apontou para os dois seguintes.

Um dos guerreiros caídos rolou pelo chão e conseguiu apagar as chamas. No segundo em que fez isso, Merlin pulou sobre ele e começou a arrancar pedaços de seu corpo. Quedipai segurou o manuscrito de encontro ao peito e ficou ali, bem na entrada do mausoléu, sem se mover.

Scorpio viu outro guerreiro se aproximar de Merlin, que ainda estava combatendo o soldado caído. O terráqueo rapidamente apontou um dos queimadores para a lança, derretendo-a antes que ele pudesse alcançar o venusiano. Ao fazer isso, um guerreiro em chamas caminhou cambaleante em sua direção, esbarrou nele e fez com que o terráqueo rolasse no chão. Quando o guerreiro veio em sua direção, Scorpio disparou nos seus pés, queimando-os e os transformando num par disforme e inútil de bolhas derretidas.

Tudo acabou em menos de três minutos. Os restos dos seis guerreiros ficaram esparramados ao redor da câmara ainda fumegante.

Bem, agora sabemos por que não existem mais ladrões de tumbas na cratera, pensou Merlin.

Tivemos uma sorte dos diabos. Eu só tinha mais vinte segundos de energia no meu queimador. Scorpio se levantou e colocou novas baterias nos queimadores. *Onde está Cadê Papai?*

Acredite ou não, ele está ali parado, lendo.

– Ei, Cadê Papai – disse Scorpio se levantando. – Vamos nos preparar para partir.

– Não – disse o marciano.

– Por que não? Você conseguiu o livro, nós matamos os caras malvados, se é que *eles* eram malvados, e o resto do lugar foi saqueado. Está na hora de voltar para casa.

– Isto é mais importante – insistiu Quedipai, olhando com atenção para o manuscrito.

– Leia quando voltarmos à cidade. Estou dolorido e cansado e quero me deitar.

– *Não!* – gritou o marciano. – Eu encontrei!

– Eu sei que você encontrou. Agora vamos levá-lo conosco.

– Você não entende! Eu encontrei a prece para ressuscitar o rei!

– Nós acabamos de encontrar os amigos e agregados dele. Vamos deixar o cara como está, ok?

Mas Quedipai não levantou a cabeça e começou a ler a prece em voz alta.

Cuidado, transmitiu Merlin. *Não estamos mais sozinhos.*

Quando Scorpio sacou o queimador e se virou para conferir aquilo que o venusiano dissera, viu se levantar um ser imenso, com cerca de 3 metros de altura, parecido com Quedipai mas obviamente não da mesma raça, usando um uniforme militar cheio de joias.

Quedipai lançou um olhar para ele e caiu de joelhos. Scorpio e Merlin ficaram lado a lado na entrada do mausoléu, o queimador do terráqueo apontado diretamente para o ser imenso.

– Eu vivo novamente! – anunciou Xabo com uma voz rica e profunda, e embora fosse em um idioma que nem Scorpio nem Merlin jamais haviam ouvido, ambos entenderam. Xabo olhou para o queimador na mão de Scorpio e disse: – Ponha isso de lado. Perdoarei sua transgressão somente esta vez.

Scorpio olhou para o rei imenso por mais alguns segundos, depois guardou o queimador no coldre.

– Quem é esse? – perguntou Xabo, indicando Quedipai, que havia desmaiado e jazia esparramado no chão, ainda agarrando o manuscrito.

– Aquele que o trouxe de volta à vida – respondeu Scorpio.

– Haverá um lugar para ele em meu reino – anunciou Xabo e estendeu seus braços enormes. – É bom estar vivo novamente! – Voltou-se para Scorpio e Merlin. – E quem são você e essa criatura?

– Nós somos os protetores dele.

– Agora *eu* sou o protetor dele.

Scorpio deu de ombros.

– Ele é todo seu, assim que pagar o que nos deve. – Parou por um momento, estudando o rei imenso. – Quais são seus planos, agora que voltou à vida?

– Os mesmos de sempre – respondeu Xabo. – Vou restabelecer meu reino e trazer de volta os velhos costumes e a velha religião.

Você sabe o que estou pensando. Topa?

Vá em frente, respondeu Merlin. *Estou com você.*

– Você ficou fora por muito tempo, Xabo – começou Scorpio. – Você pode não saber, mas nenhum outro membro da sua raça sobreviveu e pode ser que os habitantes atuais do planeta não gostem que você fique dando ordens, seja um rei ressuscitado ou não.

– O que eles gostam não faz diferença – respondeu Xabo. – Meu destino é governar e eu o farei com mais justiça e sabedoria do que qualquer rei que já existiu desde que fui selado nesta tumba. – Subitamente, Xabo lançou um olhar penetrante para o terráqueo e o venusiano. – Ou vocês pretendem me impedir?

– De jeito nenhum – respondeu Scorpio. – Este não é nosso mundo. Não temos problema nenhum com você... mas muita gente vai ter. Pessoas que conhecem bem o planeta como está agora, e especialmente as armas atuais. – Fez uma pausa para que o rei assimilasse aquelas informações. – Goste você ou não, vai precisar de alguma ajuda.

– Você a está oferecendo?

– Este é o nosso negócio – respondeu Scorpio. Deu um passo para o lado para que Xabo pudesse ver os corpos de seus guerreiros espalhados pelo chão. – E essas são nossas garantias. – Apontou para o pescoço de Xabo. – É um belo colar de ouro esse que você tem aí.

Xabo saiu do mausoléu, olhou para os corpos e se sentou no trono de ouro.

– Vamos conversar.

E, enquanto Marte dormia, o rei antigo, o terráqueo e o venusiano se sentaram para uma longa noite de difíceis negociações.

SAINDO DE SCARLIGHT

LIZ WILLIAMS

A escritora britânica Liz Williams já teve trabalhos publicados nas revistas *Interzone*, *Asimov's*, *Visionary Tongue*, *Subterranean*, *Terra Incognita*, *The New Jules Verne Adventures*, *Strange Horizons*, *Realms of Fantasy* e outras. Suas histórias também foram reunidas em *The Banquet of the Lords of Night and Other Stories* e, mais recentemente, *A Glass of Shadow*. Ela é mais conhecida pela sua série do detetive inspetor Chen, que conta em detalhes as aventuras de um policial num mundo assombrado por demônios que, literalmente, tem que ir ao inferno para resolver alguns de seus casos. A série inclui livros como *Snake Agent*, *The Demon and the City*, *Precious Dragon*, *The Shadow Pavilion* e *The Iron Khan*. Também publicou os romances *The Ghost Sister*, *Empire of Bones*, *The Poison Master*, *Nine Layers of Sky*, *Darkland*, *Bloodmind*, *Banner of Souls* e *Winterstrike*. Seu livro mais recente é *Worldsoul*, o primeiro de uma trilogia. Ela vive em Brighton, Inglaterra.

Aqui ela nos leva em uma perigosa caçada pelas regiões mais remotas e hostis de Marte, numa história em que nada é o que parece e não se pode confiar em ninguém nem por um minuto.

As tribos dos Desertos Frios não gostam de ninguém que não venha do sangue deles. Então eu já sabia que não gostariam de mim, e isso não tinha nada a ver com quem, ou o quê, eu realmente era. Saí cavalgando direto de Scarlight no começo do inverno, por uma estrada que levava aos Desertos Frios. Era uma manhã coberta de geada e o vento que eles chamam de *jharain* me acompanhava e levantava a poeira. Uma longa busca me levava a Scarlight, onde eu havia ficado na minha: é uma cidade tranquila. Meu tope não gostava de outras pessoas, nem mesmo muito de mim, e eu tomara o cuidado de colocá-lo num estábulo. Ele também pareceu contente por sair daquele lugar. Eu passara a noite anterior acordando a todo instante, sempre que o impacto do estábulo abaixo me alertava que o tope estava tentando quebrar a porta. Por conta dessa ansiedade, progredimos rapidamente pela trilha da montanha até alcançarmos o cume de uma cordilheira. Foi então que olhei para trás.

Scarlight fica em um vale estreito, num ponto onde o rio Yss é conduzido por degraus de pedra e desce em cascata até os canais das planícies em uma série de abismos dramáticos. No topo da própria cidade existe uma antiga ponte que faz um arco sobre uma das cascatas; a água cai por centenas de metros até um lago escuro, e segue território adentro. Scarlight é um desses pontos centrais onde muitas estradas se encontram e dizem que o lago está cheio dos ossos daqueles que aborreceram os seus senhores.

Provavelmente estão certos.

Nós, entretanto, estávamos seguindo o Yss e, quando o tope parou para beber ruidosamente da água cascadeante, eu desmontei e fiquei um tempo na grama seca e dourada, queimada e transformada em palha no verão. A terra vermelha estava seca e rachada; as chuvas de inverno ainda não haviam caído e, no entanto, o rio estava bem cheio. Procurei rastros, mas não havia muitos visíveis: uma marca que podia ter sido meia pegada,

algumas fezes dos pequenos ursos verminosos. O ar tinha um cheiro rançoso que não consegui identificar e isso me perturbou. Só vi os vestígios seguintes porque fiz uma breve varredura da área; estavam mais adiante no chão: um cavalo de algum tipo, viajando rápido, provavelmente carregando mais de uma pessoa. As pegadas eram reptilianas. Ele tinha seguido o rio por alguns passos, depois saltado sobre as rochas e ali a trilha terminava.

Pensativa, peguei minha montaria, subi de volta à sela e saí em disparada. As coisas poderiam ficar complicadas se mais alguém estivesse ali em cima. Por “mais alguém” eu queria dizer Nightwall Dair. Não sabia se ele percebera, mas havíamos nos cruzado ao longo de todo aquele ano, primeiro sobre as planícies e mais recentemente em Cadrada. Eu não estava gostando nada disso. Se ele me conhecia, era como um homem chamado Thane, e esse disfarce tinha funcionado. Se descobrisse quem eu *realmente* era – uma mulher chamada Zuneida Peace –, eu estaria em sérios apuros. Zuneida foi uma dançarina do templo, sedutora de príncipes (e princesas), poeta, uma pessoa muito diferente do meu alter ego taciturno Thane, que escondia os cabelos pretos debaixo do chapéu, pingava gotas de suco nos olhos para esconder o azul, usava uma máscara que cobria parte do rosto, supostamente para esconder uma cicatriz, e falava o mínimo possível, e num sotaque que traía a origem no norte.

Metade de um dia depois e estávamos bem no alto das encostas dos Khor; mais um dia inteiro e eu estimava que alcançaríamos a orla dos Desertos Frios. Naquela noite acampeei perto de uma grande rocha, uma das inexplicáveis pilhas de pedras deixadas por um povo há muito desaparecido, decorada com as asas estilizadas de pássaros. Um ban-leão urrou uma vez, um ruído rouco contra o silêncio da montanha, e então os pássaros noturnos cantaram. Deitei-me num cobertor de lã e fiquei vendo as estrelas girarem sobre mim até dormir e sonhar com o calor de Cadrada e uma noite repleta de jasmim e vinho dourado, e com alguém, que há muito se foi, a meu lado no escuro.

Na manhã seguinte, a temperatura caíra mais 2 graus. Lavei-me da melhor forma que pude nas águas geladas do Yss e fervei chá na fogueira improvisada. O tope bocejou e resfolegou no ar da manhã. Mais tarde, no alto da encosta, olhei para baixo do outro lado do platô que se abria à minha frente e vi a figura minúscula de um cavaleiro montado em um animal de pelo preto, avançando veloz sobre a tundra na direção de um

bosque. Havia algo de estranhamente familiar neles e me perguntei se já os havia visto em Scarlight. Então desapareceram na sombra. Dei a volta no penhasco, ficando perto do anonimato da muralha de rocha, por via das dúvidas. Sabia que as tribos não vinham até aqui, preferindo o platô mais alto dos Desertos Frios.

Ao meio-dia, vi o primeiro posto avançado das tribos: uma torre achatada feita de pedra enegrecida. Não fora construída por eles, era remanescente de um povo havia muito desaparecido e eles a tinham tomado; talvez fosse uma fortificação militar ou um tipo de templo. Poderia ter sido as duas coisas, era impossível dizer – qualquer sentido prático ou divino que um dia possuísse também desaparecera há muito, deixando apenas uma casca sombria. Mas havia sinais de uma fogueira recente que chamuscara a pedra do piso e marcas de bruxa feitas em fuligem ao redor das paredes. Sorri quando as vi. Eu era uma daquelas a quem as marcas pretendiam deter, mas elas não tinham nenhum poder, não tão longe aqui a oeste. Só quando você chegava ao centro do deserto é que os cantores da areia sabiam o que estava fazendo; essas marcas deviam ter sido feitas por um guerreiro supersticioso e com medo. Alguma coisa fez um barulho alto no telhado e, do lado de fora, o tope soltou um berro. Um pássaro, mais nada, um dos picanços de asas de couro que assombravam as montanhas. Saí novamente e olhei para o vale abaixo. Lá estava o pássaro, uma sombra baixa disparando sobre a grama.

Era cedo demais para acampar, então parti da torre, seguindo na direção de um bosque de bétulas do deserto cujos troncos nus despontavam para fora do solo como ossos dourados. Quando atravessávamos o ponto mais denso, ouvi um grito distante trazido pelo vento. Manobrei o tope até a orla do pequeno bosque e olhei para baixo. O bosque ficava no alto de uma cordilheira de rochas que dava para a planície e, destacado contra a grama pálida, voltei a ver o homem montado no tope preto, mas dessa vez pude notar que ele usava o emblema de uma tribo no seu chapéu e que alguém o estava perseguindo.

O perseguidor cavalgava uma fera verde, uma das bestas que viviam nas colinas de Ithness e se enfiavam sob a terra, e que estava muito longe de casa. Parte réptil, parte gato, a coisa saltava sinuosamente e consegui ver que seu cavaleiro lançava os encantamentos maléficos que os feiticeiros de Ithness gostam de empregar, atirando venenos como se fossem raios. Sorri. Não deveria me envolver e, no entanto... eu conhecia

Ithness bem demais, havia dançado por um tempo em seus palácios de escravos e também tinha contas a ajustar por Cadrada. Além disso, fazer um favor sem pedir nada em troca nunca é uma coisa ruim. Esporeei a montaria para a frente e desci para a planície.

Quando me aproximei das duas figuras, pude sentir os encantamentos no ar. Dizem que em Ithness os feiticeiros embebem seus venenos com magia, de modo que emitem coisas ruins sempre que pronunciam palavras, e o ar estava amargo com esse rastro. Reconheci aqueles encantamentos e o homem por trás deles. Coloquei uma farpa no cano da arma e mirei, disparando através de uma renda de alnus rubra nas margens de um riacho salobro. Observei com satisfação quando o feiticeiro jogou os braços para o alto e caiu de sua montaria. A fera verde soltou um grito agudo e saiu correndo. O homem montado no tope de pelo preto puxou as rédeas e me saudou, mas eu já estava virando minha montaria e fugindo de volta encosta acima, desaparecendo.

Algum tempo antes, em Cadrada, uma garota dançava. Havia uma fogueira azul-esverdeada no centro do salão e, bem abaixo da cidade, os chacais das planícies latiam e marcavam suas fronteiras territoriais. A garota dançava ao ritmo da canção deles e seus olhos captavam a luz como um incêndio. Eu a observava dos fundos do salão e pensava na noite anterior, quando ela havia dançado só para mim. Seu nome era Hafyre e eu não era a única observando.

O feiticeiro estava sentado sobre um estrado, de pernas cruzadas ao lado de nosso anfitrião, um dos senhores de Cadrada, um homem chamado Halse, que tinha um chacal como totem. Era apropriado. Ocasionalmente, eu via o feiticeiro se inclinar para sussurrar para ele e o rosto frio e absorto do senhor traía um quê de interesse. Reparei que o feiticeiro tinha o tipo físico comum de sua espécie: pele fina como pergaminho e o cabelo louro preso em uma trança fina arrematada com uma espiral de osso. O povo de Ithness é sempre pálido demais, como cogumelos. Suas mangas tilintavam com amuletos de proteção e, quando ele estendeu a mão para apanhar o cálice de vinho, vi que ela estava tatuada com o símbolo de seu demônio pessoal.

Mais tarde, procurando por Hafyre, tornei a ver o feiticeiro no labirinto de corredores que saía do salão. Ele estalou os dedos e a fagulha

de um feitiço lançou um arco pelo ar. Hafyre veio saindo mansa por entre as sombras, pegou sua mão coberta pelo símbolo e o seguiu para dentro da noite. Não acho que o feitiço teve muito a ver com isso, por mais que eu quisesse pensar que sim. Aquela era Hafyre: ela gostava de se cercar de poder e não escolhia a forma de atingir seus objetivos.

E então ela desapareceu. Ninguém sabia dizer para onde. Halse ficou zangado e mandou arremessarem o senhor de escravos de cima do castelo. Ele não parecia tão frio assim, afinal. Contratou-me para encontrá-la e trazê-la de volta. Eu não sabia se ele tomara conhecimento sobre Hafyre e eu... ou se isso teria feito diferença. Ele conhecia a pessoa por baixo da máscara como Zuneida Peace, e os homens não levam os assuntos das mulheres a sério, ou, se levam, ficam mais curiosos do que irritados. Eu era só mais uma serviçal para alugar, afinal de contas.

No fim das contas a trilha de Hafyre levava para Scarlight, e por isso eu estava no norte. Agora o feiticeiro pálido também estava aqui. E, ao que parecia, também Nightwall Dair.

Deixei a planície para trás e ao pôr do sol estava embrenhada nas montanhas. As paredes se erguiam à minha frente, torre após torre de sombra. Quando ficou escuro demais para enxergar, desmontei, acendi uma fogueira e fiz um acampamento para passar a noite. Dormi, mas tive sonhos estranhos de tempos anteriores, imagens terríveis de asas de couro preto e do rosto de uma garota, vistos através do fogo.

Quando acordei, fiquei ali deitada, piscando para as estrelas. É claro que eu sabia quem era a garota do sonho: Hafyre, minha presa. Seus olhos brilhavam verdes como a floresta; sua pele era dourada; seus cabelos, de um vermelho-acastanhado, como o solo. Ela sorria, virava a cabeça e me chamava e, no sonho, eu a via se mover sinuosamente à luz do fogo. Ela vestia o traje de escrava, seu torso nu listrado com centenas de faixas de esmeraldas e suas calças da cor das folhas na primavera. O desejo calou fundo dentro de mim. Ela representava todas as cores do mundo, mas havia partido, fugindo com a manhã, e em pouco tempo segui meu caminho.

Àquela altura, eu esperava já ter visto sinais das tribos, e não os encontrar me preocupava. Estava frio, mas eu não achava que eles já tivessem recuado para seus refúgios da montanha, os lugares secretos que

faziam pessoas mais crédulas afirmarem que eram fantasmas. No entanto, mais para o meio da tarde encontrei novos vestígios e, depois, a distância, um aglomerado das tendas cinzentas redondas que as tribos usam no verão, despontando como cogumelos num platô de grama morta. Suas montarias pastavam ali perto e vi a bandeira vermelha e azul-escura dos ynar ondulando num mastro. Suspirei aliviada: aqueles eram, na medida do possível, os mais civilizados das tribos; pelo menos não atiram à primeira vista. E também eram os que eu estava procurando. Mesmo assim, aproximei-me com cuidado.

Quando eu estava próxima, a sacerdotisa saiu de uma tenda com uma maçã na mão. Ela não era jovem, a pele estava cheia de padrões em índigo. Eu vi o ferrão atravessando seu lábio inferior – isso me dizia que ela era uma oradora da morte – e o ornamento de sua cabeça tilintava com as contas de sua riqueza. Ela não parecia satisfeita em me ver.

– Shan-hai – saudei, utilizando seu título. – Venho com uma mensagem. De Cadrada.

– Não conheço nada nem ninguém nas cidades – retrucou a sacerdotisa, agressiva. – Não minta.

– Estou dizendo a verdade.

Desmontei e joguei o pedaço de tecido com o emblema dos ynar na frente dela, acima do totem pessoal. Ela sibilou quando o viu e o pegou do chão como se eu fosse roubá-lo de volta.

– Onde foi que conseguiu isso?

– Dê-me água e eu lhe direi. Não cortei de nenhum cadáver, se é isso que está pensando.

Ela me encarou por um longo momento, depois sacudiu a maçã e proferiu uma palavra de proteção dos deuses da carniça dos ynar...

– A senhora não precisa disso contra mim.

Ela arregalou os olhos: o verde-escuro das florestas de inverno. Lembrei-me de Hafyre e contive a respiração. A sacerdotisa não era tão velha quanto eu havia pensado. Ela fez melhor do que me trazer água: fez um chá do verthane agridoce das altas encostas e ficou educadamente em silêncio até que eu tivesse tomado os três primeiros goles. Então disse:

– Eu lhe pergunto novamente: onde foi que você conseguiu isto?

– De um palácio de escravos. – Ela ainda não havia percebido que eu não era um homem. Se eu fizesse do meu jeito, ela nunca perceberia. – O que eu estava fazendo lá é problema meu. Mas conheci uma garota que me

disse que era princesa dos ynar. O nome dela era Hafyre. Ela me deu isso.
– Aponte para o emblema.

– E você trouxe isto de volta para nós. Por quê?

– Estou viajando pelos Desertos Frios para Coyine. Quero passagem segura.

– E você quer comprar a passagem com um emblema dos perdidos. – A resposta dela não tinha tom de julgamento. Pude ver que ela estava pensando rápido.

– Se a senhora pensa assim.

Ela assentiu.

– Muito bem. O que mais você sabe da garota? “Princesa” não é um termo que conhecemos.

Fingi desinteresse.

– Não conheço suas hierarquias.

– Muito bem, vou explicar para você, embora nenhum homem consiga aprender como as tribos são governadas. – Ela virou a cabeça e cuspiu. – Vocês com suas cidades governadas pelos homens não conseguem entender nossos matriarcados. Hafyre é tocada pelos fantasmas, assombrada pela grama. Quando nasceu, passou um cometa, e nós acreditamos que isso é um sinal dos senhores da carniça que vivem entre os ventos, a terra onde fica a morte. Ela é um oráculo, um arauto, e está marcada para o poder.

– Então vocês a querem de volta.

– Como você diz. Ela desapareceu há um ano e meio; achávamos que estava morta, mas o vento não trouxe mensagens dela e confesso que eu não entendia o porquê.

Desviei o olhar.

– Como vocês planejam recuperá-la?

– Ah – disse a Shan-hai. – Não acho que seja sábio lhe contar isso.

– De fato, não é da minha conta. Mas vocês vão me garantir passagem segura?

– Vamos. Você prestou um serviço. Mesmo sendo um homem, não esquecerei do que fez. Haverá uma cerimônia esta noite por causa disso, você vai participar. Digo isso não porque desejo honrá-lo, mas por ser a melhor maneira de informar o máximo possível de pessoas de sua presença de uma só vez.

– Como vai ser essa cerimônia?

– Um chamado aos ventos e aos deuses que os cavalgam. Nada mais. Não esperamos que você faça nada além de observar. Aqui quem comanda as coisas são as sacerdotisas.

– Então será de fato uma honra – respondi, e vi seu sorriso frio, com olhos de floresta.

Para os cidadãos de Cadrada, essas pessoas são um bando de bárbaros. Quando lembro do palácio de Halse e das coisas que aconteceram lá, acredito que a verdade é mais equilibrada que isso. A cerimônia para a qual eu havia sido convidada foi realizada nas rochas, em um platô baixo que dava para a planície que escurecia e o sol vermelho que se punha. O ar ficou frio bem rápido e tinha cheiro de neve. Grandes harpas feitas de tendões foram amarradas entre mastros altos e, à medida que a brisa do crepúsculo aumentava, elas começaram a gemer e cantar. As sacerdotisas andavam entre os mastros, sussurrando, numa dança que ia ficando cada vez mais alucinada à proporção que a noite avançava. Quando a cerimônia estava prestes a começar, cerca de trezentas pessoas haviam se reunido. Vi a bandeira dos ynar novamente, mas outras também. As mulheres se reuniam ao redor das fogueiras; os homens ficavam parados sérios nas bordas, montando guarda.

A Shan-hai chamou os espíritos carnicheiros do vento. Elas usam uma língua antiga para essas cerimônias, uma língua que está morta há milhares de anos e nada tem a ver com os construtores dos canais ou as cidades da planície. Ela é mais selvagem, mais estranha, nem um pouco humana. Só de ouvi-la minha pele ficou arrepiada. No entanto, fui tomada de um estranho senso ascético de nostalgia: era o oposto das canções sexuais que cantam nos palácios para inflamar todos aqueles que as ouvem. Aquela falava de pureza e isolamento deliberado. Talvez fosse o que eu precisava. Eu me perdi nas finas harmonias enquanto as sacerdotisas reclamavam, bajulavam ou imploravam aos deuses da carniça; eu não sabia o quê. Percebi que alguém estava perto do meu ombro. Casualmente, virei-me.

Seus olhos cor de chá captavam a luz da fogueira. O casaco estava esfarrapado, mas um dia tinha sido de boa qualidade; ele usava um chapéu com um emblema, o mesmo que eu havia trazido para a sacerdotisa. Olhando de perto, seu rosto era comprido e magro, como uma vela

esculpida, sob uma cascata de cabelos castanhos. A última vez em que eu o vira foi sobre uma montaria de pelo preto, perseguido pelo feiticeiro de Ithness.

– Você me salvou – disse ele. Parecia achar engraçado. Sua voz era baixa, como seda e navalhas, com as sibilantes das planícies. – Por quê?

– Não gosto de Ithness.

– Os hotéis? As compras?

Inclinei a cabeça, embora meu sorriso estivesse oculto pela máscara.

– Nenhuma das duas coisas é boa. Os hotéis são cheios de vermes e as lojas, caras demais. Os feiticeiros são os piores.

– E esse não está morto. Infelizmente. Você precisaria de um raio ou de veneno para isso, ou de um dos próprios feitiços dele, não uma arma de farpas. Mas foi uma coisa gentil de se fazer. E altruísmo sempre me preocupa.

– A mim também. Por isso nunca pratico. O que você fez para ser perseguido tão longe e com tanto esforço? Você é um viajante? Não é homem da tribo e, no entanto, usa o símbolo deles.

– Bem, de fato sou um viajante e a razão pela qual me permitem usar o símbolo dos ynar é uma história mais longa. Se aqui fosse Scarlight eu ofereceria uma bebida para continuar a conversa. Mas aqui...

– As tribos não gostam de vinho ou destilados. A menos que você goste de leite de tope fermentado.

– Por isso eu trouxe a minha garrafinha.

Achamos prudente aguardar o fim da cerimônia antes de retornar para uma tenda e nos servirmos. Eu estava insegura. Ele estava flertando, eu poderia ter jurado, e isso era um problema. Ou ele sabia que eu era uma mulher, ou achava que eu era um homem. Nenhuma das possibilidades me acalmava. Fiquei nas sombras, me certifiquei de que a máscara estava bem amarrada e não bebi muito, embora o homem que eu resgatara não parasse de me observar.

Ele não dissera seu nome, mas nem precisava. Chamava-se Nightwall Dair. Era o único homem que já havia ido além da Muralha Norte no extremo setentrional, a grande geleira que separa Heth das planícies, ou pelo menos o único homem que havia feito isso e sobrevivido. Ele trouxe de volta um cativo, uma estranha coisa preta com olhos dourados que sobrevivera por um tempo antes de revelar seus segredos aos feiticeiros de Cadrada. Eu havia visto ambos no palácio de lorde Halse e, como já disse,

nossos caminhos se cruzaram em diversas ocasiões antes disso. Dair era um caçador de homens, assim como eu, e perseguiu outras coisas também. Não era um homem fácil de enganar, por isso eu não sabia se havia conseguido.

Falamos de Scarlight e também de Cadrada, de passagem, como homens fazem quando se encontram em um lugar estranho. Por fim ele disse:

– Eu conheço você, tenho certeza.

Dei de ombros.

– Talvez tenhamos nos encontrado em nossas viagens. Tem algo um pouco familiar a seu respeito.

– Muita gente me conhece – disse ele. Falou como se isso não importasse.

– Talvez tenhamos nos encontrado. Mas ainda não sei seu nome.

Ele deu um sorriso cheio de dentes.

– Melhor assim. Se soubesse, você ficaria com medo.

– Muitos dizem o mesmo a meu respeito. – Levantei-me. – Está ficando tarde e tenho um longo caminho a percorrer.

Seu rosto demonstrou uma leve curiosidade.

– Para onde você está indo?

– Coyine.

– As tribos não gostam de viajantes.

– Por isso paguei para ter uma passagem segura.

– Elas não usam dinheiro.

– Eu não falei de dinheiro.

Ele riu.

– Acho que você já esteve aqui antes.

– E você? Mas é claro que esteve, com esse emblema.

– Eu? Eu estive por toda parte. – Ele inclinou a cabeça para um lado, me olhando por baixo do cacho de cabelos que caía sobre sua face. Seu rosto comprido demonstrava cinismo, diversão, como alguém que antecipa uma resposta negativa. – Quer companhia para a noite?

– Você não é exigente, não é mesmo? Nem viu meu rosto.

– Como você diz, não sou exigente.

– Infelizmente, há pouco tempo fiz um voto de castidade.

Ele voltou a rir.

– E você *viu* meu rosto. Bem, vou escolher acreditar em você, é mais lisonjeiro que as alternativas.

Eu me curvei, depois me dirigi para a tenda que a sacerdotisa dissera que eu podia usar. Não gosto de tendas: são difíceis de proteger. Passei uma parte da noite cochilando levemente com minha espada sobre os joelhos, por via das dúvidas. Contudo, Dair aceitara minha recusa com espírito esportivo; eu sabia que ele não encontraria diversão entre as tribos, que são extremamente puritanas, mas ele não me incomodou.

Pela manhã, acordei e encontrei a sacerdotisa sentada do lado de fora da tenda.

– A mulher que você viu – começou ela, sem preâmbulos. – Quero usar você para uma divinação.

– Muito bem – respondi. O sol estava começando a nascer. – O que a senhora tem em mente?

– Preciso levar você até o lago da vidência.

– E se eu não quiser?

– Acredito que você ainda queira passagem segura para Coyine, não? – O olhar dela me fuzilou. – E minha magia pode fritar qualquer homem a sete passos.

– Bom argumento. Mas antes queria um pouco de chá. – Eu não estava no meu melhor humor.

– É melhor de estômago vazio – disse ela, séria.

O lago da vidência ficava no meio da floresta. Uma trilha estreita que parecia ter sido feita por um animal levava até lá e, quando nos sentamos à beira de suas vítreas profundezas negras, o ar subiu frio e úmido por entre as samambaias. Terra vermelha, folhas verdes... essas coisas me lembraram de Hafyre.

– O que deseja que eu faça?

Ela estava acendendo alguma coisa em um pequeno incensório preso por uma corrente de bronze que balançava. Um cheiro pungente saía de sua fumaça, que me fez tossir. Isso me lembrou de um dos fortes perfumes do sul, que o calor deixa ainda mais intensos.

– Feche os olhos – instruiu ela.

Foi o que fiz, embora não confiasse nela totalmente. Senti um bafo quente na pele ao redor dos olhos, a única parte do meu rosto que era visível. A fumaça penetrou na máscara, vazando para dentro da garganta, e

contra a minha vontade senti-me ficar mole e relaxada. Tive uma súbita visão do rosto comprido e pálido de Nightwall Dair.

– Não – ouvi a sacerdotisa sibilar. Outra imagem flutuou à minha frente: a garota de olhos verdes e cabelos da cor da terra. A sacerdotisa soltou um suspiro de satisfação. – Ali está ela. Hafyre.

O rosto da garota estava abaixado. Ela olhava para algo em seu colo, um globo de cristal com uma fagulha no centro, como uma pequena chama. Um feixe de luz se projetava sobre seu ombro; ela usava um vestido ocre fino. Seu rosto era tão lindo quanto eu me lembrava, ovalado e simétrico, com aquele sorriso súbito e flamejante. A marca branca da escravidão estava estampada no seu ombro e a sacerdotisa xingou quando a viu.

– Profanada!

Eu a havia conhecido num palácio de escravos. Eles não são conventos.

– Esse é o passado – disse a sacerdotisa com autoridade. – Ela não está lá agora.

Aquele terreno era perigoso. Eu não queria a mulher olhando dentro da minha cabeça e descobrindo que a garota era a minha razão de estar ali, que eu havia sido enviada para trazê-la de volta. Que... bem, eu não queria deixá-la entrar e ponto final.

– É mesmo? – perguntei, enganadoramente doce.

– Tente ver onde ela está agora.

A fumaça foi ficando mais forte. Contra a minha vontade, olhei para a escuridão e vi a garota. Dessa vez ela usava equipamento de cavalgar de couro preto e estava sentada ao lado de uma pilha de cinzas. Entretanto, ainda era a mesma pessoa que eu conhecera em Cadrada, a garota que podia provocar o desejo numa pessoa num instante, como o golpe de um chicote.

– Ah – disse a sacerdotisa. – Sei onde ela está.

– Onde?

– Basta. – A fumaça cessou subitamente e meus olhos se abriram.

– Por que você me escolheu para isso? – perguntei. Não sabia se ela havia visto que eu era uma mulher.

– Alguém de fora é melhor, até mesmo um homem. – Isso respondia a minha dúvida. – Os das tribos trazem muitas suposições. – Ela se levantou e assentiu em agradecimento. – Pode ir agora. Terá passagem segura para

Coyine. Quando chegar à próxima cordilheira, vai encontrar um povoado do outro lado. Dê isto a eles. – Ela me entregou um objeto: uma moeda de bronze com um símbolo. – Eles vão trocá-lo por outro. Assim, com sorte, e se você não encontrar muitos animais selvagens, chegará vivo a Coyine. – Havia um quê de desprezo sob suas palavras.

Então montei e cavaleguei rapidamente à luz da manhã. Não voltei a ver Nightwall Dair, mas antes de chegar à cordilheira virei a montaria e me dirigi para o bosque. Dei meia-volta até conseguir ver as tendas. A sacerdotisa estava falando com dois guerreiros; depois eles encilharam dois topes e ela montou atrás do líder. Então começaram a cavalgar rápido para noroeste. Fui atrás.

No meio da tarde, estávamos bem alto nas montanhas e o ar começava a ficar gelado. Eu ia muito atrás deles, mas, quando passei pelo cume de uma cordilheira, vi que haviam parado e estavam abaixo de mim. A ruína era tão decrepita que no começo não consegui perceber que se tratava de outra torre sem topo. Puxei as rédeas da montaria e assisti à pequena pantomima executada abaixo. A sacerdotisa saiu da torre e balançou os braços. Tive a impressão de que culpava os guerreiros de alguma coisa. Houve uma discussão, depois todos tornaram a montar e saíram em disparada. Gostei de assistir àquilo; esperei que desaparecessem de vista e descí até a ruína.

O lado de dentro era igual ao que aparecera na minha visão. Não havia sinal de Hafyre. A pilha de cinzas estava intocada, ou pelo menos foi isso que pensei no começo. Então olhei mais de perto. Nas cinzas, alguém desenhara alguns símbolos. Para qualquer um que não estivesse familiarizado com os sinais secretos dos escravos de Cadrada – e isso significava a maioria das pessoas –, teriam parecido pegadas de um passarinho ou caminhos de vermes. Para mim, era uma mensagem.

Noroeste, depois oeste novamente. Uma rocha sob uma estrela.

Fiquei digerindo isso por um momento, depois examinei atentamente a ruína. Ela não havia sido a única pessoa ali. Alguém a acompanhara, um homem, pensei, a julgar pelas pegadas. Alguém urinara na parede; ela ainda estava úmida. Me ajoelhei e cheirei. Não era nativo do sul, mas de algum outro lugar... Não estava úmido o bastante para ter sido um dos guerreiros da sacerdotisa – não era tão recente – e estava muito alto na parede para ter sido uma mulher. Então outra pessoa estivera aqui com Hafyre, alguém que não conhecia os sinais dos escravos.

Alguém de Ithness? Ou será que Dair havia conseguido passar à minha frente?

Bem, era isso que eu pretendia descobrir. Voltei com cuidado, montei no tope e o esporeei para um galope na direção oeste.

Por algum tempo, andei com a impressão de que poderia estar sendo seguida. Um breve cheiro no vento, um arrepio na nuca, nada mais. Se era assim, havia dois candidatos prováveis: o feiticeiro e Nightwall Dair. Mas não havia muito que eu pudesse fazer a respeito. Se desse meia-volta, meu perseguidor saberia, e eu tinha pouca chance de despistá-lo naquele terreno; sobre o meu tope claro, eu me destacava como uma lua no céu sem nuvens. E a mensagem não havia sido exatamente clara. Só depois que já estava cavalgando há um tempo percebi o que ela queria dizer. A única passagem possível para oeste era um funil de rocha, onde a muralha da montanha se fechava, me levando num canal na direção do sol que se punha. E, no final dele, enquanto eu cavalgava para o crepúsculo, um pináculo de pedra recuava na direção do vale estreito, usando a Estrela do Amor como um chapéu. Quando vi isso, sorri debaixo da máscara e esporeei a montaria até chegarmos embaixo de um afloramento de rocha. Então fui jogada para fora do tope, caindo uns 3 metros de sua corcova alta, me esparramando no pó e perdendo o fôlego. O tope, surpreso, saiu correndo. Eu sabia que ele não iria muito longe: acabaria voltando se achasse que havia uma chance de se alimentar. Fiquei ali toda retorcida.

Percebi quando ele se aproximou. Podia sentir o cheiro do tope e uma sombra cobriu meu rosto. Passos leves, depois um pé nas minhas costelas. Ele estendeu a mão e arrancou a máscara. Senti meus cabelos se esparramarem sobre a poeira. Não me mexi, mas fiquei com os olhos fechados. Ele não disse nada, mas eu o ouvi rir de surpresa. Tornou a me empurrar com a bota. Então, como eu não esboçasse reação, ele me apanhou e me levantou até as costas do tope. E foi aí que o chutei na cabeça.

Essa é uma das coisas boas de ser dançarina profissional. Senti o maxilar dele estalar para trás, então ele caiu no chão. Pulei das costas do tope em cima dele e pressionei com força. Depois dei uma boa olhada nele: no rosto comprido e nos cabelos castanhos esparramados no pó.

– Nightwall Dair. Minhas desculpas. – Eu quase fui sincera.

Amarrei seus braços para trás: achei que estava desmaiado, mas não podia lhe dar a chance de usar o mesmo truque comigo e queria seus

pulsos presos. Ele era pesado demais para colocar em cima do tope, então o deixei deitado ali e me abaixei sob o promontório, avançando desfiladeiro abaixo. Limpei a máscara enquanto seguia e a recoloquei. No caminho, encontrei minha montaria vagando. Estava quase escuro.

– Você fique aí – disse a ela, e amarrei seu arnês num afloramento. Então procurei o que estava esperando encontrar e encontrei.

Os ancestrais das tribos, ou aqueles que vieram antes deles, fizeram uma coisa imbecil uma vez. Eu não sei o quê. Uma espécie de envenenamento da atmosfera, um amargor do solo, milhares de anos antes. Isso havia feito com que eles fossem para as montanhas por algum tempo, se enterrando dentro das rochas contra o frio assassino. Seus túneis ainda podiam ser encontrados e agora eram usados como abrigos de inverno, e uma porta redonda de pedra mostrava onde estava o mais próximo. Um pedregulho ocultava parte da porta. Dei um empurrão nela, desequilibrando um pouco o círculo e criando uma abertura, pela qual entrei. Cheguei a uma passagem e pude sentir cheiro de suor e fumaça, além de um perfume que era meu velho conhecido. Fui atrás.

Hafyre estava encolhida numa cama improvisada feita de peles, ainda vestindo suas roupas de couro de cavalgar. Perdeu o fôlego quando me viu e eu a vi se tornar mais ardilosa, deslizando para dentro das peles enquanto avaliava essa nova ameaça.

Devagar, retirei a máscara e vi seu rosto mudar.

– Zuneida Peace – disse ela baixinho. – Veio todo esse caminho de Cadrada até aqui. Não sabia que você se importava. – Seus olhos de floresta estavam arregalados de surpresa. – De todas as pessoas que eu achava que pudessem vir atrás de mim...

– Seu senhor pagou bem.

– Que bom – disse ela, ríspida. Levantou-se.

– Onde está ele? O feiticeiro? – perguntei.

– Ele foi encontrar minha tia. Não sei quando volta. Tentei sair, mas não consegui mover a porta por dentro.

– Precisamos ir.

No nosso caminho passagem acima, perguntei:

– Ele estuprou você? O feiticeiro?

– Não. – Nossos olhos se encontraram.

– O que você estava fazendo com ele?

– Ele me tirou do palácio. Nós estávamos dormindo juntos.

Disse isso sem um pinga de vergonha, como se o que ela e eu tivéssemos vivenciado não importasse, e talvez, pensei com amargura, ela tivesse razão. Depois continuou:

– Ele me prendeu com um feitiço e me tirou do palácio de Halse pelos porões. No começo pensei que estivesse me levando para Ithness, para os mercados de lá. Em vez disso, me trouxe para cá. Ele quer ter uma vantagem sobre as tribos. Planejou me usar como moeda de troca com minha tia. – Fez uma pausa. Seu rosto ficou sério e reservado, um pouco insinuante. Passou a mão no meu braço e murmurou: – O que *você* está planejando?

– Levar você de volta a Cadrada.

Eu me preparei para resistência e segurei o pequeno frasco de amorfita no meu bolso. Isso a derrubaria na mesma hora e a manteria apagada por um tempo. Mas ela se animou.

– Ótimo! Então ambas saímos ganhando. Você ganha seu dinheiro e eu ganho uma companheira de viagem de volta para o palácio. – Ela riu ao ver a expressão no meu rosto. – Você não achou que eu queria *ficar* aqui, certo? Fechada numa tenda sufocante até chegar a hora de ser uma égua de montaria, manipulada pela minha tia sacerdotisa por causa de alguma profecia velha. Ou trancada num abrigo de inverno como este, sem poder sair sequer para mijar por seis meses porque o frio congela a meca no seu nariz e vivendo de carne congelada de ulsa? Não, obrigada. – Ela fez uma pausa. – Suponho que isso já tenha passado pela sua cabeça, mas os papéis das mulheres nesta sociedade realmente não valem muito a pena, não é? Ser sequestrada dos Desertos Frios foi a melhor coisa que me aconteceu. Eu tive *oportunidades* no palácio. Obviamente, lorde House me quer de volta, mas em três ou quatro anos já terei passado do ponto e estarei muito velha para ele. Eles vão me dar uma pensão, já aconteceu com outras mulheres. Então vou abrir meu próprio lugar. Conheço várias garotas que adorariam trabalhar para mim... e eu teria meus próprios clientes regulares. – Um olhar meditativo tomou seus olhos verdes. – Eu quero um lugar de frente para o Grande Canal... Todos aqueles jardins adoráveis e um restaurante em cada esquina. Já tenho tudo planejado.

– Estou vendo – respondi baixinho.

– Então... – Hafyre estava animada. – Vamos indo?

– Vamos.

Torci para que Dair não estivesse acordado na hora em que saíssemos; teria me poupado um problema, mas o corpo esparramado na poeira havia sumido. Isso me fez ficar ainda mais ansiosa para ir embora. Ele soltara meu tope, mas a montaria não tinha ido muito longe. Depois de um momento de pânico, eu o vi trotar devagar pelas rochas com um ar de afronta. Aparentemente Hafyre havia caminhado desde a beira das montanhas, então estava mais do que feliz em cavalgar. Tudo que precisávamos agora era sair das terras das tribos e seguir para o sul.

Mas, por mais consciente que eu estivesse do sumiço de Dair, minha atenção não foi suficiente.

Assim que saímos do desfiladeiro, as estrelas já estavam todas no céu, espalhando uma luz pálida sobre as rochas. Vi o feiticeiro de Ithness pelo canto do olho, emergindo subitamente da beira de um penhasco, e Hafyre gritou quando caí do tope, paralisada, e atingi o chão pela segunda vez naquele dia. Lá fiquei, enquanto o feiticeiro saltava da rocha tão levemente quanto um pássaro sobre as costas da minha montaria. Hafyre gritou maldições, mas de repente ficou em silêncio. Eles desapareceram encosta abaixo com rapidez.

Um tempo considerável depois, me dei conta de que um par de botas havia aparecido na minha frente.

– Tsc, tsc – ouvi a voz de Nightwall Dair. – Estou vendo que a mão do car ma parece tê-la tocado. Que irônico. – Ele se abaixou e encostou algo frio e úmido no lado do meu pescoço, e subitamente consegui me mover. – Eu devia mesmo tentar superar esses desastrosos impulsos de compaixão. Nunca me fazem bem... especialmente depois do que aconteceu mais cedo. – Ele me ajudou a levantar. Seus pulsos estavam em carne viva.

– Obrigada – resmunguei.

Eu não diria que me sentia mal, mas havia um pequeno elemento de vergonha que esperava evitar. Por que me senti assim, não sei: deve ter sido alguma coisa profissional.

– Então, onde está ela? A garota?

– O feiticeiro de Ithness a levou.

Dair soltou um palavrão.

– Eu pensei nisso. Desgraçado. Você está trabalhando por recompensa?

– Sim. E você?

– Sim, de um lorde em Cadrada que se interessou por ela. Um dos rivais de Halse. Agora sei quem você é, a propósito. Um homem chamado Thane. Ou uma mulher chamada Peace. Eu reconheço você do palácio de Halse. Você foi dançarina. Entre outras coisas, ao que parece.

– Não sei bem se isso importa.

– Temos mais chance de rastreá-la juntos. Não preciso da sua interferência e conheço esse feiticeiro; nós passamos por coisas juntos.

– Muito generoso da sua parte. Eu também o conheço. *Nós* passamos por coisas juntos. Você podia, é claro, simplesmente me matar.

Dair pareceu ofendido.

– Não é assim que eu trabalho. Podemos discutir a questão do dinheiro depois.

Eu sabia que ele não tinha a intenção de dividi-lo: só queria ficar de olho em mim e quem sabe conseguir minha ajuda. Mas por enquanto estava bom.

Comigo atrás de Dair no seu tope preto, nós os rastreamos até a margem da planície, depois perdemos a trilha. O tope parou, balançando a cabeça indeciso. Como o feiticeiro havia roubado minha montaria, eu me perguntei o que ele havia feito com a sua. Talvez a coisa-lagarto ainda estivesse vagando por aquele lugar.

– Pode ser melhor montarmos acampamento para passar a noite – disse Dair filosoficamente.

– Eu ainda não estou interessada em “companhia”.

– Na verdade, agora que descobri que você é mulher, nem eu.

Nós nos revezamos montando guarda. Foi uma noite bem silenciosa, embora por um momento eu tivesse ouvido sons na planície que sugeriam que as tribos estavam tendo outra reunião. Dair me acordou ao amanhecer, me entregou uma caneca de couro com chá e disse que estávamos indo. Concordei rapidamente. Queria sair das terras tribais antes que a sacerdotisa tia de Hafyre descobrisse que ainda estávamos no território dela e enviasse seus guerreiros contra nós.

Já havíamos avançado um bom pedaço para oeste, de modo que, quando a noite caiu, estávamos de volta a Scarlight. Fiquei surpresa ao descobrir quanto havia sentido falta do lugar. Pelo menos, em comparação aos Desertos Frios.

Descobrimos um bar para passar o começo da noite. Pensei que o feiticeiro, depois de ter presumivelmente lidado com a tia de Hafyre, poderia ter voltado por Scarlight. Se ainda estivesse vivo. Independentemente do que tivesse acontecido, eu estava conformada com a perda de Hafyre. Mas, àquela altura, também estava procurando uma sauna e vinho.

– Você é bem atraente agora que não está coberta de sujeira – disse Dair quando reapareci.

Cerrei os dentes. Eu chamaria mais atenção como Zuneida do que como o anônimo Thane, então tinha mantido a máscara, tornando seu comentário ainda mais irritante.

– Achei que você não gostasse de mulher.

– Eu gosto de algumas mulheres. Só não para sexo. – Olhou ao redor, para os homens no bar.

– Confie em mim, isso é um alívio – afirmei.

– Então... – continuou Dair, com afetação. Serviu-me uma taça de Ylltiano branco e ficou olhando enquanto eu tomava um gole. Se ele fosse me envenenar, pensei, já teria feito isso antes. – Você teve uma carreira variada.

– Você reparou.

– Eu sou mais concentrado em uma coisa só. Sempre fui caçador de recompensas, desde jovem. Segui a carreira do meu tio.

– Você é de Cadrada?

– Eu sou de muitos lugares. Nasci numa aldeia do deserto. Não tinha nome, era muito pequena. Desci de uma barca que veio pelo Grande Canal e nunca mais voltei. E você?

– Cadrada, mas não sei quem foram meus pais. Fui criada perto da corte, por uma série de pessoas, depois fui levada para o templo como dançarina. Me usavam para seduzir os aristocratas que iam fazer visitas. É um trabalho suficientemente confiável. – E pagava minha poesia, mas eu realmente não queria contar isso para Dair; achei que faria com que eu parecesse menos ameaçadora.

– Mais fácil que caçar recompensas.

– Só às vezes. De qualquer maneira, eu queria viajar. – Estava tentando ser prática a respeito da perda de Hafyre, e fracassando. É por isso que nunca se deve misturar negócios e questões pessoais.

Dair estava vasculhando o ambiente atrás de mim; ele tinha visto uma coisa, mas eu não queria atrair atenção olhando ao redor.

– Eu entendo essas coisas.

– Este é um vinho decente – falei em voz alta. – Quer mais um pouco?

Os olhos dele permaneceram nos fundos do salão.

– O que você quiser, minha amiga. – Sua mão livre traçou dois símbolos no tampo da mesa: *noroeste, partindo*. Então se levantou. – Há um caminho pelos fundos atrás da cozinha.

E foi esse caminho que tomei, enquanto Dair saía pela frente. Passei por uma cozinha toda engordurada e por alguém lavando panelas; ela não levantou a cabeça. Devia estar acostumada com isso. Corri por um beco, não vi ninguém e voltei a encontrar Dair do lado de fora do bar, parado nas sombras.

– Eles estão aqui. Pelo menos o feiticeiro está.

– Você a viu? Por que ele a teria trazido de volta para cá, e não para as tribos?

– Não sei. Negociar em terreno neutro? Ou quem sabe ele pensa que está mais seguro agora que descobriu que estamos no jogo. Eu só vi ele. Não acho que ele tenha nos visto. Mas não posso ter certeza.

– Você viu para onde ele foi?

– Não.

– Eu quero meu tope de volta.

Um rápido passeio pelos estábulos da cidade parecia ser a coisa certa a fazer agora. No segundo, que pertencia a um dos albergues mais baratos, encontramos minha montaria. Ele soltou um urro de boas-vindas ao me ver, levantando a cabeça de seu balde cheio de entranhas fervendo e soltando um bafo fétido para cima de mim. Dair achou que ele era fofo. Não me dei ao trabalho de responder. Pegamos a escada do fundos, armas nas mãos. O caçador tirou um frasco do bolso, quebrou a tampa e o jogou no canto; depois de um momento, a fumaça começou a sair e passar por baixo das portas.

– Fogo! – bradou Dair com uma nota convincente de pânico.

Esperamos até que uma série de gratificantes gritos se ouvisse e pessoas em vários estágios de nudez saíssem em disparada. Na extremidade do corredor, entretanto, uma porta permanecia firmemente fechada. Corri atravessando as nuvens de fumaça e a abri com um chute.

O feiticeiro estava em pé diante da janela, abrindo o pequeno vão.

Hafyre gritou, o som abafado por uma mordada. As mãos estavam amarradas às costas. Cortei as cordas enquanto Dair disparava um raio na direção do feiticeiro, que se jogou para o lado. Levantei-me para conseguir uma visão clara com a arma de farpas, mirando no rosto do feiticeiro, mas naquele instante o quarto estalou com o lançamento de um feitiço.

Senti quando ele me atingiu e tive a impressão de que deveria ter me derrubado, mas passou por mim como uma onda e sumiu. Ouvi um grito de fúria e me virei para ver a sacerdotisa tia de Hafyre em pé na porta. Sua mão estava estendida; seu rosto, espantado. O feiticeiro deu uma gargalhada súbita.

– Este é o problema com os feitiços das mulheres!

Minha magia pode fritar qualquer homem a sete passos. Sendo poeta, eu realmente devia prestar mais atenção a figuras de linguagem, especialmente nos idiomas de outros povos.

O feiticeiro estendeu a mão. Dair me agarrou pela cintura e me jogou no chão.

Os raios correram sobre minha cabeça como cometas gêmeos: um verde e um azul. Ouviu-se um grito agudo, uma maldição proferida por Hafyre, e depois o zumbido de silêncio que aparece depois do fogo de armas de concussão. A pressão do corpo de Dair sobre o meu de repente não existia mais. Ele me levantou. Um tracejado queimado contra a parede oposta era tudo que restava do feiticeiro. Era claro que a raiva havia emprestado força *àquele* feitiço em especial. Na porta, o corpo da sacerdotisa ynar, a tia de Hafyre, havia desabado sem vida no chão. E uma janela batendo era o único vestígio da própria Hafyre.

Ela havia roubado meu tope, descobrimos em pouco tempo. Mas não era difícil descobrir para onde fora: Cadrada, restaurantes decentes e uma vida inteira de oportunidades de negócios. Poderíamos ter ido atrás dela, mas achei que ela merecia uma chance de fugir.

Mais tarde, no entanto... Mais tarde eu voltaria a Cadrada. Talvez com dinheiro no bolso. A esperança no meu coração já estava lá, ainda que não houvesse lugar para ela.

Em voz alta, eu disse pensar que ela dava mais trabalho do que valia. Então Dair e eu dividimos as ações seguintes por gênero: ele pegou a sacola de dinheiro do feiticeiro e seus venenos, enquanto eu tirei do corpo da sacerdotisa seu cinto de moedas e as contas de riqueza dos seus cabelos.

Jogamos o corpo dela no Yss e demos à proprietária do albergue um pouco mais do que o quarto valia, para mantê-la quieta. Mesmo com essa despesa inesperada, enquanto tomávamos outra garrafa de Ylltiano branco, calculamos que estávamos com um pouco de dinheiro.

– Naturalmente – disse Dair, com amargura, duas horas depois –, fracasso não faz bem para a reputação de ninguém.

– É verdade. Mas pelo menos não precisamos voltar a Cadrada de mãos abanando. Se bem que eu não ache que o norte seja um lugar muito saudável para estar agora. – Estava me lembrando dos guerreiros da sacerdotisa. Dair girou o cálice nos dedos.

– Eu estava pensando em Yllt. Adorável nesta época do ano. E fazem um excelente vinho.

Sorri.

– Você quer uma companhia para a viagem?

– Você não é muito exigente, é? Embora eu esteja me lembrando de que não tem mais montaria.

E então na manhã seguinte saí cavalgando mais uma vez de Scarlight, no tope preto de Dair, o vento *jharain* nas costas, dinheiro no bolso e a visão do rosto de uma garota diante de mim, seus olhos da cor de florestas.

OS MANUSCRITOS DO FUNDO DO MAR MORTO

(Uma recriação da jornada de Oud, uma viagem de Tharsis a Solis Lacus com um *slimshang*, por George Weeton, quarta onda de colonização de Marte, 1981)

HOWARD WALDROP

Howard Waldrop é considerado um dos melhores escritores de contos de fantasia e ficção científica, e já foi chamado de “a Mente Bizarra de nossa geração” e um autor “que escreve como um anjo bêbado”. Sua famosa história “The Ugly Chickens” ganhou tanto o prêmio Nebula quanto o World Fantasy em 1981. Sua obra foi reunida nas coletâneas *Howard Who?*, *All About Strange Monsters of the Recent Past: Neat Stories by Howard Waldrop*, *Night of the Cooters: More Neat Stories by Howard Waldrop*, *Going Home Again* e *Dream Factories and Radio Pictures*, além de uma antologia com outros autores, *Custer’s Last Jump and Other Collaborations*. Waldrop também é autor do romance *The Texas-Israeli War: 1999*, em parceria com Jake Saunders, e de duas novelas, *Them Bones* e *A Dozen Tough Jobs*, bem como do folhetim *A Better World’s in Birth!*. Atualmente está trabalhando em um novo romance, com o título provisório de *The Moone World*. Seu livro mais recente é uma grande coletânea, *Things Will Never Be the Same: Selected Short Fiction 1980–2005*. Depois de viver no estado de Washington por muitos anos, Waldrop se mudou de volta para sua cidade natal, Austin, no Texas, um acontecimento que provocou comemorações da população local.

Recriações históricas são populares na Terra – milhares de pessoas reencenam as batalhas da Guerra Civil dos Estados Unidos e cenas de outros conflitos, por exemplo –, mas aqui Waldrop nos mostra uma recriação histórica em Marte. Ele nos conduz em uma reconstrução historicamente precisa: um *slimshang* atravessa os desertos marcianos numa viagem em busca da fonte da vida.

Estou parado aqui, numa manhã fria, ao lado da melhor reprodução de um *slimshang* que a ciência terráquea é capaz de fazer: policarbonatos e tecidos (da Terra) em vez das fibras de planta endurecidas e peles de animais há muito tempo extintos usadas originalmente. Parece rápido, provavelmente mais rápido que qualquer *slimshang* feito pelos nativos, mas terá de servir.

Uma coisa que falta é a série de alavancas, engrenagens, placas e botões com os quais uma espécie de música era feita à medida que ele avançava. Os marcianos usavam a expressão “andando a toda melodia”. Como a reprodução era mecânica, parecida com a de uma caixinha de música, quanto mais rápido o *slimshang* ia, mais alta e mais barulhenta a melodia.

Em vez disso, eu tenho um tapedeck, no qual escolhi colocar um loop infinito de uma canção do começo dos anos 1960 chamada “The Martian Hop”.

É apropriada e adequada.

Vou partir no *slimshang* recriado e seguir a rota – mesmo que não os incidentes e sentimentos – da famosa jornada de Oud, viajando de Tharsis para Solis Lacus.

É o diário de viagem marciano mais famoso que temos, por muitas e variadas razões.

Oud foi o primeiro pensador a comentar as mudanças que Marte estava sofrendo em seu (longo) tempo de vida. Outros haviam notado a transformação, mas não os processos subjacentes. E as experiências pessoais de Oud acrescentaram muito à estatura clássica de sua história.

Então, nesta manhã fria no Assentamento 6 – desejo, como muitos, que ele seja oficialmente rebatizado como Lowell City –, apertei as mãos das três pessoas que haviam saído da cúpula temporária para me ver partir.

Ficamos ali jogando conversa fora por alguns minutos, então me lembrei das palavras de Oud: “Um Ser tem que fazer o que um Ser tem que fazer.”

Depois montei no meu *slimshang* high-tech, icei as velas, acenei para os outros, que já estavam voltando para o refúgio de ar onde podiam respirar, e ajustei meu curso para oeste, tocando “The Martian Hop” enquanto pulava algumas dunas rosadas.

Oud partiu de Tharsis (no velho escudo vulcânico) na direção de Solis Lacus (o ponto de algum até então inexato local de revelação cultural). Ele registrou o que chamaríamos de agradável passeio, pelo menos para a maioria dos marcianos: foram alguns dias no equivalente de uma carroça de vento de alta velocidade, o que a maioria dos *slimshangs* era – e o de Oud definitivamente era; estou supondo que o dele se aproximava do meu em termos de elegância, ainda que não em termos de materiais.

O fato de que Oud começou sua jornada no inverno foi inusitado. A temperatura era mais fria e os ventos menos previsíveis, devido às frequentes tempestades de pó que davam a volta ao planeta. Viagens no inverno e na primavera não eram impossíveis, mas a maioria era feita no meio do verão marciano, quando as temperaturas às vezes subiam para cerca de 5 graus centígrados.

Essa tradição vinha de um Marte antigo, juntamente com os padrões culturais e o desenvolvimento do *slimshang*. Ninguém pensava em fazer isso de outra maneira.

Os marcianos eram uma espécie bastante ligada à tradição. Afinal, não se podiam ignorar costumes que fazem você sobreviver por dez ou quinze milhões de anos – o júri ainda está decidindo.

Tenho certeza de que, no futuro, alguém lerá meu novo traçado da jornada de Oud e apontará a arrogância dos primeiros humanos se arriscando a partir de um conhecimento inexato e contando a idade da população com uma grande margem de erro e – comentarão isso em notas de rodapé.¹

¹ Bem pensado. Os palpites de Weeton foram bastante bons, uma das poucas vezes em que colonos e filologistas acertaram. Em outros

momentos, ele foi menos sagaz.

De Oud: “Tempo bom (para a época do ano). Não há muitos destroços; areias bem lisas e navegáveis. Desviei de duas ou três fendas provocadas por erosão. Navegação suave até escurecer. Vi um único outro ser o dia inteiro, caminhando, perto de uma única habitação sobre o solo. Parei o *slimshang* ao escurecer e me cobri bem para a noite. Muito confortável.”²

² N’KUBA, Elenkua (ed.) *Weeton fala sobre Oud*: reprodução fac-símile. Haia: Elsevier, 2231.

Ele devia ter visto como o lugar está atualmente. Tive que me desviar de pedras erráticas do tamanho de vagões de carga e as duas ou três fendas provocadas por erosão agora parecem as Channeled Scablands do noroeste dos Estados Unidos.

Oud viveu, achamos, no começo do Grande Bombardeio (voltaremos a isso mais adiante), antes do maior dos desastres geológicos, a elevação dos escudos vulcânicos e os grandes impactos de asteroides que liberaram quantidades inimagináveis de permafrost fervente e soltaram vapor d’água e fluxos piroclásticos que mudaram a face sempre constante de Marte.

Depois da vista agora erodida do meu primeiro dia, eu reduzia a velocidade para cobrir exatamente as mesmas distâncias de Oud: só uma vez em toda a viagem o *slimshang* de Oud, que realmente devia ter sido uma coisa e tanto, fez um tempo melhor do que o meu em um terreno que (na sua época) era pior. Tirando um ou outro pedregulho do tamanho de um trailer, o espaço era uma encosta gradual descendo o platô Tharsis.

Acomodei-me para a noite, disse minha posição para a Central de Marte, apreciei o pôr do sol, que desce rápido nestas regiões, e vi passar uma das luas rápidas de Marte. Então, assim como Oud milênios antes, fui dormir.

Dia 2:

Em sua rota original Oud comentou que os *slimshangs* anteriores haviam feito um trecho da jornada por “outra parte”, ou seja, pela água. Ele deixou de comentar como a jornada antiga devia ter sido mais fácil: primeiro em terra, depois em água pela maior parte do dia e de volta para terra.

Oud e eu consequentemente tivemos de fazer nosso caminho ao redor de canais mais secos. No tempo de Oud, alguns ainda tinham um pouco de gelo na superfície, ao contrário dos lagos de água corrente que deviam ter existido nos tempos dos ancestrais de Oud. Agora não resta nem gelo, que foi sublimado. Apenas velhos e gastos cursos de água, que tornaram a viagem bem difícil. Houve um momento em que achei que podia ter danificado uma roda (tenho extras, mas trocar uma não é fácil), mas foi só uma rocha pequena que havia ficado presa nela.

Oud foi o primeiro a reparar que o ar estava ficando rarefeito. Outros haviam visto os efeitos, mas os atribuíram a outras causas. A perda de água era uma delas. As velas dos *slimshangs* já foram pequenas: na época de Oud, já tinham o dobro do tamanho. Minha reprodução é na escala 7/10 e às vezes isso não é o bastante.

Foi também neste segundo dia aqui que Oud viu a colisão de um asteroide.

De Oud: “Uma súbita pluma de poeira e vapor no horizonte subiu 1 cretop (8 quilômetros) de altura. Muitos destroços espalhados. Tive que orientar bem o *slimshang* ao passar por lá para evitar pedregulhos que caíam. Naveguei com cuidado ao redor de muitos outros. A nuvem ficou pairando no ar até o pôr do sol e provavelmente depois disso.”

Meu curso atual mostra alguns remanescentes do evento que Oud descreveu, mas também de acontecimentos posteriores, incluindo uma série de crateras congeladas à minha direita. Há algumas crateras-escudo, ou cones vulcânicos, ainda ativas que surgiram depois da viagem de Oud.

Desviar de tudo isso foi ainda mais complicado para mim.

É possível entender as mudanças do tempo de Oud quando ele faz referência, em uma narrativa anterior, ao que atualmente é o monte Olympia como “a nova colina”.

E lá se foi Oud em sua jornada de inverno, sem se preocupar com coisas pequenas como céu caindo e montanhas subindo na linha do horizonte.

É apenas por um acidente fonético que o nome de Oud tenha o mesmo som que a palavra em inglês para “bandolim turco”. (Acho que existe um álbum chamado *The Kings of the Oud on Oud*, lançado pela Picwick Records, supostamente inspirado pela jornada de Oud. Segundo rumores, ele foi gravado por diversos músicos de estúdio, inclusive Lou Reed e Glenn Campbell. Nunca o ouvi, mas as pessoas que ouviram dizem que foi “muito pouco inspirado por qualquer coisa”).

O terceiro dia de ambas as nossas jornadas foi só colina abaixo, sem acontecimentos e sem grandes resultados. À noite, a mesma coisa. Oud nem sequer o menciona.

No quarto dia tive alguns problemas com o mastreamento do *slimshang*. Oud teve problemas de natureza diferente.

Sua narrativa é enganosa. Depois de reclamar da baixa qualidade dos alimentos que conseguiu encontrar para seu café da manhã (ele já havia comentado sobre o declínio das plantas tradicionais de seus ancestrais) e especular sobre seu provavelmente modesto almoço – “musgos magros” foi a expressão que usou –, vem a frase “se eu não tivesse experiência, e não estivéssemos na temporada de inverno, acharia que estava em *grexagging*”.

Ora. Eu não estava em *grexagging* (nenhum humano jamais havia tido isso), mas passava um momento dos diabos tendo que atravessar uma série de desfiladeiros compridos sem minha vela inflar. Recorri à pior ignomínia dos pilotos de *slimshang*: desci e empurrei.

No fim das contas, ganhei altura e vento simultaneamente e parti a uma boa velocidade na direção de Solis Lacus.

Eu havia deixado Oud nas suas viagens certo de que ele não estava em *grexagging*. Depois de mais algumas entradas sobre navegação e observação, uma frase pode pegar o leitor de surpresa:

“Bud está no leme agora. Já que ele sabe quase tudo que eu sei mas está apenas aprendendo a usar seus pseudópodes, deixei que aprendesse pela experiência. Ele vai perceber que coisa gloriosa é um *slimshang*, mas também vai ver como pode se tornar uma coisa difícil em segundos.”

Bud?, pergunta o leitor. Bud? Quem é esse? De onde veio?

Oud não consegue resistir a uma piadinha:

“Eu o fico vendo nos levar desajeitado ao redor de pedregulhos e sobre dunas. Vejo como seus movimentos e sua coordenação vão se

tornando mais suaves e mais seguros à medida que o tempo – e os cretops – passam. Ele se parece comigo quando mais jovem.”

Claro que sim. Oud havia sofrido *grexagging* (meiose). Bud era um Oud mais jovem.

Essa é a única vez na literatura marciana que um narrador sofre *grexagging* enquanto sua história é escrita. O *grexagging* normalmente ocorria no domicílio, auxiliado por irmãos de ninho, e era comemorado com trocas rituais de alimentos, conversas e bons agouros. O *grexagging* normalmente acontecia na primavera ou no verão, antecedido por grandes variações de humor, mudanças na dieta e agorafobia.

Aquilo havia acontecido a Oud no inverno, sem presságios a não ser o desejo de viajar de *slimshang*. Ele deve ter atribuído os movimentos de seu corpo a isso, sublimando os outros.

Cientista até o fim, ele descreveu suas mudanças: “Tenho menos peso do que no 393º ano. Pensar que tive *grexagging* numa idade tão avançada, e sem avisos, e na temporada de inverno, me é tão surpreendente quanto seria para qualquer um.

“Dizem que Flimo do ninho (de Syrtis Maior) teve uma semente que vingou aos 419 anos, mas que era inviável e foi comida ritualmente no Festival do Perdão, e o ninho ficou afastado pelo ano costumeiro antes de receber permissão de ir à próxima Convenção de Todos os Ninhos.

“Bud me parece viável – nas últimas horas, seu controle do *slimshang* ficou tão seguro quanto o de alguém que já faz isso há mais de um século.

“Agora estamos correndo a toda sobre a extensão lisa do antigo fundo do mar que se estende na direção de Solis Lacus. Faz muito bem a um Ser ver seu descendente-semente orgulhoso e confiante no leme de seu *slimshang*.”

Ainda se debate – especialmente nós da primeira onda de humanos em Marte – o que levou Oud e Bud a se deslocarem para aquele destino.

Antes de Oud, a literatura era conflitante e um tanto não informativa. Na Terra, quando antropólogos não conseguem encontrar significado para algum artefato cultural, dizem: “Isto obviamente teve profundo significado religioso.”

O que havia acontecido no distante passado marciano?, perguntávamos antes que o manuscrito de Oud tivesse sido desenterrado. Teria sido algum evento como Fátima ou Lourdes? Seria um evento ou ritual recorrentes, um Mistério Marciano de Elêusis? Parecia ter sido um

evento singular, tão importante que seus efeitos duraram vários milhões de anos. Não importa o quê, mas deve ter sido sensacional. Nenhum Ser realmente falou sobre isso antes de Oud. Parecia fazer parte deles, um pedaço de conhecimento geral, talvez tão conhecido para Bud algumas horas depois de sua separação de semente quanto para Oud depois de seus 394 anos.

Então lá foram eles na direção de Solis Lacus; e lá fui eu atrás deles (cerca de trezentos a quatrocentos mil anos depois). Eu estava feliz na companhia desses há muito desaparecidos: Oud orgulhoso de sua nova prole, Bud provavelmente gritando de pura alegria por estar vivo e no leme de um ótimo *slimshang*, em um planeta moribundo que estava perdendo seu oxigênio, sua água e seu calor.

“Assim como todos os pais de ninho”, diz Oud, “instruí Bud sobre como se livrar de modo mais eficiente de seus dejetos: caminhando pela manhã; e sobre como usar seus olhos de névoa para ver objetos distantes. Ele só levou alguns minutos para aprender essas habilidades, que lhe serão necessárias para uma vida inteira.”

Agora o cientista Oud assume a narrativa:

“Reparei que nos últimos dois dias tivemos apenas neve seca (geada de dióxido de carbono), com alguns poucos pedaços de neve real aqui e ali. Não é como nos tempos de nossos ancestrais, quando neve seca era raridade.”

O dia seguinte da viagem dele (deles, minha) nos levaria ao nosso objetivo, por mais mudado que o caminho estivesse desde a sua época.

Nos velhos mapas de Marte, Solis Lacus (o lago do sol) era um círculo brilhante no meio de uma área escura – embora na época a região fosse irrigada e possuísse vegetação –; a precisa circularidade do Solis Lacus ficava bem no centro.

Atualmente sabemos que a parte escura eram pó e cinza vulcânicos, o círculo brilhante era uma área elevada que fora varrida por ventos e mantida limpa.

No tempo de Oud, ela era uma dobra comprida que vinha da margem do que um dia tinha sido o fundo de um mar, como o pré-histórico lago Bonneville na Terra. Enquanto iam em sua direção, Oud disse: “Ancestrais

descreveram a maravilha e a majestade [do Velho Mar Amargo] com sua margem arredondada amaranço e turquesa brilhando no crepúsculo depois de um longo dia andando de *slimshang*. Agora ela é apenas uma elevação em uma paisagem comum que mal vale dois olhares.”

Oud recolheu sua vela enquanto deslizavam para o brilho do centro de Solis Lacus.

– Está quieto aqui, pai – disse Bud.

– É verdade – respondeu Oud –, pois foi aqui onde tudo começou.

– O senhor nasceu aqui, pai?

Oud olhou ao redor.

– Todos nós nascemos aqui. – Oud apontou para a corcova elevada na distância fria. – Foi ali que a Rocha da Vida caiu do céu. De onde nós, todas as coisas vivas, viemos. Antigamente, nosso povo voltava todo ano para o Festival do Espanto, para apreciar isso, para pensar e se maravilhar com esse acontecimento. Deve ter sido uma festa magnífica, todos os ninhos reunidos, todos torcendo e brincando, muita música.

– Está triste, pai? – perguntou Bud.

– Tristeza é para aqueles que perderam algo. Como posso estar triste? Fiz uma ótima jornada num bom *slimshang*, na baixa temporada. Cheguei ao lugar de nosso Primeiro Nascimento. E tenho um novo filho-semente que viverá para presenciar outras maravilhas neste mundo antigo que chega ao seu crepúsculo. Como poderia eu estar triste?

– Obrigado por me trazer aqui.

– Não. Obrigado a você.

Weeton aqui novamente. Deixamos Bud e Oud numa espécie de idílio valetudinariano – pelo menos gosto de pensar assim –, olhando para o sol que se punha com o Solis Lacus ao redor deles e Thyle I e II distantes.

Enquanto isso, estou aqui nesta elevação vazia que um dia foi a margem de um mar, tentando descobrir o que está arrastando o meu *slimshang* com ar retrô. O sol está se pondo, é possível que isso esteja ajudando na minha antropomorfização desses dois marcianos agora mortos há quatrocentos mil anos.

Depois de explorar a Rocha da Vida durante um dia todo (“Se você viu uma rocha, viu todas”, dizia Oud), a narrativa dele conta mais dois dias da jornada de volta a Tharsis e termina.

Até onde pudemos descobrir, Oud jamais escreveu outra palavra.

Bud, exceto por sua aparição na narrativa de Oud, é desconhecido para a história ou a literatura marcianas.

Espero sinceramente que ambos tenham tido vidas marcianas satisfatórias e produtivas.

Jamais saberemos. Enquanto Marte e os marcianos estavam morrendo, nós ainda estávamos grunhindo, saindo das cavernas, olhando para o alto, para o bonito ponto vermelho no céu.

UM HOMEM SEM HONRA

JAMES S. A. COREY

James S. A. Corey é o pseudônimo de dois jovens escritores que trabalham em parceria, Daniel Abraham e Ty Franck. O primeiro livro que escreveram sob esse pseudônimo, a *space opera* de grandes pretensões chamada *Leviatã desperta* – o primeiro da série The Expanse – foi publicado em 2010 e teve grande sucesso. Depois, publicaram mais seis volumes, além de cinco histórias curtas.

Daniel Abraham mora com sua esposa em Albuquerque, Novo México, onde é diretor do suporte técnico de um provedor local. Começou sua carreira como contista, vendendo histórias para *Asimov's Science Fiction*, *SCI FICTION*, *The Magazine of Fantasy & Science Fiction*, *Realms of Fantasy*, *The Infinite Matrix*, *Vanishing Acts*, *The Silver Web*, *Bones of the World*, *The Dark*, *Wild Cards* e outras publicações. Algumas dessas histórias apareceram em sua primeira coletânea, *Leviathan Wept and Other Stories*. Já com romances, ele escreveu vários livros em pouco tempo, incluindo a quadrilogia Long Price e a série The Dagger and the Coin. Também escreveu *Hunter's Run*, um romance colaborativo com George R. R. Martin e Gardner Dozois. Sob o pseudônimo de M. L. N. Hanover, publicou a quadrilogia de romances paranormais *Black Sun's Daughter*.

Ty Franck nasceu em Portland, Oregon, e já trabalhou em quase tudo que se possa imaginar: uma série de empregos em cadeias de fast-food, operário de pedreira, repórter de jornal, vendedor de anúncios para rádio, fabricante de compósitos, diretor de operações de uma fábrica de computadores e sócio de uma empresa de consultoria em software para contabilidade. Atualmente é assistente pessoal do colega George R. R. Martin, para quem faz café e vai ao correio e com quem fica discutindo o que constitui uma boa escrita. Na maior parte das vezes, perde a discussão.

Na história tensa a seguir, eles nos mostram que a ideia de “honra” pode significar coisas diferentes para pessoas diferentes – e para não pessoas também.

Para leitura exclusiva de George Louis, pela Graça de Deus
Rei da Grã-Bretanha, França e Irlanda

30 de Setembro de 172—

Vossa Majestade, um dia eu fui um homem de honra.

Não desejo a esta data tardia recontar as circunstâncias sob as quais o governador Smith revogou minha Carta de Corso, nem os subterfúgios pelos quais fui forçado a escolher entre minha lealdade à Coroa e minha honra como cavalheiro. Na época fiz minhas escolhas e aceitei as consequências. Durante a maior parte de uma década, liderei minha tripulação pelas águas caribenhas e as forças da lealdade pessoal, do desespero e da rude vingança me transformaram (assim como acontece com uma lagarta em sua crisálida) no homem degradado, cruel e de coração terrível que fui acusado de ser muito antes que isso fosse verdade. Afundei uma dezena de navios. Sequestrei e pedi resgate por membros de sua família. Tomei o que não era meu por direito, mas o fiz por necessidade. Não tenho dúvida de que, quando o senhor ouviu meu nome, foi em tons de condenação. E eles estavam corretos, pois centenas de vezes tornei verdadeiro o que antes era calúnia. Tampouco finjo sentir qualquer arrependimento profundo por isso. Minha lealdade e meu amor foram recompensados com traição, embora possa ser um defeito de minh'alma, e tal confiança, uma vez quebrada, jamais poderá ser restaurada.

Da mesma forma, não tenho dúvida de que nisto, a morte do governador Smith, alguma parte do crédito ou da culpa possa ser atribuída a mim. Agora escrevo a Vossa Majestade não para pedir perdão por aquilo que eu tenha feito ou me defender contra acusações das quais sou inocente. Minha única esperança é que Vossa Majestade leia

minhas palavras e por meio delas compreenda melhor as circunstâncias da morte do governador e meu papel nela. Só peço que, quando Vossa Majestade ler isto, tenha em mente duas coisas: juro perante Deus que, embora ele tenha merecido minha vingança mil vezes, não foi a minha mão que abateu o governador; e que um dia eu fui um homem de honra.

Imagine, então, meu navio, o *Dominic de Osma*, enquanto navegava as ondas de agosto. Um furacão havia atingido a costa três dias antes, a água e o ar tinham a serenidade que só vem depois, ou antes, de tamanha tempestade. O sol brilhava com um calor debilitante, olhando sobre nossas pobres cabeças pecadoras como o olho de um Deus imperdoável, ou ainda como Seu adversário. Navegamos em um mar cujo azul refletia o céu. Lembro-me de ter sentido uma paz profunda enquanto nos movíamos entre essas duas vastidões incomparáveis. Eu possuía um porão estocado de carne de porco salgada, água fresca, limões e rum. Contava com uma tripulação de homens em cujas lealdade e habilidade tinha motivos para confiar. Poderíamos ter passado semanas no mar sem avistar terra ou embarcação amiga antes de sentir as primeiras dores da ansiedade.

Mas não era isso que viria a acontecer.

Quohog foi o primeiro homem a avistar o navio condenado e seu grito bárbaro ressoou do cesto da gávea. Em seu sotaque, um dos mais estranhos que já ouvi no Caribe, o grito de “Navio à vista!” soava muito mais como “Aahvi aahvisa”, e seu posterior relato da fumaça, como “Fuwucha”. Para aqueles de nós que haviam embarcado com ele, não podia haver dúvidas quanto ao significado de seu falar embaralhado, mas quanto à intenção, acredito que todos nós hesitamos. Quohog tinha uma reputação merecida de homem que gostava de uma boa brincadeira e nenhum de nós teria se surpreendido se ele tivesse inventado a visão pela pura alegria de olhar para o convés e nos ver sair correndo. Foi por isso que não dei ordem de trocar nossas

velas até que eu mesmo pudesse, com uma luneta na mão, subir e confirmar a existência daquele navio improvável.

Era um filibote mercante, aquilo estava claro, e navegava baixo na água. Velas que um dia se inflaram orgulhosas pendiam esfarrapadas de seus braços e de dentro dele saía fumaça. As portinholas de armas estavam abertas e sua meia dúzia de canhões ficara para fora, sem homens cuidando deles. A bandeira esfarrapada da Dinamarca ondulava no mastro. Sua amurada e o costado estavam em pedaços e chamuscadas. Em retrospecto, acho que foi a marca de queimado que me causou desconfiança, pois eu já vira os restos de muitas batalhas no mar e nunca tinha visto marcas de fogo daquele tipo feitas por armas do homem. Em vez disso, supus que estivesse olhando para um navio atingido por um raio que, por azar ou maldade, tivesse sido apanhado em mar aberto durante a tempestade que acabara de passar. Tais prêmios fáceis eram raros, mas não impossíveis, e foi com prazer que gritei nossa boa sorte e ordenei que o homem ao timão nos levasse em seu encalço.

Ainda consigo me lembrar do movimento lento do navio abandonado: ele começou como um ponto no horizonte, foi se transformando em uma massa negra do tamanho de uma moeda e seus mastros ganharam forma mesmo sem o auxílio de uma luneta. Foi aí que, entre uma respiração e outra, já havíamos chegado. De perto, a extensão do estrago que ele sofrera se tornou mais clara. A queimadura preta ao longo do costado reduziu suas tábuas superiores a carvão e buracos irregulares perfuraram sua carne. Eu não tinha dúvidas de que ele navegava baixo não pelo peso de sua carga, mas porque havia água dentro dele. A fumaça que vinha de seu interior era muito quente. Quando encostamos nele, meu único medo era de que o fogo chegasse a qualquer paiol que o navio mercante possuísse e detonasse sua pólvora enquanto estivéssemos perto o suficiente para sermos atingidos. O nome em sua amurada era *Vargud van Haarlem*. Eu me orgulhava em conhecer as águas onde fazia meu comércio e jamais ouvira

falar nele. Só isso já devia ter sido um aviso, mas eu era atrevido e, pior, curioso. Ordenei que embarcassem, passei o comando ao meu imediato, Sr. Kopler, e eu mesmo fui até seu convés arruinado.

Após chegar, a primeira coisa a chamar minha atenção foram os corpos dos mortos. Muitos eram marinheiros vestidos com lona áspera como era comum aos navios mercantes e piratas, mas vários estavam com os uniformes de soldados da guarda colonial. E entre eles havia estranhos objetos com articulações que lembravam muito as patas de caranguejos, mas eram enormes, da grossura da coxa de um homem forte e da altura do meu corpo. Instruí meus homens a andarem com cuidado e permanecerem prontos para correr de volta ao *Dominic*, mas nem precisava me dar ao trabalho. Digo sem pudor que havia algo de assustador no *Vargud* ; caminhei por seus conveses sem me esquecer das histórias do *Holandês Voador* e de navios tomados pela peste que navegavam muito tempo depois que suas tripulações haviam morrido. O tombadilho do *Vargud* queimava como o fogo de uma fornalha, mas as chamas pálidas permaneciam estranhamente fixas. As velas não eram de lona, mas de um estranho material mineral que o calor não consumia. No leme, os restos queimados de um homem permaneciam em pé, as mãos fundidas ao timão. Enquanto eu permanecia ali parado tentando imaginar que configuração maldita poderia deixar tamanho estrago atrás de si, a voz de meu terceiro oficial, Sr. Darrow, me chamou.

O Sr. Darrow era da Nova Inglaterra e, embora alguns possam ser comparáveis a ele em navegação, nunca existiu homem mais lacônico. Ouvir o alarme em sua voz me gelou até os ossos. Lembro-me de suas palavras exatas: “Capitão Lawton, precisam do senhor no porão.” Ao vê-las escritas aqui, elas parecem prosaicas, mas asseguro a Vossa Majestade que naquele instante pareciam um grito vindo do Inferno. Saquei minhas pistolas e desci ao porão, preparado, assim acreditava, para encontrar qualquer coisa.

Eu estava enganado.

Para aqueles acostumados ao porão de um navio de linha, a barriga de um filibote é uma coisa estranha. Eles são grandes e robustos, feitos para serem enchidos com caixotes suficientes para a jornada entre o Velho e o Novo Mundos, garantindo um bom lucro. Na vasta escuridão do interior daquele navio, encontrei apenas meia dúzia dos meus homens e mais duas coisas: um estrado com uma montanha de ouro que ia até a minha cintura (o ouro tinha formas e desenhos que vim a conhecer como sendo incas) e uma mulher ao lado dela, espada numa das mãos, pistola na outra e encharcada do próprio sangue.

Lembrando desse momento, penso que não pode ter havido tanta luz, mas juro ao senhor que a vi naquela penumbra tão claramente quanto se fosse dia. Ela era meia cabeça mais alta do que eu, e não sou um homem baixo. Sua pele tinha a cor e a maciez do leite com chocolate e seus cabelos eram apenas meio tom mais escuro. Vestia calças de homem e uma jaqueta de brocado que faria qualquer cavaleiro da corte orgulhoso, embora fosse cortada de acordo com sua figura. Seus olhos tinham o dourado do pelo de um leão e a ferocidade do animal também estava marcada no ângulo de seu maxilar.

Na mesma hora vi que estava bastante ferida, mas bloqueava o caminho para o tesouro com seu corpo e não deixaria homem algum passar. Na verdade, quando avancei, ela mirou o cano de sua pistola em minha testa, e não tive dúvidas de que o menor movimento de seu dedo acabaria com minha vida. O Sr. Darrow estava ajoelhado no convés e um tripulante jovem chamado Carter permanecia deitado a seus pés, mão no ombro.

– O que é isto, então? – perguntei.

– É meu – respondeu a mulher. – O que o senhor vê aqui é meu e não roubará isto sem me massacrar, assim como fez com meu povo.

– Eu não massacrei ninguém, senhorita. Ou pelo menos ninguém por aqui. Sou o capitão Alexander Lawton.

– Lawton? – repetiu ela, e pensei ter visto um quê de reconhecimento em sua expressão. – O mesmo que se rebelou contra o governador Smith?

– E perdeu – respondi, fazendo troça. – Ele mesmo.

– Então o senhor é a resposta às minhas preces. O senhor precisa me levar de volta ao meu navio.

Darrow me olhou de esguelha e compartilhei de seu pensamento. Os ferimentos dela sem dúvida a haviam deixado num estado delirante, pois já estávamos dentro de seu navio e ela pedia para ser levada de volta a ele.

– Abaixе suas armas e farei o que puder – respondi. Ela não desviou sua pistola.

– Dê-me sua palavra de honra.

Vossa Majestade, é com dificuldade que descrevo as emoções que surgiram em mim com aquelas palavras. Ela estava em minoria e com menos armas, e não implorou. Suas palavras não eram um pedido, mas uma exigência. Havia anos minha palavra de honra não valia o ar necessário para proclamá-la e, no entanto, ela insistiu nisso como se fosse algo de valor.

– Não posso oferecer o que não tenho – afirmei. – Mas prometo que a senhora não sofrerá mal algum.

A expressão dela ficou séria. Ela abaixou a pistola, e, como se continuasse o mesmo movimento, desabou no convés. Mal consegui me ajoelhar a tempo de impedir sua queda.

– Carter está ferido – disse o Sr. Darrow. – Tentou separar a senhorita aí de seu ouro.

– Achei que era o que deveria fazer – sugeriu o jovem.

– Você vai sobreviver? – perguntei, levantando a mulher inconsciente.

– Pode ser que sim, pode ser que não, senhor – respondeu Carter. – De todo modo, tentar passar por cima dela é um erro que não cometerei duas vezes.

Deixei o Sr. Darrow em posse do navio em chamas e transportei a mulher cujo nome ainda ignorava para o *Dominic* para junto do Dr. Koch. Vossa Majestade talvez

conheça a reputação um tanto desagradável do doutor, e não posso dizer que não seja merecida, pois éramos homens desagradáveis, mas, quando apareci em sua cabine com uma mulher desconhecida e inconsciente nos braços, posso lhe dizer com toda a honestidade que seu juramento como um homem dedicado a curar lhe conferiu uma expressão de preocupação real, parecida com a de uma cadela preocupada em cuidar de seu filhote ferido. Ele me pediu que a deixasse ali para que pudesse cuidar de seus ferimentos e jurou que mandaria me chamar quando ela recobrasse a consciência. Ele não manteve essa promessa, mas, dadas as circunstâncias, não posso culpá-lo.

Voltei ao convés a tempo de ouvir a voz seca de Darrow concordar que o ouro que o *Vargud* carregava era uma bela recompensa. À luz do sol, o ouro brilhava com uma riqueza e beleza que eu nunca vira antes, como se o metal estivesse vivo e consciente. Já vi muitos tesouros na vida, mas senti naquele momento que as riquezas diante de mim eram de uma ordem diferente de todas que já conhecera.

Respirei fundo e ordenei que tudo fosse levado para baixo, e logo o grito “Aahvi Aahvisa” mais uma vez interrompeu os procedimentos. Peguei o trompete de falar e gritei para Quohog. A primeira parte de sua resposta, “Aahvi iin, Catan. Ghana. ”, era perfeitamente compreensível para alguém que já havia navegado com ele. Um navio de linha e, pior, um que trazia a bandeira pessoal da minha velha nêmesis, o governador Smith. A segunda parte, entretanto, “Eiteh montus!”, me escapou na época. Só mais tarde eu entenderia que meu bravo vigia estava tentando dizer: “Ele tem monstros!” Minha tripulação e eu agimos de imediato. As tábuas colocadas entre o *Dominic* e o *Vargud* foram recolhidas, as cordas entre nós cortadas, e içamos as velas.

Devo presumir que Vossa Majestade não teve a chance de passar alguns anos a bordo de um navio com a mesma tripulação. Permita-me, então, relatar que existe uma

conexão que cresce entre homens em longa associação no mar, uma compreensão sem palavras que vai além da mera antecipação das ordens, chegando a um ponto em que elas se tornam quase desnecessárias. Por favor, não pense que me gabo quando digo que minha tripulação funcionava como uma única criatura com uma centena de mãos e uma única mente, pois nesse quesito, como em tudo que ponho aqui, minha única ambição é fazer com que Vossa Majestade fique a par dos fatos. Quando digo que não haviam se passado cinco minutos até termos nos livrado do *Vargud* e seguirmos em frente, estou sendo generoso. O *Dominic* se orgulhava de ter um baixo calado, um mastro altaneiro e a mão experiente do Sr. Kopler no timão. Foi uma combinação que já nos havia feito passar em segurança por uma dezena de perseguições. E, no entanto, quando olhei para trás por aquele mar vasto, o navio do governador estava se aproximando rapidamente. O vento não era forte e eu tinha muita fé de que qualquer corrente afortunada sobre a qual o governador por acaso estivesse passando em breve lhe falhasse e nós conseguíssemos escapar.

Eu estava enganado.

Ao longo da hora seguinte, ficou claro que o navio do governador não apenas estava mantendo o mesmo ritmo que o nosso, mas se movia com mais rapidez. Pela minha luneta, vi a proa dele cortar a água como se empurrada por alguma força invisível. Também vi os inconfundíveis uniformes da guarda colonial sobre o convés. Entretanto, havia mais alguma coisa, que no começo pensei ter apenas imaginado. Sobre o convés, mais alta que os soldados, estava uma estátua enorme. Ela parecia uma aranha grotesca e, no entanto, não era. Quando olhei outra criatura semelhante nos cabos, se movendo com a rapidez e a segurança de algo vivo, me lembrei das coisas que vira no *Vargud*, coisas que eu havia tomado como patas de caranguejo. Por improvável que parecesse, aquilo não era uma estátua, era uma coisa viva, uma besta tão terrível que parecia ter sido arrancada das páginas do Apocalipse. Uma

dessas feras encontrara seu fim ali antes que o navio amaldiçoado tivesse conseguido fugir de seus perseguidores. Agora mais duas feras, a guarda colonial e o próprio governador Smith estavam correndo em minha direção para terminar o serviço. Eles tinham mais canhões do que nós. Tinham muitos soldados com mosquetes. O governador Smith, ao que parecia, se aliara às forças do Inferno. A bordo do *Dominic* não havia uma palavra de pânico, nem choro nem prece, apenas a concentração que o medo pode trazer, pois não havia dúvida de que, se fôssemos apanhados, pereceríamos.

Tanto o navio do governador chamava a minha atenção que não vi nem ouvi quando nossa convidada retornou ao convés. Apenas senti um cheiro de sangue e magnólias, tirei a luneta do olho e ela estava a meu lado. O Dr. Koch havia atado suas feridas com trapos e prendido seu braço esquerdo contra as costelas, mas ela estava ali em pé tão firmemente quanto uma mulher sem ferimentos. Quando falou, foi com aspereza na voz:

– Onde estamos?

Dei-lhe nossa localização em termos vagos e ela insistiu em olhar os mapas. Vi seu olhar dourado vasculhar o desenho do mar do Caribe. Ela colocou um único dedo escuro em um lugar não muito distante de nossa posição.

– Aqui – disse ela. – Leve-nos para esse local.

– Se virarmos, eles nos interceptarão.

– Se continuarmos, eles nos capturarão. Uma coisa não será melhor que a outra.

– Era para lá que você estava fugindo da primeira vez em que foi capturada?

– Era. E é a nossa única esperança agora.

Admito que hesitei. Apenas algumas horas antes, eu vira essa mesma mulher pedir para ser devolvida ao navio no qual já estava. Eu havia carregado sua forma exausta nos meus braços. Não tinha motivo para acreditar que ela estivesse em seu juízo perfeito ou mesmo confiar na lucidez que ainda poderia ter. Ela sentiu minha relutância e me

encarou. Na penumbra do porão, quando estava semienlouquecida de dor e de medo, ela já era uma mulher bonita. À luz do sol, era incomparável. Um atrevimento alegre tomou conta de mim e abri um sorriso largo e franco como não fazia havia anos.

– Sr. Kopler, a toda para estibordo! – gritei.

O *Dominic* rangeu com a mudança súbita, seus flancos e vigas curvados pelo peso do mar e pela força do ar. O navio do governador também mudou seu curso, o que o aproximou ainda mais de nós. Já era possível ler o nome no costado. O *Afrodite* chegou tão perto de nós que eu via as baforadas de fumaça e ouvia os barulhos dos rifles quando os soldados em seu convés miravam em nós, torcendo para conseguirem um bom tiro. As grandes feras semelhantes a aranhas emitiam cliques e rastejavam ao longo das cordas e dos mastros. Embora o navio ainda não estivesse em posição de abordagem, vi as portinholas de armas começarem a se abrir. Logo fugir não seria mais uma opção e a batalha teria de acontecer.

A meu lado, a mulher não se preocupava com o destino terrível que nos aguardava, mas encarava atentamente as águas claras sobre as quais navegávamos. Vossa Majestade não terá feito, penso eu, a jornada até aquele local. Mas, como um homem que conheceu muitos mares, posso garantir que nenhum mar europeu, nem mesmo aquele berço da civilização, o Mediterrâneo, pode se comparar com a claridade de vidro que o mar do Caribe pode às vezes atingir. Se uma pessoa puder treinar seus olhos para ver além do céu refletido, é como se estivesse navegando sobre o ar. Olhei junto com ela para o verde mosqueado do fundo do oceano, mais próximo do que eu esperava que estivesse, e, sem aviso, ela soltou um grito da mais pura alegria. Bem abaixo de nós, aquilo que eu havia tomado como o fundo do oceano se moveu, virando-se lentamente em nossa direção. O mar ferveu e os gritos desesperados saídos do *Afrodite* se fizeram ouvir por sobre as ondas. Quatro grandes muralhas se ergueram da água, quase como se subissem direto para o

céu. Então, como Poseidon fechando seu punho sobre nós, as paredes se arquearam, juntaram seus topos e bloquearam o sol.

Um som de rugido mais alto do que qualquer coisa que eu já ouvira preencheu o mundo e tive a terrível sensação de um peso sobre mim, como se mãos divinas estivessem pressionando cada átomo do meu ser. Ao meu redor na súbita penumbra, vi meus homens sendo pressionados lentamente de encontro ao convés e ouvi os protestos do *Dominic* à medida que a madeira rangia. Tive medo ao ver o oceano batendo na amurada, mas o peso, o que quer que fosse aquilo, parecia não afetar nossa capacidade de boiar.

A mulher também escorregou para o convés, trazida para baixo pelo mesmo terrível peso. Seu rosto era a imagem do triunfo e foi a última coisa que vi antes que a escuridão me abraçasse.

Existe um abismo entre mundos, Majestade, maior que qualquer oceano. Seu vazio só é aliviado por um sol que não se põe, que queima na escuridão, e por uma inimaginável profusão de estrelas. Os navios que enfrentam esse abismo superior são maiores que qualquer leviatã das águas. Como posso descrever adequadamente a glória do navio dentro do qual despertei? Como posso falar sobre a graciosidade de suas linhas, da força que o permeava? Imagine entrar na ampla nave da Catedral de São Paulo, mas com cada arco feito não de pedra, mas de um cristal vivo que brilha com o improvável azul de uma asa de borboleta. Imagine o pobre *Dominic de Osma*, que abrigara a mim mesmo e meus homens todos esses anos, caído de lado como um brinquedo de criança abandonado ao lado de um riacho, enquanto, do lado de fora da grande janela, as estrelas brilham firmes e constantes como Vossa Majestade nunca viu no ar instável da Terra.

E o inimigo. O condenado *Serkeriah* era um navio extremamente belo e seus perseguidores espelhavam essa característica de forma grotesca. Inumanos e insetoides enxameavam pelo vazio, as mil garras sujas de uma única

mão demoníaca. Dentro de suas carapaças, uma luz sulfurosa brilhava. Garras serrilhadas se estendiam de cada um desses corpos impuros e sabíamos que ser tocado por uma delas não significaria apenas um corte: estaríamos infectados. E era nisso, Vossa Majestade, em uma dessas feras, que o correto e honorável governador Smith navegava.

Mas me adianto, pois ainda não sabia de nada disso enquanto estava em meu sono incomum. Na verdade, não soube de nada até que uma voz que não me era familiar me alcançou e me chamou a despertar.

– Acorde. Por favor, acorde! – exclamou a estranha voz.

Não existe, como tenho certeza de que Vossa Majestade sabe, ímpeto maior que possa chamar um homem de volta de suas profundezas inconscientes do que o medo de que aqueles confiados aos seus cuidados e comando possam estar em perigo. Levantei-me com um grande esforço, pois minha consciência havia me deixado por completo. Mas quando consegui abrir as pálpebras, que resistiam, duas surpresas aguardavam. A primeira era o homem que havia pronunciado as palavras. Ajoelhado, ainda era tão alto quanto eu de pé. Seu corpo curvado estava coberto por uma pelagem castanha macia e ele, embora expressasse perturbação e uma gentileza quase inimaginável, se parecia muito com um sereno, gentil e incrivelmente peludo sapo.

A segunda surpresa era que suas palavras não foram dirigidas a mim.

– Qual é a nossa situação, La'an? – perguntou a mulher.

Seria um erro dizer que a voz dela era fraca. Pelo contrário, era a voz de uma pessoa forte debilitada pelo sono ou pela doença.

– A liga metálica que a senhora nos trouxe foi recuperada, capitã – disse o homem-sapo –, mas a frota ikkeana está nos perseguindo. E a tripulação...?

– A tripulação se foi – respondeu a mulher, se levantando. – Fomos atacados no mar e só eu sobrevivi. Tive sorte, e esses homens me ajudaram.

O homem-sapo fez um som perturbador no fundo da garganta, parecido com o de um pássaro, quando olhou para nosso bando de desgraçados. E como estávamos maltrapilhos, Majestade, até mesmo para um grupo normalmente já em farrapos. O jovem Carter jazia deitado sobre o convés cristalino e Quohog a seu lado, como dois homens adormecidos. O Sr. Kopler acordara e estava de joelhos, os olhos arregalados enquanto olhava para a grande estrutura que nos cercava. O Dr. Koch, cabisbaixo, corria entre os homens caídos, os olhos cegos a todas as maravilhas na sua pressa de cuidar dos homens. E eu, confesso, fiquei sentado, atônito, perturbado pelo maravilhoso e terrível fado que nos atingira. Quando a mulher se pôs de pé, acabei fazendo o mesmo, mais por um instinto de decoro do que pelo exercício consciente da vontade. Somente o Sr. Darrow parecia não ter sido afetado pelo ambiente de outro mundo que nos cercava. Com a calma de um advogado perante o juiz, se aproximou da mulher enquanto ajeitava os cabelos.

– Perdão, mas essa liga metálica de que a senhora falava... não seria o ouro inca, seria?

Tanto a mulher quanto o homem-sapo se viraram, ele assustado e ela entretida.

– Você está correto – respondeu ela. – Não é ouro de verdade, mas uma liga rara formada na crosta vulcânica de alguns mundos.

– Viu? – disse o Sr. Darrow virando-se para o jovem Carter, que só agora havia recuperado a consciência. – Eu disse que era leve demais. Ouro de verdade é mais pesado.

– O senhor é muito inteligente – respondeu Carter. – Mas, então, estamos mortos, certo?

– Não ainda – disse a mulher que capitaneava aquele estranho navio. – Mas em breve estaremos. Sem tripulação, o *Serkeriah* não poderá fugir de seus inimigos.

– Madame – interrompi –, receio ter subestimado tanto a senhora quanto a gravidade de sua situação. Meus homens e eu nada sabemos de como manejar um navio como o seu, mas estamos juntos no mar há muitos anos e essa união é uma força que não pode ser desconsiderada.

Os olhos dela encontraram os meus e senti, quase fisicamente, as dúvidas que ela tinha em relação a mim.

– Você quer que eu o deixe operar meu navio?

– Capitã – disse o homem-sapo –, existe outra opção?

Imagine, Majestade, que nossos lugares tivessem sido trocados. Que eu estivesse a bordo do *Dominic de Osma* mas privado dos meus mais valiosos tripulantes. Posso dizer que não teria me enfurecido com a perspectiva de dar o leme ao gentil La'an, muito embora estivéssemos aprisionados entre águas de arrecifes e canhões inimigos? Não posso. Controlar um navio é uma atitude terrivelmente íntima, e entregá-lo a uma mão desconhecida é um salto de fé entre os infiéis. Mesmo quando ambos sabíamos, ela e eu, que aquele casamento devia ser realizado, vi a hesitação nos seus olhos.

– La'an – disse ela –, conduza esses homens aos seus postos e lhes dê toda a assistência e orientação que puder. Capitão Lawton, se puder me acompanhar ao nó de comando.

– Como refém para garantir a boa conduta dos meus homens?

– Se quiser pensar assim.

E, Majestade, eu fui.

Ao atravessarmos o vasto interior do *Serkeriah*, Carina Meer, pois esse provou ser o nome dela, fez o melhor que pôde para me colocar a par de nossa situação, e farei o melhor que puder para resumir aqui o que ela me disse. Aquele corpo a que chamamos de Marte um dia foi lar de uma vasta e florescente civilização. Grandes cidades de cristal vivo enchiam as montanhas e planícies, conectadas por uma rede de canais de água doce. Sete raças viviam juntas ali, em harmonia e em conflito, paz e guerra, muito à

maneira das nações de nosso mundo. Ela me contou de quando era uma criança e olhava para cima, para o vasto céu noturno, e via o brilho que, para ela, era nosso mundo, e eu me vi muito comovido pela imagem. Essas cidades atualmente jazem em ruínas, os canais vazios e secos. A raça ikkeana, por razões conhecidas somente por seus conselhos insetoides, se voltou contra os outros seis povos. Os manae de conchas macias, os sábios e gentis sorid (dos quais La'an era o primeiro a quem eu conhecia), os radiantes imesqu, os grandes e lentos norian, os mecânicos achreon e a nossa prima humanidade foram afastados para o subsolo do planeta, para vi verem nas grandes cavernas aonde os ikkeanos temiam ir. As seis raças conquistadas viveram na escuridão e no desespero até que o irmão da Carina, Hermeton, descobriu por acaso em um de seus experimentos alquímicos uma rara liga metálica capaz de gerar grande quantidade de energia. Suas novas máquinas solares, assim se esperava, poderiam reduzir a ameaça ikkeana, mas para isso era preciso encontrar uma grande quantidade desse material.

Com esse propósito, eles haviam enviado seu pessoal para a rica profundidade da Terra, para recolher da violência do núcleo de nosso planeta o meio de sua liberdade. Grande era o temor de serem descobertos, pois, embora seu poder seja vasto, a ameaça ikkeana é constante. Uma aliança entre a raça ikkeana e os humanos da Terra certamente teria sido o fim das outras seis raças. E esse temor, Vossa Majestade verá, não era infundado.

Mas deixe-me também dizer que, enquanto eu caminhava pelos salões iridescentes do *Serkeriah*, sentia o poder dele. Com algo igual, apenas um navio, Majestade, eu poderia ter me transformado em imperador de toda a Europa. Nenhuma marinha teria conseguido resistir a mim. Nenhum exército poderia me trazer de volta a terra. Nenhuma cidade, por poderosa que fosse, deixaria de tremer à minha sombra. Imagine então o poder do inimigo que os havia derrotado, e graças ao misericordioso Deus a

ambição dos ikkeanos ainda não havia se estendido à Inglaterra. Mas novamente me adianto.

Minha tripulação trabalhou com hombridade em seus novos postos. A experiência do alto-mar dera a cada homem uma compreensão instintiva do movimento e da mecânica que nenhum estudo pode suplantar. Junto com os poucos remanescentes da tripulação de Carina Meer, La'an fez de tudo para treinar meus homens enquanto voávamos pelo vácuo, colocando nossas vidas em risco. Não vou contar em detalhes o desconforto que todos sofremos à medida que horas se tornaram dias e dias se tornaram semanas. Os navios ikkeanos fizeram tudo que podiam para nos ultrapassar, nos enganar e nos desviar de nosso caminho. Dormíamos quando podíamos, trabalhávamos quando precisávamos e encarávamos a exaustão e o medo com o bom humor e a camaradagem costumeiros. À medida que o planeta vermelho se aproximava, nossos perseguidores iam ficando mais desesperados. Por algum tempo, acreditei que conseguiríamos atingir nosso objetivo. Mas nosso inimigo era experiente e tinha mais homens. Eles nos cansaram, como alguém que bate em uma pedra dura até que vire pó.

E mesmo no fim, cercados como estávamos pelos diabólicos navios do inimigo, eles nos temiam. Um animal acuado é ainda mais perigoso. Foi nesse momento que vi novamente o governador Smith.

Imagine se puder, Majestade. Eu estava em pé no amplo tombadilho do *Serkeriah* junto com a capitã Carina Meer. Ela olhava para o amplo lago; era ali que nosso navio e o de nosso inimigo eram banhados por uma luz que parecia saída de mãos angelicais. O cheiro de carne queimada ainda estava no ar, testemunha silenciosa de nossos combates anteriores. O gentil La'an e o Sr. Kopler estavam em seus postos, a meu lado, cada qual coordenando metade do grande organismo formado por nossas tripulações combinadas. E então os navios se juntaram. Por intermédio de qual magia, não sei dizer, mas o painel amplo de cristal à minha frente se moveu e se alterou, como um

espelho encantado dos contos de fadas, e passou a refletir não o meu próprio rosto, mas o do governador Smith. Os anos foram gentis com ele. Seus cabelos castanhos só tinham um leve toque de cinza nas têmporas e a pele estava esticada com a gordura de ricos banquetes. Seu sorriso ainda era amigável como eu conhecera na época em que o considerava, equivocadamente, meu amigo.

– Capitão Lawton – disse o governador –, eu achava que o senhor estava em casa.

– Governador – respondi.

– A causa da sua captora está perdida. A criminosa Carina Meer será levada em custódia por meus aliados e responderá por seus crimes. Só não sabemos ainda como isso será feito. Vejo que nossas hipóteses estavam corretas. O senhor e seus homens foram obrigados a trabalhar a serviço da capitã Meer.

– Não sou feitora de escravos – disse Carina Meer. – São os ikkeanos que utilizam escravos e forçam os outros a fazerem a sua vontade.

– Seja como for – continuou o governador –, tenho uma proposta, capitão Lawton. Meus aliados prefeririam que trouxéssemos a prisioneira e seus bens roubados para o nosso navio de forma tranquila. O navio em si não lhes é de interesse. Se o senhor e seus homens fizerem a gentileza de prender a pessoa de Carina Meer e abrirem suas comportas aos nossos enviados, o *Serkeriah* será seu por direito do mar.

– Não posso acreditar que o senhor esteja falando isso – falei.

– Pelo contrário – respondeu o governador. – Dou-lhe minha palavra de honra e, como ambos sabemos, eu jamais quebro minha palavra.

Era verdade, Majestade. Por mais diabólico que ele fosse na hora de elaborar suas promessas, por mais que suas habilidades de quebrar o espírito em uma barganha fossem dignas de Mefisto, a palavra de honra do governador Smith não havia sido manchada, nem mesmo no ato de destruir a

minha. Se ele me prometia o grande navio que viajava entre mundos em troca de Carina Meer e sua liga, então ele seria meu. Disso eu não tinha dúvida.

Devo dizer, então, que hesitei? É, afinal de contas, a ação esperada de um homem de minha reputação. Devo dizer que, dada a perspectiva da derrota por um lado e da liberdade e do poder ilimitados por outro, minha natureza me fez balançar? Não. Minha resposta ao governador foi imediata, crua, emotiva e improvável.

O ataque ikkeano começou imediatamente.

Entrar em um navio no abismo entre os mundos não é coisa fácil. O navio agressor voou em nossa direção, suas máquinas infernais queimando a toda. Bocas cruéis rasgaram a pele da embarcação e cuspiram seus guerreiros dentro das salas e das cúpulas do *Serkeriah*. Uma grande quantidade de vidas, acredito, se perdeu naquela primeira hora, em que meus homens e os de Carina derrubaram os invasores conforme eles tentavam entrar. Eram criaturas imensas, Majestade. E sua enorme massa aracnídea não fazia com que sua velocidade fosse menos terrível. Por dispositivos que carregavam nas extremidades das pernas, as feras produziam raios de pura luz que podiam queimar um homem em poucos momentos. Ao lado desses demônios abissais havia a guarda colonial, provavelmente servos da Coroa, mas que serviam somente ao governador Smith.

Lutamos com eles nos corredores e nos salões, nos depósitos químicos de rádio e no vasto coração de oito câmaras da embarcação. O Dr. Koch usou um gás venenoso, que produziu junto com o engenheiro manae Octus Octathan, e fez com que voltassem rapidamente para o outro navio. E Quohog, o jovem Carter e o Sr. Darrow conseguiram salvar um canhão das ruínas do *Dominic de Osma*, e com ele explodiram uma dezena de ikkeanos além de arrebentarem pedaços das carapaças de outros, o que resultou em uma gosma amarela nauseante. É com grande orgulho que relato que meus homens, todos baderneiros e bandidos, lutaram como os heróis de outrora. Suas armas

disparavam sem parar e suas espadas trançavam uma rede faiscante de aço através da qual até mesmo os horrores ikkeanos temiam passar. Mas uma defesa tão vigorosa também nos causou terríveis perdas e mais uma vez recuamos. Perto do fim, fiquei ao lado da capitã Meer, meu cutelo em uma das mãos e um aparelho de vidro e prata que queimava com luz esmeralda na outra, mantendo o inimigo distante. Ainda posso sentir as suas costas contra as minhas enquanto nos defendíamos. Por um momento o fedor da fumaça e da morte desapareceu e o perfume de magnólia encheu as minhas narinas. Espero que, quando minha hora chegar, essa seja a última lembrança em minha mente.

Naturalmente, fomos vencidos. O custo para o inimigo, com o devido crédito a mim e minha tripulação, foi grande, mas a pura força dos números nos devastou. Fui derrubado no chão, me amarraram os tornozelos e os pulsos, e me arrastaram para uma câmara de prisão junto com o resto da tripulação. Lá ficamos, quase uma centena de presos completamente diferentes. Talvez um quarto de meus homens tenha perecido; seus corpos jaziam empilhados contra uma das paredes, misturados com os corpos do povo de Carina. Eram homens cujos sonhos eu havia conhecido, cujos destinos haviam estado ligados a meu. Muitos deles não eram bons homens, não eram bondosos nem misericordiosos nem gentis, mas eram meus e estavam mortos. A capitã Meer estava amarrada a meu lado. Seu ombro exposto tinha uma grande escoriação e o lábio havia sido cortado por um soco do inimigo. Gritei chamando o Sr. Kopler e o Sr. Darrow, e fiquei mais tranquilo ao ouvir suas vozes.

– Você devia ter aceitado a oferta dele – disse Carina Meer.

O jovem Carter perguntou qual era a oferta, mas eu o ignorei.

– Quando você se rendeu a mim a bordo do *Vargud*, prometi que nenhum mal lhe ocorreria – respondi. – Tenho

certeza de que o governador Smith não teria respeitado isso. Não tive escolha.

Ela se virou para mim da melhor forma que pôde. Seu sorriso eloquente continha tristeza e divertimento, admiração e desespero.

– E se você não tivesse feito tal promessa? Se seu senso de honra um tanto manchado não o tivesse restringido, você teria me traído?

Fiquei em silêncio por um tempo. Compreendi então que aquela incrível mulher conseguira destruir a imagem que eu tinha de mim e colocar um homem diferente no lugar. O jovem Carter resmungou algo sobre a oferta e ter o direito de conhecer os termos antes que o Dr. Koch o mandasse se calar. Suspirei profundamente.

– Eu não teria – confessei. – Embora isso tivesse salvado a vida dos meus homens e a minha, eu não teria entregado ninguém às mãos do governador Smith e de seus novos aliados.

– Considere então que, mesmo tendo perdido sua honra, algo ainda deve restringi-lo – disse ela. – Honra é um fardo que deve ser esquecido ou abandonado. É a bondade, penso eu, que não deixa escapatória.

O que posso dizer, Majestade? Naquele dia eu havia sofrido golpes no corpo e na alma. Havia encarado as mandíbulas de imensas feras-aranha e dito um adeus silencioso a homens que foram tão próximos de mim quanto membros da minha família. Como era estranho, então, que o golpe que fosse destruir Alexander Lawton, o Flagelo do Mar do Caribe, houvesse de ser desferido de forma tão gentil e tão suave. Estava eu deitado em nossa prisão lotada, os olhos voltados ao céu, e confrontei pela primeira vez a possibilidade de que a perda de minha honra não precisasse significar a perda de minha alma. Porque tantos anos atrás, na juventude, lutei para proteger e celebrar minha honra, e no fim isso se tornou minha fraqueza. Meu amor pelo meu bom nome foi a vulnerabilidade que o governador Smith usou para me

destróçar. Meus anos nos mares, meu desprezo pela lei e pela decência, tudo isso se mostrou mesquinho. Vossa Majestade esperaria que esse pensamento me trouxesse alegria? Que a luz da bondade pudesse se derramar sobre mim como uma aurora abstrata e espiritual? Pois isso não ocorreu. Ao contrário, doeu. Como Aquiles, voltei à minha tenda para sofrer em silêncio e, com um gentil comentário, Carina Meer sugeriu que essa escolha não era digna de mim.

– Madame – respondi –, seu otimismo é absurdo.

Nos meus piores momentos, Majestade, ainda posso ver a surpresa e a dor na expressão de Carina Meer com minha grosseria. Acho que ela poderia ter continuado, me forçado a melhor me explicar, mas virei-lhe as costas e fiquei com meus pensamentos. Por algum tempo permaneci assim, emburrado por meu orgulho masculino ferido e lamentando amargamente ter cruzado com o *Vargud van Haarlem*. Tampouco relataria isso a Vossa Majestade se esta conversa não tivesse alguma relação com o assunto que me trouxe a fazer-lhe este relato. De fato, mesmo agora, fiquei bastante tentado a omiti-lo. Sejam quais forem os pecados que possam permanecer marcados contra minha alma, posso pelo menos afirmar que a falta de sinceridade não está entre eles.

– Capitão Lawton? – perguntou o Sr. Kopler, sua voz me trazendo de volta à realidade. Fiquei surpreso ao descobrir que havia lágrimas nos meus olhos. Tossi e enxuguei-as o melhor que pude no meu ombro.

– Sr. Kopler – respondi –, já conseguiu libertar suas mãos?

– Sim, senhor.

– O senhor ganhou desta vez – disse o Sr. Darrow, de má vontade. – Eu estava com cãibra num dos polegares, senão teria me libertado antes, senhor.

– Vamos torcer para que não haja necessidade de uma revanche no futuro – falei. – Por ora, vamos nos apressar. Temos um navio para recapturar.

A lógica para abordar e tomar uma embarcação é bastante diferente quando já se está preso no interior dela. Quando se está fora, todos os lados estão armados e todos sabem que a batalha começou. Quando já se está preso lá dentro, apenas um lado costuma ter armas e somente o outro sabe que uma batalha está para começar. Particularmente, prefiro a batalha direta, não porque desgoste de agir furtivamente, mas porque o armamento costuma ser mais robusto e duradouro do que a surpresa. Assim que um alarme é acionado, o equilíbrio é restaurado, e raramente para benefício dos prisioneiros que fogem. Os primeiros guardas que chegaram até nós – uma fera-aranha ikkeana e dois granadeiros a serviço do governador – foram derrotados rapidamente e sem maiores problemas, e, com as armas deles, avançamos para dentro do navio que já fora nosso. O brigue no qual tínhamos sido aprisionados estava bem próximo da popa, a uma boa distância do tombadilho, mas não do porão onde a preciosa liga inca estava armazenada nem dos enormes motores que atuavam no mastro, vela e leme para o *Serkeriah*. O tempo era curto e a capitã Carina Meer levou um grupo até o porão, enquanto eu levei outro para capturar os motores. Pode ter parecido natural que cada um de nós levasse o próprio grupo, mas na prática ambos eram constituídos das tripulações do *Dominic de Osma* e do *Serkeriah* em proporções quase iguais.

Gostaria de poder dizer que a tomada dos motores ocorreu sem problemas, mas os mecanismos grandes e pulsantes – eram mais de dez, e cada um maior que um navio de linha – eram formados por passagens e becos sem saída tão convolutos e complexos que não podia haver ali uma luta limpa. Por diversas vezes encontrei-me separado de meus ho mens, numa luta desesperada com os seres pretos semelhantes a vermes, maiores que um homem, que os ikkeanos usavam como escravos em suas naves. Por vários meses eu não soube a origem desses repulsivos semi-insetos e, agora que descobri, gostaria que isso não tivesse

ocorrido. Em algum lugar na fúria da batalha, um alarme foi acionado e nossa vantagem se evaporou.

Quando Carina Meer chegou com a liga num carrinho flutuante, os soldados ikkeanos já estavam a caminho. O Dr. Koch e Octus Octathan desenvolveram uma inteligente barricada temporária, restringindo as passagens que davam para os motores até o diâmetro de uma moeda, mas, ao fazer isso, também haviam acabado com nossa esperança de fuga. Eu não via salvação, mas não demonstrei nenhum desespero. Caminhei pelas defesas, animando a tripulação quando possível. Apontamos as poucas armas que tínhamos conseguido para os salões estreitos e entre as finas passagens ouvimos as vozes de homens, os cliques de grandes aranhas e finalmente o lento e profundo mastigar de uma nova passagem sendo aberta.

Quando voltei para dar a terrível notícia a Carina Meer, ela estava olhando outro dos mapas flutuantes de luz, como os que eu a vira usar no tombadilho. Só que ali, no lugar da marca brilhante do *Serkeriah*, cercado pelo brilho avermelhado dos ikkeanos, a embarcação estava sozinha mas toda espetada pelo inimigo até se assemelhar às costas de um gato coberto de carrapichos. E, numa curva abaixo, via-se a vasta superfície convexa de Marte.

– Estamos encurralados e o inimigo está chegando – avisei.

– As naves ikkeanas estão todas presas ao *Serkeriah* – respondeu ela.

– Lamento saber disso.

– Isso ainda pode funcionar a nosso favor.

Ela estendeu a mão para o jogo de luzes e indicou um detalhe que eu não havia notado. Parecia pouco maior que a unha do polegar de uma criança, mas era uma coisa cinza no meio da vermelhidão do mundo.

– Este é o Palácio do Submundo – disse Carina –, a fortaleza e o portal para as cavernas nas quais meu povo sobrevive. É ali que meu irmão nos espera e é ali que devo

entregar a liga para que haja alguma esperança de liberdade para meu povo.

– Carina – falei, pois agora já não tinha nenhuma hesitação em usar seu nome –, a menos que escavemos uma janela no costado da embarcação e joguemos a liga daqui, não vejo como isso possa ser feito.

Jamais compreendi, nem antes nem agora, como a expressão no rosto de uma mulher pode ao mesmo tempo ser tão serena e tão profundamente atrevida.

– Diretamente – respondeu ela.

Chore, Majestade, pelo condenado *Serkeriah*. Nunca houve navio mais nobre no mar ou no céu do que ele, e nós, sua tripulação deslocada e desesperada, forçamos seu leme. Quando os ikkeanos compreenderam nossa pavorosa intenção, já era tarde demais. Os navios malignos e parasíticos tentaram se soltar, mas a velocidade e a violência de nossa descida os confundiu. Os poucos que tentaram foram estraçalhados em nosso mergulho furioso. Os outros continuaram agarrados e foram esmagados contra a pele rochosa do planeta mesmo depois que revertemos os motores que gritavam e reduzimos nossa velocidade de fatal para meramente apocalíptica.

O *Serkeriah* morreu ao nosso redor, as grandes placas cristalinas se despedaçando enquanto ele quicava. Um dos enormes motores se desprende de seus cabos e disparou à nossa frente antes de subir para o céu púrpura e detonar. O vento que me fustigava cheirava a ferro superaquecido e a sangue. Quando o grande navio ergueu sua proa uma última vez na direção da lua dupla, então veio a descansar, exaurido, destruído, nobre como um touro derrotado na arena espanhola, a mão de Carina Meyer repousava sobre a minha. Em algum lugar nas lascas e no metal retorcido, os ossos de madeira do *Dominic de Osma* também jaziam. Até onde sei, ali eles ainda permanecem, nossos dois navios, aninhados juntos, em sacrifício e morte, como os dedos de marido e mulher enterrados na mesma tumba, e ao redor deles os corpos de seus inimigos.

Abalado depois do naufrágio, desci para as dunas amplas e vermelhas do planeta. Havíamos caído não muito longe de uma das grandes cidades em ruínas. Suas torres alcançavam os céus, relâmpagos ainda brincando ao redor das altas agulhas. Um grande canal, maior que qualquer rio a não ser o divino Amazonas, se curvava para o sul, as águas baixas batendo em suas margens, negras e lentas. Carina Meer se aproximou de mim, encostando o braço no meu ombro.

– Um dia – disse ela – farei tudo isto florescer. Eu juro.

Preparar a última etapa de nossa jornada foi um trabalho frenético. Metade de nossa tripulação remanescente montou barricadas improvisadas, mantendo os sobreviventes ikkeanos a distância com pistola de raios marcianas e as próprias espadas de aço. A outra metade recolheu a liga inca que havia sido espalhada pelo naufrágio e depois consertou parte do aleijado carro flutuante no qual ela havia repousado. Uma parte da plataforma caída criou uma trilha na poeira quando começaram a movimentá-la. O Dr. Koch cuidou dos feridos e La'an proferiu algumas palavras sobre os corpos dos caídos. Quando o sol se ergueu entre as vastas colinas da cidade marciana, fixamos cordas e, com os músculos tensos de nossos corpos, começamos a puxar a carga na direção do horizonte. Como parecia estranho respirar um ar que nenhum homem da Terra jamais havia respirado, sentir a leveza onírica de minha carne e enterrar meus pés no solo avermelhado de outro mundo. Nós havíamos viajado mais longe que qualquer súdito do Império, mais longe até mesmo que o sonho do grande general da Macedônia cujo nome trago comigo, impulsionados por poderes vastos demais para que pudéssemos compreender. E no entanto o sucesso de nossa missão repousava no esforço de fortes costas inglesas e na disposição de homens tão diferentes quanto um babuíno e uma abelha, uma tripulação que se reunia numa causa comum. Nosso objetivo, o Palácio do Submundo, assomava

a distância, enorme, cinzento e cercado pelas chamas fantasmagóricas do fogo de santelmo.

Não há palavras que descrevam o desespero daquelas horas. A corda machucava minhas mãos e a pele do meu ombro enquanto eu puxava a carga junto com meus homens. Até mesmo as palmas cheias de calos de uma vida no mar eram insuficientes para a terrível tarefa que executávamos. Meu corpo tremia com o esforço, meus ligamentos rangiam como as vigas de um navio. A cada hora, novos ataques eram realizados sobre nós, as grandes aranhas se movendo com uma velocidade incrível neste que era seu solo nativo, o movimento as fazendo parecer ainda mais monstruosas e apavorantes. Repetidas vezes nossa tripulação mista os afastou, as lâminas pingando pus amarelado, nossas feridas deixando marcas ao longo da areia. Até meu último suspiro, vou me lembrar com orgulho da coragem incomum que minha tripulação demonstrou enquanto abríamos caminho pelas dunas ensanguentadas.

O Palácio do Submundo parecia agora duas vezes maior, e foi nesse momento que os batedores voadores do inimigo apareceram.

Imagine se desejar, Majestade, o vasto céu marciano, púrpura como um lilás, o mesmo sol que brilha em Westminster e Londres aqui assumindo um aspecto inteiramente diferente, com amplos tendões de arco-íris serpenteando a partir de seu orbe central brilhante. Veja, se puder, as vastas colinas que um dia foram orgulho de sete raças com seus corações de cristal expostos pelas tempestades e pela guerra; o rio largo, moribundo, lento como o sangue de um velho; a tripulação sangrando desesperada, içando a esperança de sobrevivência em um carrinho semiestraçalhado que lutava mas não conseguia se levantar do chão, como uma mariposa ferida. O ar era rarefeito e tinha cheiro de metal e pólvora. O calor do sol era opressivo como o meio-dia nos trópicos. Agora ouça o grito familiar de Quohog: *fuwucha aahvi* – fumaça à vista. Imagine uma tempestade de libélulas, cada uma do tamanho

do braço de um homem. Elas surgiram a leste, espessas como a fumaça de uma vasta conflagração, e se espalharam pelo céu. Ouvi o grito de Carina Meer quando as avistou e vi seu rosto moreno empalidecer.

– Precisamos correr – disse ela. – A colmeia central nos descobriu. Se não estivermos em segurança abaixo da terra quando sua força de combate chegar, não haverá esperança.

– Devo dizer – falou o Sr. Darrow, ofegante – que estou começando a ter nojo desses bichinhos.

O jovem Carter riu.

– O senhor ouviu o que acabou de dizer? Bichos. Bichinhos. Até que é engraçado isso.

– Faço o que posso em prol do divertimento – entoou o Sr. Darrow, solene.

Puxamos as cordas sobre nossos ombros com força suficiente para quebrar nossos ossos. Perdemos a noção do tempo; somente a tensão, a agonia e o distante Palácio do Submundo permaneciam em nosso inconsciente coletivo.

À medida que chegávamos perto de nosso objetivo, a paisagem mudava. As areias do deserto deram lugar a um cerrado de arbustos baixos de cor púrpura, onde lagartos pequenos como insetos rastejavam destemidos pelos nossos pés. O vasto enxame de batedores inimigos bloqueava o sol e nós labutávamos à sombra. A paisagem se dividia entre labirintos de desfiladeiros cortados na pedra e planícies varridas pela areia. Não sabíamos em quanto tempo as forças inimigas chegariam, mas avançávamos com ímpeto cada vez menor. O que antes parecera riqueza suficiente para agradar a um rei agora era um fardo mais pesado que a esperança. A única vantagem que eu, em meu estado enfraquecido, podia perceber era que o assédio dos ikkeanos havia se reduzido à medida que nos afastávamos do *Serkeriah* e assim os tripulantes que assumiram o papel de protetores foram capazes de ajudar aqueles de nós que puxávamos as cordas. A mim mesmo foram permitidos alguns momentos de repouso e recuperação. O sangue

escorria por meus braços e meu peito, e o suor ardia onde minha pele se transformara em carne viva. E no entanto, apesar de todo o meu desconforto, eu via que estávamos chegando perto de nosso objetivo. O Palácio do Submundo se apresentava imenso acima de nós. Seu impressionante trabalho de cantaria lembrava uma grande catedral e a energia viva que brincava loucamente ao longo de sua superfície parecia luminosa e profunda. O Sr. Kopler caminhava ao longo da linha de homens, incentivando-os a puxar, trabalhar. O esforço que os fazia arreganharem os dentes quase me fez substituir um dos tripulantes mais descansados só pela pura alegria da labuta. O próprio Sísifo maldito não teve tarefa maior do que a nossa, só que nós tínhamos esperança, determinação e o amor de nossos companheiros, fossem eles do Caribe ou da Inglaterra, sorid ou manae. Tão pouca é a diferença entre a perdição e a redenção.

Carina Meer apareceu a meu lado. Não posso explicar isso de outra maneira, pois, em minha consciência vacilante, não houve aproximação, apenas sua súbita presença. Em algum ponto de nossos esforços, ela sofrera um corte cruel no pescoço e uma queimadura brilhante e de aspecto doloroso nos dedos da mão esquerda, mas não se queixava.

– Capitão Lawton, posso falar com o senhor?

– É claro – respondi, voltando-me para ela.

Já então eu sabia qual seria o tema de nossa conversa. Afastamo-nos um pouco de nossa tripulação e nos pusemos sob a sombra azul de um vasto afloramento de rocha.

– Não atingiremos nosso objetivo antes que o inimigo nos encontre – continuou ela. – Tampouco seremos capazes de continuar carregando esse peso no meio de um ataque maciço.

– Eu tinha suspeitado disso.

– Se o senhor e os homens forem à frente, diga a meu irmão que preciso de reforços e que protegerei a liga contra todos os que vierem, assim como fiz antes.

O sorriso dela teria, penso eu, convencido outro homem de que sua oferta era o que parecia ser, mas também eu já fizera os cálculos mentalmente. O fim trágico do *Serkeriah* não poderia ter passado despercebido a nossos aliados subterrâneos, tampouco a atividade dos ikkeanos que seguiam em nosso encalço. O fato de que nenhum reforço houvesse chegado só podia ser um sinal de que não havia nenhum, e essa, então, era a tentativa de Carina Meer para salvar minha vida e a de meus homens.

– Existe uma alternativa – falei. – Permita-me pedir uma reunião. Se o governador Smith foi o guia dessas criaturas, elas podem muito bem estar sendo orientadas por ele e a honra não lhe permitirá recusar.

– E o que o senhor diria a ele ou seus mestres?

Agora chegara a minha vez de sorrir.

– O que me vier à cabeça – respondi.

Houve um momento de desconfiança em seus olhos. Pela primeira vez desde que a encontrara no *Vargud van Haarlem*, eu estava pedindo que se pusesse inteiramente sob meu controle, assim não tomei como insulto o fato de que ela hesitava.

Nossos preparativos não demoraram e, quando tudo ficou pronto, usei os trapos da camisa branca do Dr. Koch e o galho de uma estranha árvore marciana para assinalar nossa intenção.

Pouco menos de uma hora se passou antes que o governador Smith aparecesse na planície que eu havia escolhido para nosso confronto final. Carina Meer estava a meu lado e nossa tripulação conjunta, reduzida à metade, permanecia sentada ou em pé ao lado da carga coberta por lona atrás de nós, as cordas escurecidas por sangue se arrastando no solo poeirento.

Eles emergiram do desfiladeiro a leste de onde estávamos, o governador Smith e cinco aranhas de batalha ikkeanas. Pela primeira vez em uma década, encarei minha nêmesis em carne e osso. A jaqueta preta de veludo estava manchada com a poeira de Marte e o cabelo desalinhado

despontava em ângulos estranhos de seu crânio alongado. Sua expressão estava enigmática como eu esperava, a mesma que ele mostrava quando pela primeira vez tive o infortúnio de cruzar seu caminho, mas me aventuro a dizer que havia algo diferente em seus olhos. Reconheço que não sou agora nem era então um observador imparcial daquele homem, mas ainda peço que Vossa Majestade acredite em mim quando digo que havia nele um toque de loucura.

– Bom dia, capitão Lawton – disse ele. – Capitã Meer. Vocês me obrigaram a uma bela perseguição. Meus parabéns pela partida bem jogada. Estou satisfeito por podermos terminar isto como homens civilizados.

– Isso ainda está por ser visto – falei. – Ainda não acertamos os termos.

– Termos? O senhor é encantador, capitão Lawton. Os termos são que o senhor e seus aliados lançarão as armas ao chão ou, por tudo que é sagrado, não viverão para ver outro nascer do sol em nenhum planeta.

– Tudo que é sagrado... – Cuspi para ele. – Isso vindo de um homem que se juntou ao diabo.

– Digamos – retorquiu ele com seu sorriso zombeteiro – que me juntei aos vitoriosos. Um embaixador, se assim o queira, embora sem título oficial ainda. Um dia, em breve, os ikkeanos governarão ambos os mundos e levarão seus apoiadores junto com eles.

A gargalhada de Carina Meer foi o ideal platônico do desprezo.

– Inaceitável – respondi. – O senhor pode ter a vantagem, mas já aconteceu de estar nesta situação e sair perdendo. Insisto em garantias de clemência.

O ikkeano ao lado do governador Smith começou a falar, emitindo um horrível som agudo como mil facas. Acredito que o governador estivesse tão incomodado com isso quanto eu.

– Capitão Lawton, eu fiz uma oferta ao senhor antes. Sua ajuda em troca do controle do *Serkeriah*.

Assenti. Atrás de mim, o jovem Carter resmungou algo.

– O senhor é um homem inteligente – continuou o governador. – E vejo que fui pouco generoso no meu preço. Nossa situação está um tanto diferente, e também minha proposta. Ordene a seus homens que soltem suas cordas e tomem em custódia as forças rebeldes da capitã Meer. Eu garantirei seu retorno seguro ao nosso mundo natal e também perdão total. Cuidarei para que seu bom nome seja restaurado e sua honra tornada inquestionável em todos os cantos do Império Britânico. Eu mesmo defenderei sua causa.

Fiquei sem ação, Majestade. Que perspectiva! Que vingança seria usar o governador Smith, dentre todos os homens, como o agente de minha redenção social. Tornar-me homem de bem aos olhos do público. Ter a honra restaurada. Era como uma promessa de amor aos rejeitados. Por um momento, recordei-me das finas casas onde um dia, quando jovem, jantei. Lembrei-me dos olhos delicados de uma jovem que um dia me amou, antes que eu caísse em desgraça. Vê-la novamente, beijar aqueles lábios quase esquecidos...

– Não é o bastante – respondi. – Exijo uma confissão sua, escrita de próprio punho e perante testemunhas, dizendo que não foi coagido. O senhor admitirá todos os subterfúgios e engodos que me fizeram cair em tão baixa estima. Isso e clemência não só para mim, mas para todos os meus homens. O senhor pagaria esse preço, governador?

Ele estreitou os olhos e soltou um som como o sibilar de uma serpente irritada. Pude sentir o olhar de Carina Meer sobre mim, mas não me virei para ela. Meus homens e os dela ficaram em silêncio. Uma fina brisa movia a poeira ao redor dos nossos tornozelos.

– Fechado – disse ele por fim. – Tem minha palavra de honra, eu cumprirei minha parte do acordo. Por hora, o senhor cumprirá a sua.

Naquele momento, conforme a providência mandou, uma mudança aconteceu no Palácio do Submundo e um jato de fogo verde irrompeu de dentro dele até o céu púrpura marciano. A tripulação atrás de mim soltou um grito de alegria e vi a própria Carina Meer se encher de ânimo.

– Eu não – continuei –, seu porco triste e mesquinho. Acredita que me assusta? Já naveguei as ondas mais tempestuosas dos mares. Encarei, armado apenas com aço puro, homens mil vezes mais dignos que você. Quem é você para me *perdoar*?

– O que é...?

– Aquele fogo que você viu foi o sinal de que um grupo formado pela minha tripulação e a da capitã Meer chegaram em segurança ao Palácio do Submundo. Todo o tempo que você desperdiçou se preparando para estas negociações e as conduzindo, nossos homens usaram para levar a liga para longe de você.

Quando o jovem Carter e o Sr. Darrow jogaram a lona para trás e revelaram um monte de pedras marcianas, o esgar atônito do governador Smith foi uma coisa linda de se ver. A boca dele se abriu tanto em surpresa que pude ver onde o dentista havia removido um dos molares.

– *Você usou esta conversa para me distrair!* – gritou ele, sacando uma pistola de seu cinturão. Seus olhos brilhavam de vontade de matar. – Não há qualquer vestígio de honra no senhor.

– Você é um tolo – disse Carina. Ela ergueu o queixo, altiva como qualquer rainha. – Honra é uma coisa mesquinha e sem sentido se até homens como você a possuem.

O governador Smith virou a pistola e a apontou para a testa dela, o dedo tremendo no gatilho. Carina estreitou os olhos com desdém, mas não demonstrou sinal de medo.

– Poupe seu ultraje infantil – falei, avançando para atrair sua atenção. – Você não tem coragem de disparar. Você é um covarde e um enganador, e todos os homens aqui sabem que estas minhas palavras são verdadeiras como o

Evangelho. Eu não aceitaria perdão de você, assim como não beberia seu mijo. Se você tem honra, então maldita seja ela. Você não é nada. *Não. Significa. Nada.*

E então, Majestade, como era minha esperança e objetivo, o honorável governador Smith se virou e atirou em mim.

Foi um plano desesperado que conduziu a bala da pistola para minha barriga em vez de arriscar a morte da mulher que eu admirava acima de todas as outras? Talvez. Mas foi um plano bem-sucedido. A dor do golpe foi semelhante à de ser atingido pelo coice de uma mula, embora eu tenha certeza de que Vossa Majestade jamais tenha tido a péssima sorte de passar por isso. Cambaleei para trás e caí, incapaz de manter o equilíbrio. Acredito que o governador Smith teve tempo suficiente para compreender que seu humor e sua violência impetuosa o haviam deixado vulnerável, embora só Deus venha a ter a paciência de esclarecer isso. Antes que ele pudesse pedir auxílio a seus aliados demoníacos, Carina Meer pulou para frente e esmagou a traqueia do homem com um único golpe de seu cotovelo direito. Ele cambaleou para trás, me imitando da mesma forma que havia feito tantas outras vezes.

A batalha começou de imediato. Carina Meer e os que restaram de nossa tripulação mista atacaram os guerreiros ikkeanos. Mas eu e o governador Smith nos sentamos por um momento, sozinhos, nos encarando. O sangue escorria de meu estômago perfurado. Seu rosto esmorecia enquanto ele lutava em vão para respirar. Então revirou os olhos e seu corpo caiu ao chão marciano e, como dizem, isso foi tudo.

Assim que o conflito terminou, o Dr. Koch e Carina Meer se juntaram a mim. Havíamos ganhado o dia, mas nossas vidas estavam em risco. As forças ikkeanas estavam descendo sobre nós e, apesar de meus pedidos, Carina e meus homens se recusaram a deixar meu corpo ferido para trás como o fardo que era. O Sr. Darrow improvisou uma liteira a partir das pernas dos ikkeanos derrotados e...

Ah, Majestade... e tantas coisas aconteceram. Devo lhe contar da batalha à beira do Palácio do Submundo e de como o jovem Carter salvou a todos escalando a enorme nave-aranha como se fosse o mastreamento de um navio, com a adaga na boca? Ou do fatídico encontro com Hermeton, irmão de Carina Meer, e de seu plano escuso para derrotar os ikkeanos? Devo descrever a Vossa Majestade as grandes cavernas abaixo da superfície marciana e detalhar o mistério e a loucura do Coral de Elanin? Os anões mortíferos de Inren-Kah? Os homens-gavião de Nis? As rainhas-planta de Vênus? Assim como Sherazade ao seu califa, acredito que eu poderia entreter Vossa Majestade com essas histórias por incontáveis noites. Mas para quê? Comecei a explicar meu papel na morte do governador Smith, e assim o fiz.

Majestade, não matei o governador, mas fui essencial em sua morte. Quebrei as leis do costume e da honra, rejeitei sua oferta de clemência, atraí sua ira para mim em defesa de uma mulher e de um mundo, ambos quase estranhos para mim, mas já de inestimável valor. Fiz isso sabendo que poderia morrer, aceitando esse risco porque existe uma coisa melhor e mais nobre do que ser o servo da honra. Eu sei disso porque essa coisa melhor me transformou. E um dia fui um homem de honra.

Seu servo,
Capitão Alexander Augustus Lawton, Cidadão de Marte

ESCRITO NO PÓ

MELINDA M. SNODGRASS

Uma escritora cuja obra atravessa diversos gêneros e transita por diferentes formas, Melinda M. Snodgrass foi editora e roteirista da série de TV *Star Trek: A nova geração*; entre vários episódios, ela escreveu “Measure of a Man”, indicado a prêmios. Ela trabalhou em *Reasonable Doubts* e foi autora e produtora da série *The Profiler*. Escreveu vários romances de ficção científica, foi uma das criadoras da série Wild Cards – para a qual também atuou como escritora e editora – e foi a responsável pelo roteiro de um filme de Wild Cards para a Universal Pictures.

Entre seus romances estão a série The Edge, Imperials e Circuit, além de *Queen’s Gambit Declined*. Também escreveu, sob o pseudônimo Phillipa Bornikova, *This Case Is Gonna Kill Me* e *Box Office Poison*.

A história a seguir mostra que, mesmo em Marte, a família pode ser uma força e um refúgio, mas também uma armadilha claustrofóbica e sufocante ou, às vezes, as duas coisas ao mesmo tempo.

A melhor lembrança é a que não esquece nada além das mágoas.

Escreva a bondade no mármore e a mágoa no pó.

*– P*ROVÉRBIO PERSA

*E*ra dia de festival, multidões cobertas de joias passeavam pelas ruas. No alto, delicadas torres de vidro espiralado refletiam as cores dos pavimentos e arranhavam o céu. O perfume de flores, tanto ácidas quanto doces, a envolvia como um abraço.

Um vendedor de pães e doces ofereceu um de seus produtos. O rosto comprido como o de um cavalo, mas com olhos multifacetados, insetoides, assentiu em agradecimento quando ela cantou seu obrigado. Ela era pequena se comparada com as massas que a cercavam. Alta, magra, balançando como caniços se curvando ao vento, cada palavra uma nota, cada conversa uma sinfonia. Os vivos e os mortos caminhando juntos.

As roupas leves dos habitantes pareciam tão mais confortáveis do que o traje que ela usava, que tanto lhe restringia os movimentos. Ela entrou em um templo, ficou ali imersa no incenso e nas elegantes curvas das figuras abstratas pintadas nas paredes.

Os outros adoradores se viraram para lhe dar as boas-vindas. Pela primeira vez em um longo tempo, ela foi feliz. Estendeu os braços e retirou o enorme capacete que a confinava. Cabelos pretos cascadearam sobre seus ombros.

Mas meus cabelos são castanhos.

Matilda Michaelson-McKenzie (Tilda para amigos e família) acordou com uma melodia nos lábios, mas que não se parecia com qualquer sistema tonal terrestre, ocidental ou não.

Ela se levantou, lavou o rosto e viu a água descer de volta às cisternas de reciclagem em um torvelinho. Era a primeira vez que tinha visões. Os

marcianos realmente tinham sido daquele jeito? Antes, ouvia sons sem imagens. E as memórias pareciam humanas. Explicáveis. Ela realmente fora Miyako McKenzie?

Tilda estava desesperada para conversar com alguém sobre esse último acontecimento, mas a única outra pessoa que ouvia a música era seu pai, Noel-Pa, e, se conversassem, ela teria que tomar cuidado. Tilda não queria fazer com que vovô Stephen ficasse furioso com seu pai – não mais do que já provocara.

Na segunda manhã após sua chegada à fazenda McKenzie, Noel-Pa mencionara a música de modo inocente e seu sogro ficara furioso com ele. Papai-Kane lançou a seu marido um olhar que implorava calma e o militar aposentado, magro e louro fechara a boca e engolira sua resposta, embora Tilda soubesse que isso havia lhe custado muito. Desde então Stephen nunca perdera uma oportunidade de brigar com o marido de seu filho.

E Papai-Kane nem tentou defender Noel-Pa, pensou Tilda, desanimada. Ainda bem que ela partiria em breve para Cambridge para começar a faculdade e sairia da situação tensa em que se encontrava. Mas para Noel não havia escapatória – a menos que ele abandonasse o marido, o que estava começando a parecer provável, para tristeza da filha deles.

Enquanto isso, ela sonhava com uma mulher que nunca conhecera, que entrara numa cidade alienígena e se matara. Será que Miyako fora atraída pela música? E se isso tivesse acontecido com *ela*? Tilda sentiu o pânico subir pela garganta. Agora *mesmo* é que não podia esperar para sair de Marte!

Voltou a pensar em como chegaram ao planeta vermelho, a noite em que suas vidas mudaram. Tinham recebido uma ligação de Marte e Kane entrara no estúdio para visitar o pai. Tilda flutuava na gaiola de simulação, jogando um game, e Noel-Pa estava numa poltrona reclinável lendo um de seus velhos livros feitos de árvore morta.

Quando Papai-Kane voltou à sala de estar, a expressão no seu rosto e as rugas ao redor de sua boca fizeram Noel-Pa descer o descanso para pés com um estrondo e sair da cadeira com os reflexos rápidos que o definiam como um soldado.

– Seu pai? – começou Noel-Pa, abraçando Kane.

Papai-Kane balançou a cabeça.

– Não, ele está bem. É minha madrastra... Ela morreu.

Tilda desligou a simulação. Sem dizer nada, foram para a cozinha e se sentaram à mesa. Lá fora, as folhas das palmeiras balançavam na brisa do oceano, fazendo um barulho parecido com o de castanholas.

– Minha nossa, eles só estavam casados há sete meses! O que aconteceu? – perguntou Noel-Pa.

– Ela entrou na cidade marciana e tirou o capacete.

– Meu bom Deus! Por quê? O que aconteceu?

– A síndrome... eu acho. Papai encontrou o corpo dela dois dias depois. – Ele falava baixinho, com um peso na voz. Houve uma longa pausa. – Ele quer que eu... que nós voltemos para casa.

Noel-Pa se levantou e começou a servir chá gelado a todos.

– Não foi assim que imaginamos a vida depois da minha aposentadoria.

Kane ficou olhando as próprias mãos.

– Eu sei.

Para quebrar a tensão, Tilda saiu correndo da mesa e trouxe uma xícara de chá para o pai.

Noel se inclinou no balcão e encarou o marido, enquanto Kane se esforçava para evitar aquele olhar azul.

– Ele se casou com Miyako para tentar substituir *você* – disse Noel baixinho para si mesmo.

– Eu sei, mas agora ele precisa de mim. Vai ser só por um tempo. Assim que ele morrer, eu vendo a fazenda e nós voltamos para a Terra.

– Isso pode levar muito tempo.

– Ele tem 77 anos. Não vai demorar tanto assim.

Noel-Pa girou o copo e os cubos de gelo tilintaram nas laterais.

– Acho que deve ser justo. Você me acompanhou de posto em posto... Luna, Ceres, Estação Pinnacle, e por todo o mundo desde então.

E foi assim que Noel-Pa saiu da SpaceCom e eles se mudaram para Marte. Para a fazenda McKenzie, cinco vastas cúpulas de solo marciano vermelho sob cultivo, e uma sexta para abrigar a casa, um alojamento, as casas dos agricultores, os silos de armazenagem, armazéns e garagens. O que Tilda não esperara foram as delicadas torres espiraladas e retorcidas da antiga cidade marciana do outro lado do antigo leito do lago da fazenda McKenzie.

Aquelas reluzentes torres de vidro que projetavam as cores do arco-íris quase a haviam feito gostar da mudança e ela mal podia esperar para

explorar a cidade. Só que Stephen proibira qualquer pessoa de ir para lá depois da morte de Miyako.

Tilda fizera algumas pesquisas depois que começara a ouvir a música, alguns dias depois de seu pai. Eles chamavam isso de Síndrome do Devaneio Marciano e, em suas formas mais radicais, as pessoas entravam nas cidades e morriam. Normalmente as que estavam com a saúde abalada ou muito infelizes. O que dizia muita coisa sobre os sete meses de casamento de Stephen e Miyako. Não havia nenhuma indicação de que Miyako, com 27 anos, estivesse doente. O que só deixava uma explicação, e ela não ficava bem para Stephen.

Foi a síndrome, somada ao fato de que a maioria das cidades ficava em lugares onde o solo era rico, que deu início à destruição. Cidades foram arrasadas e a síndrome se transformou em epidemia.

Às pressas, o governo da União proibiu a destruição das cidades, mas, quando a legislação conseguiu passar pelo parlamento, restava apenas uma cidade. A que ficava do outro lado do lago. Os casos da síndrome diminuíram, embora ela nunca tivesse desaparecido por completo, e agora os marcianos cantavam na cabeça de Tilda e ela andava pela cabeça de uma mulher morta.

Ela estremeceu e percebeu que ficara ali parada, perdida em pensamentos, por tempo demais e Noel-Pa provavelmente precisaria dela para ajudar no café. Vestiu o ambientraje colorido com padrões criativos e calçou as botas de cano alto – que iam até as coxas e a marcavam como uma fazendeira marciana – que o avô insistia que ela usasse.

Como a maioria das instalações da SpaceCom na Terra ficava perto da linha do equador por conta da facilidade de lançamento, ela passara a vida em locais quentes e exóticos – a Costa Dourada da Austrália, o Havaí, Florida Keys, São Paulo –, onde chinelos, shorts ou traje de banho eram o uniforme extraoficial. Agora ela vivia em um mundo antigo e quase sem ar, onde o vazamento de uma cúpula ou uma tempestade maluca capaz de fazer um ultraleve cair poderiam matar você. Essas eram coisas que também poderiam matar alguém na Terra, refletia enquanto cuidava do cabelo, os cachos dançando nos ombros, mas o mundo natal não parecia tão ativamente *hostil*. Nossa, ela não podia esperar para sair dali!

Atravessou a grande sala de estar, os saltos das botas fazendo barulho no piso de pedra. A casa McKenzie havia sido escavada nas encostas de rocha vermelha que cercavam três lados do antigo leito do lago. Com três

andares, ela havia abrigado um clã enorme e barulhento há duas gerações, mas agora eram apenas eles quatro: vovô Stephen; o filho Kane; o marido de Kane, Noel; e a filha única dos dois, Tilda.

Tilda checkou seu ScoopRing. Havia uma mensagem de Ali Al-Jahani, uma das poucas pessoas na área com idade próxima à dela. Sua família era dona da fazenda a oeste e deixaram que ele tirasse uma folga das tarefas e se despedisse de Marte antes de partir para Paris. Em poucas semanas ele começaria seus estudos de medicina. Ali sugeriu um voo para Mons Olympus. Tilda respondeu que iria com ele.

Ela também tinha seu tempo de lazer, porque, embora Noel-Pa tivesse concordado que aprendesse a pilotar os ultraleves de asas compridas que eram o modo mais comum de transporte rápido em Marte, havia resistido a outras atividades marcianas. Como quando Stephen tentou fazer com que ela começasse a trabalhar nos barracões de seleção e empacotamento. Assim como Ali, ela iria para a faculdade em pouco tempo. Não precisava aprender a trabalhar na fazenda.

O cheiro de levedura dos pãezinhos de canela cozinhando, bacon fritando e o aroma escuro e sensual do café a levaram até a cozinha. Noel-Pa estava dando a volta na grande mesa de pedra, colocando pratos e talheres nos devidos lugares.

Na Terra, Papai-Kane havia mantido “a fogueira da casa queimando”, como Noel-Pa dizia, mas, ali na fazenda McKenzie, Kane tinha habilidades que faltavam a Noel, como pilotar os grandes tratores, colheitadeiras e debulhadoras. Noel-Pa poderia ter aprendido, mas Papai-Kane já sabia, então eles trocaram de papéis. Tilda não ficou surpresa ao ver que o ex-oficial militar provou ser tão bom na cozinha quanto em combate.

Ele se virou quando ouviu os passos dela e deu um beijo em sua cabeça. Ela o abraçou com força.

– Então, o que eu posso fazer?

– Bater os ovos para a *frittata*.

Ela bateu três dúzias de ovos e ajudou Noel-Pa a temperar e colocar a mistura numa enorme frigideira de ferro. Os ovos se juntaram ao bacon no forno.

– Sonhei com Miyako ontem à noite. Acho que *eu* era Miyako. Ela estava saudando os marcianos e eles estavam dando boas-vindas a ela,

dando comida, e havia um templo – disse Tilda baixinho ao pai. Ele olhou para ela de relance, a expressão tensa e muito séria. – Eu não sou louca!

– Eu sei.

– Então você sonhou também com ela?

Noel-Pa checou o relógio embutido na manga de seu traje. Balançou a cabeça.

– Agora não. Aqui não – respondeu. Então fez uma contagem regressiva: – E três... dois... um.

Um burburinho de vozes e o barulho de solas de botas arrastadas pelo raspador logo na entrada da porta dos fundos. Os funcionários solteiros que viviam no dormitório ao fim da estrada, Papai-Kane e vovô Stephen entraram na cozinha.

Os pensamentos de Noel estavam em um turbilhão enquanto tirava a *frittata* do fogão. Como a esposa morta de seu sogro poderia estar invadindo tanto os seus sonhos quanto os da sua filha? Seus sonhos não haviam sido agradáveis. Ele vivenciara toda a solidão, a tristeza e o ódio de Miyako. O ressentimento que ela sentira de sua família por basicamente tê-la vendido a Stephen. Ódio a seu marido mais velho. Ou será que ele estava projetando o próprio descontentamento com o sogro sobre aquele fantasma?

Noel salpicou salsinha fresca sobre os ovos nevados e os partiu em porções individuais. Tilda retirou o bacon e os pãezinhos, e tudo foi colocado em um balcão comprido. Noel se afastou e os trabalhadores famintos fizeram fila.

Stephen se sentou à cabeceira da mesa com Kane do outro lado. Ninguém deixou uma cadeira vazia ao lado de Kane, que não reclamou. Sentindo-se absurdamente magoado, Noel encontrou espaço num banco e se sentou.

– Que troço é esse? – perguntou Stephen.

– *Frittata*... uma espécie de omelete italiana – respondeu Noel.

– Ora, então por que não fazer só o diabo de uma omelete?

– É um pouco difícil virar três dúzias de ovos, e assim eu consegui calcular o tempo para que ela ficasse pronta quando vocês todos chegassem – respondeu Noel com tranquilidade. *Paz a qualquer preço*, lembrou a si mesmo.

A resposta de Stephen foi um resmungo. Noel percebeu que Tilda olhava de relance para Kane, que manteve o foco no seu prato. No primeiro mês após a chegada deles, Kane sempre se metia na discussão para proteger Noel dos ataques verbais de seu pai, mas isso havia parado. No começo, Noel havia pedido para Kane recuar, achando que Stephen acabaria aceitando o genro. Mas o ataque baseado em charme havia fracassado e agora a impressão era que Kane estava começando a concordar com as críticas constantes que seu pai irascível fazia a Noel.

Eles sempre tiveram uma vida sexual vigorosa e ativa, mas mesmo esse momento de intimidade estava se tornando menos frequente por conta da exaustão física de Kane. Pelo menos era isso que Noel dizia a si mesmo ao ficar deitado, acordado, ouvindo os roncos do companheiro e desejando seu toque. Ele se sentia sozinho e isolado.

Tão sozinho e isolado quanto Miyako.

Noel estudou o perfil adorado e familiar de seu marido e ficou se perguntando quando ele passou a simbolizar um estranho. Tentou olhar nos olhos de Kane e conseguiu por um breve instante antes que ele desviasse o olhar. Conhecia esse tipo de comportamento. Sabia o que significava. Sabia que alguma coisa estava acontecendo, algo que Kane não queria lhe contar. Seu apetite sumiu de repente e a comida passou a ter um cheiro quase nauseabundo. Noel afastou o prato.

Stephen resfolegou alto.

– Nem você gosta desta porcaria.

Noel manteve sua expressão agradável mas pôs as mãos no colo para que ninguém as visse se fechando em punhos. Mais uma vez a ladainha passava por sua cabeça: *Tenha um derrame, tenha um derrame, tenha um derrame!*

Antes da mudança, ele tivera pouca interação com seu sogro. Stephen e Catherine, mãe de Kane, foram ao casamento na Terra. Catherine fora agradável de uma maneira meio falsa, porém vigorosa. Stephen menos. Estava claro que ele não queria que seu filho se casasse com um “rastejador de lama”, muito embora Noel já tivesse passado por um grande número de postos extraterrestres na sua carreira na SpaceCom. Para Stephen isso não fazia diferença: ou você era marciano, ou não era. E o genro não era.

Stephen fora sozinho para o batismo de Matilda. Catherine morrera dois anos antes de um câncer muito agressivo. Na época o velho tentara

convencê-los a se mudar de volta para Marte para que Tilda fosse uma *verdadeira McKenzie*. Kane batera o pé e recusara. Noel acabara de assumir o posto de comandante, e o de almirante não parecia uma possibilidade desmesurada. Kane sabia que seu marido gostava dos ventos suaves e do sol quente da Terra – adorava caminhar ao crepúsculo de mãos dadas sem a separação de um ambientraje – e que ele mesmo nunca mais queria desenterrar batatas nem debulhar trigo.

Noel soube que Kane ficara magoado quando Stephen anunciou que voltaria a se casar e o velho desgraçado não mediu as palavras quando disse ao filho o porquê. Para o velho, Miyako não passava de um ventre ambulante. Uma chance de começar uma nova família, uma família de fazendeiros, uma família *marciana*. Uma família que compreendesse a história e a continuidade, que jamais fosse embora. E depois a trágica morte de Miyako, e Kane sentiu que era seu dever retornar. Se havia uma coisa que Noel entendia, essa coisa era dever.

O café da manhã terminou com Stephen e os operários saindo para trabalhar. Noel ficou surpreso quando Kane ficou para trás e ajudou a limpar a mesa e colocar os pratos na grande lavadora industrial.

– O que você vai fazer hoje? – perguntou Kane à filha deles.
– Ali e eu vamos até Mons Olympus com os nossos leves.
– Que ótimo. Divirtam-se – disse Kane, dando um beijo na bochecha dela.

– Você checkou o tempo? – perguntou Noel, tentando manter o tom de voz casual e não soar como um pai muito ansioso.

– Nenhuma tempestade de areia prevista para os próximos dois dias – respondeu ela, animada. Colocando a mão no ombro dele, ficou na ponta dos pés e beijou sua bochecha. – Não se preocupe. – Os olhos azuis dela dançavam, provocadores.

Eles eram a característica mais óbvia que ele havia conferido à filha. A pele café com leite, bem morena, e os cabelos castanhos e encaracolados eram de Kane. O amor de Noel por ela se manifestou com um grande aperto no peito. A porta dos fundos se fechou quando ela saiu e subitamente tudo ficou muito quieto na cozinha.

Noel se virou para o marido e sorriu.

– Ei, a casa ficou todinha só para nós dois – disse, dando um tom sugestivo às palavras. A expressão amarga de Kane não se suavizou. Na

verdade, ficou ainda mais pronunciada. – O quê? O que foi que eu fiz agora?

– Vamos conversar no nosso quarto.

Noel encurtou o passo para não ultrapassar o marido, mais baixo. O quarto deles era um mix perfeito de ambas as personalidades. Livros feitos de árvore morta numa prateleira, algumas das pinturas abstratas de Kane que eles pagaram para ser trazidas da Terra. A intenção de Kane era voltar a pintar assim que tivessem se estabilizado, mas, assim como tantos outros planos, isso nunca acontecera. A armadura de Noel estava num canto, como uma escultura guerreira de alguma civilização alienígena.

– Ok, o que está acontecendo? – perguntou Noel.

– Papai matriculou Tilda no Departamento de Agronomia da Universidade de Lowell.

– Bem, espero que ele possa conseguir o dinheiro de volta – disse Noel. – Ela vai para Cambridge daqui a três semanas.

Kane desviou o olhar, depois foi até o armário e começou a rearrumar as coisas ali.

– Eu cancelei a passagem dela para a Terra e liguei para o setor de matrículas.

– O QUÊ? – A pergunta foi feita num tom e num timbre que Noel normalmente reservava para recrutas insubordinados.

– Depois de mim, ela é a herdeira.

Noel se forçou a não gritar:

– O que aconteceu com *Vamos vender tudo depois que ele morrer?* – Kane foi até o outro lado do quarto e não respondeu. – Estou supondo que esse plano não está mais valendo...

– É um trabalho honesto, talvez até nobre. Nós alimentamos a Terra – disse Kane em tom defensivo. – Meu tataravô construiu esta casa, escavou o solo pela primeira vez em quem sabe quantos milhares de anos. É de direito que uma McKenzie continue aqui.

– Tilda também é uma Michaelson e tem outros planos. *Eu* tinha outros planos.

– Pensei que seu plano fosse ficar comigo – disse Kane.

– E é, mas... – Agora era a vez de Noel dar voltas pelo quarto. – Você não queria esta vida. Você disse que nunca quis voltar.

– As coisas mudam.

– É óbvio. Mas você e seu pai horrível não têm o direito de tomar essa decisão por Tilda.

– Ah, então agora a verdade vem à tona.

– Sim, ele é um desgraçado e você sabe muito bem disso. Você mesmo costumava *dizer* isso. Tilda vai para Cambridge nem que eu mesmo tenha que levá-la.

– Não vai. Vamos impedir você no porto. Ela é filha de um marciano nativo e menor de idade. Nós podemos mantê-la aqui.

Noel passou dedos agitados pelo cabelo.

– Eu não sei mais quem você é. Como pode fazer isso com nossa filha? Comigo?

Kane foi até ele e o agarrou pelos ombros.

– Escute, deixe-o pensar que ganhou. Quando Tilda tiver 21, ela vai poder fazer que diabos quiser, mas isso me dá tempo para trabalhar com o velho... e... e... as coisas podem mudar.

– Primeiro, ele não muda. Todos os dias o desgraçado nos lembra de como é teimoso – disse Noel, amargo. – Segundo, eu não acho que você possa contar com a morte dele para se poupar de um confronto. E, por fim, três anos e meio vai ser demais para Tilda. Como estudar agronomia numa faculdade de merda em Marte vai ajudá-la a entrar em uma universidade de qualidade, especialmente depois que tiver recusado?

Kane ficou rígido.

– Eu me formei em Lowell.

– Eu não quis dizer...

– Quis, sim. Você acha que isto aqui é um fim de mundo.

– Não mude de assunto. Isso é uma distração. Você precisa encarar o que realmente está fazendo. Você está tomando o caminho do covarde. Não desafia seu pai e está deixando Tilda sofrer por causa da sua falta de coragem!

No momento em que as palavras saíram, Noel desejou não tê-las dito. Mesmo com a pele escura de Kane, conseguiu ver o sangue correndo para o rosto dele.

– Agora eu vejo o que o famoso oficial da SpaceCom pensa de mim!

– Kane se virou e saiu correndo porta afora.

– Kane, espere! Me desculpe, eu...

A porta de metal pesado se fechou com um suspiro, mas foi como se tivesse batido.

Tilda afastou a cobertura do cockpit e subiu em seu avião ultraleve de cores berrantes. *Será o vermelho ininterrupto de Marte que faz os colonos ficarem tão malucos pelas cores?*, pensou. O dela era pintado de prata, com estrelas azuis, luas, faixas e espirais que cobriam as asas muito compridas e a fuselagem. Ela taxiou pela pista, passando pelos grandes rastejadores que levavam seus artigos até o espaçoporto em Lowell City. A longa aceleração pela pista e as asas extralongas captaram o suficiente da atmosfera rarefeita marciana e ela alçou voo. Ao longe, viu o avião preto com relâmpagos prateados de Ali também subindo para o céu avermelhado.

Inclinou o avião para se aproximar dele e voaram quase encostando as pontas das asas ao passarem por cima da cidade marciana. Ela ficou imaginando o que os marcianos dos seus sonhos pensariam disso. As torres com cores de joias ainda eram as mesmas, mas agora as avenidas estavam todas cobertas de pó vermelho e cheias dos gemidos do incessante vento marciano, e não de canções.

A sombra das asas dos ultraleves varria a areia e as rochas vermelhas do planeta e brincava de pique com os redemoinhos que dançavam sobre as crateras e os platôs. A luz frágil do sol distante reluzia sobre as cúpulas que cobriam os campos dos colonos.

Pela janela da frente, ela via cada vez mais perto o Mons Olympus; o maior vulcão do sistema solar se aproximava. O pico arranhava o céu vermelho de Marte, poucas nuvens esfiapadas se enroscavam nos ombros da montanha como se ela estivesse tentando se cobrir com um xale fino.

Ali quebrou o silêncio:

– Vou sentir saudade disto.

– Você já esteve na Terra? – perguntou Tilda.

– Não.

– Você vai gostar.

– Minha mãe tem medo que eu não queira voltar.

– O que você disse a ela?

– Eu prometi que voltaria. – Houve uma hesitação. – Mas menti. Não sei como vou me sentir depois da faculdade de medicina e talvez de uma residência passada abaixo do poço gravitacional.

– Quem sabe tivesse sido melhor ser honesto? – sugeriu Tilda.

– Ela chora o tempo todo. Pense só no que ela faria se eu dissesse isso.

Atravessaram um canal e, movida por um impulso súbito, Tilda falou:

– Vamos pousar.

– Por quê?

– Eu quero jogar uma pedra dentro de um canal. Ainda não fiz isso.

– Está esperando que alguma coisa vá sair rastejando lá de dentro? –

Ali brincou com ela.

– Não, é claro que não. Eu só... Escute, apenas venha comigo, ok?

– Ok.

Encontraram uma área plana não muito distante do corte afiado do canal e pousaram. Na baixa gravidade de Marte, eram capazes de dar passos longos e flutuantes que rapidamente os levaram até a beirada do canal. Era óbvio que ele não era natural. As margens eram limpas, como se cortadas por um laser, e as paredes eram impossivelmente altas. Tilda sabia que os primeiros exploradores haviam colocado sondas dentro dos canais mas não encontraram nada. Apenas paredes muito lisas de vidro fundido. Por que os marcianos os construíram? Qual seria o objetivo?

No início, o medo de que alguma coisa vivesse naqueles cortes profundos dificultara a colonização, mas os anos se passaram e nada emergiu dos canais, então a necessidade substituiu o medo. O mundo natal, prejudicado pelas mudanças no clima, já sem terras de cultivo suficientes para seus bilhões de habitantes, precisava de um novo celeiro. Então os profetas da catástrofe perderam a batalha e os colonos começaram a chegar.

Tilda se ajoelhou na beira do canal e apanhou uma pedra. Deixou-a cair pela borda. Ficou ali pelo que pareceram infinitos segundos. Como era de se esperar, nada aconteceu.

– É tão estranho que não tenham deixado registros escritos... – disse Ali.

– Acho que O'Neill tem razão, a música era a forma como eles passavam informações – respondeu Tilda, se referindo a uma teoria formulada pelo mais famoso xenoarqueólogo de Marte.

– Parece muito inconsistente. E se você fosse uma marciana que não soubesse cantar? Seria considerada muda?

Tilda soltou uma risada, feliz por perceber que era capaz de rir depois de tantas semanas de tensão.

– Essa é uma pergunta realmente interessante.

– Este sou eu, só perguntas interessantes e nenhuma resposta – disse Ali. Ele tinha um sorriso bonito. – O que quer fazer agora?

– Acho que eu deveria voltar – disse Tilda meio desanimada.

– Eu tenho uma tenda pressurizada e mamãe fez um almoço para nós. Que tal a Face? Podemos citar “Ozymandias” um para o outro.

O voo levou mais uma hora. Mesmo vista do ar, era muito fácil identificar a enorme Face, os olhos vazios franzidos para o céu vermelho, a boca fechada em uma linha reta e neutra. Em vez de ver isso, só vislumbraram íngremes encostas vermelhas quando pousaram. Uma coisa que podia ser vista do espaço só poderia ser grande demais para ser apreendida do nível do chão.

– Como será que escavaram isso? – perguntou Ali enquanto montavam a tenda.

– Deve ter sido pelo ar. Lasers do alto para desgastar a rocha.

– Eu detestaria ser o cara que errou a linha pontilhada – disse Ali enquanto pegava o cilindro de oxigênio.

Tilda montou um aquecedor pequeno e, com um suspiro de alívio, retirou o capacete.

A Sra. Al-Jahani era uma cozinheira maravilhosa e tinha embrulhado baba ganush e frango com curry, ambas as opções enroladas em um macio pão árabe. Para sobremesa, baklava pingando de tanto mel. Por sorte, as abelhas se adaptaram bem à vida nas cúpulas marcianas. O que era uma coisa muito boa, pois elas haviam praticamente desaparecido na Terra.

Ali parecia nervoso ao arrumar a cesta de piquenique.

– Eu estava pensando... Vou ficar em Paris. Você vai ficar em Cambridge. Não é tão longe. Quem sabe a gente possa... se encontrar.

– Eu gostaria disso – disse Tilda, e de repente o bonito e moreno Ali se apresentou como um namorado em potencial. Ela precisaria pensar sobre isso, mas naquele momento o pensamento fez com que ficasse animada.

Colocaram os capacetes, desmontaram a tenda e puseram tudo no ultraleve de Ali. Então foram até a lateral da Face. Em algum ponto no passado recente, um humano esculpira degraus na lateral da gigantesca estátua. Tilda sentiu-se culpada ao subir os degraus, mas acabou dando de ombros e aceitando. Não foi ela que fez aquilo e era tarde demais para desfazer.

Lá no alto, andaram por cima do enorme queixo, atravessaram a bochecha e pararam olhando para a fenda do olho esquerdo.

– Quem será ele? – perguntou Tilda baixinho.

– É por isso que deveriam ter deixado registros por escrito – disse Ali. Fez uma pausa e depois acrescentou: – Ei, quer jantar em nossa casa?

Tilda pensou no silêncio moroso que reinava na mesa dos McKenzie e concordou com alegria.

– Eu adoraria, obrigada. Vou mandar um rádio para casa e avisá-los assim que alçarmos voo.

– O que é melhor a gente fazer logo – disse Ali, forçando a vista para observar o sol distante que se punha.

Noel-Pa deu permissão, mas sua voz parecia forçada. Ela torceu para que ele e Papai-Kane não tivessem brigado de novo.

O sol, pequeno e distante, afundou abaixo do horizonte. As luas de Marte se ergueram e passaram uma pela outra correndo em direções opostas do céu. Sem a proteção de uma atmosfera profunda, as estrelas pareciam próximas da ponta dos dedos. Como se por algum acordo, eles voaram em silêncio, aproveitando ao máximo o momento. Então finalmente as cúpulas da fazenda apareceram, reluzindo como estrelas no horizonte. As torres da cidade marciana formavam dedos sombrios, estendendo-se para capturar as estrelas e as luas.

O jantar na casa dos Al-Jahani foi barulhento, delicioso, ligeiramente desorganizado e muito divertido. O rosto da Sra. Al-Jahani era como um camafeu exótico na moldura de seu lenço. O Sr. Al-Jahani estava com a filha mais nova, a pequena Jasmine, no colo. Os outros dois irmãos mais novos de Ali ficavam dando socos e beliscões discretos um no outro e Siraj toda hora cantarolava “Ali tá namorando”, com os olhos negros brilhando de felicidade – o que acabou lhe valendo um soquinho do irmão mais velho.

Tudo isso lembrou a Tilda os alegres e tranquilos jantares de família que desfrutara com seus pais antes de se mudarem para Marte. Ficou ali imaginando como teria sido se os dois tivessem gerado um irmãozinho ou uma irmãzinha para ela, mas sabia que essa tecnologia era cara para o salário de um oficial militar. Mesmo assim, agora isso teria feito diferença. Talvez um desses irmãos imaginários tivesse desejado ser um fazendeiro e acalmado vovô Stephen.

Depois do jantar, jogaram mahjong e Scrabble, para desagrado dos garotos mais novos, que queriam carregar um SimGame e sair atirando em aliens. Quando Jasmine adormeceu nos braços da mãe, Tilda viu que já era hora de ir embora. Ali a levou até seu ultraleve e apertou a mão da garota por um breve momento.

– Foi muito bom. Obrigado por passar o dia comigo – disse ele baixinho.

Tilda estudou a linha da face dele, a boca e o lábio inferior, que era um pouco sensual. Ela pensou que na Terra ele teria se inclinado para a frente e a beijado nesse momento, mas em Marte estavam separados por seus capacetes. Ela se conformou em apertar com força a mão dele.

– Obrigada por me convidar. Eu me diverti muito.

– Vamos fazer isso de novo antes de partirmos.

Ali passou um braço ao redor dela e a abraçou e Tilda retribuiu com entusiasmo. Então ela subiu no ultraleve e deu o salto curto sobre o canal que separava as duas fazendas.

Ficou surpresa ao encontrar os dois pais esperando por ela na cavernosa sala de estar. Reparou que Noel-Pa estava mais pálido do que de costume, mantendo o rosto tão sério que mais parecia uma estátua de mármore do que um homem. Papai-Kane pôs um braço ao redor dos ombros dela e a levou até o sofá, mas ela reparou que ele não a olhava diretamente.

Então ele começou a falar. A cada palavra de Papai-Kane, Tilda sentia que morria por dentro. Ela queria gritar, correr, chorar, bater nas paredes de pedra que pareciam estar se aproximando cada vez mais. Curvou-se, se dobrando contra a agonia em seu coração.

– Mas... mas eu não quero estudar agronomia – disse ela por fim. Foi um esforço fazer as palavras saírem por uma garganta que doía com lágrimas não derramadas. Conseguiu dar um sorriso. – Eu sou horrível com plantas, papai, você sabe disso. Eu matei um figo, pelo amor de Deus!

Antes, Papai-Kane sempre reagia às suas brincadeiras. Dessa vez, o rosto dele permaneceu duro como pedra.

– Você é uma McKenzie. Nós cultivamos coisas.

– E alguns de nós matam coisas – disse Noel.

Os olhos de Tilda foram direto para seu outro pai e ela ficou aterrorizada pelo que viu no rosto de Noel quando ele olhou para o marido.

Kane levantou bruscamente a cabeça e encarou firmemente Noel.

– Bom, isso foi bastante ameaçador.

– Tudo que quis dizer foi que eu era um soldado. Por que você não força Tilda a se alistar? Por que ela tem que seguir a tradição da *sua* família?

– Você mesmo acabou de dizer. Você mata coisas. – Kane estava usando um tom nojento. – Eu quero algo diferente para ela.

Tilda se levantou e colocou uma mão trêmula no braço de Kane.

– Eu também quero algo diferente para mim, mas deveria ser o que *eu* quero. Eu quero estudar filosofia e religião comparativa. Eu quero compreender os marcianos e as criaturas do gelo em Europa. Por favor, papai.

A voz dela ficou embargada nas últimas palavras e Tilda teve medo de soar como uma criança de 5 anos.

– Os marcianos estão mortos. As criaturas em Europa podem nem sequer ser inteligentes, e tudo que você vai ser capaz de fazer com esse diploma é ensinar – disse Kane.

– E o que há de tão errado nisso? – retrucou Noel.

– É inútil e não faz sentido. – Kane ofegava, respirava com dificuldade. Ele olhou para Tilda. – Até sua maioridade, seu avô e eu pagamos as contas e definimos as regras. Você vai para a Universidade de Lowell. As aulas começam em cinco semanas.

Foi o tom ríspido dele que finalmente pôs fim ao autocontrole dela. Tilda soltou um único soluço e saiu correndo da sala. Cega pelas lágrimas, correu para seu quarto; ouviu Papai-Kane dizer em sua defesa:

– Ela vai chorar e tudo vai passar amanhã. Crianças são resistentes.

Noel respondeu com dureza:

– Você partiu o coração de nossa filha! Acho que nunca vou conseguir perdoar você.

Quando Noel entrou de mansinho no quarto de Tilda, descobriu que ela havia adormecido, exausta. O sibilar suave da porta deslizando não a despertou e ele precisou dar um suave empurrãozinho no ombro da filha. Ela se levantou, afastando o cabelo do rosto. A pele ao redor dos olhos

estava inchada e vermelha. Quando Noel acendeu a luz de cabeceira, ela fez uma careta por conta da luminosidade nos olhos.

Ele ficou sentado na beira da cama e ela o abraçou com força.

– Eles podem mesmo me deixar presa aqui até os 21 anos?

– Podem. A lei marciana controla esta situação e eles sempre foram conservadores.

– E você veio me dizer para ter paciência. – A alegria e a juventude haviam sumido da voz dela. Ela parecia velha.

– Não. Eu não vim fazer isso. – Ele ficou mexendo na borda da colcha de um jeito nervoso. – Há uma maneira de tangenciar a questão da maioridade. É um caso em que, na verdade, o conservadorismo marciano funciona a nosso favor.

Ela pulou até ficar ajoelhada na cama, a esperança se reacendendo nos olhos.

– Ok. Eu faço. O que é?

– Epa. Espere. Espere até eu dizer o que é. Pode ser que você decida que a escola de agronomia da Universidade de Lowell seja melhor. – Ele parou e respirou fundo. – Você se alista. Você pode se alistar aos 17 com o consentimento de apenas um dos pais. Depois você se inscreve no Programa de Comissionamento Universitário, chamado de Verde para Ouro. Vai servir um ano alistada, mas com suas notas, sua disciplina e as recomendações dos oficiais que me devem favores, você entra. Cambridge já está segurando uma vaga para você. Você irá para a universidade e só vai ter que cumprir o compromisso anual. E ainda será uma oficial.

Ela franziu a testa e mordeu o lábio inferior.

– Eu vou ter que estudar o que a SpaceCom mandar?

– Eles não estão preocupados com o diploma. Apenas com o fato de você ter um e com suas notas.

Ela ficou ali pensando por alguns minutos. Noel se perguntou se ela estaria imaginando os uniformes azuis e dourados.

– Você me ensinou a atirar.

– De fato.

– É provável que tenhamos outra guerra?

– Para mim, é difícil responder essa pergunta. Acho que não. Desde a Revolta do Cinturão, os políticos da Terra pareceram perceber que precisavam conversar com os colonos em vez de agirem como valentões. Felizmente, parece que isso vai continuar.

- E é isso que você odeia nesta situação – disse ela olhando para ele.
- Você acha que nós estamos sofrendo bullying deles.

Ele a abraçou com força.

- Isso, suponho que estamos.

- Ok, eu vou...

Ele colocou um dedo nos lábios dela.

- Não, eu quero que você pense nisso com calma. Lembre-se, não há garantias de que isso vá funcionar. Planos podem não dar certo. Me avise em alguns dias. Mas não importa qual seja sua decisão, não deixe Stephen levar a melhor sobre você. Se ele achar que você está sendo rebelde ou que vai insistir, vai tornar mais difícil a nossa saída... se você decidir se alistar.

Ela pensou por três dias. Ficou vendo filmes de guerra e documentários sobre a Revolta do Cinturão no seu ShowSim. Será que conseguiria suportar o treinamento básico? Provavelmente sim. Ela estava em boa forma e gostava de atividade física. Armas não a assustavam. Morrer, sim. Mas não era assim que todo mundo se sentia?

Tilda seguiu o conselho do pai e não deu nenhum escândalo. Stephen interpretou seu silêncio como concordância e começou a tratar Tilda com muito carinho. Toda vez que a abraçava, dava um olhar triunfante para Noel-Pa como se dissesse: *Está vendo? Agora ela é minha*. Para seu genro, Stephen se tornou um homem ainda mais horroroso.

Na terceira noite, os três estavam sentados na sala de estar. Noel-Pa, sentado no sofá, costurava uma das camisas de Kane enquanto Kane folheava um catálogo de sementes que havia projetado no seu ScoopRing.

- Quando Tilda for para a faculdade, acho que gostaria de sair da casa e me juntar a você nos campos – disse Noel-Pa.

- Eu também gostaria disso, mas talvez não agora. Papai gosta de trabalhar comigo.

- Por que ele não pode trabalhar com vocês dois? – perguntou Tilda, mas era mais uma provocação do que uma pergunta.

Noel disparou um olhar de advertência para ela e Kane olhou irritado.

- Escute, este pode não ser o melhor momento. Vamos todos simplesmente ficar... – Ele parou de falar.

- *O quê? Ficar o quê?* – perguntou Tilda.

– Vou para a cama – grunhiu Kane, e foi pisando duro na direção dos quartos. Tilda notou como os olhos de Noel o seguiram e como a tristeza escavara rugas no seu rosto.

– Vamos lá fora olhar as estrelas antes de dormir? – sugeriu ela.

Noel assentiu e a seguiu para fora da casa. A cúpula suavizava o brilho das estrelas e dava um tom quase de arco-íris a Fobos, que corria lá no alto.

– Já decidi. Quero me alistar. E, quem sabe, depois que eu tiver partido, vovô tenha que aceitar você e parar de cuidar de mim.

Ele afastou a mão dela com um gesto gentil.

– Não se preocupe comigo. Vamos colocar você dentro de uma nave da SpaceCom. – Deu-lhe o braço e saíram caminhando por um dos campos, onde podiam escutar qualquer um se aproximando, assim evitando que alguém os ouvisse. – As previsões de longo alcance mostram uma tempestade de areia dos infernos vindo depois de amanhã. Está se dirigindo para Lowell City, então podemos fugir antes disso.

– Assim papai e Stephen não poderão nos perseguir, porque, quando descobrirem que partimos, a tempestade os terá deixado presos e os rastreadores são muito lentos para nos apanhar. – A sensação de segredo e conspiração era empolgante.

– Exatamente. Saia com Ali amanhã e embrulhe tudo que quiser levar. Mas lembre-se, pouca coisa. Os armários da SpaceCom não são grandes. Deixe tudo no cockpit do seu avião.

Tilda quase berrou ao ver o tamanho da tempestade. Era um monstro, se acumulando no horizonte sul, a poeira se enrolando e se moldando em formas fantásticas pela força dos ventos. Naquele momento, a tempestade era um zumbido baixo que colocava os nervos à flor da pele e deixava todo mundo irritado, mas, quando chegasse, o som seria um uivo de mil banshees.

Kane e Stephen estavam mandando os operários verificarem as várias cúpulas antes da chegada da tempestade.

– Tilda e eu vamos checar os ultraleves! – gritou Noel-Pa quando passaram pelo grupo.

– Esperem! – bradou Stephen.

– Escute, pai, se tem uma coisa que sei fazer, é amarrar um avião. Já fiz com muitos caças. – Noel-Pa não esperou, pegou Tilda pelo braço e foram para a comporta mais próxima dos ultraleves.

O vento os atingiu no momento em que saíram e Tilda cambaleou. Noel-Pa a agarrou pela cintura e a firmou. Curvando-se contra as rajadas do vento que gemia, dispararam na direção do ultraleve de Tilda. Noel-Pa lutou com a cobertura do cockpit e conseguiu abri-la. Empurrou-a para cima e ela entrou no cockpit.

Ele pressionou seu capacete contra o dela e bradou:

– Vou soltá-la e você decola.

– Como você vai...

– Eu me viro. Prepare-se.

Noel-Pa puxou a cobertura para a frente e pulou para o chão. Então soltou o ultraleve. Tilda o sentiu balançar. Assim que ele foi solto, ela começou a taxiar pista abaixo com o vento batendo na aeronave e fazendo as asas compridas vibrarem. Conseguiu alçar voo e fez um círculo, vendo o pai correr para outro ultraleve, puxar a cobertura, se abaixar e desamarrar um dos cabos.

O vento estava ficando cada vez pior e a poeira tapava o sol, criando um crepúsculo artificial. Tilda lutou com os controles, enquanto seu pai corria para o cabo seguinte. Um feixe de luz se derramou sobre o terreno vermelho quando a comporta se abriu.

Uma figura em um ambientraje saiu correndo na direção de Noel-Pa. Muito baixa e larga para ser Papai-Kane. Tilda ligou seu rádio e ouviu a voz do avô gritando furioso:

– Desgraçado! Filho da puta. O diabo que você vai levar ela.

– Stephen. – A voz de Noel-Pa era alta mas ainda conciliadora. – Isto é...

Mas nunca terminou. O homem mais velho se jogou em cima dele. Noel-Pa conseguiu ficar de pé, mas eles se travaram num abraço furioso. Stephen começou a encher o corpo de Noel-Pa de socos. O oficial da SpaceCom tentava mantê-lo afastado e não revidar. O ultraleve semiamarrado estava sendo jogado de um lado para outro como a cauda de um escorpião assustado.

Tilda deixou o plano de lado. Ligou o rádio no canal de emergência e começou a gritar:

– Papai! Papai! Socorro!

Estava ficando cada vez mais difícil manter as asas niveladas por conta do turbilhão uivante do vento. Noel-Pa conseguiu empurrar Stephen para longe, mas não viu a cauda do avião virando, impelida por uma violenta rajada. Ela bateu com toda a força nas suas costas e na cabeça e ele desabou na areia.

– Pai! – gritou Tilda e virou o nariz do avião na direção da pista.

Tremia de medo, e isso, junto com o vento, provocou um pouso horrível. Uma roda quebrou e uma das asas se enterrou fundo na areia e ficou toda amassada. Ela empurrou a cobertura do cockpit para trás e desceu correndo. Mal conseguia manter os pés no chão enquanto corria até o pai. Stephen estava ali parado, as mãos caídas, se segurando contra o vento. Olhava para Noel-Pa, com uma expressão ao mesmo tempo de choque e de fúria no seu rosto enrugado.

Tilda caiu de joelhos ao lado da forma imóvel do pai.

– Seu monstro! Seu velho desgraçado, horroroso! Você matou ele! Eu te odeio. Eu te odeio! – As palavras dela pareciam fazer Stephen recuar tanto quanto o vento.

A comporta voltou a se abrir e outra figura com ambientraje veio correndo. Papai-Kane a alcançou. Estava ofegante.

– Noel. Ai, meu Deus, Noel.

Uma rajada de vento passou gritando e fez o ultraleve quebrado de Tilda rolar pelas areias.

– Precisamos entrar! – bradou Stephen.

Papai-Kane grunhiu com o esforço, mas levantou o marido nos braços. Os quatro se agarraram e lutaram juntos até chegarem à comporta.

A tempestade continuou com sua fúria, apagando o sol e deixando os nervos de todos em frangalhos enquanto o vento gritava e gemia ao redor da cúpula. Noel ficou deitado na cama e não recuperou a consciência. Henry, um dos operários que tinha treinamento em primeiros socorros, fez o que pôde.

– Ele precisa ir para o hospital de Lowell City – concluiu, mas, é claro, a tempestade tornava isso impossível.

O operário balançou a cabeça e saiu de mansinho, deixando Kane sentado ao lado da cama, segurando a mão inerte do marido.

Tilda ficou sentada com eles. As horas se passaram e ela se sentiu mole de exaustão. Houve um momento em que Stephen apareceu na porta do quarto.

– Saia daqui.

– Kane.

– Não posso lidar com você agora. – Kane olhou para Tilda. – Vá se deitar.

– Eu quero ajudar. Quero ficar aqui – disse ela.

– Durma um pouco. Depois você pode vir aqui ficar no meu lugar e eu vou descansar. Ok?

– Você me chama se...?

– Não vai acontecer nada. – Ela se levantou, foi até ao lado dele da cama e beijou seu rosto. Ele retribuiu o beijo, mas não soltou a mão de Noel, como se por força da sua vontade pudesse fazer Noel reviver.

Ela se despiu e entrou na cama. Não pensara que seria capaz de dormir, mas às vezes o corpo pode vencer a mente.

Ela caminhava pela cidade marciana, que mais uma vez estava repleta de nativos altos e graciosos. Entre os aliens havia duas figuras menores. Uma delas era muito magra, com cabelos pretos compridos. A outra, Tilda reconheceu no mesmo instante, era Noel-Pa. Ele estava de braços dados com a mulher.

Tilda correu na direção deles.

– Papai, papai! – Ele soltou Miyako e a pegou nos braços. – O que você está fazendo aqui? – Mas ele não respondeu, apenas sorriu para ela. – Vamos. Temos que ir para casa. Venha comigo.

Ela pegou a mão dele e puxou, mas ele resistiu e colocou a mão fora do alcance dela. Então voltou a dar o braço a Miyako e os dois se afastaram. Tilda correu atrás deles, mas parecia não fazer progresso nenhum, e eles foram se afastando cada vez mais. Ela olhou ao redor e viu um marciano em pé no alto da escadaria do que chamavam de templo. Havia algo familiar naquele rosto arrogante e no jeito dos olhos facetados.

Ozymandias.

Ela subiu correndo os degraus e parou para olhá-lo. Ao contrário dos outros marcianos, ele olhou para baixo e pareceu vê-la.

– Para onde foi meu pai?

A música a envolveu, cheia de informações que não conseguia processar. Tilda acordou.

Voltou para o quarto dos pais, onde uma reunião tensa se instaurara. Henry levantara a pálpebra do olho esquerdo de Noel. A pupila estava tão dilatada que quase não havia azul no olho.

– A pressão sanguínea dele está disparando – disse Henry – e a pulsação está tão lenta que quase não consigo senti-la.

– Isso quer dizer o quê? – perguntou Papai-Kane.

– Provavelmente uma hemorragia no crânio dele. Se a pressão não for aliviada, ele vai morrer.

– Então faça isso – ordenou Kane.

Henry recuou, levantando as mãos como se estivesse empurrando as palavras de Papai-Kane.

– Não, não, eu não. Eu não tenho habilidade nem treinamento para uma coisa dessas.

Saiu correndo do quarto antes que Kane pudesse falar. Pai e filha ficaram olhando um para o outro.

– Uma tempestade tão ruim assim vai travar o motor de um rastejador – disse ele. – E é uma viagem de cinco dias para Lowell, mesmo em boas condições. – Kane curvou os ombros e ela o viu aceitar o inevitável.

– É por isso que ele está na cidade – murmurou Tilda, quase para si mesma. – Ele está morrendo e foi para a cidade.

– Do que você está falando? – perguntou Papai-Kane, cada palavra beirando a raiva.

– Eu sonhei com papai e Miyako. Eles estavam juntos na cidade. Ozymandias estava tentando me dizer alguma coisa, mas não consegui entender. – A voz dela falhou.

– Que conversa mais maluca essa. E quem é Ozymandias? Ele não vai morrer. Não vou deixar que ele morra!

Ficou andando pelo quarto como se pudesse ser mais rápido que a morte.

A mente de Tilda parecia estar correndo em círculos frenéticos. Ela não parava de tentar pensar em planos, soluções, alternativas, mas tudo que via eram os calorosos olhos castanhos de Ali e seu sorriso suave. Então percebeu que ele era a solução.

– Ali! – gritou.

– O quê?

– Ele trabalhou como técnico médico na clínica em Bradbury. Vai para a faculdade de medicina.

– Eles estão do outro lado do canal, não podemos voar com este tempo – disse Papai-Kane.

– Tirolesa. Sobre o canal.

Kane parou para pensar.

– Não vamos ter muito tempo. Uma tempestade deste tipo também pode estragar um ambientraje.

Foi uma prova de bondade dos Al-Jahani o fato de que eles não gritaram nem hesitaram. Vovô Stephen considerou o plano uma insanidade e ordenou que nenhum operário ajudasse.

Tilda sentiu seus dedos se curvarem em garras e estava a ponto de se jogar em cima do avô. Qualquer resto de afeto pelo velho desapareceu naquele instante e ela viu que alguma coisa havia acontecido a Kane também. Ele estava de frente para o pai, gritando no rosto do velho:

– Seu filho da puta! Você *quer* que ele morra. Alguém vai me ajudar. Alguém tem que odiar você tanto quanto eu!

As palavras de Papai-Kane atingiram Stephen como ácido e ele pareceu se encolher sob o ataque delas. Kane tinha razão. Vários dos operários tinham passado a gostar tanto de Noel quanto de Kane e se ofereceram para ajudar. Tilda quis ir com ele, mas Kane não queria que ela saísse na tempestade.

– Fique com Noel – disse Papai-Kane, abraçando-a bem forte. – Mantenha-o conosco. – Ele começou a andar, depois olhou para trás. Sob sua pele escura havia um tom cinzento. – E não deixe seu avô entrar no quarto.

Olhos arregalados, Tilda apenas fez que sim. Ela trancou a porta e voltou para a cabeceira de Noel-Pa.

Quarenta minutos passaram bem devagar, com Tilda segurando a mão de seu pai, falando com ele, fazendo com que se lembrasse da vida que levavam juntos. Até que finalmente a porta se abriu e Kane e Ali entraram. O jovem parecia assustado mas determinado.

Tilda deu um salto e o abraçou.

– Obrigada. Obrigada. – Ela enxugou as lágrimas que brotavam de seus olhos.

– Não me agradeça ainda, mas acho que vai dar certo. Neandertais faziam trepanações, e estou com um link no meu ScoopRing direto para o Centro Médico de Lowell. Uma neurocirurgiã vai me orientar durante o

procedimento. Vamos começar. Precisamos raspar a cabeça dele e desinfetar o crânio. E preciso de uma broca.

A preparação demorou mais do que o procedimento. Papai-Kane segurou a cabeça do marido, enquanto Tilda mantinha uma toalha pronta para enxugar o sangue. Ali inseriu a broca. O ruído agudo que ela emitia fazia os dentes vibrarem e fez a parte de trás dos olhos de Tilda doer. Ela agarrou com força a toalha com suas mãos suadas enquanto a broca perfurava lentamente a pele. Um cheiro de queimado subiu quando ela atingiu o osso, Ali continuou com a perfuração e um gêiser de sangue o atingiu no rosto e no peito. Tilda deu um pulo para a frente para bloqueá-lo com uma toalha, mas a doutora de cabelos brancos no holograma do ScoopRing reagiu com um grito agudo:

– Não! Deixe sangrar. Queremos reduzir a pressão.

O sangue ficou jorrando mais um pouco, depois se reduziu e continuou escorrendo até parar. Ali se levantou apressado e segurou o ScoopRing sobre o buraco no crânio de Noel para que a cirurgiã em Lowell City o inspecionasse. A Dra. Bush estava se inclinando para a frente como se pudesse atravessar num passo as centenas de quilômetros que os separavam. Ali retirou seu fone de ouvido para que todos pudessem ouvir a mulher dizer:

– Bom trabalho, Ali. Parece ótimo. Limpe, ponha algodão e uma atadura em cima. Ele deverá acordar daqui a algumas horas.

Tilda abraçou primeiro o pai, depois se jogou nos braços de Ali. Ele lhe deu um beijo desajeitado que por pouco não acertou sua boca, mas mesmo assim foi bom.

Tilda foi para seu quarto vestir uma camiseta limpa. Parte do sangue que havia jorrado a tinha atingido. Ficou muito orgulhosa de si mesma por não ter desmaiado nem reagido ao sangue. Talvez ela pudesse ter sido uma soldado. Naturalmente, não teria chance de descobrir agora, mas só quando Noel-Pa acordasse. Porém essa linha de pensamento era muito frágil e cheia de dor e medo. Ela voltou ao quarto dos pais.

Horas se passaram. A pupila do olho de Noel voltou ao normal. Sua pressão sanguínea caiu, a pulsação estava normal. Ele não acordou. Ali chamou novamente a Dra. Bush. Ela o fez testar reflexos musculares na sola do pé do militar. Todos os testes foram normais. Mas ele ainda estava deitado como uma efígie e, a cada hora que passava, parecia preencher cada vez menos o lençol, como se estivesse diminuindo a olhos vistos. O

rosto de Kane foi se tornando caído e cinzento. Ali fez ligações apressadas para a Dra. Bush, mas nada do que ela sugeria ajudava.

A tempestade continuou gritando até acabar. O pai de Ali quis voar até lá para apanhá-lo, mas ele se recusou.

– Não até meu paciente acordar – foi o que ele falou, e Tilda quis beijá-lo de novo.

Vovô Stephen passou uma vez e olhou o corpo deitado do genro com uma expressão amarga. Então Tilda se alegrou por Ali ter ficado; isso evitava que todo o ódio fosse expressado em voz alta.

Tilda recuou para seu quarto e se deitou. Ela ia simplesmente descansar os olhos ardidos por alguns minutos...

Noel-Pa e Miyako estavam sentados um em cada lado de Ozymandias no degrau mais alto do templo. Os três olharam para Tilda enquanto ela descia o longo bulevar. O ar ao redor de Tilda pulsava e...

Subitamente ela estava imersa até os cotovelos num arbusto de chá, arrancando com cuidado as folhas tenras. Suas mãos eram pequenas, mãos de criança, e a pele era pálida como uma amêndoa. Ela olhou para o pai, que sorriu de volta.

– Este chá será bebido na Casa Branca e no Palácio de Buckingham. Vai ser como se nós estivéssemos lá quando eles o servirem – disse ele, e Miyako sentiu um tremor de excitação.

Agora as mãos dela estavam maiores e cobertas com luvas metálicas, e agarravam um rifle pesado. Ela viu um clarão quando um laser abriu uma nova cratera em Ceres. A placa facial que cobria seu rosto escureceu para que ela não ficasse cega. Então se jogou no chão em busca de cobertura.

– Delia? Sam? Matt? Estou sem som. Falem comigo, pessoal. – A voz dela era um barítono profundo.

Tilda havia chegado ao pé das escadas e subiu até onde estava Ozymandias.

– Agora você entende? – perguntou ele.

– As cidades eram repositórios de memórias – respondeu ela. – De algum modo, vocês todos viviam juntos, os vivos e os mortos. Passado e presente juntos. Não é de estranhar que não

pudéssemos entender. Era muita coisa, então interpretávamos isso como música.

Ele assentiu com sua cabeça longa e fina.

– Tantos de nós se perderam. As vozes dos ancestrais, transformadas em pó por vocês, crianças apressadas.

– Nós não entendemos – disse Tilda. – Mas Miyako se tornou a ponte, não foi?

– E você e seu pai ouviram.

Tilda olhou para Noel-Pa.

– Mas eu gostaria de levar meu pai para casa agora.

– Corpo e espírito estão separados. E o seu chamado não é o que ele irá atender.

Tilda acordou, desceu rápido da cama e correu até o quarto do pai.

– Isso é loucura. Você quer arrastar um homem doente lá para aquelas colinas? – perguntou Papai-Kane.

– Desculpe, mas preciso concordar com seu pai. – Ali fez um gesto para a cama. – Ele está ficando mais fraco a cada hora que passa. A mudança de local pode matá-lo.

– Neste momento ele está morrendo aos poucos. Não está? – Tilda exigiu que Ali respondesse. Ele hesitou, mas concordou devagar com a cabeça. Ela voltou-se para Kane. – Por favor, papai. O que temos a perder? Estou dizendo, ele foi para a cidade. Como Miyako. Acha que não existe nada para voltar. *Você* precisa convencê-lo, levá-lo de volta para casa.

Kane mordeu o lábio inferior. Olhou para a cama. O lençol mal parecia se mover sobre o peito de Noel. Ele olhou para Ali, que simplesmente deu de ombros.

– Acho que não há mais nada que eu posso fazer.

Kane disse devagar:

– Minha mãe ouvia a música. Queria morrer na cidade marciana, mas papai não quis saber disso. Ela me implorou para ajudá-la, mas fiquei do lado dele. Papai a levou para Lowell City. Para o hospital. – Era uma confissão que queimava como ácido.

– Não fique do lado dele desta vez – implorou Tilda. – Noel-Pa não tem que morrer. Ele só precisa de uma razão para viver. Por favor, papai.

Por um segundo, todo o ar ficou parado, então Papai-Kane deu um pulo e agarrou o ambientraje de Noel. Com a ajuda de Tilda e Ali, ele o vestiu. Kane levantou Noel nos braços.

– Meu pai proibiu qualquer um de entrar na cidade. Você precisa nos dar cobertura, pode ser? – perguntou Kane ao rapaz.

– Pode deixar.

Quando descobriram que Stephen estava na cúpula do pomar, eles correram para a garagem e os rastejadores. Ao rolarem pelo leito do rio seco, uma plumagem de pó se estendia como a cauda de uma fênix atrás deles. Então chegaram à cidade e um amplo bulevar se estendeu diante deles.

– Estamos indo para algum lugar específico? – perguntou Papai-Kane.

– Estamos. – Tilda estava olhando com atenção pelo para-brisa. – Eu sei o caminho.

As fachadas dos edifícios respondiam ao eco do grande motor do rastejador e o eterno vento marciano suspirava e sussurrava pelas ruas. Um clarão de movimento fez Tilda virar a cabeça de supetão, mas era apenas um redemoinho de poeira. Lentamente, uma sobreposição da cidade da memória se formou por cima das ruínas. Ela pôde ver as multidões com roupas de festa, pipas dançando ao vento, os tons de arco-íris das torres. A música estava ao seu redor.

– Meu Deus! – resmungou Papai-Kane. – Isso é...? Eu estou ouvindo.

Ela o guiou por curvas e ruas agora familiares até chegarem diante do templo.

– Lá no alto. Precisamos levá-lo até lá no alto.

Ozymandias estava no último degrau. Quando Tilda desceu do rastejador, ele assentiu lentamente para ela e desapareceu.

Kane tomou Noel nos braços e o trio subiu os degraus altos e íngremes. Do lado de dentro, os padrões espiralados nas paredes estavam apagados e eram interrompidos em alguns pontos. Eles subiam de forma ruidosa pisoteando os grãos de areia.

A música era como um rio que passava rugindo por eles, se quebrando como um prisma em visões alienígenas, vidas e memórias. O pai olhou para ela, o rosto tenso atrás da placa facial do capacete.

– Eu mal consigo pensar. Não sei o que fazer.

– Chame-o de volta. Diga a ele... Você sabe o que dizer a ele.

Kane fez que sim, se ajoelhou e colocou Noel no chão do templo. Então, pegando a mão enluvada de Noel na sua, disse baixinho:

– Acorde, meu amor.

Noel gemeu e se mexeu devagar.

Isto vai funcionar, Tilda pensou exaltada.

Seu ScoopRing tocou, uma nota dissonante na canção marciana. Ela queria ignorá-lo, mas o clamor insistente estava começando a estilhaçar a melodia. Atendeu. Era Ali.

Seu rosto no holograma estava tenso.

– Tilda, é seu avô. Porra, ele está surtando. Perdeu totalmente o controle. Tentei mantê-lo fora do quarto, mas ele forçou a entrada. Ele sabe para onde vocês foram. Saiu resmungando sobre como iria destruir a cidade, como ela está afastando sua família. Seu avô está a caminho da cidade com uma grande escavadeira.

– Ai, meu Deus – sussurrou Tilda. – Ok, obrigada... Eu vou... Eu vou pensar em alguma coisa. – Desligou e olhou para seus pais.

Kane estava curvado sobre seu marido, falando com toda a atenção:

– Desculpe, Noel. Eu me perdi por um tempo. Não sabia ao certo a quem devia ser leal. Agora sei. Eu te amo. Volte para casa.

Dali não sairia nenhuma ajuda. A ligação entre os dois ainda estava muito frágil, muito tênue. Ela não podia tirar Kane dali naquele momento crítico. Então saiu de mansinho do templo, desceu as escadas compridas e foi para a rua. A distância, pôde ouvir o rugido de dragão da maquinaria pesada, seguido de um estrondo quando uma parede caiu.

Ela correu em disparada. Virou uma curva e lá estava Stephen na cabine alta e envidraçada. Mesmo através das camadas de vidro e do capacete, ela pôde ver como o rosto dele estava retorcido de fúria. Ele dirigiu a grande escavadeira até um edifício.

Tilda correu para a frente, balançando os braços no alto e gritando:

– Pare!

Ela se meteu na frente do veículo. Seu avô parou a apenas poucos centímetros dela.

– Saia da minha frente!

– Não! Você não pode fazer isso! Você vai matar Noel-Pa. A alma dele está na cidade.

– Ele já está morto. Entregou-se a estas criaturas, este *lugar*. Preciso salvar Kane e você.

– Faça isso e vai perder nós dois! – gritou ela.

Ele colocou a gigantesca máquina em marcha a ré, girou-a e se dirigiu para outro prédio. O desespero dominou Tilda. Ela não tinha ideia de como atacar o leviatã e o homem em seu interior.

Miyako saiu lenta e calmamente pela porta do prédio do qual Stephen se aproximava. A máquina parou e Tilda percebeu que a torrente de memória penetrara até mesmo a mente fechada de Stephen. A areia trazida pelo vento rodopiava ao redor dos seus pés e, de repente, Tilda soube o que fazer. Ela correu para a frente e arrancou a tampa do combustível.

Miyako estava falando:

– Você não me amava. Eu era um meio para um fim. Você nunca me perdoou por ocupar o lugar de Catherine. – Enquanto isso, Tilda enfiava freneticamente punhados de areia dentro do tanque de combustível. – Você só falava do bebê e de como ele seria melhor do que Kane. Até a criança era só uma maneira de ferir Kane. Ele não importava. Nem *eu*.

Durante todo o discurso de Miyako, Stephen murmurava:

– Você não é real. Você é um monstro.

Ah, meu Deus, ela estava grávida, pensou Tilda. *E isso arrasou o vovô. Arrasou a nós todos*. Balançou a cabeça, afastando o pensamento desesperado. *Mas ainda não, diabos!*

Stephen colocou a escavadeira em marcha e começou a avançar, tentando esmagar Miyako. Então o motor tossiu e morreu. Gritando e xingando, o velho escancarou a porta da cabine e saltou ao chão. Estava carregando uma chave de boca comprida e pesada.

Tilda saiu correndo até ficar ao lado de Stephen enquanto ele ia atrás de Miyako, que vagava sempre para longe de seu alcance.

– Você não pode matá-la. Você já fez isso. E não pode apagar a memória do que fez com ela. E, se Noel-Pa morrer, a memória de sua crueldade com ele também permanecerá. E eu prometo que virei aqui para morrer, para que o que você fez comigo jamais seja esquecido.

Ele tropeçou numa pedra do calçamento e então seus passos se mostraram mais incertos. Tilda continuou, sabendo que suas palavras abriam feridas na alma do velho. Ela não se importava.

– Se tivesse deixado Catherine morrer na cidade como ela queria, as memórias dela estariam aqui. Você não a teria perdido completamente.

Não está entendendo? Quanto mais você nos agarra, mais lutamos para nos libertar. E, se suas ações fizerem Noel-Pa morrer, você vai perder seu filho também.

Stephen voltou a tropeçar, parou e se apoiou na chave de boca como se fosse uma bengala. Seus ombros estremeciam.

– Deus me perdoe! – As palavras saíram quebradas, sussurradas, e Tilda quase não as ouviu. – Eu estou tão só. – Ele desabou no chão.

O fantasma da memória de Miyako caminhou até ele. Colocou a mão no seu ombro.

– Temos muito que conversar – foi tudo o que ela disse.

Tilda os deixou ali e correu de volta para o templo. Para encontrar Noel-Pa recostado em Kane, sua cabeça no capacete no ombro do marido. Eles abriram os braços para ela, que correu para o abraço deles.

Algumas semanas mais tarde, ela e Ali caminhavam juntos na cidade marciana. O cenário estava frenético: grupos trabalhavam para limpar a areia dos escombros, cientistas pensavam em como a cidade registrava as memórias dos moribundos, e líderes religiosos rezavam. A fazenda dos McKenzie abrira suas portas para abrigar um exército de especialistas.

– Você não se arrepende de ficar? – perguntou Ali.

– Não. Tem tanta coisa para fazer aqui... Noel-Pa e Stephen têm acesso mais fácil a Miyako e eu posso falar com Ozymandias. Eu sou útil.

– Quem era ele?

– O marciano que descobriu como manter a memória viva.

– Não é de espantar que tivessem construído um monumento para ele.

– Ali estacou e inspecionou as finas torres espiraladas, agora limpas da poeira que as ocultava. – Meio irônico o jeito que seu pai e seu avô estão trabalhando juntos agora.

– É, e também um pouco apropriado. E eu ainda vou estudar em Cambridge. Só que vão me deixar fazer o curso a distância. – Ela sorriu para ele. – Vou sentir saudade.

– Não vai ser para sempre.

– Achei que você fosse ficar na Terra.

Ali olhou ao redor.

– Tenho muitas memórias aqui. Detestaria abandoná-las.

Ele deu um abraço nela e ela o viu andar de volta até seu ultraleve. Então seguiu de volta para casa. Papai-Kane e Noel-Pa estavam fazendo o café da manhã e, com tanta gente para alimentar, poderiam precisar de alguma ajuda.

O CANAL PERDIDO

MICHAEL MOORCOCK

Uma das figuras mais prolíficas, populares e polêmicas da literatura atual, Michael Moorcock ajudou a moldar a ficção científica e a fantasia como as conhecemos atualmente, tanto como autor quanto editor, por mais de trinta anos. Moorcock instigou a revolução da New Wave na ficção científica em meados da década de 1960, quando assumiu o comando da simpática, porém antiquada e um tanto cansada, revista britânica *New Worlds*. Moorcock deu uma vida nova e bizarra à revista e a transformou em uma poderosa e ousada publicação que foi o coração do movimento britânico da New Wave. O próprio Moorcock se tornou uma das figuras mais controversas daquela era turbulenta, tanto pelo seu papel como principal criador das muito admiradas, e muito odiadas, histórias de “Jerry Cornelius”, quanto por seus papéis como editor, teórico literário e mentor dos escritores mais proeminentes do período. A *New Worlds* fechou no começo dos anos 1970, depois de uma alarmante denúncia nas Câmaras do Parlamento, que proibiu sua distribuição por uma grande rede de distribuição britânica, mas Moorcock nunca ficou fora dos olhares do público por muito tempo.

Sua série de romances Elric (histórias elegantes, importantes e perversas de aventura e fantasia que são numerosas demais para serem relacionadas aqui) é best-seller nos dois lados do Atlântico. Ao mesmo tempo, outras obras de Moorcock, tanto dentro quanto fora do gênero, como *Gloriana*, *Behold the Man*, *An Alien Heat*, *The End of All Songs* e *Mother London*, o definiram como um dos escritores mais respeitados e criticamente aclamados da atualidade. Ele ganhou os prêmios Nebula, World Fantasy, John W. Campbell Memorial e Guardian Fiction. Entre seus (muitos) livros estão os romances *The War Hound and the World's Pain*, *Byzantium Endures*, *The Laughter of Carthage*, *Jerusalem Commands*, *The Land Leviathan* e *The Warlord of the Air*, bem como a coletânea *Lunching with the Antichrist*, um estudo autobiográfico, *Letters from Hollywood*, e um estudo crítico da literatura fantástica, *Wizardry and Wild Romance*. Entre seus livros mais recentes estão *Sword and Runestaff: The Sword of the Dawn and The Runestaff* e *Corum – The Knight of Swords: The Eternal Champion*.

Depois de passar a maior parte da vida em Londres, Moorcock se mudou para uma cidadezinha no Texas há alguns anos. Hoje é lá que ele vive e trabalha.

Ele não é nenhum estranho a Marte: já visitou o planeta com uma série de romances, escritos sob o pseudônimo de Edward P. Bradbury. Mandou um espadachim terráqueo para um Marte antigo e habitável em *Warriors of Mars*, *Blades of Mars* e *Barbarians of Mars*. Agora nos leva mais uma vez até o planeta vermelho na companhia de um notório fora da lei em fuga. Seus perseguidores estão prestes a matá-lo e ele é forçado a correr contra o tempo para salvar o planeta inteiro da destruição. Faltam poucas horas...

1. Caçada humana em Marte

Mac Stone estava em apuros. Ele ouviu o barulho constante dos auto-Bannings P140 e percebeu que haviam resolvido o problema da atmosfera. Agora o dispositivo podia encontrar alguém, atordoar ou matar de acordo com a ordem que recebesse da Terra. Se necessário, os wombots biônicos que o aparelho carregava poderiam ir atrás dele. As coisinhas entravam e saíam do espaço da mesma maneira que você pega um pedaço de tecido e enfia uma agulha nele, poupando tempo e energia. A fisiologia humana não conseguia aguentar esses deslocamentos instantâneos – dentro e fora, dentro e fora através das dobras cósmicas –, mas o wombot não era humano; ele se movia com rapidez e facilidade naquele ambiente. Voando a velocidade de cruzeiro pelo espaço-tempo, o wombot podia atravessar 1 milhão de quilômetros como se fossem apenas 100. Era uma arma terrível, proibida em todas as colônias solares, armazenando diversos recursos em um só equipamento: vigilância, caçada humana e armamento. Se Mac desse azar, eles o usariam apenas para atordoá-lo, assim poderiam fazer o que quisessem com ele lá em RamRam City.

Por que me querem tanto assim? Ele estava surpreso.

Sua localização já era conhecida. Ele estava cercado por pequenas colinas marcianas cobertas de líquen: ocre, marrom e mil tons de cinza-amarelado por quase toda o caminho que se podia enxergar. Não dava para se esconder no líquen. A menos que a pessoa tivesse dinheiro para um traje-espelho. Para além das colinas estavam as montanhas, cada uma delas maior que o Everest, quase inexploradas. Era para lá que ele se dirigia quando um wombot farejou o calor de seu monovoador e o abateu em um segundo. Quatro dias depois, atingiram seu acampamento com um inseto voador artificial e quase acabaram com ele. As noites ficavam mais frias por conta do vento leste. A poeira vermelho-ferrugem soprava do deserto, ameaçando seus pulmões. Ela sussurrava contra seu traje diurno como as vozes dos mortos.

Se eles não o matassem, o outono o faria.

Mac arrancou seu último baseado dos lábios e o apagou com os dedos. Fumaria mais tarde. Se existisse um “mais tarde”. Era evidente que a FMI conseguira alguns dos novos wombots farejadores, tão compactos e poderosos que podiam levar um corpo para Fobos e voltar. Eram coisinhas assustadoras, não muito maiores que um salmão adulto. Faziam com que ele se sentisse mal. Mac ainda torcia para conseguir escolher o local de seu último combate. Só tinha duas cargas completas na sua velha e confiável pistola Banning 6. Quando isso acabasse, restaria uma faca na bota e um soco inglês no bolso. E, então, as mãos e os dentes.

Lá em Mercúrio chamaram Stone de animal selvagem, e tinham razão. Os senhores de escravos de Calisto o haviam transformado em um depois de o resgatarem de um submarino de lava que estava afundando. Ele andara procurando as míticas coroas de energia dos j’ja. Os sacerdotes reais rebeldes planejavam explodir Spank City antes que a FMI descobrisse o segredo de seus barcos de fogo e os paralisasse, literalmente. Eles foram congelados e os sobreviventes enviados para Pânico, o asteroide que gostava de chamar a si mesmo de nave. Mas os j’ja haviam escondido suas coroas antes disso.

Tanto tempo antes. Ele passara por poucas e boas e sobrevivera, mas dessa vez parecia que gastara toda a sua sorte.

Não dava para se sentir muito protegido em um dos antigos buracos de calha, que foram escavados quando alguns mineiros malucos da Terra, do século XXII, acharam que conseguiriam cortar a crosta e coletar o plasma do planeta. Eles acreditavam que havia rios de ouro derretido lá embaixo. Afirmavam que os ouviam à noite quando dormiam enroscados na escavação. Alguém caíra em uma abertura particularmente profunda e jurara ter visto platina derretida correndo sob seus pés. Pobres coitados. Tinham passado tempo demais tentando achar algum sentido no céu cheio de estrelas. Nos últimos tempos, ele ouvira que os túneis eram usados por ock-crocs em hibernação. Mac torceu para não acordar nada lá embaixo. Duvidava dessa informação e tentou não pensar a respeito, se manteve escondido, deixou a temperatura do corpo cair o máximo que podia, descartou alguns pods vazios de combustível e torceu para que as grandes abelhas de sangue Banning o confundissem com um destroço antigo e passassem direto por ele.

– Você só precisa temer as abelhas se tiver violado a lei.

Essa frase era usada para justificar qualquer redução da liberdade dos cidadãos. Quase todas as atividades eram semicriminosas atualmente. Marte precisava de mão de obra humana barata. A educação era mantida o mais próximo possível do zero. As prisões eram seu melhor recurso. A ecologia industrial criava a própria e inevitável lógica.

Às vezes alguém fugia das prisões e se esgueirava de volta para RamRam City, onde podia viver relativamente bem se soubesse se cuidar. Às vezes deixavam a pessoa ficar ali até terem um motivo para trazê-la para dentro ou se livrarem dela.

Era o que pareciam estar fazendo agora.

Mais uma vez o barulho.

Por que estavam gastando tanto dinheiro para capturá-lo? Ele sabia quanto aquelas máquinas custavam. Mesmo capturado, ele não valia um único wombot.

Asas batendo, dentes grandes rangendo e o voador sobre o horizonte. Pelo jeito que a máquina planava e se virava no ar rarefeito, o truque de Mac não o havia enganado nem um pouco. Bom controle. Admirou a habilidade. Particular. Não era da FMI. Uma pessoa só pilotando. Outra cuidando das armas. Ou, quem sabe, um único caçador *muito bom* fazendo as duas coisas. Estendeu a mão para destravar a pistola. Parecia que ia morrer lutando. Pensou se conseguiria atingir o piloto primeiro.

Stone era um marciano nascido na sombra dos grandes tanques de água do Canal Baixo. O distrito nunca fora de fato um canal, o nome era esse porque os primeiros exploradores interpretaram as marcas compridas e retas, que agora se acreditava serem as fundações de uma cidade marciana, dessa forma. Mas, de qualquer maneira, era onde a maior parte da água da AquaCorps era armazenada. Água era cara e tinha que ser trazida de Vênus. Às vezes acontecia um vazamento, e, com um grupo de garotos parecidos com ele, era possível coletar quase uma xícara antes de os alarmes dispararem. A mãe de Mac vivia do jeito que podia no distrito. O pai fora um dos primeiros astronautas nas loucas missões de Júpiter – barras de carbono apodrecendo e se retorcendo enquanto puxavam urânio puro do mar de Ki. Era provável que ele tivesse morrido quando a mancha vermelha entrou em erupção, levando vinte cargueiros de urânio com ela.

Quando Mac tinha 7 anos, sua mãe o vendeu para uma empresa de mineração que procurava crianças pequenas o bastante para caberem nos pequenos criadores de túneis que trabalhavam em asteroides maiores e

luas que tinham condições de manter um ser humano vivo por mais ou menos um ano. Sua mãe sabia que “trabalhador por regime de servidão voluntária” era apenas outra palavra para morte. Ela sabia que ele estava condenado a respirar metano modificado até que seus pulmões e todos os outros órgãos parassem de funcionar.

Só que Mac não havia morrido. Ele roubou ar, sobreviveu e prosperou em virtude de sua selvageria desmedida no arremedo de sociedade que existia em Ganimedes. Os mineiros kru fizeram dele uma lenda e lhe deram a mão de suas filhas.

Stone voltou a Marte e estava planejando pegar uma nave para a Terra quando sua mãe mandou notícias e disse que tinha algo a lhe contar. Ele voltou para Tank Town com a intenção de matá-la. Mas, ao vê-la, toda a raiva sumiu. Era uma velha solitária sem dinheiro nem família. Faria um favor a ela se acabasse com sua vida. Então deixou isso de lado e percebeu que ela estava tão nervosa quanto ele. Mac se virou e soltou aquela gargalhada lenta e alta, meio ronronada, que ela sabia que era parecida com a do pai dele. Isso fez com que ela notasse sua pele cor de tabaco, agora toda costurada, como couro usado, e chorou ao ler em seu rosto todos os tormentos que suportara desde que ela o vendera. Stone deixou que morresse acreditando que eles haviam se reconciliado, uma mentira. O que dizia ou pensava não significava muito para o Senhor no qual ela acreditava.

Depois disso, ele começou a roubar joias como que por vingança. Joias boas. Joias grandes. E se deu muito bem. Atacando os trens de mineração. Repassando as joias para a Terra. Generoso, como a maioria dos ladrões de sua espécie, e portanto adorado pela gente do Canal Baixo que o protegia, ele se saía bem. Era um deles, aceito como um herói marciano. Histórias a seu respeito eram apresentadas em v-dramas. Apenas duas pessoas haviam saído dos Tanks para se tornarem famosos no V. Mac Stone era uma delas e Yily Chen, a pequena garota marciana com quem ele havia brincado de esconde-esconde quando criança, era a outra. Yily agora operava da Terra, na maioria das vezes fazendo trabalhos que as corporações não queriam que ninguém associasse diretamente a elas. Seu rosto nunca fora publicado. Stone se lembrava dela pelo corpo marrom esbelto e os olhos dourados. Naquela época ele a amara. Não podia sequer imaginar como estava agora. Sem dúvida se tornara algum tipo de madre superiora de cara amarrada, toda certinha e metida a besta, como a maioria

dos que cresceram dentro da lei. Ela deixara Tank Town para trás. Ele escolhera ficar. Mas Mac fora vendido mais uma vez, agora para os Irmãos do Monte Furioso, fosse lá quem fossem. Eles o puseram para trabalhar de novo em Ganimedes sem fazer ideia de que tinha família ali.

Foi então que uma guerra explodiu na Terra. Não podia ter chegado numa época melhor. Ela destruiu os velhos cartéis e abriu o planeta para o verdadeiro comércio. E, claro, todo mundo quis se armar novamente.

Stone já estava de volta havia três meses e seu clã, aproveitando uma onda de revoluções nas colônias, já conquistara um número significativo de torres executivas, além de ter conseguido copiar um sistema heliográfico roubado de um museu. Comunicações. Códigos. Subornos. Estratégia inteligente. Tática de guerrilha. No sexto mês, já se preparavam para o futuro. Havia conquistado a Lua e fazia negócios com quatro das nações mais ricas da Terra e do Novo Japão.

Enquanto isso, na recém-construída Estação de Escala Marciana, o “salto negro” abria o universo expandido que antes ficava oculto nas dobras do espaço-tempo, através das quais somente os wombots viajavam. Todos começavam a perceber que faziam parte de um cosmo mais denso, em grande parte invisível. Até pouco tempo, a “neblina cósmica” obscurecera a visão dos astrônomos para muitas informações. O entendimento desse fenômeno criou uma mudança nos centros de poder e trouxe alianças inesperadas. Se começarmos do jeito certo, disseram, alguns desses mundos podem ser alcançados em dias! Agora não importava mais se a Terra estava morrendo. Será que esse era o ponto mais importante?

Mac sabia que ele e a raça humana estavam em um tipo de encruzilhada: finalmente caminhavam em direção às estrelas. Lá fora, poderiam encontrar um inimigo imbatível. Ou inimigos que podiam ser vencidos. Ou podiam aprender a negociar. A astúcia de Mac poderia não ser o melhor caminho. Agora precisava de capital para disputar um lugar à mesa de decisões e nunca ia conseguir tal quantidade de dinheiro em um lugar só. Pelo menos não enquanto ainda fosse visto como um marciano estrangeiro. Ele sabia bem disso. Conhecia os homens que mandavam nos planetas e poderia usar isso a seu favor. Sua parte nos lucros de Ganimedes não era suficiente e não estava gostando da crescente disseminação de seu perfil público. Mac deixou seu ex-cunhado no comando e voltou em segredo para Marte, para tocar seu antigo negócio. Ele, ou melhor, o

pseudônimo que escolhera, ganhou reputação rapidamente pois recebeu o crédito por uma série de casos não resolvidos. Ninguém sabia o que esperar dele. Poucos conheciam seu rosto ou seu nome verdadeiro. O preço para que todas as fotos e a maioria dos registros fossem apagados foi um diamante do tamanho de um punho. Ele começou a construir sua fortuna. A primeira coisa de que precisava era uma boa nave. Entrou no ramo de corretagem de água. Comprou metade das ações de uma fábrica de atmosfera. Estava trabalhando para comprar um veículo quando foi, era o que imaginava, traído. Mac imaginou se isso tinha relação com aquele venusiano baixinho e sorrateiro que aparecera com uma oferta suspeita uma ou duas semanas antes de sua prisão.

Para surpresa de Mac, porque era um presídio privado especial, levaram-no direto para Tarpauling Hill. Ou tentaram fazer isso. Fugir da escolta não fora difícil. Fugir de um planeta seria bem mais.

Aquele era seu oitavo dia marciano de fuga. Não havia mapas da vastidão selvagem. Ele conhecia a Força Militar Interplanetária. Eles soltavam seus grandes robôs Banning se achassem que havia alguém se escondendo por ali. Ele podia ter ficado em RamRam City e achado esconderijo nos Tanks, mas isso custaria muitas vidas humanas. Precisava atrair o ataque para um território selvagem e despovoado, caso contrário, poderiam matar metade da população do Canal Baixo. Era melhor atraí-los para os vales amplos e montanhas altas dos monogreami, onde se dizia que as velhas rainhas de Marte ainda sonhavam no gelo profundo.

Mac estava tentando encontrar os lendários túneis de ventilação criados pela última raça de Marte em busca de ar para os abrigos nos quais haviam se refugiado da Longa Chuva, a incessante tempestade de meteoros que pulverizara o planeta. Os meteoros destruíram quase todos os vestígios das doze ou mais grandes civilizações que um dia haviam dominado um Marte quase tão luxuriante quanto Vênus.

Mac odiava Vênus. Odiava a fecundidade do planeta tanto quanto suas imprevisíveis tempestades de gases que sempre matavam centenas de pessoas. Os venusianos da Terra enlouqueciam só por sobreviver aos extremos. Ele odiava os nativos, aquele povinho verde fedorento apelidado de leprechauns pelos terráqueos. Também odiava terráqueos. E realmente detestava Mercúrio. Mas não conseguia deixar de amar Marte. Adorava seus vastos e tranquilos desertos, suas colinas e montanhas altas e selvagens onde nada respirava. Um dia já havia desejado tornar esse

mundo autossustentável mais uma vez. Sonhara trazer água suficiente para fazê-lo florescer como nos dias em que os poucos criptogramas e entalhes sobreviventes haviam sido criados. Quando o planeta ainda tinha mares. Havia várias lendas sobre a aparência de Marte, mas todas eram oriundas dos séculos XX e XXI.

Tudo o que Mac queria era a realidade. Ver novamente os canais correndo enquanto o sol e as luas iluminavam as florestas azuis e os pequenos campos de plantação cor de cobre. Se assentar em alguns hectares de terra, cultivando o bastante para vender e se sustentar. E aí, quem sabe, uma família. Para criar um novo Marte, pacífico, onde as crianças pudessem crescer. Era com isso que ele sonhava. Fora isso que o mantivera vivo por todos aqueles anos. Soltou uma breve, mas não particularmente amarga, risada. Agora a melhor coisa que ele poderia esperar era uma morte rápida.

Mac pensou se poderia ganhar algum tempo com a estratégia de se entregar para depois encontrar outra chance de fuga. Isso evitaria a iminente morte ali fora. Precisava controlar seu espírito determinado que preferia lutar e morrer a esperar outra chance. Mas isso era tudo que ele podia fazer. Controlou-se, enojado pela ação que escolhera, resfolegou e puxou um grande lenço de seda branca de um bolso de sua calça de couro.

Estava amarrando o lenço no cano da sua Banning quando sentiu uma coisa úmida, fria e escamosa se enroscar no seu tornozelo e lhe dar um leve puxão.

Mac se soltou. A coisa o puxou com mais força. Ela parecia paciente. Sabia que ele não podia escapar. Fizera o melhor para se manter longe dos sensores do wombot, mas seus movimentos já haviam alertado a coisa. O robô emitiu um som desafiador. Ele tentou mais uma vez soltar sua perna.

O wombot cuspiu uma bolha de veneno sobre as rochas próximas. Eles não desperdiçariam gás ou valiosos dardos a menos que fosse necessário. Pelo menos Mac não ia precisar de bandeira branca. Agora sabia que o preferiam morto.

Sob Mac, o chão se desfez em pó. O tentáculo o puxou com mais força e a área embaixo dele se quebrou, arrastando-o para dentro de uma fissura e raspando cada centímetro de seu traje diurno. Os circuitos da roupa não sobreviveriam a outro ataque. De repente tudo ficou escuro como carvão. Ele ouviu o estranho barulho, uma mistura de chocalhar com

estrondo, do coração-pulmão da coisa. Esqueceu o nome nativo que alguém dissera, sem dúvida era um ock-croc.

Mac Stone se preparou para morrer.

2. Destruir o futuro

Ainda estava tentando mirar a pistola quando a fissura se transformou num túnel. As paredes eram cobertas com alguma coisa espessa. O pior fedor de todos os tempos. Estrume de croc! A iminência da morte realmente aguçava a memória. Era com isso que a coisa revestia sua toca comprida. O *wanal* marciano, ou ock-croc, era o único grande predador que restara. Esses gigantescos insetos reptilianos com tentáculos, que cavavam tocas fundas usando antigos buracos ou poços não eram muito criteriosos na escolha. Hibernavam por anos e acordavam muito famintos. Era comum que o primeiro da ninhada comesse todos os irmãos e às vezes a mãe. Depois comia tudo que ainda estivesse hibernando. Embora não fossem radioativos, preferiam áreas ainda “quentes” e letais para humanos. Se o croc não comesse Stone naquele instante, as chances eram de que ele morresse de forma rápida e dolorosa de envenenamento por radiação.

– Ah, diabos!

Ele não podia fazer nada com a arma que estava no coldre. A coisa parecia saber exatamente como pegá-lo e provocar o mínimo de estrago. Era provável que estivesse a muitos metros de profundidade agora; a Banning havia muito estava fora de seu campo de visão e não era mais sua preocupação principal. Um wombot biônico poderia segui-lo, mas até agora ele estava tranquilo quanto a isso. As chances eram de que o croc também comeria o wombot, com explosivos embutidos e tudo. Só de pensar nisso Mac teve um breve momento de satisfação.

O túnel se abriu e desembocou em um poço. Dentro dele uma gigantesca cabeça pulsava; tinha seis olhos redondos do tamanho de escotilhas, que lentamente se afastaram de Mac quando um único tentáculo, um de muitos, o arrastou ainda mais para o fundo.

Mac fez tudo o que pôde para diminuir a velocidade de sua descida. O fundo do poço brilhava em uma luz amarelo-esverdeada que deixava à mostra a enorme carcaça do croc: um pesadelo de braços que balançavam

e serpenteavam junto a um focinho comprido e cheio de agulhas do tamanho de adagas no lugar dos dentes; o corpo trêmulo, uma bolha negra de horror escamoso. Mais tentáculos o agarraram e ele não conseguia mover nenhuma parte do seu corpo sem piorar as coisas. Resignou-se.

Mac ouviu um duplo clique quando a coisa abriu seu maxilar, pronta para engoli-lo. Então achou ter ouvido uma voz humana. Um tentáculo libertou seu braço direito. Se pudesse pegar a arma, mesmo que não conseguisse matar o croc, daria à fera o pior ataque de indigestão que havia conhecido em toda a sua vida longa e quase reptiliana. Mac tentou uma investida final e seus dedos agarraram o cabo da arma.

Quando a Banning se soltou, alguma outra coisa caiu do ar e bateu na rocha. Ele olhou para baixo e viu um pequeno tremeluzir azulado de chama. Vozes pareciam rir dentro da sua cabeça.

Sentiu um frio horrível. Naquele ritmo, morreria de frio antes que o croc o comesse. O magistrado o encontrara durante a montagem do acampamento. Mac teve que ser rápido. Quando a noite marciana o apanhasse sem seu cobertor Hopkins, tudo estaria acabado. O *wanal* só precisava esperar que ele perdesse um pouco mais de calor. Eram famosos por sua paciência ardilosa. Já existira uma dezena de variedades da criatura. Mac vira imagens deles nos velhos cubos de caça dos sindolu, os nômades extintos do hemisfério norte, de cujos acampamentos alguns poucos artefatos haviam sido miraculosamente preservados. O *wanal* que eles mais temiam tinha mandíbulas enormes e dez tentáculos. A fera que Mac enfrentava era do mesmo tipo.

A coisa estendeu novamente os tentáculos na direção dele, rindo de prazer. Então hesitou. Alguma coisa vermelha gotejante foi arremessada para ela pela borda do poço. Uma ordem ríspida veio da escuridão e a criatura recuou, o olhar faminto pulando de Mac para a carne.

Agarrando o invólucro duro que continha a chama azul bruxuleante, Mac enfiou a coisa no bolso e se apressou a subir o mais rápido que pôde do outro lado do poço áspero. O sedimento escorregadio tornava a escalada difícil e ele quase levitou para sair de lá. Tirou o invólucro com a chama bruxuleante de sua luva e o colocou na palma da mão. Ele sibilava baixinho. Pelos nove mundos habitados, que diabos era aquilo? Ele sentiu perigo e olhou de esguelha para a sua direita.

Mac olhava perplexo para um grande inumano que o encarava com olhos brilhantes, as mãos em forma de gancho descansando em seus

quadris metálicos. Um tipo de robô que ele não conhecia. Parecia nativo. Semelhante a uma coisa que ele já vira no Museu Terráqueo de Artefatos Marcianos. Só que aquele tinha cerca de 30 centímetros de altura e era esculpido a partir de pedra de chá rosa. Os arqueólogos achavam que era um deus do lar ou um brinquedo de criança.

Logo acima do inumano sem rosto, um pilar verde claro começou a ferver, como cerveja ruim de Gallifrey. Tudo começou a se fundir e formar uma figura que, Stone ficou surpreso ao ver, era humana: um homem bronzeado no auge da condição física, vestindo menos do que era considerado adequado até mesmo no Boulevard Jambock. A não ser pelos pequenos sinais de desgaste no seu arnês de couro, o homem parecia saído de um seriado V-drama. Em seu quadril direito, carregava uma antiga e grande pistola de bronze e aço. No esquerdo, uma espécie de longa espada antiga, embainhada. Por um insano momento, Stone ficou se perguntando se fora capturado por aqueles reencenadores malucos que brincavam de atuar em batalhas completamente improváveis entre raças marcianas inventadas. Ele já tinha visto grupos assim no Campo de Domingo nas tardes de descanso.

A imagem do sujeito no pilar verde tornou a ferver e se distorcer algumas vezes antes de se estabilizar por tempo suficiente para dizer com clareza:

– Você não pode lutar comigo. Eu não estou aqui de verdade e sou um cientista. Vim da Terra como você. Cheguei a Marte milênios atrás, muito antes das tempestades de meteoros. Estou projetando esta imagem para o futuro. Ela é interativa.

A imagem sorriu.

– Me chamo Miguel Krane. – Evidentemente ele esperava que Mac conhecesse o nome. Tinha um sotaque antigo que Mac associava à Terra. – Chamamos este pequeno dispositivo de cronorrádio. Ele envia imagens e sons para qualquer data. Isso é o mais próximo que podemos chegar de viajar no tempo. Organismos vivos ficam seriamente danificados ao tentar. Descobrimos com muito custo que pessoas e animais não podem viajar desse modo. O *wanal* não vai incomodar você agora. As antigas reações dele ainda são alcançáveis em seu subconsciente profundo. Em nosso tempo, domesticamos e usamos os ancestrais dele para encontrar viajantes perdidos. O instinto natural deles é nos comer, mas milhares de anos de treinamento mudaram seus cérebros. Nós o encontramos aqui embaixo

com nosso inumano explorador, que enviamos para buscar você. Para não termos nenhum problema, também demos um pouco de carne entorpecedora a ele. Desculpe quanto ao robô tosco. Acredite ou não, é ativado por código! Precisamos trabalhar via controle remoto com o que conseguimos encontrar. Neste caso, muito remoto! O que você quer saber de mim?

Mac estremeceu ao raspar a matéria gelatinosa de seu traje diurno estropiado. Olhou ao redor. Um aposento feito pelo homem. Duas portas. Uma espécie de caixa de pedra a seus pés. Ficou surpreso com o calor que fazia ali.

– Você não me engana. Viagem no tempo? Como diabos você podia ter vindo da Terra para Marte milhares de anos atrás? Antes de qualquer pessoa ter viajado pelo espaço?

Mac olhou para a caverna ao redor. A luz se refletia de modo engenhoso, brilhando como veios luminosos de minério fosforescente e pedras preciosas faiscantes como estrelas. Se ainda estivesse com sua faca, poderia tentar desencravar alguns diamantes grandes e dar o fora. Supondo que pudesse se desvencilhar daquele louco.

O homem na projeção deu de ombros.

– Transmissor de matéria defeituoso. Perdi o controle. Viajei de volta no tempo para Marte. Mão única. Você provavelmente já ouviu falar de mim. Capitão Miguel Krane. Não leu meus livros sobre minha vida em Marte? Estou surpreso que não os conheça. Meu nome não aparece como autor, mas eu mesmo os ditei.

– Não leio muito livros.

O homem do pilar verde pareceu espantado com o pouco interesse de Mac pelos livros. Mas Mac sabia ler 47 idiomas interplanetários e escrevia fluentemente na maioria deles. Aprendera sozinho por motivos práticos. Não era um acadêmico. Era um ladrão. E se sentiria insultado se pensassem algo diferente.

Por sua vez, Mac Stone estava incomodado, checava constantemente sua arma e só se sentia mais tranquilo quando tocava na faca escondida na bota. A voz de Miguel Krane parecia animada, mas Mac não gostava de ter esse som dentro da cabeça. Assustador demais.

No entanto, Krane fora fundamental para salvar sua vida. Em algum lugar acima de suas cabeças, na superfície marciana, ainda havia um wombot que buscava por ele a fim de cobri-lo com uma gelatina que

penetraria em sua pele e comeria seus ossos de dentro para fora. Ele não tinha dúvida sobre o melhor a fazer. Ficaria ali e encararia os riscos.

– Você realmente tem mais chances aqui, Stone. – A voz de Krane ainda parecia achar graça. – Podemos dizer que você morreria por uma boa causa.

Mac riu.

– Quando ouço palavras assim, sinto vontade de pegar a minha Banning. Por falar nisso, *onde* está minha arma?

– Procure você mesmo. Eu não peguei. Nem o inumano. Quer saber por que enviei o *wanal* atrás de você?

– Acho que sim.

Mac olhou para o poço lá embaixo, onde a coisa horrível estava terminando sua refeição sangrenta. Viu sua arma um pouco mais acima: ela havia se prendido em uma espécie de prateleira cavada na rocha.

– Você se lembra de um nanico que veio vê-lo algumas semanas atrás?

– Lembro. Homenzinho verde meio maluco. Uma daquelas aberrações de Vênus. Me ofereceu uma espécie de negócio. Não aceitei. Não gostei do jeito da coisa. Achei que estava mentindo. Muito perigoso – disse Mac, que estava de braços, esticando a mão para tentar pegar a Banning.

– Foi o que você disse a ele.

– Foi ele que me dedurou para a FMI?

– Não exatamente, mas você não fez nenhum favor a si mesmo recusando a oferta antes mesmo de ouvir o que ele tinha a dizer.

– Ele estava mentindo. Conheço esses nanicos. Eu não queria saber qual era a oferta dele. Costumava receber malucos como esse o tempo todo, me oferecendo uma participação em alguma fantasia que tinham na cabeça.

– O pobre coitado estava totalmente apavorado. Ele encontrou uma das nossas sementes do tempo e achou que éramos mágicos. Fantasmas de marcianos antigos ou alguma coisa do tipo. Mesmo assim, fez o que eu lhe ordenei e só olhou uma vez dentro da sacola. Aquilo quase o matou. Ele quase jogou fora e saiu correndo. Não trazia apenas minha mensagem. Levava uma sacola de safiras índigo flamejantes.

– Uma sacola de safiras? Isso não existe.

Stone deu uma gargalhada. As safiras índigo flamejantes eram as joias mais raras do sistema; não podiam ser cortadas, polidas nem quebradas. Tinham propriedades extraordinárias. Só se sabia da existência de três. Uma delas estava no Museu da Conquista Espacial na Terra, outra nas mãos do presidente do Sistema Unido, Polonius Delph, o homem mais rico em sete mundos, ou que pelo menos era até gastar todo aquele dinheiro por sua joia. A outra fora roubada pouco depois de sua descoberta. Talvez Delph estivesse com ela.

– Existe, sim. E Delph as quer. Ele acha que você está com elas. Eles torturaram Gunz, o homem que enviei atrás do nanico. Ele lhes disse que você está com a sacola.

– Ah, que ótimo! Então fui enganado por um leprechaun venusiano que foi enganado por uma V-imagem! É por isso que eles estão dispostos a gastar tanto dinheiro me caçando. Só querem saber onde estão essas joias míticas. Não se importam em me matar porque é fácil interrogar um cadáver fresquinho usando duas doses de dreme. Você está parecendo a minha mãe!

– Só posso imaginar a estranha confluência de informações que passa pelas sementes do tempo. Nós as espalhamos em nosso futuro, de forma mais ou menos aleatória. Elas costumam ser destruídas ou trazidas de volta com defeito. Para a transmissão de volta é preciso uma boa porção de terra não danificada. Não estamos falando de tempo *linear* como você o imagina, mas de tempo *radiante*. Pelo que entendo de seu mundo, Delph não é o único que quer as safiras. Ele tem rivais na plutocracia. Outro colecionador misterioso? É possível que os rivais estejam competindo pela presidência ou achem que podem arruiná-lo. Como você sabe, política é um círculo vicioso. Não é possível ser presidente a menos que se tenha dinheiro e não se consegue realmente acumular grande quantidade até se tornar presidente. Era mais ou menos a mesma coisa no meu tempo.

– Quando foi seu tempo?

– Isso depende de onde você estiver contando. – Quanto mais ouvia, mais Stone reconhecia o tom de voz vindo pelo velho sotaque. Miguel Krane falava com o estilo econômico de um homem do exército. – Ou de qual planeta. Bem, esse cenário foi montado pela FMI para enganá-lo e fazer com que lhes desse as joias? Não. A Força Militar Interplanetária não tem nada a ver conosco. Aquela nave que o perseguia não era da FMI. Provavelmente é de Delph. Eu sei que você não está com as safiras. O

nanico estava apavorado demais para ficar com elas. Ele as trouxe de volta e as deixou com o inumano.

Apesar dessa fala mais conciliadora, Stone voltou a ficar cauteloso.

– Então com *quem* você está? E por que está tão interessado em mim? Tem alguém gastando muita grana para me caçar. Um profissional de verdade, isso é certo. Agora é a hora de falar sério... Quem é você?

– Minha experiência militar foi na Coreia, em meados do século XX. Sou um cientista. Trabalhei num transmissor de matéria para o Pentágono. Testei em mim mesmo. Deu errado. Acabei sendo arrastado de volta para o velho Marte. Caí no clã dos karnala, que têm acesso ao conhecimento e à tecnologia deixados para trás por uma raça anterior, os sheev. Esta máquina faz parte dessa inteligência antiga. Em karnalano, nós a chamamos de “apanhador de memória”. Este é do tipo mais sofisticado.

A imagem de Miguel Krane permanecia firme e ele continuou:

– O que é isto? Um dispositivo interativo que pode se comunicar através do tempo. Estudamos isso há anos. Não temos certeza de que usamos a tecnologia de forma adequada, mas a adaptamos de um modo que funciona para nós, mais ou menos. Obtemos imagens claras e, depois de resolvermos o problema idiomático, conseguimos trocar informações e até bater um papo! Os cientistas sheev eram senhores do tempo. Muitos acreditam que eles abandonaram Marte e se embrenharam em eras passadas ou no futuro de outro planeta, em busca de condições ideais. Outros pensam que eles têm colônias na antiga Terra ou em nosso futuro. Mas isso é improvável. Este é o melhor uso que encontramos para a tecnologia deles. E é para pedir a *você*, Mac Stone, uma coisa que eu mesmo faria se não fosse só uma imagem etérea em seu mundo.

– Então você quer fazer um acordo. O que posso fazer por você que você não quer fazer sozinho? Normalmente é esse o pedido, não?

A imagem de Krane sorriu. Havia uma sensação de harmonia entre os dois homens.

– É.

– Ok, qual é o trabalho? Ah, não esqueça de me contar mais sobre aquelas safiras índigo flamejantes. Acho que elas entrarão no seu negócio em algum ponto da história. Vamos ouvir. Tenho muito tempo para ouvir.

Krane não sorriu em resposta.

– Infelizmente – respondeu –, você não tem.

3. A bomba estelar

– Passamos por uma guerra – continuou o terráqueo bronzeado. – Não estávamos prontos para ela. A gente acreditava que tinha feito tudo para assegurar uma era de paz. Mas tínhamos inimigos que odiavam tudo o que representávamos. Uma tribo que se escondera nos subterrâneos havia muitos anos, depois que meu povo a havia derrotado. Temos nossa tecnologia, claro, mas essa raça anterior chamada de sheev desenvolveu armas horrendas. Eles nunca usaram a maioria delas. Acredito que os dois lados ficaram apavorados com o poder delas. A decisão tomada em conjunto foi que essas armas, junto com muitos dos instrumentos científicos que ajudaram a construí-las, ficassem trancadas. Mas nosso inimigo descobriu um dos depósitos, no qual guardávamos uma bomba de nêutrons poderosa o bastante para destruir todo um planeta. Eles planejavam usar um canal subterrâneo para fazê-la flutuar sob nossa cidade, Varnal das Névoas Verdes, e nos explodir. Mas nossos cientistas descobriram o ataque. Graças a muitos membros do exército inimigo que se rebelaram contra seus líderes, nós os derrotamos. Só quando estávamos discutindo os termos de rendição foi que ficamos sabendo da bomba de nêutrons e de sua localização. Em pouco tempo ela estaria diretamente embaixo de Varnal e explodiria em poucas horas.

A imagem de Miguel continuou a falar:

– Destacamos nosso melhor pessoal para a missão subterrânea. Eles não conseguiram encontrar um jeito de impedir a detonação da coisa. Só podiam ajustar o timer. E começaram a fazer isso. Destravando sequencialmente sete subdivisões, o dispositivo podia ser avançado, mas não neutralizado. Então a primeira coisa que nossos cientistas fizeram foi colocá-lo para detonar cerca de um milhão de anos em nosso futuro. Era o máximo possível. Achávamos que seria tempo mais que suficiente para encontrar uma solução. Eu achava que Marte não estaria mais tão povoado a essa altura. Nós trabalharíamos no problema até resolvê-lo. Um milhão de anos: tempo suficiente! A segunda coisa que fizemos foi afastar a bomba da cidade. Para isso a fizemos flutuar e descer mais ainda o canal até ficar embaixo de uma parte estéril e desabitada do planeta. Você está familiarizado com o canal transmarciano Ia e sua história?

Stone apontou para o teto e disse:

– Todos os antigos canais secaram. Não sobrou nada deles a não ser vestígios de seus leitos. E nenhum registro, é claro. Quase tudo se perdeu durante o grande “bombardeio de quatro milênios”, quando asteroides e meteoros transformaram Marte em pó, inclusive os abrigos mais distantes. Por incrível que pareça, algumas coisas sobreviveram. Não muito. Os canais foram profundos e largos um dia, projetados para obter o máximo de água possível, pois era um recurso que estava acabando. Os meteoros os arrasaram. Mas esse canal Ia? Ele era subterrâneo?

– Os ancestrais do meu clã planejavam construir esse grande canal subterrâneo, protegido de todo perigo, cercado completamente o planeta, com ramais servindo outros sistemas locais. Foi batizado com o nome de uma antiga deusa da água, Ia, e iria se conectar a uma série de hubs e servir outros sistemas de canais. Seus criadores achavam que ele traria paz a todo o planeta, pois estimularia o comércio. O canal daria a volta em Marte de um polo a outro e as calotas polares em derretimento manteriam seu fluxo constante. O projeto foi abandonado muito antes do meu tempo.

– Abandonado? O que aconteceu? – Apesar das circunstâncias, Stone achou a história interessante. – Parece uma ótima ideia.

– Durante a construção da interseção do aqueduto de Pataphal, depois que centenas de quilômetros do sistema já haviam sido concluídos, aconteceu um desastre terrível. Uma parte inteira do piso da grande caverna Nokedu, que havia sido testado e considerado sólido, desabou. Centenas morreram. Mais trechos da caverna continuaram caindo, até se formar um grande abismo, com quilômetros de profundidade e extensa demais para atravessar. Negras, insondáveis, as cataratas de Nokedu jorravam para o coração do planeta. O projeto foi abandonado. Tentar outro curso d’água submarciano foi considerado loucura. Nada mais teria sido dito sobre isso se um fenômeno extraordinário não tivesse ocorrido um mês depois de o projeto ter sido abandonado para sempre. Um guarda relatou ter visto o canal se enchendo lentamente de água!

Mac estava surpreso e prestava muita atenção à fala do homem bronzeado.

– Uma aberração da condensação natural criou um sistema que enchia o canal Ia com água suficiente para fazer flutuar uma barca de bom tamanho. Mas, é claro, em Nokedu o fluxo prosseguia até o grande abismo. Fazer uma represa não deu certo. Ficou muito claro que a água precisava circular. Várias expedições foram enviadas à fossa de Nokedu

para encontrar a causa do fenômeno. As expedições se perderam ou voltaram sem obter sucesso. O suprimento de água permaneceu constante. Então, cerca de quinhentos anos no seu passado, um terremoto deslocou a bomba.

Mac fingiu que não sabia de nada e perguntou:

– O quê? E a mandou de volta para as cataratas, onde poderia explodir sem provocar danos?

– Parece que você não está entendendo. Os sheev planejaram uma guerra contra planetas mais próximos, especialmente a Terra. A bomba era poderosa demais. Ela nunca foi feita para ser detonada *em Marte*. Mesmo no espaço, tinha alvos limitados. Era uma *bomba estelar*, feita para ser lançada em outro planeta e transformá-lo em poeira cósmica!

– E é isso que está em algum lugar lá embaixo agora? – Stone apontou para seus pés. – Tirando o tempo que gastamos conversando, quanto falta para ela explodir?

– Menos de sete horas – disse Krane.

– Ótimo! Então vocês só passaram o seu problema *para nós*? – Mac não tentou disfarçar seu desprezo. O medo começou a fazer seu estômago se revirar.

– Não de propósito. Só há pouco descobrimos que Marte ainda era povoado, ou que tinha sido repovoado. Esta não foi a primeira vez que tentamos entrar em contato com alguém como você ou desativá-la. Este ponto foi o mais próximo que conseguimos chegar de você nesta linha temporal.

– Se você conhece o futuro, sabe o que vai acontecer.

– Este é o ponto *mais distante* a que conseguimos chegar no tempo. Se tentarmos ir mais longe, não conseguiremos ver nada...

Mac ficou em silêncio, pensando bem nisso. Estava familiarizado com as teorias de Gridley sobre o tempo radiante.

– Então pode não existir futuro algum para nós?

A imagem tremeu quando Krane apanhou uma espécie de finíssimo pergaminho amarelo no qual símbolos faiscavam.

– Nossas melhores cabeças têm trabalhado no problema desde que o descobrimos. Finalmente sabemos como neutralizar a bomba de nêutrons.

Mac continuava calado. Ele só queria ouvir a proposta de Krane.

– Ok. Então onde é que *eu* entro nisso?

– Precisamos que você faça a neutralização.

– Para quê?

– Para salvar seu planeta. A pesquisa diz que você é um marciano, ainda mais do que eu. Você é um sobrevivente.

– Só que existem maneiras mais fáceis de sobreviver.

– É por isso que você vai receber as safiras.

– Uma *sacola* cheia das índigo flamejantes?

– Foi o que o nanico tentou mostrar a você. O que Delph ouviu falar. Mac sorriu.

– É um incentivo agradável. Se você estiver certo, não tenho chance de sair desta vivo. Posso muito bem levar todos vocês, ou eles, comigo. Vocês são tão desonestos quanto eu.

– Só que esse não é o seu estilo, Stone. Você é um marciano. Nasceu em Marte. Você não quer que seu planeta morra assim, em pedacinhos.

– Ok. Vamos supor que você tenha razão. Como é que eu desço até esse canal e faço o que é preciso com a bomba?

– Não é assim tão simples. Como eu disse, a bomba se moveu. Depois do terremoto ela desceu o canal. Até atingir a água branca. Por sorte seu revestimento é muito forte e leve, então acabou ficando presa entre algumas rochas acima das cataratas. As correntes de água vêm de três lados e mantêm a coisa firme. Ela ainda está lá.

– Corredeiras? É por isso que seu robô não consegue alcançá-la?

– É um dos motivos.

– É difícil deslocá-la?

– Isso, felizmente, *não é* um problema. Ela pode ser deslocada com relativa facilidade.

– Vamos lá, onde exatamente ela está?

– Está quase na beira daquele abismo. Onde a água do Ia corre chega à fissura do canal e escorre para dentro de não sabemos o quê no coração do planeta.

– Na beira do inferno, em outras palavras.

– Mais ou menos isso. Mas você terá ajuda. Olhe à sua esquerda. Aos pés do inumano.

Stone viu um grande baú de aço e ardósia com cerca de 1 metro quadrado e umas marcas laterais estranhas feitas com estêncil.

– Olhe lá dentro – disse Krane.

Então Stone se curvou e levantou as linguetas para abrir a tampa, que subiu sozinha. Dentro havia uma embalagem macia de kalebita usada para

proteger instrumentos científicos delicados. Ele a pegou com cuidado. O conteúdo parecia inesperadamente resistente e Mac o segurou com as duas mãos.

– Parece um capacete grande. Como aquele que os antigos bombeiros terráqueos usavam.

– É um chapéu de batalha gollowatt’no – respondeu Krane. – Eles já combateram os kolvini nas catacumbas marcianas uma vez e nunca viram a luz do dia. – Rapidamente, Krane descreveu os recursos intuitivos do capacete: – Ele foi modificado para seu uso. Vai permitir que você enxergue no escuro, para começar. Imagens de calor. E existe um sensor que se ajusta aos olhos para que possa usá-los como um binóculo supersensível. Existem luzes ultrapoderosas para quando você precisar fazer trabalho delicado, como na própria bomba. Também está equipado com um conjunto de ferramentas de força que você pode projetar e usar. Mas é muito mais do que isso. Existem um milhão de neurolinks para que o capacete funcione intuitivamente de acordo com as reações padrão do usuário. Se algo for perdido durante a jornada, também implementamos um detector nele.

– Ferramentas de força?

– São ferramentas modificadas e em grande parte intuitivas, sincronizadas com o seu cérebro para que você precise apenas visualizar o problema, não a ferramenta em si. É melhor colocar a cabeça no lugar certo agora.

– Ok. – Stone estava na dúvida. – Qual é a palavra mágica?

– Nenhuma. O capacete foi feito para um médico gollowatt’no, acredite ou não. É por isso que foi construído com um centro de empatia, para que o médico pudesse trabalhar em um soldado ferido ou em um civil machucado, normalmente em situações de batalha. Empatia era o nome do meio de um gollowatt’no. Os melhores médicos dos sete mundos. Eles são porcos, claro, mas se aproximam o bastante dos humanos para que o capacete funcione muito bem. Deverá ser compatível com seu traje. O inumano fará qualquer ajuste que precisar.

– Só dois planetas estão em jogo mesmo, então tudo bem.

O capacete era leve e tinha uma sensação inesperadamente orgânica. Ele se deslocava como carne ao toque. O cheiro era leve e agradável, como maresia. Mac o ergueu sobre a cabeça e o vestiu devagar, encaixando-o como um chapéu. Então o capacete pareceu fluir sobre seu crânio e se

grudar na garganta e na testa. Seu traje passou a zumbir códigos de reconhecimento. Viseiras redondas se encaixaram sobre os olhos, mas não atrapalharam sua visão, que pareceu ainda mais aguçada, se é que isso era possível. Por um momento, as maçãs do rosto coçaram e Mac viu uma série desconfortável de clarões cor de cereja. Então uma onda vermelha escura, quase como sangue, abriu caminho para a visão melhorada.

O inumano estendeu os braços, tocando Mac com gentileza. O traje se ajustou com mais conforto no seu corpo e o humano ficou surpreso ao perceber como a coisa o fazia se sentir saudável. Talvez os médicos gollowatt nos tivessem de ser saudáveis para sentir empatia com seus pacientes. De repente, ele pensou em algo.

– E a bomba? Ela é senciente?

– Não muito – respondeu Krane.

– O que eu preciso fazer para desligar o timer?

– Você precisa abrir uma série de travas. São numeradas da direita para a esquerda no que eles chamam de escrita G. Nós a codificamos através de uma melodia específica numa assinatura temporal especial. É uma música, e cada nota representa um número complexo. Você conhece a velha canção terráquea “Dixie”? Basta assobiá-la para si mesmo. Esse número deverá cancelar a sequência existente e bloquear a chave ou o registro da bomba. As travas se desligarão e ela provavelmente ficará inerte na sua mão.

– E se isso não acontecer?

– Bem, ela ainda estará viva.

– E pronta para explodir.

– Sim. Me asseguraram de que existe muito pouca chance de isso dar errado, Mac Stone. Nosso pessoal trabalhou nisso. Resumindo, tudo o que você precisa fazer é memorizar esta simples melodia: *Oh, I wish I was in the land of cotton...*

– Temos um problema. – Stone estava quase envergonhado.

– Qual?

O rosto de Stone ficou vermelho.

– Meus ouvidos não reconhecem nenhuma melodia.

4. Dançando no escuro

– Então tente se lembrar dos intervalos. – Krane parecia estar se divertindo de uma forma amarga, como um homem que acredita ter pensado em tudo apenas para lhe dizerem que havia esquecido de um único fato óbvio. – O capacete deve ajudar você. Nós digitamos o código e o capacete deverá traduzi-lo automaticamente.

Stone deu de ombros.

– E, se eu conseguir, volto aqui e você me dá as safiras?

– Toda a sacola. Prometo.

Agora Stone não tinha muita escolha. Precisava tomar uma decisão. Acreditar naquele estranho terráqueo ou não? Deu sua risada longa e ronronada e testou as reações do capacete. Puxou-o para baixo para lhe dar um pouco mais de firmeza, ajustando a ligação com seu traje. De algum modo ele sabia o que fazer a seguir. Piscou para fazer as luzes se acenderem. Então se deitou na lateral do poço, para pescar sua arma. O *wanal* fez um ruído desagradável, mas continuou comendo.

Stone limpou a gosma do cano da Banning e enfiou-a de volta no coldre.

– E agora?

– O capacete está programado para ajudá-lo a encontrar a bomba. Se você sair desta câmara, vai estar no topo de um lance de escadas que dá para uma passarela ampla. Ela segue paralela ao canal. Todos os aquedutos sheev foram construídos assim e seus sucessores os copiaram.

Havia uma voz terráquea calorosa falando com ele agora. Essa era realmente a voz de Miguel Krane? Ela continuou:

– Existe um sistema de numeração ainda baseado em nós sheev. O sistema usava predominantemente dois e uns. O Ia foi redescoberto pelos últimos marcianos. Eles nos seguiram. Construíram cidades para se abrigarem dos meteoros, com ar e água suficientes. Cultivaram plantas que cresciam bem nos campos hidropônicos. Construíram fábricas de atmosfera. Subiram e desceram aquele trecho do canal fazendo comércio. Sustentaram sua civilização por outros mil anos ou mais. Quando a tempestade de meteoros passou, você sabe, todo o planeta fora pulverizado. Quase todos os vestígios de vida marciana foram erradicados, a não ser por coisas que viviam no subterrâneo. E elas realmente nunca voltaram à superfície.

Mac se perguntou quais eram suas chances. Ao achar os amplos degraus pretos que levavam para baixo, pensou nos marcianos ancestrais

que os haviam construído quando o planeta ainda era um mundo de mares tranquilos e colinas verdes, de florestas infinitas e céus imensos, antes que a humanidade tivesse evoluído. E então vieram as Cinco Eras. As eras dos marcianos humanóides. E depois os meteoros. Os marcianos acabaram ficando solitários à medida que os fragmentos remanescentes de sua cultura eram enterrados pelas areias ferruginosas do planeta. Escolheram a solidão abaixo da superfície e morreram cercados pelas maciças pedras pretas de sua assustadora necrópole.

Apesar de ser solitário por natureza, Stone achava difícil compreender o raciocínio deles. Desde o momento em que saiu do ventre da mãe, teve de lutar para permanecer vivo e aproveitara com prazer cada segundo que ganhou para si mesmo, grato por qualquer ar que pudesse trazer para seus pulmões ofegantes, por cada visão e som que lhe dissessem que ainda estava vivo. Mac Stone tinha um cérebro humano e orgulho de sua herança marciana. Não se importava com as vidas que salvaria ou com a recompensa que receberia. Só se importava com Marte. Suas botas surradas ecoaram pelos amplos degraus do perolado mármore preto, tão lisos e portentosos, e tão lindos em sua sutil curvatura quanto no dia em que foram finalizados. Ele mal notou a grandeza. Pensou nos enormes tanques entre os quais brincara quando criança e no que tanta água podia fazer pelo Canal Baixo.

Respirou o ar de baunilha e isso o fez lembrar de programas a que assistira na infância nas grandes telas do V-dromo público, às vezes reais como a vida, às vezes melhores, e se perguntou se aquilo seria assim. Estaria sua vida começando a andar numa velocidade mais rápida que a real enquanto seu cérebro se preparava para morrer? Será que já estava morto e se lembrando dos momentos mais importantes, dos melhores, de sua louca vida antes de ter sido vendido? Quando saía com Yily Chen, sorrateiros como escorpiões em busca da escuridão lançada pelos vastos tanques, quando caçavam as sombras noturnas lançadas por Fobos ao caminhar a partir do oeste, fragmentos de escuridão pulando na frente dela como espíritos familiares espalhando uma trilha de sombras... Ah, aquela beleza pura e imensa! Vivo ou morto, Mac jurou que nunca mais deixaria Marte.

O inumano consertara o traje diurno e o deixara completamente carregado. Mac sentiu uma temperatura agradável ao alcançar o último degrau da escadaria e olhar para o grande canal. Estava atordoado com a

quantidade de água que o planeta mantinha em segredo. Poderia ser um oceano, sem a outra margem à vista. À esquerda e à direita, o canal não tinha fim. Pelo que podia ver, grande parte dele seguia um velho curso d'água, mas outras partes foram escavadas por alguma coisa que havia cortado com facilidade o granito marciano escuro e o decorara com relevos fundos e precisos mostrando criaturas semi-humanas e feras improváveis. Maquinaria de design alienígena e propósitos misteriosos. Havia passarelas construídas nas paredes do canal, o que permitia que animais ou máquinas arrastassem barcos em suas margens. Com quase 1 metro de largura, caracteres gravados em granito formavam a palavra *glems*, no idioma que Stone conhecia como “Dawson”, batizado em homenagem ao primeiro tradutor terráqueo dessa escrita.

Virou a cabeça para a direita. Com a luz clara do capacete, viu água negra ondulando, acelerando na direção das cataratas, que estavam a quilômetros de distância. Ainda assim, já era possível ouvi-las. Um rugido distante. A um bipe discreto do capacete, Stone virou para a direita, mantendo a água à esquerda enquanto a passarela se ampliava, revelando a massa escura de prédios e casas baixas, todos abandonados. Aquilo fora um porto ocupado e cheio. Ali as pessoas haviam feito comércio e se divertido, constituído famílias e passado suas vidas. Mac desejou ter tempo para explorar a cidade. Ao contrário do canal propriamente dito, os povoados ao longo da margem eram de escala humana e de estilos diferentes. Fora ali que os últimos marcianos humanoides viveram. A atmosfera do lugar era lúgubre. Mac não viu provas que confirmassem as lendas que ele crescera ouvindo no Canal Baixo sobre locais de resistência onde marcianos ainda viviam.

Eles não foram os últimos marcianos nativos. Foram os raífs. Nunca inteiramente visíveis, eles se moviam rapidamente ao redor dos assentamentos do Canal Baixo. Eram chamados de marcianos pranteadores, cujas canções às vezes chegavam das profundezas do fundo do mar morto e cujos contornos de veias rosadas eram quase invisíveis ao meio-dia. Vagavam como arraia translúcida, se alimentando de luz. Suas canções podiam ser muito comoventes. Contadores de histórias insistiam em dizer que não eram uma raça nova, mas os espíritos dos últimos marcianos humanoides, para sempre condenados a assombrar o Canal Baixo.

Stone nunca se sentira tão só. As edificações rareavam à medida que ele avançava; seu capacete lhe mostrava um número cada vez maior de grandes arcos naturais, de estalagmites e estalactites formando uma maciça floresta de rochas ao lado das águas murmurantes do canal Ia. Algumas delas haviam sido esculpidas por antigos artistas em representações de criaturas há muito extintas. De tempos em tempos, ele se assustava ao ver um rosto triangular com feições arcanas, quase terráqueas. Mac, acostumado a tantas coisas estranhas, se espantou com aqueles rostos petrificados, que olhavam de volta para ele com inteligência sardônica.

Nada vivia ali, nem mesmo os crocs selvagens. Nada voava nem se arrastava nem se esgueirava sobre o mármore liso ou entre os troncos de árvores de pedra cujos galhos se curvavam até o chão. O único ruído vinha da água corrente, e mesmo esse era baixo.

Pensou ter ouvido um leve farfalhar vindo da floresta de pedra. Fez uma pausa, e tornou a ouvir. Um som. Nada mais. Não conseguiu identificá-lo, mas sabia que provavelmente não devia estar ouvindo aquele som. Talvez algum vestígio de uma civilização que ainda vivia ali embaixo?

Moveu o maxilar e as orelhas. Como Krane havia prometido, o capacete respondeu intuitivamente e amplificou alguns dos sons externos enquanto filtros abafavam outros. Tudo o que ele ouvia era o fluxo constante das águas do canal. Teria imaginado algo? Quando aconteceu de novo, soube o que era. Um bípede calçando sapatos o seguia. Ou mantinha o mesmo passo que ele, ali nas cavernas infinitas. Mais alto. Lá estava. Um passo leve e firme em sintonia com o seu. Quando parava, o outro parava também. Vinha dos aparentemente infinitos arcos de pedra à sua direita. Sua risada foi quase demoníaca. Estendeu a mão para soltar a Banning no coldre e se curvou para sentir a faca, ainda no mesmo lugar. Lembrou-se de histórias infantis sobre monstros ferozes que viviam no subterrâneo, mutantes horríveis e desfigurados que se alimentavam de carne humana. Até aquele momento, ele não acreditara em nenhuma delas.

Mais um passo. Stone piscou para desligar as luzes do capacete. Esgueirou-se o mais silenciosamente que pôde até o arco de pedra seguinte. Na sequência, ouviu um leve som de arrastar. Sacou sua arma de raios com cuidado, digitando uma instrução rápida com o polegar. Quando a apontou, ela disparou um grupo de minúsculas rajadas de luz, como se fossem breves e brilhantes estrelas fazendo um arco lento por aquela

cripta natural e lançando uma sombra sobre os pilares curvos de pedra. Um humano. Ele estava *mesmo* sendo seguido. Alguém enviado por Krane? Improvável. O nanico? Certamente não era aquele inumano. Um dos antigos inimigos de Varnal? Agora ele tinha uma carga mais três quartos na sua Banning. Se parasse para pensar, era provável que só existisse uma outra pessoa nas catacumbas: a que o estava caçando. E ela estaria muito bem armada!

Mac virou-se para a escuridão e disse, resfolegando:

– Escute, não sei o que você espera conseguir de mim. Se forem as safiras, saiba que, além de não estar com elas, também não sei onde estão. E, se você acha que estou mentindo, também devo dizer que estou numa missão. Se eu for detido, Marte vai explodir, e você vai junto. Sabe, não ligo muito para o que fizeram com Marte, mas nasci neste planeta e gostaria de passar mais alguns anos aqui. Então, não importa de qual lado você esteja, cavalheiro, talvez devesse recuar. Ou aparecer para conversar. Ou lutar logo de uma vez. Aceito qualquer opção que você quiser.

Nenhuma resposta saiu daquela escuridão fria, só o eco da água sussurrando seu caminho para o esquecimento.

Continuou andando.

Crunch!

Uma concha atordoante atingiu o local onde estivera momentos antes. Só um amador teria errado. Uma suspeita formou-se na mente de Stone.

Tinha de ser o mesmo caçador que havia estado na cola dele desde RamRam City. Agora ele já devia saber quem Mac era. Se fosse um blefe, era profissional. Sim, disso não havia dúvida. Alguém estava jogando com ele, talvez procurando suas fraquezas.

Com isso, Stone voltou a ligar as luzes do capacete. Lá estava ela! Uma forma humana correndo por entre as estalagmites. Desligou a luz e ficou ali, apurando o ouvido. Então, com muito cuidado, saiu da passarela ampla. Passou por entre aqueles grandes arcos naturais, procurando quem o estivesse caçando. Pelo jeito que disparava pela escuridão, não conseguiu deixar de imaginar há quanto tempo vivia em Marte. Reconheceu aquele movimento característico. O hábito de se aproximar de um lugar pelo lado ou por trás. Cautela. A expectativa do ataque. Então aquele não era um caçador terráqueo atrás da sua pele. Era um marciano.

Stone conhecia todos os que poderiam ter recebido a oferta desse trabalho e aquele não era o estilo deles, não importava o valor da

recompensa que colocassem pela cabeça dele. A não ser que...

Mais uma vez acendeu as luzes e dessa vez conseguiu mais que um vislumbre. Um traje noturno vermelho e preto. Carregando ar extra. Duas Banning 22-40. Cada caçador de recompensa tinha uma assinatura.

Poderia ser Yily Chen? Ou alguém trabalhando para Chen?

Crunch!

Agora ele sabia que ela realmente não o queria morto. Tinha de ser Chen. Lá em cima, antes que o croc o pegasse, só estavam fingindo. Ela queria que ele pensasse que estava praticamente morto. Ou talvez quisesse colocá-lo ali em baixo, onde podia ficar à vontade com ele?

– Se é você, Yily, por que está atrás de mim? Você está na Terra. Eu estou em Marte. Nunca disputamos nada.

A voz dela não tinha mudado tanto quanto ele havia esperado. Um sotaque doce, leve, meio cantado saiu da escuridão:

– Talvez o preço nunca tivesse sido alto o bastante, Mac.

– Não acredito em você.

– Ok. Então me diga por que alguém quer você vivo e não quer que eu fale sobre isso com você.

– Você não me torturaria. Eu sei disso. A mim, não.

– Talvez. As circunstâncias mudam, Mac. Os tempos mudam.

– É verdade. Mas *você* não mudou. *Eu* não mudei. Somos marcianos. Você é mais marciana do que eu. Você não tem ninguém a quem eles possam ameaçar. A mesma coisa comigo. Temos os mesmos motivos para nos mantermos sem amarras.

– Nós somos diferentes, Mac. No âmago. Eu sou uma caçadora. Você é um ladrão. Às vezes caçadores são contratados para encontrar ladrões.

– Então quem lhe deu esse trabalho? Quem quer que você me leve?

– Não consegue adivinhar?

– Delph. Ele tem a maior fortuna do universo. Mas não o suficiente para pagar por mim.

– Talvez fosse tanto dinheiro que fiquei curiosa para saber o que ele queria que vale tanto assim. Uma sacola em que eu não deveria olhar. E que você não tem. Sei que não tem ou já a teria usado para me despistar. Estou caçando você há quase uma semana, Mac. Quase matei você meia dúzia de vezes. Eu lhe dei uma chance de tentar todos os ângulos.

– O quê? Você estava me testando?

– Acho que sim.

Ela saiu para o espaço aberto, para o feixe de luz, uma figura ágil e masculina. Não era nem um pouco o que ele havia imaginado. Segurava o capacete na mão esquerda, uma das armas na outra. Os cabelos castanhos e cacheados emolduravam um rosto triangular impossivelmente lindo, com olhos dourados bastante amendoados. As sobrancelhas eram finas e arqueadas; os lábios, vermelhos e brilhantes como sangue fresco. Poucos dos que ela caçava viram aquele rosto. Seus clientes raramente viam Yily Chen. Ela entregava suas “comissões” como se fossem pacotes. Fora irmã de Mac. Ele brincara com ela todos os dias na infância. Por mais que se lembrasse dela como inteligente e bonita, Mac mal conseguia acreditar em como ela se tornara tão linda.

– Olá, Yily. Do que você está realmente atrás? – Ele ergueu o visor.

– Oi, Mac. – Ela sorriu e pôs a pistola no coldre. – Você é um cara difícil de enganar. E difícil de não matar também. Acho que queria descobrir o motivo de Delph precisar tanto assim de você. Ele até me deixou fixar meu preço.

Agora ele tinha uma boa ideia do que tudo aquilo significava. Colocou sua Banning no coldre. Yily arrastou algo das sombras. Um pacote enorme. Ela se ajoelhou para checar as alças.

– E descobriu?

Mac se perguntou por que continuava tão desconfiado dela. A resposta era simples. Mesmo o homem mais forte, capaz de manter o controle de suas emoções e agir com frieza, acharia difícil resistir àquela beleza.

– Claro que sim. – Ela se endireitou. Foi na direção dele, meio sorrindo, a voz rouca: – Mas eu não confiava que ele fosse pagar.

Stone se pegou rindo.

– A última vez que vi você foi vinte anos atrás, roubando água dos tanques.

Ela sorriu. Ele se lembrava daquele sorriso de quando a perseguira por entre os bazares do Canal Baixo e ela debochava dele por sua falta de jeito. Na época ela se gabava de ter verdadeiro sangue marciano, vindo de um tempo em que as grandes trirremes broreern haviam dominado os mares verdes sob um sol dourado no outono da longa história do planeta. Stone podia acreditar nela. Os cínicos diziam que a mãe de Yily era uma prostituta terráquea e seu pai, um carcereiro marciano. Mas, com a gloriosa pele marrom-clara, o corpo masculinizado de bela musculatura, o

cabelo encaracolado, as pernas compridas, os seios pequenos e firmes, os sardônicos olhos dourados, ninguém que a visse acreditaria que fosse outra coisa que não uma mulher marciana reencarnada.

Havia poucas possibilidades de carreira em Marte para uma garota com o histórico e o visual de Yily. Ela escolhera a menos provável: primeiro como auxiliar de Tex Merrihew, aprendendo o negócio dos caçadores de recompensas, depois por conta própria. Mac se perguntou se Yily Chen tinha os outros motivos para ajudá-lo. Ela era conhecida por ser inteligente e traiçoeira. Será que a palavra dela valia tanto quanto diziam?

– Então, o que você está propondo, Yily?

– Uma parceria, talvez.

– Eu não sabia que você gostava tanto assim de mim.

– Eu não gosto de Delph. Não gosto do que ele fez com Marte ou do que ele *fará* se conseguir o que procura. *O que* ele quer, Mac?

– Ele acredita que tenho um monte de safiras índigo flamejantes.

– Um *monte*?

– Um monte.

Ela ficou em silêncio. Ele quase podia ouvi-la pensando.

– Que história era essa de bomba? – perguntou ela.

Ele não viu motivo para não contar, então falou tudo que sabia.

Quando terminou, ela disse:

– Então é melhor eu ajudar você.

Ele perguntou por quê.

Ela sorriu.

– Porque eu também sou marciana – respondeu. Depois se curvou e pegou sua mochila pesada. – E meus ouvidos funcionam bem.

5. Assobiando “Dixie”

Chegaram às cataratas falando cada vez mais através dos rádios de seus capacetes. O barulho era ensurdecido. Uma luz rósea assustadora brilhava desde as profundezas do abismo.

– Há quem diga que lá embaixo fica o núcleo de Marte. – Ela não entrou em mais detalhes.

– Você já esteve aqui?

– Uma vez. Um cara na Terra não apareceu para a audiência no tribunal. Achou que teria imunidade aqui. Tinha, mas o prenderam, de qualquer maneira, porque o juiz em Ram devia um favor ao juiz na Velha Londres. Então eu ia ganhar uma recompensa dupla. Uma parte do dinheiro da fiança, se o levasse com vida. Bom, acontece que ele tinha amigos aqui. Arqueólogos. Acadêmicos. Não é preciso se esforçar muito para fazê-los falar. Me contaram como haviam encontrado evidências do que chamavam de canal pedido. Conhece a história?

Mac fez que sim.

– O sujeito está no deserto. Ele se prepara para dormir. Acorda subitamente. Ouve água. Presta atenção. Água corrente. É o canal fantasma. Uma espécie de miragem, que leva os viajantes para longe para que morram de sede convencidos de que existe água em tudo quanto é ponto ao redor deles.

Ela deu de ombros e continuou:

– Contaram a ele sobre um sistema de cavernas. As lendas dizem que era um caminho que dava em outro mundo. Uns diziam que dava na Terra, em algum lugar do Arizona. Outros pensavam que era no antigo Marte. Outros ainda o vinculavam às descobertas de um chamado universo oculto, obscurecido de nossos astrônomos por nuvens errantes de neblina cósmica. Você não precisa quebrar muitos dedos antes que as coisas comecem a fazer sentido. Achei a caverna, achei este lugar, achei o cara, levei-o de volta e peguei o dinheiro.

– Por que eu nunca ouvi falar dessa entrada?

– Porque eu a destruí. Não queria que aqueles arqueólogos passassem por esse vexame novamente. O cara que prendi tinha dois motivos para não falar. Ele podia fugir e se esconder aqui embaixo. E sabia o que eu faria com ele se a notícia das cataratas chegasse à superfície. Mandaram-no para Ceres. Lá você não vive muito tempo. Até onde sei, ele guardou o segredo até morrer.

As cataratas os hipnotizavam. Ambos se pegaram caminhando perto demais da borda, atraídos pelas vastas paredes de água que borrifavam azul e dourado, esmeralda e rubi naquela estranha luz. *Luz velha*, pensou Mac sem saber o porquê. A luz parecia ser esmagada pela impenetrável escuridão da caverna. Mac viu todos os tipos de forma lá dentro. Rostos do seu passado. Pessoas que havia odiado. Ninguém que ele amara. Homens com armas. Mulheres querendo seu dinheiro, desprezo ou ambas as coisas.

A crueldade era o combustível da sociedade interplanetária. Mas não era a droga preferida de Mac. Paz. Por que estava pensando nisso quando as emanções róseas sopravam em um milhão de formas e se ofereciam para acalenta-lo como um bebê, com segurança? Com segurança...?

– *Stone!*

A mão forte dela agarrou o braço de Mac e o puxou de perto da borda.

– Droga! Pensei que soubesse cuidar de si mesmo.

A raiva dela era como um tapa na cara de Mac. Ele soltou um palavrão. Aqueles olhos, aqueles olhos ferozes! O que passava por eles no momento em que brigaram?

Mac sacudiu a cabeça.

– Não se preocupe. Desculpe. Não vai acontecer de novo.

Ela franziu a testa, olhou por cima dos óculos para a distância, encarando as cataratas violentas, e apontou.

– O que é aquilo?

Um clarão verde vibrante. Uma cor obviamente artificial. Nada parecido com o que acontecia ao redor. Ele começou a usar o aparato óptico do capacete e o aproximou com rapidez enquanto instrumentos marcavam distância e tamanho. Yily ajustou os próprios óculos para checar.

Com cerca de 1,5 metro, a bomba estelar jazia equilibrada entre um círculo de rochas. Quase em paz. Um torvelinho de água branca rodopiava ao seu redor. Correntes contrárias a mantinham em suspensão. Qualquer das correntes podia alterar o curso e levar a bomba para além da borda, de onde jamais seria recuperada. De onde detonaria, explodindo o planeta.

As cataratas urravam, ecoando pela enorme caverna. A escuridão total tornava impossível ver o teto. Segundo o capacete, as paredes continham depósitos de ouro, prata, diamantes e muitos outros metais raros na Terra. Stone podia imaginar o que aconteceria no lugar assim que pessoas como Delph descobrissem isso. Vasculhou as cataratas até onde pôde, tentando encontrar um possível caminho até a bomba. Uma grande placa de granito preto formava um toldo sobre o qual toneladas de água caíam. As rochas que ficavam acima do toldo recebiam um pouco de proteção, pelo menos em parte do caminho. Algumas pedras desapareciam atrás de outro grande monte de destroços. Elas formavam um ponto cego. Nenhum dos dois, Stone ou Chen, conseguiria ver que perigo estaria

esperando por eles se tentassem passar além daquele ponto. Mas não parecia haver outro caminho.

– É melhor usarmos cordas. – Ela colocou sua mochila na passarela. – Não vamos conseguir trabalhar naquele negócio lá onde está. Temos que buscá-lo.

– Eu podia tentar disparar um gancho com a minha Banning. – Mac lhe mostrou o gancho de tonkinita no seu cinto. – Ele está ligado a 50 metros de fio-aranha. Mas, mesmo que fosse uma boa ideia, não haveria como fazer isso daqui. Precisamos ter certeza de que vamos conseguir prender bem a bomba. Não podemos errar. Precisamos passar para os equalizadores de gravidade. Eles devem dar conta de boa parte da água. Seu traje tem um? Não importa. Vamos usar o meu. É provável que nós dois tenhamos que caminhar, pelo menos até o fim desta rota.

Não tinham muito mais o que discutir. Primeiro, testaram o potencial dos equalizadores de gravidade, ou EGs. Eles captavam o poder de qualquer coisa que os ameaçasse e, usando a própria energia da ameaça, a convertiam num campo de força teoricamente capaz de equalizar qualquer pressão externa. A ideia por trás da tecnologia era brilhante, mas já acontecera mais de um terrível acidente com EGs. Não existia uma segunda chance. Entraram em contato com Miguel Krane. Ele garantiu a Stone que o capacete fora testado para todos os ambientes, especialmente para o poder das cataratas. Ficou surpreso ao saber que Yily Chen estava envolvida, mas não viu problema em ambos usarem o traje.

– Não importa quantos sejam, teoricamente ele pode proteger contra uma força bem maior. Claro que não levamos em conta o erro humano. É só lembrar que basta uma quebra no circuito e vocês dois serão levados por aquelas cataratas num piscar de olhos. – Sugeriu que deixassem o traje dela funcionando em potência baixa como backup. – Vocês terão de decidir se arriscam isso ou não. – Krane não parecia muito seguro.

Em pouco tempo se aprontaram. Colocaram as cordas, usando o fio-aranha de Mac. Não era sábio contar com o intercom dos capacetes. Confiariam o máximo possível em sinais visuais. Mesmo com tudo ligado em input mínimo, ainda conseguiam ouvir o pesado bater da água contra as rochas, o silvo fino da água jorrando do canal ao cair naquele desfiladeiro sem fundo. Juntos, foram pela passagem escorregadia, centímetro a centímetro, mãos, pés, cotovelos e joelhos, todas as partes dos trajes em sucção total, o que lhes permitia ganhar tração a cada

membro. O enorme peso da água, mesmo não sendo a massa total, pressionava o conversor de energia deles e a conversão dessa força permitia que avançassem. Eles eram ciscos apanhados acima daquelas gigantescas paredes líquidas. Capazes de ver menos de 1 metro adiante, se seguravam da melhor forma possível, dando passos cuidadosos, frequentemente rastejando, cegados pelos borrifos uivantes que os cercavam. Mais de uma vez Stone perdeu o equilíbrio. Yily permaneceu com passos firmes e puxou a corda dele antes que seguisse o impulso e caísse no núcleo faminto do planeta. Ele calculou que ela salvara sua vida pelo menos uma vez a cada minuto de caminhada.

Acima deles, a água descontrolada trovejava e rugia. Suas cabeças zumbiam sob as marteladas da correnteza. Uma vez Yily quase foi jogada por sobre a borda. Ele usou as mãos e os pés para se segurar e estender o campo, puxando-a de volta, usando uma quantidade impossível de energia do seu equipamento e caindo para trás quando algo atingiu seu ombro. Ao se recuperar, viu que destroços também estavam sendo carregados cataratas abaixo, o que com certeza aumentava o perigo. Passaram a manter um olho em objetos maiores, o outro nos cronômetros, que lhes diziam mais ou menos quanto tempo ainda tinham antes que a bomba explodisse. Quarenta minutos. Chegaram a um lugar em que a água ficou subitamente calma e até o som pareceu sumir. Por alguns momentos repousaram, recuperando as energias na água calma que formava pequenas poças sob o grande toldo de granito. Depois compensaram um pouco do tempo perdido.

Algumas vezes, Stone olhou novamente para o local que ficava à margem, agora invisível para ele. Será que todo o esforço deles seria em vão? Não teria sido melhor aceitar a impossibilidade da missão? Começou a pensar que Krane era louco. Se havia uma ameaça, eles morreriam. Morte era o futuro de todas as pessoas, de todos os planetas, de todos os universos. Sua luta era um símbolo da futilidade de criaturas vivas que lutavam contra a própria e inevitável extinção. O que eram mais alguns anos de existência comparados à longevidade do cosmo? Nesses termos, toda a história da espécie deles durou menos que uma fração de segundo. E então, abrigada ao lado dele sob a proteção do equalizador de energia, Yily levantou a cabeça por um segundo; seu olhar era sombrio e ele compreendeu que o esforço valeria a pena. Como sempre.

Acabaram saindo do local de parada. Viram a bomba de cor verde vibrante brilhando do outro lado de uma fenda. Stone não conseguia ver nenhum caminho óbvio para descer até lá. Por um momento pareceu que haviam ido tão longe apenas para fracassar. Então Yily meneou a cabeça e sinalizou que, se ele segurasse o fio-aranha, ela poderia conseguir se balançar e agarrar a bomba. Mas isso significaria que passariam para os equalizadores dela que não haviam sido testados. Ele não sabia se o traje dela tinha capacidade suficiente. Ela deu de ombros e começou a se amarrar.

As cataratas tossiam e grunhiam, sempre traiçoeiras.

Stone ficou preocupado que não houvesse fio-aranha suficiente. Teve dificuldade para calcular a distância. Fincou bem os pés. Teria que desligar seu equalizador assim que ela ligasse o dela, para conservar energia e manter a estabilidade por alguns segundos. Ele levantou a mão e deu o sinal. Ficaram enjoados por alguns momentos enquanto faziam a troca e então ela começou a cair, ficou um momento fora do campo de visão dele e depois uma figura bem menor do que ele esperava reapareceu.

As cores do traje dela, azul e vermelho, eram pouco visíveis e apareciam de forma inconstante enquanto caía por uma nauseante queda d'água. Sua gravidade relativa, graças ao conversor, lhe dava resistência extra e ela estendeu os braços e agarrou a bomba de nêutrons, balançando para sair do abismo róseo. Soltou um grito selvagem de triunfo e seu corpo se curvou para trás enquanto ela voltava. Ele apertou o controle e a levou para cima, onde estava empoleirado, usando todo o corpo, menos as unhas e os dentes, para se manter firme. Quando ela girou e se pôs ao lado dele, Mac ria como um idiota. Bateu no braço dele para ativar o conversor de seu capacete e ambos ficaram protegidos novamente. Ele pôde sentir a alegria dela quando a abraçou com força.

Eles estavam com a bomba estelar!

Agora, de algum modo, tinham que voltar para a rocha que os abrigara. Centímetro a centímetro, atravessaram os buracos, os pés procurando pontos de apoio enquanto os minutos corriam, e não ousavam desperdiçar um momento sequer tentando ver quanto tempo tinham antes que a bomba explodisse. A subida de volta para a passarela pareceu levar mais tempo do que todo o resto da missão. A tensão nos equalizadores aumentava a cada passo. Pequenas bolhas de energia piscavam e desapareciam nos campos ondulantes.

Stone estava quase convencido de que não tinham mais tempo nem energia. Ficou surpreso quando percebeu que suas botas já estavam no granito e a bomba, no chão à frente deles. No relativo silêncio dos arcos de pedra, finalmente puderam desligar os equalizadores. Os trajes estalaram, revelando falhas que poderiam ter significado morte súbita.

Stone anunciou triunfante seu sucesso a Krane pelo rádio. O terráqueo não pareceu tão animado:

– Vocês têm 27 minutos. Acha que consegue, Stone?

Yily sorriu e começou a assobiar.

– O que é isso? – perguntou Krane.

– Não está acontecendo nada – disse ela. – É “Yankee Doodle”, não é?

Mas, mesmo quando a melodia certa foi transmitida a eles por Krane, somente quatro das onze travas que protegiam a bomba de nêutrons se abriram. Eles precisavam de sete em sequência. “The Yellow Rose of Texas” abriu mais duas. “Moonlight on the Wabash”, outras duas. Yily tentou diferentes tons e velocidades, novas sequências. Mais duas. Mais uma. Mas depois disso nada funcionou mais. Ela ficou envergonhada.

– Minha avó veio para Marte no revival do teatro de revista. Nós costumávamos cantar todas essas músicas antes que a droga a levasse.

– Isto está ficando perigoso – disse Krane. – Alguma coisa emperrou. Parem!

Sem se importar com a preocupação cada vez maior dele, eles continuaram tentando e fracassando à medida que os segundos e minutos passavam.

– Vocês precisam parar! – continuou Krane. – A menos que cada trava seja aberta na ordem certa, a bomba não poderá ser neutralizada. Nós levamos anos para decifrar esses códigos. Encriptamos tudo em músicas tradicionais de fácil memorização. Nós... Nós não temos tempo para trabalhar os códigos novamente! É provável que tenhamos piorado as coisas. Só nos restam oito minutos.

Mac ficou em cima da bomba, tentando diferentes ferramentas de força nas travas restantes.

– Isto é inútil. Podemos explodir a coisa a qualquer momento.

Mac viu a ferramenta de força que usara por último desaparecer de sua luva.

– Acho que nenhum de nós é musical o bastante. Está na hora do plano B.

Yily enfiou as mãos na mochila e puxou um grande contêiner metálico quadrado. Retirou o conteúdo da caixa com rapidez, revelando um cilindro compactado coberto com avisos do governo. Assim que acariciou a caixa com os dedos enluvados, ela começou a se expandir, batendo e se contorcendo como uma coisa viva até ficar deitada em seu colo como um enorme peixe morto de cor bege.

– É melhor eu ativar isto agora.

Stone reconheceu o wombot B-9 desativado. Adivinhou o plano dela, mas mesmo assim perguntou:

– O que vai fazer com isso?

Mas ela não parou.

– Sou muito mais leve do que você. Me dê seu lenço grande. Depressa! E algumas dessas ferramentas podem ser úteis aqui. Vou lhe dizer o que fazer. Precisamos daquele fio-aranha. Consegue soltá-lo do seu traje?

– Posso tentar.

Ele pegou seu lenço branco e ela começou amarrar a coisa na cintura. Nem um relógio ou número na bomba lhes dizia quanto tempo ainda tinham. Só podiam contar com os próprios cronômetros.

– Sete minutos.

Ele ainda estava planejando fazer a coisa sozinho.

– Agora – disse – coloque aqueles ímãs no lugar. O lenço será útil. Não provocará quase nenhuma tensão, mas vai manter a bomba em posição enquanto a amarramos ao wombot com o fio-aranha. Deixe as pontas soltas. A broca para parafusos pode ajudar.

Depois que Yily o ajudou a dar mais algumas voltas nos cabos, tudo ficou mais firme.

– Ok – disse Mac. – Mais grampos magnéticos. Vamos usar todos que temos.

A bomba foi posta no chão, o wombot ao lado. Mac contou até três, eles pegaram a bomba, a rolaram e a amarraram com o fio e oito algemas magnéticas (Yily normalmente as usava para prender bandidos). Fixaram o wombot bem em cima da bomba. Seis minutos. Ele respirou fundo.

Mac ainda estava pensando em como faria aquilo, mas Yily já estava sentada no aparato; tinha se amarrado a ele com o lenço e o fio-aranha restante, deixando os braços livres. Não havia tempo para discutir. Stone

foi ficando cada vez mais nervoso. Percebeu que não podia assumir o controle. Tarde demais para discutir.

Em pouco tempo ela fixou todo o aparato e o wombot passou a lutar como um peixe para se libertar. Ele o agarrou com o máximo de força que podia com suas mãos entorpecidas. Então ela começou a ativar seu traje.

Mac não conseguiu encontrar as palavras. Começou a se sentir mal. Seu maxilar estava mais tenso que o normal. Ele a viu ativar primeiro o próprio equalizador, depois colocar a bomba, mas não o wombot, fora do círculo de energia do traje. Ela digitou alguns códigos em seu braço. Ela não precisaria de um capacete? Um lampejo e uma careta. Não uma missão suicida! Não diga que era isso! O barulho das cataratas ainda afogava qualquer ruído que fizessem sem usar o rádio. O poderoso drone biônico pulou nas mãos dela e subiu na cabeça de Stone, Yily ainda estava agarrada nele. A máquina se virou, deu piruetas, voltou a se virar. Ele gritou para ela soltar, pois a pegaria.

– Preciso testá-lo antes – disse ela. – Não temos muito tempo.

– Talvez devêssemos nos despedir. – Mac ficara subitamente calmo, embora não se sentisse em paz, e deu um passo para trás.

– Talvez. – Então ela soltou o wombot.

O bot saltou no ar e deu uma cambalhota. Yily se segurou nele para não morrer, seu e-traje piscando e faiscando. O fio segurava a bomba. Yily estava presa apenas por alguns grampos magnéticos, fio-aranha e a própria força. Mas Stone podia jurar que a viu sorrir.

O aparato começou a se mover em linha reta. Sobrevoou as cataratas Nokedu, lá longe onde a água não parava de borrifar, prata e dourada à luz rósea, e, para profundo horror de Stone, rumou para *baixo*!

Yily Chen também voou para baixo. E como desceu! Desapareceu de vista ao ser arrastada pelo wombot para dentro daquele vasto abismo róseo e aquelas águas violentas, dançantes, mortais. Stone nunca antes sentira tanto medo. Nunca tanto medo quanto no momento em que a viu desaparecer.

– Ah, meu Deus! – Ele tentou ligar seu rádio, mas não havia recepção.

– Ah, Yily!

Ele se sentiu mal. Usou a visão aumentada para vasculhar o ar salpicado de gotas douradas. Nada.

As cataratas de Nokedu gritaram sua gargalhada bela e monstruosa.

Então, de modo triunfante, o wombot saltou como um salmão cataratas acima, voando sobre o canal, e pareceu pairar por um momento, com Yily planando atrás dele, se contorcendo de forma estranha, talvez para ganhar altitude. Ela subiu, depois voltou, mergulhando quase diretamente na direção de Mac. Ele mergulhou para se afastar da coisa e ela pareceu se jogar direto em cima dele. Ele era a fonte de calor mais próxima? Será que fora o alvo o tempo todo? E então Yily reapareceu, na hora exata, saltando da bomba voadora na direção da passarela quando o wombot fez uma curva perfeita, saiu voando como uma arraia pelo mesmo caminho que vieram e desapareceu do espaço-tempo normal. Agora a criatura forçaria sua passagem através do espaço que eles não conseguiam ver, buscando o máximo de calor. Ela ainda apareceria na rocha até que chegasse ao ar rarefeito e encontrasse seu caminho para o Sol através das dobras do espaço-tempo.

Mac se virou quando Yily desligou seu traje e caiu, rindo, em seus braços.

Então Stone fez o que inconscientemente quisera fazer desde a primeira vez que caçara a menina marciana de pele marrom e cabelos embaraçados, quando brincavam de esconde-esconde nas sombras densas dos tanques. Pegou-a nos braços, tirou seu capacete e beijou seus lábios vermelho-sangue. Ela retribuiu o beijo apaixonado, mordendo a língua de Mac e sorrindo.

Lá em RamRam City, um canalha que estava deitado de costas, alucinado por conta do jojo com que se drogara, viu uma rápida flor brilhante aparecer no quadrante noroeste, uma flor rubra contra um laranja fosco, e não soube a sorte que tinha em estar vivo, ou o significado daquele breve momento.

Rapidamente Stone e Yily seguiram a longa passarela de granito preto polido ao lado do canal amplo e subiram a grande escadaria até a câmara onde ele conhecera Krane. O terráqueo sumira, mas no braço direito estendido do desativado inumano havia uma sacola de couro de rato cinza e, quando Stone derramou seu conteúdo na palma da mão aberta de Yily, ela perdeu o fôlego.

Stone acendeu o último pedaço de seu baseado, puxou fundo, sorriu, olhando contente enquanto ela colocava as pedras lado a lado em cima da sacola: sete perfeitas safiras flamejantes, pulsando em tons variantes de índigo. Cada uma era um mundo diferente. Cada uma era profundamente

fascinante, pronta para refletir e amplificar seus sonhos secretos. Se você desejasse, podia viver em uma delas para sempre.

– É – disse Stone, feliz. – Uma visão e tanto.

Epílogo

Eles sabiam o que aconteceria, é claro, quando as empresas de mineração e os arqueólogos descobrissem um suprimento gigantesco de água, que ainda estaria contaminada por séculos de vazamento de uma superbomba alienígena e teria de ser filtrada, mas talvez não totalmente. Isso não constituiria um grande problema, ainda mais contando com os dispensáveis prisioneiros que trabalhariam lá embaixo. Stone ficou imaginando o que os exploradores fariam com o grande e plácido canal aqueduto tranquilo que se derramava perpetuamente num desfiladeiro sem fundo e qual seria o processo misterioso que capturava e reciclava aquela água para depois trazê-la de volta para o canal? Quanta energia, quanto poder.

– Tudo isso vai embora – disse Yily Chen. – Tudo será anunciado da forma mais sensacionalista e esse lugar será desinfetado. Pessoas vão fazer passeios de barco para as partes seguras. Haverá elevadores diretos para as cataratas. O dinheiro dos turistas trará uma demanda por uma história confortável. Guias contarão lendas e inventarão histórias. Críticos de arte irão explicar a grandeza de seu design, a beleza de seus relevos, a engenhosidade de seus arquitetos e engenheiros. O lugar dará luz a mil teorias acadêmicas. Teorias loucas. Cultos. Religiões. E isso não será o pior, pois pessoas como Delph ainda vão começar a tirar o metal e as joias preciosas, não tenho dúvida...

– Não – disse Mac. – Isso não tem que acontecer. Podemos guardar isso para nós... só por um tempo.

Era o que Yily queria também. Ela abriu aquele sorriso marciano doce e sardônico.

– Acho que eu estava mesmo planejando me aposentar – respondeu, tranquila.

Então eles compraram Marte. Isso só lhes custou duas safiras índigo flamejantes, vendidas a um consórcio de plutocratas terráqueos. Pelo par,

Stone e Chen compraram as empresas de mineração que operavam no planeta, duas naves, RamRam City e outros assentamentos, vários direitos de exploração geológica e socioeconômica e as prisões particulares que Stone conhecera tão bem e que fechou o mais rapidamente possível.

Mais tarde, poderiam criar em Marte um paraíso de justiça e razão, uma era de ouro que durasse mil anos em que seus descendentes marcianos pudessem crescer e florescer. Por alguns bons meses, tinham o canal perdido só para eles.

A PEDRA DO SOL

PHYLLIS EISENSTEIN

Os contos de Phyllis Eisenstein já apareceram nas revistas *The Magazine of Fantasy & Science Fiction*, *Asimov's*, *Analog*, *Amazing* e outras. Provavelmente ela é mais conhecida por sua série de fantasia sobre as aventuras do menestrel Alaric, nascido com a estranha habilidade de se teletransportar, e que mais tarde foram fundidas em dois romances, *Born to Exile* e *In the Red Lord's Reach*. Entre seus outros livros estão os dois romances da série Book of Elementals, *Sorcerer's Son* e *The Crystal Palace*, assim como os livros *Shadow of Earth* e *In the Hands of Glory*. Alguns de seus contos, incluindo histórias escritas com seu marido, Alex Eisenstein, foram reunidos em *Nightlives: Nine Stories of the Dark Fantastic*. Formada em Antropologia pela Universidade de Chicago, ela foi por vinte anos do corpo docente do Columbia College, onde lecionou escrita criativa e também editou dois volumes de *Spec-Lit*, uma antologia de ficção científica escrita por seus alunos. Hoje ela trabalha como editora de texto em uma grande agência de publicidade e ainda vive na sua cidade natal, Chicago, com seu marido.

Aqui ela conta uma história que nega o velho ditado sobre a impossibilidade de se voltar para casa. É possível, sim, mas talvez seja necessário andar muito e procurá-la nos lugares mais estranhos.

Ele esperava que o pai o encontrasse no espaçoporto de Meridiani. Mas quando desembarcou do voo que vinha da Terra e durara um mês, com a mochila no ombro, não conhecia ninguém que estava ali. Depois de dois anos marcianos fora, com um diploma novinho de doutor em arqueologia debaixo do braço, Dave Miller pensou que o homem que economizara tanto para garantir que o filho conseguisse a melhor educação do sistema solar estivesse ali para lhe dar as boas-vindas na volta para casa.

Os outros passageiros, que ele conhecera durante a viagem, apanharam a bagagem, encontraram a família, amigos ou conhecidos e se dispersaram. Alguns eram homens de Marte como ele, outros eram novos colonos, ainda cheios de entusiasmo pelas terras que foram anunciadas de modo tão eficiente, e outros poucos eram turistas ricos. Dave se certificara de que os últimos tinham suas informações de contato. “Faça uma excursão pelas ruínas da civilização marciana perdida com os homens que as descobriram”, dizia seu cartão. No seu caso não era bem uma mentira porque, na adolescência, ele encontrara um aglomerado de fundações e alguns trechos de muralhas escoriados pela areia perto de um dos canais menores que partiam de Niliacus Lacus. Rekari, sócio marciano do seu pai, tinha atestado que estavam abandonados havia sete ou oito mil anos marcianos. Seu pai, o famoso Dr. Benjamin Miller, a quem o cartão realmente se referia, decidira que não valia a pena incluí-los na rota turística. Mas isso não os tornava menos dignos de descoberta.

Quando pareceu que a espera seria em vão, Dave entrou no terminal e achou um telefone. Ele comprara um comunicador pessoal na Terra, mas em Marte, onde tempestades de areia sempre interferiam com comunicações sem fio, linhas fixas eram mais confiáveis. O funcionário do terminal lhe disse que o telefone local provavelmente funcionaria – funcionara no dia anterior –, mas quando tentou o número do pai, não teve resposta, nem mesmo de uma gravação.

Mordeu o lábio por alguns segundos, depois desistiu e digitou o número da irmã. Torceu para que o marido dela não atendesse; sua irmã já era bem difícil de lidar.

A voz da criança do outro lado não sabia quem era o tio Dave, mas foi convencida a passar o telefone para o pai ou a mãe.

– David.

Não era uma voz amigável, mas era sua irmã. Em dois anos, ela não respondera nenhuma de suas cartas.

– Sim, eu voltei – disse ele. – Como você está? Como vai a família? – Ele nem sequer sabia quantos filhos ela tinha agora.

– Não finja que se importa, David. O que você quer?

– Já faz dois anos, Bev. Isso não são lá as melhores boas-vindas.

Ele pôde ouvir o tom de deboche na voz dela do outro lado:

– Eu honestamente não achava que você fosse voltar. A Terra foi uma decepção tão grande assim?

– A Terra foi boa, mas o plano nunca foi ficar lá.

– Ah, sim. Você sempre iria voltar para cá e ajudar papai a desencavar mais coisas. Quem sabe encontrar alguma daquelas cidades perdidas que ele está sempre procurando. Ele não vem para casa há meses, sabia?

– Meses? Quantos meses? – Seu pai sempre passava longos períodos no campo, mas... meses?

– Não sei. Quatro? Cinco? Também, mesmo quando ele não está no campo, não o vejo com muita frequência.

– Você já conversou com Rekari?

Uma pausa do outro lado.

– Nunca entendi o que papai viu naquele pedaço de escória marciana.

– Mas você...?

– Não, não falei com ele. E ele também não falou comigo.

– Beverly...

– Papai sempre gostou mais dele do que da própria família. Você também. Não tente dizer que não.

Dave não respondeu. Rekari sempre foi um bom companheiro para um garoto.

– Ele saiu com papai?

– Como é que vou saber?

– Ele não atende o telefone.

– Ele sabe como usá-lo?

Dave respirou fundo. Na Terra, aprendera a não reagir a pessoas que diziam coisas feias sobre marcianos e os humanos que viviam em Marte, embora tivessem sido necessárias várias brigas para que essas lições penetrassem fundo.

– Vou ficar na casa do papai, se quiser falar comigo.

– Ótimo – respondeu ela e desligou.

Foi a conversa mais longa que tiveram em uma década e isso fez Dave ficar preocupado. Meses?

Desligou o telefone e voltou até o funcionário do espaçoporto para tentar arrumar transporte para Charlestown. Não havia nenhum, claro, mas o funcionário estava disposto a vender a própria moto para um colega de Marte. Estava mais do que satisfeito em aceitar créditos da Terra, que normalmente vinham de turistas e das pessoas que lidavam com eles, mas Dave conseguira guardar uma boa quantidade por conta dos empregos de meio expediente que arrumara durante a faculdade. Pendurou a mochila nas costas, verificou o medidor de carga e fechou a cobertura do cockpit para seguir rumo ao norte. A pequena moto tinha um mapeador, mas ele não precisava; seu senso de direção era bom, a cidade não ficava assim tão longe e não dava para se perder seguindo o canal Hiddekel. O céu escurecia quando ele partiu, mas o farol da moto era forte e a estrada estava boa, livre das urtigas que adoravam água e ficavam perpetuamente agrupadas ao redor do canal. Chegou a Charlestown ao amanhecer.

Ela nunca fora uma cidade grande, embora estivesse na rota de confluência de dois canais. E mesmo as maiores cidade de Marte não eram impressionantes se comparadas às da Terra. Dave já se cansara das multidões e da confusão da Terra, e Charlestown parecia muito boa para ele, com sua única rua principal ladeada por casas decrépitas que eram ao mesmo tempo lojas e bares, e com alamedas cobertas de casas menores se espalhando para longe do canal. Ao norte da cidade ficava o cais dos barcos, com meia dúzia de barcas e três veleiros menores ancorados, e mais além, o arco de chalés marcianos onde Rekari e sua família viviam. Como Dave esperava, apenas algumas pessoas estavam na rua principal àquela hora, e ele reconheceu todas. Uma delas até chamou por ele quando passou e Dave levantou um braço em saudação, embora não tenha parado para conversar.

A casa do pai, mais próxima da extremidade norte da cidade, era ao mesmo tempo escritório e residência, com uma placa sobre a porta que

anunciava, em letras esmaecidas: “Ben Miller e Filhos, Turismo. Vejam as ruínas antigas”. Seu pai era otimista antes da morte da mãe de Dave, mas eles só tiveram um filho homem e um genro que poderia ter trabalhado com ele. Contudo, preferira a empresa regional, não ficara impressionado com as bolsas que seu sogro conseguira da Universidade de Syrtis ou com as ruínas de seis vilarejos antigos que descobrira ao longo dos últimos trinta anos; arqueologia em Marte, dissera o marido de Bev, não valia de muita coisa, só servia para distrair alguns turistas.

Dave trancou a moto dentro do barracão e tentou a porta do escritório. Não estava trancada. Nada em Charlestown ficava trancado, embora houvesse uma chave pendurada na maçaneta, caso alguém quisesse usá-la. Do lado de dentro, ele encontrou às escuras a saleta que servia como escritório; suas janelas estavam sujas demais para deixar entrar mais do que um vestígio de luz do sol matinal e o interruptor de luz não funcionou. Deixou a porta aberta e a luz que entrou mostrou camadas de poeira por toda parte. Acionou a lanterna – todo homem de Marte carregava uma – e foi até a porta que separava os aposentos comerciais dos privados. No quarto do pai a cama estava desfeita, mas as gavetas do armário estavam fechadas, as roupas bem dobradas e a jaqueta que ele sempre usava no campo não estava pendurada no gancho. Mais adiante, o quarto de Dave permanecia como ele o deixara, com dois troféus da escola em cima da escrivaninha e um par de sapatos velhos embaixo da cama.

– Você não precisa voltar – dissera seu pai. Mas Dave sempre soube que o faria. Ben Miller e Filhos. Seu lar.

Os primeiros meses longe foram difíceis. Saudades de casa, claro, mas pusera isso de lado com exercícios, primeiro na nave e mais ainda na Terra, até que a sensação de estar sempre carregando uma mochila com o dobro de seu peso passasse. Quando isso aconteceu, ele já tinha se embrenhado na faculdade e em todas as experiências do exótico planeta natal, e pensar em casa não incomodava mais. A não ser ao acordar numa manhã clara e ver aquela luz incrivelmente brilhante entre as cortinas; o sol nunca fora tão forte em Marte.

Deixou a mochila cair na cama e abriu as gavetas, uma por uma, tentando se lembrar do que havia deixado para trás. Não muito. Duas camisetas na gaveta de baixo e, sob elas, um pequeno bloco de notas.

Dave sempre carregava um quando saía para explorar, mas ele o havia levado para a Terra e voltara com ele na sua mochila. Aquele era do

pai. Só a primeira página tinha alguma coisa escrita. Uma data no topo, quase cinco meses marcianos antes, algumas linhas embaixo, na caligrafia familiar do pai, sobre prováveis ruínas onde o canal Alcronius emergia da calota polar norte. Era uma boa pista, diziam as anotações, porque vinham do mais antigo marciano que o pai já conhecera, que o ajudou a traduzir algumas inscrições pouco legíveis. Uma boa pista, mas uma longa viagem, e ele tinha certeza de que ficaria longe por um bom tempo, para verificar isso com Rekari. No rodapé, as coordenadas do local.

Na data que seu pai escreveu aquilo, a calota polar norte alcançara seu ponto máximo de derretimento anual e a corrente do canal entrara em maré alta. Seria fácil levar um barco para o norte naquela época. Rekari tinha um barco. Dave o vira no cais.

Ele estava cansado depois da longa viagem, mas também sentia muita fome. Os armários da cozinha estavam vazios; provavelmente o pai levava tudo para a viagem. Dave saiu para ver se algum dos restaurantes locais tinha algo de interessante, o que em Marte significava qualquer coisa. O Jacky's, logo abaixo na mesma rua, tinha manteiga de amendoim e pão árabe para o café da manhã, e Dave já ficou bem feliz por isso. Quando estudava na Terra, não comia nada muito mais elaborado que isso.

– Não sei se seu pai achava que você voltaria – disse Jacky.

Ela era alta e magra, o rosto maltratado pelos ventos marcianos, mas entregou a Dave um sorriso e uma ótima geleia de amora feita em casa. Jacky sempre fora uma irmã mais velha melhor do que Bev, e Dave muitas vezes se perguntou por que seu pai não havia se casado com ela para que se tornasse parte da família.

– Ele partiu já faz um bom tempo, não foi? Minha irmã disse meses.

Jacky olhou para seu relógio.

– Cento e trinta e três dias.

Dave encostou o cotovelo na mesa, recolheu algumas migalhas do pão e as jogou na boca.

– Eu vi o barco de Rekari no cais. Ele foi junto?

Jacky assentiu.

– Mas ele voltou, mais ou menos um mês atrás. Disse que alguém tinha que cuidar dos negócios. Não que tenha aparecido algum ultimamente. Não vejo um turista desde o ano passado.

Dave pagou a conta em créditos terrestres e Jacky os enfiou na blusa.

– É bom vê-lo de novo, garoto. Talvez eu consiga alguma coisa melhor para o jantar. Ouvi dizer que os Warners têm um frango extra. Quem sabe eu consiga convencê-los a abrir mão dele.

– Isso seria bom – respondeu Dave.

– Volte às cinco.

Ele saiu e se dirigiu para o bairro marciano.

A rua principal estava mais cheia agora, com pessoas fazendo suas compras da manhã antes de irem para os campos de amendoim, batata e cevada geneticamente modificados que se estendiam a leste de Hiddekel. No lado oeste do canal, parecia que alguém estava tentando cultivar trigo mais uma vez; isso acontecia de dez em dez anos, segundo seu pai, quando novos colonos chegavam da Terra. Nunca funcionava muito bem, mas normalmente produziam caules grossos o bastante para alimentar algumas cabras. Ele havia comido muito pão de trigo na Terra e não achava que fosse nada de especial. Mas frango era outra coisa.

Várias pessoas pararam para cumprimentá-lo, perguntar sobre sua experiência na Terra e dizer como ele estava bem, e a caminhada para o complexo de Rekari demorou muito mais de dez minutos. Os chalés ficavam dispostos em meia-lua, com o lado aberto para Hiddekel, que os marcianos chamavam de Moreyah, e sua construção datava, segundo Rekari, de mil anos antes, o que não era tanto tempo assim pelos padrões marcianos. Eles foram feitos de uma pedra vermelha macia encontrada no local, os telhados eram de fibras de plantas trançadas cobertas com argila endurecida. Os marcianos cultivavam essas plantas por conta de suas sementes, que os humanos não consideravam comestíveis, e elas serviam de alimento não só para eles como também para pequenos lagartos que viviam em valas nas paredes do canal. Os lagartos eram a principal fonte de proteína dos marcianos e os humanos também não os consideravam comestíveis. Dave experimentara cozido de lagarto uma vez e só a boa educação fez com que não cuspsse seu primeiro e único bocado. Ele sempre encarou como positivo o fato de que o povo de Rekari sentisse praticamente a mesma coisa a respeito da comida humana; isso significava pouca competição para aqueles recursos. Embora seu pai tivesse insistido que, numa emergência, a comida marciana não o mataria. Por sorte, Dave nunca precisou testar essa afirmação.

Burmari, filho de Rekari, estava no centro do pátio diante dos chalés, trabalhando num barco novo e recém-finalizado a que só faltavam o

mastro e a vela. Quando viu Dave, fez o sinal marciano de boas-vindas e foi até ele para bater em seu ombro, numa saudação humana. Como todos os marcianos, Burmari era magro e musculoso, com pele avermelhada e olhos grandes e pálidos, além de ser quase meio metro mais alto que qualquer homem de Marte. Dave sorriu e estendeu a mão para retribuir o cumprimento. Eles se conheciam desde que Dave se entendia por gente.

– A escola fez bem para você – disse Burmari. – Parece saudável e forte.

Ele falou no idioma marciano local, mas Dave não teve problemas para compreendê-lo; desde a infância, era tão fluente nele quanto em inglês.

– Foi a gravidade extra – disse Dave. – Mas estou feliz por estar de volta à nossa cidade. Onde está seu pai?

Antes que Burmari pudesse responder, Rekari saiu de um chalé que ficava na ponta do arco, fez o sinal de saudação e estendeu os braços para um abraço em estilo humano.

Depois disso, o resto da família de Rekari se reuniu, vindo de cada ponto do arco: esposa, irmão mais novo, cunhada, dois sobrinhos. Uma mesa e bancos foram trazidos para fora, além de xícaras de uma bebida de ervas de que tanto humanos quanto marcianos gostavam, com sabor de menta e levemente alcoólica. Dave podia ver a curiosidade nos rostos que o cercavam, mas só um dos sobrinhos, que havia sido pouco mais que um incômodo da altura do joelho de Dave quando ele partiu, foi mal-educado o bastante para perguntar sobre a Terra. Acomodando-se com uma xícara, Dave falou sobre as cidades, as multidões, a escola e seus professores, tentando dar uma visão geral da experiência, e eles pareceram dispostos a ouvi-lo pelo tempo que ele estivesse disposto. Mas Rekari finalizou a conversa, dizendo que Dave estava muito cansado para continuar. Marcianos adultos geralmente eram bons em ler humanos, muito melhores do que terráqueos, mas, na verdade, Dave se sentia menos cansado que antes da refeição. No entanto, ele sabia que, se alguém tinha respostas para suas perguntas, era o sócio marciano do pai.

– Acho que deveríamos conversar no escritório – disse Rekari, levantando a mão em um gesto que significava que esperasse um momento.

Ele se abaixou para entrar em um dos chalés e voltou com um lampião verde. Não restara muita coisa da antiga civilização marciana,

mas o líquen amante do sol que os antigos haviam descoberto (ou criado) ainda existia e podia fornecer um pouco de luz por algumas horas todos os dias se você soubesse a forma exata de tratá-lo. Rekari tentara ensinar o truque a Dave, mas ele sempre acabava alimentando demais o líquen, o que abafava a luz.

– Eu tenho uma lanterna – disse Dave, batendo num dos bolsos de sua jaqueta.

– Sei disso – respondeu Rekari, mas levou o lampião assim mesmo.

No escritório, Rekari fechou a porta da frente e colocou o lampião em cima da mesa comprida que servia de escrivaninha e superfície de exibição para mapas. Tirou a poeira de sua cadeira e se sentou. Dave pegou a cadeira que costumava ser do pai e ficou esperando. Sabia que Rekari acabaria dizendo o que ele queria saber e não havia por que tentar apressá-lo. Marcianos sempre faziam as coisas no seu tempo.

Rekari dobrou seus longos dedos sobre o joelho.

– Você achou a escola da Terra útil? – perguntou.

Dave passara seus anos de faculdade na Universidade de Syrtis, onde seus professores eram todos ex-alunos de seu pai, e ficaria satisfeito com a possibilidade de fazer seu doutorado ali mesmo. Mas o pai insistira que a experiência na Terra faria dele um arqueólogo melhor, muito embora na Terra ele fosse trabalhar em escavações que já haviam sido completamente exploradas por diversas gerações. No fim das contas, percebeu que o pai tinha razão. A extensão de conhecimento dessas pessoas da Terra era impressionante e elas estavam mais do que dispostas a atuar como mentoras do filho do Dr. Benjamin Miller.

– Achei – respondeu Dave. – Extremamente útil.

As mãos de Rekari se moveram no sinal marciano de aprovação.

– Seu pai ficou satisfeito por você ter ido. Um dos velhos amigos dele lá escreveu para dizer que você estava indo bem.

Dave esperou.

Rekari parecia estar estudando Dave. Por fim, falou:

– Seu pai estava doente.

Dave sentiu um frio subir pela espinha. Então era má notícia.

– Como assim?

– O coração dele não estava funcionando bem.

– Ele parecia saudável quando viajei.

Rekari fez o sinal marciano de negativa.

– Ele tomava alguns comprimidos para ajudar, mesmo antes de você partir.

Dave franziu a testa para ele.

– Você devia ter me contado.

– O médico disse que não havia nada a ser feito além da medicação.

Um procedimento na Terra poderia ter ajudado, mas ele não tinha certeza de que poderia sobreviver à jornada. Seu pai não queria desperdiçar uma passagem.

– Eu teria dado a passagem para ele de bom grado.

– Ele sabia disso.

Dave deu um suspiro profundo. O pai sempre fora tão teimoso.

– Você realmente devia ter me contado.

Rekari falou baixinho:

– Pode ser, mas ele não queria.

Dave entendia, mas aquilo era tão frustrantemente marciano. Eles tinham um respeito imenso por seus anciãos, e isso se transferia para os humanos que conheciam bem. Se você fosse marciano, não conseguia desrespeitar um idoso. Por isso que Rekari fora a tantas expedições mesmo quando não acreditava que fossem resultar em algo.

Rekari havia sido sócio de seu pai desde antes de Dave nascer, ajudando-o a guiar turistas ricos da Terra pelas ruínas marcianas mais bem preservadas, oferecendo histórias tradicionais, ainda que nem sempre precisas (como ele mesmo admitia em conversas particulares) e traduzindo inscrições antigas com licença poética. Nos longos períodos entre as visitas dos turistas, os dois procuravam por mais ruínas, bem como por qualquer mineral interessante que a paisagem marciana há muito depauperada tivesse a oferecer. A civilização antiga usara a maioria dos recursos facilmente acessíveis, deixando uma fina camada de ferrugem sobre a superfície. Entretanto, um dia seu pai encontrara um estreito veio de opala numa encosta exposta pelo derretimento da calota polar norte. Agora havia anéis e pingentes daquela opala entre os residentes mais ricos de Syrtis City, embora o ouro para as armações tivesse sido trazido da Terra, na bagagem do único joalheiro da cidade. O dinheiro da opala ajudou a financiar diversas expedições a sítios que pareciam ter um potencial arqueológico excepcional. Mesmo assim, nada significativo viera de qualquer um deles. As velhas cidade marcianas estavam perdidas há muito tempo, mas seu pai nunca desistira.

– Encontrei o bloco de notas dele – disse Dave. – Ele dizia que tinha algumas coordenadas promissoras.

O marciano ergueu uma das mãos, sua versão de um dar de ombros.

– Seu pai ouviu uma história. Você sabe, ele estava sempre ouvindo histórias.

Dave assentiu.

– Ele achou que tinha umas coordenadas. Então pegamos o barco e fomos, passamos semanas procurando na borda da calota polar norte. Para mim, não havia nada, mas em uma área seu pai viu... talvez... alguns vestígios do que um dia podia ter sido algo. Havíamos levado o escavador junto, é claro, e ele o utilizou para arrancar a camada superior de solo, como sempre. Então ficou de quatro com uma espátula e começou a raspar algumas marcas que disse que pareciam ser os restos de alicerces de madeira. Ele já havia feito a mesma coisa tantas vezes antes que não achei que iria lhe fazer mal. Ajoelhei-me ao lado dele e tentei ajudar, mas ele me empurrou. Disse que era um trabalho delicado, para deixar aquilo para o especialista. Eu já havia usado minha espátula antes, muitas vezes, mas seu pai realmente tinha a mão mais firme.

Dave não tinha certeza de que isso fosse verdade, mas não falou nada. Anciões, e os dois o eram, não deviam ser contrariados.

– Pude ver que ele estava sentindo muita dor – continuou Rekari. – Suas mãos tremiam tanto que ele não conseguiu abrir o vidro com os remédios. Eu o tirei da mão dele, abri e lhe dei um comprimido, mas não ajudou. O médico disse que ele poderia tomar uma segunda se fosse preciso, mas isso também... – Ele fez um sinal que Dave nunca tinha visto antes e seus ombros magros caíram como se estivesse imensamente cansado. – Eu o enterrei no norte e voltei para cá. Quando alguém perguntava, eu dizia que tínhamos decidido que um de nós precisava voltar aos negócios e ele preferiu ficar no campo.

Rekari voltou a fazer um novo sinal, uma ênfase por repetição que os marcianos quase nunca usavam. Quando Dave fez um gesto perguntando o que era aquilo, ele respondeu:

– É tristeza, David. Não é um sinal para jovens usarem.

Dave respirou fundo e o fez mesmo assim.

– Eu gostaria de visitar o túmulo dele.

– Ele não gostaria – respondeu Rekari.

– Não interessa. Eu quero.

Rekari enfiou a mão no bolso da jaqueta e retirou um bolo de tecido do tamanho de seu punho.

– Isto é o que ele queria, David. Dar isto a você.

Rekari desenrolou o tecido e expôs uma pedra pálida em formato de lágrima, bem polida, furada numa das pontas e presa a uma corrente de prata. Sua superfície brilhava um pouco, como o fantasma de uma opala, e Dave percebeu de imediato o que era. Em marciano ela se chamava “pedra do sol” e era tradicionalmente usada pelos chefes de família marcianos e passada de pai para filho, geração após geração. Rekari, que era chefe de sua família desde a morte do seu pai nove anos antes, usava uma, em geral enfiada dentro da camisa. Os humanos em Marte não consideravam pedras do sol muito atraentes, embora Dave sempre tivesse achado a de Rekari bonita.

Ele não sabia que o pai possuía uma.

Rekari estendeu a pedra para Dave, a corrente pendendo de seus dedos compridos.

Dave a aceitou e a levou para perto do lampião.

– De onde veio isto?

– Muitos anos atrás – disse Rekari –, antes de você nascer, antes de eu me tornar sócio do seu pai, uma criança se perdeu em uma cidade marciana cerca de 40 quilômetros ao sul. Seu pai já explorara bastante a área, procurando ruínas, e como conhecia o local, se ofereceu para ajudar na busca. Na verdade, ele foi o único homem da Terra que fez isso. E ele encontrou a criança. Mas era inverno e ele chegou tarde demais. Ela havia morrido de frio. Mesmo assim, os parentes ficaram gratos e o avô, que era o chefe da família, nunca se esqueceu. Por amor àquela criança, que fora a única esperança de um futuro para eles, ele ajudou seu pai ao longo dos anos, traduzindo inscrições, contando histórias passadas de tempos antigos, até desenhando mapas de lugares que existiram um dia mas agora não mais. Alguns meses atrás, nos últimos dias de sua vida, quando sua família estava chegando ao fim, ele chamou seu pai à cabeceira de seu leito e, por amor àquela criança, lhe deu essa pedra do sol para que a família pudesse ser levada adiante, mesmo que por um homem da Terra. E foi ele quem contou ao seu pai sobre o lugar que podia ter sido uma cidade nos tempos antigos, porque sabia quanto ele queria encontrar uma cidade dessas. Mais uma história, de muitas que seu pai ouviu em seus anos em Marte.

Rekari suspirou e continuou:

– Nós fomos. Como poderíamos não ir? Nós sempre íamos. Entretanto, dessa vez, tudo que encontramos foi a morte de seu pai. E agora você é o chefe de sua família.

Dave deixou a pedra descansar na palma da mão, pensando em como seu pai devia tê-la usado, pensando sobre o velho marciano que ele nunca conheceu, sobre aquela criança perdida. Ele mesmo se sentia um pouco assim. Ben Miller e Filhos. Desejou ter apertado a mão do pai uma última vez, abraçá-lo para se despedir. Não se sentia chefe de nada.

– Bem, tem a Bev.

– Ela se juntou a outra família – retorquiu Rekari. – E seu pai não queria que ela ficasse com a pedra. Eu sei que você entende isso.

Dave fez o sinal de concordância. Colocou a corrente em volta do pescoço e – porque parecia tão estranho ser humano e usar uma pedra do sol, e porque Rekari a usava dessa maneira – enfiou-a por dentro da camisa, onde ninguém a veria.

– O túmulo dele está perto do sítio, não é? Quero visitar os dois – disse Dave.

Fria no começo, a pedra esquentou rapidamente em contato com seu peito. Ele se sentiu consolado por ela, de alguma forma estranha, como se uma minúscula parte do pai estivesse com ele.

Rekari fez o sinal de tristeza mais uma vez. Então murmurou:

– Quando o novo barco estiver terminado, eu levo você até lá. É uma longa jornada.

Dave pensou no barco, novo e de aspecto elegante, um belo veículo de lazer, mas que não servia para os impacientes, e percebeu que estava muito ansioso. Calculou quantos créditos da Terra haviam lhe sobrado.

Mais do que o suficiente.

– Eu compro um motor para o barco – disse por fim. – A viagem vai ser mais curta do que se usássemos a vela.

Rekari olhou surpreso para ele.

– Você voltou rico para casa?

– Havia dinheiro para se ganhar na Terra e gastei menos do que me pagaram. Tenho o bastante para usar em coisas importantes.

Rekari se levantou.

– Então a decisão está tomada. Iremos para o norte, você e eu. Compre o motor e vou preparar o barco para recebê-lo.

Rekari foi até a porta, onde se virou por apenas um momento para fazer o sinal de adeus temporário antes de sair para a luz do meio-dia.

Dave desabou na poltrona do pai. Ele se sentia exaurido pela conversa e atropelado pelos acontecimentos do dia. Tirou a pedra do sol de dentro da camisa e fechou a mão em torno dela.

– Você devia ter me contado, pai – sussurrou, e fechou os olhos com força para conter as lágrimas que não havia deixado Rekari ver.

Seguir sem o pai era uma coisa inimaginável. Eles seriam uma equipe. Por dois anos marcianos pensara em como mudar aquela placa. “Ben Miller e Filho, Arqueologia. Faça uma excursão pelas ruínas antigas.” A pura verdade. Ele próprio planejava pintar a nova placa. Ben e Dave Miller encontrariam uma daquelas antigas cidades perdidas e revolucionariam a visão humana sobre a antiga civilização marciana. Ah, ele tinha tantos planos, com seu doutorado recente. Sacudiu a pedra do sol, como se assim pudesse sacudir o pai.

– Por que você não me contou?

E então a verdadeira pergunta:

– Por que você tinha que morrer?

Quando as lágrimas finalmente pararam, enxugou os olhos na manga da camisa. Arrastou-se para fora da poltrona, saiu do escritório e fechou a porta da frente. Rekari deixara o lampião e, de algum modo, o brilho esverdeado era reconfortante, o lembrava de sua infância e das noites passadas na casa de Rekari. Mas ele não precisava daquela luz para encontrar o caminho. Deixou o lampião intocado e cambaleou até o próprio quarto. Acomodou-se na cama, virou o travesseiro fino e deitou a cabeça nele.

Dave acordou com o som de alguém tocando a campainha do escritório, que era operada à mão, girando uma maçaneta; ele não confiava na eletricidade, já que não tinham gerador. Piscou várias vezes para afastar o sono e se sentou. As janelas estavam ainda mais escuras do que antes, a noite caíra. Arrastou-se para fora da cama e cambaleou até o escritório. O lampião desvanecera quase até não restar nenhuma luz. Tirando a lanterna do bolso, foi até a porta e a abriu.

Era Jacky, com a própria lanterna a tiracolo. Atrás dela, algumas luzes suaves nos edifícios do outro lado da rua eram a única outra iluminação.

– Ainda interessado no frango? – perguntou ela.

Ele piscou mais algumas vezes e percebeu que estava com muita fome. Fez que sim.

– Então venha – continuou ela. – Também tem feijão e tomate.

Parecia ótimo.

– Já estou indo.

Outras três pessoas estavam reunidas para a refeição. Dave conhecia todas: gente das antigas, amigos de seu pai. Não sabia se devia dar a notícia a eles. Decidiu que ainda não podia encarar essa conversa, então começou a bater papo e até falou um pouco sobre a Terra; depois pediu licença e pagou sua conta.

– Vai sair para ajudar seu pai, não é? – perguntou Jacky ao pegar seus créditos.

– Onde você ouviu isso?

– O garoto de Rekari instalou o mastro hoje. Isso significa que alguém vai viajar. Só juntei os pontos.

– Bom, talvez eu saia um pouco – disse Dave. – Só para ver como as coisas mudaram nesses dois anos.

Jacky deu uma gargalhada.

– Nada muda aqui.

Dave apontou sobre seu ombro na direção geral do canal.

– Tem o trigo.

– É como o ciclo das estações. Esquenta um pouquinho, a água sobe, esfria um pouquinho, a água recua. Não vai haver trigo nenhum.

Dave deu de ombros.

– Trigo significa novos colonos, novas casas. Vou conseguir ver coisas novas.

– Também vai conseguir caçar cidades perdidas.

Ela piscou para ele e se virou para outro cliente.

Dave ainda se sentia cansado mesmo depois de comer, então decidiu voltar para a cama. Quando finalmente acordou, logo antes do amanhecer, estava melhor. Não era possível usar o chuveiro por conta da falta de energia, mas havia um balde no barracão do lado. Conseguiu pegar água do canal, dissolver um tablete desinfetante e tomar um banho de esponja. Colocou roupas mais ou menos limpas que estavam dentro da mochila e enfiou a pedra do sol sob a camisa. Àquela altura, o restaurante da Jacky já estava aberto para o café e seu pão árabe com manteiga de amendoim

tinha um gosto muito bom. Dave saiu se sentindo pronto para qualquer coisa.

Cerca de 100 metros rua abaixo ficava a Mike's Power Shop. Mike tinha alguns motores em estoque, adaptáveis para barcos de pessoas que achavam as velas muito lentas. Sempre havia gente assim, especialmente recém-chegados. Os novatos costumavam ter dinheiro, é claro, mas aqueles que estavam em Marte há algum tempo tinham a tendência de pedir ajuda aos parentes ou de oferecer algo em troca. Mike ficou mais do que feliz em vender seu melhor motor e ainda dar uma carga completa nele em troca de créditos terrestres. Emprestou um carrinho a Dave para que ele o levasse até o bairro marciano.

Burmari esperava por ele. O barco já estava na rampa que levava até o canal, com a vela montada mas ainda bem enrolada e os suportes para motor instalados.

– Ele vai aguentar um motor – disse Burmari –, mas o movimento não será tão bonito assim.

Marcianos não ligavam para motores; quando o primeiro terráqueo chegou, eles não usavam esse tipo de energia, embora a maioria dos arqueólogos acreditasse que seus ancestrais já tinham desenvolvido e utilizado o mecanismo. Como teriam conseguido uma civilização tão elevada sem esse tipo de energia? Mas Dave sempre se lembrava de que as antigas civilizações da Terra haviam usado o poder da mão de obra humana e animal e nada mais. E as pirâmides ainda estavam lá, ele as tinha visto com os próprios olhos.

– Não vai ser tão bonito – concordou, enfiando o motor nos suportes e fechando as linguetas. A hélice repousava logo abaixo da superfície da água. – Mas às vezes vale a pena trocar a beleza pela velocidade.

A expressão educada de Burmari não demonstrou quão pouco um marciano acreditava nisso.

Rekari saiu da casa do lado oposto.

– Dormiu bem, David?

– Muito bem.

– E quando quer começar a jornada? Como vê, o barco está pronto.

– Precisamos de suprimentos.

– Faço isso em uma manhã – disse Rekari. – É um prazo razoável para você?

– Posso tentar.

– Se for o caso, podemos partir depois da refeição do meio-dia.

Dave não levou muito tempo para pegar os suprimentos em uma loja local. Grande parte era composta por manteiga de amendoim, pão árabe de cevada e feijões secos que podiam ser reconstituídos com água de canal fervida. Ele enfiou tudo embaixo da amurada de um bordo do barco, enquanto Rekari colocou os próprios suprimentos do outro lado. Checaram o mapeador do motor e ele pareceu correto, mostrando o destino deles numa projeção padrão do planeta em estilo de grade. O escavador de seu pai, um trator peso-leve em miniatura – cujos primos maiores Dave tinha usado na Terra e que Rekari guardara para ele –, coube certinho na popa, ao lado da sacola de ferramentas pessoais de Dave. A esposa de Rekari e Jacky colaboraram no almoço de despedida: lagarto grelhado, queijo de cabra e batatas, um pouco de cada coisa para cada um. Pouco antes do meio-dia, Dave e Rekari saíram do cais ao som do giro suave da hélice. Rekari estimou a viagem em duas semanas.

Durante os primeiros dias, seguiram Hiddekel para o norte através de uma área que Dave visitara com o pai, onde havia povoados humanos e marcianos, ruínas que turistas da Terra pagavam bem para ver e outras que eram pouco visíveis para o olhar destreinado. Mas acabaram passando para um tributário que seguia para leste e entraram em território desconhecido de Dave. Durante o dia, ele e Rekari se alternavam ao leme. À noite, lançavam âncora, esquentavam as refeições numa unidade que se conectava ao motor e dormiam no barco, em almofadas infláveis. Dave pensou, não pela primeira vez, em como as estrelas eram muito mais bonitas sem aquele grande satélite brilhante da Terra para estragar tudo; as luas marcianas eram bem mais modestas: Fobos, uma fração do tamanho e do brilho da lua da Terra, e Deimos, só mais um pontinho na grande escuridão.

Já na segunda noite, depois da refeição, com o lampião de Rekari brilhando na proa do barco, o marciano falou de suas viagens com o pai de Dave, sobre suas descobertas nas áreas de Syrtis, Sabaeus e Tharsis. Eles não estavam familiarizados com o extremo norte. Nenhuma ruína fora encontrada lá. Rekari disse que era gelo demais durante o inverno e muitas enchentes durante o degelo; os antigos marcianos provavelmente escolheriam não estabelecer um grande centro populacional em uma área tão volátil.

– Claro que seu pai não acreditava nisso. Ele tinha uma ideia exagerada dos antigos. Como a maioria de vocês. Eles não eram muito diferentes de nós. Adoravam seus barcos também. Dizem as velhas histórias que tinham grandes frotas, com velas estampadas com padrões imitando as folhas da alária. – Rekari se recostou no mastro, o fundo da vela enrolada roçando seu ombro. – Não restaram muitas também. Assim como tantas outras coisas. Eram mares rasos naqueles tempos e havia barcos navegando neles nas tardes de verão, até onde o olho podia ver. Era muito bonito.

– Eu queria ter visto isso – disse Dave.

Rekari fitou a escuridão.

– Sim, deve ter sido uma bela visão. – Ficou em silêncio por um momento e então continuou: – Havia mais pessoas naquela época do que agora. Não temos muitas crianças hoje. Sou mais afortunado do que a maioria nesse ponto.

Rekari relanceou o olhar para Dave.

No sexto dia, logo depois de passarem para um canal que seguia para leste e os ligaria com outro que continuava para o norte seguindo as coordenadas, Dave reparou que estavam sendo seguidos. Não pensou nisso quando notou o barco pela primeira vez, o mastro e a vela desenrolada pouco visíveis contra o céu. Supôs que fosse um comerciante marciano, mas, quando pôde vê-lo melhor, percebeu que tinha que ser motorizado, o que era incomum para um barco marciano. Talvez fosse algum veículo de lazer de um homem de Marte. Ou poderiam ser dois ou três barcos diferentes que ele estava vendo como uma coisa só. Ao virar para o novo canal, entretanto, percebeu que realmente estavam sendo seguidos.

Quando acordou ao amanhecer do oitavo dia, o perseguidor estava apenas a 12 metros. Em algum lugar durante a noite, sua tripulação tirara a vela para ganhar mais velocidade. Agora o tecido estava enrolado e amarrado ao longo de uma das amuradas, o mastro estranhamente nu no centro do barco. Na proa, três marcianos que Dave não conhecia estavam baixando âncora e ele esperou até que tivessem terminado para fazer um sinal de saudação. Eles retribuíram o cumprimento, mas havia algo de hesitante em seus gestos, como se não estivessem à vontade usando seus sinais com homens de Marte. Quando passaram a olhar para a sua esquerda, Dave percebeu que Rekari havia se levantado e estava ao lado dele.

Dave murmurou:

– Você conhece esses homens?

– É possível – respondeu Rekari.

Dave gritou para os homens no idioma marciano:

– Podemos ajudar vocês de alguma forma?

Eles pareceram assustados e Dave imaginou que não tinham muito contato com homens de Marte que falavam sua língua. Um deles fez o gesto imperativo – um sinal marciano que normalmente os pais usavam com crianças muito novas e era um pouco descortês para um adulto – e falou em inglês:

– Você usa uma pedra do sol que não lhe pertence.

Dave pôs a mão sobre a pedra do sol que estava oculta sob sua camisa.

– Ela era do meu pai. Ele a deixou para mim.

– Ela era do nosso primo – disse o marciano. – Nós somos os parentes mais próximos e ela deve ficar conosco.

Rekari deu um passo à frente.

– Venori continuou sua família através do pai deste que está ao meu lado. Fui testemunha.

Os homens no barco fizeram o sinal negativo.

– Não é adequado que um homem da Terra use a pedra – disse o mesmo marciano, e os outros fizeram vários gestos de concordância.

– Seus anciões julgaram isso adequado – respondeu Rekari.

Os estranhos juntaram as cabeças e sussurraram entre eles. Pareciam discutir com fervor, mas bem baixinho. Por fim, um deles levantou a âncora, mas, ao invés de se virarem e partirem para o sul, os três puxaram pequenos remos e se aproximaram do barco de Rekari, chegando tão perto que o porta-voz deles conseguiu saltar o espaço entre os dois veículos.

– Ela é nossa – disse ele.

Dave só teve tempo de dar um passo para trás quando a mão de longos dedos do marciano disparou em direção ao colarinho da camisa dele, agarrando a corrente que prendia a pedra do sol.

Ele sentiu a corrente morder seu pescoço e agarrou o pulso do marciano para evitar que o outro puxasse com mais força.

– *Letann!* – berrou.

O marciano ficou imóvel por um momento, então seus dedos se abriram e a corrente caiu. Arrancando seu pulso dos dedos de Dave,

tropeçou para trás e sua perna direita bateu na amurada, desequilibrando-o. Antes que ele conseguisse evitar, caiu do barco direto no canal.

“*Letann*”? Assim que pronunciou a palavra, Dave percebeu que era antiga, uma ordem que significava ao mesmo tempo “Não”, “Pare” e “Como ousa?”; era o mais profundo nível de indignação possível. Onde ele aprendera essa palavra? Na infância? Não conseguia se lembrar. Sabia que nunca a usara antes.

Os companheiros do marciano que caíra na água o ajudaram a voltar ao barco e os três tiveram outra conversa sussurrada, acompanhada por alguns olhares na direção de Dave. Por fim, sem nenhuma palavra ou gesto, levantaram âncora e partiram para o sul.

Dave esfregou o pescoço no ponto onde a corrente havia raspado a pele e ficou vendo o outro barco se afastar. Quando ele já estava a uma boa distância, perguntou:

– Eles realmente têm direito a ela?

Rekari fez o sinal de negativo.

– A família deles e a de Venori estão separadas há mais de quarenta gerações. Eles têm a própria pedra. Com o tempo, pode ser que um deles a herde.

– Mas se eles são os parentes mais próximos...

– Você é o parente mais próximo dele, Dave. Disso eu tenho certeza.

Dave assinalou a concordância de uma criança para com seu ancião, mas Rekari fez um gesto negativo, ainda que suave.

– Você não é criança, Dave. Não com uma pedra do sol no pescoço. – A mão de Rekari pairou sobre a parte da camisa de Dave que a cobria. – Esta é uma responsabilidade. Seu pai sabia disso quando me disse para dá-la a você.

– Eu sei – respondeu Dave.

Ele não herdara muita coisa do pai além disso: apenas uma casa velha, alguns móveis e algumas cópias dos artigos que o pai escrevera sobre antiguidades marcianas. E a reputação dele, claro, por mais que fosse intangível. A pedra do sol representava tudo isso.

Dave ficou sentado ao leme e Rekari lhe entregou um pedaço de pão árabe e um pote de manteiga de amendoim. O marciano puxou a âncora e eles começaram a se movimentar novamente. O outro barco logo sumiu atrás deles.

Depois de algum tempo, Dave perguntou:

– Por que eles desistiram?

Rekari mastigava sua refeição de carne de lagarto seca.

– Porque eles sabiam – respondeu, e não falou mais.

No décimo quarto dia, Dave estava em pé na proa do barco.

– Estamos quase lá. – Olhou para o mapeador. – Menos de 1 quilômetro.

Durante os últimos dias, as margens do canal haviam ficado mais altas. Agora, a cada poucas centenas de metros, era possível ver degraus toscos cortados nelas, inconfundivelmente artificiais. Acima das margens, a silhueta de colinas baixas contra o céu do leste.

Rekari estava sentado perto do mastro. Não se esforçou para olhar adiante. Ao invés disso, olhou para trás, para o caminho por onde tinham vindo.

– Seu pai tinha razão. Um dia isto aqui foi uma cidade. Muito tempo atrás, quando havia menos gelo ao longo do ano. Era uma linda cidade, com graciosas torres em espiral, onde criaturas voadoras às vezes faziam seus ninhos, e teatros abertos para o céu onde atores com máscaras exóticas de madeira viva atuavam. Lindas máscaras. E as alárias ladeavam cada avenida, perfumavam o ar e jogavam suas pétalas brancas na água como se fossem barquinhos em miniatura. – Fez aquele sinal de tristeza mais uma vez. – Já se passou tanto tempo. Como eles aguentam?

– Como *quem* aguenta? – perguntou Dave.

Rekari levou a mão ao peito. Então deslizou os dedos pela abertura da camisa, tirou sua pedra do sol e a estendeu por um momento, fitando-a enquanto ela reluzia à luz da tarde. Então tornou a guardá-la.

– Os antigos – disse, estendendo uma das mãos, desligando o motor e virando o leme. – Acho que chegamos.

O barco bateu em um conjunto de degraus na margem do canal e, enquanto Rekari se preocupava com a âncora, Dave começou a subir. No alto, ficou surpreso ao ver um espaço amplo e aberto. Tão distante das áreas colonizadas de Marte e tão perto de um canal, aquele local deveria estar coberto de urtigas, mas era possível ver um semicírculo de cerca de 50 metros de diâmetro totalmente vazio e, para além desse local, logo depois de um grupo de pedregulhos enormes, urtigas muito crescidas, ocupando todo o espaço até as distantes colinas baixas. Seu pai sempre dissera que os grandes campos de urtigas significavam água subterrânea e marcavam os oásis nos vastos desertos de Marte, sendo bons lugares para

caçar cidades perdidas. Eles certamente o haviam ajudado a encontrar algumas das ruínas que agora estavam na rota turística. Ele mesmo deve ter limpado aquele local com o herbicida tradicional marciano. Isso significava que seu pai realmente acreditava que havia algo de significativo ali.

Rekari subiu os degraus para se juntar a ele.

– Eu enterrei seu pai ali – disse, apontando para o norte.

Os túmulos marcianos eram indicados por uma porção de pedras cravadas no solo. Eles usavam quaisquer rochas que estivessem por perto e, se não houvesse nenhuma, utilizavam alguma elevação do solo. Por isso seus túmulos tendiam a desaparecer com o tempo, as rochas espalhadas ou cobertas pela poeira, as elevações de terra desgastadas. Isso não parecia incomodá-los; eles não tinham o costume de visitar seus mortos. O túmulo do pai de Dave ainda estava visível, não muito longe do canal, as rochas bem alinhadas, embora um pouco de poeira já tivesse começado a se acumular sobre elas. Dave se ajoelhou e as limpou com as mãos. Desejou poder ter estado lá para ajudar a cavar o túmulo e ficar com Rekari no breve ritual marciano que marcava o fim da vida. Ele já testemunhara o ritual uma vez, com o pai. Agora só podia se ajoelhar ao lado do túmulo e lembrar da última vez em que viu o famoso Dr. Benjamin Miller, no espaçoporto de Meridiani, acenando e gritando adeus. Quase podia ouvir a voz dele chamando seu nome. E então, por um momento, pensou que estava mesmo ouvindo aquela voz e ergueu os olhos por reflexo. Claro que não havia ninguém ali a não ser Rekari. Balançou a cabeça, levantou-se e olhou por sobre o espaço livre de urtigas que se estendia a noroeste do túmulo. Uma cidade, Rekari dissera. Seria verdade ou apenas mito? Era difícil diferenciar quando se lidava com marcianos, uma civilização tão mais antiga do que qualquer outra da Terra.

Dave começou a caminhar, mapeando mentalmente o terreno estéril. Não levou muito tempo para encontrar a área onde seu pai revirara o solo e um espaço ainda menor onde concentrara seus esforços; as marcas de espátula eram inconfundíveis. O que será que ele vira ali? Dave não tinha certeza de que conseguia distinguir qualquer indício de estruturas antigas. Voltou ao barco para pegar um frasco grande que culminava em um borrifador, encheu-o de água do canal e o usou para começar a umedecer a área, uma técnica arqueológica padrão para destacar marcas que tivessem sumido devido ao calor do sol. Rekari o ajudou, fazendo uma dezena de

viagens para buscar mais água e até mesmo espalhando um pouco dela com as mãos, e os dois deixaram o terreno úmido o suficiente sem ficar lamacento. O céu começava a escurecer quando estenderam a vela sobre seus esforços, usando rochas como pesos para as bordas a fim de deixar a umidade trabalhar durante a noite. Então fizeram suas refeições e dormiram em terra pela primeira vez em duas semanas.

Na manhã seguinte, depois de um café rápido, Dave recolheu suas outras ferramentas: uma pá dobrável, uma escova de cerdas duras e uma espátula que trouxera da Terra e cabia numa bainha em seu cinto. Foi até a vela, respirou fundo e puxou o tecido. Conforme esperado, a umidade se espalhara sobre o tecido protetor e, depois de alguns minutos ali agachado, acreditou ver algumas variações na absorção: as leves sombras das fundações de madeira, havia muito apodrecidas, formando um espaço retangular que parecia uma entrada em um solo que só fora perturbado tempos antes. As diferenças eram sutis, mas alguma coisa dentro dele dizia que eram reais. A ideia de que a entrada fora feita de madeira de alária despontou em sua mente, embora ele supusesse isso porque Rekari mencionara alárias.

Dave sacou a espátula e raspou o solo úmido com sua borda afiada. A camada superior saiu com muita facilidade e ele decidiu usar o escavador. Rekari o ajudou a manobrá-lo para fora do barco e colocá-lo no lugar. Dave apertou o botão e a pequena máquina ganhou vida, rodando na superfície e jogando terra para os lados. O escavador passou e repassou sobre a área da presumível entrada e, a cada vez, cavou mais fundo, de 1 em 1 centímetro.

Cinquenta centímetros abaixo da superfície, a máquina expôs uma superfície de pedra polida. Dave saltou no poço raso e começou a trabalhar com a espátula e a escova para limpá-la e encontrar suas bordas.

Completamente exposta, a pedra lisa era retangular e seu lado mais comprido media um pouco menos de 2 metros, disposto no sentido norte-sul. A parte oeste se fundia com uma mais áspera que se estendia na direção do canal, mas a parte leste terminava de forma abrupta e, quando Dave cavou uma estreita vala ali, descobriu que tinha 15 centímetros de profundidade e seu corte era liso. Ele continuou cavando e achou outra borda depois de 40 centímetros. Parecia o início de uma escadaria. Tornou a ligar o escavador, colocou o controle de profundidade no máximo e passou o resto da tarde limpando três degraus. Pouco antes do pôr do sol

ele tinha um buraco retangular com quase 1 metro de profundidade e três degraus que levavam... para onde?

Rekari ficara sentado na beira do buraco durante a maior parte da escavação. Agora Dave subira e estava ao lado dele à luz do sol poente.

– Deve haver alguma coisa lá embaixo – disse Dave. – Ninguém constrói escadas para lugar nenhum.

Rekari fez um sinal de concordância.

– Se fosse na Terra, eu diria que pode ser um anfiteatro. Existe espaço para um arco bem largo antes de chegar até aqueles pedregulhos – disse Dave e fez um gesto na direção do buraco.

– Um pensamento interessante – disse Rekari.

– Talvez seja um polígono de degraus. – Dave olhou para a esquerda e para a direita, medindo a área com os olhos. – Seria uma grande escavação. Eu teria que pedir uma bolsa da Universidade de Syrtis e uma equipe de alunos da graduação para ajudar. Pode ser empolgante.

– São só três degraus – disse Rekari.

David fez um sinal de concordância.

– Vou precisar de mais evidências antes de poder escrever essa proposta de bolsa. – Ele balançou as pernas para fora do buraco e se levantou sorrindo para Rekari. – Bom, mais escavação amanhã. Está começando a parecer que papai tinha uma pista muito boa.

Rekari olhou para os degraus abaixo, mergulhados agora numa sombra profunda.

– Seu pai me ensinou muita coisa nos anos de nossa parceria. Ele se perguntaria se o terreno não era mais baixo milhares de anos atrás e se esses degraus não teriam sido usados para subir em algo que não existe mais.

Dave cruzou os braços e olhou para o buraco.

– Bom, é possível. E muito menos empolgante. Mas preciso descobrir. Acho que vou comer um pouco de manteiga de amendoim agora e ter uma boa noite de sono.

No dia seguinte, Dave encontrou mais degraus que levavam para baixo. E mais. De tempos em tempos, ele puxava o escavador de volta para a superfície e estendia a abertura, 2 metros de cada vez, de modo que a parede não desabasse ao ser cortada por baixo. No poço, o escavador logo não foi mais capaz de erguer a terra até a superfície, então ele e Rekari se alternaram usando a espátula para terminar de limpar o que a máquina

jogava para os degraus mais altos. No meio da tarde, o buraco tinha mais de 5 metros de extensão, e dez degraus levavam para baixo. Dois dias depois, 10 metros de extensão e vinte degraus.

Foi aí que eles atingiram a porta.

Era um painel elíptico, vertical, com cerca de 2 metros de altura e 1,5 metro de largura. Quando escovou o solo compactado e a examinou com sua lanterna, Dave viu que estava bem encaixada numa parede de pedra lisa, mas que o painel era de metal. Ficou impressionado com seu estado: a corrosão era mínima, como se a porta tivesse sido deixada ali cem e não milhares de anos antes.

– Olha isto – sussurrou Dave, como se Rekari, em pé atrás dele, precisasse que lhe apontassem o que estava à sua frente.

O marciano estendeu a mão e tocou a porta quase com reverência.

Não havia maçaneta nem uma abertura para uma chave ou ferramenta, nenhuma maneira óbvia de abri-la. Mas o degrau logo à frente dela era muito estreito para permitir que ela se abrisse; isso significava que era para o outro lado. Dave colocou ambas as mãos no lado direito do metal e tentou empurrar, aplicando uma força cada vez maior. A porta não se moveu. Tentou o outro lado, com os mesmos resultados.

– Não achei que fosse precisar de um pé de cabra – resmungou.

Segurou uma lanterna mais perto e observou atentamente o metal, analisando cada centímetro, mas tudo que conseguiu encontrar foram duas junções com a espessura de um fio de cabelo, uma no comprimento do eixo vertical, outra no horizontal, ambas estreitas demais até para o fio bem amolado de sua espátula.

Dave encostou a testa no metal frio. A maioria dos arqueólogos considerava cinzéis destrutivos demais, mas ele estava começando a desejar ter trazido um. Respirou fundo. *Paciência*, lembrou a si mesmo, *é a essência da arqueologia*. *Pai*, pensou, *sei que era isto que você estava procurando*. Inclinou todo o corpo contra a porta, do rosto até os joelhos, e utilizou todos os músculos que conseguiu. Podia sentir a pedra do sol sob sua camisa marcando o peito com a pressão.

O painel estremeceu.

Dave continuou empurrando.

Subitamente a porta se partiu ao longo das finas junções, cada um dos quatro pedaços se afastando para dentro da moldura de pedra, deixando a elipse aberta.

Mais além, iluminados por uma dezena de lampiões verdes sobre tripés, estavam dois homens marcianos. Eles encaravam Dave.

Ele os encarou também. *Mas que diabos...?*

Rekari segurara os braços de Dave para impedir que ele caísse pela abertura. Depois os soltou devagar e disse em marciano:

– Este é o filho de meu amigo.

Os dois homens não fizeram o sinal de saudação em resposta à apresentação. Ficaram apenas olhando.

Dave passou pelo limiar curvo e olhou ao redor. A sala tinha cerca de 5 metros quadrados e suas paredes, despidas de qualquer decoração, eram tão polidas quanto os degraus. Do outro lado da sala ficava outra escadaria que levava ainda mais para baixo e era iluminada por lampiões verdes pendurados nas paredes. Dave fez o sinal de saudação para os dois homens e, como eles não responderam, foi até a escadaria e começou a descer. Eles não tentaram detê-lo, mas ele podia ouvi-los vindo atrás e falando com Rekari em marciano.

– Ele não pode usar a pedra – disse um deles. – É um estrangeiro.

Dave imaginou que Rekari havia feito o sinal negativo, pois disse:

– Carreguei essa criança nos meus braços no dia em que nasceu. Ele não é um estrangeiro.

– Ele é da Terra – disse um dos homens.

– Ele foi para a Terra para estudar – disse Rekari. – Ele não ficou lá.

Dave não olhou para trás para ver os outros sinais que eles poderiam estar fazendo. Estava mais interessado em descobrir o que encontraria ao pé dos degraus. Só a porta já era um tesouro arqueológico; o que mais poderia estar oculto lá embaixo, onde a chuva, o vento e a poeira não chegavam? Ele conseguia sentir as coisas que o atraíam: curiosidade, fascinação, tristeza porque o pai não estava ali com ele. Especialmente tristeza. No entanto, sentia que estava realizando os objetivos dele descendo aquela escada.

Era uma longa descida, mas por fim os degraus se abriram num grande aposento que parecia ter sido uma caverna natural, com paredes marcadas pela água que um dia esteve ali. Lampiões verdes iluminavam o espaço, encaixados em tripés dispostos em arcos concêntricos por todo o espaço. No centro do aposento havia duas mesas grandes em forma de

semicírculos; a distância entre as duas era de um braço. Não havia cadeiras.

Os dois homens assumiram seus lugares, um de cada lado.

– Nós somos os guardiões – disseram em inglês. – Agora você nos dará a pedra do sol.

Dave olhou para Rekari.

– Você disse que ela era minha.

– Eles não podem tirá-la de você – respondeu Rekari, e parecia estar falando tanto para eles quanto para Dave. – Os antigos não permitirão. Já tivemos uma amostra disso quando encontramos os primos de Venori.

– Você deve deixá-la aqui – disse um dos homens.

Dave fez o sinal de negativo.

– Meu pai a deu para mim – disse Dave em marciano. – Eu não vou entregá-la.

– Você vai – retrucou o homem.

Fazendo um gesto para que Dave o acompanhasse, ele foi até as mesas e parou no espaço vazio entre elas. Depois traçou um símbolo numa das mesas com a mão esquerda e na outra com a direita e um painel de madeira escura subiu entre as duas, quase preenchendo o espaço.

Ele estava repleto de pedras do sol, fileiras e mais fileiras delas, penduradas em ganchos que pareciam dedos em miniatura.

– Você vai deixar a pedra do sol aqui – disse o marciano –, junto de todas as outras cujas famílias terminaram.

Dave encarou as pedras. Uma quantidade tão grande... Tantas famílias que se foram... Ele quase podia senti-las chamando-o através da poeira das eras. Sem pensar, passou pelo guardião e deu dois passos para perto do painel. Estendeu ambas as mãos e abriu bem os dedos, tão mais curtos que os marcianos, para cobrir o maior número de pedras que pôde.

Um súbito caleidoscópio de imagens saltou ao seu redor, borrando o painel com as pedras, as mesas e a caverna. Dave se viu cercado por estranhas árvores altas com folhas multicoloridas, por botes com velas tão vivazes quanto as folhas deslizando por um mar de vidro, por prédios que se espalhavam, as espirais dos topos como lâminas apontando para o céu claro, por multidões de homens, mulheres e crianças marcianos, caminhando, correndo, gesticulando, toda aquela miríade de imagens sobrepostas num turbilhão de cores e movimentos. Dia, noite, chuva, neve, sol. E o ruído era ensurdecedor, um milhão de vozes rindo, chorando,

gritando, uma cacofonia, trechos de música se destacando acima disso tudo, o canto dos pássaros e o ranger de dobradiças que precisavam de óleo. As pedras estavam falando com ele, através de sua pedra, e o inundando com Marte de um jeito único.

E então, em sua visão, alguém se aproximou dele, pegou seus ombros com mãos imateriais e conteve o fluxo estonteante. Todo movimento parou, todo som, recuou e, na frente de tudo, uma forma cinzenta apareceu.

Dr. Benjamin Miller.

– Olá, filho – disse ele.

Dave sentiu sua boca se abrir, mas nenhuma palavra saiu. Não sabia o que dizer ou fazer. Queria abraçar o pai, mas, quando estendeu as mãos para ele, não havia nada a tocar a não ser ar. Por fim, com voz rouca, falou:

– Pai!

Seu pai sorriu.

– É bom ver você, filho. Desculpe não ter conseguido ir para Meridiani encontrá-lo.

– Pai...

– Eu queria que nós tivéssemos ido para campo juntos mais uma vez. Mas a velha máquina aqui não resistiu. – Ele balançou e deu um suspiro. – Eu me lembro de deitar no chão e ouvir Rekari chamar meu nome, e então a dor simplesmente foi demais. Quando percebi, já estava aqui.

– Aqui na caverna? – perguntou Dave.

O Dr. Miller fez o sinal marciano de negação.

– Na pedra do sol que eu estava usando, a mesma que está com você agora.

Os dedos de Dave foram até a pedra.

– Dentro dela?

– Isso, com Venori e todos os seus anciões. As pedras do sol são muito mais do que símbolos, filho. Todo mundo que usa uma pedra carrega seus ancestrais dentro dela, cada um que já a usou, suas memórias, seu conhecimento, suas personalidades. Eu ainda não descobri tudo, mesmo com a ajuda de Venori. Acho que deve ser mais fácil para marcianos, já que eles esperam por isso. Ele e eu ajudaremos você.

Dave engoliu em seco.

– Então eu também morri?

Seu pai fez o sinal de negativo mais uma vez.

– Você acabou de ter a experiência completa pela primeira vez. Venori diz que ela foi acionada por conta de todas essas pedras que estão aí perto. Mas ela já estava crescendo dentro de você. Eu sei que você reparou.

Dave pensou em todos os sentimentos que teve, todas as intuições, todos os impulsos.

– Acho que sim.

– E, agora que você já viu este lugar, precisa decidir se quer usá-lo para criar sua reputação ou se quer alcançar outra coisa. É uma grande descoberta, filho. Do tipo que um arqueólogo passa uma vida inteira procurando.

Dave olhou além do pai e viu as multidões congeladas. Voltou a pensar sobre todas aquelas pedras do sol e as vidas que elas representavam: os pais, os filhos, a longa história que os arqueólogos apenas imaginavam. E perguntou:

– O que eles acham?

O Dr. Miller balançou a cabeça.

– Eles estão no passado, filho. Assim como eu. O futuro tem que tomar essa decisão. Mas, antes, você tem de sair daqui. E, para fazer isso, você precisa abrir os olhos.

– O quê?

– Abra os olhos. Agora.

A voz de seu pai desapareceu e sua forma ondulou, se tornou translúcida, e atrás dele todas as figuras congeladas começaram a se mover e a falar, cada vez mais rápido, até se fecharem sobre ele e Dave não conseguir separar-se do borrão de várias camadas. Ele se sentiu mais uma vez cercado por aquele movimento estonteante, apertou os olhos com as mãos e respirou fundo várias vezes tentando afastar aquilo tudo. Sentiu-se desabar, sentiu a dor dos quadris, dos joelhos e dos cotovelos batendo contra uma superfície dura, sentiu-se curvar em posição fetal, e depois o silêncio negro tomou conta dele.

Algun tempo depois, ele não saberia dizer quanto, com as mãos ainda sobre os olhos, ele os abriu. Quando tirou as mãos do rosto, não sentiu nenhuma diferença. Estava deitado em um piso de pedra fria na completa escuridão. Rolou até ficar de joelhos, fez uma careta de dor por conta dos machucados. Conseguiu ficar de pé.

– Rekari?

Não houve resposta. Na língua marciana, gritou:

– Tem alguém aí?

Mais uma vez, nada.

Bateu nos bolsos, encontrou a lanterna e a ligou. Eles não a haviam tomado. Claro, não poderiam. Ele usava uma pedra do sol; não ousariam tocar nele sem sua permissão. Entendia isso agora. Aquele primo distante de Venori reunira toda a sua coragem para tocar a corrente e não aguentara quando Dave berrou em marciano antigo. Passando a mão no peito, verificou que sua pedra do sol estava lá.

Usou a lanterna para iluminar ao redor. Ele ainda estava na caverna, embora o painel de pedras do sol tivesse deslizado de volta para baixo. Os lampiões verdes haviam sido todos cobertos; ele tirou as proteções de vários para ter alguma iluminação até a escadaria. Subiu correndo os degraus, expondo as luzes à medida que subia. No topo, a porta elíptica estava fechada e não se abria nem mesmo quando a tocava com a pedra do sol. Alguém a havia trancado.

Os guardiões, é claro. Não podiam levar sua pedra, mas podiam trancar o estrangeiro na caverna e deixá-lo morrer ali. Ficou imaginando o que haviam dito a Rekari para fazer com que ele cooperasse.

Voltou para a caverna lá embaixo.

Foi andando pelo aposento, tirando as proteções de todas as luzes. Depois subiu em uma das mesas e olhou ao redor. A porta elíptica fora enterrada. Parecia uma entrada antiga para aquela caverna, não mais utilizada. Mas os guardiões tinham que entrar e sair de algum modo, ainda que fosse só para acender os lampiões. Deu uma volta completa pela sala, mas ela parecia selada. Lambeu um dedo e levantou-o, buscando uma brisa, mas não conseguiu sentir nada.

Tudo bem, pensou, está na hora de deixar de ser imbecil.

Fechou a mão ao redor da pedra do sol e falou no seu mais formal e respeitoso marciano:

– Venori, meu ancião que escolheu meu pai para ser seu filho, diga ao filho dele como deixar este lugar.

Pensou ter ouvido um leve sussurro, como uma vassoura varrendo um chão de madeira. E então sua visão ficou escura novamente, a não ser por um pequeno ponto à direita, e ao se virar naquela direção, sentiu como se estivesse olhando para um longo e estreito túnel que terminava em um círculo baixo na parede da caverna. Desceu da mesa e caminhou na direção

do círculo, tropeçando uma vez porque não conseguiu ver o chão sob seus pés. Embora o ponto permanecesse brilhante como uma lua, ele se encolhia até não ser maior que a pedra do sol pendurada em seu pescoço. O ponto estava na parede, na altura do joelho de Dave, e quando ele se curvou para perto dele, não viu nada de especial. Tocou-o com um dedo e, como nada aconteceu, pressionou a pedra do sol nele.

Sua visão clareou quando a parede se abriu em uma elipse, seus quatro pedaços de pedra recuando para dentro das paredes assim como a peça no topo da escada fizera. Mais além havia uma escadaria, iluminada por mais lampiões verdes. Dave subiu. No alto havia outra parede de pedra. Sua visão mudou mais uma vez, por apenas um momento, para lhe mostrar onde pressionar a pedra do sol. Quando essa parede se abriu, a luz do fim da tarde invadiu a escadaria.

Dave saiu. Estava no aglomerado de pedregulhos no fim da área sem árvores. Dois pedaços de pedra haviam deslizado para permitir que ele passasse e depois se fecharam.

Do lado de fora, Rekari e os dois guardiões estavam sentados no alto de um dos pedregulhos. Rekari desceu para abraçar Dave.

– Eu sabia que você conseguiria fazer isso.

– Então era um teste – disse Dave.

Rekari fez o sinal de concordância duas vezes.

– E se eu tivesse fracassado?

Rekari estava a um braço de distância e olhava para o rosto de Dave.

– Se dois dias tivessem passado e você não tivesse encontrado o caminho, eu teria voltado e tirado você de lá. Mas eu sabia que você não fracassaria. Eu soube, quando você abriu a primeira porta, que os anciões o haviam aceitado.

Dave se virou para o lugar onde os pedregulhos se separaram para deixá-lo passar. Não havia como dizer que algo acontecera ali, mas ele sabia que conseguiria abrir a entrada de novo a qualquer momento.

– Meu pai disse que eu poderia ficar famoso se revelasse a caverna para o povo da Terra. Lá muitos lugares assim são visitados por acadêmicos e turistas. Cavernas em Altamira e Lascaux. Túmulos na Grécia. As pirâmides do Egito. Lugares sagrados. Eu visitei alguns deles quando estava estudando lá.

Os guardiões olharam um para o outro.

– E você fará isso? – perguntou um deles.

Dave colocou a mão na sua pedra do sol. Olhou para Rekari.

– As pessoas que criaram aqueles lugares na Terra já se foram há muito tempo. As pessoas que criaram este lugar em Marte ainda estão aqui. O que os anciões diriam se eu roubasse este lugar deles? – Dave fez o sinal de negativo. – Eles me ajudarão a encontrar às ruínas de cidades onde ninguém vive há vinte mil anos. Esse é o trabalho dos arqueólogos, e não ajudar a despojar o que não foi abandonado. Vou fazer minha reputação a partir de outros lugares.

Rekari segurou o braço de Dave.

– Seu pai ficará satisfeito. Eu sei disso.

Então pensou no pai; podia sentir a presença dele na pedra. Eles voltariam a sair em campo juntos afinal, mesmo que não do jeito que imaginaram. Dave daria a notícia da morte dele a Jacky, que se importaria, e a Beverly, que talvez percebesse que também se importava, porque era o que a pessoa fazia para honrar seus ancestrais. Ele sabia que nenhuma delas acreditaria que seu pai vivia na pedra. Pensou que nem tentaria contar isso a elas. Afinal, era uma coisa particular, entre ele e seus anciões.

– Você trabalhará comigo? – perguntou a Rekari.

– Isso me agradaria muito – respondeu o marciano.

Os dois caminharam de volta para o local que haviam escavado.

– Acho melhor enchermos isso – disse Dave. – Não precisamos mais dele.

Eles haviam deixado o escavador no terceiro degrau a partir do fundo. Então o arrastaram até a superfície e Dave se recostou nele por um momento, olhando para a escadaria.

– Você poderia ter mostrado cidades perdidas para ele, não? – perguntou Dave. – Você e seus ancestrais sabem onde estão. Por que não fez isso?

– Esse era o desejo dele. Não o meu.

– Mas, a longo prazo, não faz diferença. Vou fazer o que ele teria feito.

– Faz muita diferença porque, por mais que eu gostasse de seu pai e o respeitasse, ele não era um marciano. Você é.

– Sou?

Mas Dave não precisava que Rekari respondesse. Ele já sabia, assim como todos os anciões em sua pedra do sol.

– Talvez possamos pintar uma nova placa – disse Rekari. – Para o novo proprietário do negócio da família Miller.

Sim, pensou Dave. *Vamos fazer isso.*

Dave Miller, Arqueologia. Excursões para as antigas ruínas.

Lar.

RAINHA DO ROMANCE BARATO

JOE R. LANSDALE

(Em memória de Ardath Mayhar)

O prolífico escritor texano Joe R. Lansdale foi vencedor dos prêmios Edgar, British Fantasy, American Horror, American Mystery e International Crime Writer's, além de ter recebido nove prêmios Bram Stoker. Mais conhecido por histórias de terror e thrillers como *The Nightrunners*, *Bubba Ho-Tep*, *The Bottoms*, *The God of the Razor* e *The Drive-In*, ele também escreve a popular série de mistério dos personagens Hap Collins e Leonard Pine (*Savage Season*, *Mucho Mojo*, *The Two-Bear Mambo*, *Bad Chili*, *Rumble Tumble* e *Captains Outrageous*) e livros de faroeste (como *The Magic Wagon*), além de romances totalmente inclassificáveis (como *Zeppelins West*, *The Drive-In* e *The Drive-In 2: Not Just One of Them Sequels*). Também é autor de *Dead in the West*, *The Big Blow*, *Sunset and Sawdust*, *Acts of Love*, *Freezer Burn*, *Waltz of Shadows* e *Leather Maiden*.

Escreveu livros para séries como Batman e Tarzan, e seus muitos contos foram reunidos nas coletâneas *By Bizarre Hands*; *Sanctified and Chicken Fried*; *The Best of Joe R. Lansdale*; *The Shadows Kith and Kin*; *The Long Ones*; *Stories by Mama Lansdale's Youngest Boy*; *Bestsellers Guaranteed*; *On the Far Side of the Cadillac Desert with the Dead Folks*; *Electric Gumbo*; *Writer of the Purple Rage*; *Fist Full of Stories*; *Bumper Crop*; *The Good, the Bad, and the Indifferent*; *Selected Stories by Joe R. Lansdale*; *For a Few Stories More*; *Mad Dog Summer: And Other Stories*; *The King and Other Stories*; *Deadman's Road*; *High Cotton: The Collected Stories of Joe R. Lansdale* e um volume omnibus de *Flaming Zeppelins: The Adventures of Ned the Seal*.

Como editor, produziu as antologias *The Best of the West*, *Retro Pulp Tales*, *Son of Retro Pulp Tales* (com Keith Lansdale), *Razored Saddles* (com Pat LoBrutto), *Dark at Heart: All New Tales of Dark Suspense* (com sua esposa, Karen Lansdale), *The Horror Hall of Fame: The Stoker Winners* e uma antologia de tributo a Robert E. Howard chamada *Cross Plains Universe* (com Scott A. Cupp).

Uma antologia em sua homenagem foi publicada com o título *Lords of the Razor*. Seus livros mais recentes são *Bubba and the Cosmic Blood-Suckers* e *I Worked for a Duck*. Além do décimo segundo livro da série Hap and Leonard, *Rusty Puppy*.

Vive com a família em Nacogdoches, Texas.

Aqui ele conta a história cheia de suspense de uma jovem que parte numa missão de resgate. Muitas vidas estão em jogo e ela sabe que é uma situação muito perigosa, mas talvez não saiba muito bem quão pior ela se tornará.

Olhei para o corpo e estremeci. Observei o gelo azul logo à minha frente e mais além para as vastas regiões polares de Marte, que se estendiam planas, e muito mais além para uma cadeia de montanhas. Eu precisava ultrapassá-la. Sentia frio, angústia e tristeza, e por um longo momento quis desistir. Então disse para mim mesma: *Não é isso que papai teria desejado. Não é isso que ele gostaria que sua filha fizesse.*

Nós, os Kings, não somos de desistir. Isso fora posto a marteladas na minha cabeça desde que nasci. Olhei para o cadáver de papai, tudo que restara da minha família, embrulhado na manta prateada, deitado no trenó, e era como se pudesse ouvi-lo: “Angela, orelhas para trás, nariz para a frente e siga adiante. É assim que a gente faz. Igual uma mula velha. É assim que nós, os Kings, somos. Continuamos a seguir em frente quando todo mundo já desistiu.”

Isso fez com que me sentisse forte por um momento, mas voltei a pensar em como eu acabara ali, o que me fez titubear mais uma vez. Eu não conseguia entender que estava ali no gelo, quando apenas alguns momentos antes estivera bem alto no ar. Era como se tudo fosse uma espécie de sonho, alguma visitação astral. Ou como se a vida fosse de outra pessoa que parecesse comigo e tivesse um pai morto. A verdadeira Angela estava em outro lugar e a qualquer momento eu acordaria e estaria de volta na aeronave prateada, cruzando o gelo marciano bem lá no alto.

Mas isso não aconteceu.

Era realmente eu, Angela King, ali fora, no gelo, soltando baforadas brancas como nuvens, o corpo do meu pai num trenó à minha frente.

Inspirei fundo o ar gelado e decidi que precisava superar minha sensação de derrota. Eu era uma King. Não podia desistir. Alguma coisa podia abrir mão de mim, mas eu não. Não até estar tão morta quanto meu pai.

O que aconteceu foi o seguinte:

A doença assolou o Outro Lado, como chamávamos a cidade muito além das montanhas. A febre marciana é uma coisa terrível. Chega de repente, ardente, e queima a mente de uma pessoa, deixa-a toda vermelha, enche-a de lesões, tudo cheio de pus, rapidinho, faz a pessoa estremecer, gritar e ficar louca. Ninguém sabia como começava, mas acontecia de vez em quando, vinha do nada como chuva num céu claro e ensolarado. Alguns achavam que tinha relação com certos tipos de água marciana, neve derretida que fluía descendo das montanhas e entrava em correntes e riachos que depois acabavam entrando no suprimento de água. Marte era em grande parte um deserto quente e seco, mas lá em cima, ao redor das calotas polares, era rico em água fria e selvagem.

Embora a febre fosse brutal, havia uma cura, e era muito eficiente, ainda que não estivesse prontamente à disposição. Era isto o que meu pai e eu tentávamos fazer: torná-la acessível. Aquela era considerada uma viagem de rotina, embora qualquer viagem em Marte pudesse explodir e dar errado rapidinho. Era quando você achava que as coisas estavam indo bem e a terra estava domada que Marte lhe aplicava um golpe.

Nossa nave era veloz e leve. Levava nós dois e dois trenós, que não achávamos que iam ser necessários, um estoque emergencial de suprimentos e uma sacola de couro pequena e acolchoada cheia de vacinas. Isto era o necessário: uma sacolinha contendo alguns frascos. Coisa pouca que durava muito. Na verdade, papai disse que uma gota curava a febre e evitava que você a tivesse novamente. Então não levava muito tempo para curar toda uma cidade marciana, e em Marte uma cidade tinha cerca de duas a três mil pessoas. Papai disse que na Terra você chamaria esse tipo de aglomerado de aldeia, talvez até mesmo de comunidade. Eu não lembrava da Terra e ainda tinha que voltar para conhecer, mas a viagem era muito cara e eu não queria ir. Gostava do planeta vermelho, principalmente da área onde ele não era nem um pouco vermelho, mas azul e branco com bastante gelo.

De qualquer maneira, papai disse que uma gota de vacina serviria e ele sabia das coisas. Fora médico antes de morrer ali no gelo.

Papai não queria que eu viesse. Sempre dizia: “Em Marte todas as coisas que podem dar errado dão, e as que não podem também.”

Mas minha mãe tinha morrido e eu teria que ficar com pessoas que não conhecia bem. Bati o pé até conseguir ir para o planador e lá fomos

nós, impulsionados pela luz do sol, carregados por turbinas, disparando rápido pelo céu marciano de ar rarefeito. Quando começamos, ambas as luas estavam no alto e brilhavam como prata. Meu pai dizia que nunca conseguira se acostumar direito com duas luas. Eu não lembro bem da Terra, mas lembro que só tinha uma lua no céu. Isso pareceria muito estranho depois de viver em Marte, com uma lua rápida e uma lua lenta, ambas brilhando no céu e parecendo bem próximas, como se você pudesse subir numa escada e tocá-las.

Navegamos sob a luz do luar. O ar noturno entrava nas turbinas, alimentando e carregando o motor com a luz do sol e aquelas pelotas desconhecidas que papai colocava na bandeja deslizante que entrava e saía do painel de instrumentos.

Sentei-me na poltrona do copiloto, já sabia algumas coisas sobre navegação, e seguimos até o fim da noite; então a luz apareceu e o mundo lá embaixo passou de preto brilhante para um gelo azul e branco. Agora penso que se tivéssemos partido alguns segundos antes, ou poucos segundos depois, nada disso teria acontecido. Mas lá estávamos nós, com a luz do amanhecer no para-brisa. Logo o vidro ficou escuro e depois houve um barulho, um som parecido com uma máquina rasgando metal. Mas não era isso, não era nada na nave. Era o grito do morcego marciano. Essas coisas malditas são imensas e, ao contrário das espécies da Terra, que meu pai dizia que viajam à noite, eles voam de dia e de noite mas são cegos, seus olhos imensos brancos como a neve. São guiados por uma espécie de radar embutido que os ajuda a encontrar a presa. Acho que o morcego pensou que éramos um dos grandes pássaros azuis que voam sobre o gelo, pois partiu para cima de nós e soltou aquele grito horrível. O planador começou a rodopiar, mas continuou voando, pelo menos até a criatura nos morder e enfiar as garras em nós. Foi aí que a nave começou a se desintegrar.

O planador matou o morcego, por conta de uma batida em suas asas ou por parte do animal ter sido sugada para dentro de uma turbina. Seja lá o que aconteceu, ambos caímos. Eu me lembro de ter visto pela janela um pedaço das asas dele, um vislumbre quase subliminar daqueles olhos brancos e daquela boca cheia de dentes. A parte da frente da nave se dobrou para cima e começamos a descer. Se o morcego não tivesse nos agarrado, se o que sobrou das suas asas enormes não tivesse nos segurado

e planado, teríamos caído mais rápido que uma bigorna e sido esmagados contra as pedras com o impacto, como frutas maduras.

Mesmo assim, quando caímos fiquei inconsciente.

Ao acordar, descobri que estava deitada no gelo. Eu vestira meu traje de isolamento. Papai insistira para que eu o vestisse, mesmo na nave, e fiquei feliz por isso. Mas o capuz estava para trás e, quando me sentei no gelo, dura e dolorida, puxei-o sobre a cabeça e também levantei os óculos e a cobertura do queixo que ficava sobre meu peito, pendurada por uma faixa.

Tentei me levantar, mas era como se estivesse lutando com uma pessoa invisível. Eu não conseguia, pelo menos não no começo. Era como se tivesse perdido meu centro de equilíbrio. Finalmente consegui ficar de pé, e isso levou tanto tempo que pensei que talvez um ano marciano tivesse se passado. Quando me levantei, olhei ao redor procurando meu pai mas não consegui encontrá-lo. Sobre a colina, vi os urubus marcianos se reunindo, suas asas de pontas vermelhas captando os raios do sol. Tropecei num montinho de neve antes de ver a nave logo à frente. Ou o que restara dela. Estava tão enroscada com o morcego, os dois mais ou menos do mesmo tamanho, que parecia a cria de um grande animal de couro preto com um pássaro de prata, concebida em uma paixão cega.

Andando naquela direção, logo vi meu pai, deitado no gelo. Quando consegui chegar aonde estava, com dificuldades, vi a neve ao seu redor, vermelha e congelada como um drinque de morango. Fiquei de joelhos e tentei ajudá-lo. Ele estendeu a mão com a palma virada para mim.

– Não me toque. Dói demais.

– Ah, papai... – respondi.

– Não há nada a fazer. Nada mesmo. Estou perdendo muito sangue.

– Eu sei como dar pontos. Você me ensinou.

Ele balançou a cabeça.

– Não vai adiantar de nada. Estou ferido por dentro. Sinto que as coisas se mexeram aqui dentro. Essa posição não me fará melhorar, então me coloque sentado.

Vi uma almofada de assento e fui pegá-la. Levei-a de volta para meu pai, levantei-o com delicadeza e repousei sua cabeça nela. Ele disse:

– Quando o sol chegar ali no meio, não vou mais estar com você.

– Não diga isso – respondi.

– Não estou tentando assustá-la. Estou dizendo como são as coisas e logo vou dizer como têm que ser, antes de ficar muito fraco. Eu vou morrer, mas você precisa me deixar aqui, ver se o remédio sobreviveu e se consegue encontrá-lo, pegar um dos trenós, atravessar o gelo, passar as montanhas e caminhar até o Outro Lado.

– Mas são muitos quilômetros.

– São, sim, mas você consegue. Eu acredito. Aquelas pessoas precisam da cura.

– E você?

– Eu já disse o que vai acontecer. Eu te amo. Fiz o melhor que pude. Você também precisa fazer isso.

– Meu Deus!

– Ele não teve nada a ver com isso. Vivo ou morto, ele nunca aparece. Você precisa fazer isso sozinha. Você é uma King, isso vai te ajudar a seguir em frente. Pense nisso como uma aventura, como aqueles romances que eu costumava ler para você.

Ele estava falando dos livros de aventura. Eram histórias antigas, tipo *Ivanhoé*. Ele dizia que eram chamados romances, mas eram basicamente histórias de aventura. Naquele momento, eu não me sentia tão aventureira. Queria me deitar ao lado dele e morrer também. Quando estivesse morta, não me importaria com o que acontecesse depois. Congelados, ou comidos por predadores, ou por aqueles urubus com asas de ponta vermelha. Para mim não fazia diferença.

– Você tem de ver a si mesma como uma heroína – disse ele. – Tem de ver a si mesma como uma salvadora. Sei que isso parece arrogante, mas é assim que tem de se ver. Você precisa encontrar aquela sacola, colocar as vacinas num trenó, subir e partir. Pode ser que os suprimentos ainda estejam lá. Você vai precisar deles. O gelo marciano é cheio de coisas, então fique atenta. Você vai conseguir. Vá o mais rápido que puder. Mas cuidado com o gelo, com o que está sob ele, o que o sobrevoa e o que vive nele.

Concordei com a cabeça.

Papai sorriu.

– Não estou fazendo isso parecer fácil.

– Não – respondi. – Nem um pouco.

– Bom, não é fácil mesmo. Mas você é uma King. Você consegue.

Juro que naquele exato instante, assim que disse aquelas palavras, fechou os olhos e se foi, já não estava mais ali.

O mais inteligente a fazer seria abandoná-lo, mas não consegui. Para não ser comido por pássaros marcianos, e o que mais pudesse passar, amarrei-o no trenó. Havia dois. O outro fora esmagado e estava quase no formato de uma bola. O que usei para mim e meu pai tinha algumas dobras e buracos no metal, mas funcionava. Procurei os remédios e suprimentos. Foram fáceis de encontrar. Coloquei tudo no trenó.

Encontrei comida, água, iluminação, primeiros socorros, sinalizadores, cobertores, tubos disso e daquilo e até mesmo um par de sapatos de neve, bem amarrado num saquinho, mas que se abriam com o toque de um dedo e se conformariam a qualquer pé.

Então fui, peguei o corpo de meu pai e o arrastei até o trenó. Estava tão confusa que não tive o bom senso de levar o trenó até ele. Tirei um dos cinco cobertores do pacote de suprimentos e o embrulhei nele. Foi fácil prendê-lo nas laterais e sobre sua cabeça e seus pés. Consegui colocá-lo no trenó, perto da frente. Coloquei os suprimentos e os remédios ali.

Tomei meu lugar no assento, puxei a tampa clara sobre mim e fiquei ali sentada pensando por um momento. Olhando ali à minha frente, vendo a forma do corpo de papai no cobertor, comecei a chorar. Isso demorou um pouco. Não vou mentir para você. Foi um momento difícil, e ali, mais uma vez, pensei que talvez os Kings desistissem, *sim*; pelo menos eu poderia fazer isso.

Por fim, quando me recompus, apertei o botão e acelerei. O trenó deu um pulo para a frente e comecei a guiá-lo. Enquanto seguia, engoli uma das pílulas-bússola. No começo não senti nada, mas de repente percebi um súbito retorcer no meu cérebro, como um verme quente tentando encontrar um lugar para descansar. Agora eu sabia. Sabia como ir. As pílulas eram assim. Uma só já podia colocar você na direção certa. Eram feitas a partir de um verme marciano, por isso parecia que havia um na minha cabeça. Era uma sensação parecida com isso. Alguma coisa no DNA do verme permitia que ele viajasse de um ponto a outro de Marte; consumindo um, adquire-se a mesma habilidade. Você saberia o mesmo que *ele*, e tudo o que ele sabia era direção. Não se precisava esperar muito para a coisa acontecer. A sensação era quase instantânea.

O trenó zumbiu, o circuito embaixo dele partiu a neve e deslizou sobre o gelo. Ele também levitava um pouco. Se fosse preciso, a máquina flutuaria até 2 ou 3 metros, então eu podia andar sobre a água, e ele era hermético o bastante para atuar por um curto período como um minissubmarino. Com certeza era bem melhor que sapatos de neve.

Todo este mundo, todos os que existem, todas as estrelas e tudo que é o nosso universo estão conectados. Meu pai costumava me dizer isso. Eu, no entanto, me sentia pouco conectada, como uma partícula à qual nada podia ser ligado.

O trenó bateu em alguns montes de neve sobre o gelo, mas depois não houve desvios, apenas uma longa extensão de azul e branco como um lençol bem esticado, e ao longe no horizonte uma linha fina de montanhas que parecia recuar, não se aproximar.

Depois de algum tempo, parei, abri a tampa do trenó e saí. Lá dentro estava confortável porque havia um aquecedor e eu embrulhara minhas pernas num dos cobertores térmicos. Fora, o ar cortava como uma faca congelada. Achei um lugar, igual a todos os outros, para abaixar as calças e fazer xixi. Minha bunda ficou gelada. De qualquer maneira, fiz o necessário, e foi nesse momento que vi o animal chegando.

No começo, achei que fosse uma ilusão, uma miragem. Mas não, era real. Uma barbatana negra quebrara o gelo, e o fizera com tanta violência que ouvi o barulho da quebra, embora ainda estivesse a uns 300 metros daquela barbatana. Não tinha experiência suficiente para saber o que era, mas já lera sobre isso e fui capaz de reconhecê-lo.

Era um tubarão-do-gelo, grande como as baleias assassinas da Terra, mas mais fino, com uma barbatana negra e perigosos tentáculos que explodiam de sua cabeça como serpentinas. Ele era capaz de nadar perto da superfície ou bem no fundo e podia até mesmo se arrastar em terra por um longo período. Sua barbatana era mais dura do que qualquer metal conhecido e podia quebrar o gelo sem esforço. O tubarão-do-gelo tinha um tremendo olfato, um tipo de radar, não tão desenvolvido quanto o do morcego, mas bastante eficaz. Ele podia se espremer em lugares apertados, como mingau deslizando por um funil. Era provável que tivesse farejado minha urina e chegado para o almoço.

Levantei as calças e corri de volta para o trenó, sentei no meu lugar, fechei a tam pa e acelerei. Corri demais. Ele deu um pulo e caiu com um estrondo. Por um momento aterrorizante, pensei que estava perdida, que havia destruído meu transporte e abrigo, mas em seguida o trenó disparou.

Puxei a tela e dei uma olhada pela câmera traseira. Ele ainda se aproximava, parecia mais perto, e eu sabia que os dispositivos não eram muito precisos; o tubarão estava bem mais próximo do que parecia.

O trenó podia ir mais rápido, mas eu o poupei porque quanto mais você usa, mais luz do sol precisa para mantê-lo carregado, e agora, para piorar as coisas, a luz caía sobre as montanhas, que se moviam. Quando a noite chegasse eu ainda teria energia, mas às vezes ela falhava, se o trenó recebesse aceleração máxima. Ainda assim, se eu reduzisse muito, o tubarão me pegaria. Esmagaria o veículo com seus grandes dentes, quebrando, chegando ao centro gosmento no seu interior, alcançando, é claro, a mim e meu pai.

O tubarão não tinha como saber que eu estaria mais vulnerável à noite, mas parecia o contrário. Ele vinha rápido atrás de mim mas não chegava a me alcançar, embora eu só estivesse acelerando um pouco mais do que antes. Mesmo assim, era como se ele soubesse que eu tinha limitações. Que, se ele esperasse, eu teria que reduzir e ele me pegaria.

Estava ficando escuro, mas eu ainda podia ver a linha de montanhas e a vasta extensão do nada ao meu redor, até que, subitamente, a luz desapareceu e as luas se ergueram. Acendi os faróis.

E então aconteceu.

Mesmo dentro do trenó, pude ouvir o gelo se quebrar, então consegui vê-los. Nunca os vira de verdade, apenas vídeos, mas lá estavam eles, quebrando o gelo, se levantando e deslizando, os Icebergs Alpinistas. Eram elevações de gelo sólido que vinham lá de baixo das profundezas, onde era frio e úmido, onde ficava o antigo Marte. Rompiam a superfície e saíam deslizando e sugando o ar. Era um monte de gelo cheio de organismos vivos, os verdadeiros donos dele. Eram os organismos vivos que subiam para pegar ar e se renovavam como damas do Sul da Terra que se abanavam com leques em um dia quente na igreja. Às vezes eram feitos de gelo límpido e transparente. E às vezes continham o Marte antigo dentro de si. Eu já ouvira falar nisso, animais extintos, e às vezes até

mesmo marcianos, embora só fragmentos tivessem sido descobertos e a maior parte do que sabíamos fossem lendas. O gelo logo voltava a afundar nas profundezas, levando seus tesouros antigos e informações com ele.

O gelo estalou alto como o apocalipse e subiu quando as duas luas refletiram sua limpidez e clareza e o brilho atravessou o iceberg. A luz banhou todo o meu caminho e dentro dele pude ver uma coisa: uma sombra negra. Estava no centro, cobria hectares e se erguia bem alto. Então me aproximei e pude ver melhor. Quase perdi o fôlego, quase esqueci o que estava atrás de mim. Era uma encosta íngreme de gelo que subia a muralha gelada do iceberg e dentro havia um grande conjunto de escadas de pedra que chegava até uma pirâmide também de pedra. O gelo entre a parte de fora e a pirâmide parecia fino, como se dentro o iceberg fosse oco.

Uma coisa eu sabia. Eu não conseguiria continuar fugindo do tubarão. Em pouco tempo a energia da luz do sol acabaria e o trenó reduziria a velocidade. De repente tive uma ideia maluca, mas foi a única que me ocorreu. Além de que dar a volta no iceberg poderia levar horas, de tão grande que era.

Olhei rapidamente para a tela com a imagem captada pela câmera traseira e vi a barbatana do tubarão despontando alto; pude ver sua forma tremeluzindo sob o gelo. Uma forma imensa, e pude ver que era, como eu disse, um monstro que apesar do nome não se parecia em nada com um tubarão. Era uma coisa escura sem forma que se movia como gelatina, exceto pela barbatana, que continuava firme, serrando sem esforço o gelo.

Mirando o trenó na direção do pedaço de gelo, acelerei a máquina ao máximo. Sabia que estava sacrificando um pouco da minha energia, mas foi o melhor plano que consegui pensar.

Deslizei sobre o gelo e bati com força na parede clara e fria do iceberg. Então desliguei o motor, abri a tampa e saí. Virei-me e me abaixei para abrir a sacola de suprimentos. Peguei três dos bastões térmicos mais conhecidos como sinalizadores, torci a embalagem e os joguei contra o gelo. Eles explodiram em chamas que subiram bem alto; o calor chamuscou meus cabelos e gerou uma espécie de som sibilante ao derreter o gelo, abrindo um grande buraco. Era como eu havia suposto, uma parede fina e do lado de dentro tudo estava aberto; era como se fosse uma tampa de vidro com tamanho e forma incomuns cobrindo algo em forma de pirâmide.

Olhei para trás. O tubarão subiu todo seu corpo através do gelo. Ele se deslocou, se contorceu e finalmente rugiu. Foi um barulho tão alto que senti o tremor abaixo. O rugido e o vento levaram o seu hálito horrível até mim. Era tão ruim que quase vomitei. A forma do animal mudou: ele ficou menos achatado e mais sólido, tentáculos dispararam de sua cabeça e pude ver nadadeiras na barriga, entre patinhas com ganchos ossudos em forma de pés. E, se arrastando, veio abrindo caminho com as garras pelo espaço frio entre nós.

De volta ao trenó, acelerei, subi os degraus e então entrei na pirâmide. Os faróis do veículo mostraram o caminho. Segui ao longo de um grande corredor, se é que algo assim tão grande poderia ser chamado dessa forma. De cada lado havia estranhas estátuas de criaturas altas e finas que lembravam homens. Passei em disparada por elas e cheguei a duas portas escancaradas feitas com um material que não consegui identificar. Eram largas o bastante para que eu passasse com o trenó e ainda sobravam vários metros de cada lado.

Assim que entrei, peguei uma lanterna da sacola de suprimentos, saí do trenó e tentei fechar uma das portas, mas era pesada demais. Então tive uma ideia. Voltei ao veículo, apontei-o contra uma das portas e empurrei, e ela se moveu, se fechando. Fiz a mesma coisa com a outra. Para me certificar de que estava tudo bem, iluminei todo o entorno. Vi que havia uma fechadura nas portas, mas era muito grande para que eu a segurasse. Num dos lados vi uma fenda retangular. Corri até lá e iluminei dentro. Uma chave. Agarrei e puxei. Ela rangeu e fez um barulho parecido com o de uma criança gemendo, então ouvi a trava deslizar e trancar as portas. Eu havia me arriscado e tive sorte. Puxara a chave certa e aquela coisa fantástica ainda funcionava. Era provável que não tivesse se movido desde o início da civilização na Terra e, no entanto, não havia ferrugem, não apresentava sinais de decomposição. E funcionava. Rangia um pouco, mas, tirando isso, era inteiramente funcional. Se eu não estivesse num momento tão difícil, poderia ter ficado ainda mais maravilhada com aqueles acontecimentos.

Não estava tão úmido assim dentro da pirâmide. Aquele antro gelado era límpido e claro e havia ar. Pelo que me lembrava das leituras que fiz sobre as coisas microscópicas no gelo, elas se erguiam de vez em quando – talvez séculos se passassem antes que se erguessem – e sugavam o ar, mas também o expeliam, preenchiam o vácuo ao redor delas com ele. Antes,

isso fora mera especulação, mas eu estava respirando aquele ar e podia atestar que era verdade. De fato, a atmosfera dentro da pirâmide era tão rica que comecei a me sentir um pouco tonta.

Então ouvi o tubarão atingir as portas. Ele havia saído do gelo e chegado aos degraus. Bateu contra as portas com força. Elas balançaram, mas aguentaram firmes. Voltei para dentro do trenó e, com os faróis guiando meu caminho, levei-o mais profundamente para o interior da estrutura.

Por fim cheguei a um grande salão e, o que ainda era mais fantástico, ele estava iluminado. As luzes eram como imensas bolhas nas paredes e havia muitas delas. Todas emitiam um brilho laranja. Não eram fortes, mas eram mais do que suficientes para enxergar. Desliguei os faróis e o motor do trenó, saí e dei uma olhada ao redor. No começo não consegui entender como as luzes podiam existir, mas então pensei na velha tecnologia marciana que foi sendo descoberta ao longo dos anos. Coisas que sobreviviam e não se decompunham por milênios, como aquela trava das portas. Eles estiveram tão adiante de nós de tantas maneiras que era impossível compreendê-los. Junto a isso, eu tinha que lidar com aquele estranho iceberg, aquela coisa feita de gelo, com criaturas que selavam esse mundo da água e da decomposição, forneciam oxigênio, depois afundavam de volta ao fundo do mar. Eu tinha o bastante para fazer minha cabeça girar.

Placas de gelo cobriam uma parede da pirâmide que parecia ter sido destruída por uma explosão. Uma grande bolha de gelo que inchava de dentro para fora, além de uma placa externa. Dentro da bolha havia seres. Pisquei várias vezes. Eles estavam sentados em grandes cadeiras de pedra, congelados. Tinham cerca de 2,5 metros de altura, pele dourada, eram carecas e seus olhos estavam fechados. Os narizes eram achatados e as bocas estavam ligeiramente abertas; pude ver dentes amarelos que pareciam duros como pedrinhas. Eles tinham dedos compridos e, encostadas nas poltronas ou tronos sobre os quais repousavam, vi armas. Coisas que podiam ter sido armas, com canos longos e finos, sem nenhum pente de balas, mas com aparatos em ambos os lados que pareciam miras e gatilhos. Havia arpões, com no mínimo 4 metros de comprimento, com longas lâminas preto-azuladas. Pareciam pesados.

O que causara a destruição da parede externa fizera com que aqueles seres congelassem instantaneamente. Eu só conseguia pensar em uma guerra de eras passadas, um explosivo que abrisse a parede para um ar externo e congelante. Mas na verdade não sei explicar. Tudo que posso dizer é que estavam lá e os vi.

Caminhei pelo imenso salão do palácio, pois foi o que concluí que aquilo era. Só uma suposição, é claro, mas foi o que deduzi. Agora que meus olhos estavam adaptados, pude ver que havia vermes vermelhos no chão, do tamanho de polegares; meus pés os esmagavam ao andar. Havia vermes nas paredes, pelo menos onde as pedras se separavam um pouco, e quando levantei a cabeça, pude ver movimento no teto alto. Apontei minha lanterna para lá, para ajudar a iluminar o brilho laranja do salão. Vi que eram os vermes. Andavam sobre o teto com suas patinhas de lagarta e caíam no chão de vez em quando como uma chuva de sangue.

Pude ouvir um som alto ao longe. Percebi que era o tubarão-do-gelo se jogando contra as grandes portas da pirâmide. Queria encontrar uma saída. Se usasse mais dois sinalizadores térmicos para cortar a capa de gelo e fugir, quem sabe isso enganaria o monstro. Mas tudo que encontrei foi um buraco na parede e seis vastos corredores que davam para a escuridão.

Corri de volta para o trenó, entrei, dei partida e avancei, as luzes do farol varrendo o chão à minha frente. Cheguei ao local onde os corredores se dividiam e hesitei. Não fazia ideia de qual deles deveria pegar ou se algum deles levava a uma saída. Fiquei ali pensando a respeito e decidi pelo do meio. Estendi a mão, toquei com cuidado o corpo embrulhado de papai para me dar sorte e então avancei a toda pelo corredor escolhido.

À luz do farol, os vermes vermelhos pareciam vazar das pedras. Enquanto eu avançava, ouvi um som alto de algo se estilhaçando atrás de mim: as portas. O tubarão-do-gelo as quebrara. Tinha que ser isso. Eu não conseguia acreditar. Aquela coisa maldita não desistia. Assim como um King, ele continuava na trilha.

Tudo que eu podia fazer era me concentrar no que estava à minha frente. Continuei e tudo estava muito escuro. Os faróis do trenó começavam a piscar. Eu provavelmente usara mais de sua energia do que pensava ao fugir do tubarão-do-gelo. Não sabia como agir além de

continuar seguindo em frente, então foi o que fiz. Quando achava que continuaria nesse caminho para sempre, algo brilhou e de repente eu estava fora do túnel, que desembocava em uma cadeia de montanhas geladas. O brilho vinha das luas e diante da cordilheira havia um grande e comprido navio de metal brilhante, com gigantescas velas metálicas finas como papel. Levei um instante para perceber que ele também estava dentro de uma bolha de gelo. Ela se quebrara em alguns pontos e novas barreiras de gelo haviam se desenvolvido, algumas placas mergulhando acima e dentro da nave como gelados escorregadores de contos de fadas. A popa do navio estava aberta e havia um alçapão que dava para o que antes fora o convés. Direcionei o trenó para aquele ponto e entrei.

Dirigi ao longo do caminho, que era alto e largo, pois fora construído para abrigar os marcianos dourados. Isso me ajudou a usá-lo como estrada. Continuei até as profundezas do navio e ao longo de um corredor. Por fim, parei, saí, abri uma porta que estava encostada e dei uma olhada lá dentro. Era uma grande sala. O trenó, embora potente mesmo quando completamente carregado, era leve como uma pena. Empurrei-o sem esforço para dentro da sala, saí e fechei a porta. Achei melhor deixá-lo ali por segurança enquanto procurava por uma saída. Queria preservar o pouco de energia dele. Se eu pudesse sair no gelo e fazer com que continuasse se movendo até o nascer do sol, ele começaria a absorver a energia solar e quanto mais a coletasse, mais rápido andaria.

Movendo-me com rapidez, cheguei a uma ampla abertura, com grandes escotilhas de ambos os lados. À minha frente, vi uma cadeira imensa voltada para um enorme visor.

Fui naquela direção e vi uma perna comprida e imensa. Quando dei a volta e olhei, lá estava um dos marcianos. Dourado e enorme. Maior do que os outros. As mãos seguravam uma grande roda e à sua volta havia alavancas, botões e todo tipo de dispositivo; embaixo deles, formas serpenteantes de uma provável linguagem há muito tempo perdida.

Examinei o rosto dele. Ele ainda tinha olhos, que estavam abertos. Não haviam apodrecido. Estavam congelados, como açúcar cristalizado. Parte de sua pele caíra em alguns pontos e vi que isso não era devido à decomposição. Eram ferimentos. Ele fora atacado enquanto estava sentado naquela poltrona. Talvez estivesse tentando direcionar o navio para o mar. Na parede à extrema direita havia uma fileira de arpões, iguais àqueles que eu vira antes, expostos em prateleiras. Acredito que estivessem em

exibição: talvez antigas armas cerimoniais, e não as que estavam em uso quando o mundo deles virou de ponta-cabeça, de ar para gelo. Mas mesmo assim aquelas lâminas pareciam bem afiadas e perigosas.

Foi difícil, mas subi no painel de controle e olhei pelo grande quadro diante do marciano. As luas brilhavam e havia uma fina barreira gelada e transparente na frente da nave e, além dela, mais gelo liso e bem, bem distante, o padrão escuro das montanhas. Parecia tão distante que meu estômago se revirou.

Então ouvi um som ofegante, coisas se quebrando, e soube que o tubarão-do-gelo havia me seguido até ali.

Para ser bem honesta, achei que o tubarão acabaria desistindo. Eles podem sobreviver no gelo e fora do mar, mas não sabia que por tanto tempo. Contudo, tinha certeza que era a criatura, dava para sentir o cheiro. Eu não conseguia vê-lo, mas ele cheirava a coisas havia muito tempo mortas na água e a todas as suas refeições recentes, saindo em bolhas gasosas de seu estômago (estômagos, me disseram), e tudo se mesclava num aroma tão amargo que senti minhas entranhas se revirarem mais ainda.

Fiquei em pé num balcão na frente das prateleiras com as armas e apanhei o menor arpão. Ele deve ter parecido realmente pequeno nas mãos daquele marciano, uma minilança para ele, mas para mim era bastante pesada, ainda que maneável. Puxei o arpão para baixo, pulei para o chão e segui rapidamente até a abertura que dava para fora. Então o ouvi descendo o corredor. Estava ofegando, deslizando, escorregando pelo piso antigo daquele navio, e parecia próximo.

Na sala de controle, voltei a subir no balcão. Ele se estendia pela parede que passava pelas escotilhas. Fui até uma delas e usei a ponta do arpão para abri-la. Fiz muita força, mas ela não se moveu. Eu podia sentir o tubarão chegando, e seu cheiro era avassalador. Quando pensei que a fera já estava no mesmo ambiente que eu, a portinhola se arrebentou contra minha lança, caiu e se estilhaçou no convés abaixo. Joguei o arpão para dentro, esgueirei-me pelo buraco e saí a cerca de 2 metros do convés. Peguei o arpão e saí correndo, tentando encontrar meu caminho até a sala onde deixara o trenó e o corpo de meu pobre pai.

Ao olhar para trás, vi que aquela coisa monstruosa se espremia pela escotilha como se fosse feita de graxa. Quando a cabeça escura passou,

voltou a inchar como um balão, as fileiras de dentes se rearranjaram e os tentáculos voltaram a surgir. Os olhos brancos e brilhantes do tamanho de pratos de porcelana se viraram para mim acima de um pescoço fino que inchava à medida que saía da escotilha. Foi então que soube que ele jamais desistiria. Lembrei de meu pai dizendo: “O tubarão-do-gelo é um monstrengo enorme, mas tem um cérebro do tamanho de uma maçã pequena. Ele fica bem no meio dos olhos da coisa. É isso que o torna perigoso. Aquele pequeno cérebro. Ele não considera alternativas. É bem parecido com muita gente nesse ponto. Toma uma decisão e permanece com ela, fazendo algum sentido ou não. Encontra sua presa e não desiste até comê-la ou perdê-la.”

A cabeça do tubarão atingiu o convés com um barulho mole e ele começou a deslizar. Quando o resto saiu da escotilha, inchou e mais tentáculos despontaram do resto de sua forma gosmenta. As patinhas também saltaram. Aquilo que estava saindo da escotilha tinha no mínimo vinte vezes o meu tamanho.

Por um instante longo demais, fiquei pregada naquele ponto, com medo. Mas o feitiço se quebrou – acho que foi o fedor que fez isso, me atingiu como um soco na cara. Dei meia-volta e saí correndo pelo convés. Atrás de mim, o tubarão-do-gelo deu um uivo tão alto que meus ouvidos doeram. Agarrei uma porta que dava para dentro. Trancada. Tentei outra. A mesma coisa.

Finalmente achei uma que não estava trancada, mas não se abria com facilidade. Pus todos os meus 70 quilos e 1,5 metro de altura contra ela (sou uma garota grande), mas mesmo assim não se mexia. Lá vinha o tubarão, deslizando e fazendo aquele som desagradável. Reuni todas as energias que tinha, tomei emprestadas outras de algum lugar que nem sabia que existia e empurrei aquela porta com toda a força. Ela se moveu. Abriu-se uma fresta grande o bastante para que eu pudesse passar. No chão ao lado da porta estava o cadáver de um dos marcianos. Caíra ali algumas eras atrás em combate, talvez contra os invasores que haviam matado a ele e os outros e foram embora com pilhas de espólios. Sua cabeça foi quase arrancada do corpo e uma gosma escura havia escorrido dele e caído ao chão, solidificando-se como pedra.

Pulei por cima do corpo e desci apressada o corredor assim que o tubarão entrou. Virei a cabeça e vi seus dois olhos me encarando na quase escuridão. Brilhavam como fogo branco. Então ele abaixou a cabeça,

atacou aquele corpo marciano havia muito morto e começou a devorá-lo com um som parecido com o de um peru engasgando até a morte com excesso de milho. Fiquei me perguntando se fizera o mesmo com o marciano da cadeira, engolindo-o, mas devo admitir que nenhuma daquelas criaturas havia tanto tempo mortas me preocupavam muito. Eu queria mesmo era escapar.

As portas da sala estavam fechadas e a única luz vinha do luar duplo que entrava inclinado pelas escotilhas do lado direito. E então o salão chegou ao fim em uma porta escancarada, mas não era uma saída: ela se abria para uma fileira de prateleiras com divisórias, como a colmeia de uma abelha. Agora não havia lugar algum para onde ir.

Eu estava aprisionada.

Não é possível descrever como estava me sentindo, tampouco colocar aquele tipo de vazio desesperado em palavras. Era quase como se um poço tivesse se aberto e eu houvesse caído, mas não é exatamente isso, porque pelo menos seria algum lugar para onde fugir. Poderia dizer que tudo desabou em cima de mim, mas isso teria me matado na hora ou me dado algo atrás do qual me esconder. Não. Eu estava exposta. Nua. O tubarão-do-gelo estava chegando. Podia ouvi-lo se arrastando ao longo do piso, uivando tão alto que as paredes do navio balançavam. Meu coração batia com tanta força que eu achava que ia explodir. Era como dizia um velho ditado da Terra: eu estava entre a cruz e a caldeirinha.

As prateleiras eram grandes e fáceis de escalar, então foi o que fiz. Era uma rota que não levava a lugar algum, mas eu a tomei mesmo assim. Enfiei o arpão numa delas, então escalei, depois enfiei na prateleira acima, escalei, e assim por diante. Quando cheguei ao topo, o tubarão entrou no aposento. Virei-me bem a tempo, agarrei o arpão, me encostei contra a parede da prateleira, enfiei o cabo debaixo do braço para ele também se encostar na parede, e fiquei esperando a coisa, sabendo muito bem que ela não teria nenhum problema em entrar naquele pequeno espaço onde eu esperava, não com aquele corpo maleável.

Deixe-me contar como o tubarão entrou.

Juro que foi assim: havia um espaço à minha frente, vazio, depois o fedor, e então...

... ele estava ali.

E avançou com força contra a abertura da prateleira, vi de relance os dentes e os olhos brancos, brilhando como faróis, e de repente atingiu a ponta do arpão e soltou um uivo como se estivesse pegando fogo. Ele estremeceu e bateu contra as paredes da prateleira com tanta força que ouvi-as se racharem, depois sua cabeça flexionou-se rapidamente, ficou menor e tentou entrar como se fosse um dardo. Desviei o arpão, lembrando do que meu pai dissera sobre aquele pequeno cérebro, aquela maçã entre os olhos, e bati a arma ali diversas vezes. O monstro pipocava para trás e recuava, lançando aqueles tentáculos que às vezes ficavam escondidos em sua cabeça. Eles se flexionavam e estalavam no ar como as cobras de Medusa. Tornou a atacar, gritei de medo e raiva e contra-ataquei, metendo o arpão bem fundo. Segui atacando e uma gosma igual à que sai quando você pisa numa lagarta espirrou de dentro dele e molhou meu rosto. Parecia pus de espinha. Continuei enfiando o arpão e a coisa prosseguiu gritando, e então...

... ela desapareceu.

Ou então saiu do meu campo de visão.

Fiquei ali sentada, tremendo de medo, o corpo coberto com suas entranhas, ou cérebro, ou o que fosse aquela sujeira.

Será que eu matara o bicho? Engatinhando consegui ir até a beirada da prateleira, enfiei a cabeça para fora...

... E a cabeça dele subiu como uma serpente e atacou com um uivo agudo.

Foi reflexo. Gritei quase tão alto quanto a coisa, ataquei com o arpão, não pensei em um alvo específico – veja bem, só agi, só fui para a frente num impulso de medo. O arpão se fincou fundo, o tubarão estremeceu e foi para trás, tirando-o das minhas mãos. Então eu pensei: *Ok, Angela, agora acabou, pode abaixar a cabeça e dar adeus ao mundo, porque nos próximos instantes ele vai pegá-la, e a última coisa que você vai ouvir é um ruído de mastigação quando ele te morder, e depois você vai virar digestão de tubarão-do-gelo e seus restos serão cagados sob o mar congelado.*

Mas então a coisa bateu em mim, rachando a prateleira. O cabo do arpão, que fora arrancado das minhas mãos, me acertou entre os olhos.

Minha cabeça se encheu de estrelas. A prateleira rachou ainda mais, então eu caí e as estrelas se tornaram escuridão.

Quando acordei, estava *em cima* do tubarão e ele ficara achatado como um pano de prato. Levantei-me devagar e olhei ao redor. Só a cabeça dele se destacava, como um montinho, e eu conseguia ver o arpão despontando dela como se fosse um chifre de unicórnio.

O animal se espalhara tanto que preenchia o longo salão e continuava para mais além. Caí contra a parede, ao lado de uma escotilha. Sem querer, eu havia acertado aquela maçã entre seus olhos. Tentara várias vezes fazer aquilo, sem sucesso, mas, por conta do medo, do desespero e de um feliz acidente, conseguira.

Eu ri. Não sei por quê. Mas ri muito alto.

Depois de me recompor (e, vou lhe contar, havia muito para recompor) comecei a procurar meu trenó. Desci o corredor, andei por cima do tubarão-do-gelo por um longo tempo e finalmente cheguei a mais um corredor que levou ainda a outro. Percebi que estava ficando cada vez mais confusa, então voltei por onde tinha vindo e enfim cheguei até onde o corpo do marciano ficara deitado ao lado da porta. Ele desaparecera, fora consumido pelo tubarão morto. Saí por aquela porta e percorri o convés do navio olhando para a escotilha da qual eu caíra. Era alta demais para escalar. Como se isso não fosse ruim o bastante, senti o navio se mexer duas vezes.

Por um momento supus que o iceberg estava simplesmente se movendo, mas, quando olhei para a bolha de gelo que cercava o navio, vi que a superfície congelada do mar estava se rachando. O iceberg voltaria para seu lugar, descendo para as profundezas como uma pedra enorme. E eu estava presa.

Não podia deixar meu pai ali naquela tumba gelada, então saí correndo e percorri o convés. Acabei chegando à popa do navio. Havia uma escada ali. Desci por ela e descobri a abertura, o local por onde eu entrara com o trenó, e corri de volta para dentro, percorrendo o mesmo caminho. Finalmente cheguei à sala onde deixara o trenó e o corpo do meu pai. Puxei o veículo para fora, entrei atrás dos controles, liguei o motor e deixei os faróis varrerem tudo à minha frente. Dirigi de volta pelo mesmo caminho, através do longo corredor, rumo ao local onde aqueles incríveis

vermes vermelhos escalavam as paredes. Segui em frente e ouvi o gelo se quebrando; percebi que a água começava a cobrir o chão da pirâmide.

Quando cheguei à entrada, a água já invadia com toda a força e cobriu o trenó no momento que o iceberg afundou, me levando para baixo, me empurrando de volta com a força do mar.

O trenó conseguia resistir embaixo d'água, como já disse, e a tampa estava bem fechada. Os faróis cortavam a água escura, mas o problema era que eu ainda estava dentro do gigantesco iceberg, que descia rápido, e o mar era mais escuro lá embaixo. O gelo se quebrava ao meu redor e fragmentos dele deslizavam pela passagem que eu criara com os sinalizadores, batendo no trenó como sereias pedindo para entrar.

Nivelei o trenó e segui em frente quicando contra as laterais da pirâmide, lutando contra a força da água, usando toda a energia que restava no pequeno motor. Vi um pouco de luz, as luas rasgando a água, criando um brilho parecido com leite coalhado derramado sobre um tampo de vidro quebrado. E então essa luz começou a sumir.

Prossigui e, embora tivesse uma ideia de onde ficava a abertura no gelo, tive dificuldades para encontrá-la. Não conseguia imaginar onde estava. Percebi que o gelo já começara a se fechar – as pequenas criaturas estavam selando tudo. Fui para onde achei que a fenda estava e bati o nariz do trenó nela com força. O trenó quicou. Tornei a atacar e dessa vez ouvi o som de algo se rachando. Pensei que fosse o veículo se partindo, mas os faróis me mostraram que era o gelo se estilhaçando. Apenas um vislumbre, uma teia de linhas contra a barreira fria. Voltei a atingi-la. O trenó arrebentou o gelo e lascas caíram ao meu redor. Subi e saí do mar. E os faróis começaram a piscar.

O trenó ficou mais lento, boiou por um momento e começou a descida de volta para a escuridão, seguindo a pirâmide e o navio. Tornei a forçar o acelerador, o motor funcionou novamente e mais uma vez fui para o alto, como um golfinho da Terra. O veículo disparou por um buraco no gelo, depois bateu com força na superfície da água congelada. Os faróis piscaram, mas continuaram acesos.

Afastei-me do buraco com o trenó e segui na direção das saliências escuras que eram as montanhas marcianas.

Por um momento, me senti revigorada, mas aí comecei a sentir fraqueza. Achei que fosse por falta de comida e estava prestes a meter a mão na sacola de alimentos quando percebi que esse não era o problema. Meu ombro estava molhado, mas não com água fria, e sim com sangue quente. O tubarão-do-gelo me acertara com um dos dentes, ou mais que um. Fizera um buraco no meu ombro e minha adrenalina não permitira que eu reparasse nisso antes.

Achei que poderia desmaiar, algo que vinha fazendo com frequência nos últimos tempos. Orientei o trenó na direção que minha cabeça dizia que seguisse, do jeito que a pílula de verme no meu corpo indicava. Vasculhei a sacola, tirei um kit de primeiros socorros, rasguei-o e encontrei algumas ataduras. Colei-as na ferida. Elas ficaram completamente encharcadas. Arranquei e coloquei mais. Mesma coisa. Deixei que ficassem coladas na minha pele. Remexi novamente na sacola e encontrei um recipiente com água e alguma coisa para comer que tinha a forma de uma barra dura e mastigável. O gosto era de serragem. A água bateu na minha garganta e tinha um sabor melhor do que qualquer uma que eu já bebera, fria e refrescante.

O trenó seguia direto para as montanhas. Se a carga durasse, eu estaria lá em cerca de dezoito horas. Sabia que isso era fácil, tinha muita certeza. Meu pai me ensinara a calcular distâncias. Além das montanhas, no Outro Lado, eu não fazia ideia de quanto mais teria que seguir. Estava vivendo o enredo de um dos romances baratos do meu pai. Encontrara um mundo perdido de marcianos mortos cobertos por gelo e micróbios muito ativos, lutara com um tubarão-do-gelo marciano usando só um arpão. E tinha vencido. Descera em um iceberg para um mar frio, escuro e profundo, e agora deslizava pelo gelo, me esvaindo em sangue. Sabia que jamais chegaria até as montanhas, com certeza não chegaria até o Outro Lado. Se eu não morresse primeiro, o motor do trenó iria parar, sem energia. Quando a manhã chegasse e o sol subisse e recarregasse o motor, eu já estaria morta, igual ao meu pai. Estava tudo bem. Dera o melhor de mim e não tinha desistido. Não por querer. Olhei mais uma vez para o gelo iluminado pelo luar e para as montanhas. E ri. Não sei dizer por quê, mas ri. Levantei a cabeça e gargalhei. Então meus olhos se fecharam sozinhos. Eles estavam quentes e pesados e eu não consegui mantê-los abertos.

Estendi o dedão do pé e toquei a cabeça coberta de papai, então desmaiei. Isso estava virando um hábito, mas imaginei que essa seria a

última vez.

Se você morre em Marte, vai para o céu marciano? Os velhos marcianos dourados tinham um céu? Eu não acreditava nisso, mas precisava pensar a respeito porque era para lá que parecia estar indo. Só que começara a sentir calor e pensei: *Ô-ou, este aí é o outro lado do negócio, a parte quente, o inferno*. Eu estava indo direto e rapidinho para o inferno marciano, não sei por qual motivo. Ia lá para dançar com marcianos altos e grandes carregando arpões, nas profundezas, com tubarões-do-gelo e outras feras que viviam no fundo daquilo tudo, dançando em poços de lava com fogo escaldante. Não seria tão ruim. Ficaria aquecida. Estava tão cansada de sentir frio. Inferno marciano, me dê as boas-vindas.

Então acordei. O trenó tinha parado. Agora me sentia aquecida e confortável, e pouco antes sentia frio. Demorou um momento, mas finalmente entendi o que acontecera. O trenó havia parado e o aquecedor também, tudo ficara frio e eu sonhara, mas estava viva, o sol me aquecia e o trenó começara a absorver os raios já fazia algumas horas, recarregando as células solares, e rugia com uma vida quente e vigorosa. O acelerador ainda estava na mesma posição e o veículo começou a se mover mais uma vez sem que eu tocasse em nada.

Não consegui acreditar. Eu não estava morta. Olhando para o gelo, vi as montanhas, mas percebi que me desviara um pouco do curso, embora tivesse avançado mais do que o esperado. Colocar a mão no acelerador fez todo meu corpo doer. Meu ombro parara de sangrar e a atadura parecia uma maçaroca molhada. Mas tinha funcionado. Tomei cuidado para não me mexer muito, para não abrir ainda mais o ferimento.

O trenó voava sobre o gelo. Ajustei a navegação, mantendo a direção certa.

Quando cheguei às montanhas era fim de tarde. Comecei a procurar uma trilha através delas. Meu corpo estava quente e eu me sentia estranha, mas segui em frente, e finalmente cheguei a um pequeno caminho que seguia por entre as montanhas. Continuei devagar e pensei que ele acabaria chegando a algum lugar ou uma muralha alta de rocha apareceria na minha frente, o que não aconteceu. O caminho não era reto, mas era bom, e atravessou as montanhas como uma faca cortando manteiga.

Quando cheguei a um trecho maior de terra que dava para um abismo, a noite caíra mais uma vez. Abaixo de mim, no sopé das montanhas, havia um vale todo iluminado. Era o Outro Lado.

Mergulhando pela encosta, lá fui eu, pilotando bem rápido. Tudo parecia estar se juntando agora, dando certo. Eu conseguiria chegar direitinho. E então, diante dos faróis, uma rocha despencou de repente. Apertei o acelerador de tal forma que o trenó saltou o mais alto que pôde. Por um momento, achei que conseguiria pular a rocha, mas ela pegou o fundo do trenó e o rasgou. O veículo caiu com um estrondo, rodopiando, a cobertura transparente se partiu ao meu redor e fui lançada para fora, onde o vale virava uma encosta, e caí numa colina com grama molhada. Continuei deslizando até que alguma coisa bateu em mim.

Era o corpo de meu pai. Agarrei-me a ele e nós dois começamos a descer aquela colina, eu me abraçando a ele, subindo em cima dele, descendo com seu torso em cima de mim, na velocidade de um foguete.

Descendo.

Descendo.

Lá fomos nós, meu pai e eu, muito rápido.

Até batermos na parede de uma casa. Com força.

Depois disso não há muito o que contar. Consegui me levantar, cambaleei em torno da casa e bati numa porta. Fui levada para dentro por um casal de velhinhos e toda a cidade acordou. Pessoas foram enviadas colina acima para encontrar o trenó e procurar a vacina, e o corpo do meu pai ficou ao lado da parede. O transporte estava arruinado, a vacina foi encontrada e meu pai ainda estava morto. As pessoas vinham me ver como se eu fosse um animal raro recém-trazido ao cativeiro. Não me lembro delas, só sei que vinham, olhavam e saíam, depois outras tomavam o seu lugar.

Os curiosos acabaram indo embora, sentei numa cadeira que pertencia ao casal e eles me deram sopa. Um médico apareceu, costurou minha ferida da melhor maneira que pôde, disse que estava infeccionada, que eu sofrera uma concussão, talvez várias, e que não devia dormir, portanto era melhor não me deitar.

Obedeci.

Tomei um remédio que ele me deu e permaneci sentada naquela cadeira até a manhã surgir sobre montanha, como se estivesse fatigada e

preferisse ficar lá embaixo no escuro. Até que não consegui mais ficar sentada. Escorreguei da cadeira e fiquei com a bunda no chão por muito tempo, depois me deitei no chão e não me importava mais com a morte, não sabia se estava morrendo ou melhorando, simplesmente não tinha ideia de nada.

Alguém me colocou numa cama – sei disso porque era onde eu estava quando acordei. Havia ataduras boas e novas e eu vestia uma camisola. Provavelmente da velha. A cama era boa. Eu não queria sair dela. Fiquei surpresa quando a velha me disse que eu tinha ficado ali três dias.

Acho que nesses romances baratos de que meu pai gostava tudo terminava num momento de glória, com todas as armas disparando e socos sendo dados, mas o meu livro, se é que era isso, terminou com um enterro.

Mantiveram o corpo do meu pai num celeiro aberto, para que o frio o mantivesse gelado e impedisse que entrasse em decomposição. Mas, com o tempo, mesmo isso não adiantava mais e ele teve que ser enterrado. Então vieram, me prepararam com algumas roupas que quase couberam em mim e me ajudaram. Toda a cidade apareceu para o enterro. Eu e meu pai fomos considerados heróis por termos trazido a vacina. Palavras boas foram ditas a nosso respeito e eu adorei. Praticamente do dia para a noite, todo aquele lugar foi curado por aquele medicamento.

Horas depois do enterro do meu pai, contrái a maldita febre marciana e precisei tomar a vacina, além de ficar de cama por mais dois ou três dias, porque já estava fraca. Foi bastante irônico o fato de que eu trouxera a vacina mas nunca pensei em me imunizar, e nem meu pai, mesmo sendo médico.

Não vou mentir: chorei um bocado. Mas coloquei a memória de papai no fundo da mente, num lugar onde eu poderia acessá-la quando quisesse, saí da cama e superei tudo.

Isso é o que nós, os Kings, fazemos.

MARINHEIRO

CHRIS ROBERSON

Chris Roberson já apareceu nas revistas *Asimov's*, *Interzone*, *Postscripts*, *Subterranean* e outras. Provavelmente é mais conhecido por sua série de história alternativa do Império Celestial, que, além de um grande número de contos, consiste nos romances *The Dragon's Nine Sons*, *Iron Jaw and Hummingbird*, *The Voyage of Night Shining White* e *Three Unbroken*. Entre seus outros romances estão *Here, There & Everywhere*; *Paragaea: A Planetary Romance*; *Set the Seas on Fire*; *Book of Secrets* e *End of the Century*.

Recentemente produziu roteiros para graphic novels, incluindo *Elric: The Balance Lost*, que teve participação dos personagens de Michael Moorcock. Ele também escreveu duas minisséries de Cinderela que foram best-sellers do *New York Times* e *spin-offs* da série *Fábulas*, de Bill Willingham.

Seu livro mais recente é o romance *Further: Beyond the Threshold*.

Além de escritor, Roberson foi um dos editores da Monkey Brain Books, que lançou recentemente um selo de quadrinhos digitais, a Monkeybrain Comics.

Ele vive com a família em Portland, Oregon.

Eis aqui uma robusta e empolgante história marítima, com piratas, lutas de espadas e tudo o mais, só que os mares que nossos espadachins aventureiros navegam não são os da Terra, mas os infinitos mares de areia de Marte...

O navio deslizava com todas as velas infladas; em qualquer direção só se viam areias vermelhas. Fazia dias desde que eles haviam avistado água pela última vez.

Jason Carmody estava em pé na proa do *Argo*, vasculhando o horizonte com seu telescópio improvisado em busca de alguma presa fácil. De tempos em tempos, o morcego empoleirado na amurada a seu lado batia as asas e guinchava petulante. Jason o acalmava com um pedaço de carne seca que tirava da bolsa pendurada no seu cinto. Se esperasse muito tempo para saciar o apetite do seu bicho de estimação, o morcego beliscava as mãos de Jason com seu focinho pontudo, para motivá-lo.

– Cuidado, capitão, para que essa besta não arranque o seu dedo com uma mordida – disse uma voz atrás dele.

Sem se virar, Jason jogou outro pedaço na boca de seu bichinho, que aguardava.

– Bandido prefere carne seca, na verdade. Mas tenho certeza de que não demoraria muito a aceitar um dos meus dedos.

Virou-se, sorrindo ao ver seu imediato se aproximar.

– Se esse monstrinho comer um número suficiente dos seus dedos – disse o imediato –, talvez você finalmente fique com a quantidade certa deles. – Balançou seus três dedos na cara de Jason.

– De onde *eu* venho, Tyr, está no auge da moda pirata perder partes inteiras do corpo. Os melhores capitães têm uma perna de pau, ou um gancho no lugar da mão, ou um tapa-olho.

O imediato ficou sério e deu pancadinhas no pequeno pingente de pedra que pendia do respirador que cercava seu pescoço, cobrindo suas guelras.

– Tenho certeza de que, quando partirem para a recompensa final, os membros perdidos estarão lá esperando por eles. Como nos diz a escritura, o Deus Sufocado torna todas as coisas inteiras nos mares dos mortos.

Jason olhou a pele do imediato, envelhecida e verde, toda marcada por velhas feridas e cicatrizes que mapeavam os longos anos de duelos, batalhas e surras aos quais Tyr sobrevivera.

– É bom acreditar nisso – disse Jason, pensativo, depois sorriu. – Mas, para ser sincero, eu me contentaria com um bom hambúrguer.

Tyr bateu os dentes, o equivalente marciano da gargalhada.

– Com a sorte que temos, provavelmente não vamos achar nada a não ser a papa rala que nossos ex-carcereiros nos davam para comer. – Lembrando-se de quem era, retesou o maxilar, a testa ficou amarela de vergonha e então acariciou o pingente de pedra, arrependido. – Que o Deus Sufocado perdoe minha blasfêmia.

Quando Jason o conheceu, numa cadeia praxiana havia muito tempo, Tyr era um sacerdote do Deus Sufocado, preso por se pronunciar contra a Hegemonia que subira ao poder na rede sul de Praxis. Fazia pouco tempo que Jason chegara ao planeta vermelho quando foi capturado pelos praxianos e ele e o sacerdote haviam dividido uma cela enquanto esperavam sua vez na pedra do carrasco. No começo ficaram desconfiados um do outro, mas o humor ácido e o ambiente pequeno criaram uma familiaridade que se transformou em amizade. Quando, semanas mais tarde, os dois escaparam juntos da prisão e fugiram pelos mares de areia numa jangada improvisada, já eram próximos como irmãos.

– Tyr, você imaginou que algum dia teríamos o nosso próprio comando, e navegaríamos...

– Capitão! – Um grito vindo do alto o interrompeu. – Navio à vista, a leste!

Jason olhou novamente pelo telescópio improvisado e o apontou na direção que o vigia indicara. Ali, logo na crista do horizonte, havia um galeão mercantil, subindo gordo e lento nas areias.

– Acabou a folga, pessoal! – gritou Jason para o restante da tripulação. – Temos *trabalho* a fazer!

Jason Carmody cresceu sonhando em dar a volta ao seu mundo, mas acabou navegando ao redor de outro.

Em seus momentos mais sardônicos, culpava a *National Geographic*. Quando ainda estava no começo do ensino fundamental, leu uma série de artigos sobre um adolescente que conseguira dar a volta ao mundo sozinho

navegando. Durante os últimos anos do ensino fundamental, estudou mapas da Terra, devorou livros sobre navegação, assistiu a todos os filmes e programas de televisão que pôde encontrar que tivessem qualquer coisa a ver com os oceanos ou exploração. No ensino médio, enquanto seus colegas se preocupavam com o vestibular e agonizavam com a escolha da faculdade certa, Jason passava todos os momentos disponíveis do seu tempo livre navegando em lagos e rios próximos em pequenos botes que comportavam somente um homem e passava as férias no golfo do México, se atrevendo a navegar para além da vista da terra e voltar usando apenas uma bússola e sua inteligência.

Uma semana depois de se formar no ensino médio, após as despedidas cheias de lágrimas dos amigos e da família, Jason partiu de Galveston, Texas, num veleiro de 24 pés, com a intenção de continuar navegando até chegar a algum porto do outro lado do Atlântico.

Contudo, não conseguiu completar nem a primeira etapa da jornada. Ainda estava no Caribe quando, sob a luz da lua cheia, deu de cara com um estranho vórtice nas águas escuras, um redemoinho que surgiu em questão de instantes, rápido demais para Jason mudar de curso e evitá-lo. Num momento Jason estava navegando sob um céu sem estrelas e, no seguinte, seu barco atingiu o vórtice e tudo mudou.

Jason forçou a vista, se preparando para o impacto, e quando voltou a abrir os olhos, encarava outro mundo.

Mais tarde, descobriria que estava em Marte. Mas não o Marte que vira em fotos enviadas pelas sondas da Nasa. Será que ele fora transportado para o passado distante do planeta vermelho ou seu futuro? Ou quem sabe para algum equivalente do quarto planeta que existia em outra dimensão? Jason nunca soube ao certo. Tentou ver como estava a Terra, para ter algum esclarecimento, mas mesmo os melhores telescópios que conseguiu construir só lhe mostravam uma imagem borrada de um planeta azul-esverdeado no céu, e seu conhecimento de constelações não era suficiente para calcular como aquelas mesmas estrelas se comportavam em outro mundo e outra época.

Aqueles eram fatos que Jason só descobriria depois. Naquele primeiro dia, naquele primeiro instante, ele só soube que estava em um lugar que nunca vira antes.

O veleiro jazia semienterrado em áreas finas, sob um céu azul brilhante pelo qual duas luas navegavam em suas órbitas majestosas, uma

na direção da outra. Jason desceu do convés de seu barco para as areias, meio zozzo, e logo afundou até a cintura. Os grãos de areia eram tão pequenos, tão finos que o solo se comportava mais como um líquido do que um sólido, quase como areia movediça. E, enquanto se debatia na areia, mal sendo capaz de evitar se afogar, reparou na silhueta ameaçadora de uma crista ossuda atravessando as areias e vindo em sua direção.

O primeiro dia de Jason em seu novo mundo teria sido seu último, sua jornada terminaria na barriga de um tubarão-da-areia, se um navio da marinha praxiana que passava por ali não o tivesse puxado para bordo. A tripulação nunca vira um humano antes e retornou aos canais de Praxis com Jason tanto como objeto de curiosidade quanto como prisioneiro. Apesar da barreira do idioma que os separava, quando chegaram ao porto Jason conseguiu comunicar aos seus captores que precisava de ar para respirar. Se tivesse levado muito mais tempo para transmitir sua mensagem, teria se afogado enquanto o forçavam a entrar em sua comunidade subaquática.

Nos dias que se seguiram, Jason aprendeu o bastante da língua comum em Praxis para ofender a sensibilidade da Hegemonia Praxiana, que se recusava a aceitar a ideia de que a vida pudesse existir em qualquer outro lugar do universo a não ser no planeta vermelho, apesar da clara evidência em contrário. Foi condenado por heresia e confinado a uma cela, onde aguardaria execução. Foi ali que encontrou o primeiro marciano a quem chamaria de “amigo” e o curso de sua vida foi alterado para sempre.

Entretanto, no meio disso tudo, Jason amaldiçoava os editores da *National Geographic*. Se não fosse por eles, poderia ter ido para a faculdade ou arrumado um emprego como qualquer outra pessoa comum.

Era quase meio-dia quando o *Argo* se aproximou do galeão. Uma tempestade de areia terrível começara a soprar, limitando muito a visibilidade. Contudo, forçando bem a vista eram capazes de distinguir as cores da frota mercante vendiano ondulando nos mastros do galeão.

Mas, enquanto Jason Carmody e sua tripulação tinham se aproximado pelo oeste, outra embarcação, claro, se aproximara pelo sul. E, embora o *Argo* ainda tivesse que percorrer muito chão antes que pudessem sequer falar com a tripulação do galeão, quanto mais começar um ataque, o outro navio já estava ao lado dele.

– É uma corveta da marinha praxiana – disse Jason, abaixando seu telescópio e forçando a vista contra o brilho forte do meio-dia.

– Praxis está em guerra com Vend? – perguntou um tripulante em voz alta.

– Se estiverem, é a primeira vez que ouvimos falar nisso – respondeu Tyr.

– Bem, *amigos* com certeza eles não são.

Jason apontou para o galeão, cujos três mastros já haviam sido despedaçados. Como se para pontuar sua afirmação, naquele momento um som de trovão rolou sobre as areias quando a corveta praxiana disparou seus lançadores dianteiros sobre o navio mercante.

Uma súbita chuva de rochas caiu sobre o galeão, danificando ainda mais seus mastros e o casco e transformando vários dos tripulantes em uma terrível gosma verde no convés.

– Eles querem acabar com o galeão bem rápido. – Tyr coçou um ponto no ombro onde a pele ficara áspera e descascava por conta do ar seco. – Suas ordens, capitão?

Sob circunstâncias normais, o *Argo* deveria manter distância de qualquer confronto com uma embarcação da marinha, fossem os praxianos do sul ou os navios da frota de Vend do norte. Mas aquelas obviamente não eram circunstâncias normais.

Jason fez uma careta de desprezo.

– Se voltarmos a Porto Livre sem um porão cheio, vamos ouvir o diabo de Rac e dos outros capitães. Acho que estamos navegando com os porões vazios há tempo demais – olhou de uma embarcação para outra – e aquele galeão deve estar levando *algo* de valor se os praxianos o querem tanto assim.

– Então a Hegemonia recorreu à pirataria? – sugeriu Tyr.

– Ou quem sabe só a tripulação dessa corveta tenha decidido isso. – Jason esfregou o lábio inferior. A embarcação da marinha lançara ganchos sobre o convés do galeão e os estava puxando de modo a aproximar os dois navios, preparando a abordagem. – Parece que não notaram nossa presença.

– Com o vento às nossas costas – retrucou Tyr –, temos a tempestade de areia nos dando cobertura. E a atenção deles está em sua presa atual, de qualquer maneira.

Um lento sorriso repuxou os cantos da boca de Jason.

– Assim que os praxianos abordarem o galeão, poucas pessoas continuarão a bordo de sua corveta.

– E se ficarmos para trás e deixarmos a tempestade de areia nos esconder... – Tyr bateu suas mandíbulas suavemente, rindo.

Jason se virou para a tripulação reunida no convés do *Argo* esperando ordens. Todos estavam encolhidos contra as areias secas que batiam neles por conta dos ventos altos, pequenas baforadas de vapor se erguendo aqui e ali dos respiradores que mantinham suas guelras molhadas e as supriam de água oxigenada.

– A seus postos! – Jason puxou a espada curva que estava presa à cintura, levantando-a bem acima da cabeça. – Carreguem as catapultas! Preparar para atacar!

A primeira pista que os marinheiros a bordo da corveta praxiana tiveram do *Argo* foi a fuzilaria de pedras e destroços que choveu sobre eles disparada das catapultas dos piratas. Os marinheiros praxianos haviam ficado tão concentrados em tomar o galeão que a primeira coisa que pensaram foi que o navio mercante conseguira de algum modo retribuir o fogo. Foi só quando Jason Carmody e os outros piratas do *Argo* pularam para o convés da corveta, o capitão dando um grito de guerra e os outros sibilando ameaçadores, que os marinheiros perceberam que estavam sob ataque de terceiros.

– Piratas! – gritou um deles, lutando para puxar a longa faca embainhada na sua cintura. – Avisem os...

Jason silenciou o resto do grito de alerta do marinheiro, fincando a ponta de sua espada no respirador atrelado ao pescoço dele e trespassando sua garganta. Houve um tempo em que Jason reclamara do uso de força letal, quando ele e Tyr foram levados a bordo de um navio pirata pela primeira vez e convidados a fazer parte da tripulação. Jason tentara realizar suas tarefas com o mínimo de força, incapacitando se possível, matando e aleijando apenas se absolutamente necessário. Mas isso fora há muito tempo e, nos anos desde então, vira em primeira mão o que a Hegemonia praxiana e seus servos fiéis faziam a qualquer um que desafiava suas leis. Jason vira muitas vítimas quebradas e mutiladas pela “justiça” praxiana, portanto não teria misericórdia com as pessoas que a perpetuavam.

Arrancou a espada do pescoço do marinheiro e, antes que o corpo tivesse caído no convés, Tyr estava ao seu lado, com um chicote eletrificado enrolado numa das mãos.

– Que o Deus Sufocado guie sua passagem – murmurou o imediato sobre o marinheiro caído.

Embora tecnicamente não fosse mais um sacerdote desde antes de Jason conhecê-lo e houvesse pouca chance de que o marinheiro tivesse compartilhado de sua fé, velhos hábitos custavam a morrer.

– À sua direita! – berrou Jason se movendo para o lado de Tyr.

Um trio de marinheiros corria na direção deles com porretes e facas nas mãos.

Jason perfurou a barriga do que chegou primeiro, detendo seu avanço, e desferiu um chute alto que deslocou o respirador do segundo. Quando o primeiro caiu de joelhos, tentando sem sucesso evitar que suas entranhas negras se derramassem do ferimento, o segundo buscava respirar o ar seco e empoeirado, os olhos arregalados de pânico.

Tyr atacou com seu chicote, pegando o terceiro marinheiro pelo pescoço. Quando o oponente segurou o chicote e o puxou, esperando desequilibrá-lo, o imediato simplesmente apertou um botão no cabo e enviou uma carga enorme de eletricidade por toda a extensão do chicote. O marinheiro começou a tremer e se debater, os olhos revirando na cabeça, e Jason sentiu um cheiro que lembrava frutos do mar grelhando em uma fogueira na Terra.

Quando Tyr soltou o chicote, Jason se deu conta da situação. Meia dúzia de seus tripulantes abordara a corveta junto com ele e o imediato, e uma rápida contagem mostrou que todos ainda estavam de pé, tendo sofrido no máximo pequenos ferimentos. Todos os marinheiros praxianos à vista estavam caídos.

– Parece que o navio é nosso – observou Tyr, recolhendo o chicote.

– Leve alguns homens para baixo do convés – disse Jason – e certifique-se de que não há mais ninguém da tripulação do navio lá embaixo que vá nos dar trabalho antes de passarmos para o galeão. Teremos problema suficiente lidando com os marinheiros que abordaram...

– Capitão! – bradou um dos piratas.

Jason se virou rapidamente na sua direção. Em meio à areia que soprava ao redor de todos, ele podia enxergar o outro lado do galeão, preso no costado da corveta pelos ganchos.

Um destacamento inteiro de marinheiros praxianos surgia sobre a amurada, vindo do galeão, com sangue nos olhos.

– Deixem pra lá. – Jason deu um rápido sorriso. – Vocês entenderam.

Houve um tempo em que a mera visão de uma figura de pele rosada respirando *ar* fora suficiente para fazer os oponentes de Jason pararem, e isso costumava bastar para que ele ganhasse alguma vantagem técnica. Mas um número tão grande de histórias circulara sobre o assim chamado humano que navegava pelos mares de areia a bordo de um navio pirata que Jason perdera o elemento surpresa. O fato de que ele havia ficado mais velho nesse ínterim, e sem dúvida precisava dessa vantagem agora mais do que nunca, era uma grande ironia cruel que ele não ignorava.

Foi com um suspiro cansado que encarou o ataque dos marinheiros. Nenhum deles sequer *piscou* quando viu sua pele, seu cabelo ou sua falta de guelras.

Ele se sentiu como um astro de TV que um dia fora popular e atualmente estava reduzido a oferecer autógrafos a viajantes desinteressados num cruzeiro...

Se tomar a corveta havia sido fácil, ao custo apenas de alguns poucos ferimentos, defendê-la dos marinheiros que voltavam teria um preço mais alto. A tripulação superava a dos piratas numa relação de três para um e, embora Jason sempre tivesse se gabado de que cada um dos seus tripulantes valia quaisquer outros três combatentes combinados, provar isso era mais difícil na prática do que havia sido na teoria.

Enquanto Tyr e dois outros piratas lidavam com os marinheiros que estavam embaixo do convés manipulando os lançadores, o resto lutava com os que haviam retornado da tomada do galeão. O próprio Jason encarou o comandante da corveta, que trazia a insígnia do posto de comodoro da marinha praxiana tatuada na testa. Na extremidade de um braço, o comodoro carregava uma espada e, na outra, uma tocha flamejante.

Jason ficou surpreso ao ver a chama. Os nativos do planeta vermelho costumavam usar fogo apenas para fins de manufatura, normalmente em fundições ou atóis rochosos longe de suas casas aquáticas nas redes de

canais. Não era de todo incomum que o fogo fosse usado como arma, mas estava longe de ser frequente.

– Ou você é corajoso, ou é louco, ou idiota – disse o comodoro com um sotaque praxiano pesado. – Mas, seja qual dos três for, vai morrer! – Para pontuar suas palavras, avançou com a espada, apontando-a bem para o peito de Jason.

– Tudo morre, comodoro. – Jason bloqueou o ataque do praxiano e lhe deu um sorriso. – Então tenho certeza de que *um dia* morrerei. – retrucou, lançando a própria espada na direção do adversário. – Mas não *hoje*!

O comodoro soltou um sibilo ameaçador ao dar um passo para um lado, desviando-se por pouco da espada de Jason.

– Você, um pirata, *protegeria* estes... estes *hereges*? – A fúria do comodoro era quase palpável. – Mas *por quê*?

Hereges? Jason mal teve tempo de pensar, pois seu oponente balançou a tocha que carregava bem por cima da sua cabeça.

Jason recuou, sentindo o calor da tocha no rosto. Se fosse um marciano nativo, só o calor teria sido suficiente para secar seus olhos por um instante, forçando as opacas membranas nictantes a se fecharem e obscurecendo momentaneamente sua visão. Sem dúvida era por isso que o comodoro assumia o risco de lutar carregando uma chama sem proteção. Mas os olhos de Jason só arderam e lacrimejaram e, embora suas pálpebras quase se cerrassem por causa do calor e da fumaça, jamais perdeu de vista a posição do oponente.

Mas deixou o comodoro *pensar* que sim.

Olhos semicerrados, uma mão esticada erraticamente vasculhando o ar à sua frente, Jason fintava com a espada, apontando para bem longe do corpo do comodoro. Podia ouvir o bater suave de mandíbulas enquanto o oponente ria sozinho, agora certo de uma vitória fácil.

Quando o adversário avançou, apontando a espada para o torso de Jason num golpe mortífero, o terráqueo fez um elegante movimento e se desviou no último instante. Os nativos sempre ficavam surpresos com a rapidez com que Jason conseguia se mover na gravidade mais baixa do planeta vermelho e também ao notar como era muito mais forte do que parecia, fatos que havia muito tempo aprendera a usar em seu proveito. Antes que o espantado comodoro pudesse reagir, Jason baixou a espada

com força sobre o respirador do oponente, cortando também a parte de trás da cabeça dele.

O comodoro caiu para a frente, tentando respirar, e largou a espada e a tocha para agarrar a parte de trás da cabeça, onde o sangue verde-escuro já jorrava livremente.

Quando a tocha caiu, Jason estendeu a mão para pegá-la enquanto queimava, mas, antes que conseguisse, outro dos marinheiros praxianos, seguindo o mesmo caminho do comodoro, correu para cima dele brandindo um pesado porrete. Durante todo o tempo que Jason levou para se desvencilhar do marinheiro, ele se preocupou com o local em que a tocha acabaria caindo. Assim como a maioria dos navios que atravessavam os mares de areia do planeta vermelho, a corveta era composta basicamente de uma espécie de concreto leve, resistente o bastante e com um peso considerável, mas com diversos bolsões de ar que balanceavam seu peso e possibilitavam que deslizesse pelas areias. Contudo, o mais importante era que, embora o concreto em si fosse em grande parte impermeável às chamas, as tábuas eram cobertas com uma substância semelhante ao alcatrão que era *bastante inflamável*. Qualquer descuido com o fogo faria com que o navio virasse uma pilha esturricada de tábuas e vigas, deixando sua tripulação perdida nas areias, à mercê de predadores como os morcegos ou os tubarões-da-areia.

Então foi com um suspiro cansado que, assim que despachou o marinheiro do porrete, Jason se virou e notou que a tocha do comodoro parara na junção de duas tábuas no convés e que um rastro de chamas já corria em ambas as direções, seguindo o caminho da cobertura impermeabilizada.

– Capitão! – bradou Tyr, depois de voltar de baixo do convés com um corte sangrando no ombro esquerdo. – Fogo!

– Estou vendo!

Jason olhou para o convés da corveta. Ele perdera dois de seus homens na confusão e, incluindo Tyr, mais três estavam feridos, contudo o último dos marinheiros praxianos parecia ter sido eliminado. Entretanto, as chamas já haviam atingido tanto a proa quanto a popa e pulado para as velas da corveta, que estavam lentamente se transformando em fumaça e cinzas.

– O *Argo* está além do alcance dos lançadores praxianos! – gritou Tyr.
– Ele nunca vai nos alcançar a tempo!

Jason fez uma careta. A ordem para o *Argo* recuar depois que eles abordassem a corveta fora dele. E, se isso resultasse em sua morte, não tinha mais ninguém a culpar.

– Cortem as linhas dos ganchos! – gritou enquanto pulava sobre as chamas na direção da amurada. – Se tivermos sorte, chegaremos ao galeão e a afastaremos antes que *ele* também pegue fogo!

Tyr e os outros piratas sobreviventes não precisaram de mais instruções; pularam sobre a amurada da corveta para o convés do galeão e cortaram as cordas pesadas que uniam as duas embarcações.

Jason foi o último a deixar a corveta, as tábuas do convés já começando a cair sob ele. Tyr e os demais já haviam começado a empurrar o navio mercante para longe da corveta usando longos pedaços dos mastros estilhaçados do galeão para empurrar o casco do outro navio. Mas quando Jason caiu com força no convés do galeão, torcendo gravemente um joelho no processo, pedaços de vela em chamas e cinzas caíram como uma chuva ao seu redor.

– Precisamos *mover* esta banheira! – berrou Jason, caído no convés segurando o joelho em agonia. – E alguém apague essas chamas antes que se *espalhem*!

Dois membros da tripulação de Jason saíram correndo pelo convés do galeão, apagando com os pés os pedacinhos de vela que pegavam fogo, enquanto Tyr comandava os que usavam os pedaços mais compridos do mastro quebrado para afastar os navios o máximo possível um do outro. A fumaça negra vinda da corveta se misturava com as areias que os ventos fortes sopravam e, justo quando parecia que toda a esperança estava perdida, os ventos mudaram, enviando fumaça, cinzas e chamas na direção das areias.

Tyr ajudou Jason a se levantar, e ficaram observando a pira incandescente do navio vagar para longe deles sobre as areias. Os piratas tiveram que usar toda a sua força para fazer com que a corveta se movesse, mas, agora que ela havia sido posta em movimento, a inércia continuaria a levá-la. Não muito longe, mas o bastante.

– Bem – disse Jason –, vamos para baixo ver o que ele está carregando.

– Seja o que for – respondeu Tyr ao ajudar Jason a seguir mancando pelo convés –, os praxianos queriam muito tomar posse disso.

Jason estava pensando, intrigado, naquilo que o comodoro dissera quando Tyr levantou o alçapão no convés que dava para o porão do galeão.

Os dois olharam bem para o porão, o queixo do capitão caiu de surpresa e o imediato começou a bater no amuleto de pedra seca no seu peito.

– Ou talvez fosse algo que ele não queria *possuir* – murmurou Tyr –, mas *destruir*.

Lá embaixo, na penumbra do porão, dezenas de olhos assustados brilhavam, fitando-os.

Falavam um dialeto que Jason teve dificuldade de entender e estava claro que mal compreendiam seu sotaque, mas Tyr foi capaz de atuar como intérprete. Eram mães, pais, filhos, netos, todos reunidos nos confins apertados do porão do galeão. Ao invés de usar respiradores pessoais, como os tripulantes de Jason e os marinheiros praxianos, se agrupavam ao redor de aparelhos portáteis que borrifavam breves jatos de água morna através de mangueiras curtas, mantendo a pele deles tão úmida e as guelras tão oxigenadas quanto era possível. Mas a pele de todos apresentava um tom marrom acinzentado que sugeria estarem próximos da completa desidratação e do sufocamento.

Os amuletos de pedra seca que cada um segurava os marcava como adoradores do Deus Sufocado. Havia certa ironia no fato de que poderiam acabar imitando seu Deus martirizado não só na maneira como ele vivera, mas também na sua morte.

– São refugiados praxianos – explicou Tyr – fugindo da opressão.

Jason podia ver que Tyr estava tendo dificuldade para controlar seu temperamento mas parecia se tranquilizar sempre que os refugiados se dirigiam a ele com uma palavra que Jason reconheceu como “reverendo”. Muitos anos haviam se passado desde que Tyr deixara de ser sacerdote, mas era óbvio que aquele papel ainda tinha grande significado para ele.

– Eles estão falando que as coisas ficaram ainda piores em Praxis – disse Tyr. – A Hegemonia continua a tirar lentamente a liberdade daqueles que governa. Em outros tempos, uma pessoa era censurada por falar contra as ações dela ou questionar seu direito de governar. Agora, ao que parece, só ter crenças que não sejam sancionadas já é suficiente para punição.

Jason reparou nas cicatrizes que muitos dos refugiados mais velhos tinham, sinais de chicotadas, tortura e coisa pior. Alguns tinham até dedos faltando ou órbitas vazias onde antes havia olhos. E todos, do mais velho ao mais jovem, tinham uma expressão assustada que deixava claro que haviam visto coisas que deixaram marcas eternas e incuráveis em suas mentes.

– Eles fizeram um acordo com um mercador vendiano, o dono deste galeão, para conduzi-los pelas areias do norte até Vend – disse Tyr em tom amargo. – Esperavam encontrar um novo lar ali, onde desfrutariam de liberdade para praticar suas crenças em paz.

Jason se irritou. A menção de “liberdade” em proximidade tão grande da palavra “Vend” era uma ironia amarga.

– Quanto dinheiro eles têm? – perguntou, com acidez na voz.

Tyr repetiu a pergunta aos refugiados, que lhe responderam com confusas expressões e estranheza.

– Eles não entendem – disse Tyr. – Nenhum deles jamais usou dinheiro.

Em Praxis, todas as coisas eram comunitárias, divididas pela Hegemonia dominante para cada um de acordo com suas necessidades. Pelo menos a teoria era essa. Na prática, a maioria da população vivia numa pobreza esmagadora, supondo que esse era seu fardo nesta vida.

– Pergunte-lhes o que têm de *valor* – esclareceu Jason. – Eles devem ter trocado *algo* de precioso com este mercador pela passagem... Joias, relíquias de família, qualquer tipo de bem. Quanto disso restou?

Tyr retransmitiu a pergunta. Os refugiados olharam de um para outro, depois responderam.

– Eles deram tudo o que tinham de valor para o mercador vendiano – traduziu Tyr. – Não lhes restou nada.

Jason bateu com um punho na palma aberta da outra mão, tremendo de raiva e frustração. Estava furioso com o mercador vendiano que concordara em levar os refugiados e furioso com estes por terem sido claramente enganados.

– Este navio não os estava levando para a *liberdade* em Vend! – gritou. – Eles estavam indo para a *escravidão*!

Tyr respondeu baixo, falando para si mesmo, não para os refugiados:

– Capitão... Jason... Eles já passaram por *tanta* coisa...

– Não – retrucou Jason –, eles deveriam *saber*. Você sabe do que estou falando. *Diga a eles!*

As mandíbulas de Tyr estremeceram, o equivalente nativo de um suspiro. Então ele se virou para os refugiados e com paciência explicou-lhes a realidade da situação.

Jason não conseguiu acompanhar muito do que Tyr estava dizendo, mas isso não importava, pois ele conseguia imaginar o contexto. Sabia-se muito bem nos mares de areia que era contra a lei de Vend ser nômade. E qualquer pessoa que pusesse os pés nas águas de Vend era considerada errante se não pudesse provar seu local de residência. Qualquer um que fosse preso sob essa acusação poderia pagar fiança se tivesse também dinheiro suficiente para alojamento. Caso contrário, seria preso na hora, declarado culpado sem julgamento e vendido para servidão. Teoricamente, um servo podia acabar ganhando o suficiente para comprar sua liberdade, mas na prática isso nunca acontecia.

Era fácil ver o que o dono daquele galeão pensara. Os poucos badulaques que recebera dos refugiados podiam até ter algum valor, mas o verdadeiro prêmio seria recebido quando chegassem a Vend. Era prática comum para os mestres do porto de Vend fazer negócio com capitães de navio para “arranjarem” que um tripulante indesejado ou problemático fosse preso por não ter residência, e o mestre do porto dividia o resultado da venda dos servos com o capitão que os fornecera. Alguns capitães piratas até participavam ativamente da prática, fazendo prisioneiros dentre as tripulações de navios que derrotavam e os transportando para o norte para serem vendidos como servos. Na prática, era como tráfico de escravos, mas dentro da legalidade de Vend.

Os refugiados haviam fugido de uma forma de opressão e estavam seguindo direto para outra.

Pelos uivos de desespero que soltavam, Jason viu que Tyr conseguira transmitir corretamente a mensagem.

– Então o que vamos fazer com eles? – perguntou um dos piratas assim que Jason e Tyr voltaram ao convés.

Conforme os ventos responsáveis pela tempestade de areia foram diminuindo, o *Argo* navegara ao lado do galeão e agora toda a tripulação

fora notificada da natureza de seu “saque”. Só restava decidir o que seria feito a respeito.

– O que há para decidir? – perguntou outro pirata. – Eles não são da nossa conta. O vento e os tubarões-da-areia vão cuidar deles muito em breve.

Jason tinha que admitir que o tripulante estava certo sobre pelo menos uma coisa. A partir do convés, dava para ver a trilha dos tubarões-da-areia correndo pelos grãos finos das areias do deserto em busca de presas. Se os refugiados fossem tolos o bastante para tentar caminhar sobre as (ou melhor, *no meio* das) areias, não durariam muito tempo. Mesmo supondo que seus aparelhos portáteis tivessem água suficiente para impedir que sufocassem e ressecassem de imediato, os tubarões-da-areia não demorariam para fazer deles uma refeição.

Mas enquanto aquele tripulante, pelo menos, parecia perfeitamente contente em deixar os refugiados praxianos se virarem sozinhos, estava claro que outros não se sentiam tão indiferentes a essa possibilidade. Especialmente o imediato.

Tyr agarrava o pingente de pedra que pendia de seu respirador, um olhar assombrado no rosto. Jason imaginou que ele devia estar se lembrando da família e dos amigos, os quais fora forçado a deixar para trás quando os dois fugiram de uma prisão praxiana, e pensando nos horrores que poderiam ter suportado por causa de sua fé. Nos rostos daqueles refugiados desesperados, Tyr sem dúvida via o reflexo de todas aquelas pessoas.

– Podíamos levá-los de volta para o lugar de onde vieram – disse alguém.

– De volta para a opressão da qual escaparam por pouco? – debochou Tyr. – É o mesmo que condená-los à morte. Talvez devêssemos levá-los logo a Vend. Pelo menos lá eles têm uma chance de viver.

Outro tripulante fez um gesto que significava quase o mesmo nojo de um humano cuspiendo no chão.

– Pelo menos os praxianos acreditam que servem a um bem maior. Aqueles demônios de Vend não servem a nada a não ser os próprios *lucros*.

– Seria um ato de misericórdia matar todos e acabar logo com isso – interferiu outro pirata.

Uma onda de cabeças assentindo no meio dos outros tripulantes mostrou que essa seria uma solução aceitável para o dilema ético de

muitos deles.

A vida no planeta vermelho era difícil e produzia culturas que tendiam a tomar decisões difíceis. Mas a vida nos mares de areia era ainda mais complicada.

– Não – anunciou Jason. – Eles vêm conosco.

Todos os tripulantes se viraram para ele, uns com olhares confusos, outros se colocando na defensiva.

– Vêm com a gente para onde? – perguntou Tyr. – Você não está falando em devolvê-los para Praxis, está? Ou levá-los para Vend? De qualquer maneira você os estará entregando para opressão, morte ou coisa *pior*.

Jason cruzou os braços e balançou a cabeça em negativa.

– Não, eles vão voltar conosco para Porto Livre.

Os resmungos zangados de alguns tripulantes deixaram claro que aquela *não era* a solução que eles teriam escolhido. Jason torceu para que as coisas não chegassem a uma votação.

Todos os tripulantes do *Argo* haviam assinado a Carta de Artigos de Porto Livre, uma lista de regras e regulamentos que governava a vida dos piratas no planeta vermelho, tanto a bordo de suas naves quanto em casa em Porto Livre. Os Artigos ressaltavam, entre outras coisas, como um saque deveria ser distribuído entre os membros da tripulação, com uma parcela seria separada e destinada a contribuir para os cofres comunitários de Porto Livre, a fim de ser usada pelos residentes em tempos de necessidade. Mas, talvez o mais importante, os Artigos também especificavam quem lideraria tanto um navio quanto a comunidade e quando.

Jason era capitão do *Argo* porque fora eleito para aquele cargo pela tripulação, embora eles fossem tecnicamente a tripulação do *Dente de Tubarão-da-Areia* antes de Jason se tornar mestre do navio e lhe dar um nome novo. Da mesma forma, o chefe de Porto Livre era o capitão que fora eleito pela comunidade em geral para governá-los.

Contudo, só porque Jason fora eleito uma vez não significava que o posto seria dele para sempre. Assim como ele desafiara a autoridade do capitão anterior, sua tripulação também poderia desafiar a sua. Uma possibilidade seria que um número suficiente de membros da sua tripulação ficasse insatisfeito com seu comando, obtivesse o quórum

necessário para pedir uma votação e elege-se um novo capitão. Foi assim que Jason chegou ao comando.

Outra possibilidade, um resquício dos dias menos igualitários dos piratas, seria que um membro da tripulação desafiase Jason para um combate corpo a corpo, o vencedor do duelo provando ser o mais adequado para o comando. Esse último método raramente era utilizado nas gerações recentes e nunca o fora durante a época de Jason como pirata, em grande parte porque as regras determinavam que o combate deveria ser até a morte; mas era mantido nos Artigos como um tributo aos pioneiros que haviam surgido das águas e buscado a liberdade nas areias altas, provando seu valor não pela persuasão de um argumento, mas pela força de suas espadas. Era o último vestígio de um tempo anterior a Porto Livre ter verdadeiramente feito por merecer seu nome.

Quando Jason viu as colinas da cidade soterrada do convés do *Argo*, soube que estavam quase em casa.

– Onde está aquela sua fera?

Jason se virou para ver Tyr se aproximando. Ele passara muito do seu tempo nos últimos dias sob o convés cuidando das necessidades dos refugiados praxianos, liderando-os em recitações da escritura, compartilhando lembranças de dias mais felizes e assim por diante.

– Você está falando do Bandido? Tenho certeza que mais cedo ou mais tarde ele aparece – respondeu Jason. – Ele sempre aparece.

Seu morcego de estimação partira antes do combate com a corveta praxiana e Jason não o vira desde então. Mas isso não era tão incomum. Seu “bichinho de estimação” estava apenas a um passo de ser um animal selvagem e obviamente valorizava sua independência.

Tyr se juntou a Jason na amurada e ficou olhando enquanto a cidade soterrada passava lentamente. Podiam ouvir os resmungos de alguns dos tripulantes, que ainda reclamavam da presença do “rebotinho” praxiano no convés.

– Um dia já fomos um povo melhor – disse Tyr a Jason baixinho, olhando de lado para os tripulantes insatisfeitos. – Um *grande* povo. Mas acho que a seca que assolou nosso mundo secou também os poços de compaixão na maioria de nós.

Quando chegou a Marte, Jason ficou surpreso ao perceber que a forma de vida dominante de um mundo desértico era aquática. Entretanto, em pouco tempo descobriu que, quando a vida surgira e evoluíra, o planeta vermelho era inteiramente coberto por oceanos profundos. Civilizações complexas haviam florescido nas antigas águas, vastas cidades-Estado trançadas numa complexa rede de trocas comerciais e culturais.

Contudo, alguns milhares de anos antes da chegada de Jason, tudo isso mudara. Os oceanos começaram a recuar, primeiro devagar, depois mais rápido a cada ano. Céticos no meio da população argumentaram que o que estavam vivenciando era um ciclo natural e que as águas já haviam tido marés altas e baixas muitas vezes antes. Já os que tinham os olhos mais voltados para o futuro perceberam o que viria à frente se os mares continuassem a encolher. E tinham uma solução.

Quando lugares como a cidade soterrada diante deles se perderam para a terra seca, um complexo sistema de canais já havia sido construído, ligando pontos muito baixos onde, esperava-se, as águas seriam contidas mesmo que desaparecessem do resto do globo. A população se mudou para esses novos santuários, deixando seus velhos lares para trás, mas preservando o máximo possível de suas antigas culturas enquanto continuavam a trocar artigos e ideias ao longo dos canais estreitos que conectavam seus novos lares.

E, por algumas gerações, pareceu que o pior ficara para trás. Os oceanos haviam recuado drasticamente, mas ainda existia água nos canais e nos santuários de baixa elevação. A vida continuava quase inalterada, embora sob uma considerável tensão.

A seca que assolara o mundo estava apenas reduzida, não sumira, e com o passar do tempo alguns dos canais foram ficando cada vez mais rasos, até que por fim os residentes aquáticos dos santuários não conseguiram mais navegá-los. O que havia sido um sistema global que conectava cada ser vivo em Marte se tornou uma série de redes fragmentadas, isoladas umas das outras, separadas pelas areias inclementes.

Agora tudo o que restava daquela cultura global outrora orgulhosa eram ruínas como essa cidade soterrada. Pedacos de estátuas, torres com telhados altos e colunas eram tudo o que se elevava acima das areias, como um pomar de lápides.

Jason desviou o olhar das ruínas e encarou Tyr, uma expressão solene no rosto.

– Seu povo pode ser grande novamente. Se um número suficiente de vocês *quiser* isso.

O *Argo* chegara ao ancoradouro do lado de fora de Porto Livre e, enquanto a tripulação se preparava para deixar o navio, Tyr conduziu os refugiados pela prancha até o cais de pedra, e de lá até as águas do oásis. Havia quase uma dezena de navios de areia ancorados; quase todos chamavam Porto Livre de lar e alguns estavam descarregando seus saques mais recentes, enquanto outros se preparavam para navegar mais uma vez as areias.

Quando, diversos milênios antes, os engenheiros construíram a rede de canais que conectava as áreas baixas, havia um punhado de pontos que ficavam muito distantes uns dos outros para serem incluídos. Um deles era o lago que os primeiros piratas haviam batizado de “Porto Livre”. Ele ficava a vários dias de viagem do ponto mais próximo de qualquer um dos sistemas de canais, viajando pelas áreas altas, e sua localização era um segredo bem guardado. Escondido pelas colinas da cidade soterrada a leste e por uma cadeia de montanhas que corria de sudoeste a noroeste, ele só podia ser abordado pelo sul, e mesmo assim os capitães tinham que tomar cuidado para se desviar das muitas armadilhas ocultas que os habitantes montavam logo abaixo da areia. Qualquer um que tentasse se aproximar de Porto Livre sem conhecer a complicada rota a tomar estaria perdido nas areias, o casco estilhaçado pelas defesas dos piratas.

Jason estava no convés, colocando o complexo aparato respiratório que lhe permitia percorrer as ruas de Porto Livre sem se afogar. O prédio que chamava de casa era pressurizado, com ar respirável e comportas para fechá-lo, e também com água suficiente em fontes e piscinas internas para que seus amigos nativos pudessem visitá-lo sem correr o risco de se desidratarem ou sufocar. Para chegar à sua casa, ele precisava percorrer uma distância considerável sob as águas, assim como fazia quando queria se juntar à vida cotidiana da comunidade de Porto Livre.

Tyr já estava com os refugiados nas docas e embaixo d’água quando Jason se juntou a eles, uma sacola pendurada no ombro e um capacete transparente em forma de globo fechando completamente a cabeça. O

joelho que machucara a bordo do galeão estava melhor, mas ainda não o suficiente, e ele ficou feliz quando entrou na água e pôde tirar o peso dele.

Tyr já havia removido seu incômodo respirador, e os refugiados estavam dando graças por poderem respirar livremente pela primeira vez desde que subiram a bordo do galeão vendish algumas semanas antes.

– Finalmente – ecoou uma voz no capacete de Jason, alta o bastante para ser transportada pelas águas – você nos traz algo de *valor*, Pele-rosada!

Jason estendeu as mãos em concha e balançou os braços para girar ao redor do próprio eixo. Às vezes lhe era difícil discernir uma voz marciana de outra embaixo d'água, mas agora sabia exatamente quem estava falando.

– Rac, que *bom* ver você – respondeu.

Dentro do capacete, o nome soava como uma maldição aos ouvidos de Jason. Mas suas palavras estavam sendo captadas por um microfone sob o queixo e amplificadas por alto-falantes incorporados à concha exterior do aparato de respiração em um volume que os nativos pudessem perceber, e ele não tinha certeza se o veneno em sua voz se perdera no processo.

– É *capitão* Rac, devo lembrar.

A água diante do rosto de Rac ondulava, a pista visual de que suas mandíbulas batiam em risos. Ele estava parado com sua tripulação, que se preparava para atravessar as areias altas.

Quando estavam em casa em Porto Livre, era comum que todos os residentes fossem tratados como iguais, seus postos e títulos sendo usados apenas a bordo de seus navios. Mas uma grande exceção era o capitão selecionado pelos demais para governar o próprio Porto Livre, que era considerado o comandante de toda a comunidade.

Rac se aproximou dando aos refugiados aglomerados ali um olhar avaliador.

– E eu que pensei que você sempre desaprovasse a venda de prisioneiros para os vendianos. Este grupo que você reuniu é bem infeliz, mas mesmo assim a venda deles vai encher os cofres de Porto Livre.

Jason se irritou e, pelo canto do olho viu Tyr assumir uma postura defensiva. A primeira vez que eles se confrontaram com Rac foi no navio pirata que os recolhera depois da fuga de Praxis, em que Rac servia como tripulante júnior. Ele se ressentia do fato de que o estrangeiro de pele

rosada e o sacerdote sem batina haviam sido recebidos como membros da tripulação, e não vendidos para escravidão, e as tensões entre eles só não se tornaram um duelo até a morte porque os Artigos proibiam tripulantes de fazerem mal uns aos outros.

Nos anos que se passaram desde então, Rac acabara assumindo o comando do próprio navio, assim como Jason, mas a inimizade entre eles apenas diminuía, nunca desaparecera. Discutiam com frequência, especialmente desde que Rac fora eleito capitão-chefe de Porto Livre, e a coisa ficava ainda pior quando o tema era a venda de prisioneiros para servidão.

– Estes não são *prisioneiros* – respondeu Jason com desdém, lutando contra a vontade de puxar sua espada. – São nossos *convidados*.

A água na frente do rosto de Rac formou um pequeno turbilhão quando as mandíbulas dele vibraram com uma risada.

– Muito engraçado, Pele-rosada! Assim como aquela fera que você chama de bichinho de estimação, imagino.

Rac riu ainda mais e a água praticamente se tornou um redemoinho.

Jason deu um passo à frente.

– Não, Rac. Estou falando *sério*. Você *não vai* tocar neles.

A água ondulou numa risada breve, depois Rac ficou sério.

– Eles assinaram os Artigos?

Jason balançou a cabeça dentro do capacete-bolha.

– Não, é claro que não. *Olhe* só para eles. Eles não aguentariam a vida de um pirata.

– Se não assinaram os Artigos de Porto Livre, não são *residentes* de Porto Livre. – Rac tomou impulso do chão e saiu flutuando pela água até estar bem próximo dos refugiados. – E, se não são *residentes*, devem ser classificados como *saque*. E nenhum homem pode manter o saque do navio só para si. Ele deve ser dividido entre a tripulação e os demais residentes.

– Eles são pessoas livres! – gritou Jason. – Você não pode tratá-los como propriedade!

Rac fez um gesto de deboche.

– Só os moradores de Porto Livre são *verdadeiramente* livres. Todos os outros são escravos de um tipo ou de outro, seja da riqueza ou da ideologia.

– Liberdade deveria ser direito de todos! – retrucou Jason.

Os tripulantes das outras embarcações que carregavam ou descarregavam no cais haviam reparado na discussão, e muitos pararam, esperando para ver o que ia acontecer, incluindo muitos dos capitães.

– Cuidado, Pele-rosada – disse Rac. – Você está chegando perto de violar os Artigos com esse tipo de conversa.

Jason olhou à sua volta para os rostos de todos os residentes, procurando os outros capitães. Pôde ver que vários deles eram claramente simpáticos à sua posição, mas outros não.

– E, como capitão de Porto Livre – continuou Rac, se dirigindo à multidão –, eu reivindico *agora* a porção do saque do *Argo* que diz respeito à cidade. E como já faz algum tempo que suas contribuições para os cofres têm sido inadequadas, deixando o *Argo* em débito segundo os termos dos Artigos, a parcela de Porto Livre incluirá *todo* esse rebotelho.

Rac agarrou o braço da refugiada mais próxima, uma adolescente que entrava na vida adulta, e fez um gesto para que os tripulantes que estavam mais perto se aproximassem.

Enquanto a tripulação de Rac rodeava os confusos refugiados, preparando-se para escoltá-los até o navio de Rac e prepará-los para o transporte para o norte, para Vend, Tyr se aproximou de Jason com uma fúria mal contida.

– Você precisa *fazer* alguma coisa – disse baixinho.

Jason ficara completamente parado e silencioso, tentando não deixar suas emoções vencerem seu julgamento e buscando descobrir uma solução.

– Capitão – pediu Tyr novamente. Mesmo em casa, ele sempre era o imediato, nunca ficava inteiramente à vontade tratando seu capitão como um igual.

Jason percebeu que sua mão agarrava o cabo da espada com tanta força que doía.

Tyr agarrou o ombro de Jason.

– Você sabe o que acontecerá com eles no norte.

Jason poderia tentar convencer um número suficiente dos outros capitães para formar um quórum, sabia disso, e pedir uma eleição na esperança de tirar Rac da chefia de Porto Livre. Mas isso levaria tempo e, antes que ele conseguisse falar com um número suficiente de capitães, Rac já teria partido. Além de não haver garantia nenhuma de que o capitão

seguinte não fosse ter a mesma opinião em relação ao comércio de escravos.

Tyr agarrou o ombro de Jason ainda mais forte.

– Capitão Rac! – gritou Jason, afastando-se de Tyr, avançando e puxando a espada. – Eu o desafio, pelo Primeiro Artigo, pelo direito de liderar Porto Livre.

Todos os olhos se voltaram para Jason, depois para Rac, que ficou parado de braços cruzados, a água diante de seu rosto borbulhando com um riso de ironia.

Jason estava em cima dos ombros de uma estátua sem cabeça enterrada até a cintura nas areias. Perto dele, pouco além do alcance de seu braço, Rac se achava agachado sobre uma coluna rachada que se erguia como uma árvore inclinando-se a um vento forte.

A tradição exigia que, como desafiado, Rac escolhesse o local do combate corpo a corpo. Não foi surpresa a escolha das areias de duelo que ficavam na cidade soterrada e tinham grande quantidade de pedra seca.

– Você é uma aberração, mas seus músculos não vão adiantar de muita coisa *aqui*, Pele-rosada – debochou Rac. – Pode pular mais alto e longe se quiser, mas há uma grande chance de que *eles* estejam ali esperando quando você pousar.

Rac apontou para as areias que os cercavam; vestígios de tubarões-da-areia ondulavam por todo lugar.

O joelho direito de Jason ainda doía por conta do machucado a bordo do galeão dias antes. Ao longe, ele podia ouvir o som dos partidários de Rac rindo daquele último comentário. Cerca de meia dúzia de navios da areia estavam ancorados ao redor deles, seus conveses lotados com quase toda a população de Porto Livre. Os refugiados praxianos foram reunidos no navio do próprio Rac, acorrentados, ofegantes enquanto passavam seus aparatos de respiração portátil uns para os outros.

Tyr e o resto da tripulação do *Argo* estavam no seu convés, com expressões solenes e tensas. Se Jason falhasse em derrotar Rac, o *Argo* teria que eleger um novo capitão. Era vencer ou morrer. Não havia terceira opção.

Jason podia ver que Tyr estava rezando, braços levantados sobre a cabeça. Foi sobre uma pedra seca igual àquela que o deus dele fora

martirizado. E era mais ou menos pela mesma razão que os habitantes de Porto Livre haviam selecionado a cidade soterrada como um de seus principais locais de duelo gerações antes. Não havia como fugir, nenhum lugar onde se esconder. No alto, o sol castigava impiedosamente; embaixo, as areias continham muitos perigos. Se o respirador de um marciano acabasse, ele morreria de sufocamento e desidratação em pouco tempo.

Mas as armas que os combatentes carregavam asseguravam que nenhum dos dois teria que esperar tanto tempo assim.

– Rac, ainda posso retirar o desafio! – gritou Jason. – Não precisamos fazer isto. Basta deixar essas pessoas irem e podemos...

O restante de suas palavras se afogou no pipocar agudo de um chicote estalando a centímetros do seu rosto, o ar seco explodindo com a descarga elétrica.

– Já passei tempo demais ouvindo você falar! – berrou Rac. – Cale a boca e *morra*.

Sendo a parte desafiada, Rac também tivera a escolha das armas. Então optara pela menos adequada aos talentos de Jason.

– Tudo bem – resfolegou Jason. Estalou o chicote que levava na mão direita, permitindo que se desenrolasse e caísse até seus pés. – Chega de papo.

Então levantou o braço acima da cabeça em um círculo lento, balançando o chicote pelo ar, e depois puxou-o para trás com um safanão, mandando a cauda para a frente, só para trazê-lo de volta com um estalo assim que alcançou o topo da coluna onde Rac aguardava.

As mandíbulas de Rac estremeceram de gargalhar quando ele saltou rapidamente da coluna até um telhado que se elevava sobre as areias, bem a tempo de evitar o chicote de Jason.

– Você nunca pegou o jeito, nem podia, não é, Pele-rosada?

Desde que chegara ao planeta vermelho, Jason se aproveitara de sua maior velocidade e força em relação aos nativos, derivadas da baixa gravidade. Mas tarefas que pediam sutileza e um toque leve, que exigiam que ele controlasse sua força, eram mais difíceis para ele. Os chicotes, que os nativos eram capazes de manipular como serpentes escorregadias embaixo da água e como relâmpagos no ar, sempre foram difíceis para Jason.

Mas ele ainda não ia desistir.

O chicote de Rac disparou mais uma vez pelo ar e, quando subiu em sua direção, Jason conseguiu andar para o lado e quase evitá-lo. A ponta do açoite raspou seu ombro nu, enviando um choque de dor para seu peito, acompanhado pelo cheiro acre da carne queimada. Isso quase fez com que ele soltasse sua arma. Mesmo um golpe certo não teria sido fatal se o atingisse no mesmo ponto. Ele podia sobreviver a um choque num braço ou numa perna, mas um no tronco faria com que seu coração parasse de bater, e um na cabeça fritaria seu cérebro.

Enquanto Jason recuperava o equilíbrio e atacava com o próprio chicote, Rac já subira em outro telhado e, quando o chicote de Jason estalou no espaço vazio, Rac já se achava no topo de outra estátua arruinada. Os tubarões-da-areia abaixo circulavam famintos, rastreando os movimentos, e, no alto, um bando de morcegos girava silenciosa e pacientemente.

O chicote de Rac avançou mais uma vez e Jason saltou do topo da coluna com o mínimo de força que pôde usar, tentando pousar no topo do telhado de um templo que se destacava das areias num ângulo inclinado. Mas calculou mal a distância – acostumado a compensar a força dos seus saltos, não levou em conta o joelho machucado – e quase não conseguiu. Balançou os braços como se pudesse nadar no ar rarefeito e quase não conseguiu segurar a borda do telhado, ficando pendurado por um instante no precipício e quase perdendo o chicote.

Enquanto lutava para se erguer no telhado inclinado, ouviu um assobio e um estalo, acompanhados de uma dor terrível na perna esquerda. Perdeu o chicote, que caiu nas areias e foi instantaneamente engolido por um dos tubarões. Desabou no telhado, a perna sofrendo espasmos violentos por conta do forte choque que recebera.

Conseguiu rolar de costas bem na hora que o chicote de Rac assobiou e estalou em cima dele mais uma vez. Um segundo depois e seu rosto teria sido o alvo.

Jason lutava para se sentar quando Rac pousou suavemente do outro lado do telhado, a cerca de 5 metros. O chicote de Rac serpenteava na sua mão enquanto ele girava o braço para a frente e para trás, acumulando velocidade, e andava lentamente na direção de Jason.

– Eu devia ter matado você logo que o vi – disse Rac, balançando a arma num arco longo sobre a cabeça, mais rápido a cada rotação. – Você sempre foi um incômodo para mim.

Jason não conseguia se levantar, a perna esquerda ainda inutilizada e sofrendo espasmos por causa do choque. Os braços e as mãos ainda funcionavam, mas, sem uma arma, era incapaz de contra-atacar. Rac conseguia manter distância e atingi-lo tantas vezes quantas precisasse para matá-lo, ou jogá-lo do telhado, o que viesse primeiro. Naturalmente, se conseguisse acertar a cabeça de Jason, tudo estaria acabado.

A menos que Jason conseguisse equilibrar as coisas um pouquinho.

– Adeus, Pele-rosada – disse Rac, as mandíbulas batendo com uma risada doentia. – Não sentiremos sua falta!

Rac impulsionou o braço para trás, depois para a frente, buscando atingir a cabeça de Jason com a ponta do chicote. Mas no último momento, quando o chicote assobiou em direção ao seu rosto, Jason avançou as mãos com velocidade estonteante e o agarrou, segurando com o máximo de força possível.

Seus braços tremeram com a descarga de energia, mas ele não o largou. Sua mente se alucinou com a dor, mas ele continuou segurando.

– Idiota! – xingou Rac e puxou o chicote com toda sua força.

Jason escolheu esse momento para puxar o chicote em *sua* direção e, num teste de força bruta, mesmo apesar da dor, conseguiu superar o outro. Rac soltou um palavrão zangado quando o cabo do chicote saiu do seu alcance.

Usando as últimas forças que restavam em seus braços agora quase inteiramente dormentes, Jason balançou o pesado cabo do chicote por cima da cabeça, soltando-o quando estava no auge do arco. A arma saiu voando e pousou nas areias bem a tempo de atrair a atenção de um grupo de tubarões, que avançaram e a devoraram em questão de segundos.

Jason caiu mais uma vez na superfície quente e seca do teto do templo, os braços estremecendo descontrolados. Tinha dificuldade para respirar, mas de algum modo continuava consciente.

Uma sombra caiu sobre o rosto de Jason quando Rac se aproximou.

– Que pena que nunca conseguiremos chegar a seja lá qual for o mundo de onde você veio, Pele-rosada. – Rac chegou mais perto. – Se ele estiver cheio de gente igual a você, conquistaríamos todo esse mundo rapidinho.

Estendeu as mãos e seus dedos se fecharam nos ombros de Jason. O marciano o levantou um pouco e começou a arrastá-lo para a borda do telhado.

– Seja lá qual for a vida após a morte que aguarda criaturas como você – disse Rac –, espero que seja uma decepção.

Inclinou-se devido ao peso do corpo de seu oponente. No instante em que se aproximaram da borda do telhado, Jason usou o único membro ainda sob seu controle e deu um chute, quebrando um dos joelhos de Rac. Quando o outro uivou de dor, enganchou sua perna ao redor da outra perna dele e *puxou*.

Ainda uivando de dor e raiva, Rac despencou por sobre a borda. Jason voltou a desabar no telhado, olhos fechados, incapaz de mover qualquer músculo. Mas quando os gritos do inimigo terminaram com uma pancada suave, rapidamente seguida pelo som de dentes mastigando, Jason se permitiu um sorriso amargo.

Outra sombra passou voando sobre seu rosto, e ele sentiu garras afiadas se cravando no seu abdômen.

– Ah, qual é! – exclamou Jason.

Sobreviver a um duelo com um inimigo perverso só para servir de refeição para um morcego? Onde estava a justiça disso?

Ao invés de sentir a dor do animal mordiscando sua pele e o devorando vivo, Jason sentiu um puxão no cinto quando o morcego tentou alcançar a bolsa pendurada ali.

Abriu os olhos e conseguiu dar um sorriso fraco.

– Sabe, Bandido, se você tivesse aparecido apenas alguns minutos atrás, até podia ter me *ajudado*...

O sol estava começando a deixar o céu cor-de-rosa a leste quando o *Argo* avistou sinal de água bem à frente.

– O senhor está certo quanto a isso, capitão? – perguntou Tyr, olhando desconfiado o morcego empoleirado no ombro de Jason.

– Vocês podem ser um grande povo novamente – respondeu Jason com um sorriso. – Só precisam remover alguns obstáculos do caminho.

As mandíbulas de Tyr bateram com um riso seco.

– Vou dar o sinal ao resto da frota.

Quando seu imediato foi transmitir as ordens à dezena de navios que navegava atrás deles, Jason olhou pelas areias e viu a rede de canais que acabava de aparecer diante dele.

Não fora fácil, mas, assim que se tornara o líder de Porto Livre, conseguira convencer um número suficiente de capitães a apoiarem seus planos, que agora, meses depois, finalmente estavam sendo executados. Praxis seria a primeira. Isolariam a Hegemonia de qualquer comércio exterior e depois lançariam equipes de ataque anfíbias, armando dissidentes praxianos e ao mesmo tempo dismantelando a capacidade da Hegemonia de suprimir a dissidência.

Não seria fácil nem rápido, mas com o tempo a Hegemonia cairia.

E, assim que o povo de Praxis conhecesse o significado da “liberdade”, eles voltariam suas atenções para o norte, para Vend. Tão logo a coleira com a qual a riqueza de Vend mantinha o resto da população preso fosse quebrada, Jason continuaria a navegar, destruindo a opressão onde quer que fosse. Navegaria através do mundo se preciso.

Jason não tinha medo disso; ele já navegara entre mundos.

A ÁRIA DA RAINHA DA NOITE

IAN MCDONALD

O autor britânico Ian McDonald é ambicioso e ousado, seus temas são muito variados e seu talento é impressionante. Sua primeira história foi publicada em 1982 e desde então ele tem aparecido com alguma frequência nas revistas *Interzone*, *Asimov's Science Fiction* e várias outras. Em 1989 ganhou o prêmio Locus de Melhor Primeiro Romance por seu livro *Desolation Road*. E também recebeu o prêmio Philip K. Dick em 1991 pelo romance *King of Morning, Queen of Day*.

Entre seus outros livros estão: *Brasyl* (publicado pela Saída de Emergência Brasil), *Out on Blue Six*; *Hearts, Hands and Voices*; *Terminal Café*; *Sacrifice of Fools*; *Evolution's Shore*; *Kirinya* e *Ares Express*. Tem também três coletâneas de contos: *Empire Dreams*, *Speaking in Tongues* e *Cyberabad Days*. Seu romance *River of Gods* foi finalista dos prêmios Hugo e Arthur C. Clarke em 2005, e uma novela tirada desse universo, “The Little Goddess”, foi finalista dos prêmios Hugo e Nebula.

Ele também recebeu o prêmio Hugo em 2007 por sua noveleta “The Djinn’s Wife”, o Theodore Sturgeon por seu conto “Tendeléó’s Story” e o John W. Campbell Memorial em 2011 pelo romance *The Dervish House*. Seus livros mais recentes são *New Moon* e *Wolf Moon*, ambos da série Luna.

Nascido em Manchester, Inglaterra, em 1960, McDonald passou a maior parte da vida na Irlanda do Norte e hoje vive e trabalha em Belfast.

Nas guerras recentes, artistas têm visitado as tropas nas linhas de frente, muitas vezes correndo riscos consideráveis. Contudo, nenhum deles chegou a visitar um campo de batalha tão estranho, ou se apresentou para uma plateia tão bizarra e inumana, nem correu um risco tão iminente como os infelizes artistas da brilhante e engraçada história a seguir.

— Meu Deus. Ainda estamos em Marte, maldição.

O conde Jack Fitzgerald, virtuose e maestro, *soprattutto*, estava na janela da suíte da Torre do Paraíso do Grand Valley Hotel vestindo apenas uma camisa. Diante de seus pés, a cidade esculpida de Unshaina despencava em plataformas e degraus, torres e cortiços. Bondinhos guinchavam ao longo de linhas convolutas entre os cumes esculpidos das colônias reais. Deuses de pedra de muitos corpos se empoleiravam no alto de pilares de quase 2 mil metros de altura e acima deles os senhores do céu da 9ª Frota pendiam no céu vermelho. Mais altas ainda ficavam as pedras da borda do Grande Vale, esculpidas em padrões entrelaçados com ameias e matacões, e, acima de tudo, na margem da atmosfera ficavam as naves da Frota Espacial, as sombras crepusculares enfeitadas com as luzes. Uma cadeira-elevador levada por um esquadrão de twav passou pela janela, subindo e descendo conforme o bater das asas dos carregadores. A cadeira levava um humano com um sobretudo comprido de servidor civil da Força Expedicionária. Uma das mãos agarrava uma valise diplomática, a outra, os cabos do arnês da cadeira. Óculos de proteção contra poeira cobriam os olhos; a boca estava aberta de medo.

— Oh, meu Deus, olhe só aquilo! Estou enjoado. Seu odioso funcionário do governo, como ousa me fazer sentir náuseas logo de manhã cedo? Você jamais me fará entrar numa daquelas coisas, Faisal, jamais. Eles *cagam* em você. É verdade. Eu já vi. O fundo do vale está coberto com 150 metros de guano de morcegos marcianos.

Eu venho de uma família calma e discreta, mas, mesmo com toda a minha descrição, nunca consegui pegar o conde Jack desprevenido. Tenores têm bons ouvidos.

— Maestro, o comando deu instruções explícitas. “Morcegos marcianos” não é aceitável. A expressão oficial é civilização twav.

– Mas que bobagem. Eles se parecem com morcegos marcianos, é o que são. Nenhuma civilização jamais foi construída com base na defecação aérea. Onde está meu chá? Exijo chá.

Entreguei ao maestro sua xícara matinal. Ele tomou um gole longo e barulhento; falta de etiqueta era parte de sua persona profissional. O conde campestre de Kildare: ele insistiu que isso aparecesse em todos os seus cartazes. Apesar dos títulos e honrarias, o conde Jack Fitzgerald já passara do auge da carreira, ainda que não da automitologização. O título aristocrático era uma honra papal concedida a seu avô, um lojista devoto que, mesmo assim, era considerado quase um santo em Athy. As maçãs do verdureiro piedoso teriam ficado marrons com o flagrante desrespeito de seu neto pela religião e sua moral. A cama tamanho imperador da suíte da Torre do Paraíso felizmente não estava perturbada por outro corpo. O conde terminou o chá, espreguiçou-se esticando bem até seus quase 2 metros de altura, colocou a barriga generosa para dentro e começou a estalar as articulações.

– Ah, Deus o abençoe, meu querido rapaz. Nenhum dos outros consegue fazer um chá que valha o mijo de um funileiro.

Durante os últimos seis meses, muito antes daquela excursão a Marte, eu vinha colocando um pouco de estimulante no chá da manhã.

– E eles nos adoraram? Os homens fortes choraram como crianças e as mulheres ovularam?

– Os chefes da junta ficaram encantados.

– Bem, o encantamento não chegou até os malditos bolsos deles. Um pouco de consideração não teria sido ruim. Filisteus.

Uma performance gratuita no comando para os generais, almirantes e brigadeiros era mais ou menos obrigatória para todos os artistas da Terra que tocavam no front marciano. O Exército e a Marinha normalmente apresentavam dançarinas exóticas e strippers. Do piano, você repara em muitas coisas, como o condecorado senhor do céu cochilando durante o medley de velhas canções irlandesas do maestro, mas o noticiário dizia que ele acabara de retornar de uma dura campanha contra as Comédias de Syrtia.

– Ferid Bey deseja ver o senhor.

– Aquele detestável otomanozinho. O que ele quer? Mais dinheiro, eu lhe garanto. Não o encontrará. Ele estraga meu dia. Eu o repudio.

– Às onze horas, maestro. No canal Court.

O conde Jack bufou com força em sinal de resignação.

– Como assim? Ele não pode pagar o Grand Valley? Com a percentagem que tira de mim? Não que fossem deixá-lo entrar... Deveriam ter uma placa: nada de cachorros, uniformes ou agentes.

Nós também não podíamos pagar pelo Grand Valley, mas confia-se na discrição de um acompanhante para lidar com verdades como essa. Eu já conseguira usar minha lábia para não pagarmos contas de hotéis antes.

– Vou agendar um transporte.

– Se precisar.

A atenção dele mais uma vez se voltou para a paisagem do desfiladeiro da grande cidade dos twav. O sol se erguera sobre o desfiladeiro feito as sombras das espirais, pirâmides e torres de Unshaina. Convocados pela luz, bandos de twav saíam das fendas de suas casinhas escavadas na rocha nua e saíam caçando pelo Grande Vale.

– Alguma chance de um pouquinho mais de seu chá especial?

Peguei a xícara e o pires de sua mão estendida.

– Claro que sim, maestro.

– Muito obrigado, querido rapaz. Eu ficaria, é claro, perdido sem você.

Fez um gesto mandando que eu saísse.

– Obrigado. Maestro...?

Ele se virou da janela e eu disse:

– Calças.

Para um homem grande, o conde Jack Fitzgerald vomitava muito discretamente. Ele se inclinou para fora da cadeira-elevador, teve uma rápida convulsão e a coisa toda caiu num único jato entre os pináculos esculpidos de Unshaina. Limpou a boca com um lenço branco muito grande e pronto, estava acabado. Ele culparia a mim, culparia os carregadores da cadeira-elevador, culparia toda a civilização twav, mas nunca as três xícaras do chá especial que tomara enquanto eu fazia as malas, nem a garrafa que era sua companheira perene na mesinha de cabeceira.

A saída do hotel fora problemática dessa vez. Eu jamais diria isso ao conde Jack, mas muito tempo se passara desde a última vez em que eu

conseguiu convencer alguém a aceitar a palavra do conde campestre de Kildare apenas pelo reconhecimento do seu nome.

– Vocês vão deixar as malas – disse o gerente. Ele era armênio. Nunca ouvira falar na Irlanda, quanto mais no condado de Kildare.

– Mas estou dizendo que vamos voltar – respondi.

– Então por isso mesmo vocês vão ter que deixar as malas.

– Meu santo Deus! – exclamara o conde Jack quando as duas cadeiras do céu assentaram sobre a pista de pouso do Grande Vale. – O que está tentando fazer, me matar, seu infiel irresponsável? Meu coração é sensível, muito sensível, eu lhe digo, magoado por décadas de inveja profissional e bilhetes venenosos.

– É o caminho mais rápido e direto.

– Balançando para todos os lados num maldito táxi-morcego e nenhum dinheiro em lugar nenhum, claro – resmungou o conde Jack enquanto apertava seu cinto e os twav, sentindo a tensão, subiam.

Ele deu um grito fraco quando a cadeira começou a balançar sobre o vale de quase 2 mil metros de profundidade. Seu fundo era formado pelas agulhas das colônias inferiores, algo parecido com uma fileira de lanças enfiadas na rocha vermelha do Grande Vale. O conde agarrou os cabos com os dedos brancos, gemendo um pouco, enquanto os carregadores twav o balançavam entre as gôndolas dos bondinhos e ao redor das torres de rocha repletas de janelas residenciais.

Eu gostei bastante da viagem. Minha vida tem tido poucos momentos de empolgação. Arrumei o cargo de acompanhante do maestro para fugir da função de anotar os royalties que ele ganhava – essa era a melhor posição para se entrar na indústria da música que alguém com meu nível de formação conseguiria. Era glamouroso, mas não empolgante. O glamour é apenas mais um ambiente de trabalho. As pessoas se recuperam da fascinação com muita rapidez. Meu último grande momento de empolgação foi a noite anterior à nossa partida para Marte. Naves! Viagem espacial! Ora, mal pude dormir na noite antes do lançamento. Mas logo descobri que uma viagem espacial é muito parecida com um cruzeiro marítimo, sem os conveses para passeio e as excursões, e com muito, muito menos gente. E a comida é muito, muito pior. Por mais que a companhia fosse tediosa e desgastante para mim, tirei algum prazer do fato de que para os outros passageiros e a tripulação, era impressionante ficar três meses no mesmo lugar que o conde Jack.

Tenho um interesse pessoal nessa guerra. Meu avô foi um dos mártires que morreram nos primeiros minutos da invasão de Horsell Common. Ele foi a primeira geração da família a nascer na Inglaterra. Estava orando na mesquita de Woking e foi consumido pelo raio de calor do tripé de guerra uliri. Milhares morreram naquele dia e, embora tivéssemos levado duas gerações para dominar a tecnologia uliri de modo a manter nossos céus seguros e preparar uma frota para lançar a Operação Justiça Duradoura, o grito ainda se faz ouvir como se fosse novo: “lembrem-se de Shah Jehan!” Eu estava no meio da multidão ao redor da cratera naquele mesmo Horsell Common. Enquanto isso as pessoas se reuniam ao redor de outras crateras da invasão ou nos topos das colinas, em praias, nas margem dos rios, em telhados, lugares sagrados, qualquer lugar com uma boa visão do céu aberto, para ver a noite se iluminar com os motores de nossa Força Expedicionária. As palavras nos meus lábios, e nos de todos os outros naquela fria noite de novembro, eram “Justiça, justiça”, mas no meu coração eram “Lembrem-se de Shah Jehan!”.

“Rejubilem-se! Rejubilem-se!”, nosso primeiro-ministro nos disse quando nossas tropas capturaram Unshaina, conquistaram a civilização twav e transformaram o Grande Vale em nosso quartel-general e fábrica de munições. É mais difícil manter seu fervor patriótico quando as naves espaciais estão a meses de distância e do outro lado do Sol, e ninguém realmente acredita na ideia de que os twav eram os malignos mentores militares da máquina de guerra uliri. Nem, quando essa história fracassou, engolimos o segundo prato de propaganda: que os twav eram escravos mentais dos uliri e nós os havíamos libertado em nome da democracia. Uma espécie que atinge um tipo especial de senciência quando cisca e se junta em bando me parece encarnar a própria ideia de “consciência popular”. Os deuses de muitos corpos no alto das espirais finas e aflautadas de Unshaina representam uma verdade: nossas melhores, nossas mais criativas, nossas mais brilhantes mentes podem ser toda a divindade de que precisamos.

Já se passou muito tempo desde a última vez que orei.

O conde Jack soltou um pequeno gemido quando sua cadeira mergulhou bruscamente entre as pedras das Agulhas de Alabastro: o espaço entre elas era bem pequeno. A chefe assobiou instruções para sua tripulação – o mais baixo registro da linguagem deles era igual ao nosso mais alto registro auditivo – e eles foram habilidosos ao nos levar pela

espiral descendente de colmeias, através de arcos e sobre contrafortes até os terraços do grande cais oeste do Grande Canal. Ali, entre a pedra sinuosa, os humanos haviam construído casas baratas e albergues. O Canal Court Hotel era barato, mas esse não era seu principal atrativo: Ferid Bey tinha apetites mais bem servidos por michês baixos e a proximidade do cais.

Enquanto o conde Jack cambaleava, resmungava e jurava que nunca mais voltaria a andar normalmente, dei à chefe responsável pela cadeira uma generosa porção de pratos como gorjeta e ela fechou as mãos num gesto de respeito.

– Estamos falidos – disse Ferid Bey.

Estávamos sentados tomando café no terraço do hotel vendo estivadores twav erguerem e carregarem pallets das escotilhas abertas das barcas de carga. Eu disse “café”, mas era um substituto inferior da Força Expedicionária: vil, fraco e com um aroma perturbador de excremento. Ferid Bey, que, como cidadão do grande Império Otomano, era apreciador de café, fazia uma careta a cada gole. Eu disse “terraço”, mas era um espaço no meio de latas de lixo, um nicho para duas mesas que captava o vento e levantava a poeira num redemoinho perpétuo. Ferid Bey usava seus óculos para poeira, mantinha seu cachecol enrolado ao redor da cabeça e bebia aos poucos seu café execrável.

– Como assim, falidos? – perguntou o conde Jack na sua mais alta voz de *soprattutto*. Twav assustados se afastaram voando de suas cargas, chilreando no limite do audível. – Você esteve pagando por rapazes novamente, não foi?

A fraqueza de Ferid Bey era bem conhecida, principalmente pelo tipo de rapaz que bateria sua carteira na manhã seguinte. Ele fungou alto.

– Na verdade, Jack, desta vez é você.

Muitas vezes me perguntei se o lento declínio da carreira do conde Jack poderia ser em parte atribuído ao fato de que, depois de anos de contato diário, o agente começara a se parecer com o cliente. O conde arregalou os olhos. Sua pressão não estava boa. Eu vira o laudo do exame médico antes do lançamento.

– O negócio são rapazes nas poltronas, Jack, pessoas sentadas nelas, e nós não estamos conseguindo isso.

– Joguei minhas pérolas para bufões enfeitados e suas noivas neuróticas e eles as jogaram de volta na minha cara! – urrou o conde Jack.
– Eu cantei no La Scala, você sabe. La Scala! E para o papa. Estaria melhor tocando para os morcegos do espaço. Pelo menos eles apreciam um dó de peito. Não, Ferid, não, não! Você me consiga plateias melhores.

– Qualquer uma seria boa – resmungou Ferid Bey e depois disse em voz alta: – Consegui uma excursão para você.

O conde cresceu vários centímetros.

– Quantas noites?

– Cinco.

– Existem tantas salas de concerto neste cu de mundo?

– Não tantas... – Ferid Bey tentou esconder tanto quanto possível seu rosto atrás do lenço, dos óculos e da xícara de café. – São mais *festas*.

– Para o Exército? – Agora o rosto do conde Jack estava pálido, sua voz mais baixa. Eu já ouvira esse indicativo precursor de uma raiva do tamanho do Mons Olympus muitas vezes. Felizmente, nunca fora alvo dele. – Malditos soldadinhos idiotas de merda que precisam que lhes digam qual extremidade de uma arma de raios apontar para o inimigo!

– Isso mesmo, Jack.

– Isso seria... mais para o norte?

– Seria.

– Isso seria... mais perto do front?

– Estendi sua cobertura.

– Bem, é bom saber que minhas ex-esposas e meu agente estão felizes.

– Negocieei um cachê proporcional ao tamanho do risco.

– Qual é o risco?

– É uma zona de guerra, Jack.

– Qual é o cachê?

– Mil e quinhentos discos... por show.

– Me diga que não precisamos fazer isso, meu querido rapaz – disse o conde Jack para mim.

– O gerente do Grand Valley está mantendo sua bagagem como garantia – respondi. – Nós precisamos fazer isso.

– Você vem comigo.

O dedo acusador do conde Jack flutuou a um centímetro da ponte do nariz do seu agente. Ferid Bey abriu as mãos, resignado.

– Se eu pudesse, iria, Jack. Sério. De coração. De verdade. Mas tenho a possibilidade de uma gravação de concerto aqui em Unshaina e existem *bookers* de talentos dos grandes cassinos de Vênus na cidade, foi o que me disseram.

– Vênus?

As Cidades das Nuvens, para sempre flutuando na zona das tempestades, eram as joias reluzentes do circuito interplanetário. As residências lendárias eram uma longa, confortável e bem paga descida do auge da carreira.

– Cinco noites?

– Só cinco noites. Depois é dar o fora daqui.

– Com os adendos normais de contrato?

– É claro.

O conde Jack deu sua ótima risada, profunda como um desfiladeiro.

– Então vamos. Nossos bravos legionários precisam de pedras em seus passos e espírito nas espinhas. Quando partimos?

– Reservei uma passagem para você no *Imperatriz de Marte*, partindo do Round ‘O’ Dock. Oito horas. Em ponto.

O conde fez um beicinho.

– Eu costumo passar mal no mar.

– Isto é um canal. De qualquer maneira, o comando requisitou todo transporte aéreo. Parece que estão em uma grande investida.

– Eu suportarei.

– Você está fazendo o certo, Jack – disse Ferid Bey. – Ah, e outra coisa: Faisal, você não se incomodaria de pagar o café, certo? – Eu suspeitava que havia um motivo para Ferid Bey nos ter trazido para aquele albergue de quinta... E, por falar nisso, você poderia quitar a minha conta aqui no hotel?

O conde Jack já estava ouvindo os aplausos distantes do público, seguindo o cheiro como uma mariposa rara – o hormônio fraco porém inconfundível da *celebridade*.

– E eu estou... no alto do cartaz?

– Sempre, Jack – disse Ferid Bey. – Sempre.

Da nossa mesa no convés de passeio do *Imperatriz de Marte*, vimos os senhores do céu passarem sobre nossas cabeças. Estavam bem alto e seus

cascos refletiam a luz da noite que desvanecera no canal. Perdi a conta no trinta: o som de seus muitos motores se fundia e formava um imenso trovão. A vibração enviava ondulações pelo vinho em nossas taças pousadas na mesinha da popa. Minha taça, sempre intocada: eu não bebia, mas gostava de fazer companhia ao conde Jack. Ele era um homem que necessitava da atenção dos outros; sem ela, ficava translúcido e insubstancial. Esperava ter outra plateia involuntária, pessoas pacientes que ele conquistaria com seu charme, intimidaria e atrairia com suas histórias incessantes do show business, mas isso não aconteceu. O *Imperatriz de Marte* era um rebocador de carga que puxava um conjunto de doze barcas e tinha acomodações para oito passageiros, e nós éramos os únicos a bordo: *eu* era a companhia dele. Já o fora tantas vezes que conhecia suas anedotas tão completamente quanto as músicas do seu repertório. Mas ouvi, e ri, porque não é a história que importa, mas como ela é contada.

– Estão indo para leste – disse o conde. – Deus abençoe aquela frota.

Não corrigi. Ele nunca entendera que, em Marte, oeste era leste, e leste, oeste. *Nascer do sol, leste, pôr do sol, oeste, meu querido rapaz*, ele declarava. Ficamos vendo a frota, uma vasta ponta de flecha que preenchia o céu, seguir na direção das colinas do crepúsculo no horizonte próximo. O Grande Vale se abriu numa trincheira tão grande que podíamos ver as paredes do desfiladeiro, um terreno com o próprio espaço interno. O conde ficara anormalmente quieto e pensativo naquela viagem. Não era só a falta de público. A frota e o tráfego pesado no canal – eu contara oito rebocadores subindo o canal do front para Unshaina desde que começamos aquela primeira garrafa do que o conde Jack chamava de seu “restaurador da noite” – o fizeram perceber que estava indo para a guerra. Não imagens de guerra, noticiários de guerra, rumores da guerra, mas a guerra em si. Pela primeira vez, ele poderia questionar a excursão.

– Ela faz suas juntas doerem, Faisal?

– Maestro?

– A gravidade. Ou melhor, a falta dela. Pulsos, tornozelos, dedos, todas as articulações flexíveis. Dói como o diabo. Os polegares são a pior coisa. Eu achava que seria o oposto, aqui sendo tão leve. Nem um pouco. Faço o maior esforço para levar esta taça aos lábios.

Para mim, ele movimentava o copo da mesa aos lábios com muito sucesso. O conde se serviu de outra dose e afundou na poltrona. As águas

verde-escuras do canal deslizavam sob nosso casco. Crepúsculos marcianos eram rápidos e profundos. A guerra devastara aquela terra outrora populosa e fértil, deixado cicatrizes escuras no terreno, onde raios de calor haviam marcado o regolito. O vento da noite, o tharseen, que mudava de direção dependendo do lado do Grande Vale em que fosse noite, tocava sonatas de flauta melancólicas nos pilares estilhaçados.

– É um mundo pavoroso – disse o conde Jack depois da segunda taça.

– Eu acho um tanto pacífico. Ele tem uma beleza particular. Melancólica.

– Não, não só Marte. Todo lugar. Todo lugar está pavoroso e ficando ainda mais pavoroso. Desde a guerra, que torna tudo brutal. Brutal e feio. A guerra quer que tudo seja assim. É horrível, Faisal.

– Sim. Acho que fomos longe demais. Estamos destruindo civilizações inteiras. Unshaina é mais antiga do que qualquer cidade na Terra. Isto já não é mais justiça. Estamos lutando porque gostamos.

– Não a guerra, Faisal. Já parei de falar da maldita guerra. Me acompanhe. Envelhecer. Isso é que é verdadeiramente pavoroso. Velho, velho, velho e não posso fazer nada a respeito. Sinto isso em minhas juntas. Este maldito planeta me faz sentir velho. Um longo e lento declínio para a incompetência, imbecilidade e incontinência. O que eu tenho? Um conjunto decente de fala. E só. E não vai durar para sempre. Nenhum investimento, nenhuma propriedade e alguns rendimentos miseráveis de gravações. A maldita Receita me limpou. Meu dinheiro evaporou. Foi-se. E os desgraçados ainda estão de mão estendida para mim. Eles me ameaçaram, sabia? Prisão. Mas que coisa é essa, a maldita prisão de Marshalsea? Eu sou um Cavaleiro do Papa, sabia? Segurei a espada do Santo Padre.

– Tudo o que eles querem é o dinheiro deles – respondi. – Aí eles o deixarão em paz.

O conde Jack jamais gostou de pagar advogados e contadores; o resultado é que assinara contratos de gravação desastrosos e só preencheria documentos de imposto de renda quando os meirinhos já estavam batendo à porta. Toda aquela turnê marciana mal conseguiria pagar seus anos de impostos devidos, além dos juros.

– Não vão fazer isso. Jamais me deixarão em paz. Eles sabem que o conde Jack é bobo. Esses desgraçados vão voltar. Assim que provam sangue, não deixam mais seus ferrões parasitas longe de você. Estou

infestado de parasitas fiscais. Impostos, guerra, velhice. Eles fazem tudo ficar grosseiro, tosco, sem sentido.

Feixes de luz branca piscavam ao longo do horizonte crepuscular. Eu não sabia se eram do céu para o chão ou vice-versa. A frota desaparecera. Os raios de calor dançavam pela borda do mundo e se apagaram. Novos raios tomaram o lugar deles. Clarões além do horizonte mostravam por um momento o relevo das colinas. Gritei quando a borda do mundo se tornou uma paliçada que piscava com raios de calor. O conde Jack se levantou. Os clarões iluminaram seu rosto. Segundos depois, o primeiro rugir suave das explosões distantes nos alcançou. Os tripulantes twav se arrepiaram nos seus poleiros. Pude perceber o ruído baixo que a comunicação deles emanava, um trinado agudo de consternação. A borda do mundo era um carnaval de raios e clarões. Vi um arco de fogo descer do céu para terminar em um clarão branco abaixo do horizonte. Aquilo era um senhor do céu e toda a sua tripulação morrendo, mas foi lindo. Os céus se inflamaram com os mais diferentes fogos de artifício. Os olhos do conde Jack estavam arregalados de espanto. Ele levantou a mão para protegê-los quando uma grande explosão tomou conta do céu e deixou a noite branca. Sombras fortes mergulharam sobre o convés; os twav alçaram voo num bater coletivo de asas.

– Ah, os pobres rapazes, os pobres rapazes – murmurou o conde Jack.

O som da explosão nos atingiu e sacudiu a janela do convés do piloto, assim como a garrafa e os copos sobre a mesa. Senti estremecer o núcleo do meu ser, minha barriga e minhas entranhas. Os feixes de luz piscaram e se apagaram. O horizonte ficou escuro.

Tínhamos visto uma grande e terrível batalha, mas quem lutara, quem vencera, quem perdera, se houve vencedores ou perdedores, quais eram seus objetivos, nada sabíamos a respeito. Havíamos testemunhado algo terrível, lindo e incompreensível. Levantei a taça de vinho intocada e tomei um gole.

– Bom Deus! – exclamou o conde Jack, ainda em pé. – Sempre achei que você não bebesse. Motivos religiosos, essa coisa toda.

– Não, eu não bebo por razões musicais. Faz minhas juntas doerem.

Bebi o vinho. Podia ter sido vinagre. Podia ter sido o melhor vinho da humanidade, eu não sabia. Enxuguei a taça.

– Meu querido rapaz... – O conde me serviu novamente e a si mesmo, e juntos ficamos olhando a borda do mundo brilhar com fogos distantes.

No Acampamento Vingador tocamos em um palco improvisado sobre barris de cerveja vazios para uma plateia razoável que foi se retirando no decorrer do concerto até sobrarem apenas seis fileiras. Um brigadeiro que bebeu sem parar durante todo o concerto tentou fazer seus homens subirem ao palco para dançar no medley de velhas canções irlandesas. Eles sensatamente declinaram. Ele tropeçou nos próprios pés tentando chamar o conde Jack para dançar “Walls of Limerick” e caiu do palco. Rachou a cabeça na borda de um barril de cerveja.

No Comando Regional de Syrtia, a plateia foi menos ambígua. Fomos vencidos pelas garrafas. A primeira veio voando enquanto o conde Jack cantava, braços abertos, sua canção principal: “I’ll Take You Home Again, Kathleen”. Ele continuou com “Blaze Away”, “Nessun Dorma” e “Il mio tesoro” antes que uma garrafa de Mars Export Pale Ale viesse depositar sua carga de urina quente bem no meio de seu colarinho destacável. Então terminou “The Garden Where the Praties Grow”, fez uma medida e saiu. Segui o conde quando a primeira da barragem de cadeiras dobráveis do Exército atingiu o palco. Sem uma palavra ou olhar, ele foi direto até sua tenda e tirou a roupa.

– Já passei por coisa pior no Império de Glasgow – Sua voz estava rígida de orgulho. Nunca o admirei tanto quanto naquele momento. – Pode fazer alguma coisa com estas roupas, querido rapaz? – Estendeu-me o traje molhado, que fedia. – E me prepare um banho.

Pegamos o dinheiro, em espécie, e prosseguimos subindo o labirinto de canais que se ramificava cada vez mais, chegando mais perto da frente de batalha.

O navio era um veículo rápido de patrulha da Força Expedicionária, com uma torreta de raio de calor montada na proa, outra numa bolha perto do capitão. Mal cabia um piano ali, quanto mais nós e a tripulação de quatro homens sombrios. Eles fumavam muito e tentavam ultrajar o conde Jack com seu linguajar vil de soldados do espaço. Ele podia superar qualquer um deles em termos de xingamentos. Mas manteve o silêncio e a dignidade, e nosso barquinho navegou pelo labirinto incompreensível dos canais de Nyx; as águas verde-claras de Marte dominadas pelas frondes púrpuras de árvores-báculo, deixando cair as moedas douradas de suas vagens na corrente, onde elas brotavam em hélices com forma de saca-rolhas e saíam nadando. Aquela era a terra dos oont, e suas figuras altas semelhantes a garças se empoleiravam na traseira de seus barcos vivos,

nossos companheiros constantes. Uma vez ou outra, descendo os canais mais largos e as bacias, vislumbrávamos seus lendários remadores orgânicos, ou suas cidades de palafitas cerâmicas azul-claras. A tripulação tratava os oont com visível desprezo e apontava as armas do barco para eles. Os oont haviam aceitado as ordens do comando sem luta e suas cidades, seus navios e o modo de vida solitário e secreto permaneceram os mesmos. Nosso capitão achava que era uma espécie de covardes e traidores natos. Somente uma população domada pelo toque das armas podia ser confiável.

Por 800 quilômetros, subindo o Grande Canal e passando pelo labirinto de Nyx, estivadores twav ergueram e baixaram meu piano com precisão e delicadeza. Foi preciso o Exército da Terra para deixá-lo cair. Do pé da prancha, ouvi o estrondo e me virei para ver a rede de carga no molhe e os soldados sorridentes. Na mesma hora, quis rasgar a embalagem para ver se restara alguma coisa. O piano não era meu, jamais teria arriscado o meu Bosendorfer aos caprichos de uma viagem espacial, mas era um piano vertical relativamente bom pertencente a uma empresa especializada em aluguel interplanetário. Eu começava a gostar dele. Isso acontece com pianos. São como cachorros. Continuei andando. Isso eu aprendera com o conde Jack. Dignidade, sempre dignidade.

Oudemán era uma base de reparos da 3ª Frota do Céu. Andamos à sombra de senhores do céu flutuantes. Técnicos em andaimes enxameavam sobre os cascos, abaixavam motores com ganchos hidráulicos, abriam sessões do casco, esvaziavam células de combustível. Para mim era óbvio que a frota sofrera muito numa batalha recente e terrível. Cascos foram abertos até as estruturas e buracos ocupavam todos os cantos. Cilindros de motor terminavam em pontas derretidas. Gôndolas de tripulação inteiras e torretas haviam sido arrancadas. Algumas estavam tão terrivelmente mutiladas que não passavam de esqueletos aéreos, com poucas partes ao redor de uma espinha de nave.

Das tripulações que haviam lutado no meio de tamanha ruína, nem sinal.

O comandante da base, Yuzbashi Osman, veio nos cumprimentar pessoalmente. Ele era um grande fã, dedicado ao longo de uma vida inteira. Vira-o em todos os concertos realizados em Istambul. Sempre se sentara na mesma poltrona. Tinha todas as gravações do maestro. Tocava-as diariamente e tentara educar seus oficiais mais jovens nos jantares

coletivos, mas a nova geração era ignorante, formada por homens baixos e tecnicamente competentes, mas pouco melhores que os prisioneiros recrutados de Devshirmey. Ele bateu palmas e ordenanças logo apareceram para carregar nossa bagagem. Eu não falava o idioma, mas, pelas reações dos homens que haviam deixado cair meu piano, compreendi que desrespeito não seria tolerado. Esvaziou o banheiro a vapor do acampamento para nosso uso exclusivo. Suado, escaldado e limpo, um reluzente conde Jack entrou na tenda de refeições como se estivesse entrando no palco do La Scala. Ele era engraçado, inteligente, charmoso e glorioso. A maioria dos jovens onbashi e mulazim no jantar em sua honra não falava inglês, mas seu carisma transcendeu toda linguagem. Eles sorriam e gargalhavam prontamente.

– Olhe só isto! – disse o conde Jack na tenda que era nosso camarim. Ergueu uma garrafa de champanhe ainda pingando do balde de gelo. – Krug. Eles conseguiram meu Krug. Ah, que rapazes queridos e adoráveis.

No jantar, eu notara a parcimônia de algumas oferendas e fiquei maravilhado com o esforço que devia ter sido necessário, a dedicação pessoal exigida de Yuzbashi, para agradar um músico que só estaria ali para cumprir o contrato. O conde Jack enfiou a garrafa de volta no gelo, que estava derretendo.

– Voltarei mais tarde, coisa linda, com meu coração cheio de música e meus pés leves com os aplausos de minha plateia. Eu sou uma estrela, Faisal. Sou uma verdadeira estrela. Agora me deixe, meu querido rapaz.

O conde Jack solicitava tempo e espaço a sós para preparar sua entrada. Aquele era o momento em que ele mudava de conde Jack Fitzgerald para o conde campestre de Kildare. Era uma transformação profundamente particular que eu sabia que jamais teria a permissão de observar.

O palco era um andaime temporário montado a partir de vigas avulsas. As naves flutuantes iluminaram o palco com seus holofotes. Um spot móvel me acompanhou até o piano. Curvei-me, agradecendo os aplausos da plateia, joguei as caudas do fraque para trás e me sentei. Isso é tudo que um acompanhante precisa fazer.

Toquei alguns *glissandi* para verificar se o piano ainda funcionava depois de seu manuseio desrespeitoso por parte da equipe do cais. Estava médio, mas funcionaria para os péssimos ouvidos dos técnicos da Frota do Céu. Então toquei a curta abertura para criar aquele senso de expectativa

na plateia e passei direto para a música da entrada do conde Jack. O holofote o pegou quando entrou no palco, “I’ll Take You Home Again, Kathleen” irrompendo de seu peito largo. Estava radiante e atraía todos os olhares. O silêncio na profunda noite marciana era o mais denso que já ouvi na vida. Caminhou até a frente do palco. Os holofotes o adoravam. Ele exultava com os aplausos como se fosse o fim do concerto, e não o primeiro número. Era um showman nato. Levantei as mãos do teclado para começar “Torna a Sorriento”.

E a noite explodiu em imensas flores de chamas. Por um instante, a plateia ficou sentada ali, transfixada, como se o conde Jack tivesse de algum modo invocado os mais incríveis efeitos da ópera. Então os alarmes começaram a soar por todo o acampamento. Jack e eu vimos claramente as formas aracnoides dos tripés de guerra, altos como árvores, andando por entre as chamas. Raios de calor foram disparados, como espadas brancas, enquanto a plateia se dispersava para assumir postos e armas. Mesmo assim, o conde se manteve sob os holofotes até um onbashi pular, empurrá-lo e derrubá-lo da linha de fogo no instante em que um raio de calor cortou um arco de 10 mil graus em cima do palco. Ele não sabia inglês, não precisava de inglês. Nós corremos. Olhei para trás uma vez. Sabia o que veria, mas precisava fazer aquilo: meu piano, aquele mesmo barato e resistente instrumento vertical de aluguel que eu usara ao longo de mais de 100 milhões de quilômetros pelos salões de concerto e grandes casas de ópera, em estradas poeirentas e ferrovias, descendo tranquilos canais verdes, explodindo em uma fonte de madeiras incandescentes e fios chicoteantes se derretendo. Um tripé de guerra andava sobre nós, seus braços de raios de calor girando, procurando novos alvos. Olhei para cima e vi a massa ondulante de tentáculos sob o casco, então a pata de aço erguida passou por cima de mim e desceu na nossa tenda de camarim.

– Meu Krug! – gritou o conde Jack.

Um raio de calor cortou um arco incandescente de lava sobre o chão à minha frente. Tive sorte: não se pode desviar dessas coisas nem vê-las chegando ou ouvir seus ricochetes. Elas são a própria luz. Tudo o que você pode fazer é torcer para estar se movendo na direção certa, ter o impulso correto: ter sorte. Nosso onbashi não teve sorte. Ele correu para dentro do raio de calor e desapareceu numa nuvem de cinzas. Uma morte tão rápida, tão total que se tornou algo mais do que morte. Foi aniquilação.

– Maestro! Comigo!

O conde Jack ficara parado olhando, transfixado. Peguei sua mão, a palma ainda úmida com o suor do concerto, e demos a volta até a outra ponta da cicatriz ainda fumegante. Abaixamo-nos e corremos agachados, ziguezagueando ainda vestidos com os fraques.

Não havia um bom motivo para aquilo. Era o que tínhamos visto em filmes de guerra. As máquinas de batalha uliri passeavam pelo campo, cortando rastros de lava brilhantes com seus raios de calor, os braços das armas procurando novos alvos. Mas nossos soldados haviam alcançado suas posições defensivas e estavam contra-atacando, virando as próprias armas dos uliri contra eles e os atingindo com uma verdadeira saraivada de munição. Os soldados que manejaram nossos holofotes agora se viravam para os raios de calor. Senhores do céu estavam alçando voo, os artilheiros nas torretas procurando as cabeças de muitos olhos dos tripés uliri.

A máquina de batalha que matara de forma tão odiosa o bravo onbashi estava em pé no rio, as bolhas de seus olhos virando para todos os lados à procura de alvos. Um braço armado se fixou em nós. A fresta do raio de calor se abriu. Hesitou. Recuou. Cabos se desenrolaram por entre as pernas. Corremos para nos proteger atrás de uma pilha de barris. Mas isso não nos teria salvado. Então um míssil riscou uma faixa vermelha pela noite. A junta do joelho esquerdo da frente da máquina de batalha explodiu. A máquina oscilou em busca de equilíbrio sobre as outras duas pernas e, em seguida, um senhor do céu cruzou baixo sobrevoando a margem do canal e seccionou essas pernas na altura da coxa com um raio de calor.

O monstro balançou, desabou com um estrondo e lançou uma onda de água bem em cima do barco que teria nos levado a um lugar seguro. O barco se despedaçou. Comportas de fuga se abriram; formas pálidas se esgueiraram para a liberdade, contorcendo-se em direção a terra firme. Empurrei o conde Jack para o chão quando o senhor do céu se abriu. Balas zuniram ao nosso redor. Os olhos do conde estavam arregalados de medo – e de mais alguma coisa, algo que eu não havia imaginado no homem: empolgação. A guerra poderia ser brutal, pavorosa e feia, como ele dissera no *Imperatriz de Marte*, mas havia um terrível poder primitivo nela. Eu vira a mesma emoção, a mesma alegria, o mesmo poder que comandara plateias de Tipperary a Timbuctu. Vi e soube que, se algum dia voltássemos à Terra e à Inglaterra, eu sempre seria o acompanhante, o

amanuense, o querido rapaz; e que, mesmo que cantasse para um salão vazio, o conde Jack Fitzgerald seria sempre o maestro, o *soprattutto*. Tudo o que havia em mim era medo, um medo sólido. Talvez por isso eu fosse corajoso. As armas ficaram em silêncio. Olhei por cima dos barris. Corpos uliri prateados estavam esparramados por sobre o cais. Vi o canal fluir com sangue púrpura, como tinta na água.

O senhor do céu se virou e atravessou o canal até pairar baixinho. Uma rampa de abordagem baixou e tocou o chão. Um homem se agachou no topo da rampa fazendo um gesto urgente.

– Corra, maestro, corra! – gritei, e fiz o conde Jack se levantar.

Corremos. Ao nosso redor, raios de calor dançavam e esfaqueavam o chão como uma espécie de tango negro. Uma incandescente máquina de batalha passou tropeçando às cegas, esmagando tendas, bivaques e barracos com os pés e espalhando cortinas de chamas. A dez passos do pé da rampa, ouvi um ruído que fez meu sangue gelar: um grande grito ululante vindo das colinas atrás do acampamento, que ecoou de um horizonte a outro, para a frente e para trás, uma onda de som que arrebatava. Eu nunca ouvira aquilo, mas tinha ouvido falar sobre a canção de guerra da infantaria padva dos uliri. Uma mão agarrou a minha: o homem arrastou a mim e ao conde Jack como um cordão humano para dentro do porão das tropas. Quando a rampa se fechou, vi a linha do horizonte borbulhando e fluindo, como uma mancha prateada de óleo descendo a colina em nossa direção. Padvas, milhares. Quando o senhor do céu alçou voo e o casco se fechou finalmente, a última visão que tive foi de Yuzbashi Osman olhando para nós. Ele ergueu uma das mãos em continência. Então se virou, puxou a espada e, com um grito que suplantou até mesmo o ruído constante do motor do senhor do céu, cada janízaro do Acampamento Oudeman sacou sua espada. Pontas reluziram, então eles atacaram. O senhor do céu girou no ar e não vi mais nada.

– Você viu aquilo? – perguntou o conde Jack. Ele agarrava meus ombros, o rosto pálido de choque, mas havia uma força louca em seus dedos. – Você viu? Que horrível, horrível, horrível. E, no entanto, que maravilhoso! Oh, o mistério, Faisal, o mistério! – Lágrimas corriam por seu rosto sujo de cinzas.

Fugimos pelo Labirinto da Noite. Não tínhamos dúvida de que estávamos sendo perseguidos por entre aqueles desfiladeiros serpenteantes e estreitos. O radar do capitão do céu recebeu informações sobre aquilo que havíamos ouvido: gritos terríveis, ecos nos redutos de pedra de Noctis, distantes porém sempre mantendo o mesmo ritmo que nós. O porão não tinha janelas e, embora o capitão não falasse inglês, ele deixara muito claro que devíamos manter distância de sua tripulação, estivessem eles na engenharia, nas armas, na ponte ou nos pods de navegação. Então ficamos sentados na grade de aço duro do porão de carga mal iluminado, contando velhas histórias de músicos que havíamos contado muitas vezes antes, fazendo pausas todas as vezes que nossos ouvidos nos traziam algum relato da batalha lá fora. Audição é um sentido muito mais primitivo que a visão. Ver é compreender. Ouvir é apreender. Olhos podem ser fechados. Ouvidos estão sempre abertos.

O maestro interrompeu a história batida de quando cantara para o papa, e de como as toalhas eram finas e que desgraçados mesquinhos os homens da Santa Sé haviam demonstrado ser. Seus ouvidos, como já disse, eram quase sobrenaturalmente aguçados. Seus olhos se arregalaram. Os batedores twav em seus poleiros ficaram com as escamas todas arrepiadas, reluzindo como óleo sobre a água, e agarraram com mais força suas armas. Uma fração de segundo depois, ouvi os gritos. Gaguejando ritmicamente, eles se elevaram três oitavas, de um zumbido de baixo até um ruído soprano de arrebentar os nervos. Dois atrás de nós, atingindo acordes e harmônicos um do outro como uma peça experimental de música. Outro à nossa frente respondeu. E mais outro, mais longe ainda, emudecido pelo labirinto de rochas esculpido pelo vento. Um quinto, perto, à nossa direita. Indo e vindo, chamado e resposta. Tampei os ouvidos com as mãos, não por causa da dor dos sons muito agudos, mas devido à terrível musicalidade daquelas vozes invisíveis. Elas cantavam escalas e harmonias que eram estranhas a mim, mas sua melodia despertava o meu lado musical.

E então pararam. Todos os nervos a bordo do senhor do céu, humanos e twav, estavam em frangalhos. O silêncio era pesado. Meu turco não é muito bom, mas dá para o gasto (o suficiente para saber o que Ferid Bey está dizendo na verdade) e me lembrei das poucas palavras do capitão do céu que ouvira quando ele transmitiu ordens à tripulação. O ataque ao Acampamento Oudemán fora parte de uma ofensiva-surpresa das rainhas

de guerra de Tharsia. Ataques pesados irromperam ao longo de um front de 800 quilômetros de Arsai até Urânia, com máquinas de batalha e tropas de choque. Acontecera também um ataque à Frota Espacial: diversos mísseis foram lançados para atrair o poder de fogo de nossos encouraçados orbitais e impedir que ajudassem contra o ataque terrestre. E, do solo, coisas nunca antes vistas. Coisas que fizeram batalhões inteiros fugir, que esmagaram linhas de trincheiras e fizeram abrigos virarem areia. Enquanto eu tentava imaginar a terra vermelha se partindo e algo além de qualquer pesadelo saindo dela, não conseguia me livrar do pensamento sombrio: será que novidades terríveis e semelhantes não poderiam vir do céu? Guardei para mim mesmo esse pensamento. Era muito simples: eu estava mentindo para o conde desde o primeiro dia que tocara piano para ele.

– Eu entornaria um drinque – disse Jack. – Se houvesse semelhante coisa nesta barcaça. Até mesmo o aroma de uma rolha de Jameson sob o meu nariz me faria feliz.

O champanhe no convés do *Imperatriz de Marte* deve ter me corrompido, porque naquele momento eu teria de bom grado me juntado ao maestro. Mais do que me juntado, teria chegado bem antes dele ao fundo da garrafa de Jameson.

Lá em cima na ponte, um dedo de vidro que se projetava do corpo do senhor do céu, o capitão gritava ordens de seu posto no manche de controle. A tripulação se movia ao nosso redor. Os batedores mudavam o tom da sua plumagem de azul para um amarelo violento. Senti o convés se deslocar embaixo de mim. Como era desorientadora, como era desagradável essa sensação de que tudo o que era confiável estava se movendo e não existia nada em que pudesse me agarrar. Os motores faziam muito barulho; o capitão devia estar acelerando, navegando pelo vento entre a pedra polida. Estávamos voando através de um monstruoso órgão de pedra. Levantei a cabeça e dei uma olhada para a ponte. O rosa preenchia o mundo além do vidro. Havíamos passado a noite toda correndo pelo Labirinto da Noite, aquele labirinto sem mapa, formado por desfiladeiros, ravinas e arcos de rocha que os humanos suspeitavam não serem inteiramente naturais. Vi muralhas de rocha acima de mim. Estávamos lá embaixo, abraçando os canais naturais e artificiais cheios de sedimentos. O sol nascente enviava planos de luz que desciam pelas paredes de pedra aflautadas e íngremes. Não há nada na Terra que se

compare com o adorável amanhecer em Marte, mas como eu preferia não estar nesse lugar pavoroso.

– Faisal.

– Maestro.

– Quando voltarmos, lembre-me de dar um tiro naquele merda do Ferid.

Eu sorri e o conde Jack Fitzgerald começou a cantar “Galway Bay”, a mais banal e sentimental das canções irlandesas (“Você já esteve em Galway Bay? Incesto e jogos gaélicos. É tudo o que eles sabem, tudo de que gostam”), mas eu nunca a ouvira ser cantada assim. Se ele não estivesse sentado no convés ao meu lado, encostado em uma antepara, eu teria duvidado de que fosse sua voz. Era leve porém ressonante, perfeita como porcelana, doce como uma rosa e repleta de uma inocência sublime. Aquela era a voz da infância, o garoto cantando as canções que sua avó lhe ensinara. Aquele era o conde campestre de Kildare. Cada alma a bordo do senhor do céu, terrena e marciana, ouviu, mas não era para eles que o conde cantava. Ele não precisava de plateia nem de acompanhante; aquela era uma performance para um só.

O senhor do céu sacudiu com um impacto direto. O feitiço foi quebrado. Vozes gritaram em turco e na fala aflautada dos twav. O senhor do céu balançou, como se sacudido pela mão de Deus. Então, com um grito de metal se rasgando, a torreta diretamente acima de nós foi arrancada, com o artilheiro e a arma, provocando uma lasca de 2 metros no casco. Um rosto olhou para nós. Um rosto maior que o rasgão do casco, um pesadelo de seis olhos dispostos ao redor de um bico trifurcado. O bico se abriu. Fileiras de dentes rangendo se moviam lá dentro. Um grito nos atingiu com um fedor alienígena: ululando acima de três oitavas, terminando num grito agudo. Ele arrancou o ar de nossos pulmões e a disposição de nossos corações. Outro lhe respondeu, de toda parte ao nosso redor. Então o rosto desapareceu. Um momento de choque, um momento, foi só, e o capitão do céu gritou ordens. Os twav alçaram voo de seus poleiros, as asas batendo, e saíram pelo buraco do casco. Ouvi o zumbido de rifles se aquecendo e depois o estalar e o sibilar mais alto de nossos raios de calor defensivos.

Achei que jamais ouviria uma coisa pior do que o grito que viera através do casco violado. O grito agudo, lá fora, invisível, foi como o que

eu daria se minha coluna fosse arrancada do corpo e eu ainda estivesse vivo. Só pude imaginar: uma daquelas coisas encontrara um raio de calor.

Nunca mais vimos nenhum dos batedores.

Mais uma vez o senhor do céu sacudiu com um impacto. O conde Jack foi atirado para a frente quando garras atravessaram o casco e arrancaram três tiras da antepara. O senhor do céu adernou. Deslizamos pelo convés com nossos fraques e camisas com colarinhos destacáveis manchados de fuligem. Um impacto sacudiu a popa da aeronave, vi um relance de escuridão, então toda a torreta traseira desapareceu e a popa do senhor do céu ficou aberta para o ar. Pelo espaço aberto vi uma coisa voadora de quatro asas se afastar de nós, subindo pelos arcos de pedra rosada daquele labirinto infinito. Era enorme. Não sei julgar bem dimensões, sou homem de audição, não visual, mas ela devia ter o mesmo tamanho de nosso senhor do céu manco. A criatura dobrou parcialmente as asas para passar pelo arco, depois subiu ao encontro do céu vermelho. Vi brilhos prateados na sua nuca e entre suas pernas. Mecanismos, dispositivos, tripulação uliri.

Enquanto eu olhava boquiaberto para o puro e impossível horror do que estava presenciando, o senhor do céu foi atacado mais uma vez, sofrendo um impacto tão forte que nos jogou de um lado do porão para outro. Vi garras de aço do tamanho de cimitarras rasgarem a bolha de vidro como a casca de uma laranja madura. O horror marciano alado arrancou a ponte do casco e, com um piparote do pé (ele segurava a ponte com tanta leveza e facilidade quanto um lápis), a jogou rodopiando pelo ar. Vi uma figura cair dela e fechei meus olhos. Ouvi o conde Jack murmurar os encantamentos da sua fé.

O senhor do céu não tinha mais controle. Os tripulantes da engenharia corriam ao nosso redor, gritando uns com os outros, lutando para recuperar o comando, para nos fazer pousar de modo que pudéssemos sobreviver. Agora não havia esperança de fuga. O que eram aquelas coisas? Aqueles caçadores de pesadelo do labirinto da noite? Com o casco rasgado, as estruturas gemeram e se dobraram quando o senhor do céu passou raspando por um pico de rocha. Adernamos mais e começamos a girar.

— Perdemos os motores de bombordo! — gritei, traduzindo as conversas cada vez mais frias e desesperadas dos engenheiros.

Estávamos descendo, mas era rápido demais... rápido demais. O engenheiro-chefe gritou uma ordem que podia ser traduzida como

“Segurem-se para impacto” em qualquer idioma. Enrolei amarras de carga ao redor dos braços e agarrei com toda a força. Pianistas têm dedos fortes.

– Patrick e Mary! – berrou o conde Jack, e batemos.

O impacto foi tão grande, tão forte, que me privou de toda a respiração, todo o raciocínio e pensamento, tudo menos o fato de que a morte era certa e de que a última coisa que eu veria seria uma gota de medo babando do grosso lábio inferior do conde Jack Fitzgerald, que eu nunca notara como eram cheios, e bons para beijar. A morte é uma rendição tão doce...

Não morremos. Quicamos. Batemos com mais força. O esqueleto do senhor do céu gemeu e estalou. Fios faiscantes caíram ao nosso redor. Mesmo assim não paramos nem morremos. Lembro-me de ter pensado *Não tombe, se tombarmos, estamos mortos, todos nós*, e por isso percebi que sobreviveríamos. Abalados, esmagados, atordoados, mas vivos. O cadáver do senhor do céu deslizou e parou com força contra os pedregulhos do tamanho de casas aos pés da muralha do desfiladeiro. Eu podia ver a luz do dia em cinco pontos através do casco quebrado da nave. Era indescritivelmente lindo. Os horrores do céu ainda podiam estar por ali, mas eu precisava sair da aeronave.

– Jack! Jack! – gritei. Os olhos dele estavam arregalados, o rosto pálido de choque. – Maestro!

Ele se virou e me viu. Eu o peguei pela mão e juntos saímos correndo das ruínas fumegantes do senhor do céu. A tripulação, que tinha treinamento militar, fora mais rápida em sua fuga. Eles já estavam fora dos destroços. Senti uma sombra passar por cima de mim. Olhei para o alto. Mergulhando do minúsculo átomo de sol – que horrível, oh, que horrível! –, vi pela primeira vez, total e completa, uma das coisas que nos caçara e meu coração quase parou. Ela mergulhou com velocidade e agilidade estonteantes em suas quatro asas e agarrou os homens que corriam, levando-os para o ar, cada um empalado numa garra-cimitarra. Depois pairou sobre nós e senti o calor e o fedor horríveis provenientes de suas asas e do bico. Essa era a morte que me fora reservada. Nada tão simples quanto um desastre aéreo. O horror do céu olhou para mim e para o conde Jack com seus seis olhos de tamanhos variados. Então, com um grito fino e terrível, como as almas dos engenheiros mortos empalados em suas garras, e uma rajada de vento provocada pelas asas, alçou voo e se foi.

Nós havíamos sido marcados para viver.

A ironia é a moeda do tempo. Estávamos marcados para viver, mas por três vezes pensei na possibilidade de matar o conde Jack Fitzgerald: pegar uma pedra e bater nele com ela até a morte, estrangulá-lo com sua gravata-borboleta ou simplesmente me afastar dele e deixá-lo nos vales secos para as criaturas arrancarem a carne de seus ossos.

Calculei, pelas evidências de um suprimento de água e por um pedaço de papel atirado ao ar que mostrou um fluxo lento porém definitivo, que deveríamos seguir o canal. Eu conhecia pouco da areografia distorcida do Labirinto da Noite – ninguém sabia muito a respeito, acho –, mas sabia que todas as águas fluíam para o Grande Canal e que aquela era a espinha dorsal e o sistema nervoso da Operação Justiça Duradoura. Aconselhei o conde a beber e ele me ordenou que desviasse o olhar enquanto se ajoelhava e provava a água marciana estranhamente metálica. Partimos ao som de gritos impuros, altos e distantes entre os cumes das paredes do desfiladeiro.

O sol não cruzara dois dedos de céu estreito da terra dos desfiladeiros quando o conde soltou um enorme suspiro teatral e se sentou num poste de atracação de barcas ao lado do canal.

– Meu querido rapaz, simplesmente não consigo dar mais nenhum passo sem algum sustento material.

Apontei para a extensão alienígena de rochas, pó, água, céu vermelho e dei a entender sua esterilidade.

– Eu vejo arbustos – disse o conde Jack. – Vejo frutos nesses arbustos.

– Eles podem ser venenosos, maestro.

– O que é bom para os marcianos não pode fazer mal ao robusto trato digestivo da Terra – proclamou o conde. – De qualquer maneira, melhor uma morte rápida do que uma lenta, de fome, meu bom Deus.

Argumentar era inútil. O conde Jack pegou uma única fruta púrpura em forma de ovo e deu-lhe uma pequena e delicada mordida. Aguardamos. O sol se moveu ao longo de sua fatia do céu.

– Permaneço teimosamente vivo – disse, e comeu o resto da fruta. – Tem a textura de uma banana um pouco menos que madura e um leve sabor de anis. Tolerável. Mas a barriga está cheia.

Meia hora depois de partirmos, o conde Jack pediu para parar.

– Estômago, Faisal, estômago.

O conde pulou para trás de uma rocha. Ouvi gemidos, palavrões e outros ruídos mais líquidos. Ele emergiu pálido e suando.

– Como está se sentindo?

– Mais leve, querido rapaz. Mais leve.

Aquela foi primeira vez em que pensei na possibilidade de matá-lo.

A fruta havia aberto mais do que seus intestinos. O silêncio dos desfiladeiros deve tê-lo apavorado, pois ele falava. Meu bom Deus, ele falava. Fiquei sabendo da opinião do conde Jack Fitzgerald sobre tudo, desde a maneira como eu devia ter passado suas camisas (aparentemente deveria ter usado uma segunda tábua de passar em miniatura, projetada para colarinhos e punhos) até a condução da guerra entre os mundos.

Tentei calá-lo cantando – sabia que ele não poderia resistir a uma oferta de se exhibir e brilhar. Comecei a cantar “Blaze Away” no meu barítono passável e depois “The Soldier’s Dream”, qualquer coisa que tivesse um bom compasso de marcha. Minha voz ecoava ousada por entre as rochas da margem.

O conde Jack tocou de leve no meu braço.

– Meu querido rapaz, querido rapaz. Não. Você só torna o intolerável insuportável.

E essa foi a segunda vez em que estive perto de matá-lo. Mas foi aí que percebemos que, se quiséssemos sobreviver, para ter qualquer esperança (embora não pudéssemos considerar a ideia contrária, pois isso certamente teria partido nossos corações) teríamos de prosseguir como mais do que maestro e acompanhante. Então, por fim conversamos de homem para homem. Contei-lhe sobre minha infância na classe média, na florestal Woking, e sobre a Real Academia de Música e a descoberta, silenciosa, devastadora, e muito, muito irrefutável, de que eu jamais seria um grande concertista. Eu jamais tocaria no Albert Hall, no Marinsky, no Carnegie Hall. Vi um conde Jack que nunca vira antes, sincero por trás da empáfia, humano e compassivo. Vi além de um artista exibido. Vi um *verdadeiro artista*. Ele me confidenciou seus temores: que os dias de Palladiums e pontífices o tivessem cegado. Uma noite percebeu tarde demais que as luzes buscariam outra pessoa e que ele enfrentaria a longa e escura caminhada para fora do palco. Mas ele tinha planos; sim, tinha planos. Uma longa caminhada por um terreno difícil fazia maravilhas para a concentração. Ele pagaria à Receita o que devia e manteria Ferid Bey

empregado apenas por tempo suficiente para assegurar sua residência em Vênus. E, quando sua jornada pelos mundos tivesse acabado e ele tivesse acumulado bastante poeira nos sapatos, voltaria à Irlanda, ao condado de Kildare, compraria um pedaço de terra e viveria como um Homem dos Pântanos, de rosto corado, colete e terno de tweed. Cantaria apenas para a Igreja, em missas especiais, dias santos, bingos e quermesses; até podia vislumbrar um tempo em que voltasse a se apaixonar pela religião, não por fé pessoal, mas pelo conforto e pela segurança da familiaridade.

– Você já pensou em se casar? – perguntei.

Nunca faltaram admiradoras ao conde Jack, ainda que elas não mais jogassem suas roupas de baixo no palco como faziam nos dias em que os cabelos e bigodes dele eram lustrosos e pretos. Ele enxugava o rosto com elas e as jogava de volta, contando com os gritinhos de aprovação da multidão. “Não há uma poltrona seca na casa, querido rapaz.” Mas eu nunca tinha visto nada que indicasse um relacionamento mais duradouro do que cama e café da manhã com champanhe.

– Nunca vi a necessidade, querido rapaz. Não sou do tipo casadouro. E você, Faisal?

– Também não sou do tipo casadouro.

– Eu sei. Sempre soube. Mas é disto que este maldito mundo precisa. Realmente precisa. Mulheres, Faisal, mulheres. Deixe os homens juntos e eles logo vão estar em uma terra devastada. Mulheres são uma força civilizadora.

Fizemos uma curva brusca no canal e nos deparamos com uma cena que calou até mesmo o conde Jack. Uma batalha fora travada ali, um combate ferrenho e destruidor. Mas quem ganhara, quem perdera? Não sabíamos dizer. Tripés de guerra uliri jaziam caídos sobre parapeitos e arcos como aranhas ressecadas. Destroços de senhores do céu estavam empalados em torres espiraladas de pedra, enfiados em nichos de rocha. Lascas de armaduras, humanas e uliri, atulhavam o chão do desfiladeiro. Capacetes e couraças estavam vazios, há muito devastados por quaisquer animais que se escondiam do sol e saíam à noite para comer a carne e roer os ossos. A paisagem era composta por pedaços de casco, suportes e estruturas, por tanques esmagados e bolos de cabos e maquinaria que não conseguíamos nem começar a identificar. Acima de tudo, e o mais terrível, a carcaça de uma espaçonave, derretida pelo fogo da reentrada e esmagada como uma fruta podre, atravessava o desfiladeiro de uma margem a outra,

com buracos do tamanho de um senhor do céu em toda a extensão do casco.

O conde Jack levantou os olhos para a espaçonave, depois as mãos.

– Meu bom Deus. Pode ser que eu nunca mais toque no Hammersmith Palais.

Ouvimos um tilintar em resposta, metal sobre metal. Aquela era a loucura final. Foi então que entendi que estávamos mortos, que havíamos morrido na queda do senhor do céu e que a guerra é o Inferno. Senti o chão tremer sob as solas dos meus sapatos pretos de concerto e compreendi. Metal sobre metal, destroços sobre destroços. A terra tremeu e a poeira se levantou. Os despojos de guerra começaram a balançar e se mover. O chão sacudiu, meus pés não estavam firmes, não havia nada em que me segurar, nenhuma certeza a não ser o conde Jack.

Abraçamos um ao outro enquanto a poeira subia diante de nós e os destroços começavam a deslizar e rolar. O chão começou a subir, mais alto e cada vez mais alto, e essa foi a terceira vez em que quase o matei, pois eu ainda não entendia totalmente o que estava acontecendo e imaginei que, se parasse Jack, interromperia a loucura. Fora *ele* que fizera aquilo; de algum modo ele invocara do solo algum antigo mal marciano. Então uma cabeça de broca cônica e reluzente emergiu do chão e a poeira e as rochas caíram quando a máquina-toupeira surgiu. Ela subiu 10, 15 metros acima de nós, um cilindro de metal sujo de terra e com nariz de diamante. Então fez brotar pés metálicos de escotilhas ao longo de sua barriga, caiu para a frente e veio repousar a poucos metros de nós. Escotilhas se abriram atrás da cabeça da broca que ainda girava, como o leque das pétalas de uma flor. Vislumbrei coisas de prata se contorcendo na escuridão do interior. Padvas uliri saíram, seus tentáculos os carregando com destreza sobre o metal violado e a rocha. Suas caixas cranianas estavam cobertas por capacetes; seus mantos de respiração, blindados com couraças delicadamente trabalhadas; e seus palpos seguravam rifles. Levantamos as mãos. Eles enxamearam ao nosso redor e, sem fazer um som, nos conduziram até a mandíbula escura da máquina-toupeira marciana.

O carro-aranha nos deixou diante de portões de ônix em uma plataforma de arenito que fora polido por raios de calor. As pontas dos tentáculos de aço de nossos guardas faziam barulho na rocha espelhada. Os portões

tinham cinco vezes a altura humana – deviam ser ainda mais impressionantes para os pequenos uliri – e eram divididos em três partes de acordo com a arquitetura deles. A ornamentação era feita com belos padrões de tentáculos trançados em alto-relevo, tão complexos quanto nós celtas. Um ponto de luz apareceu no centro dos portões e se dividiu em três linhas, um Y brilhante. Os portões se abriram lentamente, para fora e para cima. Não havia outra possibilidade a não ser entrar.

Como nós humanos havíamos sido cegos, como havíamos ficado certos de que nosso domínio do céu e do espaço nos dava o controle deste mundo. Os uliri não haviam sido afastados pelos nossos bombardeios espaciais e ataques em massa dos senhores do céu; eles haviam sido levados para *as profundezas*. Mesmo enquanto as grandes colmeias de Syrtia e Tempe ainda estavam sendo estilhaçadas e pegando fogo, os proles uliri estavam escavando mais fundo, até as raízes do núcleo geotérmico na direção do ainda quente sangue de seu mundo, acessando seus recursos minerais e energéticos. Para baixo e para fora; de colmeia para ninho para fábrica, de reduto subterrâneo para fortaleza subterrânea, uma rede de túneis, abrigos e tubos de vácuo subterrâneos que alcançavam tão longe e tão profundamente que Tharsia era como uma esponja. Lá em baixo, na escuridão aquecida pelo magma, eles construíram uma sociedade muito além do alcance das nossas bombas espaciais. Ganhando seu tempo, traçando seus planos, enviando seus tentáculos para baixo de nossos acampamentos, centros de comando e bases, reunindo contra nós suas forças forjadas em vulcões.

Pouco me lembro da jornada na máquina-toupeira, a não ser que de modo geral nos movemos para baixo. Foi uma viagem interminavelmente longa e sentimos um cheiro forte de ácido acético. O conde Jack, com sua sensibilidade, cobriu discretamente o nariz e a boca com o lenço. Não consegui entender o motivo daquele gesto de esconder: os uliri tinham razões mil vezes melhores para nos transformar em cinzas do que uma afronta a seu perfume pessoal.

Nossos captos não foram nem grosseiros nem gentis. Essas são emoções humanas. A lição que demoramos a aprender depois do ataque de Horsell Common foi que emoções marcianas são diferentes. Eles não possuem amor, raiva, desespero, desejo de vingança, ciúmes. Não nos atacaram por ódio, nem se defenderam por amor. Eles têm as próprias necessidades, motivações e emoções. Então foi apenas com aparente

gentileza que nos tiraram pelas escotilhas da máquina-toupeira (uma entre centenas, alinhadas em silos, apontadas para o mundo superior) e nos transportaram para um vasto cais subterrâneo, quente com pedras do coração. Andamos ao longo de um píer até uma estação, onde um veículo de vidro em forma de aranha pendia de um monotrilha com muitos braços. O carro-aranha acelerou com força elétrica. Mergulhamos em um túnel escuro e de repente estávamos no meio de uma cidade subterrânea, com andares de janelas cintilantes e rodovias que seguiam até uma névoa iluminada de vermelho. Passamos por cataratas subterrâneas e entre vastas fazendas cilíndricas que brilhavam com a luz do sol perdido. Também vimos procissões militares e pátios de desfile tão cheios de padvas quanto são os grãos de areia em uma praia. Fábricas, incubadoras, usinas faiscando com resquícios de solda e aço derretido. Vi poços com quilômetros de profundidade, escorados por contrafortes, arcos e torres espiraladas, descendo, descendo e descendo, como uma catedral de cabeça para baixo. Essas abóbadas e torres de pedra fina estavam repletas de horrores alados, aqueles mesmos monstros de quatro asas que haviam nos arrancado do céu e tão casualmente, tão facilmente, desmembrado nossa tripulação. Os mesmos que nos deixaram viver.

Eu não tinha dúvidas de que nós havíamos sido escolhidos. E não tinha dúvidas do motivo pelo qual havíamos sido escolhidos.

Outra curva violenta, passando por outro túnel assustador, e depois uma galeria monstruosa de silos: centenas deles, lado a lado, todos carregados com gigantescos foguetes cheios de torretas e mísseis. Temi por nossa valorosa Frota Espacial e, ao perceber isso, temi ainda mais por mim mesmo. Nem mesmo os valores alienígenas dos uliri permitiriam que vissemos tantas coisas se existisse uma possibilidade mesmo que remota de transmitir a informação para o comando.

O conde Jack percebeu a mesma coisa no mesmo instante.

– Meu bom Deus, Faisal – sussurrou.

Sempre em frente, através do subterrâneo marciano cheio de buracos, vermes, minas e túneis. Novos portões de ônix estavam abertos e os padvas montavam guarda ao nosso redor enquanto passávamos por eles. O arenito polido agora formava uma longa passarela. De cada lado se elevavam cadeiras, diversos andares de recipientes de obsidiana contendo ovos, cada um com um uliri dentro. Proles, gestates, padvas e panjas dispostos por cor de manto e posto. Pelos detalhes das marcas nos

capacetes e nas capas das carapaças, imaginei que fossem muito importantes. Um parlamento, conclave ou gabinete. Mas o verdadeiro poder ficava na extremidade final da passarela: a própria rainha de Noctis. Nenhuma imagem jamais fora capturada, nenhum cadáver ou prisioneiro recuperado, de uma rainha uliri. Elas eram criaturas lendárias. A realidade transcendia de todas as maneiras nossas ideias sobre tais mitos. Ela era imensa, preenchia a câmara como o nascer do sol. Sua pele era dourada e seu manto tinha um padrão de escamas macias com forma de diamante, como se fosse a armadura de uma fada. Fileiras de inseminadores carregavam ovos de seus múltiplos ovipositores tatuados, esfregando-os em fluido seminal luminoso. Anéis de patente e de honra haviam sido perfurados em suas pálpebras, na base de seus tentáculos. Sua couraça e seu capacete reluziam com joias e as mais finas filigranas. Exalava poder, majestade e incontestável beleza. Nossos sapatos finos faziam barulho na pedra reluzente.

– Junto a mim, Faisal – sussurrou Jack. – Rápido.

Os guardas pararam, mas o conde avançou. Fez posição de sentido. Todos os olhos se fixaram nele. Bateu os calcanhares e fez uma saudação com uma mesura curta e formal. Eu estava um segundo atrás dele.

– Tudo isto é fichinha depois do papa.

Um tentáculo serpenteou em nossa direção. Resisti à tentação de recuar, mesmo quando a pele do palpo se moveu e mostrou uma cabeça humana. E não era qualquer uma: pertencia a Yuzbashi Osman, o amante de música do Acampamento Oudeman, a quem havíamos visto pela última vez liderando um ataque ousado, e em última análise fútil, contra as hordas de padvas. Agora o horror estava completo. Yuzbashi abriu os olhos e soltou um suspiro profundo. A cabeça me olhou de cima a baixo, depois deu ao conde Jack um escrutínio maior.

– Conde Jack Fitzgerald de Kilder-sobre-a-Irlanda. Bem-vindo. Eu sou Nehenner Repooltu Sevensniggog Dethprip, por direito, batalha e aclamação, a incontestada rainha de Noctis. E sou sua fã número um.

Um dedo de rum no chá do conde Jack. Então, por sorte, pela guerra ou por insanidade, coloquei mais um pouco. Bati à porta, esperei ser chamado e entrei no seu camarim. Podíamos estar em qualquer lugar no labirinto de câmaras abaixo do salão da rainha marciana, quilômetros abaixo das areias

de Marte, mas a etiqueta deveria ser respeitada. Ainda era só o que tínhamos.

– Querido rapaz!

A arquitetura uliri não acomodava proporções humanas. Os proles haviam trabalhado, o cheiro acre da pedra queimada era forte, mas ainda tive que me abaixar para passar pela porta. O conde Jack estava sentado diante de um espelho de obsidiana polida por raios de calor. Ele ajustou sua gravata-borboleta branca. Preenchia todo o cubículo minúsculo, mas ainda aceitou o chá com um floreio de ópera e tomou um longo e barulhento gole, típico do condado de Kildare.

– Ah! Excelente! Excelente. Minha disposição está fortalecida até o limite. Por Deus, hoje precisarei disso. Você colocou mais um pouquinho, seu danado?

– Coloquei, maestro.

– Rum surpreendentemente bom. E o chá é aceitável. Me pergunto onde será que conseguiram.

– A ignorância é uma benção, maestro.

– Você tem toda a razão. – Enxugou a xícara. – Como está o piano?

– Como o rum. Só que acho que eles mesmos o fizeram.

– Eles são bons em trabalho delicado, esses zangões trabalhadores. As pontas dos tentáculos são finas e cheias de destreza. São mestres artesãos natos. Me pergunto se eles dariam bons pianistas. Faisal? Bom Deus, ouça só o que estou dizendo, ouça só o que estou dizendo! Aqui estamos nós, como uma caixinha de música, preparados para divertir e agradar. Uma canção, uma música, uma dança ou duas. Nós, o último vestígio de beleza neste terrível planeta, mortos e enterrados em algum poço cefalópode subterrâneo e vil. Será que alguém ao menos sabe que estamos vivos? Ajudem-nos, pelo amor de Deus, ajudem-nos! Ferid Bey, ele há de fazer alguma coisa. Ele precisa. Na pior das hipóteses, vai começar a procurar por nós quando o dinheiro não aparecer.

– Acho que Ferid Bey já coletou o dinheiro do seu seguro.

Recolhi a xícara e o pires. Nossa situação era tão desesperada, tão monstruosa que não ousávamos encará-la de frente. A rainha de Noctis não deixara a menor dúvida de que deveríamos entretê-la indefinidamente, como pássaros numa gaiola. Nunca conheça os fãs pessoalmente. Essa foi uma das primeiras homilias do conde Jack para mim. Os fãs acham que são seus donos.

– Maldito! – vociferou o conde. – Maldito entre os malditos! Ele há de morrer, ele há de morrer. Quando eu voltar...

Então ele percebeu que jamais voltaríamos, que poderíamos jamais sentir o calor do pequeno e distante sol, que aqueles túneis baixos poderiam ser nosso lar pelo resto de nossas vidas... e os únicos rostos humanos que veríamos novamente seriam os nossos. Ele chorou, urrando como um bezerro.

– Será este o canto do cisne do conde Jack Fitzgerald? Prostituído-me para uma rainha das lulas marcianas em superovulação? Oh, o horror, o horror! Deixe-me, Faisal. Deixe-me. Preciso me preparar.

O cheiro de vinagre dos uliri quase me fez vomitar quando pisei no palco. Sempre tive um horror peculiar a vinagre. As luzes me estontearam, mas meu nariz me disse que devia haver milhares de uliri nos muitos degraus da sala de concerto. O idioma uliri é feito tanta de toques e cores de mantos como de sons falados, e o auditório farfalhava com os sons de folhas secas dos tentáculos. Joguei as abas do meu fraque para trás, sentei-me ao piano e toquei algumas escalas para praticar. Era de fato um piano muito bom. A afinação estava perfeita, o peso e a resposta das teclas, extraordinários. Vi um enorme brilho dourado sufocar a parte de trás do vasto salão. A rainha chegara no seu trono gravitacional flutuante. Minhas mãos tremeram com uma raiva fútil. Quem lhe dera o direito de ser fã número um do conde Jack? Ela tinha explicado, em sua câmara privada que nada mais era do que um poço repleto de óleo doce e fragrante no qual se banhava e apoiava seu peso monstruoso, como ouvira a música do conde Jack Fitzgerald pela primeira vez. Ou melhor, a cabeça do pobre Osman explicou. Quando ainda era um pequeno inseto na Incubadora Real, antes das terríveis e encarniçadas guerras das rainhas, nas quais apenas uma podia sobreviver, ela ficara intrigada com a Terra depois da derrota da Terceira Hoste Uliri na Batalha da Fortaleza Orbital Tokugawa. Ela ouvira as rádios terráqueas e ficara hipnotizada pela ópera. A emoção das coloraturas, o poder sensual do tenor, a gravidade emocionante do baixo profundo. Em especial, ela se apaixonou, ou sentiu o equivalente uliri do amor, pelo charme de um certo conde Jack Fitzgerald. Ficou fascinada pela Irlanda, uma Ilha Esmeralda, feita de uma única e vasta pedra preciosa, uma terra verde de pessoas verdes. Que extraordinário, que maravilhoso, que mágico! Até fizera seus proles construírem uma Athy em tamanho real em um dos porões de armazenagem vagos do Ninho Real.

Ópera e a voz impressionante do tenor se tornaram sua paixão, e ela jurou, se sobrevivesse ao Sororicídio, que construiria uma incomparável casa de ópera em Marte, no coração do Labirinto da Noite, e atrairia os maiores cantores e músicos da Terra para mostrar aos uliri o que considerava a mais alta das artes humanas. Ela sobreviveu, consumiu todas as suas irmãs e absorveu suas experiências e memórias, construiu sua casa de ópera, a maior do sistema solar, mas a guerra interferiu. A Terra havia atacado e as antigas e belas colmeias uliri de Enetria e Issidy foram estilhaçadas como ovos inférteis. Ela fugira para o subterrâneo, para seu salão de concertos vazio e virginal, mas no meio das escavações, prédios e forjas, ouvira que o conde Jack Fitzgerald viera para Marte para entreter as tropas ao mesmo tempo que as Rainhas Unidas estavam montando uma ofensiva, e aproveitou a oportunidade.

Pensar naquela pequena réplica de Athy longe do sol, mais verde do que o verde, esperando, me dava pesadelos terríveis.

Aquecimento completo. Endireitei-me ao piano. Uma flexão dos dedos e a abertura de “I’ll Take You Home Again, Kathleen”. E entrou o conde Jack Fitzgerald, braços abertos, lenço numa das mãos, sorrindo, as palavras destacando-se de seus lábios. Profissional, soberbo, maravilhoso. Eu nunca o amava mais do que quando ele andava sob a luz dos refletores. O auditório se iluminou com suaves clarões coloridos: os uliri acendendo seus mantos bioluminescentes, seu equivalente de aplausos.

O conde Jack parou no meio do palco. Levantei as mãos das teclas como se o marfim estivesse envenenado. O silêncio foi súbito e imenso. Cada uma das luzes ficou congelada e depois foi se desvanecendo até ficar tudo escuro.

– Não – disse ele com suavidade. – Assim não.

Ergueu as mãos, mostrou ambas para a plateia. Então as reuniu numa única palma que ecoou na vastidão negra. Palma. Um, dois, três. Ele esperou. Então ouviu o som de um único par de tentáculos batendo. Não era uma palma, nunca seria uma, mas era um aplauso. Outro par se juntou a ele, outro e mais outro, até que ondas de lentas palmas de tentáculos começaram a percorrer todo o auditório. O conde Jack ergueu as mãos: basta. O silêncio foi instantâneo. Então deu a si mesmo uma salva de palmas, a mim uma salva de palmas, e eu a ele. Os uliri entenderam a ideia na hora. Os aplausos soaram de cada degrau e nicho da sala de concertos da rainha marciana.

– Agora, vamos tentar de novo – disse o conde Jack e, sem avisar, saiu do palco.

Eu o vi nos bastidores, indicando-me que começasse. contei um bom minuto antes de atacar a introdução de “I’ll Take You Home Again, Kathleen”. Ele entrou novamente, braço abertos, lenço na mão, sorrindo. E a sala de concertos explodiu. Aplausos: sinceros, altos, poderosos aplausos, arrebatando como um oceano de um lado a outro da sala de concertos, onda atrás de onda, sem parar.

O conde Jack piscou para mim enquanto passava pelo brilho das luzes para aceitar o maior aplauso de sua vida.

– Mas que casa, Faisal! Que casa!

SOBRE OS ORGANIZADORES

GEORGE R. R. MARTIN é autor de vários best-sellers, incluindo a aclamada série *As Crônicas de Gelo e Fogo*, que deu origem à premiada série de TV *Game of Thrones*. Junto com Dozois, organizou *O príncipe de Westeros* e outras histórias, publicado pela Arqueiro. Como roteirista e produtor, trabalhou em *Além da imaginação* e em vários outros projetos. Atualmente vive com a esposa, Parris, em Santa Fé, no Novo México.

GARDNER DOZOIS já ganhou quinze prêmios Hugo por seu trabalho como editor, além de dois prêmios Nebula como escritor, na categoria melhor conto. Ele também é o maior ganhador do prêmio Locus, com quarenta vitórias. Foi editor da *Asimov's Science Fiction* por vinte anos e já escreveu e editou mais de cem livros, incluindo vários volumes da *The Year's Best Science Fiction*.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Este livro foi disponibilizado pela equipe do [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

Sumário

[Capa](#)

[Créditos](#)

[Introdução: A triste música do planeta vermelho](#)

[George R. R. Martin](#)

[Sangue marciano](#)

[Allen M. Steele](#)

[O patinho feio](#)

[Matthew Hughes](#)

[O acidente do Mars Adventure](#)

[David D. Levine](#)

[Espadas de Zar-tu-Kan](#)

[S. M. Stirling](#)

[Bancos de areia](#)

[Mary Rosenblum](#)

[Nas Tumbas dos Reis Marcianos](#)

[Mike Resnick](#)

[Saindo de Scarlight](#)

[Liz Williams](#)

[Os manuscritos do fundo do mar morto](#)

[Howard Waldrop](#)

[Um homem sem honra](#)

[James S. A. Corey](#)

[Escrito no pó](#)

[Melinda M. Snodgrass](#)

[O canal perdido](#)

[Michael Moorcock](#)

[A pedra do sol](#)

[Phyllis Eisenstein](#)

[Rainha do romance barato](#)

[Joe R. Lansdale](#)

[Marinheiro](#)

[Chris Roberson](#)

[A ária da rainha da noite](#)

Ian Mcdonald
Sobre os organizadores
Informações sobre a Arqueiro

A TRILOGIA DE CINCO EM UM ÚNICO VOLUME

DOUGLAS ADAMS



O GUIA DEFINITIVO DO MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS

O guia definitivo do mochileiro das galáxias

Adams, Douglas

9788580411737

672 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Guia do Mochileiro das Galáxias Segundos antes de a Terra ser destruída para dar lugar a uma via expressa interestespacial, Arthur Dent é salvo por Ford Prefect, um E.T. que fazia pesquisa de campo para a nova edição de O Guia do Mochileiro das Galáxias. Pegando carona numa nave alienígena, os dois dão início a uma alucinante viagem pelo tempo e pelo espaço. O Restaurante no Fim do Universo Arthur Dent e seus quatro estranhos companheiros viajam pela Galáxia a bordo da nave Coração de Ouro, em uma busca desesperada por algum lugar para comer. Depois de fazer a refeição mais estranha de suas vidas, eles seguem pelo espaço e acabam descobrindo a questão sobre a Vida, o Universo e Tudo Mais. A Vida, o Universo e Tudo Mais Arthur Dent passou os últimos cinco anos abandonado na Terra pré-histórica, mas ainda acordava todos os dias com um grito de horror. No entanto, talvez fosse melhor continuar nessa tediosa rotina do que ser arrastado para a sua próxima missão: salvar o Universo dos temíveis e infelizes robôs xenófobos do planeta Krikkit. Até Mais, e Obrigado Pelos Peixes! Depois de viajar pelo Universo, ver o aniquilamento da Terra, participar de guerras interestelares e conhecer criaturas extraordinárias, Arthur Dent está de volta ao seu planeta. E tudo parece estranhamente normal – exceto pelo desaparecimento dos golfinhos. Disposto a desvendar esse mistério, ele parte em uma nova jornada. Praticamente Inofensiva Após muitos anos vivendo separados, cada um em um canto mais insondável do Universo, Arthur Dent, Ford Prefect e Tricia McMillan se reencontram. Mas o que deveria ser uma festejada reunião de velhos amigos se transforma numa terrível confusão que põe em risco – mais uma vez – a vida de todos.

[Compre agora e leia](#)

JAMES PATTERSON
E MICHAEL LEDWIDGE

ZOO



Zoo

Patterson, James

9788580414431

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Algo está acontecendo na natureza. Uma misteriosa doença começa a se espalhar pelo mundo. Inexplicavelmente, animais passam a caçar humanos e a matá-los de forma brutal. A princípio, parece ser algo que se dissemina apenas entre as criaturas selvagens, mas logo os bichos de estimação também mostram suas garras e as vítimas se multiplicam. A humanidade é presa fácil. Apavorado, o jovem biólogo Jackson Oz assiste à escalada dos acontecimentos. Ele já prevê esse cenário alarmante há anos, mas sempre foi desacreditado por todos. Depois de quase morrer em uma implausível emboscada de leões em Botsuana, a gravidade da situação se mostra terrivelmente clara. O fim da civilização está próximo. Com a ajuda da ecologista Chloe Tousignant, Oz inicia uma corrida contra o tempo para alertar os principais líderes mundiais, sem saber se as autoridades acreditarão em um fenômeno tão surreal. Mas, acima de tudo, é necessário descobrir o que está causando todos esses ataques, pois eles se tornam cada vez mais ferozes e orquestrados. Em breve não restará nenhum esconderijo para os humanos...

[Compre agora e leia](#)



Pela luz dos olhos seus

Janine Boissard

Pela luz dos olhos seus

Boissard, Janine

9788580412116

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Laura Vincent cresceu entre o mar e as macieiras da Normandia. Passou a adolescência à sombra da irmã mais velha. Agathe – a bela – era admirada e disputada por todos os garotos da cidade; Laura – a pequena – passava as noites em casa, lendo romances. Mas o destino preparou uma surpresa para Laura. Trabalhando como assessora de imprensa de músicos, ela recebe, no dia seguinte ao seu aniversário de 26 anos, a visita do agente de um dos tenores mais famosos do mundo. Ela é requisitada para ser guia dele e seu chefe não deixa margem para discussão. Rico e bem-sucedido, Claudio Roman viaja pelo mundo emocionando plateias com sua voz. Fã de banquetes, bebedeiras e belas mulheres, ele parece ter tudo o que quer, porém seu comportamento esconde a amargura de nunca poder interpretar Alfredo, em La Traviata, por causa de um ataque criminoso que lhe custou a visão. Laura está preparada para lidar com um homem difícil e arrogante, mas, assim que ouve Claudio cantar pela primeira vez, ele toca seu coração. Aos poucos, mais do que sua guia, ela se torna também a confidente das noites sombrias de angústia. Como ela nunca lhe pede nada em troca de seu apoio, Claudio promete lhe dar qualquer coisa. No momento certo, ela cobra a promessa: quer que o cantor se submeta a um transplante de córnea capaz de lhe restituir a visão de um dos olhos. Apaixonada e convencida de que Claudio não precisará mais dela quando voltar a enxergar, Laura vai embora sem se despedir e sem dar a ele a oportunidade de vê-la. Será que Claudio saberá lidar com essa decisão? Ou ele vai enfim perceber que sempre lhe faltou o alimento mais essencial à vida: o amor?

[Compre agora e leia](#)



OS BRIDGERTONS — 8

Julia Quinn

A CAMINHO DO ALTAR



A caminho do altar

Quinn, Julia
9788580415742
320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ao contrário da maioria de seus amigos, Gregory Bridgerton sempre acreditou no amor. Não podia ser diferente: seus pais se adoravam e seus sete irmãos se casaram apaixonados. Por isso, o jovem tem certeza de que também encontrará a mulher que foi feita para ele e que a reconhecerá assim que a vir. E é exatamente isso que acontece. O problema é que Hermione Watson está encantada por outro homem e não lhe dá a menor atenção. Para sorte de Gregory, porém, Lucinda Abernathy considera o pretendente da melhor amiga um péssimo partido e se oferece para ajudar o romântico Bridgerton a conquistá-la. Mas tudo começa a mudar quando quem se apaixona por ele é Lucy, que já foi prometida pelo tio a um homem que mal conhece. Agora, será que Gregory perceberá a tempo que ela, com seu humor inteligente e seu sorriso luminoso, é a mulher ideal para ele? A caminho do altar, oitavo livro da série Os Bridgertons, é uma história sobre encontros, desencontros e esperança no amor. De forma leve e revigorante, Julia Quinn nos mostra que tudo o que imaginamos sobre paixão à primeira vista é verdade – só precisamos saber onde buscá-la.

[Compre agora e leia](#)



LISA
KLEYPAS
MANHÃ DE
NÚPCIAS

Os Hathaways 4



Manhã de Núpcias

Kleypas, Lisa

9788580412901

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

"O estilo natural de Lisa Kleypas cria mais um apimentado romance de época, instigante do início ao fim." – Publishers Weekly Quando herdou o título de lorde Ramsay, Leo Hathaway e sua família passavam por um dos momentos mais difíceis de sua vida. Mas agora as coisas vão bem. Três de suas quatro irmãs já estão casadas, uma preocupação que Leo nunca teve consigo mesmo. Solteiro inveterado, ele tem uma certeza na vida: nunca se casará. Mas então a família recebe uma carta que pode pôr tudo isso em risco: se Leo não arrumar uma esposa e gerar um herdeiro dentro de um ano, ele perderá o título e a propriedade onde todos vivem. Solteira e sem pretendentes, a governanta Catherine Marks talvez seja a única salvação da família que a acolheu com tanto carinho. O único problema é que Leo não compartilha do mesmo afeto que suas irmãs têm pela moça. Para ele, Catherine é uma megerazinha cheia de opinião que fala demais. Apesar de irritá-lo e quase o levar à loucura, ela é a primeira – e única – mulher com quem ele considera se casar. Catherine, por sua vez, tem uma opinião igualmente negativa a respeito do patrão. Além disso, ela esconde alguns segredos do passado e um deles pode destruir a vida que tão cuidadosamente construiu para si. Agora Leo e Catherine precisam um do outro, mas para vencer as dificuldades e consertar as coisas eles terão que superar as turras e as diferenças, num romance intenso e sensual que só Lisa Kleypas poderia ter escrito.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Créditos](#)

[Introdução: A triste música do planeta vermelho](#)

[George R. R. Martin](#)

[Sangue marciano](#)

[Allen M. Steele](#)

[O patinho feio](#)

[Matthew Hughes](#)

[O acidente do Mars Adventure](#)

[David D. Levine](#)

[Espadas de Zar-tu-Kan](#)

[S. M. Stirling](#)

[Bancos de areia](#)

[Mary Rosenblum](#)

[Nas Tumbas dos Reis Marcianos](#)

[Mike Resnick](#)

[Saindo de Scarlight](#)

[Liz Williams](#)

[Os manuscritos do fundo do mar morto](#)

[Howard Waldrop](#)

[Um homem sem honra](#)

[James S. A. Corey](#)

[Escrito no pó](#)

[Melinda M. Snodgrass](#)

[O canal perdido](#)

[Michael Moorcock](#)

[A pedra do sol](#)

[Phyllis Eisenstein](#)

[Rainha do romance barato](#)

[Joe R. Lansdale](#)

[Marinheiro](#)

[Chris Roberson](#)

[A ária da rainha da noite](#)

[Ian Mcdonald](#)

[Sobre os organizadores](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)